

VOLUME 2

gramática da Libras

Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva,
Miriam Royer e Vinicius Rodrigues da Silva
ORGANIZAÇÃO



INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

VOLUME 2

gramá tica da Libras

Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva,
Miriam Royer e Vinicius Rodrigues da Silva
ORGANIZAÇÃO

Governo Federal do Brasil
Ministério da Educação

VOLUME 2

gramá tica da Libras

Ronice Müller de Quadros, Jair Barbosa da Silva,
Miriam Royer e Vinicius Rodrigues da Silva

ORGANIZAÇÃO



**INSTITUTO NACIONAL DE
EDUCAÇÃO DE SURDOS**
Solange Maria da Rocha

**DEPARTAMENTO DE
DESENVOLVIMENTO HUMANO,
CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO**
André Lima Cordeiro

**COORDENAÇÃO DE PROJETOS
EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS**
Danielle Coelho Lins

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS
Erika Winagraski

**COORDENAÇÃO GERAL
DE PUBLICAÇÕES INES**
André Lima Cordeiro
Danielle Coelho Lins
Erika Winagraski

Comissão Editorial INES 2023

André Lima Cordeiro
Danielle Coelho Lins
Erika Winagraski
Luciane Cruz Silveira
Marcia Regina Gomes
Maria Inês Batista Barbosa
Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione

PROJETO GRÁFICO E ARTES
Ramon Santos de Almeida Linhares

**PREPARAÇÃO TEXTUAL
E DIAGRAMAÇÃO**
Grupo Partners Pro Business

**INSTITUTO NACIONAL
DE EDUCAÇÃO DE SURDOS**

Rua das Laranjeiras, nº 232 – 3º andar |
Rio de Janeiro – RJ – Brasil – CEP: 22240-003 |
Telefone: (21) 2285-7284 / 2205-0224
E-mail: copet@ines.gov.br

Obra de distribuição gratuita cuja reprodução parcial ou total está liberada,
desde que sejam dados os devidos créditos, segundo normas técnicas vigentes.

Ficha catalográfica:

Gramática da Libras : volume 2 / organização
Ronice Müller de Quadros...[et al.]. --
Rio de Janeiro : Instituto Nacional de
Educação de Surdos, 2023.

Outros organizadores: Jair Barbosa da Silva,
Miriam Royer e Vinicius Rodrigues da Silva
Bibliografia.
ISBN 978-85-63240-22-4

1. Língua brasileira de sinais - Estudo e ensino
2. Língua Brasileira de Sinais - Gramática
3. Linguística I. Quadros, Ronice Müller de.
II. Silva, Jair Barbosa da. III. Royer, Miriam.
IV. Silva, Vinicius Rodrigues da.

NESSE ANO DE 2023, a nova gestão do Instituto Nacional de Educação de Surdos, INES, redefine sua política editorial através da criação da EDINES, Editora do INES. Ao longo dos seus 167 anos de história, o Instituto desenvolveu inúmeras publicações, algumas de natureza permanente, tais como Revista Espaço, Arqueiro e Fórum e outras como a Série Audiologia e a Série Histórica. Com o objetivo de organizar nosso planejamento editorial, daremos prioridade à produção acadêmica dos profissionais do INES reservando um percentual para autores de fora que apresentem trabalhos de interesse da nossa comunidade acadêmica.

A Gramática da LIBRAS, obra relevante para os estudos da linguagem, apresenta-se como publicação de interesse acadêmico do campo da educação de surdos. A obra trata do funcionamento linguístico-gramatical e lexical da Libras abrangendo aspectos sintáticos, fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, dentre outros, além da história dessa língua, suas variedades e a existência de outras línguas de sinais no Brasil.

É com os cumprimentos da Direção Geral, portanto, que o Instituto Nacional de Educação de Surdos, através da Comissão Editorial do Departamento de Desenvolvimento Humano, Científico e Tecnológico, DDHCT, viabiliza a publicação da primeira Gramática da LIBRAS, em dois volumes, e parabeniza a todos os envolvidos na elaboração e organização dessa obra

Atenciosamente,

Profa.Dra. Solange Maria da Rocha

Profa. Dra.Patrícia Luiza Ferreira Rezende-Curione

Prof. Dr. André Lima Cordeiro

AUTORES DESTA OBRA



Alexandre Melo de Sousa - UFAC - Doutor em Linguística



Aline Lemos Pizzio - UFSC - Doutora em Linguística



Amanda Oliveira Rocha - UFRGS - Doutoranda em Linguística



Amanda Regina Silva - UFPR - Mestranda em linguística



Ana Regina e Souza Campello - Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) - Doutora em Educação



Anderson Almeida da Silva - UFDPPar - Doutor em Linguística



André Nogueira Xavier - UFPR - Doutor em Linguística



Angélica Rodrigues - UNESP - Doutora em Linguística



Bruna Crescêncio Neves - IFSC - Doutora em Linguística



Bruno Gonçalves Carneiro - UFT - Doutor em Linguística



Carlos Roberto Ludwig - UFT - Doutor em Linguística



Carolina Ferreira Pêgo - UFSC - Doutora em Linguística



Charley Pereira Soares - UFMG - Doutor em Linguística



Daniela Saito - IFSC



Débora Campos Wanderley - UFSC - Doutora em Linguística



Deonísio Schmitt - UFSC - Doutor em Linguística
pela UFSC e professor



Diná Souza da Silva - UECE - Doutora em Linguística



Felipe Aleixo - UFRR - Doutor em Linguística



Fernanda de Araújo Machado – UFSC –
Doutora em Estudos da Tradução



Guilherme Lourenço - UFMG - Doutor em Linguística



Jair Barbosa da Silva - UFAL - Doutor em Linguística



Jefferson Osiel Lucinda - UFSC - Bacharel em Letras-Libras



José Ishac Brandão El Khouri - UFT -
Doutorando em Letras e Linguística



Juliana Tasca Lohn - UFSC - Doutoranda em Linguística



Kátia Lucy Pinheiro - UFC - Doutora em Estudos da Tradução



Liona Paulus - Universidade de Colônia (UzK) -
Doutora em Linguística



Marcos Luchi - UFSC - Doutor em Estudos da Tradução



Marianne Rossi Stumpf - UFSC -
Doutora em Informática na Educação



Marilyn Mafra Klamt - UFSC - Doutora em Linguística



Michelle Murta - UFMG - Doutora em Linguística



Miriam Royer - Universidade Federal do Cariri (UFCA) -
Mestra em linguística



Rachel Sutton-Spence - UFSC -
Doutora em Linguística



Renata Krusser - IFSC



Rodrigo Custódio da Silva - UFSC - Doutor em Linguística



Rodrigo Nogueira Machado - UFC -
Doutorando em Linguística



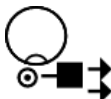
Ronice Müller de Quadros - UFSC -
Doutora em Linguística



Sandra Patrícia de Faria do Nascimento - UnB -
Doutora em Linguística



Thamara Cristina Santos - UFT - Mestranda em Letras



Vinicius Rodrigues da Silva - UFSC -
Mestrando em Linguística

**Dedicamos esta obra a todos
os surdos e surdas do Brasil.**

Em especial a uma das primeiras **pesquisadoras** surdas da Libras no país, **Ana Regina e Souza Campello**, que ao longo dos anos lutou incessantemente pelo reconhecimento desta língua, especialmente pela fundação e presidência da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), em 1987. Sua representação impactou nas políticas e conquistas relativas à Libras garantindo os espaços que foram expandidos na formação de professores, tradutores, intérpretes e pesquisadores de Libras.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 7	19
7. Sintaxe da Libras	19
7.1 O Sintagma Nominal na Libras	19
7.1.1 Distinção nome vs. verbo na Libras	20
7.1.2 Nomes Nus	25
7.1.3 Nomes acompanhados de determinantes (artigos).....	27
7.2 Ordem dos constituintes nas sentenças na Libras	31
7.2.1 A ordem básica SVO.....	34
7.2.2 Diferentes ordenações na Libras (interação dos tipos de verbos, tipos de estrutura e marcações não manuais	43
7.2.3 Tipos de verbos na Libras: impacto na ordenação dos constituintes	43
7.2.4 As interrogativas QU	54
7.2.5 As interrogativas polares (Quadros, 1999).....	58
7.2.6 Construções QU em orações subordinadas.....	59
7.2.7 Construções negativas	62
7.2.8 Pronome final	68
7.3 Estrutura informacional e construções de topicalização e focalização.....	69
7.3.1 Construções topicalizadas.....	70
7.3.2 Construções focalizadas.....	78
7.4 Construções copulativas	88
CAPÍTULO 8	99
8. Sintaxe da Libras – Articulação de Orações	99
8.1 Articulação de orações	99
8.2 Recursividade na Libras	100
8.3 Tipos de Articulação de Orações	104
8.3.1 Tipos de Parataxe/Coordenação	110
8.4 Conjuntivas	119
8.4.1 Conjuntivas sem marcação manual, com marcações não manuais.....	131

8.5 Adversativas	137
8.5.1 Adversativas sem marcação manual, com marcações não manuais.....	151
8.6 Disjuntivas	154
8.6.1 Disjuntivas sem marcação manual, com marcações não manuais.....	157
8.7 Hipotaxe	158
8.8 Explicativas	164
8.9 Causais	176
8.9.1 Orações causais nas línguas orais.....	176
8.9.2 Orações causais nas Línguas de Sinais	177
8.9.3 As Orações causais em Libras	177
8.9.4 Marcadores não manuais nas orações causais em Libras	182
8.10 Comparativas	191
8.11 Condicionais	199
8.11.1 Orações condicionais: conceitos gerais.....	199
8.11.2 Orações condicionais nas Línguas de Sinais	201
8.11.3 Orações condicionais na Libras	202
8.11.4 Marcadores manuais.....	202
8.11.5 Marcadores não manuais	206
8.11.7 Mouthing	208
8.11.8 Inclinação da cabeça	211
8.11.9 Ordem.....	214
8.11.10 Subtipos semânticos.....	216
8.12 Finais (ou de Finalidade)	219
8.13 Temporais	223
8.14 Orações Encaixadas	233
8.14.1 Encaixadas substantivas	
8.14.2 Encaixadas relativas restritivas.....	250

CAPÍTULO 9..... 26

9 Coesão e coerências textuais em Libras	261
9.1 Objetivos deste estudo do texto em Língua de Sinais	261
9.2 O estudo do texto em Língua de Sinais.....	261
9.3 A coesão do texto sinalizado.....	266

9.3.1	Definição de coesão textual.....	266
9.3.2	Que funções tem coesão do texto?	269
9.3.3	Coesão textual: conceito e mecanismos	269
9.3.4	Os procedimentos e recursos da coesão.....	273
9.4.	A coerência do texto sinalizado	301
9.4.1	O que é coerência?	301
9.4.2	Que funções tem a coerência do texto?	303
CAPÍTULO 10		305
10	Gêneros textuais em Libras	305
10.1	Níveis de (in)formalidade em Libras	305
10.2	Gêneros Textuais em Libras	307
10.2.1	Gêneros textuais acadêmicos	308
10.2.2	Narrativas, piadas e poemas	311
10.3	Estrutura da Narrativa	326
CAPÍTULO 11		335
11	Literatura em Libras.....	335
11.1	Literatura e gêneros literários em Libras	335
11.2	Como se faz Literatura em Libras	337
11.3	Literatura em Libras no seu contexto sociocultural	342
11.3.1	O artista.....	342
11.3.2	O público.....	345
11.3.3	A modalidade de Literatura Surda.....	345
11.3.4	Tradução.....	346
11.4	Conclusão	347
CAPÍTULO 12		349
12	Interfaces Linguísticas	349
12.1	Portal de Libras	349
12.1.1	Design de interface	353
12.1.2	Arquitetura técnica do portal.....	353
12.1.4	Ambiente de colaboração e comunidades de prática	355
12.1.5	Buscas por sinais	356
12.1.6	Módulos disponíveis.....	360

12.2	SIGNBANK DA LIBRAS	361
12.3	TERMINOLOGIA EM LIBRAS	386
12.3.1	O léxico da língua: considerações iniciais	386
12.3.2	Ciências do Léxico da Libras: do que trata?	388
12.3.3	Lexicologia	389
12.3.4	A criação de sinais na Libras: neologismos	389
12.3.5	Compreendendo a terminologia na Libras: O que é? Para que serve?	391
12.3.6	Processos de construção terminológica na Libras	395
12.3.7	Alguns desdobramentos dos processos de construção terminológica	396
12.3.8	A organização da informação lexical e terminológica da Libras: Lexicografia x Terminografia	400
12.3.9	Dicionário.....	401
12.3.10	Desenvolvimento de dicionários comuns	402
12.3.11	Vocabulário	404
12.3.12	Glossário	405
12.3.13	Glossário Letras-Libras.....	405
12.3.14	Sinalário.....	408
12.4	Onomástica na Libras	410
12.4.1	Antroponímia em Libras.....	411
12.4.2	Toponímia em Libras.....	415
12.4.3	Zoonímia em Libras.....	423
13	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	427



P A R T E

Sintaxe
da
Libras

Sintaxe da Libras

Anderson Almeida-Silva – UFDPAr

Guilherme Lourenço – UFMG

Ronice Müller de Quadros – UFSC

Michelle Murta – UFMG

Miriam Royer – UFCA

7. SINTAXE DA LIBRAS

7.1 O Sintagma Nominal na Libras

Anderson Almeida-Silva

O Sintagma nominal é o constituinte sintático que tem por núcleo um nome, por definição. A palavra "nome", aqui, funciona de forma sinônima ao que chamamos de substantivos na Gramática Tradicional, ou seja, aqueles itens lexicais que geralmente denotam objetos, entidades, coisas ou quaisquer outros referentes de natureza concreta ou abstrata.

O sintagma nominal enquanto constituinte sintático pode conter outros itens além do nome, por exemplo, pode vir acompanhado por determinantes (artigos), adjetivos, numerais, entre outras categorias morfológicas. Contudo, em qualquer sintagma nominal deve haver sempre um nome identificável que funciona como núcleo e que é em torno dele que se constroem outras informações sobre ele.

Assume-se, *a priori*, que todas as línguas do mundo têm pelo menos as categorias de nomes e verbos. Como sabemos, os nomes exercem uma função importante dentro das línguas, pois além de serem utilizados para denotar referentes no mundo, eles também aparecem saturando as exigências de complementação dos verbos. Nesse caso, quando o sintagma nominal está completando o sentido de um verbo, diz-se que ele é um argumento deste.

Essa seção vai apresentar uma descrição baseada em Almeida-Silva (2019) sobre os nomes na Libras e, em alguma medida, apresentar como o sintagma nominal está estruturado na Libras.

7.1.1 Distinção nome vs. verbo na Libras

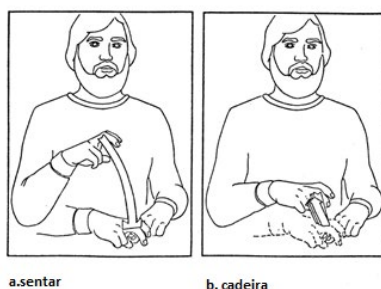
Há um longo debate na Literatura de Linguística de Línguas de Sinais (LS) sobre se haveria, de fato, uma distinção entre Nomes-Verbos (N-V) nas LS; ou ainda sobre quais seriam as diferenças perceptíveis entre as classes de palavras em LS (SUPALLA e NEWPORT, 1977; PIZZUTO e CORAZZA, 1996; JOHNSTON, 2001; ABNER, 2017).

Em Língua Portuguesa, sabemos que uma palavra é um nome, em alguns casos, por conta de uma morfologia nominalizadora, por exemplo, o afixo - *ção* em *tradução*. Nas LS, esses componentes gramaticais do tipo afixo nem sempre são encontrados; por isso, alguns autores discutem sobre quais critérios deveriam ser adotados para se estabelecer diferenças entre as classes de palavras dos sinais (SCHWAGER e ZESHAN, 2008)¹.

Schwager e Zeshan (2008) e Abner (2017) reiteram que a despeito das especificidades que possuem as Línguas de Sinais, por exemplo, o fato de serem externalizadas na modalidade gesto-visual, os efeitos específicos da modalidade não se sobrepõem às restrições impostas para todas as línguas humanas, como o fato de que todas as línguas distinguem minimamente entre categorias lexicais e funcionais.

No trabalho seminal de Newport e Supalla (1978) "*How many seats in a chair?* (Quantos 'sentadas' em uma cadeira? grifo meu)", os autores investigam se haveria alguma distinção morfológica entre nomes e verbos em ASL. Eles afirmaram, à época, que havia uma 'tendência' de que o sinal com movimento único e longo fosse o verbo e que, a partir deste, com a realização de um movimento repetitivo e mais curto poderia se derivar a sua contraparte nominal, como no exemplo abaixo na figura 1.

Figura 1: O par verbo-nome em ASL.



Fonte: (NEWPORT e SUPALLA, 1978, p. 102), tradução minha.

¹ Discutem ainda, se as Línguas de Sinais emergentes, aquelas LS jovens que se encontram em contextos de isolamento e que se desenvolvem sem a influência de outra LS, diferem das Línguas de Sinais dos centros urbanos no que se refere a essa distinção. As primeiras não teriam uma morfologia nominalizadora, por exemplo, a reduplicação do sinal, mas essas últimas, sim. (TKACHMAN e SANDLER, 2013).

Portanto, a redução do movimento e a reduplicação do sinal seriam como o afixo -ção em Língua Portuguesa e estariam relacionados com a estratégia de nominalização nas LS, embora essas estratégias não funcionem de maneira uniforme para todas as LS (ABNER, 2020).

A Libras (PIZZIO, 2011), a Língua de Sinais turca – TID (KUBUS, 2008), a Língua de Sinais holandesa – NGT (SCHREURS, 2006) e a Língua de Sinais australiana – AUSLAN (JOHNSTON, 2001), por exemplo, parecem ignorar essa distinção, pois somente em alguns pares de nomesisso pode ser observado.

Nos dados de Almeida-Silva (2019), o autor atesta que mesmo sem uma distinção *morfológica* de movimento entre o nome e o verbo na Libras, a língua distinguiria *sintaticamente* os verbos de suas contrapartes nominais, quando esses estão na posição de argumentos, como podemos ver nos exemplos (1) a seguir:

Exemplo (1)

a. $\overline{\text{IX-3.pl OUVIR}}_{iDP}$, $\overline{\text{IX-3.sg MEDO [t] NÃO}}_{neg}$
 ‘Ele/ela não tem medo das pessoas ouvintes’

b. $\overline{\text{IX-3.sg}}_{DP}$ $\overline{\text{OUVIR SIM}}_{MNM}$
 ‘Ele/ela escuta bem’

c. $\overline{\text{EU}}_{MNM}$ $\overline{\text{QUERER-NÃO PREJUDICAR [IX-3.pl SURDO]}}_{DP}$ $\overline{\text{MNM}}$
 ‘Eu não quero prejudicar os surdos’

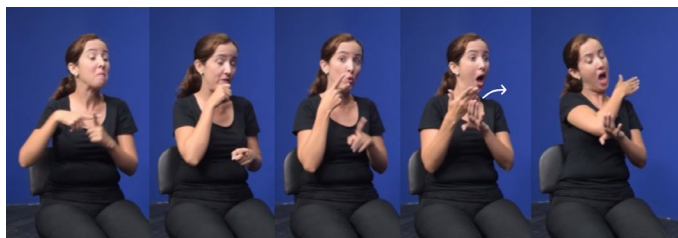
d. $\overline{\text{IX-3.pl}}_{DP}$ $\overline{\text{SURDO}}_{MNM}$
 ‘Eles/elas são surdos’

Fonte: Almeida-Silva (2019, p.101).

Enquanto que em (1a) e (1c) os sinais ‘OUVIR’ e ‘SURDO’ se encontram em função nominal, pois preenchem os requerimentos argumentais do verbo “temer” e de “prejudicar”, já nas sentenças (1b) e (1d), esses mesmos sinais, sem nenhuma modificação morfológica adicional, são encontrados em função verbal, pois agora, no primeiro caso em (1b), está sendo usado como um verbo pleno ‘OUVIR’ que tem por argumento externo (sujeito) o pronome ‘ele’; e em (1d), seguindo o pronome, o mesmo item ‘SURDO’, agora, tem função adjetival em uma sentença estativa, ou seja, como um predicado nominal (predicativo do sujeito).

No Corpus da Libras da UFSC encontramos ocorrências em dados espontâneos que confirmam a descrição feita acima, como nos exemplos abaixo em (2), em que o item SURDO ocorre preenchendo as exigências argumentais do verbo ‘VER’; por isso, em função nominal. Já em (3), o mesmo item agora aparece com função verbal.

Exemplo (2)

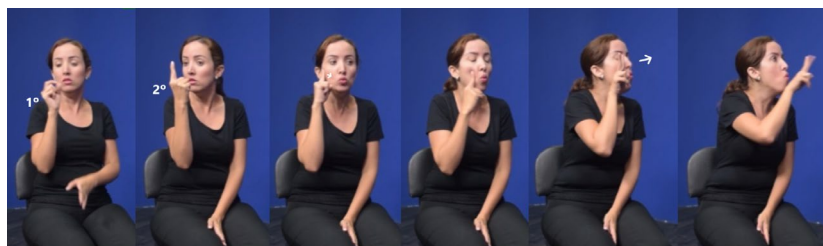


POR-QUE

VOVÔ

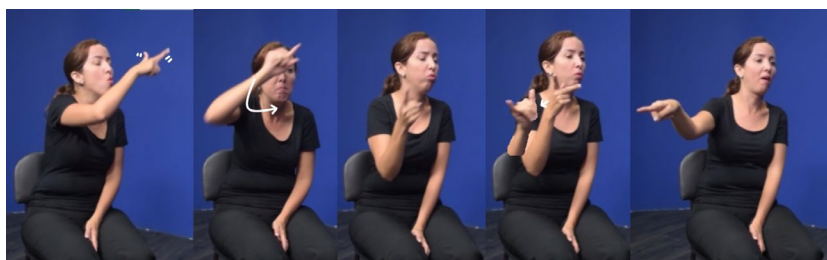
FALAR

ANTERIORMENTE



1 SURDO

VER



OUTRO

TER-NÃO

PRIMEIRO

PAI

ELE

POR-QUE VOVÔ FALAR ANTERIORMENTE
1 SURDO VER OUTRO TER-NÃO PRIMEIRO
PAI ELE

‘Minha avó me contou que antigamente – não havia surdos na região, o primeiro foi meu pai.’



Exemplo (3)



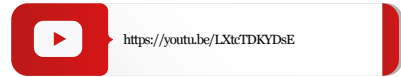
ELE

VOVO

SURDO

OUVINTE

ELE VOVO **SURDO** OUVINTE
'Seu avó é surda ou ouvinte?'



Observe também que nos exemplos em (3) acima, marcas não manuais (MNM) se espriam sobre os constituintes nominais e verbais para ajudar a distingui-los. A MNM que se espria sobre o sintagma nominal sujeito nos exemplos em (1 b e d) é a elevação das sobrancelhas junto com a projeção do queixo para frente, semelhante à MNM de tópico em (1a); já a MNM que se espria sobre sintagma verbal é a inclinação da cabeça para baixo como numa sentença declarativa afirmativa².

Essas MNM são semelhantes às que são atestadas na Língua Italiana de Sinais –LIS, no exemplo abaixo, em (4). Observe que em (4a), a MNM do verbo se espria sobre o sinal ANTIQUE (antigo), atribuindo-o uma função verbal de predicativo do sujeito, semelhante àquela em (1d), mas em (4b), esse mesmo sinal se encontra dentro do escopo de espriamento da MNM do nome (DP, do Inglês, sintagma nominal acompanhado de determinante), e por isso, no exemplo em (4b), o mesmo sinal ANTIQUE atua sintaticamente como um adjetivo modificador, pois se encontra dentro de um sintagma nominal. Ainda nesse exemplo, a MNM do verbo (VP) se espria somente sobre o verbo da sentença, que é BROKE (quebrar), demarcando os limites entre o sintagma nominal e o sintagma verbal.

² Aqui, não nos comprometemos com uma descrição das características faciais das MNMs, mas nos detemos em demonstrar como os limites entre os constituintes sintáticos são demarcados prosodicamente com o auxílio das MNMs, que incluem além de movimentos faciais, também os movimentos corporais.

Exemplo (4)

- a.
- | | | |
|---------|------------------------|----------|
| | _____ DP | _____ VP |
| d.h.: | FURNITURE _i | ANTIQUE |
| n.d.h.: | IX | _____ i |
- 'A mobília é antiga'
- b.
- | | | |
|-------|--|----------|
| | _____ DP | _____ VP |
| d.h.: | FURNITURE _i ANTIQUE IX _i | BROKE |
- 'A mobília antiga está quebrada'

Legenda: d.h – mão dominante/ n.d.h – mão não-dominante²²

LIS (BERTONE, 2009, p. 8)

No entanto, devemos ser cautelosos ao dizer que somente as MNM dariam conta da diferença entre o sintagma nominal e verbal nas LSs, pois assim como pontua Bertone (2009) para a Língua Italiana de Sinais – LIS, essas MNMs podem variar de sinalizador para sinalizador em sua intensidade ou por alguma modificação leve na prosódia, típico de alterações estilísticas.

Em Libras, atestamos que quando o nome se encontra na posição de objeto, como em (5a), as MNMs acima descritas não se espraiam de forma consistente sobre todo o sintagma nominal, mas pode ir enfraquecendo conforme se atinge o limite final do sintagma nominal, como se pode ver na descontinuidade da linha que ocorre sobre a glosa em (5a).

- _____ _DP
- (5a) EU COMPRAR [ø PÁSSARO PEQUENO] = sentença
 “Eu comprei/compro (o/os/um/uns) pássaro (s) pequeno(s).”

Isso explica porque uma análise do sintagma nominal na Libras só é possível se considerarmos exemplos como em (5a), mas não em (5b) abaixo, visto que em (5b), ao sinalizar somente o par de sinais PÁSSARO PEQUENO, não temos indicações de posições argumentais, nem de MNMs demarcando o limite entre os constituintes. Desse modo, não podemos afirmar se tratar de um sintagma nominal ou de uma sentença, como vemos na tradução.

- (5b) PÁSSARO PEQUENO = sintagma nominal ou uma sentença
 “Um/O pássaro pequeno’ ou ‘Um/O pássaro é pequeno’”.

Em LS, Abner (2019) aponta para a possibilidade que não somente verbos de ação possam ter uma contraparte nominal do tipo concreta (Ex.: AVIÃO/VOAR-DE-AVIÃO; TELEFONE/TELEFONAR; COMIDA/COMER), mas verbos de não ação também podem derivar nomes abstratos, como (Ex.: SONHAR/TEORIA; VER/VISÃO; OPINAR/OPINIÃO).

Vale ressaltar que essa preocupação em se distinguir morfologicamente nomes e verbos não se aplica a todos os casos de nomes na Libras, pois há vários nomes comuns que não possuem uma contraparte verbal como no exemplo (6) abaixo:

(6) SANDÁLIA, PAPEL, CANETA, MADEIRA, CAMA, CINTO...

Portanto, independentemente de haver uma grande parcela de nomes que são morfologicamente idênticos às suas contrapartes verbais, há alguns sinais em Libras que são unicamente como nomes, sem uma função, neste estágio da análise verbal.

Toda essa exposição serve para dirimir a possibilidade de que as LSs sejam línguas sem nomes ou sem sintagmas nominais. Como vimos nos exemplos acima, pelo menos dois fatores entram em jogo para marcar a diferença entre nomes e verbos na LS: a morfologia e a sintaxe. Por isso, as LSs podem usar uma ou outra estratégia para estabelecer essa distinção, ou as duas concomitantemente, o que tornaria a distinção entre os nomes e verbos mais explícita.

7.1.2 Nomes Nus

Almeida-Silva (2019) demonstrou que em Libras, nomes nus podem ocorrer em posições argumentais, no entanto a sua interpretação, definida ou indefinida, não é livre, como em outras línguas que não possuem artigos.

No exemplo abaixo em (7), na primeira ocorrência de MULHER, o nome nu³ é interpretado como um sintagma indefinido ‘uma mulher’, pois se trata claramente de um contexto de primeira menção e apresentação do referente. Já em sua retomada anafórica, logo à frente na sentença, o nome MULHER é interpretado obrigatoriamente como um sintagma definido ‘a mulher’. Almeida-Silva (2019) propõe, então, que para um nome nu ser interpretado como um sintagma definido em Libras, ele deve estar acompanhado do *role-shift*, que é uma estratégia de demonstração da ação do referente na sentença ou de uma apontação pré-nominal com o indicador, como em (8). A ausência do *role-shift* ou da apontação em contextos anafóricos com interpretação definida para o nome nu não é aceitável em Libras, como vemos nas glosas em (7) e (8) abaixo. Os julgamentos de gramaticalidade das sentenças abaixo são oriundos da pesquisa realizada por este autor com 40 surdos de dois perfis, com baixo e alto uso da Língua Portuguesa.

³ Aqui não haverá espaço para discutir se o numeral 1 que segue o nome MULHER no exemplo se trata de um numeral, um artigo indefinido, uma relativização do tipo ‘uma mulher que era uma só’ ou a antecipação da configuração de mão do classificador para PESSOA-ANDAR. Por isso, estamos tratando este caso como uma ocorrência de nome nu em Libras.

Exemplo (7)

$$* \left(\begin{array}{c} \text{role-shift} \\ \text{[}\emptyset\text{MULHER 1]}_{\text{DP}} \text{ CL:PESSOA-ANDAR [}\emptyset\text{ MULHER] ESTRATÉGIA+++} \\ \text{role-shift)} \\ \text{CONVERSAR ENROLAR BEIJAR ACEITAR} \quad \text{NÓS-2 LÁ MOTEL?} \end{array} \right.$$

‘Uma mulher veio, aí a/*uma/mulher falou: - Vamos conversar sei lá, a gente pode se beijar, ou se você quer ir comigo lá no motel?’

(vídeo 3 – dados naturalísticos)

Exemplo (8)

IX-1 COMPRAR [Ø GATO] ONTEM. *Ø/IX.SG GATO VIR LAMBER-PERNAS-1

‘Eu comprei um gato ontem. *(O) gato veio lamber minhas pernas.’

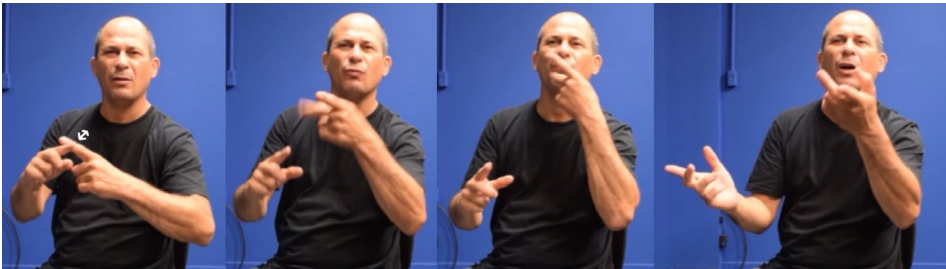
Fonte: Almeida-Silva (2019, p. 271)

No exemplo abaixo em (9), o emprego do nome nu SURDO licencia a leitura indefinida ou definida fraca (genérica), mas não a leitura definida forte (anafórica) ou específica, em que existisse algum surdo específico ou único sobre o qual o sinalizador estivesse se referindo no momento da fala. Por isso, a tradução para a Língua Portuguesa deve ser tomada como base com cautela para não enviesar a análise linguística do nome nu em Libras.

Exemplo (9)



POR-QUE **[SURDO]** DESCONFIAR VER ORALIZAR



POR-QUE VOCÊ FALAR ENTÃO



ELE

FALAR

NÃO FICAR

CALAR

POR-QUE [SURDO] DESCONFIAR VER
ORALIZAR POR-QUE VOCÊ FALAR ENTÃO
ELE FALAR NÃO FICAR-CALAR

*‘Um/o surdo (genérico) fica desconfiado quando
tem duas pessoas ouvintes conversando pois ele
não sabe o que estão falando’.*






7.1.3 Nomes acompanhados de determinantes (artigos)

Além da ocorrência de nomes nus, há ainda os casos em que os nomes em Libras ocorrem acompanhados de determinantes (artigos). Almeida-Silva (2019) analisou de forma detalhada o emprego de apontações, numerais e marcas não manuais junto aos nomes na Libras comparando surdos usuários de Libras com baixo e alto uso da Língua Portuguesa, e propôs, apresentado aqui de forma sumária, que em Libras há pelo menos três itens que podem ser considerados como artigos, quando acompanham os nomes em posição argumental de verbos, são eles:

1. **O artigo definido** – apontação (IX) pré-nominal nas formas singular e plural
2. **O artigo indefinido** – numeral 1⁴
3. **O artigo indefinido não específico** – marca não manual conhecida como *boca-de-ferradura*

⁴ Encontrado somente na produção de surdos bilíngues com alto contato com a Língua Portuguesa, mas compreendido como artigo indefinido pelos surdos com baixo contato com a Língua Portuguesa.

Artigo	IX pré-nominal sg. e pl.	Numeral UM	MNM: indefinido não-específico
Ilustração			
Semântica	Objeto familiar no discurso para ambos os interlocutores	Objeto novo no contexto e identificável apenas para o locutor	Objeto novo no contexto e não identificável para ambos, locutor e interlocutor

Fonte: Almeida-Silva (2019, p.269, adaptado).

A Libras possuiria então, um artigo definido e dois artigos indefinidos já gramaticalizados. A prova de que esses elementos são artigos de fato é que nos exemplos abaixo, quando eles ocorrem juntos aos nomes em qualquer posição argumental. Eles obrigam a leitura definida, indefinida e indefinida não específica aos nomes que eles acompanham.

O artigo definido – apontação (IX) pré-nominal nas formas singular e plural.

(10) *Posição de Sujeito*

[IX-3.PL PESSOA] QUALQUER SURDO, OUVINTE, QUALQUER, PRECISA CONSCIÊNCIA (vídeos espontâneos)

‘As/*umas pessoas, sejam surdas, ouvintes, qualquer uma, precisam ter consciência’.

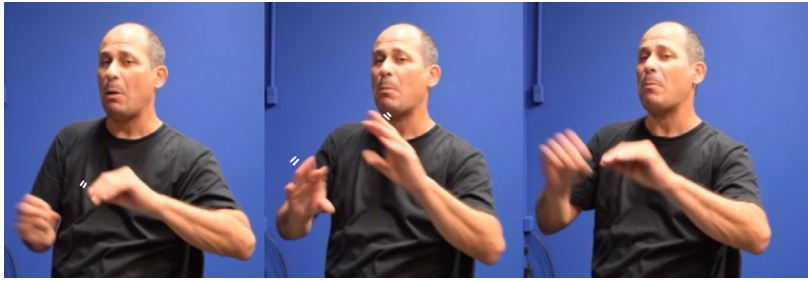
(11)



[IX.pl

ALUNO

OUVINTE]



FALAR-ORAL



EU

SURDO

DV (ficar-olhar)

ENTÃO (nada)



APOIAR

IGNORAR

[IX.pl ALUNO OUVINTE] FALAR-ORAL
EU SURDO DV (ficar-olhar) ENTÃO (nada)
APOIAR IGNORAR

*”Para os/*uns alunos ouvintes é mais fácil
aprender, já o surdo espera receber
alguma ajuda”.*



(12) Posição de Objeto

TER ALGUMAS PESSOA APROVEITAR [IX-3.PL SURDO]

(vídeos espontâneos)

‘Tem algumas pessoas que se aproveitam dos/*de uns surdos’

Fonte: Almeida-Silva (2019, p.284-285).

2. O artigo indefinido – numeral 1.

(13) Posição de Sujeito

[1 SURDO] VIR ENSINAR AQUI

(Obrigatoriamente indefinido)

‘Um/*o surdo veio ensinar aqui’

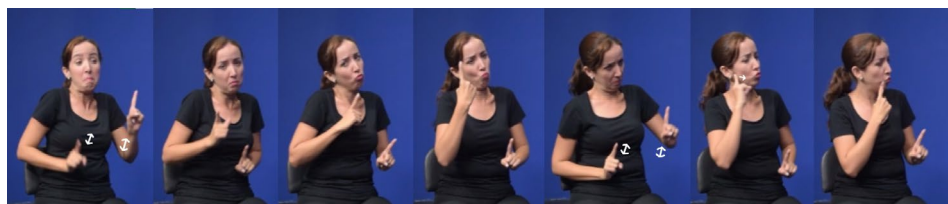
(14) Posição de Objeto

IX-1 ENCONTRAR [1 SURDO] LÁ

(Obrigatoriamente indefinido)

‘Eu encontrei um/*o surdo lá’

(15)



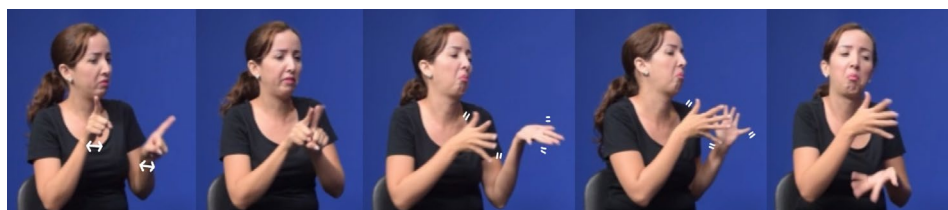
PRIMO

TER

[1

PRIMO]

SURDO



TAMBÉM

LÍNGUA-DE-SINAIS

PRIMO TER [1 PRIMO] SURDO TAMBÉM

LÍNGUA- DE-SINAIS

“Eu tenho um primo surdo e sinalizávamos normalmente.”



Fonte: Corpus da Libras – UFSC.

3. O artigo indefinido não específico – marca não manual conhecida como *boca-de-ferradura*.

(16)



MNM não-específica
HOMEM

17 ^{ok}Um homem qualquer (artigo indefinido)

18 *Não é (um) homem (partícula de negação)

Nesse último exemplo, em (16), vemos que quando o artigo indefinido não específico se espalha sobre o nome, ele obriga a leitura de não especificidade e não permite mais a antiga leitura do advérbio de negação (epistêmica), de onde provavelmente este artigo se gramaticalizou em Libras. Ou seja, de fato, quando esse artigo se espalha sobre qualquer nome em posição argumental, a leitura da MNM de *boca-de-ferradura* é a de um artigo indefinido marcado para não especificidade, o que é tipologicamente raro nas línguas do mundo.

7.2 Ordem dos constituintes nas sentenças na Libras

Miriam Royer e Ronice Müller de Quadros

Neste capítulo, vamos apresentar os diferentes tipos de estruturas que compõem a formação de sentenças na Libras. Entre as estruturas analisadas, apresentaremos como em Libras são realizadas declarativas simples, interrogativas simples – sejam interrogativas polares (sim/não) – ou de conteúdo (interrogativas QU-), topicalizações e construções com foco. Discutiremos também sentenças declarativas complexas, tais como orações explicativas, temporais, causais, adversativas, negativas e condicionais.

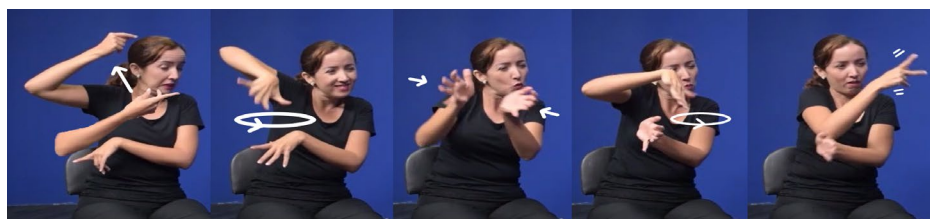
As unidades sintáticas analisadas neste capítulo envolvem pelo menos um verbo que pode selecionar argumentos internos e externos, realizando estruturas com sujeito, verbo e objeto, no caso de sentenças transitivas. Há também sentenças bitransitivas, em que o verbo seleciona dois objetos. Já as unidades sintáticas que compõem as sentenças complexas, ou seja, que possuem mais de uma oração,

podem envolver sentenças coordenadas e/ou subordinadas.

O trabalho de segmentação das sentenças para esta gramática foi realizado considerando-se vários elementos prosódicos e também marcadores não manuais, tais como: piscar dos olhos, movimentos de cabeça, movimentos do corpo, alternância dos espaços marcados e pausas. Esses parâmetros têm sido adotados para análises também de outras Línguas de Sinais – ver, por exemplo –, Tang e Lau (2012). Além disso, utilizamos o software ELAN para a transcrição e anotação das sentenças retiradas do Corpus de Libras e recorreremos a exemplos criados pelos autores, quando necessário.

As unidades sintáticas representam unidades sintáticas mais restritas e podem ser combinadas para produzir uma sentença complexa. Dependendo do tópico abordado, usamos a unidade sintática específica ou a combinação de unidades sintáticas para apresentar exemplos de sentenças complexas. Por exemplo, sentenças podem ser compostas por tópico e comentário que podem conter pelo menos duas unidades sintáticas.

(19).



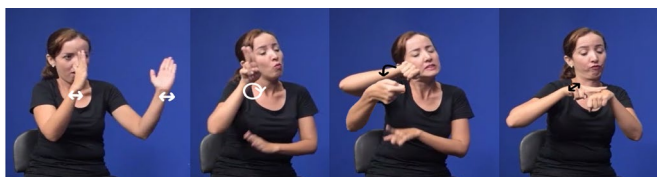
[TEMPO-ATRÁS

Área

GRUPO

ÁREA

DELE



Período] _{top}

USAR

SINAL

VERDE

[TEMPO-ATRÁS Área GRUPO Área DELE

Período] _{top} USAR SINAL VERDE

[*Há tempo atrás, o grupo dele, naquele período] _{top}, usava o sinal de VERDE (variante do INES desta época).*



Este exemplo tem duas unidades sintáticas: a primeira que compreende o tópico:

E a segunda unidade sintática que compreende o comentário:

USAR SINAL VERDE

Assim, nesta seção usaremos como referência as unidades sintáticas para a análise da estrutura da frase na Libras.

Ao tratarmos da estrutura da sentença em Libras, um conceito importante é o de ordem básica da frase. A Libras, assim como atestado para outras Línguas de Sinais, aparenta ter diferentes possibilidades de ordenação dos sinais na frase, o que poderia indicar que a Libras é uma língua de ordem livre. Contudo, diferentes trabalhos têm argumentado (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS, 1999; QUADROS e KARNOPP, 2004; ROYER, 2019; LOURENÇO e QUADROS, 2020) que, apesar dessa aparente flexibilidade, há uma ordem subjacente – e, portanto, básica – que é responsável por derivar todas as outras possibilidades na língua. Assim, a ordem básica da frase em Libras é Sujeito-Verbo-Objeto, doravante SVO. Além da ordem básica SVO, outras ordens (SOV, OSV e VOS) também são possíveis em Libras, mas são resultantes de operações e contextos sintáticos específicos.

7.2.1 A ordem básica SVO

As primeiras descrições sobre a ordem dos sinais em Libras foram feitas por Felipe (1989) e por Ferreira-Brito (1995). Essas autoras já afirmavam que, aparentemente, havia uma ordem predominante dos sinais nas sentenças: a ordem SVO. Quadros (1999), por sua vez, a partir do emprego de diversos testes sintáticos, apresenta uma descrição mais detalhada da estrutura frasal em Libras e traz evidências de que a ordem SVO não se trata apenas de uma ordem predominante, mas sim, da ordem subjacente da estrutura sintática em Libras. Além disso, os demais ordenamentos possíveis nessa língua são derivados dessa ordem básica a partir de distintas operações sintáticas.

A análise de que a Libras é uma língua SVO vem sendo reafirmada em diferentes trabalhos, desde então, (QUADROS e KARNOPP, 2004; QUADROS e LILLO-MARTIN; ROYER, 2019; LOURENÇO, 2014, 2018; LOURENÇO e QUADROS, 2020). Sendo que, mais recentemente, Royer (2019), a partir da análise dos dados do Corpus de Libras dos surdos da Grande Florianópolis⁵, trouxe evidências adicionais para essa análise ao constatar que realmente a ordem SVO é o ordenamento predominante em sentenças transitivas que possuem tanto o sujeito quanto o objeto realizado na sentença.

⁵ As produções de surdos da Grande Florianópolis fazem parte do projeto Inventário Nacional de Libras (Quadros, 2016a, 2016b; Quadros e Leite, 2013; Quadros et al. 2017a; 2017b; Quadros et al. 2019) e integra o acervo do Corpus de Libras, disponível em: www.corpuslibras.ufsc.br.

Observe as sentenças a seguir extraídas de Quadros (1999):

SVO Quadros (1999, p. 55), glosas traduzidas para a Língua Portuguesa.

(20)

IX JOÃO GOSTAR [FUTEBOL]_{movimento-cabeça}

O João gosta de futebol.

(21)

IX JOÃO GOSTAR [MARIA]_{movimento-cabeça}

O João gosta da Maria.

(22)

IX [JOÃOa]_{direção_olhar_a} [aASSISTIRb]_{direção_olhar_a-para-b} [bTV]

direção_olhar_b

O João assiste a TV.

(23)

IX (eu)a bPEGARa bCARRO

Eu pego (busco) o carro.

As sentenças de (20) a (23) exemplificam construções bastante comuns em Libras e possuem a ordem Sujeito-Verbo-Objeto. Além disso, elas não possuem nenhum tipo de informação enfática tampouco requerem um contexto pragmático específico para serem pronunciadas. Observe ainda que os exemplos apresentados trazem sentenças transitivas com argumentos em ambos os argumentos realizados. Em (20) e (21), temos orações com o verbo GOSTAR, que é um verbo simples, ou seja, não possui marcação morfológica de concordância.⁶ Já o exemplo (22) traz o verbo ASSISTIR, que é um verbo com concordância marcada. Os exemplos também apresentam marcações não manuais associadas. Em (20) e (21), há um movimento da cabeça associado ao objetivo, indicando afirmação (corroboração da ação), que é bastante comum em sentenças declarativas em Libras. Já o exemplo (22) está marcado com a direção do olhar, também bastante comum em sentenças com concordância verbal. Por fim, em (23), temos uma sentença com o verbo de concordância reversa BUSCAR.⁷ Os verbos de concordância reversas são aqueles cujo ponto inicial do movimento concorda com a localização do objeto, e o ponto final do movimento concorda com a localização do sujeito. O exemplo (23) mostra

⁶ Sobre concordância verbal em Libras, ver a Seção 3.2 da gramática.

⁷ Nesta gramática, assumimos que os verbos reversos são uma subcategoria dos verbos com concordância e que apresentam a mesma distribuição dos verbos com concordância quanto à ordenação dos sinais.

que mesmo verbos de concordância reversa apresentam a ordem SVO como ordem não marcada. Vale apontar também que todos esses exemplos são considerados gramaticais quando produzidos sem marcação não manual alguma, conforme julgamento de informantes surdos (QUADROS, 1999).

Além do fato de a ordem SVO não precisar de nenhum contexto sintático e/ou pragmático específico que a licencie, há também evidências advindas de testes sintáticos que têm sido utilizados para se identificar a ordem básica da frase nas línguas naturais. Construções com advérbios, verbos modais, negação e subordinação são alguns exemplos de testes que podem revelar a estrutura subjacente das sentenças de uma língua. Quadros (1999) analisa também o comportamento sentencial de diferentes sentenças em Libras, entre elas: sentenças com e sem marcadores não manuais; sentenças com verbos de concordância; sentenças com verbos simples; e sentenças com verbo de concordância reversa.

Royer (2019) analisou as estruturas transitivas com argumentos realizados nos dados em uso, a partir dos surdos da Grande Florianópolis que integram o Inventário Nacional da Libras. Royer partiu das análises de Quadros (1999) e confirmou a ordem básica SVO na Libras, conforme apresentando a seguir:

Dados do corpus que indicam a ordem básica SVO na Libras corroborando os achados anteriores com base nos usos da Libras.

(24)



MORAR^v

BAIRRO



FS (BELA-VISTA)]^o

IX (eu)^s MORAR^v [BAIRRO FS(BELA-VISTA)]^o

Eu moro no bairro Bela Vista.



Elementos de tipo de sentença: Afirmativa e verbos simples.

Fonte: Royer (2019, p. 114).

Royer (2019) encontrou exemplos com verbos com concordância com argumentos pronunciados nos dados do Corpus de Libras na ordem SVO, conforme a seguir:

(25)



IX (eu)_{1^S}

₁VER_{3+^V}

IX (ele) FLUENCIA-LIBRAS⁰

aIX (eu)_{1^S} ₁VER_{3+^V} IX (ele) FLUENCIA-LIBRAS⁰

Eu olhei uma pessoa sinalizando.



Fonte: Royer (2019, p. 122).

(26)



IX (eu)_{1^S}

₃CHAMAR_{1^V} [₃AMIGO

SECRETÁRIO]⁰

IX (eu)_{1^S} ₃CHAMAR_{1^V} [₃AMIGO SECRETÁRIO]⁰

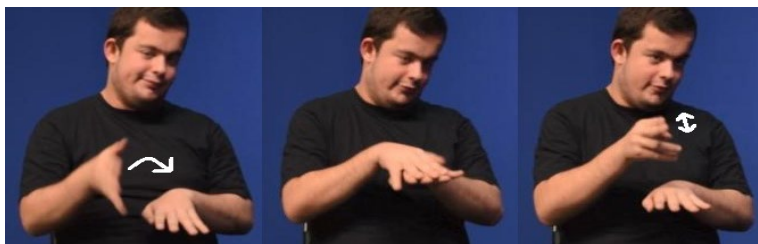
Eu chamo um amigo que também é secretário.



Fonte: Royer (2019, p. 122).

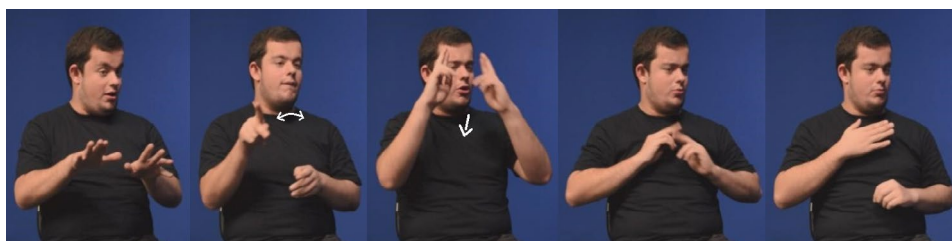
Outro exemplo encontrado por Royer (2019), apresenta uma oração subordinada na ordem SVO, conforme apresentado a seguir:

(27)



[(INCLUSÃO^S

CONTINUAR^V)]



[MAS

PROFESSOR

RESPEITAR

MEU] °

[(INCLUSÃO^S CONTINUAR^V)] [MAS
PROFESSOR RESPEITAR MEU] °

*(Continua um sistema de inclusão,) mas o
professor me respeitava.*



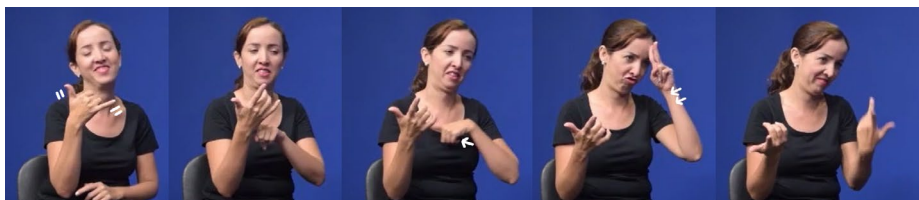
Elementos de tipo de sentença: Coordenativa adversativa, afirmativa simples
e verbo com concordância.

Fonte: Royer (2019, p. 125).

Royer (2019) constatou que 87% das sentenças transitivas com argumentos realizados foram produzidas na ordem SVO. Apenas 13% foram produzidas com outra ordem que parecem ser derivadas da ordem SVO, assim como analisado previamente por outros autores.

Para essa gramática, nós também analisamos as produções dos Surdos de Referência (grupo de surdos que são referência em diversos estados brasileiros e que fazem parte de uma das coletas de dados do Corpus de Libras), também constatamos o uso da ordem SVO nas sentenças com argumentos pronunciados, com verbos simples sem concordância e verbos com concordância marcada.

(28) SVO (verbo simples).



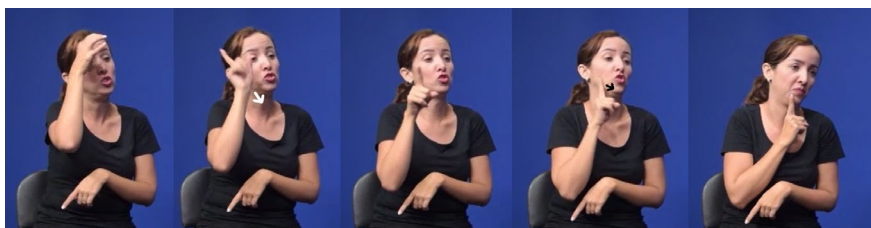
[SINAL(Marisa) IX (ele)]^S TER^V HISTORIA^O ENTÃO

[SINAL(Marisa) IX (ele)]^S TER^V HISTORIA^O
ENTÃO

O sinal-Marisa tem história então.



(29) SVO (verbo simples copulativo).



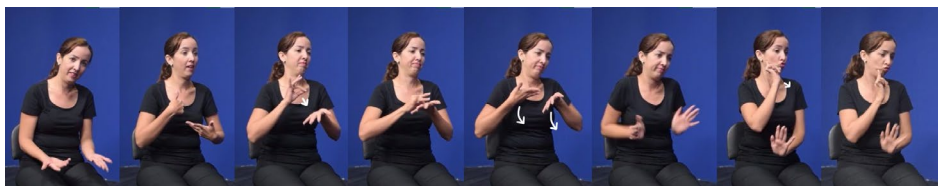
TIO^S É^V SURDO^O

TIO^S É^V SURDO^O

O tio é surdo.



(30) SVO (com o advérbio entre o sujeito e o verbo).



ENTÃO

IX (eu)^S

VERDADE

NASCER^V

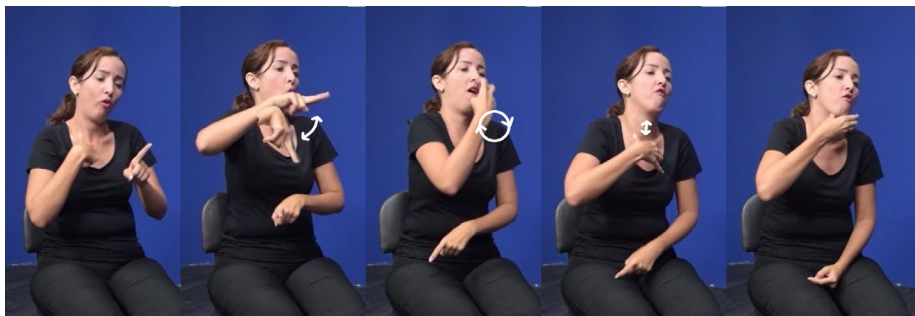
SURDO^O

ENTÃO IX (eu)^S VERDADE NASCER^V SURDO^O

Então, eu realmente nasci surda.



(31) SVO verbo simples com negação.



IX (eu)^S

NUNCA

ORALIZAR^V

FONO^O

IX (eu)^S NUNCA ORALIZAR^V FONO^O

Eu nunca oralizei com fonoaudiólogo.



(32) Sentença SVO (verbo com concordância verbal).



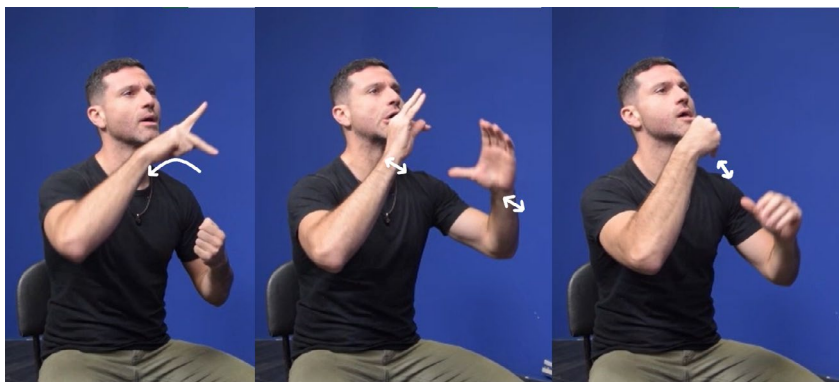
IX (ele)^S eleFALAREu^V

IX (ele)^S eleFALAREu^V

Ele fala para mim.



(33) Sentença SVO (verbo recíproco).



PROFESSOR^S COMUNICAR-TOTAL^V FRACO^O

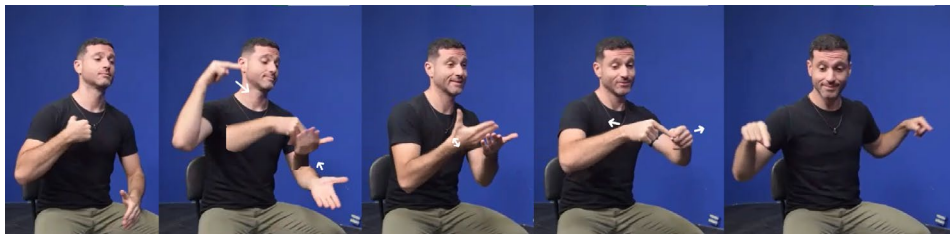
PROFESSOR^S COMUNICAR-TOTAL^V FRACO^O

Professor comunicar-total fraco.



A seguir, temos um exemplo com tópico oracional na ordem SVO seguido do comentário que envolve uma estrutura subordinada também SVO:

(34) Sentença tópico oracional SVO e subordinada sem marcação manual associada a negação.



[IX (eu) 1EM-PÉ(fui) AULA SALA



IX (eu)]^S tópico 1VER3^V SURDO^O



ALGUNS LINGUA-DE-SINAIS FS (bem) NÃO

[IX (eu) 1EM-PÉ (fui) AULA SALA IX (eu)]^S tópico
1VER3^V SURDO^O ALGUNS LINGUA-DE-SINAIS
FS (bem) NÃO

[Eu fui estudar na sala] então eu vi que alguns surdos não sinalizavam bem. (usou o verbo IR-EM-PÉ que é uma expressão que significa ir de corpo presente, o verbo IR incorpora o classificador de pessoa de pé).



De modo geral, esses exemplos com ordem SVO são considerados mais fáceis de serem produzidos e interpretados. Eles podem ser menos marcados ou estarem

associados à marcação não manual relativa ao tipo de estrutura (negação, tópico, direção do olhar marcada, interrogativa, etc.). No entanto, quando as estruturas não são SVO, elas sempre são marcadas.

Todos os exemplos com verbo de concordância tendem a ter argumentos nulos. Nos dados dos surdos de referência, os exemplos encontrados são como este em que somente o sujeito é pronunciado e o objeto está incorporado ao verbo. Com estruturas que contam com verbo com concordância é muito comum termos argumentos nulos (QUADROS, 1995). Os argumentos nulos são licenciados pela marcação morfológica do verbo que facilmente permite recuperar os argumentos nulos. Nesse exemplo IX (ele) ele FALAR eu (IX) (eu), o argumento externo está nulo. Quadros (1999) também fez vários testes e verificou que todos os exemplos com argumentos pronunciados também foram considerados bons exemplos.

7.2.2 Diferentes ordenações na Libras (interação dos tipos de verbos, tipos de estrutura e marcações não manuais)

Apesar de constatarmos que há uma ordem básica na Libras, também identificamos outras possíveis ordenações quando há outros aspectos gramaticais em jogo. Constatamos, no entanto, que as demais ordenações possíveis são produzidas em contextos mais marcados, ou seja, interações dos tipos de verbos, tipos de estrutura e marcações não manuais.

7.2.3 Tipos de verbos na Libras: impacto na ordenação dos constituintes

A seguir apresentamos exemplos identificados por Quadros (1999) e, na sequência, trazemos também exemplos dos surdos que integram o Inventário Nacional da Libras. Inicialmente, os exemplos estão relacionados com os tipos de verbos que podem ser verbos simples (sem marcação de concordância) e verbos com concordância (pessoal ou espacial), assim como verbos considerados mais pesados realizados como incorporação de instrumentos (verbos manuais) e os classificadores verbais.

OSV Quadros (1999, p. 56) (exemplos traduzidos para a Língua Portuguesa)

(35)

FUTEBOL IX JOÃO [GOSTAR]_{movimento-cabeça}
O futebol, o João gosta.

(36)

*IXb bMARIA IXa aJOÃO [GOSTAR]_{movimento-cabeça} (considerada agramatical pelos informantes)
A Maria, o João gosta.

(37)

[TVb]_{direção_olhar_b} [IX JOÃOa]_{direção_olhar_a} [aASSISTIRb]_{direção_olhar_a-para-b}
TV, o João assiste.

(38)

IX JOÃO FUTEBOL [GOSTAR]_{movimento-cabeça}
O João, o futebol, gosta.

(39)

*IX JOÃO IX MARIA [GOSTAR]_{movimento-cabeça} (considerada agramatical pelos informantes)
O João, a Maria, gosta.

(40)

IX [JOÃOa]_{direção_olhar_a} [bTV]_{direção_olhar_b} [aASSISTIRb]_{direção_olhar_a-para-b}
O João, a TV, assisti.

Os exemplos evidenciam que a mudança na ordem básica parece ser licenciada pela presença da marcação de concordância do verbo nos exemplos com ASSISTIR. No caso dos tipos de sentença com o verbo simples GOSTAR, quando o argumento externo é inanimado, é aceitável e quando o argumento é animado, não é aceitável. Quadros (1999) fez vários testes com exemplos similares e confirmou a rejeição pela estrutura com verbos simples com argumento externo animado, que parece estar relacionado com o fato de a sentença poder ou não poder ser reversível. Ao produzir JOÃO MARIA GOSTAR, mesmo com marcação não manual, os informantes compreendiam JOÃO e MARIA como sujeitos da oração, faltando, portanto, um argumento externo. No caso de JOÃO FUTEBOL GOSTAR, o argumento inanimado é compreendido como objeto da sentença, exatamente por não ser reversível, ou seja, eu não posso dizer FUTEBOL GOSTAR JOÃO, mas posso dizer MARIA GOSTAR JOÃO. Assim sendo, a autora analisa os exemplos como derivados da ordem básica SVO, apresentando restrições para serem produzidos nas ordens OSV e SOV. Em todos os exemplos testados com diferente ordenação, a marcação não manual era obrigatória, diferente dos exemplos análogos produzidos na ordem SVO. Assim, a ordem mais básica parece ser realmente SVO, pois as demais exigem mais marcações para poderem ser geradas.

Os exemplos nas diferentes ordens podem também ser derivados quando contam com a inserção de AUX quando associados com verbos simples (um tipo de marcador de concordância referencial). Veja os exemplos a seguir:

AUX Quadros (1999, p. 65), exemplos traduzidos para a Língua Portuguesa.

(41)

SO-AUX-V

IXa JOÃOa IXb MARIAb aAUXb [GOSTAR]_{movimento-cabeça}

O João, a Maria, gosta.

Quadros (1999) também analisou sentenças complexas com subordinação. A autora verificou que a ordem SVO em que o objeto configura uma oração, apresenta restrições quanto à ordem. A ordem SVO é preferida.

(42)

IX (eu)^s ACHAR^v [MARIAa aSAIRloc]^o

Eu acho que a Maria foi embora para algum lugar.

(43)

*IX (eu)^s [MARIAa aSAIRloc]^o ACHAR^v (considerada agramatical pelos informantes)

Eu, que a Maria foi embora para algum lugar, acho.

Esses exemplos SOV com sentenças complexas considerados agramaticais mesmo com marcações não manuais foram usados como mais uma evidência para a ordem básica SVO por Quadros (1999).

No entanto, quando a marcação não manual foi associada nos testes com diferentes ordenações com estruturas complexas, a ordem OSV foi aceita pelos informantes, mas como uma sentença marcada.

Subordinada OSV Quadros (1999, p. 71), exemplos traduzidos para a Língua Portuguesa.

(44)

[MARIAa aSAIRloc]^o IX (eu)^s ACHAR^v

Que a Maria foi embora para algum lugar, eu acho.

Quadros (1999) aponta também uma assimetria sintática, ou seja, diferentes tipos de estruturas, entre as estruturas com verbos sem e com concordância. A autora verificou que os verbos com concordância são mais marcados morfológicamente e que isso permite uma flexibilidade maior na ordenação da sentença, mesmo com argumentos animados, pois o verbo recupera a informação sintática, pois incorpora o sujeito e o objeto na sua forma. A marcação morfológica pode ainda ser associada com a marcação não manual da direção do olhar, tornando ainda mais clara a relação argumental entre os argumentos e sua função sintática enquanto sujeito ou objeto. Quando o AUX que representa um elemento de concordância referencial é inserido na estrutura com verbos sem concordância, a sentença é aceita, da mesma forma como foi observado com a presença dos verbos com concordância. Parece

que o AUX supre a falta da marcação morfológica associada ao verbo simples sem concordância marcada.

As diferentes ordenações possíveis parecem ser sempre mais marcadas por meio da marcação não manual, uso do corpo de forma mais marcada, combinação da direção do olhar com o uso do espaço. Identificamos alguns aspectos que parecem ser recorrentes quando há mudança na ordem e então listamos a seguir. É importante destacar que no uso, é muito comum ter argumentos nulos, ou seja, omissão dos argumentos que podem ser recuperados por diferentes estratégias (QUADROS, 1995). Basicamente, os argumentos nulos nas estruturas com verbos com concordância podem ser recuperados pela própria marcação morfológica do verbo associada ao sujeito e ao objeto. No caso dos verbos simples sem concordância marcada, os argumentos nulos podem ser recuperados contextualmente. Considerando isso, quando apresentamos exemplos dos Surdos de Referência, iremos discutir esses casos, dentro de cada categoria analisada a seguir.

Quadros (1999), apresenta uma assimetria entre construções com verbos simples e verbos com concordância. Os verbos simples aparecem mais com os argumentos realizados, mesmo quando com ordenação diferente por causa de outras marcações, conforme já discutimos previamente, como marcações não manuais e o uso do AUX para complementar a referência de concordância.

Os verbos com concordância são os que apresentam um impacto maior na ordem da sentença, pois como eles apresentam a concordância com os argumentos e até incorporam os argumentos, facilmente podemos recuperar o sujeito, o objeto direto e o objeto indireto, quando for o caso.

Os verbos com concordância apresentam diferentes morfemas de concordância. A mais clássica na literatura geral é a concordância de pessoa e número. Esse tipo de concordância favorece estruturas com argumentos nulos. Por exemplo:

(45)

MENINAaS aENTREGARbV bMENINOOI LIVROOD

A menina entregou ao menino o livro

(46)

3AJUDAR1V

(Ela) ajuda (a mim)

(47)
 3AJUDAR₁^v
 (Ela) ajuda (a mim)



IX (eu)^s

PALAVRA_x

[xINFORMAR-OLHO₁]^v

NADA

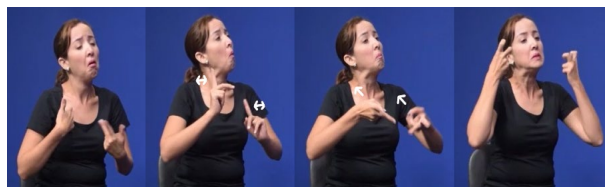
IX (eu)^s PALAVRA_x [xINFORMAR-OLHO₁]^v
 NADA



Eu não tinha muitas informações sobre a palavra.

Fonte: Royer (2019, p. 136).

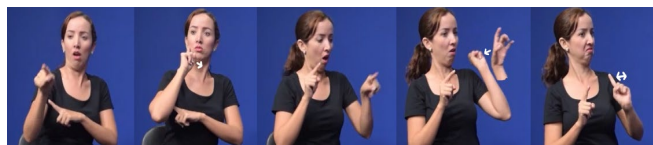
- (48) Sentença coordenada associada à negação marcada pela intermitência sentencial (alternância) associada à condição, com verbo com concordância pessoal marcada 3PERCEBER₁.



IX (eu)^s

NÃO

3PERCEBER₁^v,



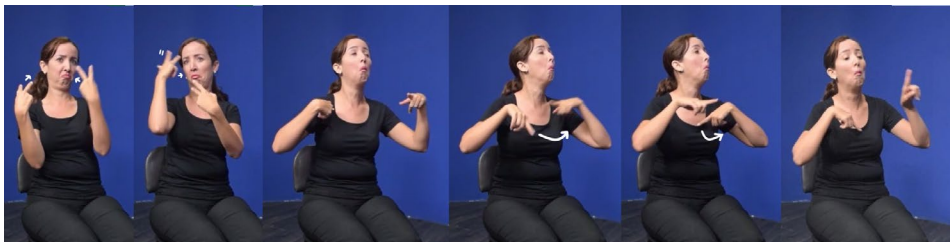
[IX (você) SURDO, IX(você) OUVINTE, NÃO]

IX (eu)^s NÃO [3PERCEBER₁]^v, [IX (você)SURDO,
 IX (você) OUVINTE, NÃO]



Eu não percebia se era surda ou se era ouvinte.

(49) Sentença com verbos de concordância locativa com argumentos nulos.



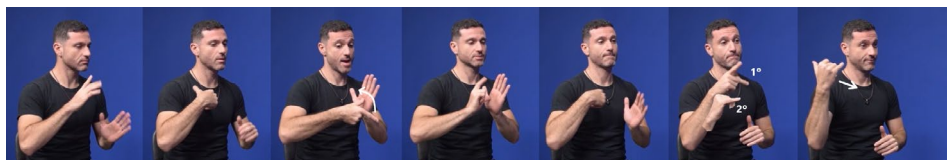
[[3VER1+] V NORMAL IX (eu)⁰ | [1IRloc+] V | [locVIR1+] V

[3VER1+] V NORMAL IX (eu)⁰ | [1IRloc+] V |
[locVIR1+] V

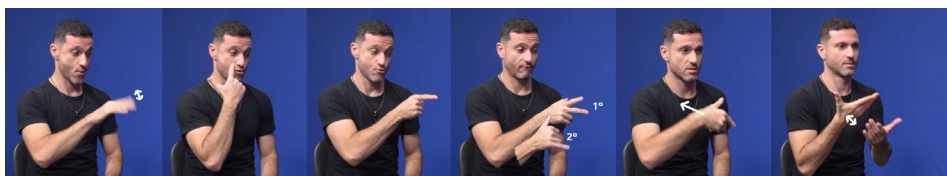


(As pessoas) (me) olhavam normal, (eu) ia
(aos lugares) e (eu) vinha (dos lugares).

(50) Sentença com discurso direto (role shift) – verbo concordância 3AVISAR1
e verbo simples sem concordância OLHAR.



MAS [IX (eu) ANTES IX (eu)]⁰ PAI^S [3AVISAR1] V |



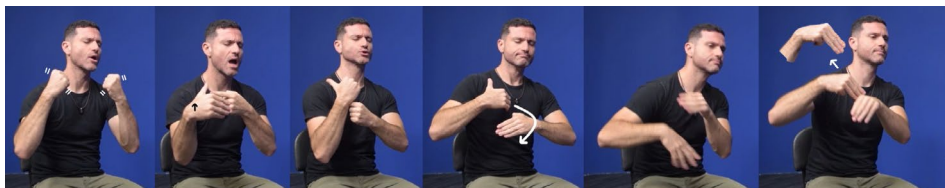
[OLHAR^V: IX (você)^S 3IR^V] ESTUDAR

MAS [IX (eu) ANTES IX (eu)]⁰ PAI^S [3AVISAR1] V
| [OLHAR^V: IX (você)^S 3IR^V] ESTUDAR



Antes, meu pai me dizia: olha, você vai estudar.

(51) Sentença subordinada/encaixada (verbo com concordância: AJUDAR).



[letras-LibrasAJUDAR1] ^v

| DESENVOLVER^v MESTRADO^o

[letras-LibrasAJUDAR1] ^v | DESENVOLVER^v
MESTRADO^o

*O letras Libras me ajudou a desenvolver para o
mestrado.*



Também há verbos de concordância que incluem o locativo, também chamado de concordância espacial. Esses verbos também favorecem os argumentos nulos e diferentes ordenações.

(52)

eu/aquiCARREGAR-MALAlá^v

(Eu) carrego a mala (daqui para lá).

(53)



[MAIS-MENOS DISTÂNCIA

JOINVILLE

IX (lá)



PROVA]_{tópico}

IX (eu)^S

1ENTRARloc^V

IX (lá)^O

[MAIS-MENOS DISTÂNCIA JOINVILLE IX (lá)
 PROVA]_{tópico} IX (eu)^S 1ENTRARloc^V IX (lá)^O



(Eu fui fazer prova no curso a distância em Joinville,) eu entrei lá.

Fonte: Royer (2019, p. 129).

Verbos manuais/instrumentais são aqueles que usam a mão para pegar algo ou para substituir um instrumento. Esses verbos implicam mudanças da ordem por serem considerados verbos morfologicamente “pesados” (*heavy verbs*), ou seja, verbos que são muito ricos morfologicamente. Os verbos manuais/instrumentais podem ser classificadores. Os classificadores verbais também acabam implicando mudança de ordem. Esses verbos pesados sempre ficam no final da sentença. Assim, a ordem observada quando esses verbos entram em jogo na produção em Libras é SOV ou OSV.

(54)

ESTANTE^O (eu)^S PEGAR-LIVRO^V

Da estante, pego-o-livro

(55)

CASA^O (eu)^S PINCELAR-PAREDE-COM-PINCEL-ROLO^V

A casa, eu pinto-com-pincel-rolô

(56)

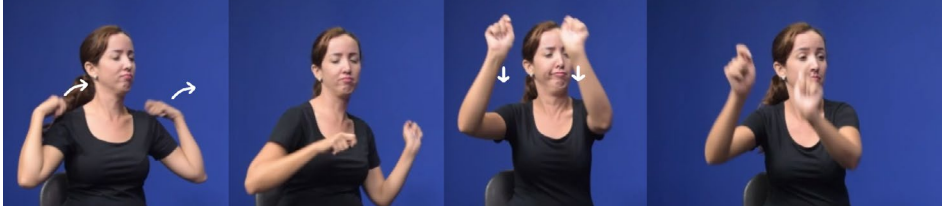
IX (você)^S [ROUPA PILHA]^O PASSAR-COM-FERRO^V

Você, a pilha de roupa, passa com ferro

(57)

IX (eu)^s [GELÉIA GOIABADA] ° COZINHAR-COM-COLHER-MEXER-CÍRCULO^v
Eu, geleia de goiaba, cozinho com colher mexendo em círculo

(58) Verbo manual – tirar/colocar.



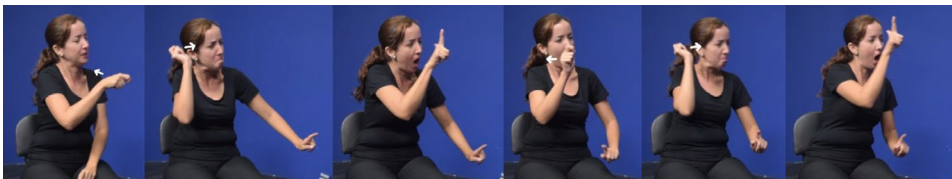
TIRAR-MOCHILA-COSTAS COLOCAR-MOCHILA-CADEIRA

TIRAR-MOCHILA-COSTAS COLOCAR-MOCHILA-
-CADEIRA



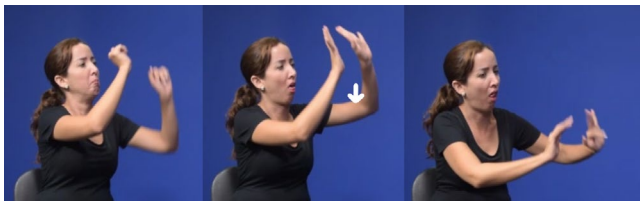
Tirou a mochila das costas e colocou na cadeira.

(59) Verbo manual e classificador.



ATIRAR-PEDRA

ATIRAR-PEDRA



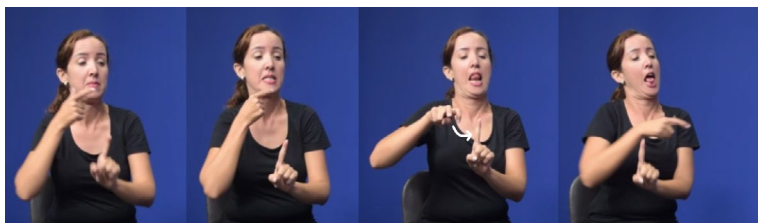
CL (estilhaçar-vidro)

ATIRAR-PEDRA ATIRAR-PEDRA – CL
(estilhaçar-vidro)



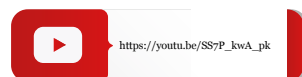
Atirou as pedras e o vidro estilhaçou

(60) Dois tipos de classificadores de pessoa: ereto e andando



[MENINO CL (andar)] direita CL (homem)esquerda

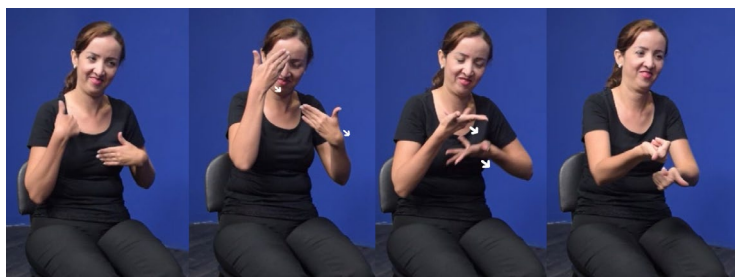
[MENINO CL (andar)] direita CL (homem)
esquerda



*Enquanto o homem estava parado, o menino
desviou e correu.*

Outra categoria de verbos de concordância são os chamados verbos reversos. Esses verbos fazem o movimento na direção oposta dos verbos de concordância clássicos. Ao invés do sujeito para o objeto, os verbos reversos começam o movimento do objeto para o sujeito, por isso são chamados reversos. Esses verbos marcam também concordância de pessoa e número, também podem marcar concordância locativa. Eles reversos apresentam diferentes possibilidades de ordenação, assim como observado com os verbos com concordância clássica, pois os argumentos ficam estabelecidos por meio da morfologia verbal.

(61) Sentença SVO com concordância verbal –verbo reverso (além do sujeito, a concordância aqui pode ser tanto com a filha (objeto) como com a escola (locativo), pois as duas estão associadas ao mesmo ponto no espaço).



IX (eu) AGRADECER 3CONVIDAR1

IX (eu) AGRADECER 3CONVIDAR1

Eu agradeço terem me convidado.



Com os verbos de concordância, incluindo a concordância reversa, o sujeito e o objeto podem estar na posição de tópico, pois percebemos que natural para os informantes produzir essas sentenças com uma pausa entre o sujeito e o objeto, ou o objeto e o sujeito associada à marcação não manual mais marcada (de tópico).

Em uma perspectiva mais semântica e considerando a iconicidade inerente das Línguas de Sinais, Napoli, Sutton-Spence e Quadros (2017), apresentam uma análise da ordenação dos sinais na Libras. As autoras analisaram produções de surdos com verbos instrumentais (PRENDER-ROUPA; TOCAR-FLAUTA) e verbos operacionais (PENSAR, SONHAR). Os primeiros se enquadram nos verbos chamados “pesados” (morfema, iconicidade) já analisados. Já os verbos da segunda categoria são normalmente verbos simples (nada morfema etc.). As autoras verificaram que há também um efeito de ordem icônica que pode determinar o favorecimento da ordem com verbo final (SOV ou OSV), e o outro verbo simples (SVO), isso é uma análise semântica.

Assim como observado em ASL (MATSUOKA, 1997), modulações aspectuais no verbo também podem alterar a ordem dos constituintes na sentença (QUADROS, 1999; QUADROS e KARNOPP, 2004). Verbos cujo movimento é alterado para marcar diferentes leituras aspectuais (como continuativo, durativo ou iterativo, por exemplo) aparecem em posição final da sentença.

(62) Sentença OSV com verbo marcado para aspecto durativo. Há mudança no movimento do verbo e ele ocupa a posição final da sentença. Nessa sentença há também a topicalização do objeto, que pode ser observada pelo arqueamento das sobrancelhas e pela posição do objeto em início da sentença.



IXa>tópico

IX1

VER+(aspecto)

IXa>tópico IX1 VER+(aspecto)

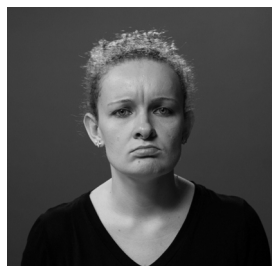
Ele, eu olhava (continuamente).



7.2.4 As interrogativas QU

Expressão facial com elevação da cabeça para cima associada à testa franzida com as sobrancelhas elevadas acompanhando o franzir da testa:

Marcação não manual típica de interrogativas QU.



Fonte: Quadros (2019, p. 98).

Exemplos de sentenças interrogativas de Quadros (1999, p. 199), traduzidos para a Língua Portuguesa.

(63)

[QUEM GOSTA MARIA] qu
Quem gosta da Maria?

(64)

[GOSTA MARIA QUEM] qu

(65)

[QUEM GOSTA MARIA QUEM] qu

Nesses exemplos, vemos que em (a) o ‘QUEM’ está na sua posição original, chamado de posição *in situ*. No exemplo que aparece na posição final, Quadros (1999) argumenta que é a posição de foco de ênfase, pois em vários exemplos na Libras, há repetição de um sinal que indica o foco de ênfase, como aparece no exemplo seguinte em que QUEM está repetido. No caso de (b), o elemento repetido que aparece na posição inicial já foi apagado. Isso foi proposto originalmente por Petrónio e Lillo-Martin (1997) para a ASL que apresenta o mesmo tipo de construção.

(66)



QUEM

ENSINAR

LÍNGUA PORTUGUESA

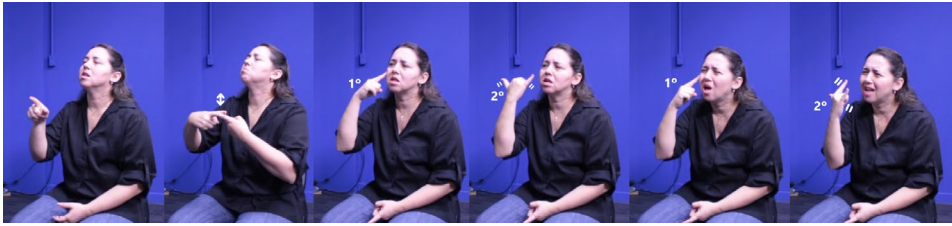
QUEM ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA

Quem ensina Língua Portuguesa?



Fonte: Royer (2019, p. 133).

(67) Sentença interrogativa QU.



PORQUE

SINAL(Marisa)

PORQUE SINAL SINAL(Marisa)

Por que o seu sinal?



(68) Sentença interrogativa QU.



E (então) COMO

COMEÇAR

E(então) COMO COMEÇAR

Como começou?



Também há interrogativas sem o sinal QU, mas que significam uma questão QU, nesses casos, a marcação não manual indica a interrogativa QU com a elevação da cabeça marcada para QU associada ao franzir elevado das sobrancelhas:

(69) SINAL IX (você).

Qual o seu sinal?

(70) Sentença interrogativa QU.

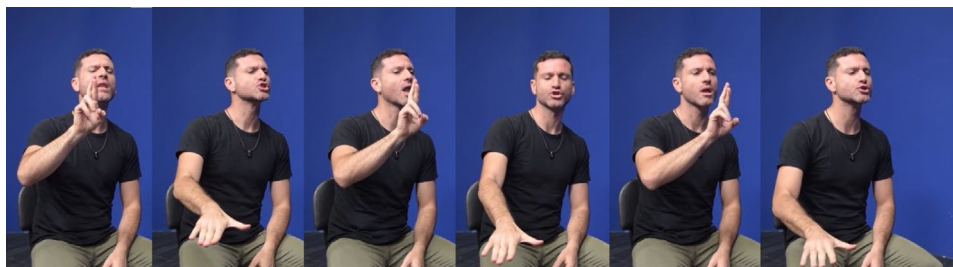


SINAL IX (você)

Qual o seu sinal?



(71) Sentença coordenada com reiteração interrogativa QU.



[FS(r)-TAMANHO-PEQUENO FS(r)-
TAMANHO-PEQUENO
FS(r)-TAMANHO-PEQUENO] interrogativa-QU

*(onde está) o R pequeno, o R pequeno,
o R pequeno?*



7.2.5 As interrogativas polares (Quadros, 1999)

As interrogativas polares são aquelas que esperam uma resposta sim ou não. São perguntas associadas com uma marcação não manual que envolve o rebaixamento da cabeça com sobrancelhas elevadas.

Figura 3: Elevação das sobrancelhas.



Fonte: Quadros (2019, p. 101).

(72)



TODOS

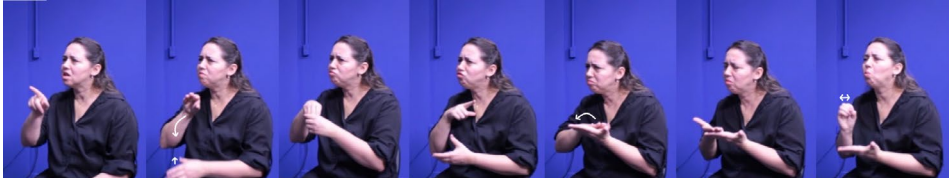
SURDOS

TODOS SURDOS

Todos eram surdos?



(73)



VOCÊ DENTRO (escola) TER INTERPRETE NADA?

VOCÊ DENTRO (escola) TER INTERPRETE
NADA?



Você na escola não tinha intérprete?

7.2.6 Construções QU em orações subordinadas

Há também construções com qu em sentenças que não são interrogativas (Quadros, 1999). As construções com QU são associadas com marcação não manual, mas sobre o próprio sinal, diferente das construções qu interrogativas que a marcação não manual está associada a toda sentença interrogativa.

Exemplos com construções com QU em orações subordinadas (QUADROS, 1999, pp. 209-210).

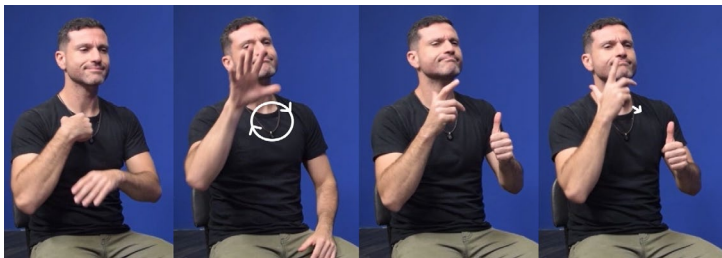
(74)

IX (eu) QUERER SABER [QU-E] qu JOÃO ENCONTRAR
Eu quero saber quem o João encontrou

(75)

IX (eu) SABER [QU+] qu IX (ele) PEGAR
Eu sei quem ele pegou.

(76) Sentença encaixada – uso do sinal QU em sentença encaixada sem marcação não manual específica QU.



IX (eu) 1 Área (perceber)3 PARECER



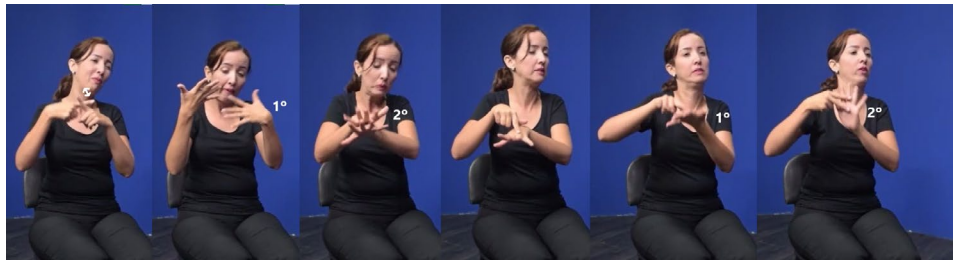
QUAL DISCIPLINA IX (eu) AFINIDADE EU GOSTAR

IX (eu) 1Área (perceber)3 PARECER QUAL DIS-
CIPLINA IX (eu) AFINIDADE EU GOSTAR



*Eu comecei a tentar identificar qual disciplina
sinto mais afinidade e gosto mais.*

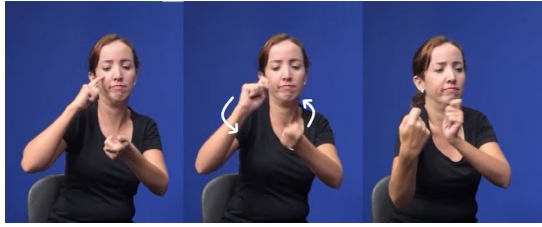
(77) Sentença encaixada com pronome relativo marcado lexicalmente associada à marcação não manual marcada pela boca e virada da cabeça.



PORQUE INCLUSÃO IX (inclusão) SIGNIFICA



O-QUE TER PROPOSTA COLOCAR-PESSOA



OLHAR

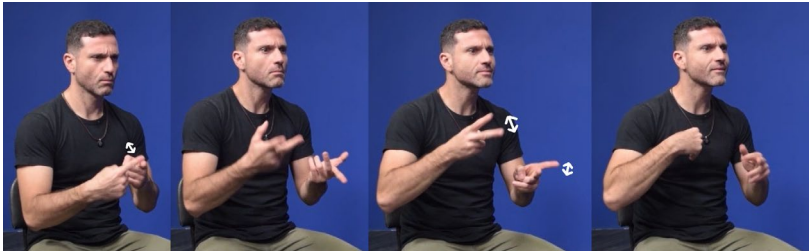
ADAPTAR

PORQUE INCLUSÃO IX (inclusão) SIGNIFICA
O-QUE TER PROPOSTA COLOCAR-PESSOA
OLHAR ADAPTAR



*Porque a inclusão significa que tem proposta de
colocar-
alunos e fazer adaptações.*

(78) Sentença como resposta a uma pergunta com ordem sob.

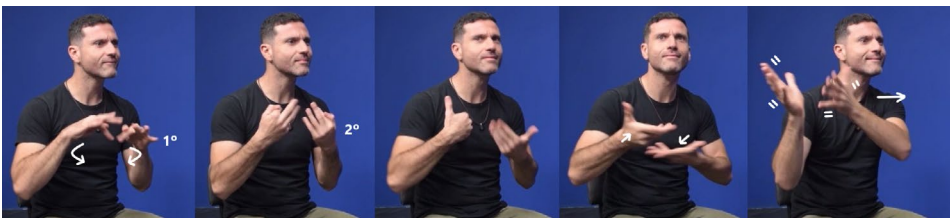


PORQUE

ENTÃO

MESMO

IX (eu)



FAMÍLIA

1INTERAGIR3

1LÍNGUA-DE-SINAIS (conversar)3

PORQUE ENTÃO MESMO IX (eu) FAMÍLIA 1IN-
TERAGIR3 1LÍNGUA-DE-SINAIS (conversar)3



*Porque sempre foi assim, eu interagia com
a família em Língua de Sinais.*

7.2.7 Construções negativas

Arrotéia (2005) apresenta uma descrição dos elementos negativos em Libras analisando suas interações nas sentenças. A autora identifica vários sinais e marcações não manuais que são marcados na produção de estruturas negativas. Quadros (1999) verificou que a negação comumente aparece na posição final da sentença, mas também pode aparecer antes dos verbos marcados com concordância, mas não com verbos sem concordância. No entanto, parece que a marcação não manual tende estar sobre todo o escopo do sintagma negado (algo do tipo de concordância da negação, conforme Quer (2012), aplicando-se tanto a recorrência manual e aos usos das marcações não manuais de negação). Seguem alguns exemplos com base na pesquisa desta autora.⁸

(79)

IX (eu)₁ [NÃO₁ VER_x x JOÃO] neg

Eu não vi o João.

(80)

IX (eu) [CONHECER JOÃO NÃO] neg

Eu não conheço o João

(81)

IX (eu) OUVIR **NEG-o-nãotenso**

Eu não ouço

(82)

*IX (eu) **NEG-o-nãotenso** OUVIR (agramatical)

(83)

IX (eu)₁ **NEG-o-nãotenso** xCONVIDAR₁

Eu não fui convidado.

Além desses elementos negativos analisados por Arrotéia (2004, 2005), a autora identificou mais alguns conforme seguem:

NINGUÉM-intermitente

NINGUÉM-NÃO-TER

NADA

NEG-o-tenso

⁸ Construções negativas (QUADROS, 1999; ARROTÉIA, 2005).

Também identificamos os seguintes nos dados do corpus de Libras:

NADA-acabar
ZERO-ninguém
ZERO

(84)



IX (eu) BRINCAR

NADA

SURDO

NADA

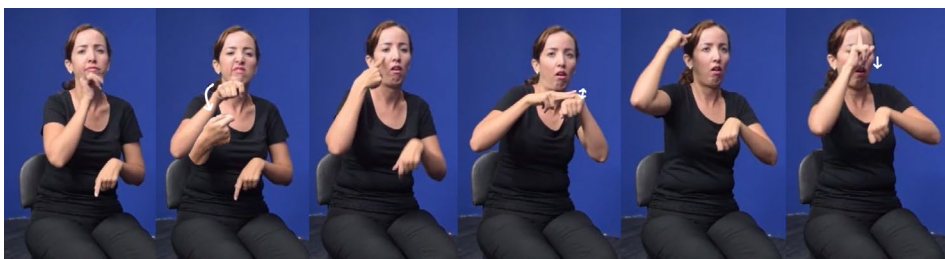
IX (eu) BRINCAR NADA SURDO NADA



Eu não tinha de brincar com surdos na escola.

Fonte: Royer (2019, p. 134).

(85) Sentença condicional com foco de ênfase na segunda parte da sentença que é negativa associada ao sinal NÃO e à marcação não manual de t.



[EXEMPLO

SINAL

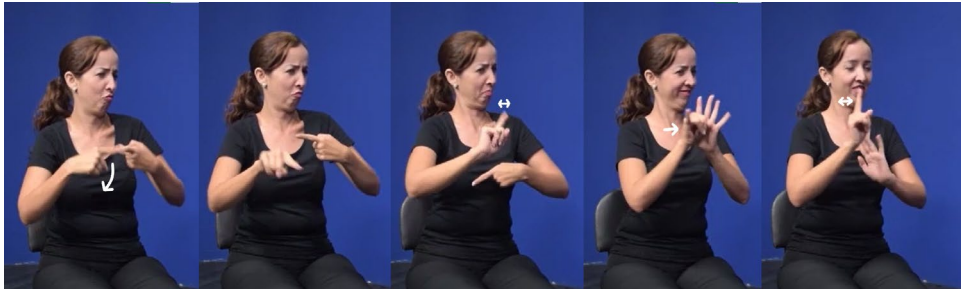
OLHO

VERDE

CABELO

AMARELO]

condição



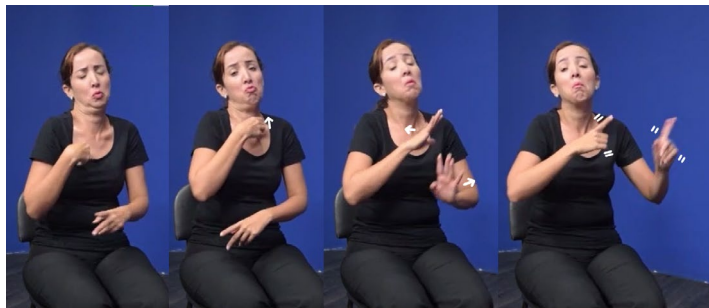
[COMBINAR-NÃO NÃO IDENTIDADE NÃO] negação-foco

[EXEMPLO SINAL OLHO VERDE CABELO AMA-
RELO] condição [COMBINAR-NÃO NÃO IDENTIDA-
DE NÃO] negação-foco



*Se o sinal é olho verde e cabelo amarelo, daí não
combina não.*

(86) Sentença adversativa marcada com foco contrastivo, com negação por meio do
sinal NADA-acabar associado à marcação facial de negação.



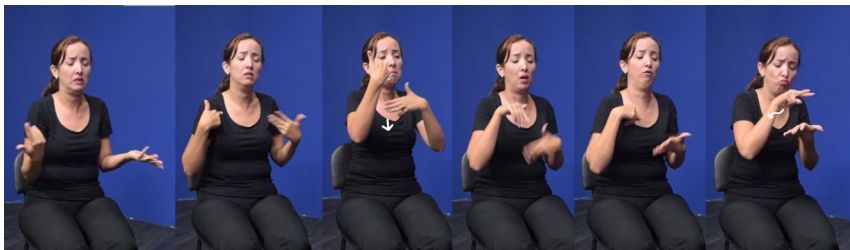
IX (eu) VOZ [neg] NADA-acabar [GESTUALIZAR]foco contrastivo

IX (eu) VOZ [neg] NADA-acabar [GESTUALIZAR]
foco contrastivo



Eu não usava voz, eu gesticulava.

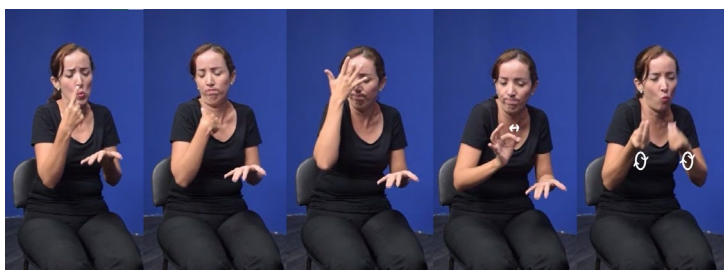
(87) Sentença coordenada com encaixada relativa marcada sutilmente com a virada da cabeça e a negação (incorporação da negação no verbo SABER-NÃO e o uso do item lexical de negação NEG-o-não-tenso associado à marcação de negação não manual).



ENTÃO

IX (eu) PROVA

IX (eu) LER-TEXTO



[UMA IX (eu)

SABER-NÃO

NEG-o-nãotenso COMO]

ENTÃO IX (eu) PROVA IX (eu) LER-TEXTO [UMA
IX (eu) SABER-NÃO NEG-o-nãotenso COMO]

*Eu peguei a prova e comecei a ler e tinha uma
questão que eu não sabia como fazer.*



(88) Sentença negativa com o zero na cabeça indicando a negação associada à marcação não manual na boca e com um movimento sutil de negação da cabeça.



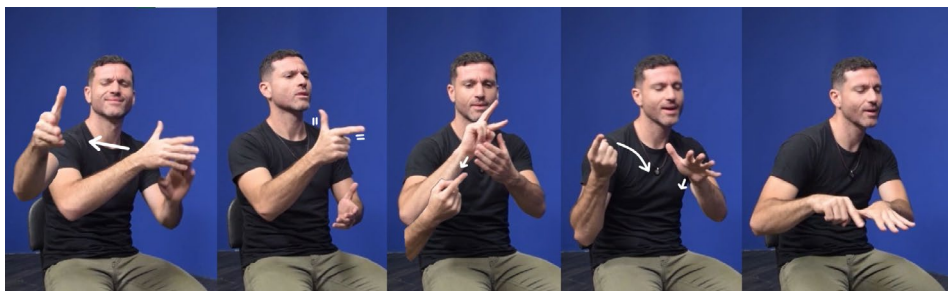
IX (eu) SABER-ZERO [neg]

IX (eu) SABER-ZERO [neg]

Eu não sabia de nada.



(89) Sentença temporal com negação.

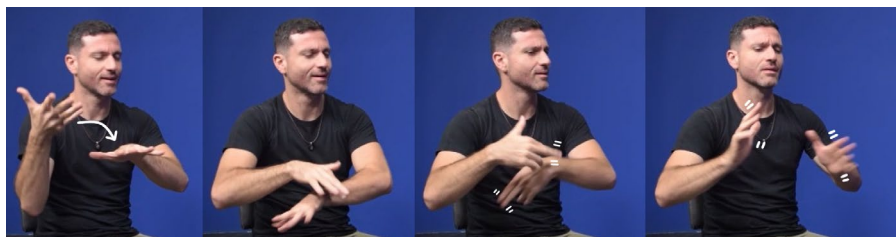


[DURANTE-TEMPO]

[TER-NÃO]

BILINGUE

INCLUSÃO₁



INCLUSÃO₂

DIVERSOS] NADA-acabar

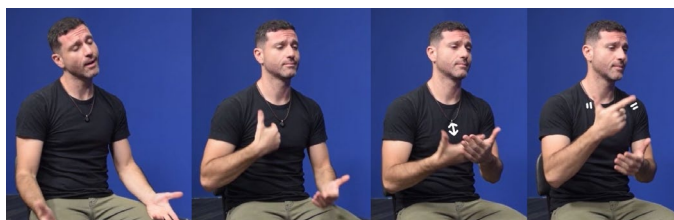
[DURANTE-TEMPO] [TER-NÃO BILINGUE
INCLUSÃO₁ INCLUSÃO₂ DIVERSOS]
NADA-acabar



Durante aquele período, não tinha (escola) bilíngue, inclusão e outros, (não tinha) nada.

No exemplo (89), a negação aparece incorporada ao verbo TER-NÃO e ao final com o sinal NADA-acabar, associada à marcação não manual ao longo da sentença negada.

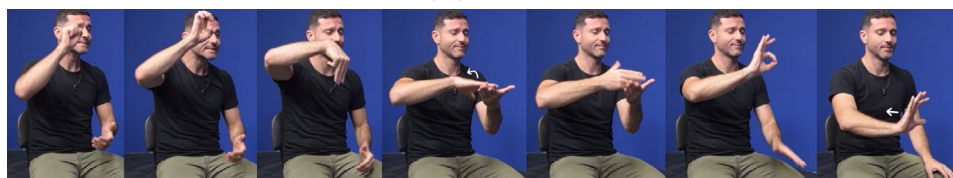
(90) Sentença com negação tripla (incorporada no verbo TER-NÃO, soletrada FS (sem), nos sinais NENHUM, ZERO e NADA-acabar.



ENTÃO

IX (eu) ESTUDAR

TER-NÃO



FS (sem) INTERPRETE

NENHUM ZERO NADA-acabar

ENTÃO IX (eu) ESTUDAR TER-NÃO FS (sem)
INTERPRETE NENHUM ZERO NADA-acabar



Então, eu escola não tive nenhum intérprete, zero, nada.

7.2.8 Pronome final

Arrotéia (2003; 2005) encontrou alguns exemplos de interação com a negação com sujeito final. Esse tipo de ocorrência foi atestado como agramatical por Ferreira-Brito (1995) e Quadros (1999); no entanto, realmente é possível haver sujeitos finais quando o sujeito é um pronome pessoal. Esse tipo de construção também foi atestado por Chen (1998) na ASL. Quadros e Karnopp (2004) apresentam esses exemplos apresentados a seguir a partir desses autores.

Pronome final (QUADROS e KARNOPP, 2004).

(91)

IX (ele)i CONSEGUIR PEGAR IX (ele)i

Ele consegue pegar.

(92)

IX (eu) IR AMANHÃ UFSC IX (eu)

Eu vou na UFSC amanhã.

(93) Sentença com sujeito-pronome final (VOS).



É

OUVINTE

IX (ele)

É OUVINTE IX (ele)



É ouvinte ele.

Esse tipo de produção acontece com pronomes que podem estar associado ao fato da indicação explícita à pessoa, tornando muito clara a correferência, portanto sendo licenciado.

Todos esses tipos de construção impactam na ordenação das sentenças na Libras. A ordem SVO é alterada diante da interação de vários mecanismos gramaticais. A seguir, aprofundamos a questão da estrutura informacional, considerando em mais detalhes as construções de topicalização e focalização.

7.3 Estrutura informacional e construções de topicalização e focalização

Guilherme Lourenço, Michelle Murta, Ronice Müller de Quadros

Até o momento, temos discutido diferentes tipos de sentenças em Libras, priorizando as discussões sobre ordem dos constituintes e também esclarecendo como sentenças copulativas, negativas e interrogativas funcionam na língua. Além do estudo dessas estruturas, interessa também à Sintaxe entender como os sinalizantes de Libras podem construir informações de diferentes maneiras na língua, a depender do conteúdo e da finalidade daquela informação. Assim, a estrutura linguística pode ser alterada a depender da informação a ser transmitida, resultando em diferentes maneiras de se organizar a sentença em Libras.

Por esse motivo que, universalmente, as línguas podem formular sentenças que se diferenciam em estrutura da chamada ordem básica da frase. Diferentes ordenações de constituintes são utilizadas a depender do contexto discursivo. Não há, portanto, dúvidas de que há uma relação entre os aspectos formais (estruturais) da língua e os aspectos comunicativos. Nos estudos gramaticais, chamamos essa relação entre a estrutura linguística e o conteúdo informacional a ser transmitido de **estrutura informacional** (HALLIDAY, 1967; CHAFE, 1987; PRINCE, 1981; LAMBRECHT, 1994; VAN VALIN, 2005).

Uma vez que o sinalizante constrói suas sentenças de maneira a atender as necessidades de seu interlocutor, diferentes conceitos passam a ser relevantes para a estrutura sintática, tais como a ideia de informação nova e a informação dada. Nesse sentido, o sinalizante vai sempre tentar definir que tipo de informação não é considerada nova, ou seja, é uma informação dada (“velha”) e que tipo de informação é nova para seu interlocutor. A depender da natureza da informação, a Libras pode alterar a ordem de seus constituintes, empregar diferentes padrões entonacionais e, até mesmo, empregar diferentes marcadores não manuais. É isso que observamos nas construções com topicalização e focalização que discutiremos a seguir.

Antes de prosseguirmos, é importante esclarecer os conceitos de tópico e foco e fazer uma distinção importante. Os termos tópico e foco, geralmente, são empregados a partir de noções pragmáticas de estrutura informacional. Tópico é normalmente definido como sendo “sobre o que a sentença trata” e geralmente é associado à ideia de informação dada/velha (REINHART, 1981). Por outro lado, Foco pode ser definido como sendo aquela informação que é colocada em evidência na sentença e que geralmente está associada a uma informação nova no discurso.

Essas diferentes noções de estrutura informacional podem ser marcadas nas línguas por meio de diferentes estratégias gramaticais, podendo essas serem morfológicas, sintáticas e/ou prosódicas. Nessa seção da gramática, interessam-nos as estratégias utilizadas pela Libras que são de natureza sintática, ou seja, que impactam

na estrutura da sentença. Essas estratégias são aquelas em que o item que expressa o tópico ou o foco passa a ocupar uma posição específica na frase, podendo haver uma mudança na ordem das palavras na sentença. Para evitar possíveis confusões entre os conceitos de tópico e foco da pragmática, chamaremos especificamente essas construções sintáticas de construções topicalizadas e focalizadas.

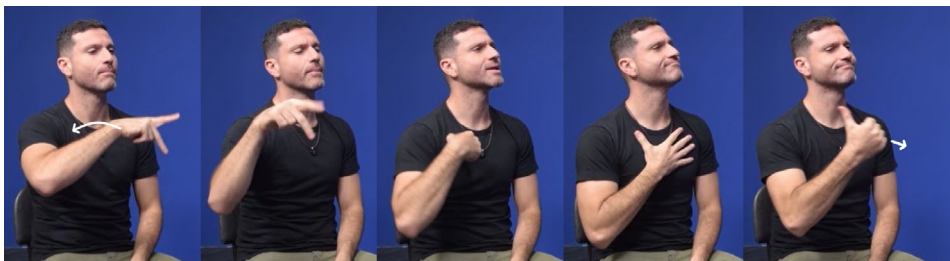
7.3.1 Construções topicalizadas

Em Libras, assim como em outras Línguas de Sinais, a marcação de tópico é bastante comum e são utilizadas estratégias tanto prosódicas quanto sintáticas. Quadros (1999) observa que, no caso de sentenças topicalizadas, o tópico ocupa a posição inicial da sentença, é separado do restante da frase por uma breve pausa e, ainda, possui um marcador não manual específico que é o levantamento da sobrancelha. (QUADROS e KARNOPP, 2004; FIGUEIREDO e LOURENÇO, 2018).

(94) [FUTEBOL] top JOÃO GOSTAR QUADROS, 1999, p. 234).

De futebol, o João gosta.

(95) Sentença com tópico (OSV).



[PROFESSOR]_{tópico}

IX (eu) GOSTAR E(positivo)

[PROFESSOR]_{tópico} IX (eu) GOSTAR E(positivo)



O professor, eu gostei muito, bom mesmo.

Observe que em ambas as sentenças acima, o objeto sintático da oração se move para a posição inicial da frase e passa a ocupar a posição de tópico. Além disso, esse objeto é pronunciado com o levantamento da sobrancelha e há uma breve pausa entre o tópico e o restante da sentença.

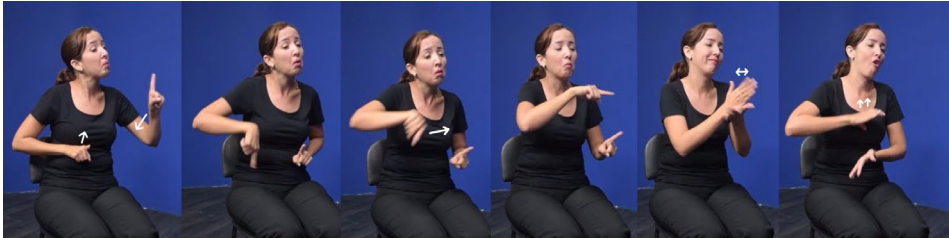
Vale apontar ainda que o tópico pode ser seguido de uma sentença afirmativa, negativa ou até mesmo de uma interrogativa, como no exemplo a seguir:

(96) [FUTEBOL]top [JOÃO GOSTAR] s/n

De futebol, o João gosta?

Outra característica de construções topicalizadas é a de que quando o item é topicalizado, é necessário mover todo o constituinte para a posição inicial da sentença, conforme observamos no exemplo a seguir. Observe que todo o constituinte [PRIMO IX (eles), ALGUNS CODA] é movido para a posição inicial da sentença.

(97)

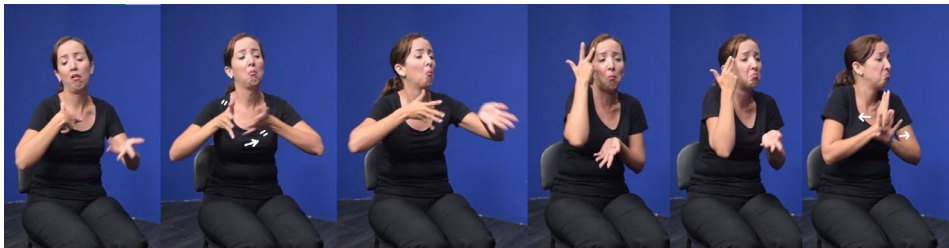


[PRIMO

IX(eles)

ALGUNS

CODA]tópico



IX (eu)

LÍNGUA-DE-SINAIS

NORMAL

SÓ

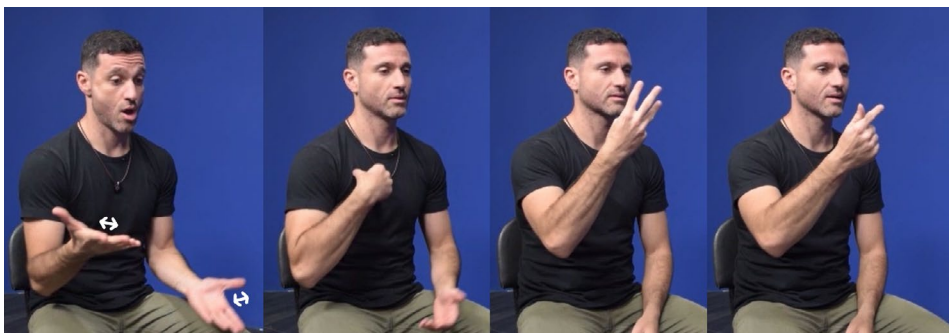
[PRIMO IX (eles), ALGUNS CODA]tópico IX (eu)
LÍNGUA-DE-SINAIS NORMAL SÓ



*[Meus primos, alguns Codas], eu sinalizava
[com eles] normalmente.*

Além da topicalização do objeto, outros itens da sentença também podem ser topicalizados, por exemplo, advérbios. Veja o exemplo abaixo:

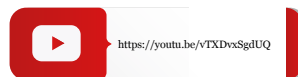
(98) Sentença com o advérbio topicalizado.



[AGORA]_{tópico} IX (eu) 37

[AGORA]_{tópico} IX (eu) 37

Agora, estou com 37 anos.



Outros exemplos de topicalização encontrados no Corpus de Libras são apresentados a seguir:

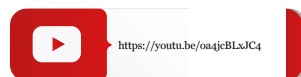
(99)



[ALGUNS UM ALGUNS]_{tópico} SABER LÍNGUA-DE-SINAIS

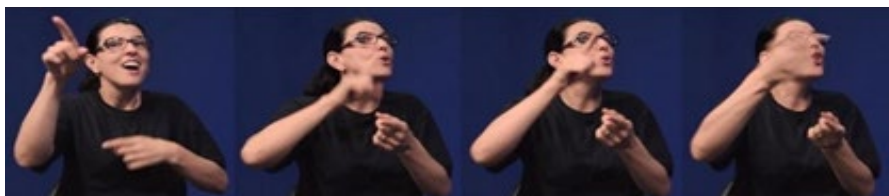
[ALGUNS UM ALGUNS]_{tópico} SABER LÍNGUA-
-DE-SINAIS

Alguns sabem Língua de Sinais.



Fonte: Royer (2019, p. 131).

(100)



[[IX (ifsc) TER UM NOVO] _{tópico}



IX (intérprete) INTÉRPRETE

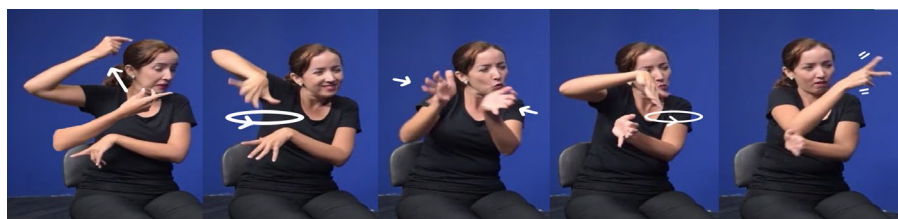
[IX (ifsc) TER UM NOVO] _{tópico} IX (intérprete)
INTÉRPRETE



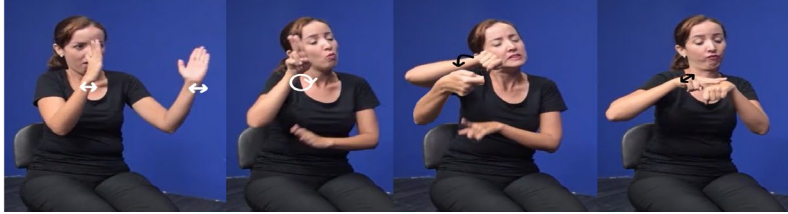
O IFSC tem um novo intérprete.

Fonte: Royer (2019, p. 131).

(101) Sentença com tópico oracional.



[TEMPO-ATRÁS Área GRUPO Área DELE



Período] _{top} USAR SINAL VERDE

[TEMPO-ATRÁS Área GRUPO Área DELE

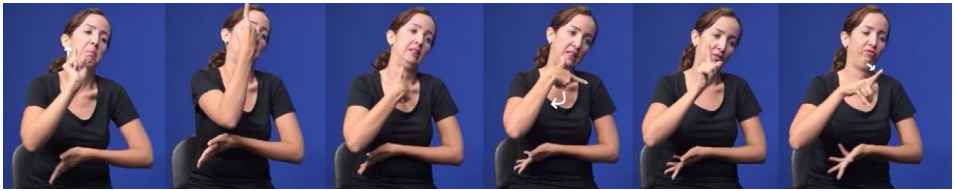
Período] _{top} USAR SINAL VERDE



[*Há tempo atrás, o grupo dele, naquele período*]

top, usava o sinal de VERDE (variante do INES desta época).

(102) Sentença com tópico oracional.



[PRIMEIRO IX (eu) LÍNGUA É



LÍNGUA-DE-SINAIS NATURAL] _{tópico} SINIALIZAR+

[PRIMEIRO IX (eu) LÍNGUA É

LÍNGUA-DE-SINAIS

NATURAL] _{tópico} SINIALIZAR+



*A minha primeira língua é a Língua de Sinais,
daí sinalizo sempre.*

(103) Sentença tópico oracional SVO e hipotaxe sem marcação manual associada à negação.



X(eu) 1EM-PÉ (fui) AULA

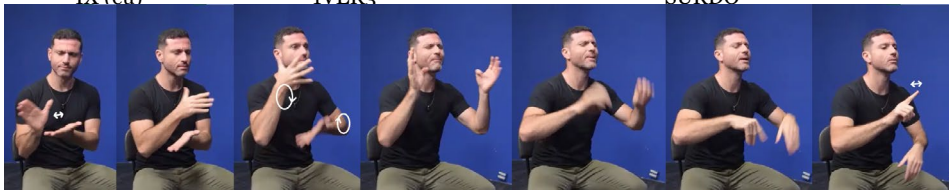
SALA] _{tópico}



IX (eu)

1VER3

SURDO



ALGUNS

LINGUA-DE-SINAIS

FS(bem)

NÃO

[IX (eu) 1EM-PÉ (fui) AULA SALA] _{tópico} IX (eu)
 1VER3
 SURDO ALGUNS LINGUA-DE-SINAIS FS (bem)
 NÃO



[Eu fui estudar na sala] então eu vi que alguns surdos não sinalizavam bem. (usou o verbo IR-EM-PÉ que é uma expressão que significa ir de corpo presente, o verbo IR incorpora o classificador de pessoa de pé).

(104) Sentença com tópico associada oração temporal



ENTÃO [MATEMÁTICA]_{tópico} IX (eu) PROFESSOR
1ENSINAR3 IX (eu) JÁ ANOS ESCOLA-SANTA-
TERESINHA IX (esse)



*Matemática, eu era professor e ensinava há muitos
anos Escola Santa Teresinha.*

Além das construções topicalizadas apresentadas acima, em que há o movimento de um elemento da frase para a posição inicial da sentença, há ainda duas outras construções que também envolvem essa posição inicial e possuem algumas características semelhantes com a topicalização.⁹ As sentenças com tópicos gerados na base, também chamadas de sentenças com tópico suspenso (*hanging topic*), e as orações com deslocamento à esquerda (*left dislocation*). Apesar de semelhantes, porém essas construções apresentam diferenças em sua estrutura sintática (WILBUR, 2012).

Sentenças com tópico suspenso são aquelas em que o elemento na posição inicial, a posição de tópico, não está integrado sintaticamente à oração principal, apenas semanticamente. Nessas construções, esse elemento é gerado já na posição de tópico, não havendo, portanto, alçamento de nenhum constituinte da oração para essa posição inicial. É interessante observar também que a relação semântica do tópico suspenso se dá com algum elemento da oração principal e essa relação pode ser, por exemplo, uma relação de subcategorização ou de hiperonímia. Veja

⁹ As construções com tópico suspenso e as construções com deslocamento à esquerda frequentemente marcam elementos que são, efetivamente, tópicos. Porém, é preciso destacar que essa posição inicial também pode carregar elementos que possuem estrutura informacional de foco (WILBUR, 2012), conforme veremos a seguir nas construções focalizadas.

o exemplo a seguir:

(105) [FACULDADE]_{top IX} (eu) ESTUDAR LETRAS-LIBRAS
No que diz respeito à faculdade, eu estudei Letras-Libras.

Passemos agora para as sentenças com deslocamento à esquerda. Nessas construções, o elemento que ocupa a posição inicial da sentença mantém uma relação de correferência com algum constituinte da oração principal, mas ele não se move de uma posição original interna à oração principal. Assim, sentenças com deslocamento à esquerda apresentam um tópico que também pode ser considerado como sendo gerado naquela posição, mas que é retomado na oração principal, muitas vezes, por um pronome resumptivo, conforme exemplo a seguir:

(106) [JOÃO]_p top IX (eu) GOSTAR IX_p
O João, eu gosto dele.

Fonte: Lourenço (2018, p. 227).

Observe que no exemplo acima, o tópico JOÃO estabelece uma relação de correferência com o objeto da frase, o pronome indexical. Porém, apesar dessa relação de correferência, o elemento JOÃO é gerado já na posição inicial e não está integrado sintaticamente à oração principal.

7.3.2 Construções focalizadas

Foco, conforme discutido anteriormente, é uma categoria de estrutura informacional que corresponde ao constituinte que apresenta uma informação nova, que ainda não é conhecida pelo interlocutor da mensagem (HALLIDAY, 1967; JACKENDOFF, 1972). Além disso, é importante destacar que foco é uma propriedade também relacional, ou seja, pode indicar a proeminência de um item em relação ao discurso ou a outros elementos da sentença (LAMBRECHT, 1994).

Assim como tópico, foco pode ser marcado não somente na sintaxe, mas também por aspectos entoacionais. Contudo, neste capítulo discutiremos as construções em que o elemento que recebe foco possui uma distribuição sintática específica. Em especial, trataremos da posição final da sentença em Libras.

Em sua análise da estrutura da frase em Libras, Quadros (1999) observou que a posição final da sentença pode ser utilizada para marcar elementos proeminentes no discurso.¹⁰ Assim, foco de ênfase (ou foco enfático) em Libras é marcado quando o constituinte passa a ocupar a posição final da sentença. Além disso, o elemento focalizado pode aparecer duas vezes na sentença, uma em sua posição original e outra na posição final da sentença ou ainda apenas uma vez, na posição final. Nesse caso, a sentença continua tendo duas cópias do elemento focalizado, porém

¹⁰ Ver também Lillo-Martin e Quadros (2008) e Nunes e Quadros (2008).

apenas uma delas é pronunciada e a outra é apagada no componente fonético. É por esse motivo que essas construções de foco enfático também são chamadas de construções de redobro ou duplicação (doubling).

Observe que nos exemplos a seguir, o elemento focalizado pode ser pronunciado duas vezes ou então ter uma das cópias apagadas. Nesse caso, a cópia pronunciada será sempre aquela que ocupa a posição final da sentença. Adicionalmente, Quadros (1999) observa que o elemento focalizado e que ocupa a posição final da sentença é acompanhado por um aceno de cabeça.

(107) IX (eu) PODER IR FESTA [PODER]aceno-cabeça

Eu posso ir na festa, posso sim.

(108) IX (eu) PØDER IR FESTA [PODER]aceno-cabeça

Outra característica importante do foco enfático é que pode haver o redobro de diferentes núcleos dos sintagmas, sejam eles verbos, nomes, advérbios e até mesmo adjetivos. A Libras permite, inclusive, o redobro da negação.

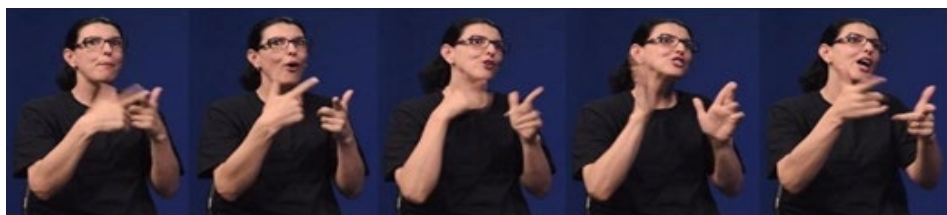
(109) IX (eu) NÃO IR FESTA NÃO

Eu não vou à festa não.

(110) IX (eu) NÃØ IR FESTA NÃØ

Nos dados dos surdos da Grande Florianópolis analisados por Royer (2019) foram encontrados exemplos com foco, assim como nos dados dos Surdos de Referência analisados para esta gramática.

(111)



PORQUE

EU

JÁ

PEDIR



-LICENÇA

GRAVIDEZ

PEDIR-LICENÇA

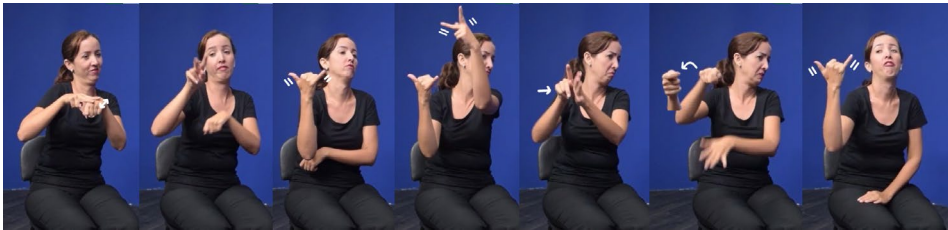
PORQUE EU JÁ PEDIR-LICENÇA GRAVIDEZ
PEDIR-LICENÇA

Eu pedi licença devido à minha gravidez.



Fonte: Royer (2019, p. 130)

(112) Sentença com foco de ênfase



(esse-sinal) VERDE_(variante-INES) VIRAR [VERDE (sinal-Marisa)]_{foco} DELE PROPRIO SINAL
[VERDE (sinal-Marisa)]_{foco+eyegaze}

(esse-sinal) VERDE_(variante-INES) VIRAR [VERDE
(sinal-Marisa)]_{foco} DELE PROPRIO SINAL
[VERDE
(sinal-Marisa)]_{foco+eyegaze}

Aí (esse) VERDE_(variante-INES) virou o VERDE<sub>(sinal-Ma-
risa)?</sub>
segundo padrão do próprio sinal do VERDE
(sinal-Marisa) deles



(113)



IX (eu) [OLHO]_{foco}

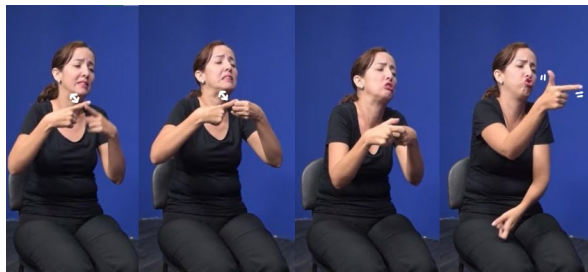
VERDE [OLHO]_{foco}

IX (eu) [OLHO]_{foco} VERDE [OLHO]_{foco}

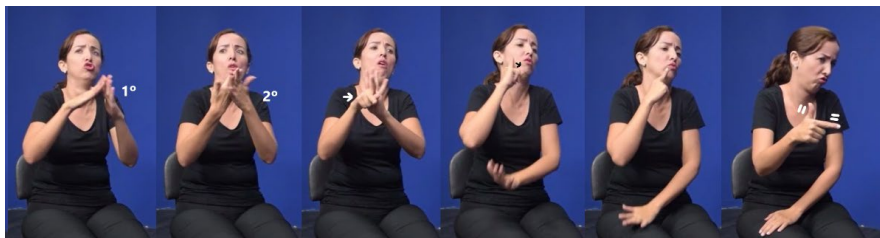
Eu tenho olhos verdes.



(114) Sentença com foco de ênfase e negação



[PORQUE CIDADE PEQUENO] TER-NÃO



ESCOLA

PRÓPRIA

SURDO

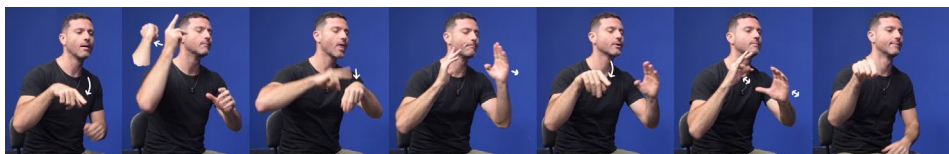
TER-NÃO

[PORQUE CIDADE PEQUENO] **TER-NÃO**
 ESCOLA PRÓPRIA SURDO **TER-NÃO**

Porque a cidade é pequena, não tem escola específica para surdos.



(115) Sentença com foco de ênfase.



É

FAZ-TEMPO

MOMENTO

PERÍODO

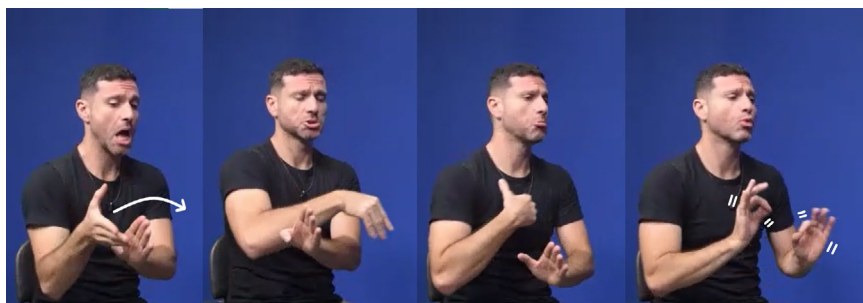
É **IX (isso)** COMUNICAÇÃO-TOTAL **IX (isso)**

É FAZ-TEMPO MOMENTO PERÍODO É **IX (isso)**
 COMUNICAÇÃO-TOTAL **IX (isso)**

É faz tempo, naquele período era isso mesmo, comunicação total.

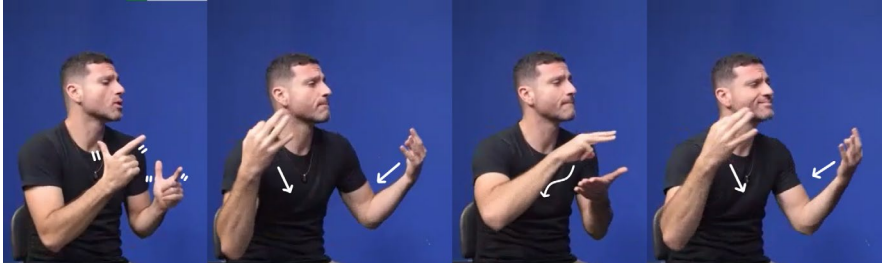


(116) Sentença temporal com negativa com foco de ênfase.

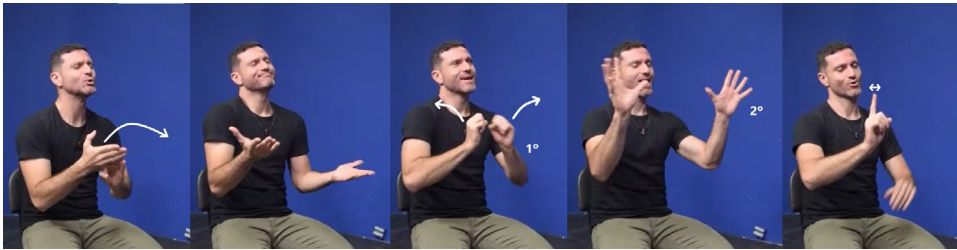


[ANTERIORMENTE

IX (eu) NENHUM



TER-NÃO PERFEITO METODOLOGIA PERFEITO



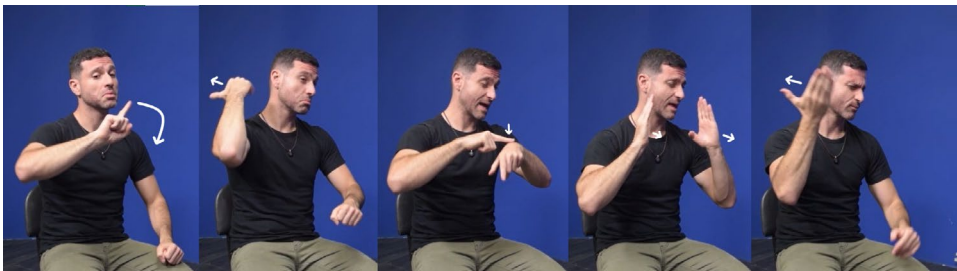
ANTERIORMENTE] foco-ênfase ENTÃO [neg] CLARO [neg] NÃO

[ANTERIORMENTE IX (eu) NENHUM TER-NÃO PERFEITO METODOLOGIA PERFEITO ANTERIORMENTE] foco-ênfase ENTÃO [neg] CLARO [neg] NÃO

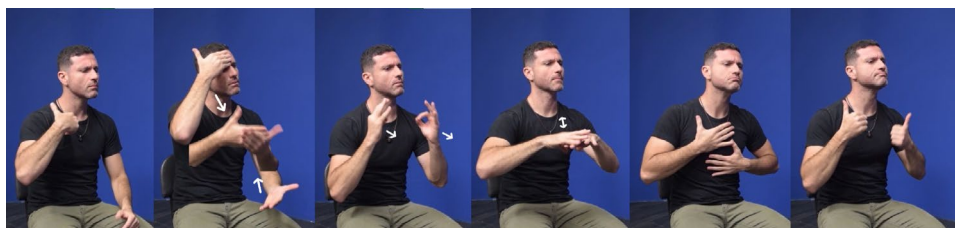


Antes, eu não-tive acesso a uma metodologia certa antes, não era claro.

(117) Sentença com foco de ênfase, oração temporal e com oração encaixada.



[DEPOIS PASSADO MOMENTO Período PASSADO]



[IX (eu) ACREDITAR CERTO MATEMATICA POSS(meu) E(positivo)]

[DEPOIS PASSADO MOMENTO Período PASSADO]

[IX (eu) ACREDITAR CERTO MATEMATICA
POSS (meu) E(positivo)]

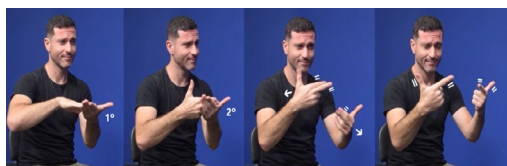


Depois, no passado naquele período passado, eu acreditei que matemática era algo que eu gostava.

(118) Sentença temporal com foco de ênfase em NÃO-TER.



ANTES TER-NÃO OBRIGAR [neg] TER-NÃO



INTERPRETE [neg] COISA [neg] TER-NÃO

ANTES TER-NÃO OBRIGAR [neg] TER-NÃO
INTERPRETE [neg] COISA [neg] TER-NÃO.

*Antes não-tinha obrigação não-tinha intérprete
e outras coisas não-tinha+.*



Quadros (1999) observa também que o redobro deve respeitar as fronteiras da

oração. Por isso, quando há uma sentença complexa, o redobro deve estar contido na oração que hospeda o elemento focalizado. No caso de uma oração subordinada, o redobro acontecerá no limite da oração encaixada e não na posição final da frase como um todo. Observe os exemplos a seguir extraídos de Quadros (1999, p. 222) em que temos a focalização de um elemento da oração relativa. Note ainda que o redobro ocupando a posição final da oração principal não é gramatical em Libras.

(119) MENINA [BICICLETA CAIR] FICAR HOSPITAL

A menina que caiu da bicicleta está no hospital.

(120) MENINA [BICICLETA CAIR BICICLETA] FICAR HOSPITAL

(121) *MENINA [BICICLETA CAIR] FICAR HOSPITAL BICICLETA

Além das estruturas com foco enfático, também têm sido analisadas em Libras as estruturas com foco contrastivo. O foco contrastivo quando um elemento da sentença é focalizado de modo a oferecer um contraste ou uma correção de uma informação anterior (MIOTO, 2004, p. 169). Há, portanto, nas palavras de Minuzzi (2012, p. 97), “a asserção de uma proposição e a negação de (pelo menos) uma proposição alternativa”.

Em Libras, duas estruturas distintas foram identificadas que envolvem a marcação de foco contrastivo. A primeira delas, descrita por Lillo-Martin e Quadros (2008), trata do movimento do constituinte que carrega o contraste para a posição inicial da sentença.¹¹ Mas, nesse caso, trata-se de informação nova e contrastiva.

(122) Foco contrastivo em posição inicial da sentença:

Pergunta: Que livro você leu? O livro do Saussure?

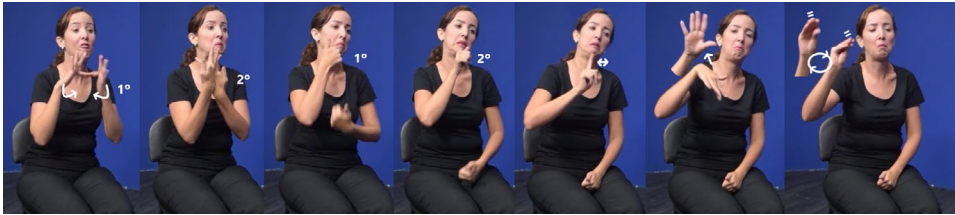
Resposta: [LIVRO JAIRO] IX(eu) LER

‘Eu li o livro do Jairo (não o do Saussure).’

Também encontramos exemplos de foco contrastivo marcado em posição inicial da sentença no Corpus de Libras:

¹¹ Repare que essa pode ser considerada uma operação de topicalização, que descrevemos na seção anterior. Por esse motivo, alguns autores chamam essa operação de topicalização para fins de foco contrastivo (WILBUR, 1997).

(123) Foco contrastivo.



[FAMÍLIA

MÃE

NÃO] foco-contrastivo MAIS

FALAR-ORAL

[FAMÍLIA MÃE NÃO] foco-contrastivo MAIS
FALAR-ORAL



*Diferentemente da família da minha mãe,
que usa mais da oralidade.*

Outra possibilidade de marcação de foco contrastivo em Libras se dá pelo movimento do constituinte para a posição final da sentença, conforme apontam Arrotéia (2003) e Quadros e Karnopp (2004). Vale mencionar ainda que o foco contrastivo em posição final de sentença pode resultar na ordem VOS da frase em Libras.

(124) Foco contrastivo em posição final da sentença:

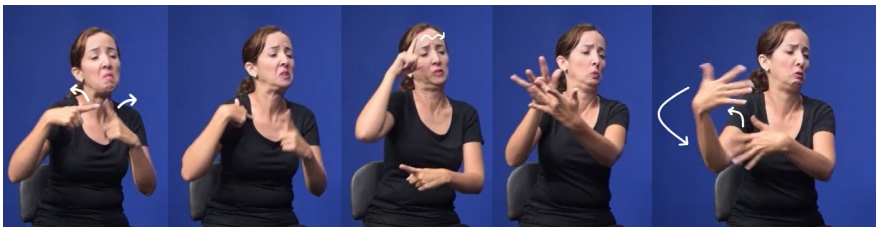
Asserção: A Maria comprou um carro.

Contraste: NÃO. COMPRAR CARRO [JOÃO]foco

‘Comprou o carro, o João (não a Maria).’

Foco contrastivo marcado em posição final da sentença também foi encontrado no Corpus de Libras:

(125) Sentença adversativa marcada com o item lexical ‘MAS’ associado à marcação não manual marcada pelo corpo e pela expressão facial e associada ao foco contrastivo (com marca não manual de foco).

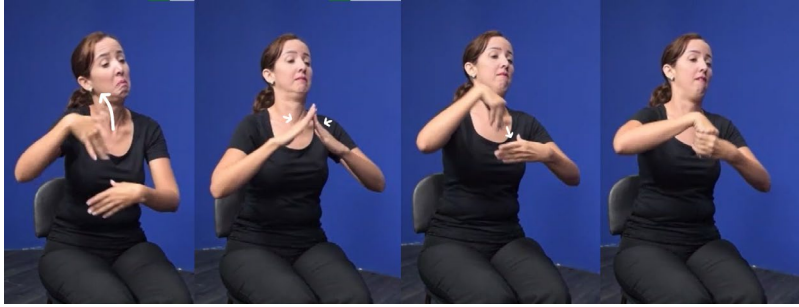


MAS

IX (eu) DIFICIL

CONTATO

DEPOIS



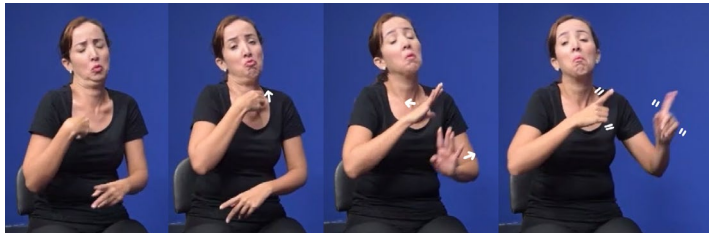
[MAIS CASA DENTRO] _{foco-contrastivo}

MAS IX (eu) DIFICIL CONTATO DEPOIS [MAIS
CASA
DENTRO] _{foco-contrastivo}



Mas eu dificilmente tinha contato com eles, tinha sim mais contato dentro de casa.

(126) Sentença adversativa marcada com foco contrastivo, com negação.



IX (eu) VOZ [neg] NADA [GESTUALIZAR]foco contrastivo

IX (eu) VOZ [neg] NADA [GESTUALIZAR]foco
contrastivo



Eu não usava voz, gesticulava.

7.4 Construções copulativas

Ronice Müller de Quadros

O estudo sobre verbos copulativos na Libras parte de dados do Corpus da Libras para a análise dos predicados relacionais que são expressos por meio de verbo estativo, existencial ou de posse sem realidade fonética ou expressos por

meio dos sinais SER e TER na Libras. A proposta é descrever a constituição prediativa envolvendo esses tipos de verbos relacionais nessas duas Línguas de Sinais, a partir de discussões linguísticas prévias apresentadas em outras línguas. Avelar (2004, 2009) propõe que os verbos ‘ser’, ‘estar’, ‘ter’, ‘haver’ apresentam uma mesma base. Como esses verbos podem ser copulativos, existenciais, estativos e possessivos em diferentes línguas, podem ser manifestados nas línguas com ou sem expressão fonética, pois estão associados a traços formais: BE = [+copulativo] e HAVE = [+copulativo, +preposição].

A consequência desta proposta é que se torna fundamental acessar as informações semânticas para identificar a interpretação respectiva de cada verbo: se possessivo, se existencial ou se copulativo. O verbo existencial toma como complemento uma preposição abstrata responsável pelas relações: (i) possuidor-possuído; (ii) controlador-controlado; (iii) experienciador-experienciado; (iv) todo-parte. O pronome ‘você’ se apresenta como referência genérica na posição de sujeito de construções com ‘ter’, instâncias de marcação possessiva não existencial. A estrutura interna de posse e existência seria então um predicado locativo, com as duas expressões diferindo superficialmente das estritamente locativas por propriedades associadas a efeitos de definitude. Essa proposta capta o paralelismo temático existente entre esses verbos em diferentes línguas (LYONS 1968; CÂMARA JR. 1973; AVELAR, 2004, 2009; KAYNE, 1993 e HORNSTEIN et al. 2002): (a) Inglês - ‘be’ (copulativo e existencial) and ‘have’ (posse); (b) Francês - ‘avoir’ (posse e existencial) e ‘être’ (estativa); (c) Língua Portuguesa brasileira - ‘ter’ (existência e posse), ‘ser’ (copulativa que indica estado permanente) e ‘estar’ (estado transitório); (d) Espanhol e Língua Portuguesa de Portugal - ‘haver’/‘haber’ (existencial), ‘ter’/‘tener’ (possessiva) e ‘ser’/‘estar’ (copulativa); (e) finlandês, verbos que expressam posse, cópula e existência são os mesmos.

Na Libras, identificamos predicados que marcam tais relações sem conteúdo fonético, ou com dois verbos: É (ser) e TER (ter e haver) apresentando informação copulativa, existencial e de posse. Os dados foram baseados em produções de surdos fluentes em Libras do Corpus de Libras, integrantes da proposta de documentação da Libras (QUADROS et al. 2018, 2019). Quando as ocorrências não apresentam o material fonético, parece que não há um verbo no predicado. Assim, podemos ter uma oração sujeito-predicado, normalmente o predicado com sintagma adjetival, sintagma preposicional ou um adjunto de lugar.

Os dados analisados indicam a possibilidade de tratar verbos copulativos, existenciais e de posse nesta língua com ou sem realização fonética a partir da mesma base associados aos traços formais propostos por Avelar (2004, 2009), captando assim a interpretação semântica associada nesses predicados podendo ser [+copulativa] e [+copulativa, +preposição] indicando estado, existência ou posse. Identificamos ocorrências que manifestam as três interpretações tanto sem realização fonética como com realização fonética por meio dos seguintes sinais:

Figura 4: É (ser)

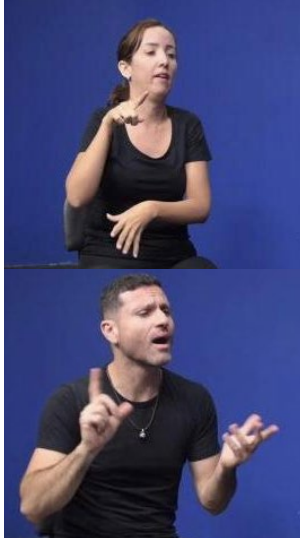
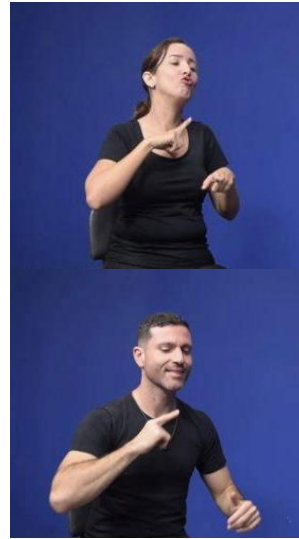


Figura 5: TER (ter/haver)

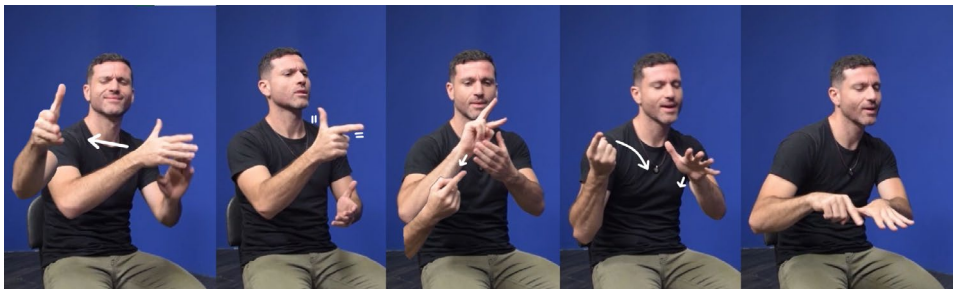


O sinal 'É' que pode ser traduzido pelo verbo 'ser' com suas respectivas conjugações verbais não apresenta marcação temporal nem outra marcação morfológica. É um verbo que sempre acontece na forma É. O verbo 'TER' pode aparecer com a incorporação da negação TER-NÃO, assim como acontece com outras formas verbais na Libras. Tanto o verbo 'É' como o verbo 'TER' podem também ser associados à informação aspectual marcados pelo movimento repetido intermitente.

A seguir, apresentamos alguns exemplos deste tipo de oração.

Exemplo de predicado com existencial com o sinal TER-NÃO e na sequência predicado estativo 'É':

(127) TER-NÃO existencial + É ligação.

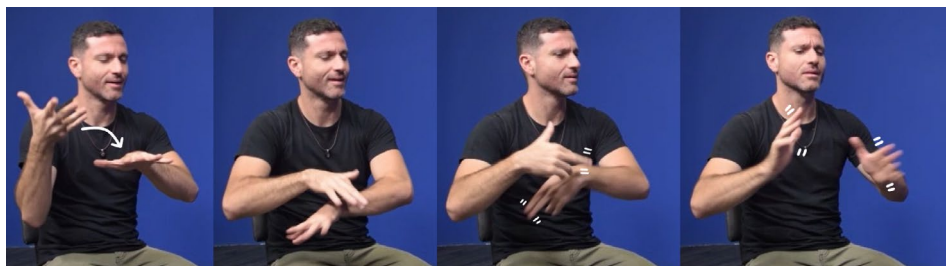


DURANTE-PERÍODO

TER-NÃO

BILINGUE

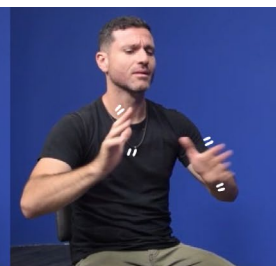
INCLUSÃO



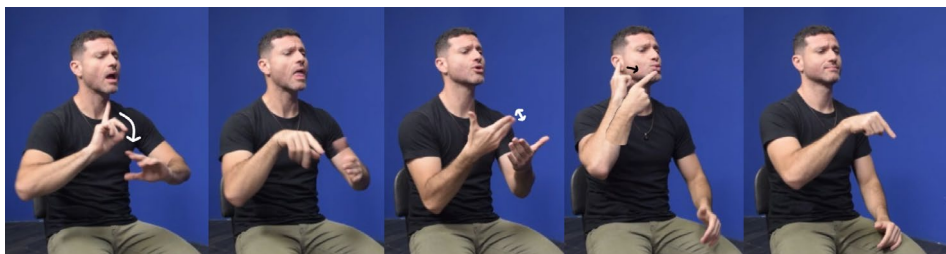
INCLUSÃO



COISAS



NADA



É



ESCOLA



SURDOS



IX (esse)

DURANTE-PERÍODO **TER-NÃO** BILINGUE
 INCLUSÃO INCLUSÃO COISAS NADA É
 ESCOLA SURDOS IX (esse)



Naquele período não tinham escolas bilíngue e inclusivas e outros tipos, era escola de surdos.

O próximo exemplo apresenta duas ocorrências do sinal ‘TER’ com significado existencial.

(128) TER existencial.



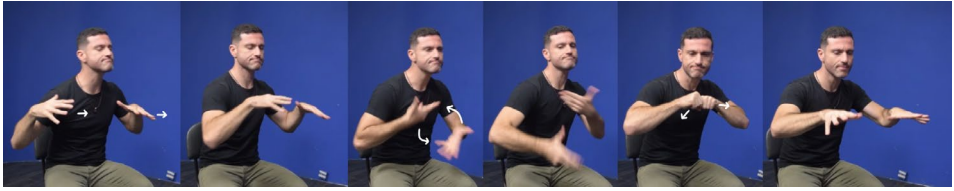
TER

MOMENTO

LADO

PALESTRA

SEMINARIO



MANIFESTAÇÃO

INTERAGIR

ESPALHAR



TER

MOMENTO

LADO

IGNORAR

NÃO



IX (eles)

PRECISAR

MAIS

IMPORTANTE



CONTATO

ABSORVER

TER MOMENTO LADO PALESTRA SEMINARIO
 MANIFESTAÇÃO INTERAGIR ESPALHAR, **TER**
 MOMENTO LADO IGNORAR NÃO IX (eles)
 PRECISAR MAIS IMPORTANTE CONTATO
 ABSORVER



De um lado temos palestras, seminários e manifestações nas quais há interação e difusão [das propostas], por outro lado, temos [os surdos] que não podem ser ignorados, isso não pode acontecer, pois eles precisam ter contato para absorver [conhecimento].

Existiram momentos nesta fase com palestras, seminários, manifestações, interações que se disseminaram, mas existiram também outros momentos que não podíamos ignorá-los, porque eles também precisam de contato para absorver de todos nós.

Os dois exemplos a seguir apresentam ocorrências de ‘TER’ com significado de posse.

(129) TER posse.



VÁRIOS-COISAS

IX (eu) TER

CARRO



IX (eu)

TER

CELULAR

VÁRIOS-COISAS IX (eu) TER CARRO, IX (eu)
TER CELULAR.



São várias coisas, eu tenho carro, eu tenho
celular.

(130) TER posse.



POR CAUSA

IX (eu) FAMILIA

TER

BASICO

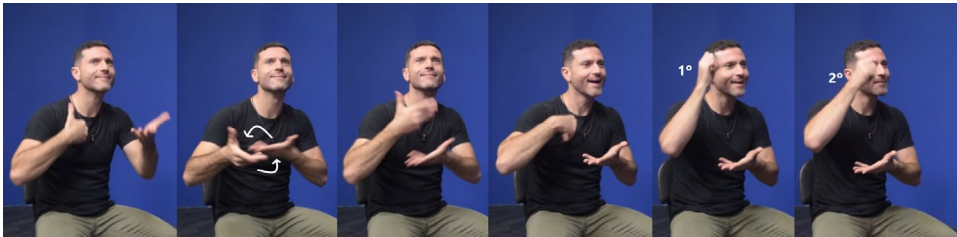
PORCAUSA IX (eu) FAMILIA TER BASICO



Porque minha família possui a base
(de Língua de Sinais).

Os três próximos exemplos apresentam o verbo ‘É’ com função copulativa, ou seja, como um verbo de ligação.

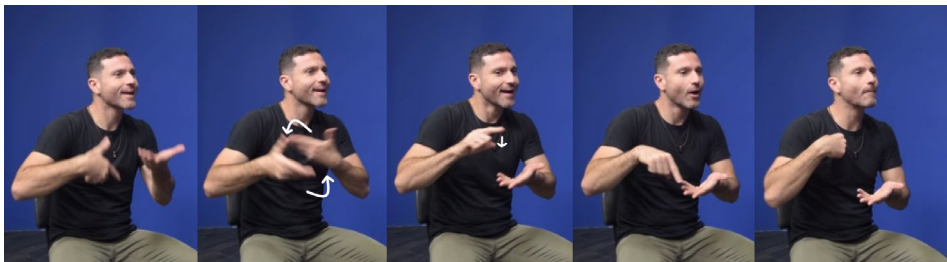
(131) É ligação.



INTERAGIR

IX(eu)

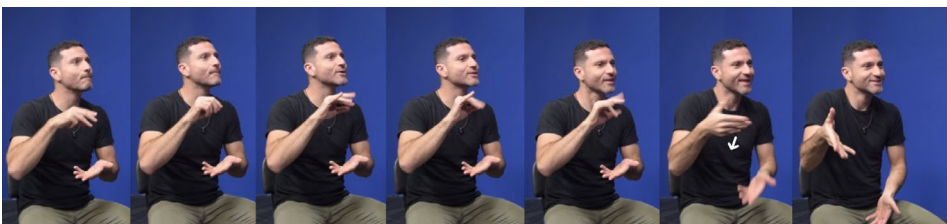
APRENDER



INTERAGIR

É

IX (EU)



M-O-T-I-V-O

IX (esse)

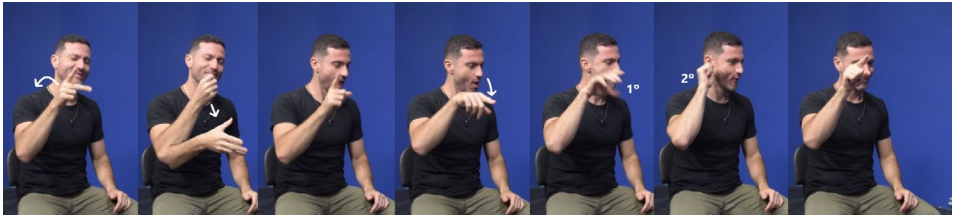
INTERAGIR IX (eu) APRENDER INTERAGIR

É IX(EU) M-O-T-I-V-O IX (esse)

Eu interagia (em Língua de Sinais com outras pessoas), assim eu aprendi e esse é o motivo.



(132) É ligação.



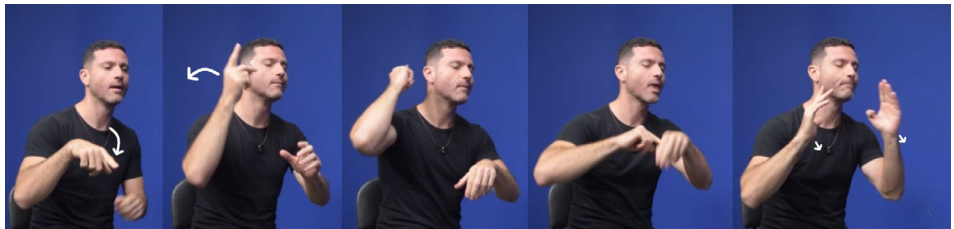
PROFESSOR BOM, É OUVINTE IX (ela)

PROFESSOR BOM, É OUVINTE IX (ela)

A professora era boa, ela era ouvinte.



(133) É ligação.



É FAZ TEMPO MOMENTO



É CT IX (isso) ORALIZAR

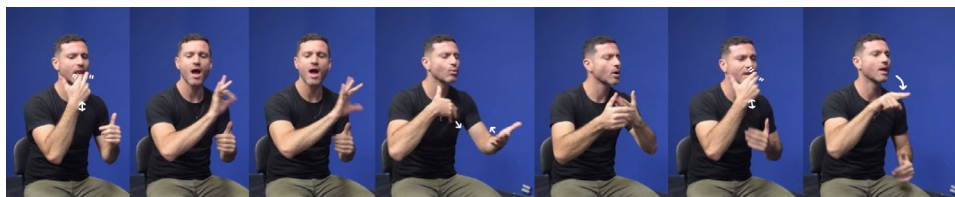
É FAZ TEMPO MOMENTO É CT IX
(isso) ORALIZAR

É que naquele tempo era comunicação
total e oralização.



O exemplo a seguir apresenta uma ocorrência com o verbo de ligação ‘É’,
função copulativa, e na sequência, o verbo TER com sentido de posse.

(134) É ligação e TER posse.



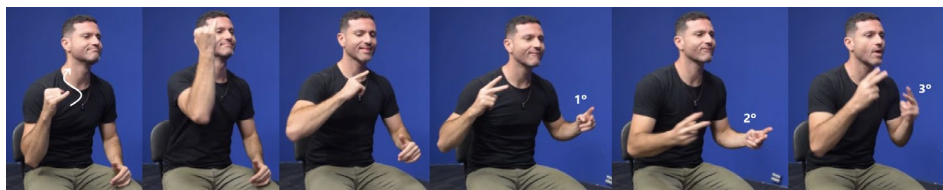
LÍNGUA

CADA

QUALQUER

LÍNGUA

É



IMPORTANTE

TER

VALOR

QUALQUER LÍNGUA É IMPORTANTE,
TER VALOR



Qualquer língua é importante e possui valor.

A partir dos dados analisados, conclui-se, portanto, que a Libras indica a existência de uma base comum para os verbos copulativos, existenciais e de posse, assim como identificado em outras línguas. Este estudo apresenta cunho descritivo para composição dos estudos gramaticais da Libras. É um estudo que está sendo produzido também em comparação com a Língua de Sinais espanhola (QUADROS, BAÉZ E FERNANDEZ, em elaboração) e será aprofundado considerando essas análises comparativas entre Línguas de Sinais

Neste capítulo, apresentamos aspectos da estrutura da frase na Libras. Iniciamos com a análise da configuração dos sintagmas nominais na Libras, a partir do estudo de Almeida-Silva (2019). Então, adentramos a ordenação das orações na Libras que identificou a ordem básica SVO (QUADROS, 1999; ROYER, 2019). A partir dessa ordenação mais básica, identificaram-se outras possíveis ordenações associadas aos diferentes aspectos gramaticais, entre elas, a composição morfológica dos verbos que quanto mais complexas parecem implicar alteração desta ordem; os tipos de oração e as orações que apresentam uma estrutura informacional com sentenças de tópico e de foco (QUADROS, 1999). Ao final ainda, foi trazido um estudo sobre as construções copulativas na Libras que podem apresentar predicados que aparentemente não apresentam verbos (QUADROS et al. 2022).

Os estudos da estrutura da frase na Libras são bastante recentes. Os resulta-

dos, até então analisados, evidenciam a organização gramatical da Libras por meio de um sistema linguístico altamente complexo, mas ao mesmo tempo, simples. A Libras apresenta especificidades decorrentes da sua modalidade visual-espacial, mas ao mesmo tempo evidencia vários aspectos gramaticais que já foram descritos em outras línguas. A especificidade linguística está associada ao fato de a língua acontecer no corpo (mãos, tronco, face) com articuladores manuais e não manuais, mas os aspectos linguísticos sintático, por exemplo, analisados neste capítulo, são comuns aos analisados em outras línguas, independentemente da modalidade.

‘No próximo capítulo, avançamos ainda mais neste estudo gramatical ao analisar as articulações das orações. Passamos, portanto, a um nível ainda mais complexo da organização gramatical da Libras.



SINTAXE DA LIBRAS – ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Amanda Rocha – UFRGS
Angélica Rodrigues – UNESP
Bruno Gonçalves Carneiro – UFT
Carlos Roberto Ludwig – UFT
Felipe Aleixo – UFRR
Jair Barbosa da Silva – UFAL
José Ishac Brandão El Khouri – UFT
Liona Paulus – UzK
Miriam Royer – UFCA
Rodrigo Nogueira Machado – UFC
Ronice Müller de Quadros – UFSC
Thamara Cristina Santos – UFT
Vinicius Rodrigues da Silva – UFSC

8. SINTAXE DA LIBRAS – ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

8.1 Articulação de Orações

De forma genérica, pode-se dizer que a Sintaxe é a área da Linguística que estuda como os itens lexicais (palavras ou sinais) de uma língua natural se organizam de modo a formar unidades maiores, a que chamamos de frases. As línguas do mundo de que se tem conhecimento organizam seus itens lexicais para formar unidades maiores por meio de regras e princípios organizacionais. Nesse sentido, é que ordem e concordância são dois aspectos importantes para a sintaxe das línguas.

Conforme descrito por Quadros, Royer e Lourenço na seção 4.1, na Libras são permitidas ordens distintas dos constituintes sentenciais e, isso, é um dado já encontrado, também, em outras Línguas de Sinais (TANG e LAU, 2012); no entanto, as pesquisas sobre como as orações em Libras se articulam ainda são recentes no Brasil. Tomando-se unidades sintáticas formadas por duas ou mais orações, as análises empreendidas nesta seção têm por objetivo descrever os processos por meio dos quais uma dada oração em Libras se articula à outra, de modo a formar unidades sintáticas maiores, ou seja, períodos compostos.

Todas as línguas humanas possuem estratégias para combinar orações simples e formar sentenças complexas. As relações entre orações são amplas, considerando a integração dos componentes sintático, semântico e pragmático (CARVALHO, 2004).

O modo como as orações se articulam pode variar, o que tem como consequência a presença de diferentes fenômenos sintáticos, a exemplo de encaixamento e justaposição de sentenças de modo a formar unidades sintáticas maiores. Tendo isso em vista, as estratégias de articulação de orações podem ser classificadas como: *encaixamento*, *hipotaxe*, *parataxe*, *coordenação*, *subordinação*. É importante destacar que, a depender da abordagem teórica, esses termos se equivalem, aproximam-se ou se excluem. Assim, encaixamento e subordinação quase sempre se equivalem; parataxe e coordenação quase sempre se aproximam; e hipotaxe estaria na fronteira entre parataxe e subordinação, já que as orações dessa natureza são dependentes, mas não encaixadas.

Para Kenedy e Othero (2019, p. 88), “a principal propriedade da linguagem humana é a sua **produtividade** [grifo dos autores]” e a produtividade “é uma consequência de uma característica mais básica das línguas humanas: a **articulação** [grifo dos autores]”, (KENEDY e OTHERO, op. cit.). A articulação de unidades menores para a formação de unidades maiores é a mesma de uma característica inerente às línguas humanas. Isso ocorre em diferentes níveis estruturais, do fonológico ao sintático, e num grau de complexidade que não podemos dele dar conta nos limites desta versão da Gramática Virtual da Libras, tampouco é nossa pretensão.

A articulação entre orações, a fim de formar períodos compostos, é o mais complexo nível de análise da sintaxe de uma língua natural (KENEDY e OTHERO, op. cit.), o que requer um olhar além do que tradicionalmente se tem descrito e rotulado pelo par *coordenação* e *subordinação*.

8.2 Recursividade na Libras

Quando nos referimos às estruturas complexas das línguas naturais e suas dependências sintáticas, é importante atentarmos para a propriedade da recursividade. Segundo Chomsky (1965), é a capacidade de os indivíduos encaixarem recursos finitos da língua como sintagmas ou unidades básicas, construindo sen-

tenças de infinita extensão. Em Libras, a recursividade em narrativas de surdos de referência foi descrita por Rocha (2021). A autora aponta que a modalidade visual espacial da língua proporciona manifestações recursivas simultâneas de forma manual e não manual. Ainda, Rocha destaca que marcadores não manuais são mais produzidos na manifestação recursiva em Libras.

Segundo Rocha (2021), os possíveis marcadores recursivos identificados na análise da Libras são os seguintes:

Tabela 1: Marcações não manuais que indicam recursividade

<p>Movimento de tronco para frente ou para trás.</p>	 <p>atirar atirar</p> <p>atira duas pedras [que quebram o vidro da janela]</p> 
<p>Elevação de tronco.</p>	 <p>atirar quebrar</p> <p>atira duas pedras [que quebram o vidro da janela]</p> 
<p>Incorporação de personagem/redirecionamento de tronco; direcionamento de olhar.</p>	 <p>policial flagrar interagir menino disfarçar</p> <p>[...] [quando é flagrado pelo policial [que interage com ele [que disfarça]</p> 

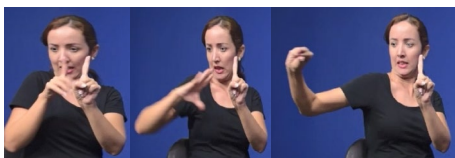
<p>Movimento de cabeça; elevação de queixo.</p>	<div data-bbox="589 129 893 283" data-label="Image"> </div> <p>atirar quebrar</p> <p>[...] atira a pedra em outra janela [que quebra o vidro] [...]</p> <div data-bbox="589 378 893 456" data-label="Image"> </div>
--	--

<p>Elevação ou contração de sobrancelhas; contração de olhos; movimento de boca ou lábios.</p>	<div data-bbox="676 500 808 633" data-label="Image"> </div> <p>atirar quebrar</p> <p>[...] atira a pedra [que bate no vidro e o quebra] [...]</p> <div data-bbox="589 720 893 798" data-label="Image"> </div> <div data-bbox="538 824 945 957" data-label="Image"> </div> <p>ideia precisar avisar</p> <p>[...] tem a ideia [de que precisa avisar o Chaplin] [...]</p> <div data-bbox="589 1099 893 1177" data-label="Image"> </div>
---	--

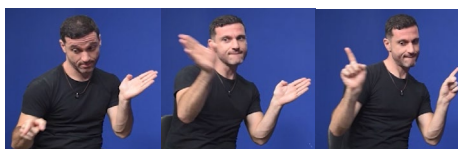
MANUAIS

<p>Apontamentos no espaço.</p>	<div data-bbox="512 1281 971 1435" data-label="Image"> </div> <p>ix (lá) janela</p> <p>[...] a mulher [que aponta para a janela] [...]</p> <div data-bbox="589 1530 893 1608" data-label="Image"> </div>
---------------------------------------	---

Simultaneidade manual.



ix (ele ir embora
[...] enquanto a mulher vem olhar o que aconteceu o menino [que está ali] foge correndo.



Simultaneidade manual.





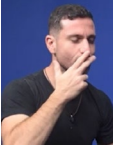
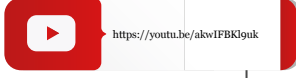
youê ir direita eu ir esquerda nós vamos encontrar

[...] [eu irei pela esquerda enquanto tu irás pela direita pelo caminho mais longo], vamos ao mesmo tempo e nos encontramos lá [...]



estar atrás perceber pessoa atrás
[...] Chaplin se movimenta para trás e percebe [que o policial está atrás dele], olha para trás e avista o policial [...]



Porque		 https://youtu.be/lkXq748lwXc
Se		 https://youtu.be/U17q5rK4B7o
Igual		 https://youtu.be/akw1FBKl9uk

Fonte: Rocha (2021).

Rocha (2021) refere que a recursividade é existente na Libras, já que os marcadores supracitados parecem indicar subordinação e dependência sintática entre as orações. Os marcadores recursivos mais produzidos são não manuais, mas os marcadores manuais também podem exercer esse papel. Para a autora, a modalidade visual espacial permite separações e marcações no espaço que possibilitam subordinação e sobreposições gramaticais (simultaneidade), indicativos de recursividade.

Na próxima seção, iremos aprofundar a articulação das orações na Libras que expressam diferentes níveis de recursividade. Os marcadores identificados por Rocha (2021) inauguram a discussão sobre recursividade e são, também, considerados na descrição a seguir em diferentes tipos de articulação das sentenças na Libras. Com a descrição dos diferentes tipos de articulação, identificamos um detalhamento mais acurado dessas marcações de recursividade, avançando, portanto, nos estudos linguísticos da Libras.

8.3 TIPOS DE ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

Há diferentes possibilidades de conexão entre um elemento oracional primário e um secundário. Mais importante é estar atento para a proposição que se estabelece entre as orações, durante o enunciado.

A tradição escolar aborda a articulação entre orações polarizando esse processo em dois grandes blocos: a coordenação e a subordinação, ou seja, ou as orações estão umas justapostas às outras (coordenação), ou são constituintes oracionais de outras orações (subordinação). No entanto, a ciência Linguística tem mostrado que mais do que a polarização coordenação/subordinação, há casos em

que a dependência entre as orações numa dada língua é de ordem semântica. Nesse caso, parece ser mais adequado tratar a descrição da articulação entre orações nos termos de Hopper e Traugott (1993, 2003), que vão além dessa classificação tradicional, analisando o modo como as línguas organizam suas estruturas complexas em termos gradientes e não binários, como tem feito a tradição gramatical. Nesse sentido, parece que a gradiência pode explicar as nuances que, às vezes, se instauram entre o que é de ordem da coordenação ou da subordinação, fato que não pode ser explicado/compreendido considerando-se tão somente a distribuição das sentenças num enunciado. Para além disso, fatores de natureza semântica devem ser observados, o que leva Hopper e Traugott (1993) ao uso dos seguintes parâmetros:

- a) **parataxe**¹ – há uma independência relativa, em que o elo depende somente de que a relação faça sentido e tenha relevância, mas não há encaixamento. Há uma relação de igual estatuto entre as orações;
- b) **hipotaxe** – há uma interdependência entre núcleo e margem, mas também não há encaixamento. A oração dependente funciona como um adjunto da oração principal;
- c) **encaixada** – há uma dependência completa entre núcleo e margem, há, portanto, o encaixamento. A oração dependente faz parte da estrutura argumental da oração principal.

Quadro 1: Relações de dependência entre orações.

PARATAXE	HIPOTAXE	ENCAIXADA
- dependente	+ dependente	+ dependente
- encaixada	- encaixada	+ encaixada

Fonte: Hopper e Traugott (1993, p. 170).

Identificar as relações que são estabelecidas nas orações complexas, em uma determinada língua, não é tarefa fácil. Esse desafio se torna ainda maior no caso das Línguas de Sinais, por serem línguas relativamente “mais jovens” do que as línguas orais.

¹ Na realidade educacional brasileira, o termo coordenação é amplamente propagado na escola, nos manuais de gramática e entre professores de línguas. Nós estamos usando o termo parataxe que compreende o termo coordenação, sempre considerando que entre essas orações há independência sintática, mas não semântica.

Segundo Tang e Lau (2012), linguistas que descrevem Línguas de Sinais ainda são desafiados a identificar critérios objetivos e uma metodologia padronizada para estabelecer os limites da sentença. De acordo com as autoras, há poucos relatos de uso de conjunções em Línguas de Sinais. A justaposição de orações parece ser uma estratégia recorrente, ao invés da presença de uma conjunção explícita. Há também estratégias específicas da modalidade em Língua de Sinais, como o uso alternado dos articuladores manuais (cada evento é articulado em uma das mãos), uso produtivo do espaço de sinalização, deslocamento do corpo e aceno de cabeça.

As dificuldades apontadas por Tang e Lau (2012) sobre os desafios de descrição de Línguas de Sinais também são reportadas por Davidson (2013) em relação às investigações sobre processos de coordenação nessas línguas. Para a autora, o mais extenso estudo tipológico sobre coordenação, o qual foi desenvolvido em 2004 por Haspelmath, inclui diversas línguas do mundo, mas não há quaisquer dados acerca de Línguas de Sinais. Ainda para Davidson (2013), são duas as principais estratégias de coordenar elementos na ASL, língua objeto de sua pesquisa, mas que podem ser extensivas a outras Línguas de Sinais, a saber: *COORD-SHIFT* e *COORD-L*. Na estratégia do tipo *COORD-SHIFT* são realizadas mudanças (às vezes, bastante sutis) no espaço da sinalização, que demarcam a presença de orações contrastando elementos de um lado e de outro, incluindo um conjunto de informações associadas ao movimento do torso, da cabeça e da direção do olhar; já as do tipo *COORD-L* (ou *COORD-LIST*) envolvem pontos indexicais para sucessivos dedos da mão não dominante em que são apresentadas orações em sequência. Esse tipo de estrutura também é denominado por “lista-boias”, nos termos de Zorzi (2018).

O importante trabalho de Haspelmath (2004) sobre coordenação citado por Tang e Lau (2012) apresenta uma classificação semântica da coordenação, a saber: a) coordenação conjuntiva, frequentemente representada por ‘and’; b) coordenação disjuntiva, frequentemente marcada por ‘or’; e c) coordenação adversativa, frequentemente marcada por ‘but’. Essa realidade descritiva, embora bastante pertinente para a descrição dos processos de conectar orações em línguas orais, nem sempre se adéqua aos processos que acontecem em línguas de sinais, sobretudo porque a articulação de orações nessas línguas quase sempre se dá sem a presença de marcas manuais indicadoras de conjunções do tipo ‘and’, ‘or’ e ‘but’, mas por meio de marcas não manuais, às vezes bastante sutis, especialmente quando se analisam estruturas de coordenação a partir de dados de uso reais dessas línguas, retirados de corpora linguísticos.

Segundo Zorzi (2018), as estruturas de coordenação, por vezes, se apresentam com um elemento coordenador explícito, porém nem sempre é assim. Nas Línguas de Sinais, sobretudo a ausência de um item lexical coordenador parece frequente, sendo as orações justapostas umas às outras, e o contexto e a relação semântica entre as orações responsáveis pelo estabelecimento do processo de coordenação. A autora afirma que a estratégia mais comumente adotada nas línguas de sinais é a justaposição de orações assindeticamente e isso torna as pistas prosódicas essenciais

para detectar o tipo de coordenação, o que dá às chamadas marcas não manuais (MNM) importante destaque como recurso para delimitação das sentenças. Nesse sentido, o uso de ferramentas tecnológicas que vão desde a captura de vídeos em alta qualidade até softwares adequados para a transcrição dos dados, a exemplo do ELAN, é necessário para melhor visualização dos recursos e estratégias de que as línguas de sinais dispõem para coordenar sentenças.

Para Tang e Lau (2012, p. 341), “[...] a crucial question to ask is what marks clause boundaries in sign languages, or precisely what linguistic or prosodic cues are there to signal coordination and subordination”, em outras palavras, diferentemente do que ocorrem nas línguas orais em que dispositivos morfossintáticos fornecem pistas para a delimitação de fronteiras oracionais, parece não haver, ainda, pesquisas suficientes para o desenvolvimento consolidado de uma metodologia voltada para esse fim em línguas de sinais, o que não significa que essas línguas não tenham suas próprias estratégias de encadear sentenças.

Num estudo recente envolvendo a Libras, Rocha (2021) analisou três narrativas de surdos do Inventário Nacional de Libras, Surdos de Referência. As delimitações das orações foram realizadas por meio da identificação de pausas marcadas pela piscada do olhar e sinais indicativos de finalização, tais como, FIM, ACABAR, ENTÃO. A autora identificou os seguintes marcadores não manuais que marcam algum tipo de dependência sintática nas unidades oracionais produzidas em Libras: movimento de torso para frente ou para trás; elevação de torso; incorporação de personagem/redirecionamento de torso; movimento de cabeça; direcionamento de olhar; elevação ou contração de sobrancelhas; contração de olhos; movimento de boca ou lábios e elevação de queixo. Além de tais marcadores, Rocha aponta a questão da incorporação de referentes como uma estratégia para indicar orações que possam estar encaixadas. O uso da simultaneidade lexical, ou seja, a composição simultânea das duas mãos expressando diferentes eventos pode também ser um mecanismo de estabelecimento de dependência sintática oracional.

Os achados de Rocha (2021) na Libras são compatíveis com os de outras Línguas de Sinais, como mostra Tang e Lau (2012, p. 341)².

Recentemente, marcações não manuais como piscar de olhos têm sido identificadas como pistas prosódicas das fronteiras oracionais (WILBUR, 1994; HERRMANN, 2010). Sze (2008) e, posteriormente, Tang *et al.* (2010), verificaram que enquanto o piscar de olhos geralmente marca frases entonacionais em muitas línguas, *Hong Kong Sign*

² *Recently, non manuals like eye blinks have been identified as prosodic cues for clause boundaries (Wilbur 1994; Herrmann 2010). Sze (2008) and subsequently Tang et al. (2010) found that while eye blinks generally mark intonational phrases in many sign languages, Hong Kong Sign Language (HKSL) uses them to mark phonological phrases as well. Sandler (1999) also observed that sentence-final boundaries are further marked by an across-the-board change of facial expression, head position, eye gaze direction, or eye blinks. [Tradução dos autores].*

Language (HKSL) também os usa para marcar frases fonológicas. Sandler (1999) também observou que as fronteiras são delimitadas marcando o final da sentença por meio da mudança da expressão facial, posição da cabeça, direção dos olhos, ou piscar de olhos.

Ainda assim, apesar de já haver pesquisas que demonstram uma série de marcas não manuais recorrentes na estruturação de orações em línguas de sinais, a sutileza dessas marcas torna a análise muito complexa. Um dos aspectos que precisam ser identificados está relacionado com a identificação do que compreende mecanismos gramaticais considerados paradigmaticamente e o que são componentes prosódicos que podem favorecer ou mascarar a identificação do escopo das orações em unidades oracionais complexas.

Os aspectos metodológicos considerados no escopo desta seção incluíram discussões realizadas com os seus autores, Amanda Rocha, Angélica Rodrigues, Bruno Carneiro, Carlos Ludwig, Felipe Aleixo, Jair Barbosa da Silva, José Ishac, Liona Paulus, Miriam Royer, Rodrigo Nogueira Machado, Ronice Müller de Quadros, Thamara Cristina Santos e Vinicius Rodrigues da Silva. O grupo de pesquisadores integrou vários encontros para discutir aspectos que envolvem a definição das unidades oracionais complexas, a segmentação e os tipos de orações incluídas na análise. A partir desses encontros foram definidos os tipos de articulação de sentenças analisados nesta gramática conforme listado a seguir:

Tipos de paratáticas

- a) conjuntiva manual e não manual
- b) disjuntiva manual e não manual
- c) adversativa manual e não manual

Tipos de hipotáticas

- a) adverbial causal manual e não manual
- b) adverbial comparativa manual e não manual
- c) adverbial conclusiva manual e não manual
- d) adverbial condicional manual e não manual
- e) adjetiva explicativa manual e não manual
- f) adverbial final manual e não manual
- g) adverbial temporal manual e não manual

Tipos de encaixadas

- a) relativa interrogativa manual e não manual
- b) relativa livre manual e não manual
- c) relativa restritiva manual e não manual

- d) substantiva subjetiva manual e não manual
- e) substantiva objetiva manual e não manual

Como foram identificados múltiplos tipos de combinação de orações paratáticas e hipotáticas, foi incluída a categoria combinação de orações que envolve mais de tipo de articulação da mesma categoria.

Os Surdos de Referência incluídos na análise apresentada aqui neste capítulo são os seguintes:

Quadro 2: Participantes da pesquisa.

	Surdos de Referência	Aquisição da LS	Estado
1	Ana Regina	filha de pais ouvintes	Rio de Janeiro
2	André	filho de pais ouvintes	Santa Catarina
3	Cleber	filho de pais ouvintes	Pará
4	Fernanda	filha de pais ouvintes	Santa Catarina
5	Jackson	filho de pais ouvintes	Amazonas
6	Marianne	filha de pais ouvintes	Santa Catarina
7	Marisa	filha de pais surdos	Minas Gerais
8	Priscilla	filha de pais ouvintes	Bahia
9	Rimar	filho de pais surdos	São Paulo
10	Sandro	filho de pais ouvintes	São Paulo
11	Sylvia	filha de pais ouvintes	São Paulo

Todos os participantes são fluentes em Libras, reconhecidos pelas respectivas comunidades de surdos como referência linguística. Os dados analisados aqui são das entrevistas realizadas, em que os participantes contam suas experiências pessoais e linguísticas, assim como comentam sobre a sua representação na comunidade surda local a que pertencem.

Para análise dessas combinações, foi usado o Sistema de Anotação Eudico Annotator – ELAN (CRASBORN et al., 2012, 2016; QUADROS, 2016). Foram criadas trilhas para cada tipo de articulação de orações analisadas com vocabulário controlado, incluindo cada subtipo de oração conforme listado acima. Cada um dos tipos pode ser estabelecido com marcações manuais, ou seja, itens lexicais que marcam a relação entre as orações, ou com marcações não manuais, isto é, justapostas

sem marcação por meio de um item lexical, mas com marcas expressas pela face, pelo corpo ou pelo uso do espaço. Pela face, como já indicado com alguns exemplos anteriormente, consideramos as sobrancelhas, os olhos (abertos ou semiabertos, piscada dos olhos), a boca, o movimento da cabeça. Quanto ao corpo, movimentos para frente ou alteração no posicionamento do tronco foram identificados como marcadores oracionais. Por fim, o uso do espaço, indicado pelo direcionamento do olhar, além do reposicionamento do corpo, do tronco ou da cabeça.

Essas trilhas foram anotadas a partir de uma trilha mãe a que chamamos de unidade oracional complexa (UOC). A UOC foi estabelecida a partir das anotações pré-existentes do Inventário Nacional de Libras, dos Surdos de Referência.

Assim, a transcrição específica para fins das análises das estruturas complexas compreendeu as seguintes trilhas:

Unidade oracional complexa (UOC) – combinação de sintagmas para compor parataxe, hipotaxe e orações encaixadas

Tipo de parataxe – descrição do tipo de parataxe (paratáticas conjuntivas, disjuntivas e adversativas marcadas por conectivos ou por marcações não manuais)

Tipo de hipotaxe – classificação do tipo de hipotaxe (causais, comparativas, condicionais, explicativas, finais e temporais)

Tipo de encaixada – classificação do tipo de encaixada (substantivas subjetivas, substantivas objetivas e relativas)

As transcrições das trilhas básicas passaram por processo de validação. Para isso, membros do projeto com experiência em transcrição realizaram uma segunda transcrição em amostras estatisticamente significativas dos dados coletados em outros estados, com fins de comparação com as transcrições originais, objetivando atingir pelo menos 70% de consistência. Esse processo foi realizado duas vezes a fim de avaliar o processo de transcrição e introduzir ajustes quando necessário. Além disso, as transcrições específicas foram conferidas pelos pesquisadores autores desta pesquisa para a realização das análises realizando um alinhamento das anotações buscando consistência entre as anotações realizadas por cada um.

Foram realizadas atividades de validação das anotações considerando a delimitação de cada UOC por meio de indicadores de segmentação que compreenderam pausas, marcações por meio da piscada dos olhos, alternância de marcações não manuais e marcadores lexicais. As atividades compreenderam encontros sistemáticos entre os autores para análise das segmentações marcadas por meio das unidades oracionais complexas para alinhamento dos critérios estabelecidos. A partir disso, todos os autores procederam com a identificação dos tipos de oração complexa.

A seguir, cada tipo de articulação de orações será descrita e ilustrada por meio de exemplos.

8.3.1 Tipos de Parataxe/Coordenação

Nesta seção, abordaremos as orações paratáticas a partir de Silva e Quadros (2021) e Quadros, Silva e Machado (no prelo). Na perspectiva adotada aqui, contrariamente ao que tradicionalmente se postula sobre a coordenação, cuja principal ideia é a de independência (sintática) entre as orações que compõem o conjunto, assume-se que, mesmo nos casos de coordenação, há dependência entre as orações constituintes do conjunto. Isso é bastante evidente em línguas de sinais, como se verá adiante. Nesse sentido, tomando-se por base a proposta de Hopper e Traugott (1993), em que as relações entre orações são vistas em perspectiva gradiente, não binária (coordenada/subordinada), o termo parataxe, oração caracterizada pelos traços semânticos menos dependente e menos encaixada, será adotado para as análises.

É evidente que entre os termos coordenação e parataxe há aproximações a tal medida que um termo poderia ser tomado pelo outro sem prejuízos, mas sobressai ao termo parataxe a ideia de que as relações semânticas estão sempre ativadas nas relações sintáticas, o que tem algumas consequências: a) a impossibilidade de mudança de ordem das orações nos enunciados aleatoriamente; b) um contínuo (relação gradiente) das orações paratáticas, hipotáticas e encaixadas.

Para efeito de análise, portanto, a descrição aqui apresentada adotará a parataxe como objeto de interesse e, seguindo a proposta de Haspelmath (2004), quanto aos tipos semânticos de estruturas coordenadas serão analisados os seguintes tipos: parataxe conjuntiva, parataxe disjuntiva e adversativa. Considerando a especificidade da expressão linguística das línguas de sinais, esses tipos oracionais podem aparecer com ou sem marcas manuais.

Os tipos de parataxe analisados na Libras são aqueles cuja relação com a oração subsequente é menos dependente e menos encaixada. Dito de outra forma, *a articulação por parataxe consiste na simples justaposição entre orações. Tal justaposição se caracteriza pela disposição de uma oração imediatamente ao lado da outra, sem que haja interseção sintática entre elas [...], o que significa que orações paratáticas são sintaticamente autônomas* (KENEDY e OTHERO, 2018, p. 122).

As orações paratáticas podem apresentar dois tipos de configuração sintática: interligadas por conjunção ou justaposição. As orações justapostas não apresentam elemento conjuncional interligando as sentenças, sendo que a vinculação entre elas é de natureza semântico/pragmática. A seguir, quadro-resumo (não exclusivo) das relações de significado entre as paratáticas/coordenadas em línguas orais (Língua Portuguesa).

Quadro 3: Relações de significado entre as orações paratáticas na Língua Portuguesa.

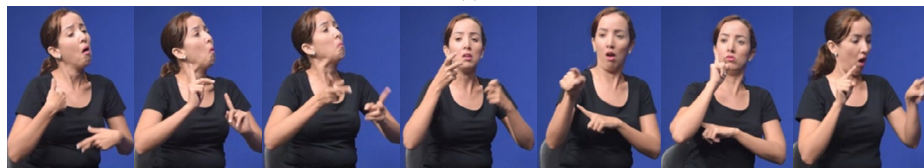
Significado	Conectivos
Adição	E, nem, também
Contraste	Mas, porém, contudo, todavia etc.
Alternância	Ou, quer, seja etc.
Conclusão	Portanto, logo, pois, por isso etc.
Explicação	Pois, que, porque etc.

Fonte: Kenedy e Othero (2018, p. 126).

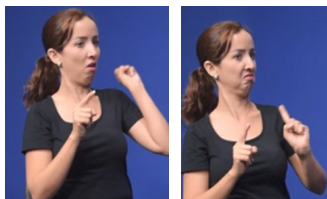
Essas relações são amplamente conhecidas e encontradas nas descrições referentes às línguas orais. Mas, mesmo em línguas orais, as relações entre as orações podem acontecer sem a necessidade da presença obrigatória de um conectivo. O importante para o discurso é o tipo de proposição que emerge. Os conectivos explicitam as relações entre as orações, mas não as determinam, (NEVES, 2001).

Ser sintaticamente autônoma significa que uma oração não é constituinte sintático de outra. Isso não quer dizer que não haja relação entre as orações, mas nesse caso, a relação é semântica e não sintática. Vejamos um exemplo na Libras:

(1)



IX (eu) NÃO 3PERCEBER₁ IX (este) SURDO IX (aquele)



OUVINTE NÃO

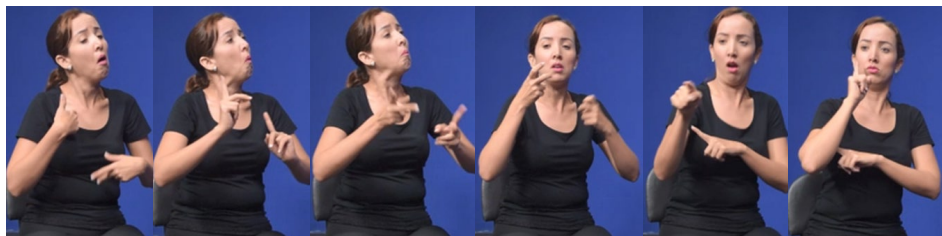
IX (eu) NÃO 3PERCEBER₁, IX (este) SURDO, IX (aquele) OUVINTE, NÃO

Eu não percebia que eles eram surdos ou eram ouvintes, não.



Fonte: (SILVA e QUADROS, 2021).

No exemplo em (1), temos duas orações encaixadas coordenadas entre si. A relação sintática entre o verbo PERCEBER e a oração encaixada é dependente. Dentro da encaixada, há duas orações combinadas: IX (esse1) SURDO1, IX (esse2) OUVINTE2 que formam entre si a parataxe. A negação final está sintaticamente relacionada com a oração principal marcando foco de ênfase:

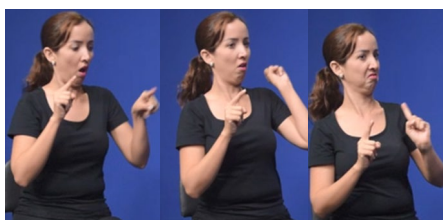


IX (eu) NÃO

3PERCEBER1

IX(este)

SURDO

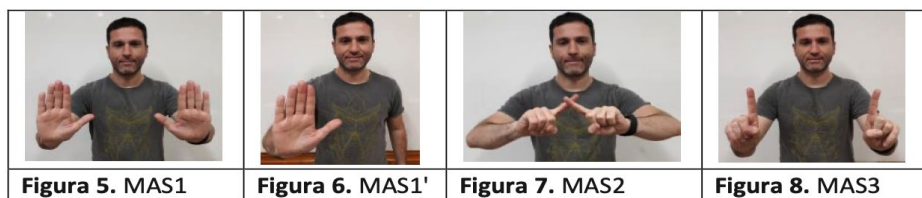


IX (aquele) OUVINTE NÃO

Segundo Silva e Quadros (2021), em (1), temos o encadeamento, ou melhor, a justaposição de três orações em que não se pode alterar a ordem em que estão dispostas, sob o risco de tornar o período ininteligível ou mesmo agramatical. Isso porque há uma interdependência semântica entre as orações, o que as coloca numa ordem específica para fazerem sentido na língua.

Rodrigues (2019) analisou orações paratáticas adversativas na Libras, sob a perspectiva funcionalista, tendo como foco as propriedades semânticas desse tipo de construção e cujos dados foram coletados em *blogs* e redes sociais. Para a autora, de modo análogo ao que ocorre em línguas orais, as adversativas em Libras podem expressar valores semânticos de contraste, contraexpectativa, refutação/correção, comparação e negação. Além disso, a autora mostra que as adversativas em Libras podem atuar em dois domínios: epistêmico e de atos de fala. Por fim, Rodrigues explicita a variação existente em Libras para MAS, conforme as seguintes variações estruturais:

Figura 1: Variações de MAS identificados por Rodrigues (2019).



Fonte: Rodrigues (2019, p. 95).

As orações paratáticas podem apresentar três tipos semânticos. As parataxes podem ser conjuntivas, disjuntivas e adversativas:

a) Parataxe conjuntiva: As conjuntivas manuais envolvem marcações manuais com conectores que marcam a parataxe: **TAMBÉM**, **DEPOIS**, **É** (com função de por isso). As conjuntivas não manuais envolvem marcações não manuais, tais como: sobrancelhas neutras e aceno de cabeça, piscar de olhos, pausas, expressões faciais, movimento do torso, alternância de papéis (*role-shift*) marcadas por meio de expressões faciais contrastivas.

b) Parataxe disjuntiva: As disjuntivas sempre estão associadas a uma ruptura prosódica entre as orações, que são marcadas por piscar de olhos, que marca fronteira de constituintes e limites das cláusulas (WILBUR, 1974; HERRMANN, 2010; PFAU e QUER 2010; ZORZI 2018; DAVIDSON, 2013). As marcações manuais indicando pausas, oposições estabelecidas por sinais são expressas por 'OU', dedos indicadores para cima em alternância e apontação. As marcações não manuais indicam pausas, oposições e contrastes estabelecidos pelo torso e da cabeça, expressões faciais contrastivas, direcionamento do olhar. Davidson (2013) observou também estrabismo e bit-lábio (leve mordida de lábios) na disjunção.

c) Parataxe adversativa: As coordenadas adversativas predominantemente aparecem marcadas por um conectivo – **BUT** em ASL, BSL, FinSL, Auslan (Zorzi, 2018). Em Libras, Rodrigues (2019) identificou o uso de variações de MAS, que também identificamos, embora não tenhamos identificado nenhuma ocorrência do que ela refere como MAS3. Nós usaremos a referência a quatro conectivos MAS1, MAS2, PALM-UP, MAS-NÃO-É, como será mostrado adiante. Importante lembrar que pode haver adversativa

expressa apenas por marcações não manuais, indicando pausas, oposições estabelecidas pelo torso e cabeça, normalmente com contraste para frente e para trás, para um lado e para o outro, expressões faciais contrastivas com elevação das sobrancelhas, com sobrancelhas franzidas, aceno de cabeça afirmativo ou negativo, alternância entre a elevação das sobrancelhas associadas às partes das orações coordenadas.

Em Línguas de Sinais, predominantemente, as orações paratáticas/coordenadas se articulam sem a presença de um conectivo. Para Zorzi (2018, p. 81), “coordenação em SL é expressa assindeticamente usando apenas MNMs e sempre causam ambiguidade na interpretação de conjunção ou de disjunção». Pistas prosódicas e lexicais podem auxiliar na desambiguação entre conjunção e disjunção.

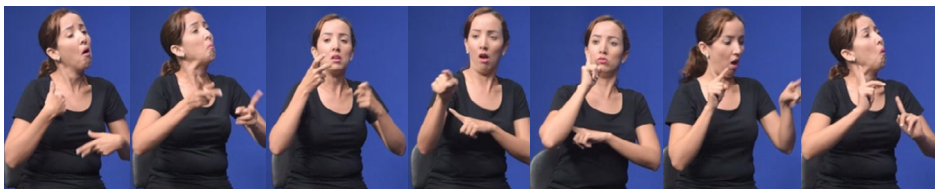
Em Línguas de Sinais, estudos recentes de Tang e Lau (2012) e Zorzi (2018) mostram que as orações paratáticas/coordenadas basicamente são estruturadas a partir do uso de marcadores não manuais (MNMs) ou do uso de um conectivo. Dada a modalidade dessas línguas, a maior parte das estruturas paratáticas/coordenadas se dão pelo uso de MNMs e um número reduzido, por conectivos.

Os tipos de paratáticas/coordenadas analisadas em Libras nesta gramática são as seguintes:

- Conjuntivas
- Disjuntivas
- Adversativas

A análise dos dados foi realizada considerando marcações não manuais de pausa (tais como piscadas de olhar, ativação e desativação de expressões faciais prosódicas, movimentação da cabeça, movimentação do torso) e marcações manuais (transição, ativação e retração dos sinais e marcações conectivas). (SILVA e QUADROS, 2021).

A exemplo, ilustramos a análise do exemplo em 1ª sentença repetida aqui e ilustrada por meio de fotos:

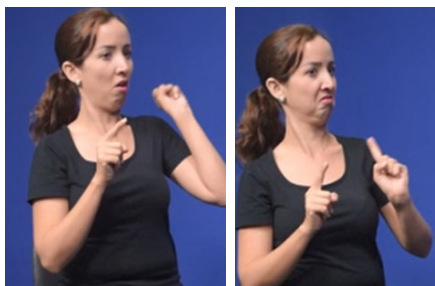


IX (eu) NÃO

3PERCEBER₁

IX (este) SURDO

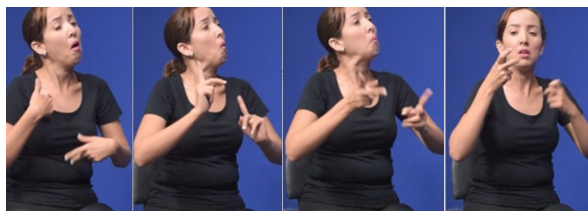
IX (aquele)



OUVINTE

NÃO

IX (eu) NÃO 3PERCEBER₁ IX (este) SURDO IX (aquele) OUVINTE NÃO
Eu não percebia, que eles eram surdos ou eram ouvintes, não.

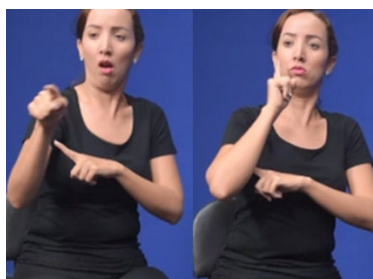


IX (eu) NÃO 3PERCEBER₁

A sinalizante informa que não percebia (algo que está expresso por meio das orações 2 e 3), ao jogar o torso para trás para referir a si própria combinada com o sinal PERCEBER iniciada a trajetória do lado direito em direção a si própria: *eu não percebia*

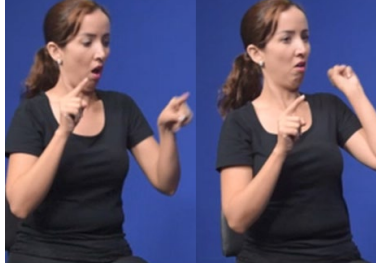
Nesse caso, temos uma oração encaixada complexa relativa compondo a oração paratática apresentada a seguir nas unidades oracionais 2 e 3.

Unidade oracional 2



IX (este) SURDO

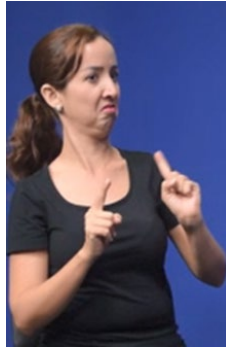
O olhar, o torso e a cabeça se direcionam para o lado direito, onde ela estabelece o referente surdo: *ele surdo*.



IX (aquele) OUVINTE

O olhar, o torso e a cabeça se direcionam para o lado esquerdo, onde ela estabelece o referente ouvinte: *ele ouvinte*.

Unidade oracional 4



NÃO

A sinalizante movimenta o torso e a cabeça para trás para voltar a referir a si própria e enfatizar a negação: *(eu) não (percebia)*

A coordenação se dá por meio da combinação dos sintagmas que apresentam uma interdependência semântica:

este surdo, aquele ouvinte

A encaixada é selecionada a partir do verbo PERCEBER que está sintaticamente vinculada as duas orações paratáticas:

Eu não percebi que eles eram surdos ou eram ouvintes, não.

Essa unidade oracional é complexa contando com uma sentença encaixada composta por parataxe.

Seguindo as análises de Silva e Quadros (2021) e Quadros, Silva e Barbosa (no prelo), as unidades oracionais complexas de parataxe justapostas na Libras, marcadas por conectivos e/ou marcadores não manuais foram anotadas por meio de um vocabulário controlado na trilha de parataxe conforme segue:

1. **Conjuntiva manual:** marcações manuais com conectores que marcam a parataxe: MAS, TAMBÉM, PALM-UP, Boia, É.
2. **Conjuntiva não manual:** marcações não manuais conjuntivas: piscar de olhos, pausas, expressões faciais, movimento do torso contrastivo, movimento da cabeça contrastivo, alternância de papéis (*role-shift*).
3. **Disjuntiva manual:** marcações manuais indicando pausas com marcadores disjuntivos (dissociativos) por sinais, tais como, ‘OU’, alternância de dedos indicadores para cima e apontação em certos casos.
4. **Disjuntiva não manual:** marcações não manuais indicando pausas com marcadores disjuntivos (dissociativos) pelo torso e/ou cabeça, expressões faciais posicionais.
5. **Adversativa manual:** marcações manuais como ‘MAS’ com diferentes sinais ‘MAS₁’, MAS₂, PALM-UP indicando contraste.
6. **Adversativa não manual:** marcações não manuais indicando pausas, oposições estabelecidas pelo torso e/ou cabeça, expressões faciais contrastivas.
7. **Combinação paratática:** mais de um tipo de parataxe na mesma unidade.

Quadros, Silva e Nogueira (2022) verificaram que todas as ocorrências de parataxe com marcador manual estavam associadas com marcadores não manuais. Esses mesmos marcadores aparecem em orações que são paratáticas sem marcadores manuais, utilizando apenas expressões faciais com elevação das sobrancelhas, olhos abertos, olhos semicerrados, movimentos do torso para frente, para trás ou para um dos lados, movimentos da cabeça de aceno afirmativo, de negação, para frente e para trás ou para um dos lados, direcionamento do olhar. São essas marcações que identificamos como marcadas indicando fronteiras entre as orações paratáticas.

As marcações não manuais estão marcadas no escopo oracional. Assim, o contraste entre essas marcações com alteração da marcação não manual pode indicar a fronteira entre as orações. Interessante observar que, enquanto sinalizantes nativos, conseguimos perceber a presença, mas para descrevê-las em detalhes, nem sempre é tão fácil. Isso acontece, provavelmente, porque há marcadores não manuais mais gramaticalizados acontecendo simultaneamente com outros marcadores não manuais que podem simplesmente representar emoções. Juntamente com tais marcadores, temos aspectos prosódicos que são usados discursivamen-

te. Todas essas informações são visuais e compreendem o corpo do sinalizante. Assim, nem sempre é fácil identificar o paradigma apresentado em cada caso. De qualquer forma, estamos apresentando a primeira tentativa de identificação de elementos paradigmáticos que representam orações paratáticas. No entanto, os autores destacaram que o estudo realizado não é conclusivo e está restrito ao que foi observado no corpus analisado.

A proposta de análise é descritiva com base nos dados anotados, compreendendo 855 unidades oracionais complexas, das quais 552 apresentam orações paratáticas, conforme sintetizado no quadro 04.

Quadro 04: Síntese da distribuição quantitativa das UOC paratáticas analisadas por participante.

Informantes	Tempo analisado	UOC		Conjuntiva		Disjuntiva		Adversativa		Combinação Paratática
		Total	Parataxe	Manual	Não manual	Manual	Não manual	Manual	Não Manual	
Ana Regina	10'04"	67	51	10	25	0	0	3	5	8
André	9'23"	63	35	3	22	0	0	4	3	3
Cleber	11'39"	106	42	6	24	1	2	2	4	3
Fernanda	8'38"	71	51	6	31	0	1	3	8	2
Jackson	9'19"	71	49	12	23	0	1	4	3	6
Marianne	5'29"	62	36	5	25	0	0	1	5	0
Marisa	9'20"	71	62	2	41	1	2	2	3	11
Priscila	17'12"	87	72	15	29	1	0	16	3	8
Rimar	10'05"	85	46	8	30	0	0	6	1	1
Sandro	9'59"	87	60	8	42	1	0	3	5	1
Sylvia	19'10"	85	48	3	30	1	2	4	4	4
Total	"	855	552	78	322	5	8	48	44	47

A análise descritiva dos dados foi qualitativa, compreendendo 552 unidades oracionais que apresentam parataxe. Constatamos a existência de estruturas paratáticas conjuntivas, disjuntivas e adversativas com marcadores manuais e marcadores não manuais. A apresentação dos dados e discussão será dividida em dois blocos: estruturas paratáticas com marcadores manuais e estruturas paratáticas com marcadores não manuais.

Apresentamos a seguir, os dados de unidades oracionais complexas paratáticas com marcadores manuais e marcadores não manuais. É importante mencionar que os marcadores manuais estão sempre associados com marcadores não manuais; assim, muitas vezes são dispensáveis. Normalmente, o uso dos marcadores manuais apresenta ênfase ao tipo de combinação oracional.

8.4 CONJUNTIVAS

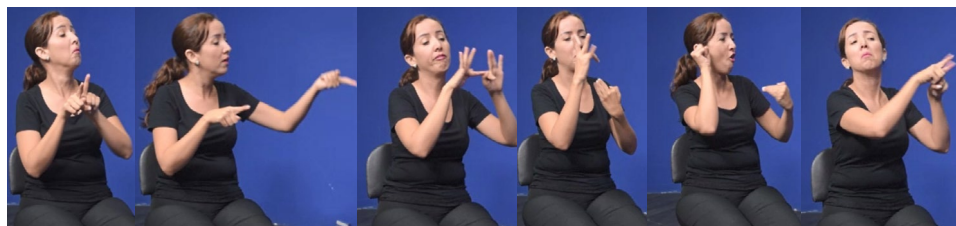
Foram identificados alguns marcadores manuais que indicam a conjunção, conforme apresentado a seguir:

Figura 2: Marcadores manuais conjuntivos.

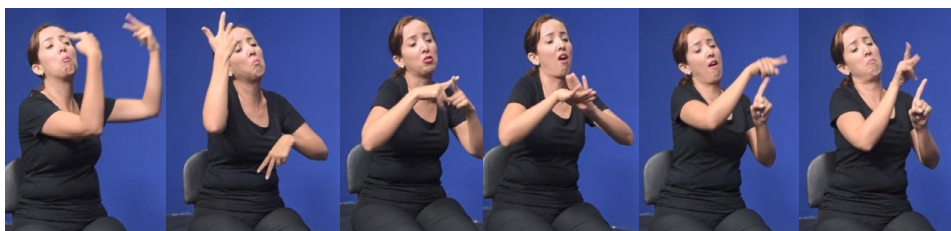


Sintaticamente, observamos a combinação de uma ou mais orações que, normalmente, são correlatas e podem ser consideradas separadamente. No entanto, nem sempre é possível alternar a ordenação em função das condições semânticas. Do ponto de vista semântico, o sinal ‘TAMBÉM’ indica inclusão que poderia ser traduzido para o Inglês como ‘*moreover*’ and ‘*also*’. Mas também pode indicar equivalência ou similitude que poderia ser traduzido da seguinte forma: ‘*in the same way*’ and ‘*as well as*’. Vejamos alguns exemplos:

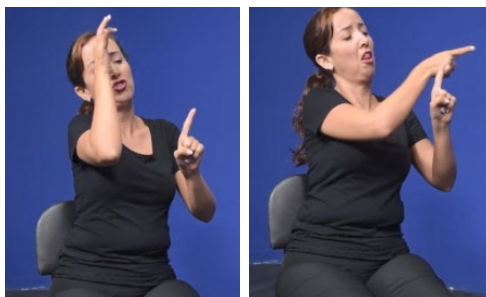
(2) Parataxe conjuntiva manual TAMBÉM.



TAMBÉM E (outro) FAMILIA PAI OUVINTE TAMBÉM



3VER1 NORMAL PORQUE ACOSTUMAR GERAÇÃO PAI



TIO GERAÇÃO

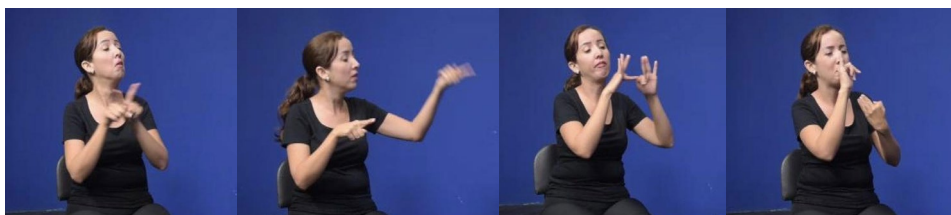
TAMBÉM OUTRO FAMILIA PAI OUVINTE
 TAMBÉM 3VER1 NORMAL PORQUE JÁ ACOS-
 TUMAR GERAÇÃO PAI TIO GERAÇÃO

*Também na outra família do meu pai, que é ou-
 vinte, eu também era vista como normal, porque
 eles já estavam acostumados com uma geração
 de surdos.*



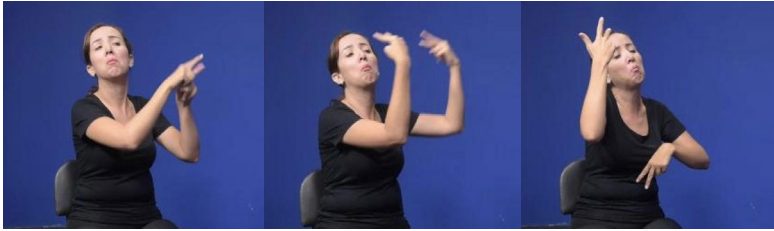
Essa estrutura apresenta uma unidade oracional complexa que compreende duas orações paratáticas conjuntivas com informação semântica de inclusão, além de uma oração encaixada que refere à observação de que eram familiares ‘ouvintes’ e uma oração hipotética causal. Vamos focar na informação de inclusão das duas ocorrências do sinal TAMBÉM:

Figura 3: TAMBÉM OUTRO FAMÍLIA PAI [OUVINTE].



Essa oração inclui a outra família do pai que é ouvinte. A referência OUVINTE é um aposto para especificar à qual família do pai ela está se referindo. A inclusão é feita pela família do pai. Então, na sequência, vem a inclusão do fato desta parte da família também não a tratar diferentemente:

Figura 4: TAMBÉM 3VER1 NORMAL.



Nessa parte da oração, a inclusão é feita no fato desta parte da família também vê-la como uma pessoa normal, assim como outras partes da família e amigos, conforme já havia sido mencionado anteriormente no seu discurso. Nesse exemplo, contamos, portanto, com orações conjuntivas que apresentam uma interpretação inclusiva.

O próximo exemplo também apresenta uma paratática conjuntiva com o sinal TAMBÉM:

(3) Parataxe conjuntiva manual TAMBÉM



1VIR (escola) 3APOIAR1

IX (ele) 3 FALAR-ORAL1 TAMBÉM 3 FALAR-ORAL1



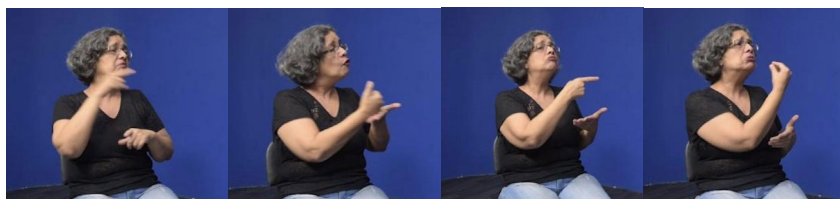
IX (3)

1VIR (escola) 3APOIAR1 IX (ele) 3FALAR-ORAL1 TAMBÉM 3FALAR-ORAL1 IX (ele)

Eu ia naquela escola que me dava apoio sistematicamente e eles falavam comigo, sim também falavam comigo.

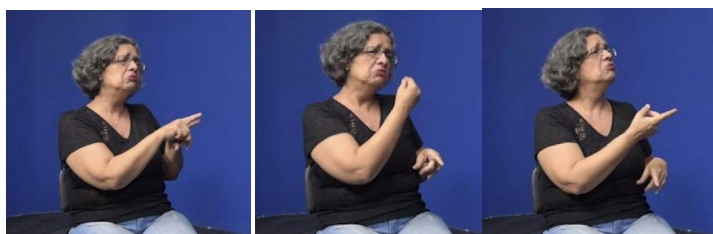


Essa unidade oracional complexa compreende uma oração encaixada e duas orações paratáticas, que classificamos como combinação paratática, ou seja, mais de uma estrutura paratática na mesma unidade oracional. Nosso foco aqui é a oração associada com o sinal ‘TAMBÉM’, mas já apresentamos também a parataxe que será analisada nas construções sem marcação manual.



Aqui tem uma encaixada ‘que a apoiavam’ combinada com uma paratática: IX (3) 3FALAR-ORAL₁ e na sequência o sinal TAMBÉM é produzido com a repetição da oração anterior:

Figura 6: TAMBÉM 3FALAR-ORAL₁ IX (3).

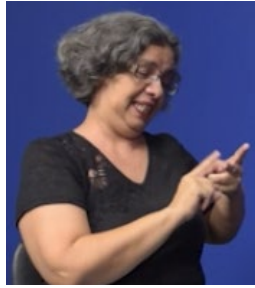


Aqui a interpretação é de equivalência, uma vez que a informante reporta o apoio que lhe era dado, bem como o fato de que falavam com ela. Há uma relação mais do tipo de apoio que era oferecido, talvez uma subcategoria do apoio juntamente com a ênfase: “sim, eles também falavam comigo”. Há uma informação enfática registrada pelo sinal TAMBÉM indicando a conjunção associada à repetição com ênfase ao fato de falarem com ela.

Observem que nos exemplos (2) e (3) nos quais há o marcador manual conjuntivo TAMBÉM, há da mesma forma a marcação não manual por meio da elevação das sobrancelhas associadas ao rebaixamento da boca. Na parataxe em que não há o elemento manual combinado com a oração encaixada, também há a mesma marcação não manual. Depois retomaremos as marcações não manuais.

Outro marcador oracional em orações paratáticas é o uso da boia, conforme ilustrado na figura 7 a seguir:

Figura 7: Boia-numeral



A boia é um mecanismo gramatical utilizado na Libras, assim como em outras línguas de sinais. Conforme Liddell (2002) [1, a boia é o uso da segunda mão para ser usada em listas para enumerar coisas, ideias, orações coordenadas, quando indica os dedos em uma ordem (o primeiro, o segundo, o terceiro, etc.). Há também as boias que podem envolver a apontação ou outro sinal que fica em *stand-by* durante a sinalização com a outra mão indicando uma relação paralela do ponto de vista semântico. Nesses casos, podemos ter orações hipotáticas com relação de dependência indicando relações temporais.

No caso específico da parataxe marcada por meio do uso da boia, no exemplo (4), a relação semântica é de explicitação do tipo de interação; assim, ela inclui a informação de que o primeiro contato foi na infância indicado no dedo médio, na escola, com seus colegas e o segundo contato foi na adolescência indicado no dedo indicador, por meio da boia numeral, boia-2, ou seja, com dois dedos para serem referidos, coordenados conjuntivamente.

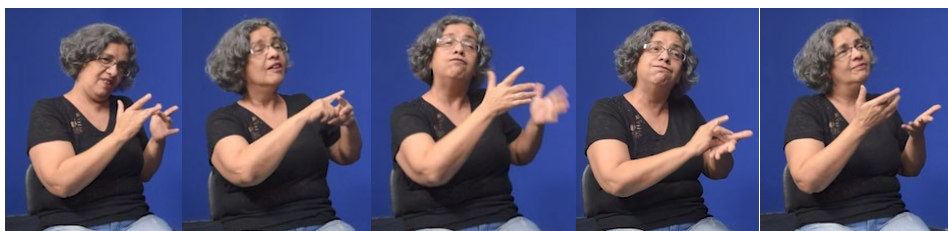
(4) Parataxe conjuntiva com o uso de boia lista.



INTERAGIR CONTATO PRIMEIRO [dedo médio. BOIA-2] PRIMEIRO CONTATO



CRIANÇA E (então) SINAL ESCOLA PRIMEIRO



CONTATO [dedo indicador BOIA-1] LÍNGUA-DE-SINAIS VERDADE E (então)



NORMAL SEU LÍNGUA-DE-SINAIS [dedo médio. BOIA 2.] TER-NÃO



SINTAXE DIFERENTE GESTO E (então) MAIS LÍNGUA DE SINAIS



TER E (então) O-QUE NADA E (não) TER



E (então)

INTERAGIR CONTATO PRIMEIRO [**dedo médio. BOIA-2**] PRIMEIRO CONTATO CRIANÇA E(então) SINAL ESCOLA PRIMEIRO CONTATO **dedo indicador. BOIA -1**] LÍNGUA-DE-SINAIS VERDADE E(então) NORMAL SEU LÍNGUA-DE-SINAIS [**dedo médio. BOIA 2.**] TER-NÃO SINTAXE DIFERENTE GESTO E(então) MAIS LÍNGUADESINAIS TER E(então) O-QUE NADA E (não) TER E(então)

A interação foi o primeiro contato, o primeiro contato foi com as crianças na escola, foi o primeiro contato, e o outro no qual eu sinalizei de verdade; com as crianças era sinalização normal, era assim, sem sintaxe, diferente, mais gestual, era também Língua de Sinais, não é que não era nada, tinham sinais.

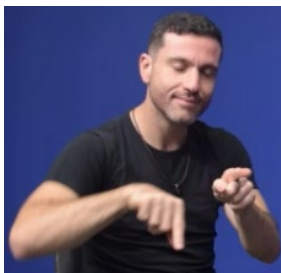


Essa unidade oracional complexa apresenta um conjunto de orações paratáticas que são coesivamente coordenadas por meio da apontação sistemática para a boia-numeral. Na segunda delas, há o uso da boia indicando o dedo médio para referir ao primeiro contato com outras crianças, dando a entender que também havia outra forma de contato indicada pelo outro dedo da boia que apresenta duas possibilidades. Na sequência, a sinalizante indica o dedo indicador contrastando o tipo de sinalização por meio da interação com outros surdos que era diferente da sinalização entre as crianças; daí, ela reitera apontando novamente para o dedo médio que a sinalização com as crianças era diferente da outra. Interessante que nesta unidade oracional paratática, os dedos não correspondem ao primeiro e ao segundo contato que aconteceu na infância e, depois na adolescência, temporal-

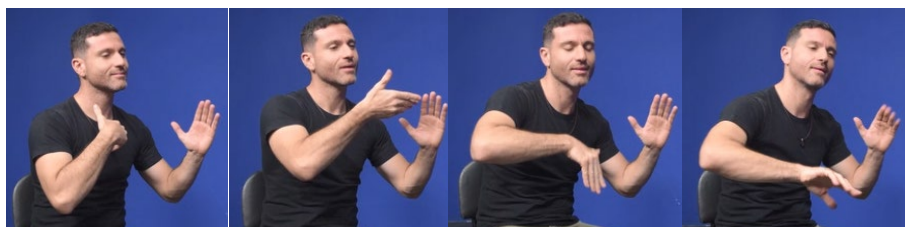
mente; mas sim, a sinalizante estabeleceu uma hierarquia de importância dada ao primeiro que foi na adolescência e, ao segundo dedo, que foi na infância. A coordenação paratática é indicada para elencar a experiência de interação na Língua de Sinais na infância e na adolescência apresentando algumas informações adicionais sobre cada uma delas, assim como estabelecendo uma diferenciação hierárquica em termos de importância atribuída a cada tipo de interação.

Quando a apontação é usada como boia, ela pode ser um mecanismo gramatical de marcação paratática. A seguir, apresentamos um exemplo que ilustra esta possibilidade:

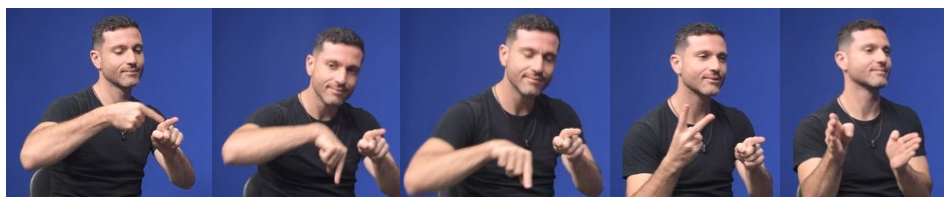
Figura 8: Boia-IX



(5) Parataxe conjuntiva Boia-IX.



IX (eu) Boia-IX (teatro-esquerda).



[esquerda DESVIAR direita] DOIS ALTERNAR

IX (eu) Boia-IX (teatro-esquerda) esquerda
DESVIAR direita DOIS ALTERNAR

*Eu desviei [do curso de teatro] [para o curso de
letras libras], daí frequentei um e outro curso
simultaneamente.*

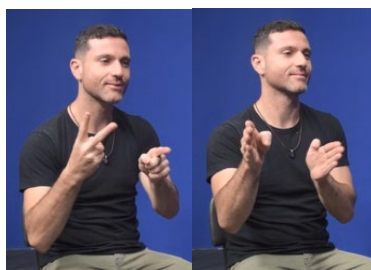


Nesse exemplo, o indicador (IX) é usado como boia, pois é mantido simultaneamente no espaço de sinalização à esquerda para referir ao curso de teatro enquanto a sinalização da oração seguinte referente ao curso de Letras Libras (à direita) apresenta uma relação paralela à primeira (o curso de teatro na esquerda). A relação entre as duas orações é de ter frequentado um e o outro curso simultaneamente. De certa forma, há uma relação temporal indicada pela simultaneidade (as duas ações aconteceram simultaneamente), mas o foco é ter frequentado os dois cursos em paralelo, o curso de teatro e o curso de Letras Libras, uma relação paratática conjuntiva. As orações podem ser separadas da seguinte forma:



IX (eu) Boia-IX (teatro-esquerda) esquerda DESVIAR direita]

Eu desviei do curso de teatro para o curso de Letras Libras.



DOIS ALTERNAR

Daí frequentei um e outro curso simultaneamente.

A Boia-IX é produzida ao longo da primeira oração e é substituída pelo sinal ALTERNAR com a utilização das duas mãos. A boia apresenta esta característica de indicar a relação e poder ser substituída por questões de ordem fonológica, pois o sinal seguinte precisava ser produzido com as duas mãos, assim uma das mãos é direcionada para a posição que antes estava ocupada pela Boia-IX, estabelecendo-se a correferência.

Outro elemento que indica parataxe conjuntiva é o sinal ‘É’. Esse indicador conjuntivo parece representar o verbo de ligação “ser” na oração, no entanto a posição do verbo de ligação não é marcada sistematicamente na Libras. Na verdade, muitas vezes, essa posição não tem nenhum item lexical associado a ela, embora seja identificado o predicado sem a presença do verbo. No entanto, quando o sinal ‘É’ é produzido, ele marca ênfase com interpretação afirmativa, tanto é que, muitas vezes, é produzido também na posição final da oração. Identificamos alguns

exemplos nos quais o É parece que está sendo usado exatamente para confirmar a correlação entre partes da unidade oracional complexa. Assim, incluímos aqui como um indicador conjuntivo, apesar deste mesmo elemento ser usado apenas para marcar a ênfase entre o sujeito e o predicado em várias ocorrências. Estamos considerando, portanto, que o sinal ‘É’ nos auxilia a identificar o uso de orações correlatas que indicam parataxe conjuntiva, mas talvez não seja em si um marcador conjuntivo com o mesmo status de outros marcadores, tais como o sinal ‘TAMBÉM’.

Figura 9: É



É FS (idioma)



É VERDADE IX (nós-todos) É USAR LINGUA-SINAIS



IX (mãos-sinais) E(então)

É FS (idioma) É VERDADE IX (nós-todos) É
USAR LÍNGUA-DE-SINAIS IX (mão) E(então)

É idioma, é verdadeira para todos nós, é a língua usada por nós, é isso.



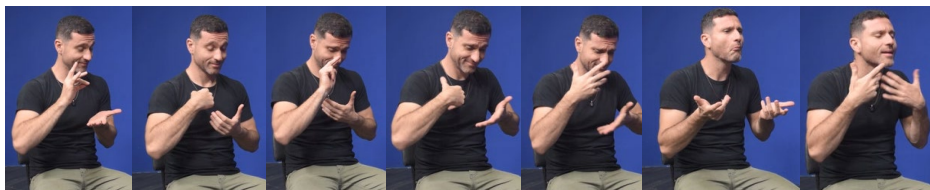
Nesse exemplo, as três orações estão iniciadas pelo item lexical ‘É’, que indica a composição conjuntiva: a primeira ‘É FS’ (idioma) ([a Libras] é idioma); a segunda ‘É VERDADE IX’ (nós-todos) (é [uma língua] vista por todos); e a terceira ‘É USAR LINGUA-SINAIS IX’ (mãos-sinais) (é a língua usada por nós). Observa-se uma correlação entre as orações marcadas individualmente pelo item lexical ‘É’.

Outro marcador é ‘PALM-UP’, um sinal gestual produzido de forma bastante produtiva com diferentes significados. Em algumas ocorrências, ‘PALM-UP’ pode indicar a marcação conjuntiva

Figura 10: PALM-UP



(7) Parataxe conjuntiva PALM-UP.



VERDADE IX (eu) 1VER1 IX (eu) SINALIZAR **PALM-UP** NATURAL

VERDADE IX (eu) 1VER1 IX (eu) SINALIZAR
PALM-UP NATURAL

Na verdade, eu olho para mim mesmo, eu sinalizando, é simplesmente natural.



Nesse exemplo, há três orações coordenadas. A primeira não apresenta marcador manual: IX (eu) 1VER1, seguida da segunda: IX (eu) SINALIZAR, que apresenta na sequência o gesto PALM-UP coordenando as duas primeiras com a terceira oração: NATURAL. A relação semântica estabelecida entre elas é conjuntiva com ênfase dada ao fato de ser alguém que sinaliza e se perceber sinalizante

de forma natural. Há uma espécie de elipse na segunda oração referente a ‘SINALIZAR’: é natural sinalizar. O ‘SINALIZAR’ se refere a ‘SINALIZAR’ produzido na oração anterior.

Esses foram os casos de conjuntivas manuais identificadas nos dados do nosso corpus. Nas análises realizadas, o uso da apontação estabelece marcação oracional. No entanto, a apontação, nesses casos, apresenta uma função referencial, sempre associada com movimento do torso, da cabeça e/ou direção dos olhos.

Assim, passamos esses casos para a categoria conjuntiva não manual.

8.4.1 Conjuntivas sem marcação manual, com marcações não manuais

O direcionamento do olhar alternando entre o evento e o interlocutor é um mecanismo recorrente que evidencia as orações coordenadas. O próximo exemplo ilustra isso:

(8) Parataxe marcada por meio da alternância da direção do olhar.



MÃE

SEGURAR-BEBÊ

MÃE

BATER-PALMAS

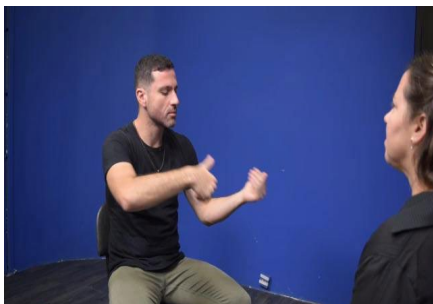
MÃE SEGURAR-BEBÊ MÃE BATER-PALMAS

*Minha mãe me acomodava e batia-palmas
para ver.*



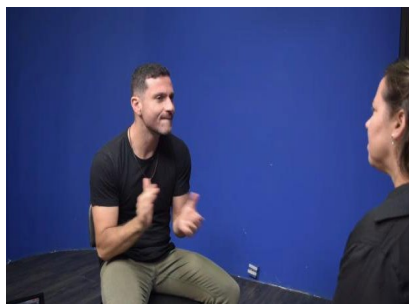
A primeira parte da oração é ‘MÃE SEGURAR-BEBÊ’ associada à localização estabelecida para o evento do lado esquerdo do espaço de sinalização e o direcionamento do olhar para a esquerda.

Figura 11: Direcionamento do olhar associado ao movimento da cabeça para a esquerda.



Junto ao direcionamento do olhar para a esquerda, há também um leve movimento da cabeça e do torso para a esquerda integrando a direção ao espaço de sinalização do evento. Na segunda parte da oração, 'MÃE BATER-PALMAS', o sinalizante passa a direcionar o olhar para o interlocutor, parece haver também associado ao sinal 'BATER-PALMAS', como se a mãe estivesse batendo palmas. De qualquer forma, a marca mais saliente, neste exemplo, é a alternância da direção do olhar para o evento e para o interlocutor indicando as duas orações coordenadas.

Figura 12: Direcionamento do olhar para o interlocutor.



A próxima unidade oracional complexa também apresenta alternância entre os eventos com a utilização do direcionamento do olhar e o uso de *role-shift*. Nesse exemplo, no entanto os papéis assumidos pelo sinalizante como aluno e como professor estão muito mais evidenciados como marcadores não manuais paratáticos. O *role-shift* é um marcador manual que utiliza o corpo do sinalizante como se estivesse representando o referente no escopo oracional relativo ao evento no qual este referente passa a ser o argumento principal da oração.

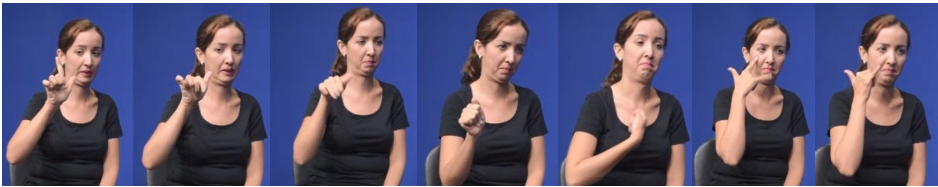
(9) Parataxe marcada pelo aceno pontual da cabeça.



MEU

NOME

FS (marisa)



FS (lima)

MEU SINAL

SINAL (marisa)

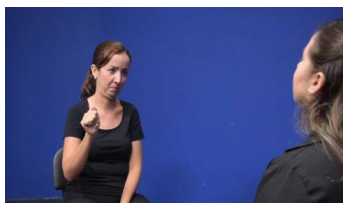
MEU NOME FS (marisa) FS (lima) MEU SINAL
SINAL (marisa)



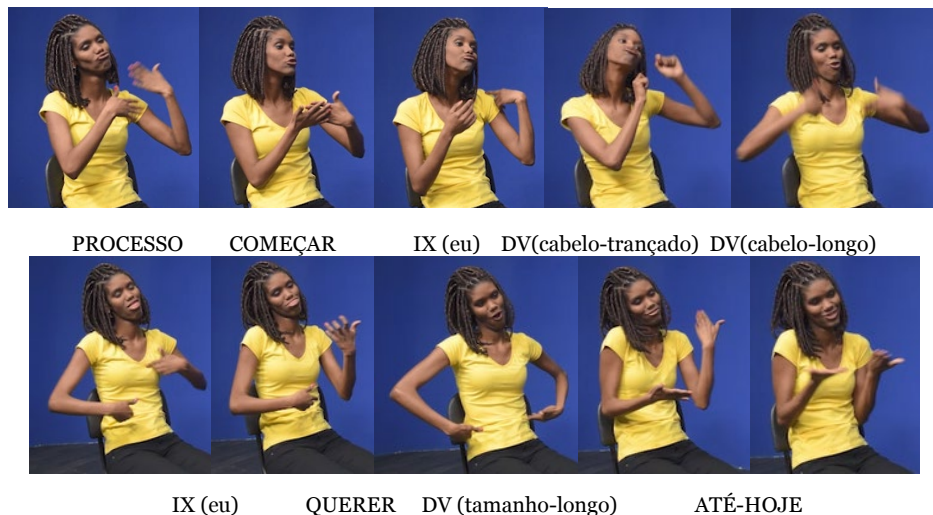
Me chamo Marisa Lima e este é meu sinal.

Esse tipo de marcação não manual indica o final de uma oração por meio de um leve aceno pontual da cabeça. É uma marca prosódica indicando o fechamento da oração, MEU NOME (marisa-lima). Na sequência, a sinalização volta para o padrão inicial, MEU SINAL (marisa). É como se houvesse uma conjunção de coordenação tipo ‘e’ que aparece na tradução para a Língua Portuguesa. Do ponto de vista semântico, essas duas orações apresentam correlação.

Figura 13: Aceno pontual da cabeça.



(10) Parataxe marcada pela alternância do movimento da cabeça.



PROCESSO COMEÇAR IX (eu) DV
 (cabelo-trançado)
 DV (cabelo-longo) IX (eu) QUERER DV)
 (tamanho-longo) ATÉ-HOJE

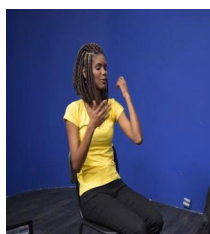


O tempo foi passando, daí eu comecei, eu tinha os cabelos trançados, longos, eu queria muito ter os cabelos longos e assim foi até hoje.

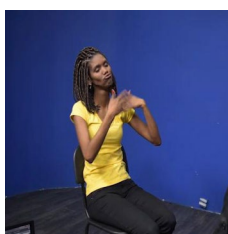
Na primeira oração, ‘PROCESSO’, a cabeça está levemente para o lado direito (14.a) e se move para a esquerda para indicar o início e a continuidade do andamento das coisas (14.b). A segunda oração, ‘COMEÇAR IX’ (eu) DV (cabelo-trançado), inicia com o reposicionamento da cabeça para indicar quando começou

(14.c) e, então, passa a estar associada a uma inclinação leve da cabeça para a esquerda (14.d). A terceira oração configura uma encaixada, DV (cabelo-longo) IX (eu) QUERER DV (tamanho-longo), com a alteração da posição da cabeça para o lado direito (14.d); então, a sinalizante insere um aceno da cabeça para concluir esta unidade oracional complexa com a elevação dos ombros (14.e), ‘ATÉ-HOJE’.

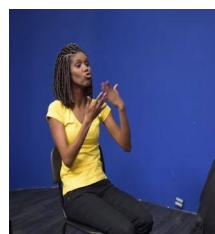
Figura 14: Alternância do movimento da cabeça.



14a.



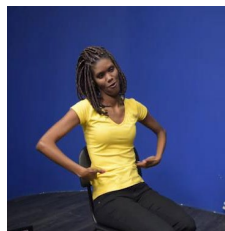
14b.



14c.



14d.



14e.



14f.

(11) Parataxe marcada pela alternância das orações por meio do uso de role-shift associado ao movimento do torso (Rimar).



[3VIR1] [DV-fazer-careta] IX [eu] [DV-olhar-rostto-aproximando].

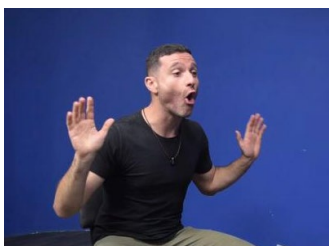
[3VIR1] [DV-fazer-careta] IX [eu] [DV-olhar-rostto-aproximando]

(o professor) veio (na minha direção) e fez uma articulação exagerada na minha frente e eu o vi bem próximo (posição de cima para baixo) a mim (posição de baixo para cima).

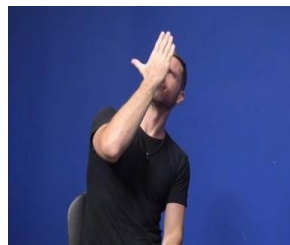


A primeira parte dessa oração, [3VIR1], é produzida pelo verbo VIR incorporado no classificador de pessoa por meio do dedo indicador que refere ao professor. Nessa parte da oração, o sinalizante está narrando o fato: o professor veio na minha direção, com a direção do olhar para direita de onde o professor estava vindo. As duas próximas orações estão alternadas por meio do *role-shift*, o primeiro *role-shift* incorpora o professor (15.a), [DV-fazer-careta-aproximação], e o segundo o aluno que é ele mesmo (15.b), [EU DV-olhar-rostro-aproximando]. Ao incorporar o professor vindo para cima dele, o sinalizante move o torso para frente indicando a ação e posição do professor e, na sequência, move o corpo para trás indicando a ação e posição do aluno com a perspectiva de estar olhando para o rosto do professor indicado pela mão. Essa alternância de papéis marcada pelas posições do corpo indica orações que estão coordenadas uma com a outra.

Figura 15: *Role-shift*.



15.a



15.b

O uso de alternância entre os marcadores não manuais demarca as orações. Observamos ainda outros tipos de alternância que foram aplicados para demarcar orações conjuntivas, tais como, a alternância do ritmo associado a cada oração, a alternância das expressões faciais (com e sem elevação das sobrancelhas) do uso dos espaços à frente do sinalizante. Além do uso da alternância, também observamos a pausa por meio do piscar dos olhos mais longo para delimitar as orações. Essas foram as ocorrências de orações conjuntivas com marcação não manual não associada a marcadores manuais.

8.5 ADVERSATIVAS

Os estudos sobre orações adversativas em Línguas de Sinais relatam o uso de conjunção manual, a descrição de orações adversativas justapostas e o uso de marcadores não manuais. Pfau (2016, p. 164) observa que muitas Línguas de Sinais parecem ter uma conjunção manual adversativa assim como a DGS (Língua de Sinais alemã):

(12) *roland spanish learn want but ix3a never time.*

‘Roland gostaria de aprender espanhol, mas ele nunca tem tempo. (DGS)’

Waters e Sutton-Spence (2005, p. 5) analisam a frequência de conjunções na BSL e concluem que a conjunção manual ‘*but*’, como em (12), representa 11% (a segunda mais frequente) de 238 instâncias de conectivos nessa língua.

(13) *Cornwall oral county but youth come deaf club.*

‘Cornwall é uma vila oralizada, mas os jovens vêm para o Clube dos Surdos.’

Zorzi (2018, p. 72) descreve as orações adversativas na Língua de Sinais catalã (LSC). De acordo com suas análises, são frequentemente expressas com a conjunção manual ‘MAS’ ou por justaposição, sempre em combinação com marcadores não manuais típicos de coordenação, como movimento ou inclinação de corpo e/ou cabeça e uso do espaço em lados opostos.

Zorzi (2018, p. 197) argumenta que na LSC as adversativas veiculam, como nas línguas orais, valores semânticos de contraexpectativa e retificação (contraste corretivo) e que a presença da conjunção manual não é obrigatória.

Rodrigues (2020) analisou 146 orações adversativas identificadas no Corpus de Libras (UFSC), dados da Grande Florianópolis. Dessas, 12% (18 ocorrências) correspondem a casos de justaposição (14 e 15), e 88% (128 ocorrências) a orações introduzidas por conjunção manual (16 e 17).

(14)



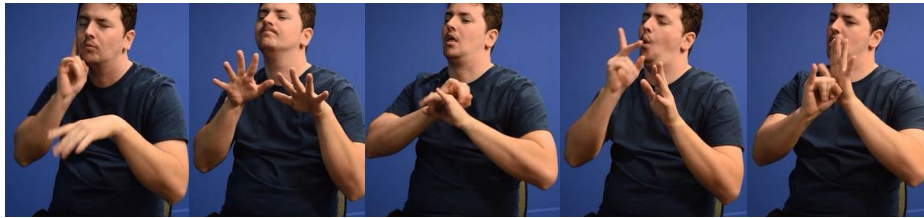
PROFESSOR

BOM

COMUNICAR

PODER

EXPLICAR



SURDO

DV(ASSISTIR) CLARO

PARECER

IDENTIDADE



IGUAL

IX (ele) PROFESSOR

OUVIR

INTÉRPRETE

INCLUSÃO

PROFESSOR BOM COMUNICAR PODER
EXPLICAR SURDO DV(ASSISTIR) CLARO
PARECER IDENTIDADE IGUAL IX (ele)
PROFESSOR OUVIR INTÉRPRETE
INCLUSÃO



Quando o professor é surdo consegue se comunicar melhor, tem a mesma identidade, os surdos entendem melhor, mas quando o professor é ouvinte é inclusão.

Fonte: (RODRIGUES, 2022).

(15)



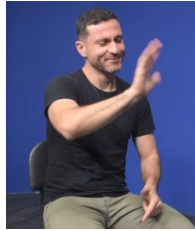
ATRASAR

É

ÓBVIO

PASSADO

ATRASAR] PROBLEMA [neg]



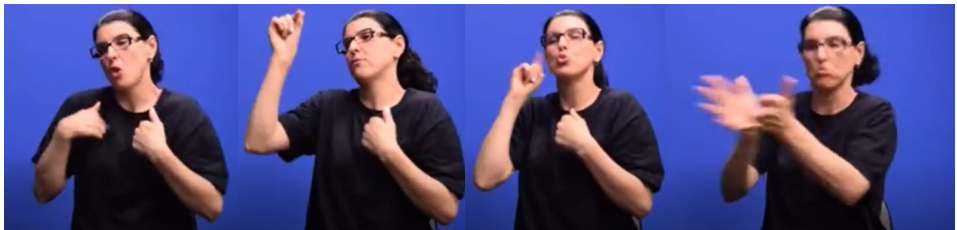
NÃO

ATRASAR É ÓBVIO PASSADO ATRASAR
PROBLEMA [neg] NÃO

*Atrasado, é óbvio lá atrás, muito atrasado,
mas não tem problema.
Sentença com ênfase ATRASAR e adversativa.*



(16)



IX (eu) PREFERIR

SURDO

LÍNGUA-DE-SINAIS

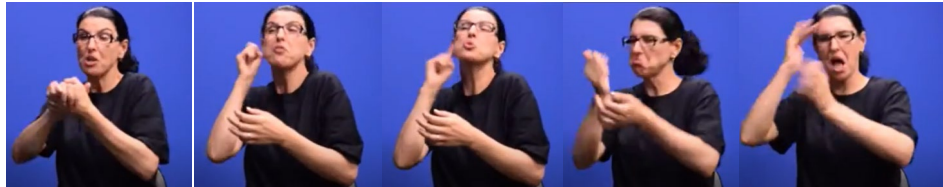


MAS1

IX (eu) DESCULPAR

IX (eu)

HOMEM



CASAR

OUVINTE

IX (orelha) E (positivo) SABER



LÍNGUA-DE-SINAIS

IX (eu) PREFERIR SURDO LÍNGUA-DE-SINAIS
 MAS1 IX (eu) DESCULPAR HOMEM CASAR
 OUVINTE IX (orelha) E(positivo) SABER LÍNGUA-
 DE-SINAIS



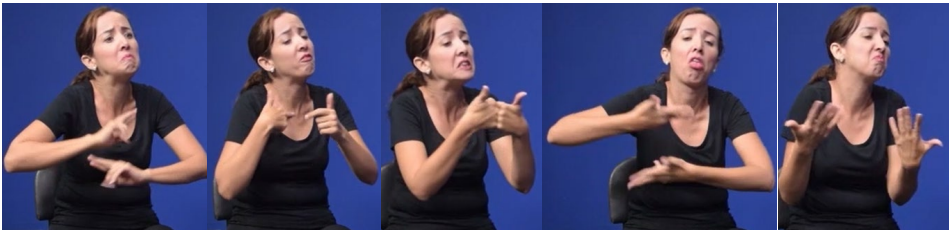
*Eu prefiro (interagir) com surdo, mas eu sou casa-
 da com um ouvinte que sinaliza.*

Fonte: (RODRIGUES, 2022).

(17)



[IX (todos)] ESCOLA [articulação-boca. MAS] [IX (eu)] SENTIR



DIFERENTE [neg] IX (eu) VIZINHO

INTERAGIR

E (então)

[IX (todos)] ESCOLA MAS [IX (eu)] SENTIR
DIFERENTE [neg] IX (eu) VIZINHO
INTERAGIR E (então)



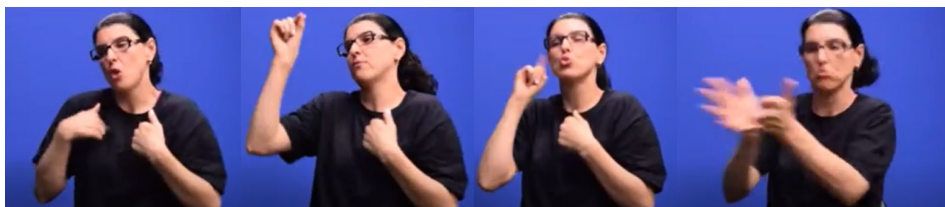
*Eu estudava, mas não me sentia diferente,
pois éramos vizinhos e interagíamos
normalmente.*

No corpus analisado, as adversativas apresentam diferentes marcadores manuais na Libras, assim como observado por Rodrigues (2019), o sinal que a autora identificou as conjunções adversativas ‘MAS1’, ‘MAS2’ e ‘MAS3’, essa terceira que estamos referindo como ‘PALM-UP’. Esses marcadores expressam uma relação semântica de oposição ou restrição a algo dito na oração anterior. A oposição pode apresentar diferentes graus, pois pode ser um contraponto, como Rodrigues (2019) refere, contraexpectativa, um comentário que informa uma retificação, um posicionamento diferenciado, até chegar a uma oposição de fato, que pode envolver uma negação.

Em relação aos valores semânticos das orações adversativas, Rodrigues (2019, 2020) esclarece que as orações adversativas em Libras podem veicular valores de contraexpectativa (18-20) e retificação (125), por exemplo. Na ocorrência registrada em (18), a conjunção manual ‘MAS1’ correlaciona duas sentenças que

veiculam valores contrastivos e de contraexpectativa. As premissas disponíveis a partir da informação de que a sinalizante prefere se relacionar com surdos se opõem a uma aparente conclusão de que, por exemplo, ela não se casaria com um ouvinte. Todavia, a sinalizante afirma na sequência que é casada com um homem ouvinte.

(18)



IX (eu) PREFERIR

SURDO

LÍNGUA-DE-SINAIS



MAS

IX

(eu) DESCULPAR IX (eu) HOMEM



CASAR UVINTE IX (orelha) E (positivo) SABER



LÍNGUA-DE-SINAIS

IX (eu) PREFERIR SURDO LÍNGUA-DE-SINAIS
MAS₁ IX (eu) DESCULPAR HOMEM CASAR
OUVINTE IX (orelha) E(positivo) SABER
LÍNGUA-DE-SINAIS

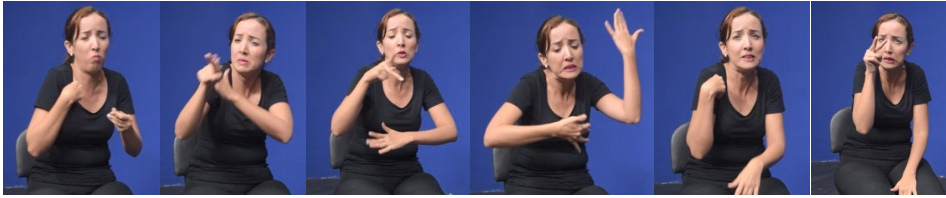


Eu prefiro (interagir) com surdo, mas eu sou casada com um ouvinte que sinaliza.

Fonte: (RODRIGUES, 2022).

Igualmente em (19), temos um exemplo de contraste e contraexpectativa em sentenças justapostas, ou seja, sem que seja feito o uso de uma conjunção manual adversativa. Nessa ocorrência, a informação de que o professor, quando questionado pela aluna, explicava a ela o conteúdo que se opõe à conclusão esperada de que a estudante compreendia aquilo que lhe fora ensinado. No entanto, mesmo com a explicação do professor, a aluna não entendia.

(19)



IX (eu) 1PERGUNTAR₃ PROFESSOR, 3EXPLICAR₁ IX (eu) 1VER₃



IX (eu) ENTENDER NÃO ENTENDER NÃO IX (ele) PALM-UP

IX (eu) 1PERGUNTAR₃ PROFESSOR₃, EXPLICAR₃ IX (eu) 1VER₃, IX (eu) ENTENDER NÃO, ENTENDER NÃO, IX (ele) PALM-UP



*Eu perguntava ao professor e ele explicava,
mas eu não entendia de jeito nenhum e ele
não sabia o que fazer.*

Em (20), por sua vez, o sinalizante, numa discussão sobre escola inclusiva, afirma que a presença de intérpretes é boa, o que habilita uma conclusão de que ele é a favor de escola inclusiva. Essa pressuposição, todavia, é cancelada, pois na segunda sentença, ele afirma que intérpretes são bons em auditórios (mas não nas escolas).

(20)



SE

INTÉRPRETE

AJUDAR

BOM



MAS

AUDITÓRIO

IMPORTANTE

SE INTÉRPRETE AJUDAR BOM MAS
AUDITÓRIO IMPORTANTE

*‘(Nas escolas) se tem intérprete ajuda, é bom, mas
é mais importante em auditório.’*

Fonte: (RODRIGUES, 2022).



Já o valor de retificação associado às orações adversativas pode ser verificado em sentenças como (21), em que, segundo Rodrigues (2022), “na primeira parte da sentença figura a informação de que alguns surdos gostam de música, informação que é retificada na segunda oração introduzida por ‘MAS’ (MAS2), em que é explicitado que os surdos gostam de música adaptadas”:

(21) TER PESSOA SURD@ GOSTAR INDEX3 MÚSICA3 S-I-M **MAS2** ADAPTAÇÃO

‘Há surdos que gostam de música, mas quando existe uma adaptação.’

A seguir, apresentamos os marcadores identificados em nosso corpus como ‘MAS1’, ‘MAS 2’ (com uma e duas mãos), ‘PALM-UP’ e ‘MAS-NÃO-É’, na figura 16.

Vamos apresentar um exemplo de cada uma dessas instâncias. As ocorrências de ‘PALM-UP’ nesses exemplos analisados do corpus apresentam função adver-

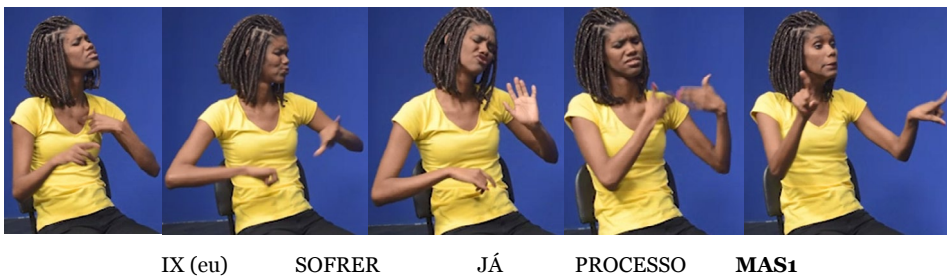
sativa. ‘PALM-UP’ é um gesto que aparece com diferentes funções gramaticais, como já identificado no caso de parataxe conjuntiva anteriormente. Nos casos de adversativas, sempre há uma associação com marcações não manual que indicam a oposição ou a restrição.

O último caso de marcação adversativa incorpora a negação. Na figura 16, ‘MAS-NÃO-É’ é um marcador manual tipo ‘MAS’ incorporando a negação com o movimento de negação na própria mão para direita e esquerda intermitente.

Figura 16-21: Marcações manuais adversativas.



Figura 22





IX (eu) ADQUIRIR FORTE IX (eu) FORÇA

IX (eu) SOFRER JÁ PROCESSO MAS IX (eu)
ADQUIRIR FORTE IX (eu) FORÇA



*Eu sofri muito, mas isso me tornou
poderosa e forte.*

Nesse exemplo, a segunda oração apresenta uma oposição à primeira que informa sobre o sofrimento da Priscila: IX (eu) SOFRER JÁ PROCESSO, a oposição é que em contrapartida ao sofrimento, ela se tornou poderosa e forte, introduzida pelo sinal MAS₁: MAS₁ IX (eu) ADQUIRIR FORTE IX (eu) FORÇA.

(23) Parataxe adversativa 'MAS₂'.



INTERAGIR CRESCER **MAS₂** AQUI IX (eu) ESTUDAR



FIEL IX (aquele) NÃO

INTERAGIR CRESCE**MAS2** IX (aquele) IX (eu)
 ESTUDAR FIEL IX (aquele) NÃO



Fui interagindo e crescendo, mas eu não estudei apenas aqui não.

Nesse exemplo, Ana Regina apresenta uma restrição ao fato de ter estudado em um determinado lugar onde interagira com vários colegas, INTERAGIR+ CRESCE+. A restrição informa que não estudou apenas nesta escola: **MAS2 AQUI IX (eu) ESTUDAR FIEL AQUI NÃO**. É uma marca manual adversativa, apresentando uma restrição ao que foi dito anteriormente formando uma construção paratática.

Os exemplos associados ao sinal **MAS2** aparecem com uma ou duas mãos. O uso de duas mãos parece dar mais ênfase ao contraste dado à construção adversativa.

(24) Parataxe adversativa PALM-UP.



É PALM-UP PROBLEMA IX (essa) MÃE PENSAR CULPAR



IX (ela) NÃO

E (então) PROBLEMA PALM-UP IX (essa) MÃE
PENSAR CULPAR IX (mãe) NÃO



E aí esse problema, mas a mãe não teve culpa não.

Nesse exemplo, o sinal 'PALM-UP' é produzido marcando a adversativa oposicional. A primeira oração anuncia o problema: E (então) PROBLEMA e o sinal 'PALM-UP', uma produção gestual com significados dependente do discurso, apresenta a função adversativa anunciando que a mãe não tinha culpa do problema: 'PALM-UP IX' (essa) MÃE PENSAR CULPAR IX (mãe) NÃO. A produção 'PALM-UP' apresenta a característica de se moldar a cada contexto com função relacional. Nesse caso, está marcando a fronteira entre as duas orações. Assim como observado em todos os exemplos, a marcação não manual associada às orações adversativas está marcada nesta unidade oracional complexa. Essa marcação não manual adversativa normalmente está marcada por uma expressão facial que contrasta com a anterior e com o movimento da cabeça para trás.

(25) Parataxe adversativa MAS-NÃO-É.



IX (eu) TER

INTERAGIR

MAS-NÃO-É

EXEMPLO

NÃO



TAMBÉM

OBRIGAR

PARECER

CERTO

FORMAL

IX (eu) TER INTERAGIR **MAS-NÃO-É**
EXEMPLO NÃO TAMBÉM OBRIGAR PARECER
CERTO FORMAL

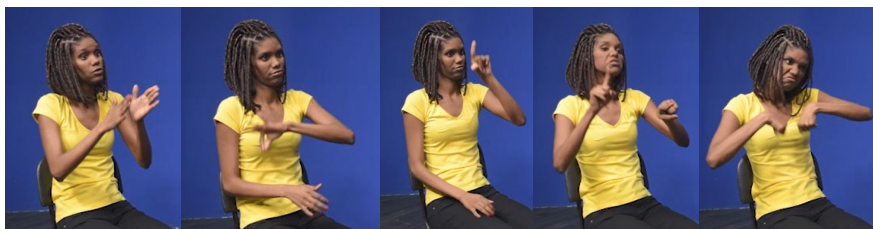


Sim, eu tenho interações na Língua de Sinais, mas por exemplo não é uma Língua de Sinais que segue obrigatoriamente um registro formal.

Rimar está falando sobre as interações que teve em Libras ao longo da sua vida. Ele conta que interagira na Língua de Sinais neste determinado contexto expresso na primeira oração, IX (eu) TER INTERAGIR e, então introduz um contraponto por meio do sinal MAS-NÃO-É que é o sinal MAS2 incorporando a negação com o movimento intermitente para a direita e para esquerda que é encontrado no sinal NÃO, para dizer que não era uma interação formal, séria, precisa. Aqui está expressa uma adversativa marcada manualmente. A oposição também está estabelecida pelo movimento afirmativo da cabeça associado a primeira oração e o movimento negativo da cabeça estabelecendo uma oposição ao produzir o sinal MAS-NÃO-É.

Após fazermos análises dos casos de adversativas, encontramos também algumas unidades oracionais complexas com os sinais que são tipicamente encontrados em adversativas, mas com usos que podem ser analisados com uma interpretação semântica diferenciada indicando, por exemplo, uma relação complementar que pode ser analisada como uma parataxe conjuntiva. Por exemplo, a seguir há uma ocorrência de coordenação entre duas orações marcadas pelo sinal MAS1, típico marcador paratático, mas sem função restritiva ou oposicional:

(26) Parataxe conjuntiva MAS1.



VERDADE

LADO

SALÁRIO

E (pouco) MAS1

ESFORÇAR

VERDADE LADO, SALÁRIO E (pouco), MAS1
ESFORÇAR



*Na verdade, na instituição o salário pago
era baixo, mas (o intérprete) se esforçava
(mesmo assim).*

Os autores que analisaram construções coordenadas em outras Línguas de Sinais apontam para casos ambíguos que são, às vezes, difíceis de serem classificados em uma ou outra categoria (por exemplo, TANG e LAU 2012), especialmente quando estamos analisando dados em uso, que é o nosso caso. As marcações não manuais que compreendem pistas prosódicas ou marcadores não manuais gramaticalizados são decisivos nas análises. Esses marcadores sempre ocorrem simultaneamente com as marcações manuais.

8.5.1 Adversativas sem marcação manual, com marcações não manuais

As unidades oracionais complexas paratáticas adversativas indicam uma oposição ou contraste da oração precedente com a oração introduzida pelo marcador não manual. Os marcadores manuais 'MAS1', 'MAS2', 'PALM-UP' e 'MAS-NÃO-É' estão associados com as respectivas marcações não manuais que podem aparecer sem estes marcadores manuais. Portanto, os marcadores manuais não são obrigatórios e os marcadores não manuais parecem estar gramaticalizados, pois efetivamente compreendem a marcação paratática adversativa.

Nos dados analisados do Corpus de Libras, Rodrigues (2020) observa que 77% (113 ocorrências) de orações adversativas coocorrem com *mouthing* 'mas' ou 'm', correlacionado muitas vezes a outros MNM, como franzimento ou arqueamento das sobrancelhas. O arqueamento de sobrancelhas, todavia, é o MNM mais frequentemente associado à produção de orações adversativas, correspondendo a 68,5% (100 ocorrências).

Segundo Sandler (2010), a prosódia em LS é marcada pela articulação das mãos, face (sobrancelha, olho e boca) e corpo. Desse modo, há uma forte relação entre o uso de MNM, como elementos prosódicos, e sintaxe nas línguas de sinais. Coulter (1978), por seu turno, associa o uso de expressões faciais à estrutura informacional. O autor relaciona especialmente o arqueamento de sobrancelhas a alterações prosódicas, como aumento da entonação em perguntas, nas línguas orais. O arqueamento de sobrancelhas também é associado à introdução de informações novas, como em construções de tópico.

Considerando o alto índice de arqueamento de sobrancelhas nos dados de Rodrigues (2020), compreendemos que sua associação às orações adversativas está relacionada ao fato de que o segundo conjunto na oração adversativa veicula, como previsto em Bally (1965) e discutido em Longhin-Thomazi e Rodrigues (2011), informações remáticas salientes, que se contrastam, em algum nível, com a informação apresentada no primeiro conjunto.

Nas nossas análises, a primeira marca não manual apresentada envolve a elevação das sobrancelhas marcando uma quebra prosódica entre a oração antecedente e a oração seguinte, normalmente associada com movimento da cabeça, conforme ilustrado no exemplo (26).

(27) Parataxe adversativa com marcações não manuais de elevação das sobrancelhas indicando a quebra prosódica entre as orações coordenadas.



DV (escrever-quadro EU

COPIAR

SIGNIFICAR

LER

EU



ENTENTER-NÃO

DV (escrever-quadro) EU COPIAR+ [SIGNIFICAR
LER] adversativa EU ENTENTER NÃO



Eu copiava o que estava escrito no quadro, mas o significado do que estava lendo, eu não entendia.

Essa unidade oracional apresenta três orações. A primeira, DV (escrever-quadro) EU COPIAR+, na qual ele apresenta sobre o que está discutindo, o evento de copiar do quadro o que era escrito. Daí ele marca a adversativa por meio da sobrancelha elevada, [SIGNIFICAR LER], que indica ao que ele vai contrastar, ou seja, o significado da leitura, então informa o contraste na terceira oração, EU ENTENDER NÃO, não entendia. Claramente a marcação por meio da elevação da sobrancelha indica a oração adversativa por si mesma, sem necessidade de haver um marcador manual. Na composição não manual, o direcionamento do olhar para o sinal produzido pelas mãos é destacado e auxilia na identificação do contraste marcado.

(28) Parataxe adversativa com marcações não manuais de rebaixamento das sobrancelhas indicando a quebra prosódica entre as orações coordenadas.



E (positivo) DV (modalidade) FLUENTE MARAVILHA [DV (cabeça-negação)]

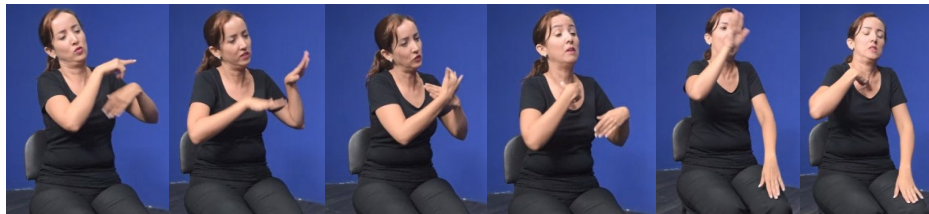
E(positivo) DV (modalidade) [FLUENTE
MARAVILHA] adversativa
[DV (cabeça-negação)] adversativa



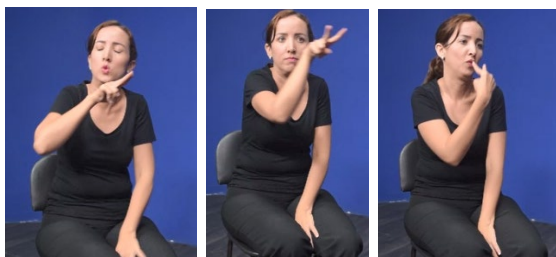
*Eu ia e vinha (na escola), mas quanto à
fluência da Língua de Sinais dos professores,
não tinham fluência não.*

Nesse exemplo, há três orações na unidade oracional: a primeira, IX (eu) DV (modalidade), em que o sinalizante refere às suas idas e vindas na escola; a segunda oração que marca a oração adversativa, [FLUENTE MARAVILHA], mas os professores serem fluentes, em que marca a oração adversativa, [DV (cabeça-negação)], em que está sinalizada a negação da oração anterior. Do ponto de vista semântico, está posto o contraste entre uma e outra oração devidamente marcada pelas sobrancelhas rebaixadas e marcada pelo contraste implicado por meio da marcação da negação por meio do movimento da cabeça.

(29) Parataxe adversativa com marcações não manuais de movimento da cabeça indicando a quebra prosódica entre as orações coordenadas.



ELE ÀS-VEZES 3AJUDAR₁ IX (eu) MAS IX (eu)



USAR VER LER-LÁBIOS

ELE ÀS-VEZES AJUDAR₁ [MAIS EU]
adversativa USAR VER LER-LÁBIOS



Ele às vezes me ajudava, mas eu usava mais frequentemente a leitura labial.

Em (28), temos duas orações, ELE ÀS VEZES AJUDAR-1, apresentando o evento que normalmente acontecia, e, então, indicando um contraste que indica que isso não era a regra, [MAIS EU] adversativa USAR VER LER-LABIAL, ‘mas eu usava mais frequentemente a leitura labial’. O contraste semântico é em relação ao advérbio temporal: ÀS VEZES e frequentemente indicado aspectualmente por meio do movimento associado ao verbo LER-LÁBIOS. Os contrastes dos movimentos da cabeça associados com a primeira e a segunda oração compõem a quebra prosódica marcada entre uma e outra oração.

8.6 DISJUNTIVAS

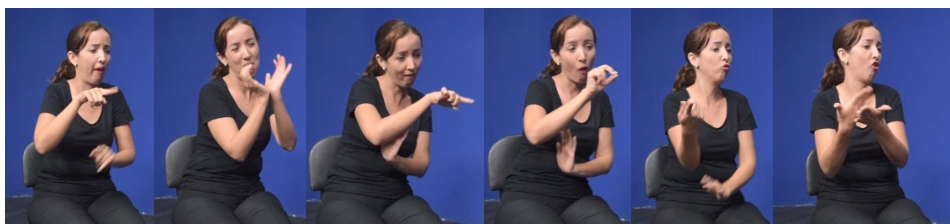
A parataxe disjuntiva manual apresenta apenas um sinal manual no corpus analisado. O sinal OU foi formado a partir da soletração da palavra em Língua Portuguesa ‘ou’ que é um item lexical disjuntivo usado em Língua Portuguesa. e sua produção é associada à articulação da boca em ‘O’. Todos os participantes que

produziram orações disjuntivas com marcação manual usaram OU associado com a articulação da boca em ‘O’, conforme ilustrado na figura 17 e também observado no exemplo em (29).

Figura 17: OU



(30) Parataxe disjuntiva OU.



É

APAE

DEM (aquele) **OU**

ESCOLA

É APAE DEM (aquele) **OU** ESCOLA

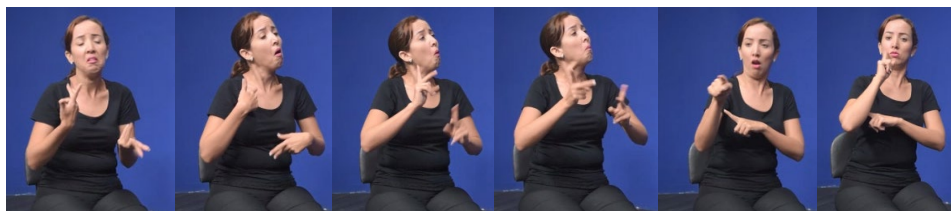
Era APAE ou escola ouvinte.



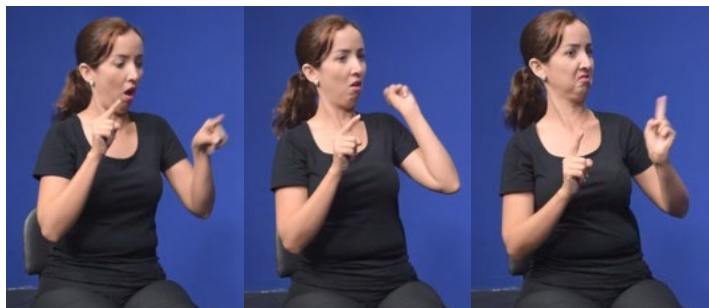
A relação semântica de disjunção indica que uma das opções estava disponível, no caso do exemplo em (29), era estudar na APAE ou na escola de ouvinte. A participante estava explicando que não havia outras opções, apenas essas duas e que era necessário fazer uma escolha de uma delas entre as duas.

A seguir, apresentamos outro exemplo de disjuntiva associado à alternância da apontação combinada com alternância do torso.

(31) Disjuntiva com alternância da apontação combinada com alternância do torso.



E (então) IX (eu) NÃO PERCEBER DEM (aquele) SURDO



OUVINTE DEM (este) NÃO

EU NÃO PERCEBER SURDO OUVINTE NÃO

Então, eu não percebia se eu era surdo ou se eu era ouvinte.



Em (30), temos o contraste disjuntivo estabelecido pelo movimento do torso para direita associado ao sinal SURDO e, para a esquerda, associado ao sinal OUVINTE combinado com a apontação evidenciando a disjunção, entre SURDO ou OUVINTE. Nesse exemplo, há também a combinação da alternância do movimento do torso com o direcionamento do olhar.

As estruturas paratáticas com marcadores manuais são mais facilmente identificadas devido à presença do item lexical que conecta as orações coordenadas. Essas orações estão associadas com marcadores não manuais, assim como observado por Rodrigues (2019). Assim, constatamos o uso dessas conjunções em orações paratáticas corroborando os resultados do estudo de Rodrigues (2019).

No entanto, muitas ocorrências de unidades oracionais complexas acontecem sem a presença de um item lexical conjuntivo. Nos dados do Corpus de Libras dos Surdos de Referências analisados neste trabalho, verificamos uma grande produtividade de orações paratáticas sem esses marcadores manuais conjuntivos. A análise indica que o uso dos marcadores não manuais é muito representativo e, muitas vezes, preferido pelos sinalizantes. Assim, dedicaremos a próxima seção para discutirmos sobre esses dados.

8.6.1 Disjuntivas sem marcação manual, com marcações não manuais

Por fim, o último tipo de marca não manual paratático é disjuntivo. A marca identificada no corpus analisado envolve o movimento do torso alternado de um lado e de outro, estabelecendo o contraste que indica a disjunção. O movimento de um lado para o outro, normalmente, é associado também com movimento para trás e para frente combinado com o movimento da cabeça.

As marcações não manuais são mais sutis do que as marcações manuais. No entanto, verificamos no corpus que são as mesmas que aparecem quando há a marcação manual explícita. Isso indica que as marcações não manuais são mais consistentes, apesar de serem mais difíceis de serem isoladas paradigmaticamente. Isso acontece porque a Língua de Sinais tem essa característica atrelada à modalidade em Língua de Sinais que viabiliza a produção simultânea de vários elementos. No caso da parataxe adversativa, a elevação ou rebaixamento das sobranceiras pode ser associado com movimentos do corpo e o direcionamento do olhar. Quando temos uma disjuntiva, a marcação de contraste do corpo e/ou da cabeça associada a uma oração e a outra alternativamente pode ser combinada ou não e, também, estar associada ao direcionamento do olhar. Quanto às conjuntivas, podemos ter o direcionamento do olhar indicando a conjunção, assim como o aceno pontual da cabeça, a alternância do uso da cabeça e o uso do *role-shift*.

Quadros, Silva e Nogueira (2022-no prelo) destacam os seguintes achados: a) a principal estratégia de organização sintática de orações paratáticas da Libras é do tipo conjuntiva não manual, com 164 ocorrências; b) embora os casos de parataxe conjuntiva não manual sejam os mais frequentes, outras estratégias são usadas pelos sinalizantes, a saber: conjuntivas manuais, com marcadores como TAMBÉM, uso de boia com apontação para uma sequência de orações, o uso do sinal 'É', 'PALM UP'; c) disjuntivas manuais, tendo como padrão a marca 'OU', podendo haver outras estratégias, a exemplo da elevação dos dedos indicadores no espaço neutro com movimentos alternados para cima e para baixo indicando a disjunção; d) disjuntivas não manuais em número bastante reduzido (02 ocorrências apenas); e) paratáticas adversativas manuais, tendo como padrão o marcador 'MAS' e suas variantes; f) adversativas com marcas não manuais, também bastante frequentes; por fim, g) destacam-se os casos em que há combinação de paratáticas, ou seja, num mesmo enunciado, há mais de um tipo de parataxe.

Em todos os tipos de parataxe analisados foram encontradas estruturas com marcas manuais e não manuais, fato comum em outras pesquisas envolvendo línguas de sinais (TANG e LAU, 2012; DAVIDSON, 2013). Importante observar o processo de marcação em sobreposição de marcas manuais e não manuais, fato possível em função, sobretudo da modalidade linguística das Línguas de Sinais. Em outros termos, quando há um marcador manual, junto dele marcas não manuais atuam na expressão linguística, sendo, por vezes, apenas as marcações não manuais suficientes para a expressão sintático-semântica. Ainda assim, como mostra David-

son (2013), nos casos em que há apenas marcas não manuais, é sempre acionada uma combinação dessas marcas, geralmente torso, cabeça e/ou olhos, em sincronia.

Como observado por Tang e Lau (2021), o processo de segmentação de Línguas de Sinais ainda é caro ao linguista que descreve essas línguas. Esse fato fica mais evidente quando nos deparamos com dados de uso reais da língua, extraídos de *corpora* de Línguas de Sinais, em que toda a riqueza expressiva da língua se revela. Assim, sinais, mais o uso de classificadores, o uso de expressões não manuais, o jogo de olhares e a utilização do espaço constituem uma rica e complexa estrutura fonologicomorfofossintaticosseântica (tudo junto mesmo) das Línguas de Sinais. Para além dos recursos de ordem mais segmentais, pistas prosódicas, como pausas e ritmo, são de suma importância na determinação de certas unidades sintáticas da Libras. Assim, não é exagero afirmar que as pistas prosódicas e semânticas, por vezes, se sobrepõem às marcas morfossintáticas.

Embora a escrita não seja uma representação de uma língua, as línguas orais se beneficiam dessa tecnologia (a escrita), no momento da segmentação, tomando-a como referência para registros e mesmo para representar unidades sintáticas ou de outra natureza, o que não ocorre com as Línguas de Sinais, para as quais um sistema de escrita consolidado ainda inexistente. A definição de onde começa e onde termina uma unidade sintática em línguas como a Libras é, ainda, desafiador ao linguista, o que, de alguma forma, enaltece a necessidade de mais trabalhos que descrevam essa língua em todos os níveis de análise.

Os achados apresentados nesta pesquisa sobre parataxe em Libras certamente não se esgotam no trabalho por nós realizados. Outras investigações, sobretudo envolvendo a interface sintaxe/prosódia, serão de grande impacto para a descrição desse fenômeno linguístico na Libras. Embora tenhamos abordado a importância da prosódia nos processos de parataxe em Libras, certamente estudos experimentais, controlados, podem apontar com mais clareza o papel da prosódia na constituição de unidades sintáticas nas Línguas de Sinais.

8.7 HIPOTAXE

A oração começa a partir de um predicador que, por sua vez, vai exigir uma estrutura argumental. Os argumentos são esses elementos que são acionados e que vão compor a estrutura em torno do predicador. E, assim, a partir das características semânticas e transitivas do verbo, uma oração será determinada, alicerçada em um esquema proposicional e discursivo maior, de forma que o predicador é a base da organização do sintagma verbal.

Mas, em uma sentença, podemos identificar elementos que não são aqueles exigidos pelo predicado. Isso significa que, na descrição de orações e de sua estrutura argumental, há termos que não são considerados complementos, apesar de fazerem parte da sentença. Esses termos, embora não sejam argumentos, ajudam

a construir o enunciado, compõem a cena discursiva e funcionam como satélites. Considerando a estrutura argumental, um complemento não pode ser dispensado, já um satélite, sim. Mas isso não quer dizer que um satélite não seja um termo importante da sentença.

Toda uma oração pode funcionar como satélite de uma oração matriz e, nesse caso, essas orações funcionam como um adjunto da oração principal, pois promovem um realce e proporcionam um aspecto circunstancial. De alguma forma, elas orientam o interlocutor para a mensagem que se quer transmitir, organizando o discurso. Pode ser uma parte importante, no todo discursivo, a conduzir o interlocutor à mensagem dita e orientar para o cenário em que desenrola o evento, ou seja, serve para um propósito maior do enunciado.

A articulação entre uma oração *satélite*, considerada um elemento relativamente dependente, e uma oração matriz, considerada o seu elemento dominante, acontece a nível de hipotaxe. Assim, orações articuladas por hipotaxe atuam para a formação de um discurso coeso e coerente, já que mantêm uma relação circunstancial com as orações com as quais articulam (NEVES, 2001; LIMA, 2002).

Para Lehmann (1988, p. 2), a hipotaxe pode ser concebida como a “subordinação de uma oração no sentido restrito”, que apresenta uma relação de dependência com a oração nuclear, bem como tem a função de uma sentença satélite que gira em torno da sentença matriz. Halliday (2004, p. 452) destaca que a hipotaxe é a ligação de sentenças que não possuem o mesmo status hierárquico. Segundo o autor, “o elemento dominante é livre, mas o elemento dependente não o é”.

Nas unidades oracionais complexas, articuladas a nível de hipotaxe, existe a oração primária, considerada a oração dominante, e a oração secundária, considerada a oração dependente. Vale ressaltar que o termo “primária” não tem o sentido de principal, mas o sentido de nuclear ou matriz. É a partir dela que o outro segmento do complexo oracional segue. Neves (2001) coloca que nem sempre as orações primárias carregam a informação mais importante do discurso. Ao contrário, muitas vezes é a informação da oração dependente e não a da oração principal, que é comunicativamente a mais importante. Afinal, se a informação do satélite não fosse importante, não haveria porque acrescentá-la.

A sentença (31), a seguir, ilustra uma unidade oracional complexa na Libras, em que as unidades componentes estão articuladas a nível de hipotaxe. A oração dependente traz uma circunstância que realça a proposição estabelecida na oração matriz. Nesse caso, a oração dependente estabelece o tempo do evento expresso na matriz.

(32) Hipotaxe temporal.



IDADE COMEÇAR 1-2 COMEÇAR APRENDER LÍNGUA- DE-SINAIS

**IDADE COMEÇAR 12 COMEÇAR
APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS**



***Quando eu tinha 12 anos, eu comecei a
aprender a Língua de Sinais.***

A oração complexa acima é constituída pela unidade oracional 1 – IDADE COMEÇAR 12 (*Quando eu tinha 12 anos*), considerada a oração dependente, e pela unidade oracional 2 – COMEÇAR APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS (*eu comecei a aprender a Língua de Sinais*), considerada a oração matriz ou nuclear. Elas estão articuladas a nível de hipotaxe, pois a primeira oração funciona como um adjunto da oração nuclear, ao trazer uma circunstância sobre a proposição que é codificada na oração nuclear. Nesse caso, o evento estabelecido na unidade oracional 1 funciona como um marcador temporal do evento que é estabelecido na unidade oracional 2. Isso significa que toda a oração 1 age como um adendo em relação à oração 2. A relação hipotática estabelecida é satélite-núcleo, em que a oração satélite cumpre uma função adverbial temporal. Não há dependência sintática entre elas, pois a oração satélite não atua como complemento da oração núcleo. Do ponto de vista estrutural, a oração satélite está menos integrada, apesar de haver algum nível de dependência, e sua função está relacionada à organização do discurso, ao trazer um adendo à proposição codificada na oração nuclear.

(33) Unidade oracional 1



IDADE

COMEÇAR

1-2

Quando eu tinha 12 anos [...]

Unidade oracional 2



COMEÇAR

APRENDER

LÍNGUA-DE-SINAIS

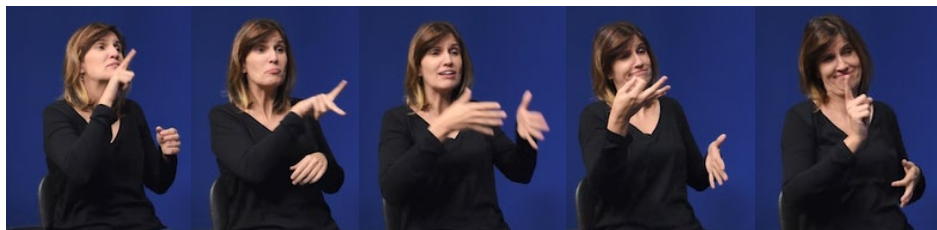
[...] [eu] comecei a aprender a Língua de Sinais.

Durante a articulação da unidade oracional 1, pode ser observado um discreto deslocamento posterior do corpo, enquanto o olhar do sinalizante está direcionado para as próprias mãos. Na articulação da unidade oracional 2, há um discreto deslocamento anterior do corpo em relação ao padrão anterior, enquanto o olhar do sinalizante é direcionado para pontos distintos do espaço de sinalização, como se estivesse enfatizando a sua interação com diferentes interlocutores durante o seu processo de apropriação da Libras. Não há um sinal que atue como conectivo a articular as duas orações, embora haja uma mudança no padrão prosódico que parece distingui-las.

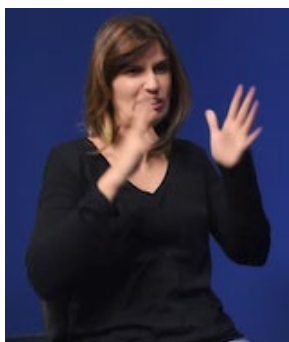
Além das orações adverbiais, na hipotaxe temos orações que interrompem outras para fazer um esclarecimento, como se fossem um aposto, que nesse caso, está em forma de oração. Essas orações são classificadas como adjetivas explicativas (ou apositivas) e, assim como as adverbiais, servem para modificar o sentido da oração principal, trazendo uma informação suplementar. Mas não são consideradas parte da oração matriz. Há uma dependência semântica, mas não estrutural.

A sentença (32), a seguir, também ilustra orações articuladas a nível de hipotaxe, em que a oração dependente se configura como uma adjetiva explicativa em relação à oração principal. No exemplo, a oração dependente retoma a proposição estabelecida na oração matriz, trazendo o significado codificado anteriormente de maneira mais detalhada.

(33) Hipotaxe adjetiva explicativa.



DEM (esse) PROFESSOR LÍNGUA-DE-SINAIS PERFEITO NÃO



DV (sinalizar-de-maneira-truncada)

DEM (esse) PROFESSOR LÍNGUA-DE-SINAIS PERFEITO NÃO DV (sinalizar-de-maneira-truncada)

*Os professores não sinalizavam muito bem:
eles sinalizavam de maneira truncada.*



A unidade oracional complexa em (32) é constituída pela unidade oracional 1 – DEM (esse) PROFESSOR LÍNGUA-DE-SINAIS PERFEITO NÃO (*Os professores não sinalizavam muito bem*), considerada a oração nuclear, e pela unidade oracional 2 – DV (sinalizar-com-defeito) (*eles sinalizavam de maneira truncada*), considerada a oração dependente. Elas estão articuladas a nível de hipotaxe, pois a segunda oração faz uma espécie de esclarecimento sobre o evento que é estabelecido na primeira oração, funcionando, assim, como um adjunto da oração nuclear. Em alguma medida, as duas orações trazem uma mesma proposição em relação ao evento codificado. Mas podemos reconhecer também que cada uma delas traz uma perspectivização distinta dessa mesma proposição. A proposição presente na oração matriz é retomada na oração dependente. Essa esclarece aquilo que está dito na oração matriz e, a partir de uma simulação da ação, detalha aquilo que está posto

na oração nuclear. A relação hipotática estabelecida é do tipo adjetiva explicativa, em que a oração satélite cumpre uma função de aposto.

Unidade oracional 1



DEM (esse) PROFESSOR LÍNGUA-DE-SINAIS PERFEITO NÃO
Os professores não sinalizavam muito bem [...]

Unidade oracional 2



DV (sinalizar-com-defeito)
[...] eles sinalizavam de maneira truncada.

As duas orações estão articuladas a nível de justaposição, sem um sinal específico que atue como conectivo a integrá-las. Durante a articulação da unidade oracional 1, o olhar da sinalizante está direcionado para a interlocutora e o seu corpo codifica o sujeito do discurso, que pronuncia a sinalização. Na articulação da unidade oracional 2, a sinalizante parece simular a proposição estabelecida na oração 1, como a ilustrar, em uma encenação, que *os professores não sinalizavam muito bem*. Há uma ação construída que traz de maneira visível e explícita a cena discursiva anteriormente pronunciada, elucidando o que está codificado na primeira oração.

As orações articuladas no nível de hipotaxe podem abranger tanto as orações adverbiais quanto as orações adjetivas explicativas (apositivas) e se configuram como unidades oracionais relativamente dependentes. Mais uma vez, as orações hipotáticas não são constituintes da oração núcleo, ou seja, não funcionam nem como argumento nem como modificadores da oração primária (nuclear), mas compõem a organização discursiva do falante/ sinalizante, trazendo uma informação à parte (HOPPER e TRAUGOTT, 1993; CARVALHO, 2004).

Os Tipos de orações hipotáticas tratadas nesta gramática são:

- Adjetivas explicativas
- Advérbias
- Causais
- Comparativas
- Condicionais
- Finais (ou de finalidade)
- Temporais

Foram analisadas orações hipotáticas dentre as 855 unidades oracionais complexas entre 12 participantes do grupo de Surdos de Referência, conforme tabela 01:

Quadro 05: Síntese da distribuição quantitativa das UOC hipotáticas analisadas por participante.

Combinação Hipotática	Temporal		Final		Condicional		Conclusiva		Comparativa		Causal		Adjetiva Explicativa		UOC	Tempo analisado	Informantes
	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito				
1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	67	100	Nome
2	4	1	0	0	0	1	1	1	0	0	4	1	0	0	63	923	Ara Regina
3	2	11	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	106	9	André
4	7	15	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	0	71	113	Cleber
5	12	11	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	42	838	Fernanda
6	11	10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	71	919	Jackson
7	4	3	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	40	529	Mariana
8	7	6	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	30	920	Marisa
9	1	13	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	32	12	Priscila
10	7	19	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	46	5	Rimer
11	5	61	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	85	100	Sandro
12			0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	85	10	Sylvia
															85	10	Total

Tabela 01: Síntese das orações hipotáticas identificadas nos dados.

8.8 ADJETIVAS EXPLICATIVAS

As orações adjetivas explicativas, assim como as orações advérbias, são aquelas que se articulam a uma oração nuclear atendendo à organização do discurso e não à estrutura argumental da oração matriz. Por isso, são uma opção do falante e possuem uma dependência relativa. Enquanto orações não completivas, estão articuladas a uma oração primária a nível de hipotaxe.

De maneira mais específica, uma oração adjetiva explicativa funciona como uma paráfrase de uma oração nuclear e traz um reforço de informação, um tipo de exemplificação, atuando como um aposto. De acordo com Decat (2001), a oração adjetiva explicativa acrescenta uma informação em relação à oração antecedente que, por sua vez, está delimitada de maneira independente. Nesse caso, essa informação é suplementar, o que a torna uma oração não restritiva por não servir para identificar, de maneira especial, nenhum elemento de um conjunto.

A informação veiculada à oração adjetiva explicativa (ou não restritiva) é adicional e mantém a função semântica de explicação, constituindo um comentário acerca da proposição presente na oração nuclear. É nesse sentido que elas podem ser consideradas como unidades de informação à parte, pois servem para fornecer explicações a mais para determinada ideia veiculada, cuja presença indica a necessidade de maiores detalhamentos sobre o que foi dito (DECAT, 2001).

Mais uma vez, essas sentenças se distinguem das orações relativas restritivas, considerando que realçam o sentido de um sintagma, complementando informações e tornando-o mais detalhado. Por isso, as sentenças hipotáticas adjetivas explicativas são também chamadas de apositivas, pois desempenham a função de aposto na sentença. Por outro lado, as sentenças adjetivas restritivas especificam um referente num contexto discursivo em que há outros referentes possíveis. Para Cecchetto *et al.* (2017, p. 447), muitas vezes, a distinção entre sentenças adjetivas restritivas e explicativas é semântica: as orações relativas restritivas “delimitam um conjunto de possíveis entidades às quais pode se referir o nome modificado pela oração relativa”; por outro lado, as orações adjetivas explicativas “destacam informações complementares sobre o núcleo modificado”.

Em relação às orações hipotáticas adjetivas explicativas na Língua de Sinais Brasileira, identificamos que, entre as possibilidades de articulação, parece haver uma descontinuidade do padrão prosódico corporal entre uma oração nuclear e uma oração adjetiva explicativa.

A sentença (33), a seguir, é uma unidade oracional complexa composta por orações que estão articuladas a nível de parataxe e a nível de hipotaxe. Nesse segundo caso, a oração dependente se configura como uma hipotática adjetiva explicativa. Na sentença, a oração dependente retoma a proposição estabelecida na oração matriz, trazendo mais informações sobre o significado codificado anteriormente, só que de maneira mais detalhada.

(34) Hipotaxe adjetiva explicativa marcada por mudança no padrão prosódico
(incorporação do referente).



ESCOLA PRIMEIRO ADQUIRIR MAS IDADE IGUAL SURDO



IDOSO 1VER2 2PROVOCAR1 IX (eu) BOBO 2PROVOCAR1



ODIAR 2PROVOCAR1 ODIAR SUCESSO LÍNGUA-DE-SINAIS

ESCOLA PRIMEIRO ADQUIRIR MAS IDADE
IGUAL SURDO IDOSO VER+ PROVOCAR
IX (eu) BOBO PROVOCAR ODIAR
PROVOCAR ODIAR SUCESSO LÍNGUA-DE-
SINAIS

*A escola foi o primeiro lugar onde adquiri
(a Língua de Sinais), mas (eu) estava em pé
de igualdade com os surdos mais velhos:
**eu olhava [os surdos mais velhos] e
me provocavam, eu era ingênuo, me
provocam e ficava irado, e me tornei fluente
em Língua de Sinais.***



Como a proposta dessa seção é enfatizar a estratégia articulatória da oração adjetiva explicativa, dividimos essa unidade oracional complexa em três partes. A primeira parte da unidade oracional complexa corresponde ao trecho ESCOLA PRIMEIRO ADQUIRIR MAS IDADE IGUAL SURDO IDOSO (A escola foi o primeiro lugar onde adquirir (a Língua de Sinais), mas (eu) estava em pé de igualdade com os surdos mais velhos) e é composta por duas orações articuladas a nível de parataxe do tipo adversativa. Há uma conjunção manual que une essas duas orações, conforme pode ser observado no trecho a seguir.

Unidade oracional complexa 1



ESCOLA PRIMEIRO ADQUIRIR MAS IDADE IGUAL SURDO



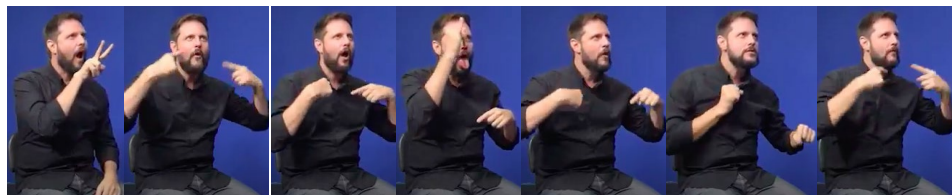
IDOSO

A escola foi o primeiro lugar onde adquirir [a Língua de Sinais], mas (eu) estava em pé de igualdade com os surdos mais velhos [...].

Conforme mencionado, a primeira parte da unidade oracional complexa é formada por duas orações que estão articuladas a nível de parataxe do tipo adversativa, por meio da conjunção manual 'MAS'. Essa primeira parte é considerada, ainda, um complexo oracional matriz de que um segundo complexo oracional emerge e que se articula com a primeira parte a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa. Observa-se que, a segunda parte, por sua vez, é composta por orações articuladas a nível de parataxe aditiva e que, como um todo, formam uma unidade oracional articulada com a primeira parte. A segunda parte, que corresponde ao trecho VER+ PROVOCAR IX(eu) BOBO PROVOCAR ODIAR PROVOCAR ODIAR (*eu olhava [os surdos mais velhos] e me provocavam, eu era ingênuo, me provocam e ficava irado*), então, é dependente e pode ser considerado um adendo,

pois retoma a proposição presente na primeira parte de maneira mais elucidativa, como a explicar de que forma *A escola foi o primeiro lugar onde adquiri [a Língua de Sinais], mas (eu) estava em pé de igualdade com os surdos mais velhos [...]*.

Unidade oracional complexa 2



1VER2 2PROVOCAR1 IX (eu) BOBO 2PROVOCAR ODIAR 2PROVOCAR1



ODIAR

[...] eu olhava [os surdos mais velhos] e me provocavam, eu era bobinho,
me provocam e ficava irado, [...]

A segunda parte da unidade oracional complexa está articulada à primeira parte a nível de hipotaxe. Conforme mencionado anteriormente, a segunda parte é formada por orações justapostas a nível de parataxe aditiva e que, como um todo, corresponde a uma grande unidade hipotática do tipo adjetiva explicativa. O trecho em que o sinalizante menciona que *eu olhava [os surdos mais velhos] e me provocavam, eu era bobinho, me provocavam e ficava irado, [...]* é uma informação suplementar da proposição presente na primeira. Dessa forma, a segunda parte apresenta uma exemplificação daquilo que está posto nessa primeira parte (oração matriz), funcionando como um aposto. Nesse trecho da sentença, o detalhamento informacional acontece a partir da criação de um Espaço Sub-rogado (LIDDELL, 2003).

Nas Línguas de Sinais, o uso do Espaço Sub-rogado permite que o sinalizante codifique a ação, a perspectiva de um dos participantes do evento e, ainda, o estado desse participante, numa espécie de encenação, além da criação de participantes invisíveis, embora conceitualmente presentes (CARNEIRO, 2015; CARNEIRO; OLIVEIRA, 2017). No trecho em questão, o sinalizante incorpora o referente /*menino*/, criando, assim, um participante visível e participantes invisíveis, nesse caso, /*surdos mais velhos*/. Durante todo esse trecho (segunda parte),

o sinalizante está com o olhar voltado para cima, de forma a simular a disposição do corpo do /*menino*/ durante a ação. Nesse sentido, há uma quebra do padrão prosódico corporal em relação à oração matriz, pois na primeira parte, podemos verificar que o sinalizante direciona o seu olhar para a interlocutora e que não há incorporação de qualquer referente. Na segunda parte, há incorporação do referente e, por isso, quebra do padrão prosódico vigente, o que caracteriza o complexo oracional que funciona como uma hipotaxe do tipo adjetiva explicativa. Ao final da unidade oracional complexa, na terceira parte, que corresponde ao trecho SUCESSO LÍNGUA-DE-SINAIS (... e me tornei fluente em Língua de Sinais), o sinalizante direciona novamente o olhar para a interlocutora, retomando o padrão prosódico inicial da primeira parte, conforme verificado a seguir.

Unidade oracional complexa 3



SUCESSO LÍNGUA-DE-SINAIS

[...] e me tornei fluente em Língua de Sinais.

Na terceira parte da unidade oracional complexa, o sinalizante retorna a direção do olhar para a interlocutora, de maneira que a manutenção do olhar nessa parte é semelhante ao comportamento do olhar na primeira parte. Se suprimirmos a segunda parte, considerando que é categorizada como uma hipotática adjetiva explicativa, ou seja, uma informação suplementar, a primeira parte e a terceira parte estariam articuladas a nível de parataxe. A segunda parte corresponde a uma sequência de orações que, no conjunto, funcionam como um aposto a explicar, de maneira mais detalhada, a proposição da primeira parte. Por isso, o padrão prosódico é distinto.

A sentença (34) a seguir, é uma unidade oracional complexa em que podemos identificar orações articuladas a nível de parataxe do tipo adversativa e orações articuladas a nível de hipotaxe, do tipo adjetiva explicativa e do tipo adverbial temporal.

(34) Hipotaxe adjetiva explicativa marcada por mudança no padrão prosódico
(marcação não manual).



ÚNICO

DV (pessoa-1-entre-várias) ÚNICO

DV (pessoa-1-entre-várias)



MAS LÍNGUA-DE-SINAIS

TER-NÃO

INTÉRPRETE

NINGUÉM

2FALAR-ORAL1



DV (pessoa-1-entre-várias).

ÚNICO DV (pessoa-1-entre-várias)

ÚNICO DV (pessoa-1-entre-várias) MAS
LÍNGUA-DE-SINAIS TER-NÃO INTÉRPRETE
NINGUÉM 2FALAR-ORAL1 DV (pessoa-1-
entre-várias).

(Era) o único, (estava) isolado entre os ouvintes, (era) o único, (estava) isolado entre os ouvintes, mas não havia Língua de Sinais e não havia nenhum intérprete; quando oralizavam, eu ficava boiando no meio dos demais.



Segmentamos a unidade oracional complexa em três partes, de maneira a reconhecer esses diferentes níveis de articulação. Assim, a fim de atendermos o propósito desta seção, descrevemos com mais propriedade a primeira parte, em que há orações articuladas a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa, que é o nosso interesse de análise.

A primeira parte da unidade oracional complexa é composta por orações articuladas a nível de hipotaxe do tipo adjetiva explicativa. O trecho ÚNICO DV (pessoa-1-entre-várias) ((Era o) único, (estava) isolado entre os ouvintes), sinalizado de maneira repetida, apresenta uma oração matriz, ÚNICO ((Era) o único), que é seguida por uma oração dependente, DV (pessoa-1-entre-várias) ((estava) isolado entre os ouvintes). A oração dependente traz uma explicação da proposição que é codificada na primeira oração, funcionando, assim como um adendo da oração matriz. Por isso, trata-se de uma oração hipotática do tipo adjetiva explicativa.

Unidade oracional complexa 1



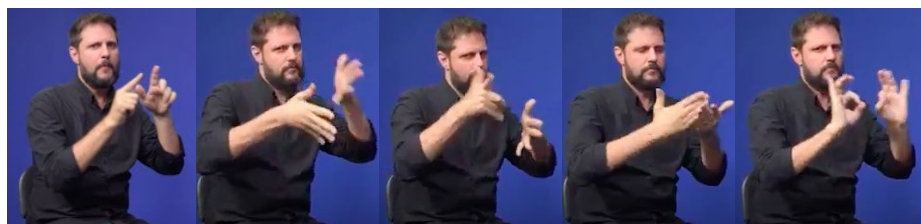
ÚNICO DV (pessoa-1-entre-várias) ÚNICO DV (pessoa-1-entre-várias)
 ((Era) o único, (estava) isolado entre os ouvintes), (era) o único, (estava)
 isolado entre os ouvintes.

Observa-se que a oração hipotática adjetiva explicativa é formada por uma construção classificadora, cujo escopo envolve uma marcação não manual específica que a distingue da oração principal. A proposição da oração dependente retoma a proposição da oração anterior, de maneira que a evidenciá-la. A configuração de mão com o dedo indicador estendido e demais dedos fletidos se refere à posição do participante, que era o único surdo no ambiente escolar, entre os demais alunos ouvintes. A mão não dominante, configurada com os dedos abertos, abduzidos e palma da mão voltada para baixo, codifica a noção de ambiente ouvinte e homogêneo, de que emerge o único aluno surdo. Em relação à marcação não manual, constata-se que, durante a articulação da oração dependente, o olhar do sinalizante está direcionado para as próprias mãos, há um esboço de sorriso em um dos cantos da boca e uma discreta elevação de sobrancelhas. A configuração da boca, de alguma forma, codifica o estado do participante, que remete a uma noção de constrangi-

mento. Na oração principal, o olhar está voltado para a câmera de gravação, de forma que o olhar está voltado para aqueles que assistem ao vídeo-texto, a boca parece codificar um *mouthing* referente à palavra “único” em Língua Portuguesa e as sobrancelhas parecem estar dispostas de maneira mais neutras na oração matriz quando comparadas ao padrão observado durante a articulação dependente. O escopo que abrange a oração hipotática adjetiva explicativa sugere uma mudança no padrão prosódico, que a caracteriza com uma marcação não manual específica.

A segunda parte da unidade oracional complexa, a saber, MAS LÍNGUA-DE-SINAIS TER-NÃO INTÉRPRETE NINGUÉM (*mas não havia Língua de Sinais e não havia nenhum intérprete*), é formada por duas orações articuladas a nível de parataxe do tipo aditiva. Essas justapostas formam uma unidade oracional que se articula com a primeira parte a partir da conjunção manual ‘MAS’, originando, assim, uma articulação a nível de parataxe do tipo adversativa.

Unidade oracional complexa 2



MAS LÍNGUA-DE-SINAIS TER-NÃO INTÉRPRETE NINGUÉM
[...], *mas não havia Língua de Sinais e não havia nenhum intérprete.*

Por fim, a terceira parte da unidade oracional complexa é composta por duas orações articuladas a nível de hipotaxe do tipo adverbial temporal. A primeira oração, a saber, FALAR-ORAL (*quando oralizavam*), funciona como um advérbio, estabelecendo, assim, o tempo do evento que é codificado na oração seguinte, a saber, DV (pessoa-1-entre-várias) (*ficava boiando no meio dos demais*). A articulação entre essas duas orações acontece por justaposição que, por sua vez, forma uma unidade articulada à segunda parte por essa mesma estratégia.

Unidade oracional complexa 3



2FALAR-ORAL1 DV (pessoa-1-entre-várias).

Assim, em (34), mais especificamente na primeira parte, vemos a oração hipotática adjetiva explicativa articular com a oração principal a partir de uma quebra no padrão prosódico. Nesse caso, a distinção acontece por uma mudança na direção do olhar, um esboço de sorriso em um dos cantos da boca e uma discreta elevação de sobrancelhas.

Da mesma forma, em (35), a relação hipotática do tipo adjetiva explicativa, entre as orações, é marcada por uma quebra no padrão prosódico da oração hipotática, quando contraposta à oração matriz. Na sentença a seguir, essa distinção no padrão prosódico acontece a partir de uma pausa distintiva e do deslocamento do corpo do sinalizante, que perpassa por todo o escopo da oração.

(35) Hipotaxe adjetiva explicativa marcada por mudança no padrão prosódico (pausa distintiva).



MAS IX (eu)

GERAL

PROFESSOR

TODOS

SABER



LÍNGUA-DE-SINAIS

QUANTOS

MAIS-OU-MENOS

DEFEITO

QUANTOS



FLUENTE

MAS IX (eu) GERAL PROFESSOR TODOS SABER
LÍNGUA-DE-SINAIS **QUANTOS MAIS-OU-
MENOS DEFEITO QUANTOS FLUENTE**



*Mas, a partir de um panorama geral, todos os professores sabiam sinalizar: **alguns (eram) mais ou menos, (tinham) defeitos, outros (eram) fluentes.***

Em (35), podemos dividir a unidade oracional complexa em duas partes: a primeira em que identificamos a oração matriz, da qual uma oração hipotática emerge, a segunda parte, de maneira a detalhar a proposição estabelecida na oração principal, estabelecendo, assim, uma relação do tipo adjetiva explicativa.

Unidade oracional complexa 1



MAS IX (eu) GERAL PROFESSOR TODOS SABER LÍNGUA-DE-SINAIS

Na primeira parte, identificamos a oração matriz, em PROFESSOR TODOS SABER LÍNGUA-DE-SINAIS (... *todos os professores sabiam sinalizar*), cuja proposição se organiza a partir do verbo SABER, ao estabelecer que os professores que atuavam na escola sabiam Língua de Sinais, apesar de não ser uma instituição de ensino bilíngue. A partir da oração matriz, segue a segunda parte da unidade oracional complexa, que retoma a proposição inicial, trazendo detalhes sobre a informação inicial e esclarecendo aquilo que está posto na oração matriz. Dessa forma, a segunda parte funciona como um aposto da oração matriz (primeira parte).

Unidade oracional complexa 2



QUANTOS MAIS-OU-MENOS DEFEITO QUANTOS FLUENTE

Ao término da primeira parte, observa-se uma pausa que distingue o limite da oração matriz e o início da segunda parte, que constitui uma oração hipotática adjetiva explicativa, a saber, QUANTOS MAIS-OU-MENOS DEFEITO QUANTOS FLUENTE (...alguns (eram) mais ou menos, (tinham) defeitos, outros (eram) fluentes).

A segunda parte detalha a proposição da oração matriz por meio de uma breve listagem, atribuída à proposição inicial e que é formada por duas orações justapostas a nível de parataxe (aditiva). Nesse caso, há o uso produtivo do espaço de sinalização, por intermédio do deslocamento do corpo do sinalizante. Na primeira oração que compõe a segunda parte, em QUANTOS MAIS-OU-MENOS DEFEITO (...alguns (eram) mais ou menos, (tinham) defeitos), o sinalizante desloca o seu corpo anteriormente e para a direita, enquanto que na segunda oração que compõe a segunda parte, em QUANTOS FLUENTE (outros (eram) fluentes), o corpo do sinalizante é deslocado para posterior e assume uma posição neutra. Dessa forma, cada uma dessas orações é articulada em pontos distintos do espaço de sinalização.

Assim, sugerimos que a segunda parte da unidade oracional complexa que, como um todo, forma a oração hipotática do tipo adjetiva explicativa, distingue-se da oração matriz a partir de uma pausa distintiva e do deslocamento do tronco, estabelecendo uma listagem a explicar, de maneira mais detalhada, a proposição estabelecida na oração matriz.

Nessa seção, apresentamos algumas estratégias de articulação de orações hipotáticas adjetivas explicativas na Libras. De acordo com Castilho (2014), a oração adjetiva explicativa opera como um aposto, explicitando a proposição que está presente na oração antecedente, como um comentário elucidativo, mas não identifica nenhum subconjunto dentro de um conjunto. Na Libras, a articulação entre uma oração matriz e uma oração hipotática do tipo adjetiva explicativa, observa-se uma quebra do padrão prosódico que as distingue. No escopo das orações explicativas, a quebra no padrão prosódico acontece por meio de ações construídas, a partir da simulação da ação que, de alguma forma, explicita o evento presente na proposição da oração matriz, mudança na direção do olhar, deslocamento do tronco, pausa distintiva entre a oração matriz e a oração dependente, deslocamento do tronco e

elevação das sobrancelhas. Essas estratégias marcam as orações adjetivas explicativas, promovem uma quebra no padrão prosódico e as distingue em relação à oração matriz.

8.9 CAUSAIS

8.9.1 Orações causais nas línguas orais

A classificação das orações causais, explicativas e conclusivas é alvo de divergência entre gramáticos e linguistas que centram as discussões deles no estatuto sintático dessas orações, ora descritas como coordenadas, ora como subordinadas, e nos conectivos que explicitam o tipo de relação semântica em questão.

Para Castilho (2010, p. 349), as orações conclusivas e explicativas se enquadram entre as orações subordinadas (adverbiais). O autor chama a atenção para a dificuldade de sustentar a proposta tradicional de uma distinção semântica entre as causais e explicativas a partir de sentenças como (36) e (37). Na primeira, a leitura causal é favorecida pela posposição da oração causal de efeito à oração matriz (ou principal) de causa e, na segunda, a ordem invertida leva a uma interpretação explicativa:

(36) A rua está molhada *porque choveu*.

(37) Choveu, *porque a rua está molhada*.

Apenas em (36) podemos aceitar uma leitura causal, uma vez que em (36) só uma leitura conclusiva é possível. Em (37), o fato de a rua estar molhada leva à conclusão de que havia chovido, todavia a rua poderia estar molhada por outros motivos. Não há uma relação causal que se sustente nesse caso. Sendo assim, percebemos que a ordenação tem papel fundamental no efeito de sentido que se pode depreender de cada uma dessas sentenças.

Segundo Neves, Braga e Dall’Aglio-Hattner (2008, p. 946-947), “a construção causal pode ser caracterizada como a junção entre um evento-causa e um evento-consequência ou evento-efeito”, implicando “sequência temporal entre os eventos, que se soma a ideia de que o segundo evento é previsível a partir do primeiro (ou porque tem nele a sua razão, ou porque há entre eles uma sucessão regular)”. As autoras defendem que o valor semântico de “causa” abrange “causa real, razão, motivo, justificativa ou explicação” e “‘efeito’ abrange consequência real, resultado, conclusão” (NEVES; BRAGA; DALL’AGLIO-HATTNER, 2008, p. 952).

8.9.2 Orações causais nas Línguas de Sinais

Pfau (2016, p. 156) chama atenção para o fato de que as sentenças com as conjunções manuais causais *because* ‘porque’, na NGT, e *reason* ‘porque’, na DGS,

são similares às sentenças do Inglês e de outras línguas orais, como em (38) e (39), respectivamente:

(38) NGT

index1 angry [because index3a always late come].

Eu estou bravo porque ela se atrasou.

(39) DGS

index tired [reason night little sleep].

Estou cansado porque ontem à noite dormi pouco.

8.9.3 As Orações causais em Libras

Rodrigues (2020), analisando orações causais coletadas do Corpus de Libras, revela que 78,5% das orações (80 ocorrências) são introduzidas pelo sinal porque (Figura 18) e 20,5% (21 ocorrências, são introduzidas pelo sinal motivo (Figura 19), apresentados a seguir:

Figura 18: porque

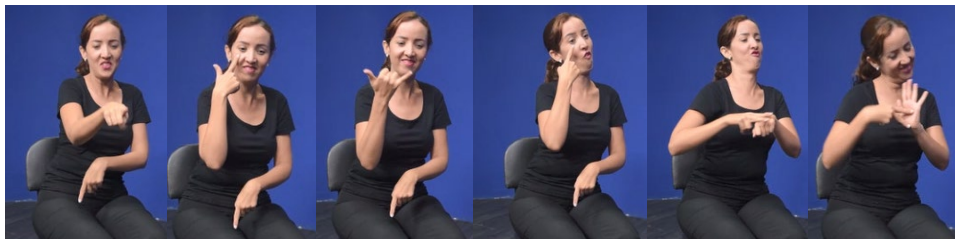


Figura 19: motivo

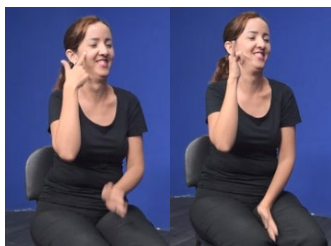


Em Libras, as sentenças podem veicular valor causal estando justapostas, ou seja, sem a presença de um marcador manual, como em (40):

(40)



IX (você) SINAL (marisa) OLHO VERDE SIGNIFICAR



SINAL (marisa)

IX (ele) SINAL (marisa) IX (olho) VERDE
SIGNIFICAR SINAL (marisa)

Você recebeu o SINAL(Marisa), porque teu olho é verde que é o que significa SINAL(Marisa).



Segundo Rodrigues e Souza (2019), as orações causais em Libras mantêm a ordem canônica das orações causais, que é a posposição (41 e 42).

(41)



ESCOLA INCLUSÃO DIFÍCIL **PORQUE** TER-NÃO CONHECER

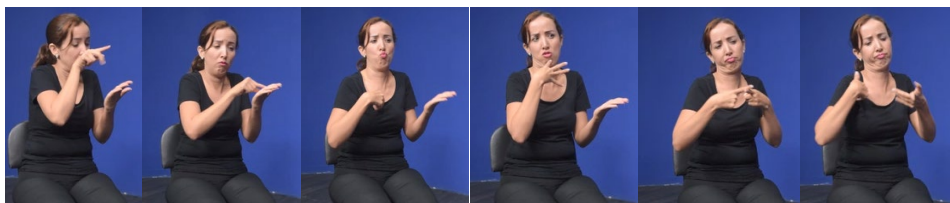


CULTURA SURD@

ESCOLA INCLUSÃO DIFÍCIL PORQUE TER-NÃO CONHECER CULTURA SURD@
A escola inclusiva enfrenta certa dificuldade, pois não tem conhecimento da cultura surda.

Fonte: (RODRIGUES, 2020).

(42)

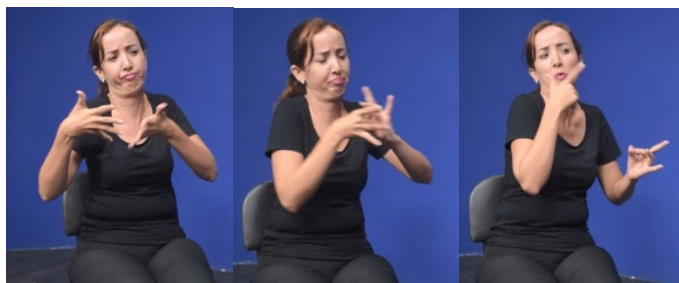


X (esse) FRASE

IX (eu)

CONHECER **PORQUE**

IX (eu)

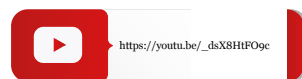


SINALIZAVA CONECTAR CONSEGUIR

IX (esse) FRASE IX (eu) CONHECER **PORQUE**

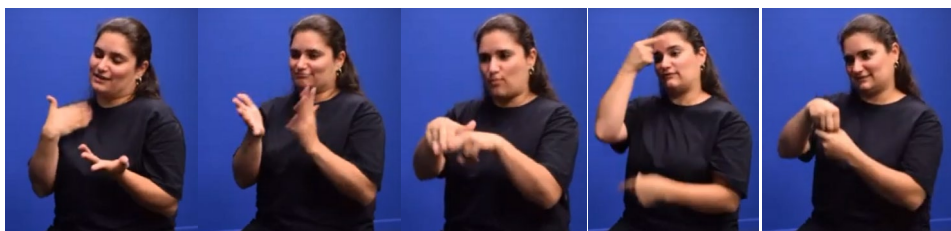
IX (eu) SINALIZAVA CONECTAR CONSEGUIR

As frases eu conhecia, porque eu sinalizava elas e conectava o sentido, eu conseguia.

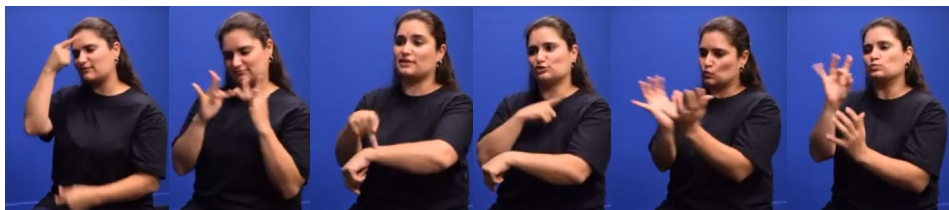


Considerando as discussões sobre causa e explicação, vemos nas ocorrências (43) e (44), que o mesmo tipo de sentença pode veicular valores de causa e explicação, o que corrobora a proposta de Castilho (2010) de tratar orações causais e explicativas como adverbiais. Em (44), observamos uma relação de causalidade entre o estado de coisa expresso na oração principal e aquele expresso na oração causal. Nesse enunciado, a sinalizante afirma que usava Línguas de Sinais na faculdade de Pedagogia (evento efeito) porque havia muitos surdos na sala (evento causa):

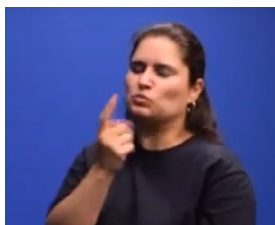
(43)



IX (eu) LÍNGUA-DE-SINAIS MOTIVO FACULDADE DENTRO



FACULDADE CONTATO PEDAGOGIA TER GRUPO SÓ



SURDO

IX (eu) LÍNGUA-DE-SINAIS MOTIVO
 FACULDADE DENTRO FACULDADE CONTATO
 PEDAGOGIA TER GRUPO SÓ SURDO

Eu usava Libras porque na faculdade de pedagogia tinha um grupo de surdos.



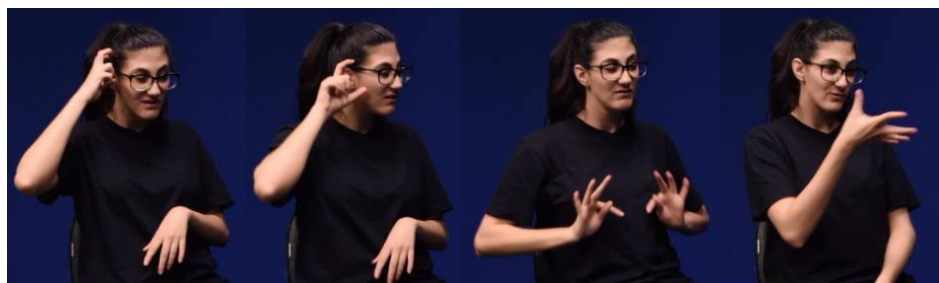
Fonte: (RODRIGUES, 2020).

Já em (44), temos um caso de causal com motivo que introduz uma informação que está associada a uma avaliação ou crença da sinalizante. Não é possível depreender uma relação de causalidade real dessa sentença:

(44)



ALGUM SURD@ QUERER IMPLANTE-COCLEAR MOTIVO



IMPLANTE-COCLEAR APARELHO-AUDITIVO TECNOLOGIA NOV@

ALGUM SURD@ QUERER IMPLANTE-COCLEAR MOTIVO IMPLANTE-COCLEAR APARELHO-
-AUDITIVO TECNOLOGIA NOV@

Alguns surdos querem colocar implante coclear porque acham que implante e aparelho auditivo são tecnologias novas. (RODRIGUES, 2020).

8.9.4 Marcadores não manuais nas orações causais em Libras

A análise de MNM das orações causais em Rodrigues (2020) traz resultados essenciais para a descrição dessas orações na Libras, pois esses marcadores estão associados à prosódia. Os MNMs mais frequentes no Corpus de Libras são mouthing (‘porque’ e ‘motivo’), que ocorrem em 83 orações, arqueamento de sobrancelha, que está presente em 24 ocorrências, e franzimento de testa, atestado em 18 ocorrências (RODRIGUES, 2020). Na maioria dos casos, há sobreposição de MNM, como mouthing e arqueamento ou franzimento. Arqueamento, principalmente, está associado à introdução de informação nova e, considerando a ordem das orações causais no corpus, concluímos que o uso de MNM reflete a estrutura informacional da oração causal, que ocorre sempre posposta à oração principal, sendo, portanto,

responsável pela veiculação de informação remática.

Um estudo de Quadros, Ludwig e Silva (2022, no prelo) aponta a presença de marcações manuais e não manuais sobrepostas na hipotaxe adverbial causal. O corpus da pesquisa englobou quatro surdos de referência do Inventário Nacional de Libra. Foram encontradas 38 sentenças, sendo 27 com a presença de algum conectivo de causalidade e 11 sem marcações manuais. No entanto, nas sentenças sem conectivos, observa-se a presença de marcações não manuais que evidenciam as relações causais nas sentenças.

Entre as sentenças com marcações manuais, foram encontrados os sinais PORQUE, POR-CAUSA, ENTÃO, É e a datilologia m-o-t-i-v-o. Todas as sentenças e seus respectivos conectivos apresentam a sobreposição das marcações não manuais piscar de olhos e o articulações-boca. Pêgo (2021) apresenta a distinção entre articulações-boca e gestos-boca. Segundo a autora:

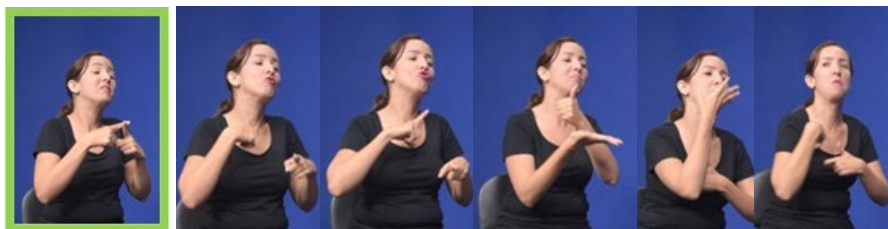
Dentro do âmbito das expressões não-manuais, temos os movimentos de boca, ou ações-boca. Essas ações dividem-se em dois principais grupos: as articulações-boca, que são o foco desta tese, e os gestos-boca. A diferença básica entre esses dois grupos se resume ao fato de que o primeiro deriva da língua oral circundante, enquanto o segundo é inseparável da Língua de Sinais. (PÊGO, 2021, p. 37).

Dessa forma, a pesquisa de Quadros, Ludwig e Silva (2022) utiliza o conceito articulações-boca que se caracteriza como as articulações-boca que possuem relação com a língua oral circundante. Além disso, Pêgo (2022) discute que as articulações-boca não se restringem ao campo lexical, mas também a outros domínios linguísticos como o prosódico. Dessa forma, no nível sintático, também é possível a presença de articulações-boca como uma estratégia de construção oracional complexa.

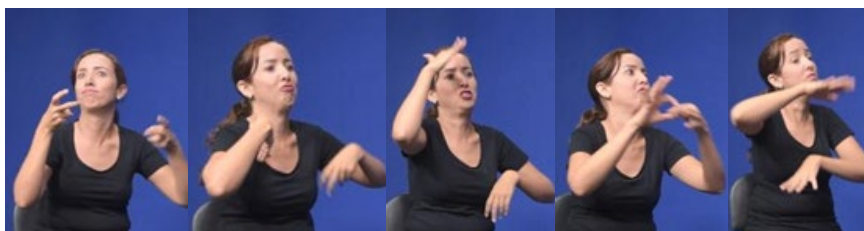
Além disso, algumas marcações não manuais não obrigatórias foram analisadas, tais como arqueamento das sobrancelhas, olhos semicerrados, aceno da cabeça e levantamento dos ombros, este último sempre associado ao sinal POR-CAUSA. As sentenças que não possuem um item lexical que funcione como conectivo apresentam, regularmente, a marcação não manual piscar de olhos entre a sentença matriz e a hipotaxe adverbial causal. A seguir, são apresentados alguns exemplos de cada tipo de sentenças desta pesquisa.

As sentenças complexas causais normalmente apresentam uma ordem em que a primeira parte da sentença é a nuclear e a segunda parte é a causa. No entanto, o exemplo a seguir apresenta a hipotaxe adverbial anteposta à oração matriz, sendo bastante recorrente entre as sentenças causais (RODRIGUES, 2020). O exemplo a seguir apresenta a oração causal anteposta à sentença nuclear:

(45) Hipotaxe Adverbial causal marcada pelo sinal PORQUE.



PORQUE IX (eu) TER BASE BOM X (eu)



PERCEBER IX (eu) ENTENDER CONTEXTO ÁREA

**PORQUE (IX) (EU) TER BASE BOM IX
(EU) PERCEBER IX (EU) ENTENDER
CONTEXTO ÁREA**



Porque eu tive uma boa base, percebia e entendia as coisas à minha volta.

A sentença 45 apresenta hipotaxe causal manual marcada pelo sinal PORQUE. Estabelece a relação entre ter bastante conhecimento prévio (TER BASE BOM) e a capacidade de perceber e entender os conteúdos que a surda aprendia na escola. Essa sentença, ao contrário da maioria das sentenças causais, apresenta a hipotaxe causal anteposta à oração nuclear: PORQUE EU TER BASE BOM. Esse exemplo ilustra que a hipotaxe causal pode ser anteposta à oração matriz, embora não seja um caso frequente. Nesse exemplo, a oração nuclear está posposta à hipotaxe causal: EU PERCEBER EU ENTENDER CONTEXTO ÁREA. O sinal PORQUE é marcado pelas articulações-boca e pelo piscar de olhos, enfatizando a relação causal entre as duas sentenças.

A sentença a seguir apresenta um exemplo com sinal POR-CAUSA no final da sentença complexa:

46) Hipotaxe Adverbial causal marcada pelo sinal POR-CAUSA.



PARTICIPAR

GRUPO

PARTICIPAR

ESPORTE



VÁRIOS

PARTICIPAR

ASSOCIAÇÃO

NÃO

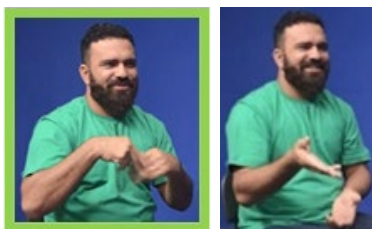


DEPOIS

PARTICIPAR

PROCESSO

APRENDER



POR-CAUSA

DEM (esse)

PARTICIPAR GRUPO PARTICIPAR ESPORTE
 VÁRIOS PARTICIPAR ASSOCIAÇÃO
 NÃO DEPOIS PARTICIPAR PROCESSO
 APRENDER **POR-CAUSA** DEM (esse)

*Participava ativamente do grupo de esportes,
 associação não, foi só depois, participava e
 aí foi acontecendo a aquisição (da Língua de
 Sinais) por causa disso.*



Essa sentença apresenta a relação causal com o conectivo POR-CAUSA no final da construção sintática. A hipotaxe causal conecta a participação do sinalizante em diversos grupos e eventos com a aquisição da Língua de Sinais. A primeira parte da sentença PARTICIPAR GRUPO PARTICIPAR ESPORTE VÁRIOS PARTICIPAR ASSOCIAÇÃO NÃO DEPOIS PARTICIPAR contém a causa da aquisição da Língua de Sinais, enquanto que a sentença matriz APRENDER está posposta à hipotaxe causal e o sinal POR-CAUSA está deslocado da sentença causal. Esse tipo de construção geralmente apresenta aceno da cabeça associado ao sinal POR-CAUSA. Além disso, apresenta piscar de olhos ao final de POR-CAUSA e as articulações-boca sobre o sinal PAR-CAUSA, o que reforça a construção da hipotaxe causal.

A sentença a seguir apresenta uma construção sintática com a datilologia m-o-t-i-v-o:

(47) Hipotaxe Adverbial causal marcada pela datilologia m-o-t-i-v-o.



IX (eu) INTERAGIR

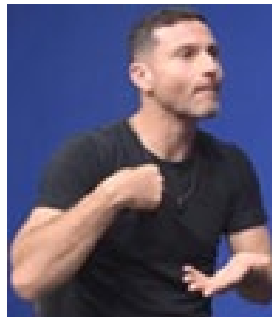
IX (eu)



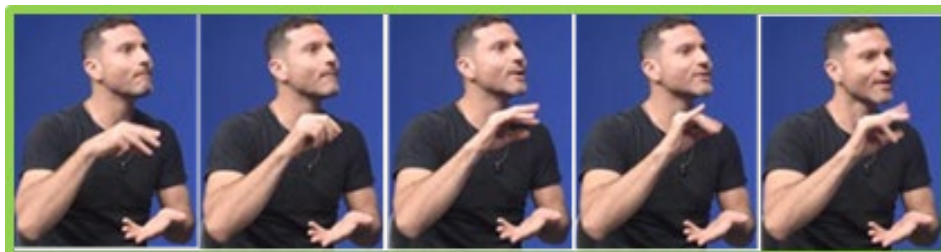
APRENDER

INTERAGIR

É



IX (eu)



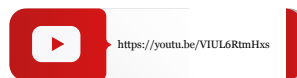
FS (motivo)



DEM (esse)

EU INTERAGIR EU APRENDER INTERAGIR É
FS (motivo) DEM (esse)

*Eu fui interagindo, aprendendo, interagindo e é
 por esse motivo (que aprendi a Libras).*



Esse (47) exemplo estabelece a relação entre o aprendizado da língua e as interações comunicativas do Surdo. O informante responde à pergunta da entrevistadora “Qual o motivo que levou você a aprender a Libras?” A causa nessa sentença é apresentada na primeira parte da sentença – EU INTERAGIR EU APRENDER INTERAGIR. No final da sentença, percebe-se a datilologia m-o-t-i-v-o como uma marcação manual, como uma estratégia para explicitar a relação causal que emerge do contexto da sentença. No final da sentença, há o piscar de olhos e as articulações-boca sobre a datilologia m-o-t-i-v-o que realçam a articulação hipotática entre as sentenças.

O exemplo seguinte apresenta a hipotaxe adverbial causal com o sinal ENTÃO:

(48) Hipotaxe Adverbial causal marcada pelo sinal ENTÃO.



PRIMEIRO

O-QUE

ESCOLA



OUVINTES

PEQUENO

PRIMEIRO

O-QUE



LÍNGUA PORTUGUESA

E(então)

**PRIMEIRO O-QUE ESCOLA OUVINTES
PEQUENO PRIMEIRO O-QUE ENTÃO
LÍNGUA PORTUGUESA ENTÃO**



Primeiro fui à escola de ouvintes, eu era bem pequena, por isso a Língua Portuguesa foi minha primeira língua.

A sentença (48) mostra um exemplo de hipotaxe adverbial causal com o sinal ENTÃO como uma marcação manual. A primeira parte da estrutura complexa é a sentença nuclear **PRIMEIRO O-QUE ESCOLA OUVINTES PEQUENO PRIMEIRO O-QUE**. A segunda parte da sentença apresenta a hipotaxe adverbial causal não manual **ENTÃO LÍNGUA PORTUGUESA ENTÃO**. A estrutura sintático-semântica

entre as sentenças evidencia a relação causal entre a primeira escola que a informante frequentou, uma escola ouvinte, e a primeira língua que ela aprendeu. Ou seja, ao frequentar uma escola ouvinte, Língua Portuguesa foi a primeira língua a que ela teve contato. Além do sinal manual ENTÃO, há marcação não manual piscar de olhos sobreposto a este sinal, bem como o levantamento dos ombros. Há também articulações-boca como um articulador sintático sobre o sinal ENTÃO.

(49) Hipotaxe Adverbial causal marcada pelo sinal É.



POLÍTICA

LINGUÍSTICA

VÁRIOS

DESENVOLVER PRINCIPAL IX (Letras-Libras)
LETRAS-LIBRAS CRIAR IX (isso) DENTRO É
POLÍTICA LINGUÍSTICA VÁRIOS

Eu fui desenvolvendo, daí a principal mudança foi o Letras Libras, porque trazia discussões sobre política linguísticas e muitas outras.



A sentença 49 apresenta um exemplo de hipotaxe adverbial causal com o sinal ‘É’, que funciona como um conectivo da oração. A unidade oracional complexa estabelece uma relação causal entre o desenvolvimento do surdo no curso de Letras: Libras ocasionados pelas políticas linguísticas e diversas discussões do curso. A sentença matriz é constituída pela primeira parte da oração: DESENVOLVER PRINCIPAL IX (Letras Libras) LETRAS-LIBRAS CRIAR IX (isso) DENTRO. A hipotaxe adverbial causal se encontra na segunda parte da sentença e é introduzida pelo sinal ‘É’: É POLÍTICA LINGUÍSTICA VÁRIOS. As marcações não manuais piscar de olhos e as articulações-boca acompanham o sinal ‘É’, que realçam a articulação entre a articulação das sentenças.

Como se observa nos exemplos acima, mesmo que haja um item lexical que evidencie as sentenças causais, há a sobreposição de marcações não manuais sobre os conectivos das sentenças causais. Assim, as sentenças apresentam alguma marcação não manual sobreposta aos conectivos ‘PORQUE’, ‘POR-CAUSA’, ‘M-O-T-I-V-O’, ‘É’ e ‘ENTÃO’. As marcações não manuais que foram encontradas em todos os casos são o piscar de olhos e as articulações-boca. Eventualmente,

algumas sentenças apresentam aceno da cabeça, arqueamento das sobrancelhas, sobrancelhas franzidas e olhos semicerrados, bem como elevação dos ombros.

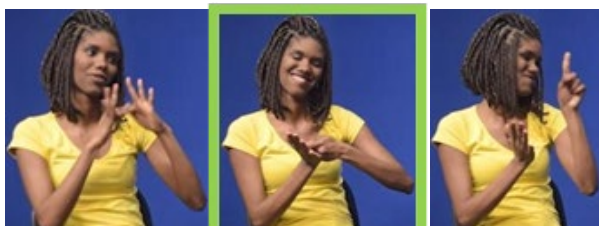
O exemplo a seguir ilustra a hipotaxe adverbial causal sem a presença de um conectivo, mas com a marcação não manual entre as sentenças:

(50) Hipotaxe adverbial causal marcada pelo piscar de olhos.



E (mas) PAGAR-DO-BOLSO

É PARTICULAR



FAMÍLIA PAGAR NÃO ESCOLA



PARTICULAR

PAGAR

NÃO

E(mas) PAGAR-DO-BOLSO É PARTICULAR
FAMÍLIA PAGAR NÃO ESCOLA
PARTICULAR PAGAR NÃO



Mas (o intérprete) devia ser pago do bolso da família, porque a escola particular não pagava.

Esse exemplo apresenta uma sentença que não apresenta um item lexical como estratégia de construção da unidade oracional complexa, mas utiliza as marcações não manuais como estratégia de articulação. Nesse sentido, Lima (2002) afirma que os conectivos não definem a articulação de sentenças causais, mas apenas evidenciam essa relação, visto que a proposição entre as sentenças emerge do contexto. Nessa sentença, a primeira parte da estrutura PAGAR-DO-BOLSO É PARTICULAR FAMÍLIA PAGAR se caracteriza como a sentença nuclear da oração complexa. Em seguida, a sinalizante demonstra a causa que obrigava a família pagar intérpretes do próprio bolso: NÃO ESCOLA PARTICULAR PAGAR NÃO. Como se nota, não há um conectivo entre a sentença nuclear e a hipotaxe adverbial causal. Contudo, há entre as duas sentenças, uma breve pausa e o piscar de olhos que marca a articulação da sentença matriz com a hipotaxe adverbial causal não manual. Além disso, a relação semântica entre as sentenças possibilita a construção causal, pois a proposição entre as sentenças emerge do contexto da sinalização. Pode-se considerar que esse é um exemplo prototípico de articulação da hipotaxe adverbial causal, pois a partir da análise dos dados, percebeu-se que a marcação não manual piscar de olhos é recorrente nas sentenças.

8.10 COMPARATIVAS

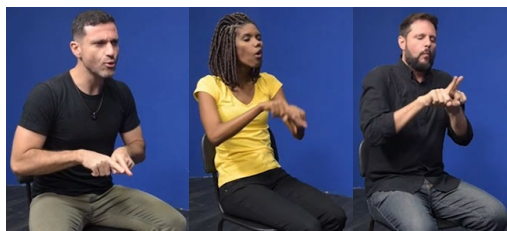
As comparações se estabelecem a partir de dois (ou mais) estados de coisas que, quando aproximados, apresentam semelhanças ou diferenças entre si, e são bastante frequentes nas línguas, sendo para Lima (2002), a base para que possamos perceber a realidade à nossa volta. Por isso, aparecem de forma abundante nas construções linguísticas.

De acordo com Neves e Hattner (2016, p. 167), um traço essencial da construção comparativa é a existência de um elemento comum aos dois membros comparados, de forma que toda construção comparativa é uma reunião entre iguais, a partir de uma comparação de igualdade, ou entre diferentes, por meio de uma comparação de superioridade e de inferioridade. Mais ainda, “as características centrais das construções comparativas são, do ponto de vista sintático, a interdependência de dois elementos e, do ponto de vista semântico, o estabelecimento de um cotejo entre esses elementos”. Ainda de acordo com as autoras, as construções comparativas são compostas por uma oração nuclear e uma oração comparativa. O primeiro termo da comparação, que está presente na oração principal, é o constituinte comparado, enquanto que o segundo termo da comparação, presente na oração comparativa, é o constituinte com o qual se faz a comparação.

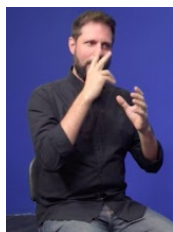
Na Libras, em orações comparativas que expressam igualdade, foram observadas estratégias manuais de articulação entre orações, em que sinais manuais atuam como conectivos. Na Figura 20, apresentamos o sinal ‘TAMBÉM’, realizado por sinalizantes distintos, em que observamos o uso simultâneo de mouthing, pois os lábios parecem configurar a palavra igual em Língua Portuguesa. Apresentamos, ainda, os sinais ‘PARECE’ e ‘IGUAL’, que também estão relacionados à comparação de igualdade.

Figura 20: Marcação manual de igualdade.

TAMBÉM



PARECE

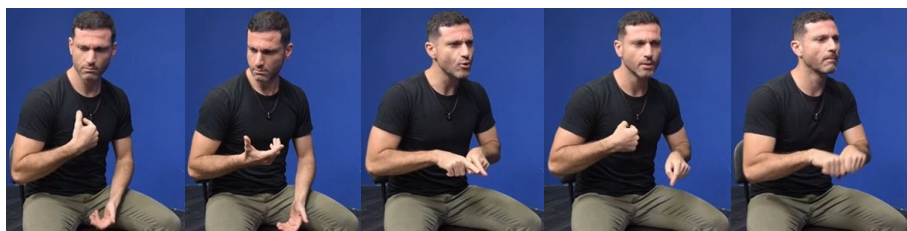


IGUAL



Em (51), observam-se orações que estão articuladas a partir do sinal manual **TAMBÉM**, promovendo uma comparação de igualdade. A primeira oração é organizada a partir da ação de ver, codificada a partir de uma ação construída em que o sinalizante direciona o seu olhar para um ponto específico do espaço de sinalização, simulando a ação de ver com uma postura de questionamento. Nesse caso, a ação construída permanece ativa enquanto há a articulação dos sinais durante IX (eu) [ENTÃO] qu (Eu olhei (questionei) a situação). Esse estado de coisas se aproxima a nível de igualdade, com o que é estabelecido na segunda oração. A oração dependente é marcada pelo sinal manual **TAMBÉM** e estabelece o estado de estar chocado.

(51) Hipotaxe adverbial comparativa de igualdade – marcador manual **TAMBÉM**.



IX (eu) [ENTÃO] qu

TAMBÉM

IX (eu)

QUEBRAR

IX (eu) [ENTÃO]qu **TAMBÉM** IX
(eu) **QUEBRAR**



*Eu olhei (questionei) a situação
me sentindo como chocado.*

Conforme mencionado, a oração principal é formada a partir de uma ação construída em que “simula” a ação de ver. O estado do participante em questionar a situação é comparado a nível de igualdade com o estado de sentir-se chocado. A conexão entre as duas orações acontece a partir do sinal **IGUAL**. Em (52), há uma oração hipotática adverbial comparativa que promove a noção de igualdade a partir do sinal **TAMBÉM**.

(52) Hipotaxe adverbial comparativa de igualdade – marcador manual **TAMBÉM**.



DIFERENTE

DEPOIS

ANTES

DEPOIS

DIFERENTE

POR-ISSO



É LÍNGUA-DE-SINAIS

ADQUIRIR

VIDA

NOVA

TAMBÉM



NASCER

BOIA-2

DE-NOVO

DIFERENTE DEPOIS ANTES DEPOIS
 DIFERENTE POR-ISSO É LÍNGUA-DE-SINAIS
 ADQUIRIR VIDA NOVA **TAMBÉM** NASCER
BOIA-2 DE-NOVO



É diferente, o antes e o depois (deste marco) são diferentes, por isso adquirir a *Língua de Sinais* é vida nova, igual nascer de novo.

Em (52), atemo-nos à parte final da unidade oracional complexa, que é constituída por uma oração matriz e uma oração comparativa, articuladas a partir do sinal IGUAL. A proposição codificada no primeiro termo da comparação, a saber, É LÍNGUA-DE-SINAIS ADQUIRIR VIDA NOVA (adquirir a Língua de Sinais é vida nova) é comparado a nível de igualdade com a proposição da oração dependente, que corresponde a **TAMBÉM NASCER BOIA-2 DE-NOVO** (igual nascer de novo). Em (53), há uma diferença no padrão articulatório apresentado até o momento, pois a oração dependente é anteposta à oração principal.

(53) Hipotaxe adverbial comparativa de igualdade – marcador manual TAMBÉM e uso do espaço de sinalização.



IGUAL ÁREA (os-ouvintes) OUVINTES FALAR-ORAL IX (mão-falar) VER



IX (mão-falar) +fala-oral



E(deixar-grupo) IX (nós) SURDO

É



IX (mão-sinais) LÍNGUA-DE-SINAIS IX (Língua-Sinais)

TAMBÉM ÁREA (os-ouvintes) OUVINTES
 FALAR-ORAL IX (mão-falar) VER IX (mão-falar)
 E(deixar-grupo), IX (nós) SURDO É ÁREA (os-
 surdos) LÍNGUA-DE- SINAIS IX(Língua-Sinais)

Assim como os ouvintes falam oralmente, é possível reconhecer esse falar, do outro lado, nós surdos sinalizamos e esta é a Língua de Sinais.



Na sentença (53), a Língua de Sinais enquanto língua natural dos surdos é comparada a nível de igualdade à língua oral das pessoas ouvintes. Novamente, o sinal IGUAL inicia a oração dependente, marcando-a, e, diferente dos dados anteriores, a oração comparativa está anteposta à oração principal. Observa-se também uma distinção espacial entre a oração hipotática comparativa e a oração principal, a partir do deslocamento do tronco. Há também uma troca de dominância dos articuladores manuais: durante a articulação da oração dependente, a mão direita atua como a dominante, enquanto que durante a articulação da oração principal, a mão esquerda é a dominante. O uso alternado das mãos é uma estratégia para articular orações em Língua de Sinais (CARNEIRO; EL KHOURI; LUDWIG, 2020; TANG e LAU, 2012).

Outro marcador manual, presente em orações comparativas de igualdade, é o sinal PARECE, conforme é apresentado na sentença seguinte. Em (34), o sinalizante estabelece uma comparação de igualdade entre a relevância da Língua de Sinais para o desenvolvimento da pessoa surda com o desabrochar de uma flor. A oração dependente é introduzida pelo marcador manual PARECE.

(54) Hipotaxe adverbial comparativa de igualdade – marcador manual PARECE.

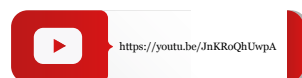


LÍNGUA-DE-SINAIS DAR VIDA PROCESSO CLARO PARECER



DV (desabrochar) CLARO ABRIR MUNDO ABRIR LÍNGUA- DE-SINAIS

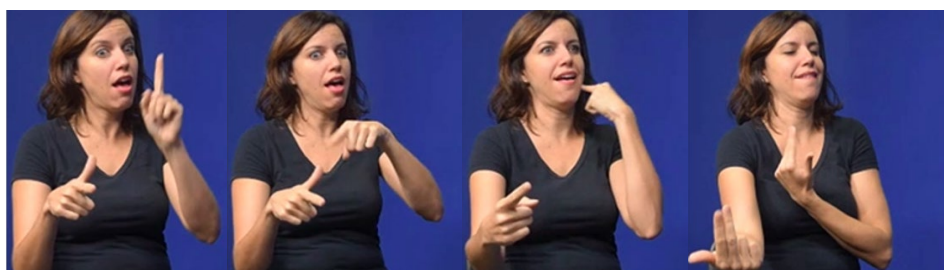
LÍNGUA-DE-SINAIS DAR VIDA PROCESSO
 CLARO PARECER DV (desabrochar) CLARO
 ABRIR MUNDO ABRIR LÍNGUA-DE-SINAIS



A Língua de Sinais me deu vida e (as coisas foram se) desenvolvendo de maneira clara, parece uma flor desabrochando de maneira clara; o mundo se abriu para a Língua de Sinais.

Em (55), a comparação de igualdade acontece a partir do sinal IGUAL. Neste dado, há uma elipse de elementos da sentença comparativa, que é favorecida pela aproximação entre estados de coisas e, assim, o estabelecimento de semelhanças. De acordo com Neves e Hattnher (2016), a comparação entre orações se faz normalmente com elipse do verbo, que se entende como igual ao da primeira oração e, possivelmente, de outros termos, na oração comparativa.

(55) Hipotaxe adverbial comparativa de igualdade – marcador manual IGUAL.



IX (ele)

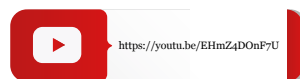
É

SURDO

IGUAL

IX (ele) É SURDO IGUAL

Ele é surdo igual eu (sou surda).



A oração principal estabelece a proposição de que IX (ele) É SURDO (Ele é surdo), que é posta a nível de igualdade como a oração seguinte, realizada a partir do sinal IGUAL, que foi articulado de maneira duplicada, em que uma das mãos está próxima à sinalizante e a outra mão está localizada no espaço em que o participante IX (ele) havia sido referenciado. Assim, a partir da duplicação das mãos, há o número dual e a indicação de que há dois participantes. O estado de ser surdo, apesar de apagado, está conceitualmente presente na segunda oração, estabelecendo a proposição de que IX (ele) É SURDO IGUAL (Ele é surdo igual eu (sou surda)).

A construção comparativa também envolve a reunião entre diferentes, a partir de uma comparação de desigualdade. A Figura 21 ilustra um marcador manual de desigualdade na Libras:

Figura 21: Marcador manual de desigualdade.



SUPERAR

Em (56), há uma oração comparativa de desigualdade, em que a proposição estabelecida indica uma relação de superioridade. Na sentença, o referente Libras é comparado ao referente ouro em relação ao estado de ser caro. A partir do uso do marcador manual de superioridade, a comparação estabelece que a Libras é mais cara que o ouro. Observa-se que, na sentença, o marcador de desigualdade é articulado com uma expressão facial de intensidade. Além disso, nota-se uma elipse do estado de ser caro na oração dependente.

(56) Hipotaxe adverbial comparativa de desigualdade marcada pelo sinal SUPERAR.



OURO PARECER

BRILHAR-MÃO

IX (isso) CARO

NÃO



LÍNGUA-SINAIS **SUPERAR**

E (basta)

VALOR

IX (valor)

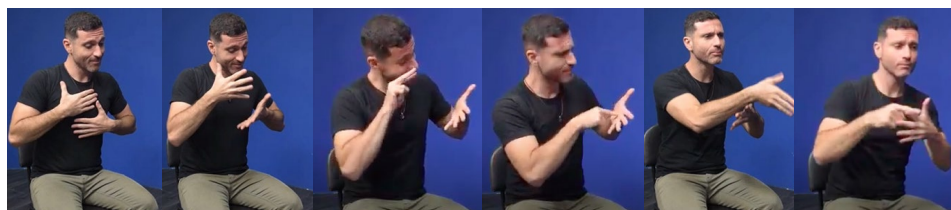
OURO PARECER BRILHAR-MÃO IX (isso)
CARO NÃO LÍNGUA-SINAIS **SUPERAR**
E(basta) VALOR IX (valor).

Parece como o ouro, as mãos brilham; o ouro é muito caro, só que a Língua de Sinais é mais (cara do que o ouro é caro); ela tem (mais) valor.



A oração comparativa de desigualdade, em que há uma relação de superioridade do referente *Língua de Sinais* em relação ao referente *ouro*, apresenta o sinal SUPERIOR que estabelece essa comparação e que está posicionado no final da sentença comparativa. Novamente, há uma elipse do estado de *ser caro* que é recuperado pelo contexto. Em (57), o marcador de desigualdade também está posicionado ao final da sentença e promove uma elipse do estado de coisas que é posto em comparação.

(57) Hipotaxe adverbial comparativa de desigualdade marcada pelo sinal SUPERIOR



POSS (pra mim) LÍNGUA-SINAIS VER IX (mão) SUPERIOR X (mão)

PARECE IX (eu) COISAS, IX (eu) TER CARRO, IX (eu) TER+ TELEFONE TABLET COISAS, IX (isso-tudo) VALOR NOSSA IX (valor) FS (valor), MAS IX (eu) POSS (pra mim) LINGUA-SINAIS VER IX (mão) SUPERIOR IX (mão)



Eu vejo as coisas que tenho, tenho carro, tenho telefone, tablet, várias coisas e vejo que são coisas de valor, mas pra mim, vejo a Língua de Sinais, ela (tem) mais (valor) do que (quaisquer uma destas coisas tem valor).

Em (57), no trecho final, há uma oração comparativa que estabelece desigualdade a partir do sinal SUPERIOR. Novamente, há uma elipse de elementos na sentença dependente, o que pressupõe que a proposição de ter valor é posto em comparação e, por isso, é recuperado pelo contexto. Os referentes envolvidos também são recuperados pela indicação da ponta dos dedos e reduplicação com deslocamento do sinal SUPERIOR, que é articulado de forma reduplicada em pontos distintos do espaço de sinalização. Assim, concebe-se a noção de que a Língua de Sinais, ela (tem) mais (valor) do que (quaisquer uma destas coisas têm valor).

8.11 CONDICIONAIS

8.11.1 Orações condicionais: conceitos gerais

Entre as orações adverbiais, encontram-se aquelas que exprimem um valor de **condicionalidade** entre dois eventos ou estados de coisas. Em sua forma clássica, a oração condicional é frequentemente apresentada sob a fórmula lógica simples “*se p, q*”, em que “p” representa a oração adverbial, e q, a principal.

Assim, as relações de condição são estabelecidas a partir de uma conexão entre dois estados de coisas, de modo que a ocorrência de um deles (*p*) seja a condição para a ocorrência do outro (*q*) (CRISTOFARO, 2003).

Segundo a tradição gramatical, as orações adverbiais expressam “a circunstância de que depende a realização do fato contido na oração principal”, podendo apresentar, nas suas formas mais comuns, “um fato de realização impossível, [...], um fato cuja realização é possível, provável ou desejável [...]”, ou, ainda, “desejo, esperança e pesar” (ROCHA LIMA, 2011, p. 346).

Partindo de uma perspectiva funcionalista, Neves (2000, p. 832), expõe que “dentro de uma construção **condicional**, a **oração** que exprime condição (tradicionalmente, a **subordinada**) é chamada **prótase**, e a que exprime o que é condicionado (a **nuclear**, ou **principal**) é chamada **apódose**” (grifos da autora). Sendo assim, a construção se apoia basicamente numa hipótese, o que a faz também ser chamada, nos estudos clássicos, como “período hipotético” (NEVES, 2000).

Logo, em um exemplo como o apresentado em (1), a oração “SE CHOVER”, que carrega propriamente o valor hipotético condicional, será chamada **prótase** ou **antecedente**; a contraparte “IX (eu) IR-NÃO ESCOLA”, será nomeada, aqui, como **apódose** ou **consequente**.

(1) SE CHOVER IX (eu) IR-NÃO ESCOLA [1]

Se chover, eu não vou à escola.

Oliveira e Hirata-Vale (2017, p. 295), por sua vez, assumem que as construções condicionais são essencialmente caracterizadas pelo fato de se apoiarem sobre uma base causal hipotética. De acordo com as pesquisadoras, há um consenso na literatura quanto a apresentar a condicional como “um enunciado em que dois segmentos se associam numa relação de causalidade não preenchida”.

Cumprido destacar que, usualmente, as orações condicionais funcionam como tópicos de suas sentenças (HAIMAN, 1978), ou seja, veiculam a informação compartilhada entre os interlocutores. Isso quer dizer que, por exemplo, se duas pessoas estão discutindo sobre um assunto levantado na prótase (*p*), mas estão em dúvida sobre ele; então, elas incluem, cognitivamente, o assunto da prótase em seu conhecimento de mundo, para a partir disso, hipoteticamente, discutir sobre o conteúdo que está na apódose (*q*) (ALEIXO, 2021).

O tópico, segundo Haiman (1978), pode ser tomado a partir de duas perspectivas: (a) a de que caracteriza aquilo sobre o que o emissor está falando, no sentido daquilo que Halliday (1967) nomeia como “*aboutness*”; e (b), a que relaciona o tópico à veiculação de informação compartilhada.

A função topical das condicionais está ligada ao fato de que, translinguisticamente, tanto em línguas orais como em Línguas de Sinais, as orações condicionais se organizam, sintaticamente, sob a forma anteposta na maioria das vezes; ou seja, a prótase normalmente antecede a apódose (se p, q).

A posposição, entretanto, que é a ordem marcada das condicionais, é verificada em línguas orais, por exemplo, na Língua Portuguesa. Nesses casos, a prótase (que está posposta) cumpre a função de adendo, ou seja, referindo-se a conteúdos novos, depois de uma aparente conclusão trazida pela oração principal (CHAFE, 1984).

Por fim, é relevante ressaltar que há a possibilidade de avaliar a relação entre as orações que compõem a sentença condicional considerando o grau de hipoteticidade, ou seja, é possível analisar a potencialidade de realização dos estados de coisas. Nesse sentido, Comrie (1986) afirma que os conjuntos de condicionais resultantes dessa comparação são, por um lado, as condicionais que têm um maior grau de hipoteticidade, o que significa que a probabilidade de realização delas é muito baixa. Por outro, existem condicionais com baixa hipoteticidade, cuja probabilidade de realização é muito alta.

As condicionais são comumente subdivididas em três tipos semânticos: factuais, potenciais (ou hipotéticas) e contrafactuais. Esses subtipos se referem aos diferentes graus de hipoteticidade das relações de verdade (e, conseqüentemente, da probabilidade de realização) das proposições envolvidas. Isso quer dizer que uma sentença factual representa uma relação com um menor grau de hipoteticidade; em contrapartida, uma condicional contrafactual representa o menor grau de probabilidade de realização, o que acarreta um maior grau de hipoteticidade; a condicional potencial (ou eventual) se estabelece num “meio termo” entre esses dois extremos, ou, como afirma Oliveira (2008, p. 92), combina não factualidade com não pressuposição – diferentemente das condicionais contrafactuais que se caracterizam por conter traços de não factualidade e pressuposição.

8.11.2 Orações condicionais nas Línguas de Sinais

Diferentemente das línguas orais, as Línguas de Sinais ainda carecem de descrições mais aprofundadas sobre as orações condicionais (cf. PAULUS, 2021; HERRMANN; STEINBACH, 2013), embora possamos encontrar importantes trabalhos sobre o tema nas Línguas de Sinais do mundo, por exemplo, na Língua de Sinais alemã (DGS, PAULUS, 2021), na Língua de Sinais americana (ASL, BAKER; PADDEN, 1978; LIDDELL, 1986), na Língua de Sinais austríaca (ÖGS, LACKNER, 2013), na Língua de Sinais australiana (AUSLAN, JOHNSTON; SCHEMBRI,

2007), na Língua de Sinais britânica (BSL, WATERS; SUTTON-SPENCE, 2005; MONAGHAN, 2009), na Língua de Sinais israelense (ISL, DACHKOVSKY, 2008) e em outras. Em relação a Libras, temos os trabalhos de Rodrigues (2018; 2022); Lima (2019); Aleixo (2021) e Paulus (2021), que nos oferecem um bom panorama do funcionamento e do uso das condicionais.

A oração condicional nas Línguas de Sinais pode ser de dois tipos: introduzidas por conjunção manual e justapostas. Nos dois casos, observamos combinações de marcadores não manuais. Muitos dos trabalhos indicados relatam o uso de uma conjunção condicional manual de modo não obrigatório, sendo que, em alguns casos, fica evidente se tratar de um empréstimo da língua oral majoritária, como é o caso da Língua de Sinais americana e da Língua de Sinais australiana (IF).

Aleixo (2021) faz uma revisão da literatura nesse sentido e demonstra que muitas Línguas de Sinais urbanas ocidentais usam marcadores não manuais similares, como sobranceiras levantadas e movimentos da cabeça. Entretanto, existem diferenças no uso desses marcadores não manuais. Cabe ressaltar que o uso desses marcadores não manuais pode variar de uma Língua de Sinais para outra. Na ASL, por exemplo, a inclinação de cabeça acompanha o antecedente condicional (LIDDELL, 1986) e, na Língua de Sinais austríaca, a prótase é produzida com a cabeça ligeiramente projetada para cima, ao mesmo tempo o queixo é puxado para baixo (LACKNER, 2013). Na Língua de Sinais holandesa, há um impulso de cabeça durante a realização do antecedente e movimento para baixo no final da sentença. Parece haver, assim, um consenso em relação aos tipos de marcadores não manuais que acompanham a realização das orações condicionais; todavia, suas execuções e a combinação entre eles são diversificadas.

8.11.3 Orações condicionais na Libras

Os estudos sobre sintaxe em Libras, iniciados por Ferreira Brito (1989), Felipe (1995) e Quadros (1999), estão hoje complementados por uma série de outros trabalhos que partem, em sua maioria, de amostras espontâneas, inclusive, aquelas feitas a partir do corpus do Inventário Nacional de Libras – Surdo referência (REF), organizado por pesquisadores da UFSC (QUADROS; SCHMITT; LOHN; LEITE e colaboradores, s.d.).

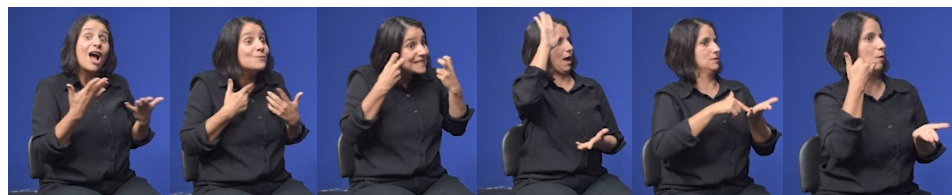
Com os arquivos de vídeo do Inventário Nacional de Libras – Surdo referência (REF) e tendo como base os trabalhos de Rodrigues (2018; 2022), Aleixo (2021) e Paulus (2021), apresentaremos, neste subcapítulo, as propriedades das orações condicionais na Libras, como os tipos e os usos dos marcadores não manuais, os marcadores manuais, a ordem e os subtipos semânticos.

8.11.4 Marcadores manuais

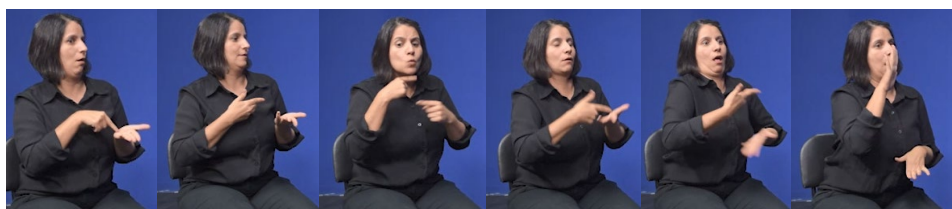
As orações condicionais nas Línguas de Sinais podem se apresentar tanto na forma de justaposição quanto interligadas por conjunção condicional manual.

Na Libras, encontramos, como em (58), casos de justaposição e, como em (59) e (60), respectivamente, casos de orações condicionais interligadas pelas conjunções manuais SE e EXEMPLO:

(58) Condicional justaposta.



HOJE IX (eu) PERCEBER MAIS IX (celular) CELULAR



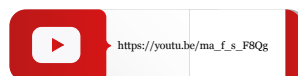
IX (celular) INTERAGIR DÚVIDA IX (celular) INTERAGIR MAIS



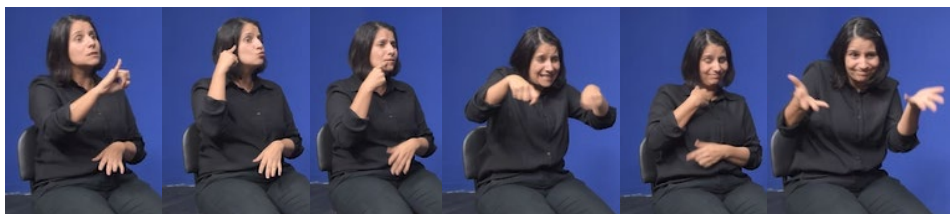
ENCONTRAR PESSOALMENTE MENOS DIFERENTE

HOJE IX (eu) PERCEBER MAIS IX (celular)
 CELULAR IX (celular) INTERAGIR DÚVIDA
 IX (celular) INTERAGIR MAIS ENCONTRAR
 PESSOALMENTE MENOS DIFERENTE

Hoje, eu percebo que se usa mais o celular para interagir. Se tem dúvida, interage mais pelo celular. Encontra-se menos pessoalmente, é diferente.



(59) Condicional com SE.

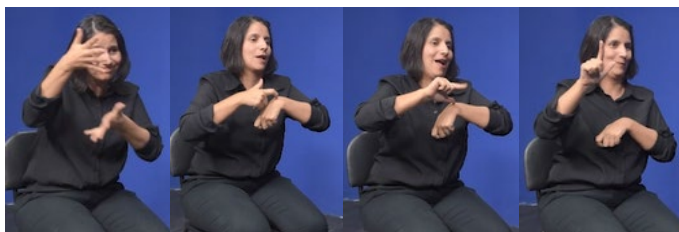


SE

SURDO

PRECISAR

IX (eu) ESTIMULAR



LÍNGUA-DE-SINAIS E (tempo) E (hora) OUTRO

SE SURDO PRECISAR IX (eu)+ ESTIMULAR
LÍNGUA-DE-SINAIS PRECISAR E (tempo)
E (hora) OUTRO



*Se o surdo necessita que eu o incentive
na Língua de Sinais, eu preciso fazer isso
em outro momento.*

Figura 22: Sinal 'SE'.

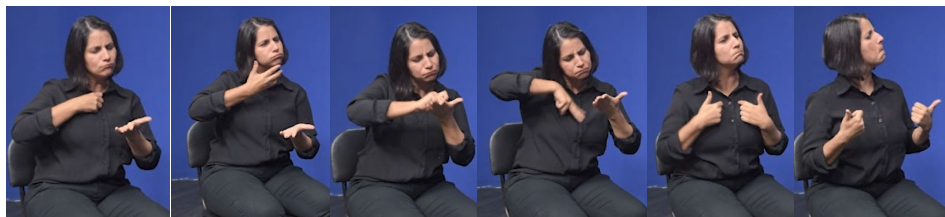


Fonte: Corpus de Libras (2022).

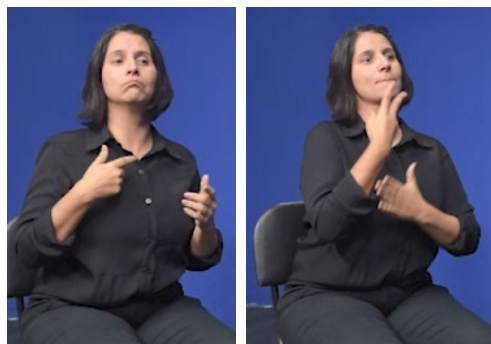
(6o) Condicional com EXEMPLO.



EXEMPLO IX (eu) FLUENTE E (positivo) ESCREVER LÍNGUA



IX (eu) POESIA ESCREVER LER IX (eu) E (positivo)



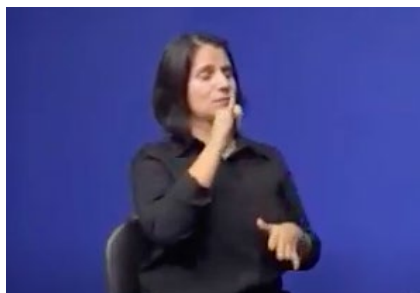
IX (eu) BILÍNGUE

**EXEMPLO IX (eu) FLUENTE E(positivo)
ESCREVER LÍNGUA PORTUGUESA IX (eu)
POESIA ESCREVER LER IX (eu) E(positivo)
IX (eu) BILÍNGUE**

*Se eu tenho uma boa fluência, eu escrevo em
Língua Portuguesa, eu interpreto poesia, eu
escrevo e leio,
eu sou bom nisso, então eu sou bilíngue.*



Figura 23: Sinal EXEMPLO.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

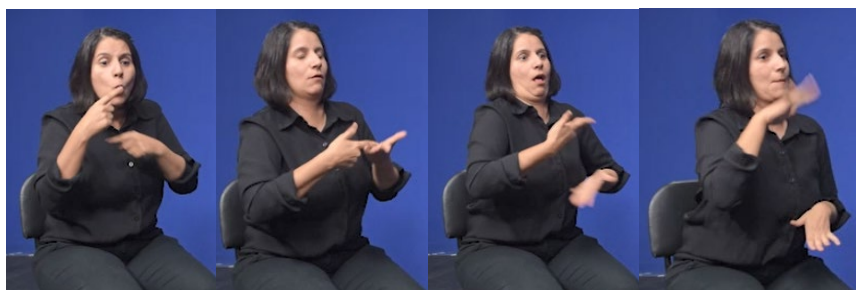
8.11.5 Marcadores não manuais

O uso de marcadores não manuais como arqueamento (ou “levantamento”) de sobrancelha, mouthing e inclinação de cabeça é considerado, na maioria das Línguas de Sinais já descritas, com os marcadores não manuais mais recorrentes para a produção de orações condicionais. Na Libras, isso também é observado como evidenciado nos exemplos a seguir (61) e (62):

8.11.6 Arqueamento de sobrancelhas

Na Libras, encontramos casos de orações condicionais em que a prótase é acompanhada de arqueamento de sobrancelha, como em (61) (justaposta) e (62) (introduzida por SE):

(61) Justaposta com arqueamento de sobrancelha.



DÚVIDA IX (celular) INTERAGIR **MAIS**

DÚVIDA IX (celular) INTERAGIR **MAIS**

Se tem dúvida, interage mais pelo celular.

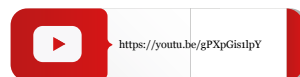
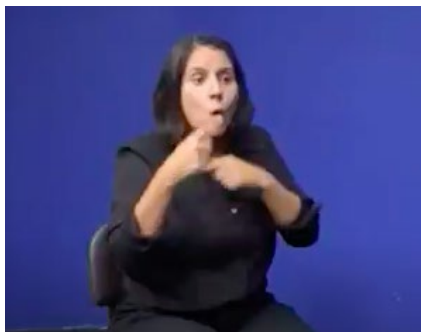
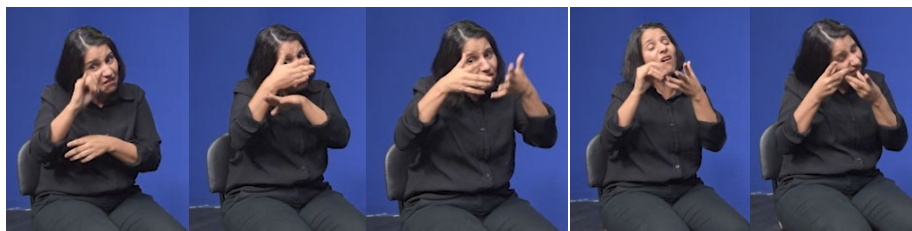


Figura 24: Arqueamento de Sobancelha em Condicional Justaposta na Libras.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

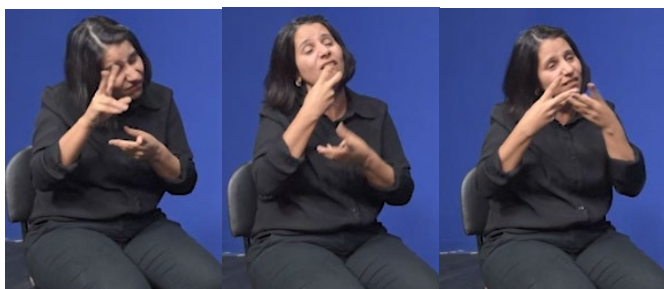
(62) condicional com SE com arqueamento de sobrelancelha.



SE

PARTICIPAR LÍNGUA-DE-SINAIS

FS (vai) DILUIR



FS (vai) ORALIZAR

DILUIR

SE PARTICIPAR+ LÍNGUA-DE-SINAIS FS

(vai) DILUIR FS (vai) ORALIZAR DILUIR

*Se você começar a usar a Língua de Sinais,
você vai perder a sua oralização.*

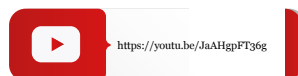


Figura 25: Arqueamento de Sobrancelha em Condicional com conjunção na Libras.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

8.11.7 Mouthing

Na Libras, a realização das orações condicionais introduzidas pelas conjunções manuais SE e EXEMPLO pode vir acompanhada de *mouthing* em sobreposição à conjunção condicional ou, em caso de justaposição, no início da prótase. O *mouthing* tem uma realização correspondente à produção oral da conjunção SE, como mostrado em (63) e (64):

(63) *mouthing* “se” com a conjunção SE.

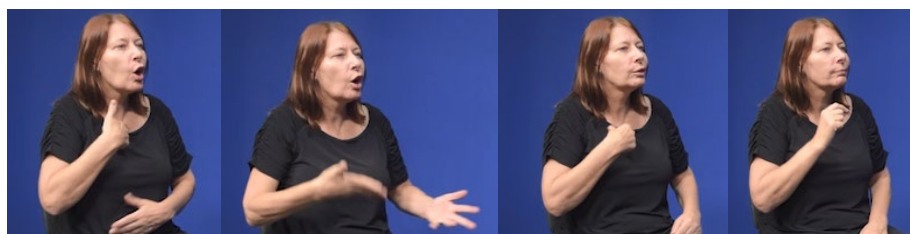


SE

IX (eu) IX ir) NÃO

ASSOCIAÇÃO

SURDO



IX (eu) HOJE

IX (eu) O-QUE

**SE IX (eu) IR-NÃO ASSOCIAÇÃO SUR-
DO IX (eu) HOJE IX (eu) O-QUE**

Se eu não tivesse ido para a Associação de Surdos, o que eu seria hoje.



Figura 26: *Mouthing* de “se” realizado com a conjunção manual SE.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

Destacamos, todavia, que Aleixo (2021, p. 124) e Rodrigues (2022, p. 148) relatam que alguns sinalizantes realizam condicionais introduzidas pela conjunção EXEMPLO com *mouthing* “se”, o que, para esses autores, é uma evidência do processo de gramaticalização de EXEMPLO. Ademais, Aleixo (2021, p. 129) salienta que mesmo em condicionais justapostas é observada a presença de *mouthing* “se”, nesse caso, desacompanhado da realização do sinal manual.

(64) *mouthing* “se” com a conjunção EXEMPLO.



EXEMPLO

QUERER

IMPLANTE-COCLEAR

QUERER-NÃO



IMPLANTE-COCLEAR DEPENDER

**EXEMPLO QUERER IMPLANTE-
COCLEAR QUERER-NÃO IMPLANTE-
COCLEAR DEPENDER**



*Se a pessoa quer ou não quer o implante
coclear, depende de cada um.*

Figura 27: *Mouthing* de “se” realizado com a conjunção manual EXEMPLO.

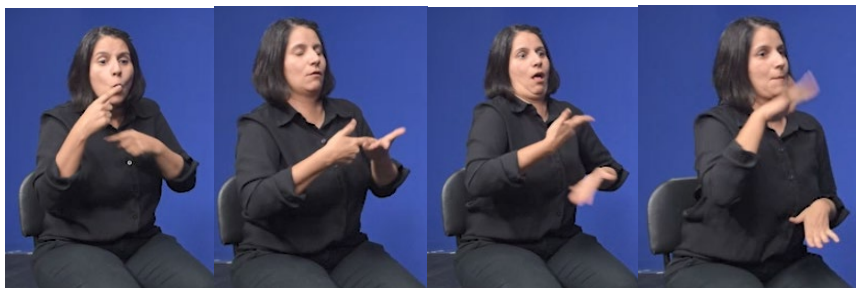


Fonte: Corpus de Libras (2022).

8.11.8 Inclinação da cabeça

Na Libras, encontramos casos de orações condicionais em que a prótase é acompanhada de inclinação de cabeça, como em (65) (justaposta) e (66) (introduzida por SE):

(65) justaposta com inclinação de cabeça



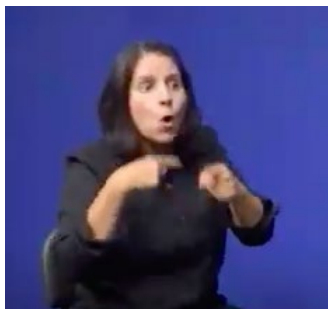
DÚVIDA IX (celular) **INTERAGIR** **MAIS**

DÚVIDA IX (celular) **INTERAGIR** **MAIS**

Se tem dúvida, interage mais pelo celular.



Figura 28: Inclinação de cabeça para a frente sobre a prótase.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

Figura 29: Mudança de Inclinação de cabeça sobre a apódose.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

(66) condicional com SE com inclinação de cabeça.



SE

TER

DEPENDER

DEM (esse) PESSOA

FRACO



DEPENDE

IX (eu) QUIETO

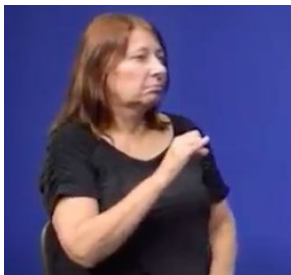
E (deixar) IX (eu) RESPEITAR.

SE TER DEPENDER DEM (esse) PESSOA
FRACO DEPENDE IX (eu) QUIETO E (deixar) IX
(eu) RESPEITAR.

*Se talvez houver alguma pessoa que não sabe bem
Libras, eu não me importo, eu respeito.*

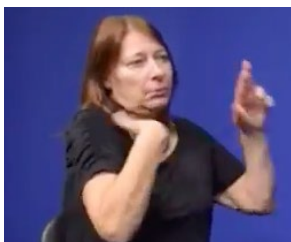


Figura 30: Inclinação de Cabeça sobre a prótase.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

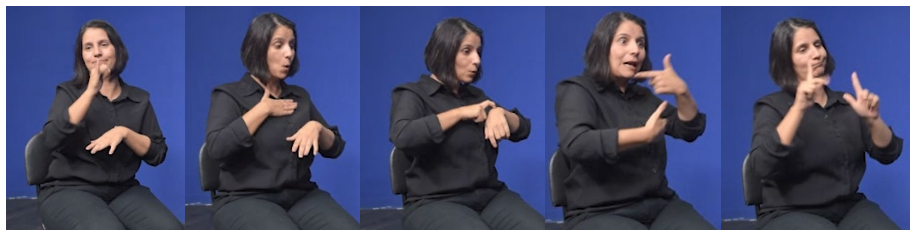
Figura 31: Mudança de Inclinação de Cabeça sobre a apódose.



Fonte: Corpus de Libras (2022).

Como se pode perceber por meio dos exemplos acima, de acordo com Aleixo (2021, p.142), sempre haverá uma diferença de inclinação de cabeça entre prótase e apódose, quer dizer, a cabeça tende a não se manter na mesma posição entre os dois constituintes da condicional. Veja-se mais um exemplo em (67):

(67)



EXEMPLO POSS (meu) E (tempo) TRABALHAR DIFERENTE

**EXEMPLO POSS (meu) E(tempo)
TRABALHAR DIFERENTE**

*Se eu estou no meu horário de trabalho,
eu não posso colaborar.*



Figura 32: Mudança de Inclinação de Cabeça que demarca mudança da prótase para a apódose [2]



Fonte: Corpus de Libras (2022).

8.11.9 Ordem

A maioria dos estudos sobre as orações condicionais em Línguas de Sinais ao redor do mundo prevê que a anteposição, ou seja, a sequência PRÓTASE. APÓDOSE, é a ordem gramatical das orações condicionais, não sendo relatados casos de posposição (PFAU, 2008; LIDDELL, 1980; DACHKOVSKY, 2005; 2008; SUTTON-SPENCE; WOLL, 1999; JOHNSTON; SCHEMBRI, 2007; LACKNER, 2013).

Na Libras, estudos prévios confirmam que a anteposição é a ordem não marcada das condicionais, como observamos em (68) e (69):

(68) anteposta justaposta.



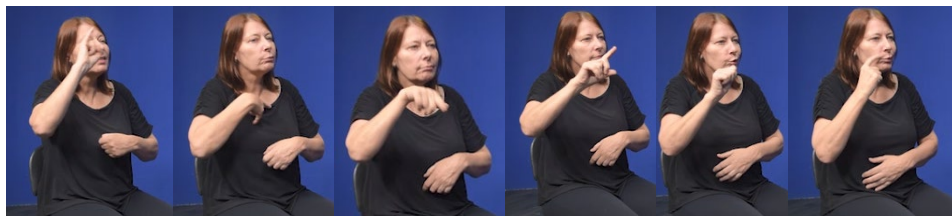
IX (eu) SURDO IX (eu) VER ENTENDER CL(entender-tudo)

IX (eu) SURDO IX (eu) VER ENTENDER CL
(entender-tudo)

Se eu, surda, vir (o vídeo), vou entender tudo.



(69) anteposta com conjunção.



SE IX (eu) IX (ir NÃO ASSOCIAÇÃO SURDO



IX (eu) HOJE

IX (eu)

O-QUE

SE IX (eu) IR-NÃO ASSOCIAÇÃO SURDO IX

(eu HOJE IX (eu) O-QUE

Se eu não tivesse ido para a Associação de Surdos, o que eu seria hoje?



Aleixo (2021, p. 142) e Rodrigues (2022, p. 139), no entanto, apresentam evidências de orações condicionais postpuestas em Libras, associando essa ordenação a um valor semântico específico. Segundo Chafe (2003) e Dancygier (2003), essas orações são classificadas como condicionais de adendo ou condicionais metatextuais.

8.11.10 Subtipos semânticos

A natureza semântica das orações condicionais constitui um dos seus aspectos mais discutidos na Literatura Linguística sobre línguas orais. No que diz respeito às Línguas de Sinais, muitos trabalhos, além de identificar a ocorrência de condicionais factuais e contrafactuais, as associam à presença de marcadores não manuais específicos (cf. DACHKOVSKY, 2008).

Aleixo (2021) ressalta que, na Libras, as orações condicionais parecem poder ser mais bem descritas tendo em vista um *continuum* de hipoteticidade, tal como previsto em Comrie (1986). Baseado em Comrie, (1986), o autor sugere que o agru-

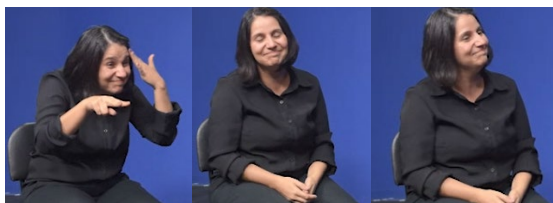
pamento das orações condicionais em Libras em dois subgrupos discretos (quer dizer, factual vs. contrafactual) ou tripartido (ou seja, real, potencial e irreal, como Neves (2000) propõe para a Língua Portuguesa) não permite apreender as nuances de significados presentes nessas orações. Desse modo, propõe que as condicionais sejam analisadas tendo em vistas graus de hipoteticidade.

Considerando os exemplos extraídos do *Inventário Nacional de Libras – Surdo referência (REF)*, apresentamos três ocorrências de orações condicionais que exibem diferentes graus de hipoteticidade:

(70)



SE DEM (esse) OUVINTE FLUENTE CHIQUE O-MÁXIMO



APAVORAR VER ENTENDER

SE DEM (esse) OUVINTE FLUENTE CHIQUE

O-MÁXIMO Interr. Neg.

APAVORAR VER ENTENDER

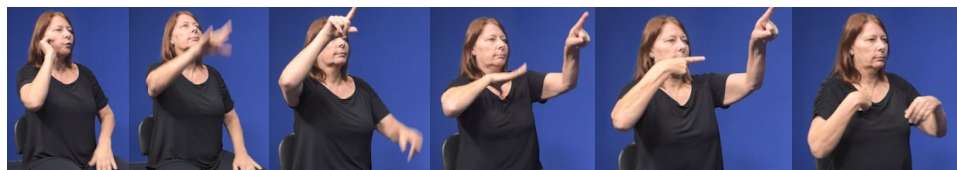


Se o ouvinte for muito fluente, o máximo, ele vai entender (aquele vídeo)? Não vai.

(71)



IX (eu) SÓ VERGONHA IX (eu) PALESTRAR 1



OUVINTE E (chamar) DEM (lá) LÍNGUA PORTUGUESA ERRAR IX (eu)



VERGONHA E (pessoas-olhar-karin)

**IX (eu) SÓ VERGONHA IX (eu) PALESTRAR
1 OUVINTE E(chamar) DEM (lá) LÍNGUA
PORTUGUESA ERRAR IX (eu)**

*VERGONHA E(pessoas-olhar-karin).
Me sentiria envergonhada se, em uma palestra
minha alguém da plateia, um ouvinte me disser
que estou falando errado.*



(72)



SE CONHECER SABER-ZERO LÍNGUA PORTUGUESA E (então)

**SE CONHECER SABER-ZERO LÍNGUA
PORTUGUESA E (então)**



*Se eu não soubesse nada de Língua
Portuguesa, como seria?*

Podemos observar, nesses exemplos, que a condicional em (70) exhibe um grau menor de hipoteticidade, o que a faz se aproximar da definição de condicionais factuais. Já (72), com grau maior de hipoteticidade, compreende aqueles casos descritos como condicionais contrafactuais. A ocorrência em (71), por seu turno, apresenta um grau intermediário de hipoteticidade, podendo ser também identificada como uma condicional eventual.

Embora tenhamos identificado a recorrência de marcadores não manuais na produção de orações condicionais, não foi possível, ao contrário do proposto em outros trabalhos sobre outras Línguas de Sinais estrangeiras, associar o uso de marcadores não manuais específicos relacionados aos subtipos semânticos. Aleixo (2021)³, nesse sentido, aponta que sempre haverá sobreposição de funções para a realização das condicionais⁴ (por exemplo, condicionais em contextos de pergunta, em contextos de negação, em pressuposição futura), o que não nos permite, ainda, estabelecer marcadores não manuais que determinem se uma condicional seria, evidentemente, factual, eventual ou contrafactual. Assim, o autor aponta que mais pesquisas, partindo de outros corpóra de Libras, podem contribuir para fortalecer essa conclusão.

³ Aleixo (2021) também identifica que o ‘piscar de olhos’ pode marcar a mudança da prótase para a apódose em sentenças condicionais na Libras.

⁴ Nesta seção, as orações condicionais estarão marcadas em negrito, e as orações principais, em itálico.

8.12 FINAIS (OU DE FINALIDADE)

De acordo com Lima (2002), as orações hipotáticas de finalidade expressam relação de propósito entre duas sentenças, de maneira que as orações hipotáticas adverbiais de finalidade “expressam o propósito do evento principal” (CECHETTO et al. 2017, p. 478).

Na sentença (73), há uma relação de finalidade e se percebe que essa é estabelecida por meio da justaposição das duas sentenças. Nota-se a relação de finalidade entre LEVAR e VER CADERNO:

(73) Hipotaxe adverbial de finalidade por justaposição.



IX (ela)

JUNTO

ACOMPANHAR

LEVAR

IX (lá) VER



SINAL CADERNO FS (revista) CADERNO

IX (ela) JUNTO ACOMPANHAR LEVAR IX
(lá) VER SINAL CADERNO FS (revista)
CADERNO



Ela me acompanhou e me levou para ver uma revista com sinais em Libras.

A primeira parte da sentença complexa IX (ela) JUNTO ACOMPANHAR LEVAR IX (lá) é a sentença nuclear. Essa primeira parte apresenta o evento primário que propicia a realização do segundo evento, expressado na sentença VER SINAL

CADERNO FS (revista) CADERNO. Há uma mudança no padrão prosódico na sentença: ao iniciar a sentença, o emissor sinaliza com uma marcação não manual específica – sobranceiras franzidas (sf) – que se espalha até o final da primeira parte da sentença. Sobre o sinal VER, que introduz a hipotaxe adverbial de finalidade, o sinalizante muda o padrão prosódico, elevando as sobranceiras (sl), o que indica a hipotaxe de finalidade. Em seguida, retoma o padrão prosódico anterior, com a marcação não manual – sobranceiras franzidas.

Não há um sinal manual que desempenhe a função de explicitar a hipotaxe de finalidade, mas as expressões faciais funcionam como um traço linguístico que contribui para realçar a hipotaxe adverbial de finalidade. Além disso, a proposição estabelecida no enunciado emerge do contexto discursivo por meio da justaposição das duas sentenças. A sentença (74), a seguir, também há uma relação de finalidade entre orações:

(74) Hipotaxe adverbial de finalidade por justaposição.



POR-CAUSA

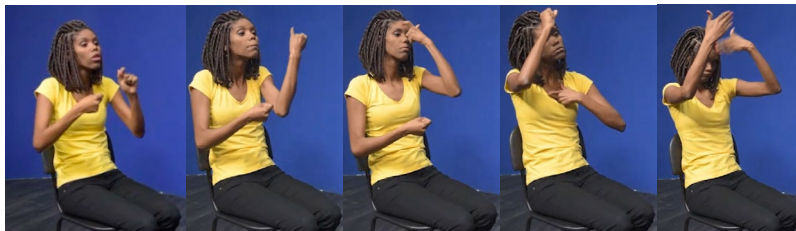
IX (nós) ACEITAR

PAGAR

ENTRE-ASPAS

SACRIFÍCIO

ESFORÇO



O-QUE

IMPORTANTE

PESSOA

APRENDER

DESENVOLVER

POR-CAUSA IX (nós) ACEITAR PAGAR ENTRE-
ASPAS SACRIFÍCIO ESFORÇO IMPORTANTE
PESSOA **APRENDER DESENVOLVER**

*Por isso nós aceitamos a obrigação de sacrifício, de esforço, que foi importante **para nós aprender e aprimorar-se.***



A sentença (73) estabelece uma relação de propósito entre o “sacrifício e esforço” que os surdos tinham de fazer com o objetivo de aprender e se aprimorar sempre mais. A primeira parte da sentença IX (nós) ACEITAR PAGAR ENTRE-ASPAS SACRIFÍCIO ESFORÇO expressa o evento da sentença nuclear, em que apresenta o esforço e sacrifícios realizados. A segunda parte da oração complexa – IMPORTANTE PESSOA APRENDER DESENVOLVER – apresenta qual era o propósito de tanto esforço e sacrifício – a fim de aprender e se aprimorar. Essa sentença hipotática adverbial de finalidade não apresenta um item lexical entre as duas orações, mas a relação de finalidade é estabelecida e pela justaposição das duas sentenças. A proposição que o enunciador quer expressar emerge do contexto. Em (75), a seguir, descrevemos outra oração hipotática adverbial de finalidade. Ate-mo-nos à parte final do exemplo em que há essa relação de finalidade entre orações:

(75) Hipotaxe adverbial de finalidade por justaposição.



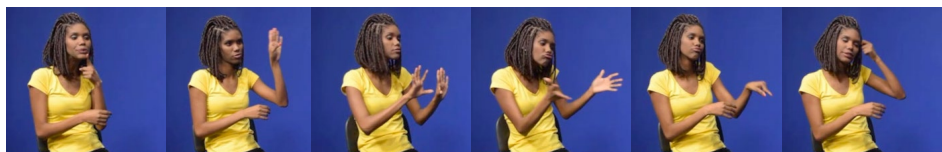
IX (eu)

APOIAR ÁREA

COMUNIDADE

ÁREA

SURDO



BRASIL

E (isso) ESTIMULAR

IX (eles) PRETO SURDO

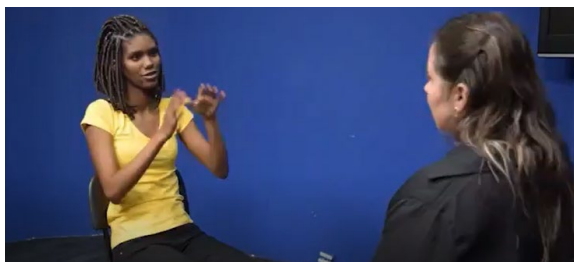
E(então) IX (eu) IR-PROCESSO HOJE VIVER
 ESTUDAR MESTRADO TAMBÉM JÁ IX (eu)
 EXPERIÊNCIA MOVIMENTO PRETO SURDO
 TAMBÉM IX (eu) APOIAR+ ÁREA COMUNIDA-
 DE ÁREA SURDO BRASIL E(isso) **ESTIMU-
 LAR IX (eles) PRETO SURDO**

*Então, o mestrado está em andamento, atual-
 mente eu estudo mestrado, também já tive
 experiência com o movimento de negros surdos,
 e eu apoio a comunidade surda brasileira para
 estimular os negros surdos. [...] [...] eu apoio a
 comunidade surda brasileira para estimular os
 negros surdos no Brasil.*



Na sentença (75), a hipotaxe adverbial de finalidade expressa a relação de propósito entre o apoio dado pela sinalizante a fim de estimular o movimento negro surdo no Brasil. A primeira parte da oração complexa – IX (eu) APOIAR Área+ COMUNIDADE BRASIL – apresenta a sentença nuclear, cujo evento é apoiar a comunidade brasileira de negros surdos. Nessa primeira parte da oração, o sinalizante utiliza o espaço neutro à sua frente e olha diretamente para a sua interlocutora, conforme se percebe na imagem abaixo:

Figura 33: Olhar direcionado à interlocutora.



Como se nota, o evento da sentença nuclear é realizado tendo a interlocutora como foco de atenção. A segunda parte da sentença complexa apresenta a Hipotaxe Adverbial de Finalidade ESTIMULAR IX (eles) PRETO SURDO. Nesse exemplo, a hipotaxe adverbial final é antecedida por um sinal que parece ser um gesto dêitico, que faz referência à “comunidade surda” no espaço de sinalização. A proposição que emerge entre as orações é de finalidade. A primeira parte da sentença apresenta o apoio dado à comunidade surda brasileira a fim de estimular os negros surdos. Esse último evento é expressado na segunda parte da oração. Além disso, nota-se o giro do tronco e a mudança da direção do olhar para a esquerda da sinalizante, onde está situado espacialmente a comunidade surda brasileira, desviando o foco da sua interlocutora, como se nota na figura abaixo:

Figura (34): Olhar direcionado à esquerda da sinalizante.



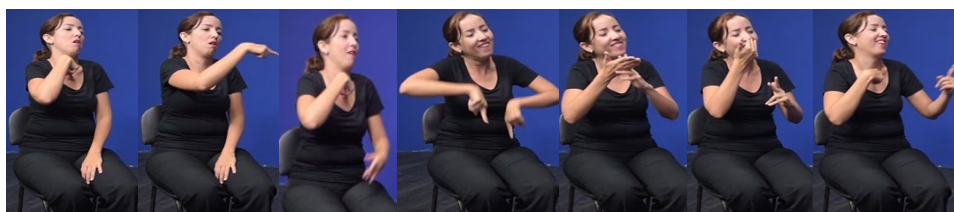
Esse giro do tronco e direção do olhar marcam a hipotaxe adverbial de finalidade. Além disso, é perceptível o uso da expressão facial da boca sobre o verbo ESTIMULAR, o qual dá início à hipotaxe adverbial final.

8.13 TEMPORAIS

De acordo com Lima (2002), as construções hipotáticas temporais podem ser definidas como sentenças que situam um conjunto de eventos em algum lugar na linha do tempo. A oração dependente traz uma circunstância que realça a proposição estabelecida na oração matriz. Nessa relação, o sinalizante estabelece o tempo do evento expresso na matriz, ou seja, a oração hipotática cumpre uma função adverbial temporal por marcar o acontecimento temporalmente em relação à sentença nuclear.

Em geral, a relação temporal estabelecida entre os dois eventos pode ser expressada em duas relações temporais: de *simultaneidade* ou *não simultaneidade*. No caso de hipotaxe temporal *simultânea*, os eventos são expressos de forma simultânea tanto na oração dependente quanto na oração nuclear, ou seja, os dois eventos acontecem ao mesmo tempo. Os dados, a seguir, ilustram orações articuladas a nível de hipotaxe temporal simultânea.

(76) Hipotaxe Adverbial Temporal simultânea.



IX (eu-ela-eu) VIR

INTERVALO COMER

IX (eu)

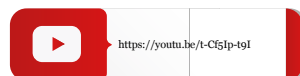


IX (ela)

SINALIZAR

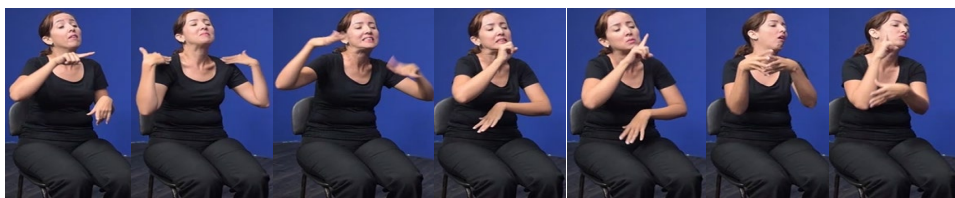
IX (eu) MAIS IX (eu) IRMÃ IX (eu-ela-eu)
VIR INTERVALO COMER IX (eu) IX (ela)
SINALIZAR

*Eu e minha irmã usávamos mais sinais,
no intervalo, quando descíamos
para lanchar, nós nos encontrávamos e
sinalizávamos uma com a outra.*

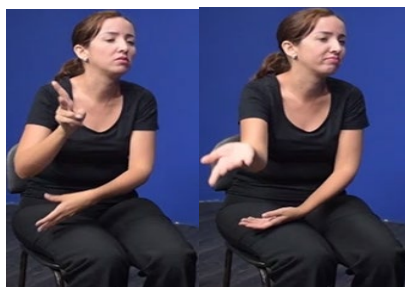


O conteúdo expresso na oração hipotática adverbial tem a função de estabelecer o momento do evento das orações envolvidas, dentro de uma linha temporal. A oração hipotática temporal, VIR INTERVALO COMER (*no intervalo, quando descíamos para lancha*) é marcada por uma expressão facial específica. Além disso, o evento da oração hipotática é simultâneo ao conteúdo expresso nas orações nucleares. Novamente, a oração hipotática não faz parte da estrutura argumental das orações nucleares, tanto que pode ser retirada sem comprometer a estrutura sintática. O exemplo, a seguir, ilustra, mais uma vez, orações relacionadas a nível de hipotaxe temporal simultânea:

(77) Hipotaxe Adverbial Temporal simultânea.



DEPOIS PASSEAR MAIS SÁBADO DOMINGO 1GRUPO3 SURDO



SEMPRE ENTÃO

**DEPOIS PASSEAR MAIS SÁBADO
DOMINGO 1GRUPO3 SURDO SEMPRE
ENTÃO**



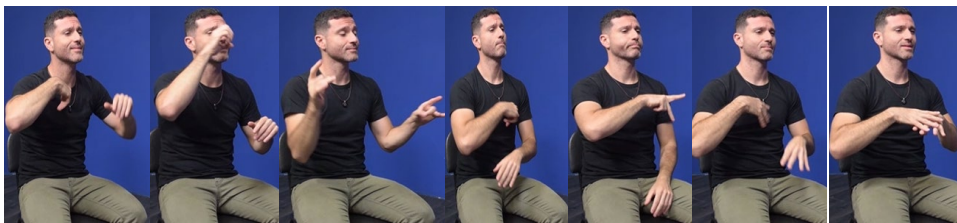
Além disso, **quando passeávamos aos sábados e domingos**, sempre me reunia com os surdos.

Nessa sentença, o evento expresso na oração hipotática “quando passeávamos aos sábados e domingos”, ocorria de forma simultânea ao evento expresso na oração principal “reunia com os surdos sempre”. Essa sentença é marcada por expressões faciais específicas: o posicionamento do corpo e o leve giro da cabeça

para o lado. Nesse sentido, a sinalizante explora o uso do espaço para articular a sentença hipotática temporal.

Nos casos de hipotaxe temporal não simultânea, os eventos da sentença hipotática não são expressos ao mesmo tempo em que o evento da sentença principal acontece. Nos exemplos a seguir, vamos apresentar uma oração hipotática temporal, em que o evento acontece em momento anterior ao tempo do evento da oração nuclear:

(78) Hipotaxe Adverbial Temporal não simultânea.



IX (eu) APRENDER PRONTO IX (eu) PROFESSOR IX (eu) MATEMÁTICA

**IX (eu) APRENDER PRONTO IX (eu)
PROFESSOR IX (eu) MATEMÁTICA**



Quando eu aprendi, eu me tornei professor de Matemática.

O evento da oração hipotática **IX (eu) APRENDER PRONTO** (Quando eu aprendi) acontece em um tempo anterior ao tempo do evento da oração principal **IX (eu) PROFESSOR IX (eu)** (eu me tornei professor de Matemática). Por isso, a oração hipotática temporal é considerada não simultânea. A oração hipotática temporal é marcada pelo sinal **PRONTO**. O exemplo, a seguir, ilustra, mais uma vez, orações relacionadas a nível de hipotaxe temporal não simultânea.

(79) Hipotaxe Adverbial Temporal não simultânea.



[DESENVOLVER+ ATÉ OITAVA-SÉRIE] FIM

[DESENVOLVER+ ATÉ OITAVA-SÉRIE] FIM



Fui passando até chegar a 8a. série, quando terminei (os estudos).

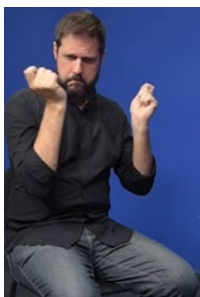
Nessa sentença, temos uma oração hipotática não simultânea DESENVOLVER+ ATÉ OITAVA-SÉRIE (Fui passando até chegar a 8a. série), em que o tempo do evento é anterior ao tempo do evento da oração posposta, a saber, FIM (quando terminei (os estudos)). Observa-se marcação não manual específica da oração hipotática, a diminuição do olhar e franzir a testa.

Em relação às estratégias articulatórias em orações adverbiais temporais, reconhecemos estratégias manuais e não manuais. Sobre as estratégias manuais, de acordo com Carneiro, El Khouri e Ludwig (2020), os sinais que possuem uma função de marcador temporal desempenham um papel importante na articulação de orações ou, pelo menos, na coesão da sentença, embora reconheçam a necessidade de desenvolver critérios mais objetivos para definir um marcador manual (ou não manual) como um conectivo. Os dados, a seguir, ilustram marcadores manuais em orações adverbiais temporais.

(80) Hipotaxe Adverbial Temporal com estratégia manual.



PASSADO DV-PESSOAS-EM-PÉ OUVINTE DV-PESSOA-APROXIMAR FALAR VER



IMPOSSÍVEL

**PASSADO DV-PESSOAS-EM-PÉ OUVINTE
DV-PESSOA-APROXIMAR FALAR
VER IMPOSSÍVEL**



Antes, quando me aproximava de uma roda de ouvintes que falavam oralmente, acompanhar as falas (era) impossível.

Em (80), podemos distinguir duas partes que estão articuladas a nível de hipotaxe, a partir de uma relação temporal que emerge da proposição estabelecida pelo discurso. A primeira parte, em PASSADO DV-PESSOAS-EM-PÉ OUVINTE DV-PESSOA-APROXIMAR (Antes, quando me aproximava de uma roda de ouvintes que falavam oralmente), pode ser considerada uma oração hipotática adverbial temporal, pois estabelece o tempo em que o evento da oração principal acontece. Nessa parte, observa-se ainda uma oração encaixada adjetiva restritiva que, no conjunto da primeira parte, relaciona-se com a segunda parte a nível de hipotaxe. A segunda parte, em FALAR VER IMPOSSÍVEL (acompanhar as falas (era) impossível), pode ser considerada oração matriz, cujo evento é marcado temporalmente pela oração que a antecede. Da mesma forma, aqui se pode observar uma oração encaixada substantiva subjetiva que, como um todo, relaciona-se com a primeira parte enquanto oração matriz. Na primeira parte, observa-se o olhar do sinalizante direcionado para as próprias mãos, bem como o uso do sinal PASSADO a introduzir a oração adverbial temporal.

(81) Hipotaxe Adverbial Temporal marcada pelo sinal ANTERIORMENTE.



ENCONTRAR ANTERIORMENTE POSTERIORMENTE FS (mãe) PROCURAR ESCOLA



SURDO ESPECIAL

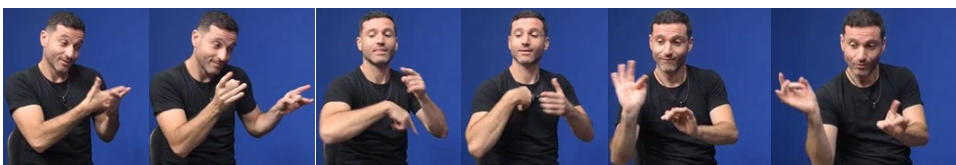
ENCONTRAR ANTERIORMENTE POSTERIOR-
MENTE FS (mãe) PROCURAR ESCO-
LA SURDO ESPECIAL



*Até encontrar (a escola) minha mãe procurou
muito uma escola de surdos especial.*

Em (81), há duas orações articuladas a nível de hipotaxe. Da oração matriz, em ENCONTRAR (Até encontrar (a escola)), emerge a oração adverbial temporal que tem a função de situar o tempo do evento codificado na oração matriz. Em ANTERIORMENTE POSTERIORMENTE FS (mãe) PROCURAR ESCOLA ESTUDAR SURDO ESPECIAL (minha mãe procurou muito uma escola de surdos especial), considerada a oração temporal, há um adendo em relação à oração nuclear, considerada, assim, uma informação suplementar. Observa-se a marcação manual a introduzir a oração adverbial temporal.

(82) Hipotaxe Adverbial Temporal marcada pelo sinal PRONTO.



ESTUDAR PRONTO DEPOIS IX (eu) FACULDADE PRONTO



IX (eu) PEGAR-VAGA TRABALHAR IX (eu) PROFESSOR IX (nessa-escola)

**ESTUDAR PRONTO DEPOIS IX (eu)
FACULDADE PRONTO IX (eu) PEGAR-
VAGA TRABALHAR IX (eu) PROFESSOR IX
(nessa-escola)**



*Após o terminar os estudos e, depois, a faculdade,
fui trabalhar como professor nesta (escola).*

Na sentença (82), o sinal PRONTO parece desempenhar um papel importante na articulação entre orações e na relação de temporalidade que se estabelece entre elas. A oração dependente, preposta à oração principal, funciona como um advérbio e estabelece o tempo do evento da oração matriz. O olhar do sinalizante está direcionado a pontos específicos do espaço de sinalização, locais em que seu corpo também é deslocado. Assim, a oração dependente apresenta tanto uma marcação manual quanto não manual, que a distingue da oração matriz. Durante a articulação desta, em IX (eu) PEGAR-VAGA TRABALHAR IX (eu) PROFESSOR IX (nessa-escola) (fui trabalhar como professor nesta escola), o olhar do sinalizante se volta para a interlocutora e o corpo adota uma posição neutra, no espaço de sinalização, em relação à oração dependente.

O uso de boia é uma estratégia importante para a articulação de orações em Línguas de Sinais (PFAU; STEINBACH, 2016). No caso de orações temporais simultâneas, a manutenção da mão não dominante, ao longo do tempo, faz com que os eventos da oração dependente e da oração principal sejam expressos de forma simultânea. A boia permanece enquanto a mão dominante segue codificando o discurso sinalizado (CARNEIRO; EL KHOURI; LUDWIG, 2020). O dado, a seguir, ilustra orações articuladas a nível de hipotaxe adverbial, por meio da manutenção da mão não dominante (boia).

(83) Hipotaxe adverbial temporal com uso de boia.



DV (braços-sobre-a-mesa) SONHAR

DV (braços-sobre-a-mesa) IMPOSSÍVEL

IX (eu)

DV (braços-sobre-a-mesa) SONHAR DV (braços-sobre-a-mesa) IMPOSSÍVEL IX (eu)

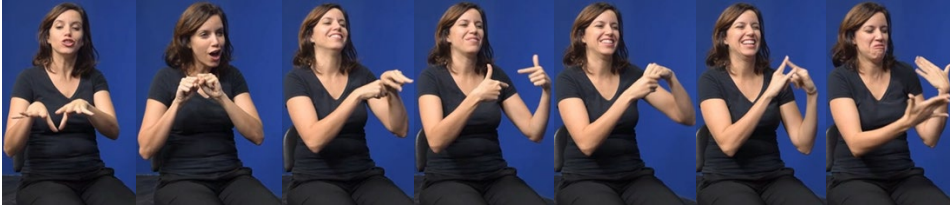


Enquanto estava sentado e olhava para a janela, imaginava que era impossível para mim.

Em (83), as orações estão articuladas a nível de hipotaxe temporal a partir da manutenção da mão não dominante. Em um primeiro momento, o sinalizante articula a oração DV (braços-sobre-a-mesa) SONHAR DV (braços-sobre-a-mesa) (Enquanto estava sentado e olhava para a janela), em que o corpo, a direção do olhar e as mãos estão dispostas de maneira específica a representar a ação construída de um participante sentado, com as mãos sobre uma mesa e se dispõe a olhar pela janela. Após essa construção, a mão não dominante permanece em suspensão, mantendo-se articulada, enquanto o sinalizante segue com o discurso com a mão dominante. Dessa forma, a presença da boia indica que a ação da oração dependente é temporalmente simultânea à ação codificada pela oração principal.

Nas orações adverbiais temporais, também se observam estratégias articulatórias não manuais específicas. Carneiro, El Khouri e Ludwig (2020) mencionam orações hipotáticas adverbiais temporais marcadas por uma expressão não manual, que compreende um aceno de cabeça e um mouthing. Nesse caso, a boca simula a articulação da palavra 'JÁ', em Língua Portuguesa. Os dados a seguir ilustram essa estratégia articulatória:

(84) Adverbial temporal marcada pelo aceno de cabeça e *mouthing* JÁ.



FORMAR-mouthing (já) PEGAR-VAGA TRABALHAR DENTRO INES ATÉ-AGORA

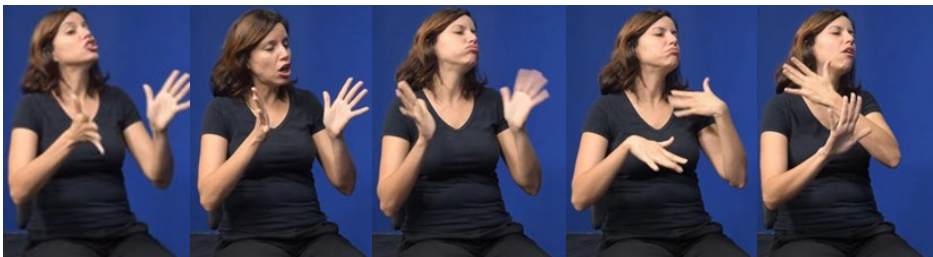
FORMAR-mouthing (já) PEGAR-VAGA
TRABALHAR DENTRO INES ATÉ-AGORA



*Quando me formei, comecei a trabalhar dentro do
INES, onde estou até agora.*

Em (84), as orações estão articuladas a nível de hipotaxe adverbial temporal, a partir de aceno de cabeça e *mouthing*-JÁ. Essa estratégia não manual de conexão entre orações estabelece o tempo do evento da oração dependente em relação à oração matriz. No dado mencionado, a oração dependente FORMAR FORMAR-mouthing(já) (Quando me formei) constitui o tempo de evento não simultâneo. Após, a oração matriz é articulada PEGAR-VAGA TRABALHAR DENTRO INES ATÉ-AGORA (comecei a trabalhar dentro do INES, onde estou até agora).

(85) Hipotaxe adverbial temporal marcada pelo aceno de cabeça e *mouthing* JÁ.



LÍNGUA-DE-SINAIS *mouthing* (já) LÍNGUA-DE-SINAIS E (processo) ANTERIORMENTE

**LÍNGUA-DE-SINAIS *mouthing* (já) LÍNGUA-
DE-SINAIS E(processo) ANTERIORMENTE
E(então) IX (eu) E(então) IX (eu) JOVEM IX (eu)
DEM (aquele) JUNHO ENCONTRAR HOMEM
SEMPRE GESTO CRESCER SEMPRE IX (eu)
ENCONTRAR IX (você) LEMBRAR DEM (aquele)
SURDO**



Quando eu passei a sinalizar, interagia em Língua de Sinais desde então. Quando eu era jovem, no mês de junho, no mercado, encontrei aquele homem, que sempre articulava gestos, daí lembrei que era surdo.

Em (85), na primeira parte da construção, observa-se o uso do aceno de cabeça e o *mouthing* JÁ, que atuam como um conectivo a articular duas orações e a estabelecer uma relação de temporalidade entre elas. Esse conectivo não manual se posiciona ao final da oração dependente, estabelecendo-a funcionalmente como um advérbio temporal, pois estabelece o tempo do evento da oração principal.

Tang e Lau (2012) pontuam a justaposição como uma estratégia recorrente para articular sentenças complexas em Línguas de Sinais, que está presente em orações adverbiais temporais. Para articulação de hipotaxe temporal, percebemos as seguintes estratégias linguísticas: uso de sinais manuais como PRONTO, PROCESSO, ANTES, ATÉ-HOJE; emprego de marcações não manuais como giro do tronco e da cabeça, aceno da cabeça; uso do espaço de sinalização para marcar dois eventos linguísticos marcados temporalmente; emprego da boia para marcar os eventos simultâneos; e o uso do aceno de cabeça e do *mouthing*-JÁ para marcar eventos não simultâneos.

8.14 ORAÇÕES ENCAIXADAS

As mesmas relações sintáticas que se estabelecem em uma oração simples, também vão acontecer em orações complexas. Como sabemos, a oração começa a partir de um predicador que seleciona os seus argumentos. Os termos que funcionam como argumento, atendem a certos critérios exigidos pela semântica do predicador.

A transitividade é o caráter básico que vai determinar a estrutura argumental. No caso de uma oração complexa, ao invés de um termo, toda uma oração funciona como argumento de um predicador. Assim, o encaixamento vai atender a uma necessidade sintática porque as orações encaixadas cumprem um papel de argumento em relação à oração matriz.

Há uma dependência completa entre a oração encaixada e a oração núcleo. Há, portanto, o encaixamento. A oração dependente faz parte da estrutura argumental da oração principal. Nesse sentido, a oração encaixada é obrigatória, diferente da oração hipotática, que faz parte do discurso, mas não faz parte da estrutura sintática da oração principal.

As orações encaixadas podem funcionar como um argumento (orações encaixadas substantivas), ou como um modificador (orações encaixadas adjetivas restritivas). Discute-se, nessa seção, as sentenças encaixadas, em particular, as sentenças encaixadas subjetivas, com função de sujeito oracional; as encaixadas objetivas, com função de oracional; e, por fim, as relativas restritivas, que especificam um determinado sintagma da oração. Lehman (1988, p. 2) conceitua encaixamento como “a dependência de um sintagma subordinado”.

As orações encaixadas substantivas são sentenças que desempenham a mesma função de um substantivo dentro da oração principal, ocupando a posição sintática equivalente a um sintagma nominal. Em termos funcionais, correspondem ao argumento de um predicado. No caso de sujeito oracional, haveria um verbo de estado que predica uma oração, ou seja, uma oração matriz predica uma oração com função de sujeito. No caso de objeto oracional, a oração principal predica uma outra oração com função de objeto.

Em relação às adjetivas restritivas, um determinado sintagma de uma sentença é modificado por outra sentença encaixada, a qual se torna indispensável, pois o significado de um determinado termo da sentença nuclear é constituído ou definido pela sentença encaixada. Assim, Halliday (2004) define encaixamento de seguinte forma:

Encaixamento é um mecanismo semogênico pelo qual uma sentença ou um sintagma passa a funcionar como um constituinte dentro da estrutura de um grupo, o qual é um constituinte de uma sentença, por exemplo, *que veio jantar* em *o homem que veio jantar*. Consequentemente, não há uma relação direta entre uma sentença encaixada e a sentença na qual ela está encaixada; a relação de uma sentença encaixada para com a sentença “externa” é indireta, com um grupo como intermediário. A oração encaixada funciona na estrutura de um grupo e o grupo funciona na estrutura da sentença. (HALLIDAY, 2004, p. 491).

Dessa forma, as sentenças encaixadas do tipo adjetivas restritivas modificam um sintagma nominal de uma sentença, especificando ou explicando o sentido desse núcleo nominal ou, em alguns casos, uma sentença.

Foram analisadas orações encaixadas dentre as 855 unidades oracionais complexas entre 12 participantes do grupo de Surdos de Referência, conforme tabela 3:

Quadros 06: Síntese da distribuição quantitativa das UOC encaixadas analisadas por participante.

Informantes	Tempo analisado	UOC		Relativa Restritiva		Substantiva Objetiva		Substantiva Subjetiva		Combinação de Encaixadas
		Total	Encaixadas	Manual	Não Manual	Manual	Não manual	Manual	Não manual	
Nome	Minuto e segundo									--
Ana Regina	10'04"	67	36	2	16	3	11	0	0	4
André	9'23"	63	37	0	3	5	21	0	8	0
Cleber	11'39"	106	29	1	13	4	9	0	0	2
Fernanda	8'38"	71	30	0	3	15	12	0	0	0
Jackson	9'19"	71	28	0	7	6	13	0	2	0
Marianne	5'29"	62	18	0	3	4	10	0	1	0
Marisa	9'20"	71	19	0	9	3	7	0	0	0
Priscila	17'12"	87	23	0	7	7	9	0	0	0
Rimar	10'05"	85	24	0	8	3	12	1	0	0
Sandro	9'59"	87	18	0	5	1	12	0	0	0
Sylvia	19'10"	85	20	0	4	3	13	0	0	0
Total	""	855	282	3	78	54	129	1	11	6

A seguir, apresentamos essa análise considerando as encaixadas substantivas subjetivas e objetivas e as relativas restritivas.

8.14.1 Encaixadas substantivas

8.14.1.1 Encaixada substantiva subjetiva

As sentenças encaixadas substantivas subjetivas desempenham o papel de sujeito oracional de uma determinada sentença matriz. As sentenças encaixadas ocupam a função de núcleo de um sintagma nominal. No caso das encaixadas substantivas subjetivas, elas exercem a função de sujeito oracional, que em sentenças simples é exercido por um substantivo.

As sentenças encaixadas substantivas subjetivas podem apresentar duas ordens distintas: ordem direta ou canônica, em que a sentença é construída com Sujeito + predicado; ou a ordem inversa, em que a sentença é estruturada pela ordem Predicado + Sujeito. Em seguida, há exemplos dessas duas ordens, bem como sua organização interna:

(86) Substantiva Subjetiva com ordem direta.



DV (lábios) VER IMPOSSÍVEL

[DV (lábios) VER] IMPOSSÍVEL



Ler os lábios (era) impossível.

A sentença (86) apresenta a ordem direta de sujeito e predicado. Ao invés de o sujeito ser desempenhado por um substantivo, tem-se, nesse caso, um exemplo de uma oração que desempenha a função de sujeito, chamada de Encaixada Substantiva Subjetiva. O sujeito dessa oração complexa é DV (lábios) VER. Em seguida, a oração apresenta o predicativo IMPOSSÍVEL, que expressa um estado do sujeito oracional. Segundo Givón (2001, p. 106), os verbos de estado podem ser caracterizados da seguinte forma: “Uma proposição pode significar um *estado*, não envolvendo nenhuma mudança ao longo do tempo. O estado pode ser temporário (de duração limitada), ou permanente (de duração relativamente longa), ou ainda de duração intermediária”. O autor apresenta dois exemplos de estado temporário e permanente em língua inglesa:

a. Estado temporário:

She was angry

Ela estava brava.

b. Estado permanente:

She was tall.

Ela era alta.

No exemplo em Libras, nota-se um estado permanente, expressado em IMPOSSÍVEL (ser impossível). Os outros exemplos analisados a seguir também apresentam verbos de estado semelhantes a esse.

Essa oração é articulada pela justaposição. Não há um sinal que marque a sentença encaixada, mas a proposição entre as duas sentenças emerge o contexto. Apesar disso, a primeira parte da sentença – DV (lábios) VER – uma marcação manual específica, ou seja, o sinalizante faz o giro da cabeça para a direita e para a esquerda, bem como usa a expressão os lábios, indicando a expressão em língua oral. Em seguida, na segunda parte da sentença – IMPOSSÍVEL – há uma mudança no padrão prosódico, quando o enunciador move a cabeça para a esquerda, bem como contrai as sobrancelhas e infla as bochechas. Ao final da sentença, ele volta

seu olhar para a interlocutora. Essa mudança prosódica contribui para articular as duas sentenças, formando o todo da oração encaixada substantiva subjetiva.

(87) Substantiva Subjetiva com ordem direta.



TROCAR ORALIZAR PASSAR+ DIFÍCIL PALM-UP

[TROCAR ORALIZAR PASSAR+] DIFÍCIL
PALM-UP



*Ler lábios de diferentes professores que
se alternavam era difícil.*

A sentença (87) possui, da mesma forma que a anterior: a ordem direta do sujeito e predicado. Como se nota, trata-se de uma sentença encaixada substantiva subjetiva que exerce a função de sujeito da oração complexa. A segunda parte da sentença é composta por DIFÍCIL (ser difícil), sendo que expressa o estado do sujeito oracional. As duas sentenças são articuladas por meio da justaposição, sendo dispensado um item lexical entre essas orações. No entanto, o contexto discursivo permite que se perceba a proposição entre as duas sentenças. Além disso, há marcação não manual específica. Na primeira parte da sentença, em que está o sujeito oracional, TROCAR ORALIZAR PASSAR+, o sinalizante repete o piscar de olhos e o movimento do queixo, movendo o tronco para a direita, de forma que a disposição da face sugere a mimese da difícil tarefa de tentar acompanhar a fala oral de professores distintos. Na segunda parte da oração, DIFÍCIL, em que se encontra o predicativo do sujeito, o enunciador move o tronco para a esquerda, marcando uma mudança no padrão prosódico da sentença. Essa mudança contribui para articular as duas orações, formando a sentença encaixada substantiva subjetiva.

A seguir, veremos três exemplos que apresentam a ordem inversa entre sujeito e predicado. Assim, o predicado inicia a sentença, seguido do sujeito oracional:

(88) Substantiva Subjetiva com ordem inversa.



POSSÍVEL ENTENDER OLHAR

POSSÍVEL [ENTENDER+ OLHAR+]



(Era) possível entender e visualizar (todos).

A sentença (88) é constituída por duas orações, sendo sujeito e predicado em ordem inversa: Predicado + Sujeito oracional. A sentença inicia com POSSÍVEL (ser possível), que desempenha a função de predicado da oração, mais especificamente predicativo do sujeito. Como se percebe, a sentença não segue a ordem canônica Sujeito e Predicado, mas por razões discursivas, o sinalizante se utiliza em ordem inversa. O sinal POSSÍVEL funciona como um verbo de estado (GIVÓN, 2001), que expressa uma característica do sujeito oracional. Em seguida, nota-se o sujeito oracional composto com dois verbos ENTENDER+ OLHAR+, sendo que ambos são repetidos várias vezes pelo sinalizante. As duas sentenças são articuladas por meio de justaposição, sem a necessidade de um item lexical que reforce a relação entre ambas. A proposição entre as sentenças também emerge do contexto de sinalização. Além disso, há marcação não manual com movimento da cabeça e do tronco para a direita e para esquerda nos verbos ENTENDER+ OLHAR+.

(89) Substantiva Subjetiva com ordem inversa.



ESPECIAL

VIR

[ESPECIAL VIR]

É muito especial vir aqui.



A oração (89) apresenta o predicado ESPECIAL (ser especial) no início da sentença, como uma construção inversa da ordem canônica Sujeito e Predicado. Desempenha a função sintática de predicativo do sujeito, bem como demonstra um estado sobre o sujeito oracional VIR. Na segunda parte, aparece o sujeito VIR. Uma possível ordem direta seria VIR ESPECIAL (Vir aqui é muito especial). No entanto, por razões discursivas, o sinalizante expressou seu pensamento numa estrutura sintática inversa. As duas sentenças são justapostas sem a presença de um item lexical marcando a relação entre as sentenças. Apesar disso, a proposição entre as orações emerge do contexto.

Há uma marcação não manual específica que diferencia as duas sentenças. Em ESPECIAL, há a elevação da sobrancelha, ao passo que na segunda parte da sentença, no sinal VIR, as sobrancelhas estão franzidas. Essa mudança no padrão prosódico realça a articulação entre as sentenças, bem como marca a distinção entre as duas orações.

(90) Substantiva Subjetiva com ordem inversa.



DIFÍCIL IX (eu) RESPONDER CERTO

DIFÍCIL [IX (eu) RESPONDER CERTO]

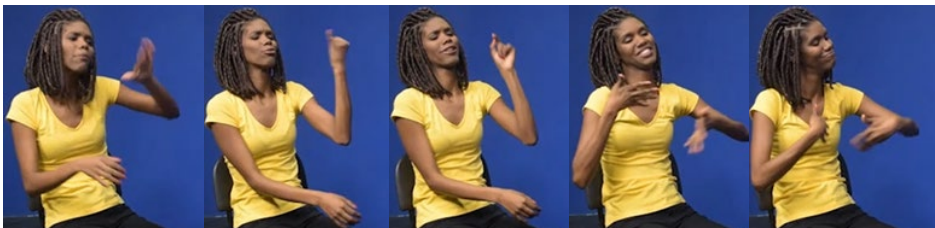


É difícil eu responder certo.

A sentença (90), a exemplo das anteriores, também apresenta a ordem inversa entre sujeito e predicado. Inicia com o predicado oracional DIFÍCIL (ser difícil), que exerce a função sintática de predicativo do sujeito. A segunda parte da sentença IX (eu) RESPONDER CERTO desempenha a função de sujeito oracional da oração encaixada substantiva subjetiva. A ordem direta poderia ser enunciada da seguinte forma: IX (eu) RESPONDER CERTO DIFÍCIL (Eu responder certo é difícil). No entanto, por razões discursivas, o sinalizante optou pela ordem inversa da sentença. Não há um item lexical que une as duas orações. Mesmo assim, essa sentença é articulada pela justaposição e sua proposição emerge do contexto discursivo.

8.14.1.2 Encaixada substantiva subjetiva manual

(91) Substantiva subjetiva manual marcada com o sinal O-QUE.



MAIS IMPORTANTE O-QUE SINALIZAR E (vai)

MAIS IMPORTANTE [O-QUE SINALIZAR E (vai)]



O mais importante é o que, sinalizar, vai [...]

A sentença (91), ao contrário das anteriores, apresenta um item lexical que contribui para evidenciar a relação entre as duas sentenças: O-QUE. Por isso, pode ser classificada como uma oração encaixada substantiva subjetiva manual. Esse exemplo também apresenta a ordem inversa, começando pelo predicado MAIS IMPORTANTE (ser o mais importante), que tem a função de predicativo do sujeito. Em seguida, tem-se o sujeito oracional SINALIZAR. O sinal O-QUE funciona como um conectivo entre as sentenças, o que nas línguas orais seria classificado como conjunção integrante.

Sobre a primeira parte da sentença – MAIS IMPORTANTE – há a elevação da cabeça, enquanto que na segunda parte da oração – SINALIZAR– o sinalizante utiliza a marcação não manual aceno da cabeça. Essa diferença no padrão prosódico marca as sentenças, reforçando a articulação entre elas.

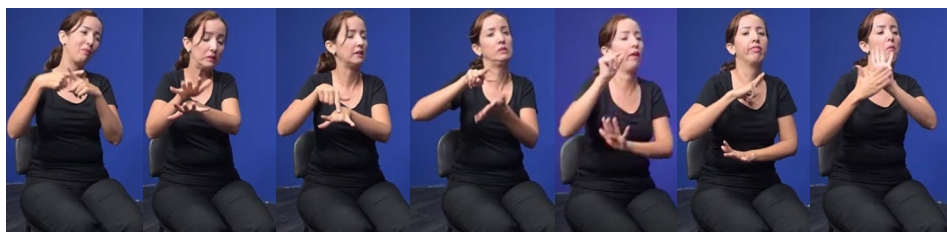
8.14.1.3 Encaixada substantiva objetiva

As orações encaixadas substantivas são sentenças que exercem a mesma função um substantivo, dentro da oração principal. Nesse caso, têm a função de objeto oracional. Ao invés de a sentença possuir um substantivo como objeto direto, ela apresenta uma sentença exercendo a função de objeto direto. As sentenças encaixadas substantivas objetivas podem apresentar marcações manuais (um item lexical) ou não manuais (expressões faciais, giro do tronco e da cabeça, dentre outras). Veremos a seguir as sentenças encaixadas objetivas manuais e depois as não manuais.

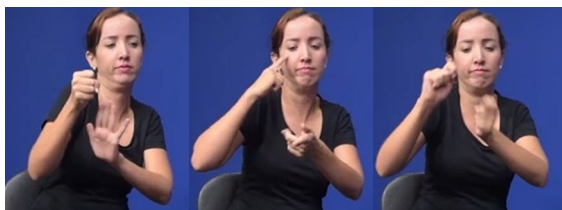
8.14.1.4 Encaixada substantiva objetiva manual

No exemplo a seguir, a oração encaixada exerce a função de objeto direto da oração principal.

(92) Substantiva objetiva manual marcada com o sinal O-QUE.

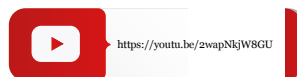


PORQUE INCLUSÃO IX (inclusão) SIGNIFICA O-QUE TER PROPOSTA



COLOCAR-PESSOA OLHAR ADAPTAR

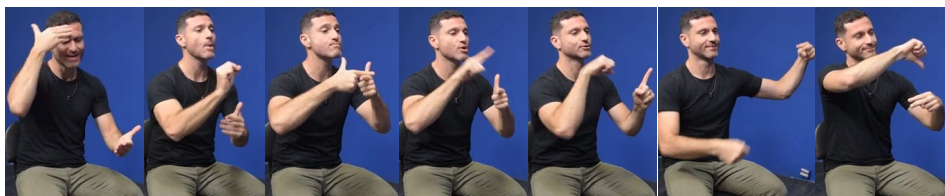
**PORQUE INCLUSÃO IX (inclusão) SIGNIFICA
[O-QUE TER PROPOSTA COLOCAR-PESSOA
OLHAR ADAPTAR]**



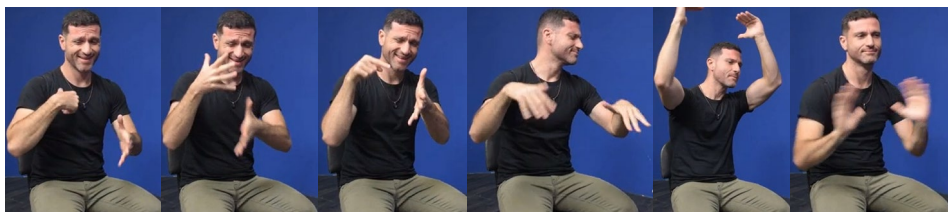
Porque a inclusão significa que tem proposta de colocar-alunos e fazer adaptações.

A relação entre a oração principal e a oração encaixada acontece a partir do conectivo O-QUE. Há também uma marcação não manual marcada pela boca e virada da cabeça. A oração principal é PORQUE INCLUSÃO IX (inclusão) SIGNIFICA, cujo verbo SIGNIFICA exige um argumento para funcionar como objeto direto. A oração TER PROPOSTA COLOCAR-PESSOA OLHAR ADAPTAR cumpre a função de objeto direto e, por isso, faz parte da estrutura sintática da oração principal.

(93) Substantiva objetiva manual marcada com o sinal O-QUE.

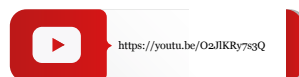


ACREDITAR O-QUE PROBLEMA É SOCIAL VER E (negativo)



IX (eu) LÍNGUA-SINAIS X(Língua-Sinais) INDISCUTÍVEL SUPERIOR E (acabar)

**ACREDITAR [O-QUE PROBLEMA
É SOCIAL VER E(negativo)] IX (eu)**
LINGUA-SINAIS IX (Língua-Sinais)
INDISCUTÍVEL SUPERIOR E (acabar).



*Eu acredito que o problema é a sociedade, que
vê a Língua de Sinais de forma negativa, mas
a Língua de Sinais é superior a isso.*

A sentença (93) é um caso de uma sentença encaixada substantiva objetiva direta com marcação manual. O conectivo O-QUE tem a função de realçar a relação entre as duas sentenças. Quadros (1999) identificou casos de sentenças encaixadas introduzidas pelo conectivo O-QUE.

A primeira parte da sentença 'ACREDITAR' requer objeto direto, que será introduzido pelo conectivo O-QUE. No entanto, em vez de apresentar um núcleo nominal como objetivo direto, a sentença apresenta outra oração, que é classificada como oração encaixada substantiva objetiva direta. A oração encaixada compreende grande parte do segundo segmento da sentença: O-QUE PROBLEMA É SOCIAL VER E(negativo) IX (Língua-Sinais) LÍNGUA-SINAIS IX(Língua-Sinais). Essa oração integra a estrutura sintática da oração nuclear ACREDITAR.

(94) Substantiva objetiva manual marcada com o sinal O-QUE.



MOSTRAR O-QUE PROCESSO AQUISIÇÃO IX (eu) INFLUENCIARx



INFLUENCIARy ENTÃO PROCESSO

MOSTRAR [O-QUE PROCESSO
AQUISIÇÃO IX (eu) INFLUENCIARx
INFLUENCIARy ENTÃO PROCESSO]



*Isso mostra que o meu processo de aquisição
tem influência [dos ouvintes e dos surdos] ao
longo do desenvolvimento.*

Na sentença (94) aparece novamente o sinal O-QUE, que introduz a oração encaixada substantiva objetiva direta. O primeiro sinal da sentença (MOSTRAR) possui sujeito oculto (isto), recuperado no contexto, sendo o verbo MOSTRAR o predicado da oração. O verbo mostrar requer dois argumentos (Sujeito e Objeto). O objeto desta oração é toda a sequência seguinte da sentença: O-QUE PROCESSO AQUISIÇÃO IX (eu) INFLUENCIARx INFLUENCIARy ENTÃO PROCESSO. Nesse caso, o objeto direto da sentença não é um núcleo nominal, mas uma oração encaixada substantiva objetiva direta. Essa sentença faz parte da estrutura sintática da oração matriz. Há uma pequena pausa discursiva após o sinal O-QUE, introduzindo a sentença encaixada.

(95) Substantiva objetiva manual marcada com o sinal O-QUE.



AGORA IX (eu) APRENDER++ O-QUE MOVIMENTAR MAIS PROCESSO



MOVIMENTAR IX (processo) TAMBÉM LÍDER

**AGORA IX (eu) APRENDER++
[O-QUE MOVIMENTAR MAIS PROCESSO
MOVIMENTAR IX (processo)
TAMBÉM LÍDER]**

*Atualmente já aprendi que o que me fez me
movimentar, crescer, desenvolver, também ser líder.*



A sentença (95) é também uma oração encaixada substantiva objetiva direta com marcação manual O-QUE. O sinal O-QUE exerce a função de conectivo entre as sentenças, realçando a relação entre elas. A primeira parte da sentença AGORA IX (eu) APRENDER possui o sujeito simples IX (eu) e o predicado, cujo núcleo é o verbo APRENDER. Esse verbo exige dois argumentos (Sujeito e Objeto). O objeto direto da sentença é a oração encaixada substantiva objetiva direta, introduzida pelo conectivo O-QUE - O-QUE MOVIMENTAR MAIS PROCESSO MOVIMENTAR IX (processo) TAMBÉM LÍDER. Essa sentença faz parte da estrutura sintática da oração principal. Nesse caso, o objeto direto é uma sentença inteira e não um núcleo nominal. Por isso, as duas sentenças se articulam, formando uma oração complexa. Há uma pequena pausa após o sinal o que, bem como a sinalizante inclina o tronco para frente em toda a sentença encaixada. Essa marcação não manual específica marca a sentença encaixada.

8.15.1.5 Encaixada substantiva objetiva não manual

Nos exemplos a seguir, a oração encaixada exerce a função de objeto direto da oração principal. Mas a articulação entre a oração principal e a oração encaixada acontece sem o conectivo, apenas por justaposição.

(96) Substantiva objetiva não manual com justaposição.



MÃE SABER NOME ESCOLA PERGUNTAR ENTRAR FONOAUDIÓLOGA



ONDE

ESCOLA

SURDO

MÃE SABER NOME ESCOLA PERGUNTAR
ENTRAR FONOAUDIÓLOGA [ONDE ESCOLA
SURDO]

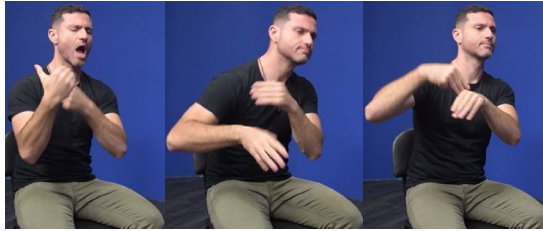


Minha mãe não sabia o nome da escola, e daí foi à fonoaudióloga e perguntou onde teria uma escola para surdos.

A sentença (96) estabelece a relação entre duas sentenças por meio de justaposição. A primeira parte da sentença MÃE [...] PERGUNTAR apresenta o sujeito (MÃE) e o predicado (PERGUNTAR). A última parte da sentença ONDE ESCOLA SURDO funciona como objeto direto da primeira sentença MÃE [...] PERGUNTAR. A sinalizante articula o discurso da participante que realiza a pergunta. Há uma marcação não manual, as sobrancelhas franzidas, sobre o sinal ONDE, que marca o início da sentença encaixada, a qual faz parte da estrutura da oração nuclear.

Há uma interpolação discursiva na sentença encaixada ENTRAR FONOAUDIÓLOGA, que é natural em contextos discursivos orais. Assim, as duas sentenças podem ser sintetizadas dessa forma: MÃE [...] PERGUNTAR [...] ONDE ESCOLA SURDO.

(97)



3AJUDAR₁ DESENVOLVER MESTRADO

3AJUDAR₁ [DESENVOLVER MESTRADO]

(O Letras Libras) me ajudou a desenvolver para o mestrado.



A relação entre oração principal e oração encaixada acontece a partir da justaposição, sem um conectivo. A oração principal é 3AJUDAR₁, cujo verbo já possui dois argumentos, a partir da trajetória de movimento do verbo direcional e exige mais um argumento para funcionar como objeto direto. A oração DESENVOLVER MESTRADO cumpre a função de objeto direto e, por isso, faz parte da estrutura sintática da oração principal.

(98) Substantiva objetiva não manual com justaposição.



IDADE COMEÇAR L₂ COMEÇAR APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS

IDADE COMEÇAR 12 COMEÇAR
[APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS]

Quando eu tinha 12 anos, eu comecei a aprender a Língua de Sinais.



A oração (98) é constituída por uma oração hipotática adverbial temporal e uma oração matriz que, por sua vez, apresenta uma encaixada substantiva objetiva. A oração temporal é a primeira parte da sentença, IDADE COMEÇAR 12 (Quando

eu tinha 12 anos), que se articula com a oração matriz, COMEÇAR APRENDER LÍNGUA-DE SINAIS (eu comecei a aprender a Língua de Sinais). O verbo ‘COMEÇAR’ considerando a oração matriz, exige dois argumentos: sujeito e objeto. Ao invés de haver um núcleo nominal como objeto direto da oração principal, tem-se uma sentença encaixada, APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS. Essa oração funciona como objeto direto do predicado COMEÇAR e está integrada em sua estrutura sintática. Essas orações são articuladas pela justaposição, sem a presença de um item lexical para evidenciar a relação entre elas. A proposição entre as orações surge do contexto de sinalização.

Há uma mudança no padrão prosódico entre as orações. Na primeira parte da sentença, na oração temporal IDADE COMEÇAR 12, o tronco do sinalizante está para trás, voltado mais para a direita. Já na sentença encaixada, em APRENDER LÍNGUA-DE-SINAIS, o sinalizante inclina o tronco para frente e gira a cabeça lentamente para a esquerda. Essa mudança no padrão prosódico da sentença contribui para marcar a articulação entre as orações, explicitando a oração temporal e a encaixada substantiva objetiva.

(99) Substantiva objetiva não manual com justaposição.



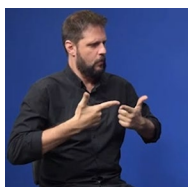
FASE

E (negativo) PARECER

VIDA

TER-NÃO

VIDA



TER-NÃO

FASE E(negativo) PARECER [VIDA TER-NÃO
VIDA TER-NÃO]

*Antes (era) péssimo; parece que não havia vida,
não havia vida.*



O exemplo (99) possui uma oração encaixada substantiva objetiva direta. A primeira parte da oração constitui a oração principal, PARECER, cujo sujeito é inexistente. Nesse contexto, o verbo PARECER exige apenas um argumento, ou seja, o objeto direto, que é constituído pela oração VIDA TER-NÃO VIDA TER-NÃO. Essa oração encaixada faz parte da estrutura sintática da oração principal. As duas orações são articuladas pela estratégia de justaposição, sem a presença de um item lexical para articulá-las.

Há uma mudança de padrão prosódico entre as orações. Na primeira oração, PARECER, o sinalizante está olhando para sua interlocutora, com o tronco centralizado e as sobrancelhas levantadas. Na sentença encaixada substantiva objetiva, o sinalizante olha para a direita e depois para a esquerda, bem como inclina o tronco para frente e mantém as sobrancelhas franzidas. Essa mudança na marcação não manual distingue a sentença encaixada e a nuclear.

(100) Substantiva objetiva não manual com justaposição.



IX (eu) MÃE FAMÍLIA COMBINAR MUDAR PORTO ALEGRE

IX (eu) MÃE FAMÍLIA COMBINAR [MUDAR
PORTO ALEGRE]



*Eu, minha mãe e minha família decidimos mudar
para Porto Alegre.*

A sentença (100) é constituída por uma oração nuclear e uma encaixada. Trata-se de uma sentença encaixada substantiva objetiva. A oração principal é constituída por um sujeito composto IX (eu) MÃE FAMÍLIA e pelo predicado, cujo núcleo é o verbo COMBINAR. O verbo COMBINAR exige dois argumentos, um sujeito e um objeto. O objeto da sentença IX (eu) MÃE FAMÍLIA COMBINAR é a sentença encaixada substantiva objetiva, MUDAR PORTO ALEGRE. Ao invés de haver apenas um sintagma nominal, há uma oração que exerce a função de objeto da oração principal. As duas orações são articuladas pela estratégia de justaposição, sem a presença de um conectivo entre elas.

Assim como nos exemplos acima, ocorre uma mudança de padrão prosódico entre as duas sentenças. Enquanto a enunciatória sinaliza a oração principal,

IX (eu) MÃE FAMÍLIA COMBINAR, ela mantém a cabeça, o olhar e o tronco à direita. Na oração encaixada, MUDAR PORTO ALEGRE, ela muda as marcações não manuais, ajustando o tronco e a cabeça para o centro e olhando diretamente para sua interlocutora. Essa alteração na prosódia da sentença complexa marca a distinção entre a oração principal e a encaixada.

(101) Substantiva objetiva não manual com justaposição.



E(positivo)

GOSTAR

CONHECER

E(positivo) GOSTAR [CONHECER]



Prazer em conhecê-la.

A construção (101) é constituída por dois verbos que desempenham a função de núcleo do predicado e objeto. O primeiro verbo GOSTAR representa a oração principal e exige dois argumentos: sujeito e objeto. Nesse caso, o sujeito é oculto, IX (eu). Como objeto direto, o verbo GOSTAR seleciona outro verbo, CONHECER, que constitui a sentença encaixada substantiva objetiva. Essa oração desempenha a função sintática de objeto direto e está intimamente ligada à oração principal.

As duas sentenças são articuladas pela justaposição e pela marcação não manual, sendo que não há um conectivo que articule as duas orações. Há uma alteração nas expressões faciais, especialmente nas sobrancelhas, durante as duas sentenças. Sobre a oração principal GOSTAR, as sobrancelhas estão levantadas, ao passo que na sentença encaixada, CONHECER, elas estão franzidas. Essa mudança no padrão prosódico da sentença marca a distinção entre as duas sentenças e contribui para a sua articulação.

8.14.2 Encaixadas relativas restritivas

As orações encaixadas relativas funcionam como modificador, uma espécie de adjetivo da oração principal. Uma língua pode individualizar (modificar) um referente utilizando diversas estratégias, que podem ser: (i) o uso de adjetivo (um

único lexema); (ii) uma locução adjetiva, ou ainda; (iii) uma oração. Nesse caso, toda uma sentença passa a ser o predicador (adjetivo). Dessa forma, uma oração relativa restritiva funciona como um adjetivo.

Conforme discutido por Cecchetto et al. (2017, p. 442), as orações relativas se configuram como sentenças cuja principal propriedade é a modificação de um substantivo, sempre que desempenha a função de núcleo do sintagma nominal. As sentenças relativas restritivas têm a função de especificar o núcleo de um sintagma nominal dentro de um universo de outros referentes possíveis no discurso, individualizando esse referente. Por isso, trata-se de uma sentença indispensável no enunciado, visto que o sentido global da oração depende dessa individuação proporcionada pela sentença relativa restritiva.

As línguas, em geral, apresentam processos de constituição das orações relativas de forma peculiar, utilizando marcações não manuais e, em alguns casos, algum conectivo que indique essa relação entre as sentenças. Cecchetto et al. (2017, p. 442) argumentam que algumas Línguas de Sinais não apresentam, nas orações relativas, um item lexical (sinal manual) que as identifique. Em contrapartida, utilizam expressões não manuais específicas. Consequentemente, identificar as orações relativas em uma Língua de Sinais pode ser uma tarefa desafiadora, pois a presença de marcações não manuais se configura como o único dispositivo linguístico que possibilita a distinção entre sentenças relativas e paratáticas. (CECCHETTO et al., 2017, p. 442).

Em algumas Línguas de Sinais pesquisadas até o momento, verifica-se o uso de algum item lexical que marca a sentença relativa restritiva. Entre essas línguas estudadas, a Língua de Sinais americana (ASL) apresenta o pronome THAT e a Língua de Sinais alemã (DGS) possui dois pronomes relativos: um para referentes humanos (PROR-H) e outro pronome relativo para referentes não humanos (PROR-NH). No entanto, Tang e Lau (2012, p. 358) relatam que, em diversas Línguas de Sinais há marcações não manuais específicas, como sobancelhas levantadas, cabeça para trás, levantamento do lábio superior na ASL, inclinação do tronco para o lado em direção à locação do pronome relativo na DGS, bem como olhos diminuídos e lábios para frente na LIS.

Na Libras, há marcações não manuais que evidenciam as sentenças relativas, como o olhar diminuído, giro do corpo, cabeça virada e expressão facial da boca para evidenciar as sentenças relativas. Além do mais, a justaposição é uma estratégia utilizada para articular as orações relativas restritivas.

A seguir, apresentamos algumas marcações não manuais encontradas nas sentenças relativas restritivas:

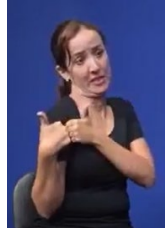
**Sobrancelha
franzida**



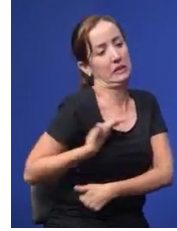
Giro do tronco



Cabeça virada



Expressão da boca

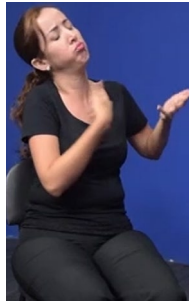


Veja alguns exemplos de orações relativas na Libras:

(102) Encaixada relativa restritiva com deslocamento do tronco.



IX (eu) TROCAR TER UM AMIGO VIZINHO IX (eu) SEMPRE-JUNTO



INTERAGIR

IX (eu) TROCAR TER UM AMIGO [VIZINHO]
[IX (eu) SEMPRE-JUNTO]_{relativa} INTERAGIR

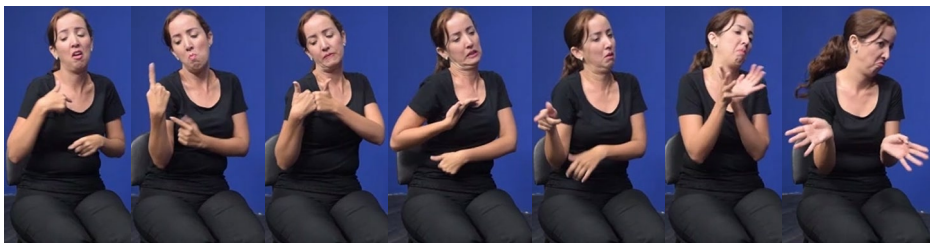
*Tinha um amigo, que era meu vizinho, que
sempre estávamos juntos, sempre interagindo
um com o outro.*



A oração [VIZINHO] e também a oração [IX (eu) SEMPRE-JUNTO] são orações relativas restritivas. Essas duas orações trazem informações especificando 'AMIGO'. Entre várias possibilidades de 'amigo', as orações encaixadas individuali-

zam o termo da oração principal. No exemplo, as orações encaixadas são espacialmente articuladas, por meio do deslocamento do corpo, também com marcação não manual na boca e virada da cabeça para o lado, com elevação das sobrancelhas. O exemplo a seguir ilustra, mais uma vez, orações relativas na Libras:

(103) Encaixada relativa restritiva não manual.



IX (eu) UM VIIZINHO AMIGO IX (ele) SINALIZAR SÓ

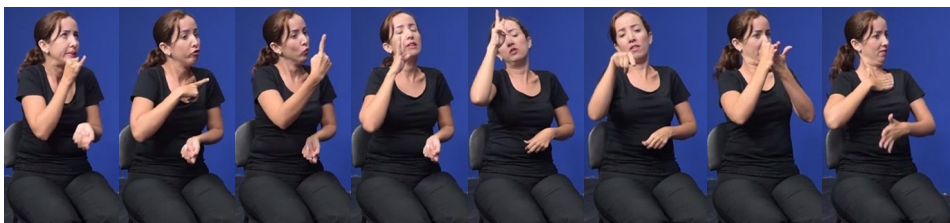
IX (eu) UM [VIZINHO AMIGO]_{relativa} IX (ele)
SINALIZAR SÓ



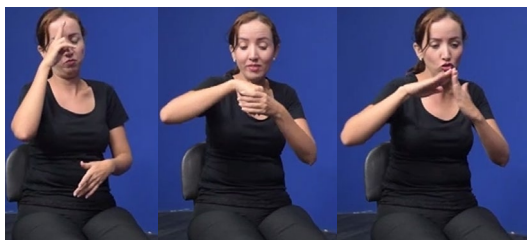
*Eu tinha uma pessoa, que era vizinho amigo,
com quem sinalizava.*

A oração [VIZINHO AMIGO] é a oração relativa restritiva dessa construção, porque especifica alguém [UM]. Essa oração encaixada possui uma marcação não manual específica, ou seja, a face marcada pela boca e a cabeça inclinada. Nesse exemplo, a encaixada relativa restritiva especifica alguém [UM] [=VIZINHO AMIGO]. O exemplo a seguir ilustra, mais uma vez, oração relativa na Libras.

(104) Encaixada relativa restritiva não manual.



EXEMPLO TER UMA LEGAL HISTÓRIA IX (escola) MARCAR MINHA



HISTÓRIA DENTRO ESCOLA

**EXEMPLO TER UMA LEGAL HISTÓRIA IX
(escola) [MARCAR MINHA HISTÓRIA]**

relativa **DENTRO ESCOLA**



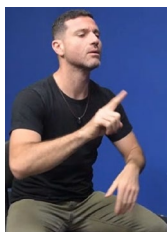
Eu tenho uma lembrança muito legal que marcou muito minha história dentro da escola.

A oração [MARCAR MINHA HISTÓRIA] é uma oração encaixada porque traz informações especificando HISTÓRIA, individualizando esse referente. Há uma marcação não manual específica, com cabeça virada e marcação facial na boca.

(105) Encaixada relativa restritiva não manual.



IX (eu) VER SURDO ALGUNS SINALIZAR BEM



NÃO

**IX (eu)VER SURDO [ALGUNS SINALIZAR
BEM NÃO] relativa**



Eu vi alguns surdos que não sinalizavam bem.

A sentença (105) apresenta uma oração relativa restritiva que especifica o sintagma SURDO. Dentro de um universo de vários surdos na escola, o sinalizante se refere a um grupo de surdos que não sinalizavam bem, diferenciando-os dos surdos que possuíam sinalização fluente. Assim, a oração relativa restritiva ALGUNS SINALIZAR BEM NÃO funciona como um adjetivo que restringe o sintagma SURDO. Na oração relativa, há a marcação não manual sobranceira franzida que marca a oração relativa restritiva. Não há um conectivo que articule as duas orações, mas é empregada a estratégia de justaposição entre as sentenças.

(106) Encaixada relativa restritiva com uso da boia.



PRIMEIRA-SÉRIE QUARTA-SÉRIE UM **PROFESSOR SEMPRE** SEGUIR



FÁCIL AJUDAR MAS IX (depois) CL (na-quinta-série) ALTERNAR DIFÍCIL

PRIMEIRA-SÉRIE QUARTA-SÉRIE UM
PROFESSOR SEMPRE SEGUIR FÁCIL
 AJUDAR BOM, MAS IX (depois) CL (na-quinta-
 série) ALTERNAR DIFÍCIL



Da primeira à quarta série, era um único professor que permanecia sempre; acompanhar era fácil e me ajudava, mas quando (os professores) alternavam era difícil.

A sentença (106) é uma oração relativa restritiva que especifica um único professor num universo de outros professores. Quando ele sinaliza UM PROFESSOR, ele mantém o classificador como boia e depois ele introduz um segundo classificador para indicar professores que alternam e diz que era difícil, sendo utilizada também a

boia. Nesse caso, a boia tem uma função gramatical na sentença relativa, marcando o referente especificado. A restritiva se aplica ao sintagma PROFESSOR que permanecia sempre. Não há um item lexical na sentença que funciona como conectivo. No entanto, as duas sentenças são articuladas pela justaposição. Percebe-se que o sinalizante infla as bochechas enquanto sinaliza PROFESSOR SEMPRE, o que se configura como marcação não manual específica.

(107) Encaixada relativa restritiva com sobrancheiras franzidas.

IX (eu) E (chamar) UM PESSOA [MULHER VELHO IX (ela) SURDO IX (este)]

Eu chamei uma pessoa que era idosa e surda.



IX (eu) E(chamar) UM PESSOA MULHER VELHO IX (ela)



SURDO IX (este)

**IX (eu) E(chamar) UM PESSOA [MULHER
VELHO IX (ela) SURDO IX (este)]**



Eu chamei uma pessoa que era idosa e surda.

A sentença (107) apresenta uma oração relativa restritiva que especifica o sintagma PESSOA num universo de vários outros referentes possíveis. Nesse caso, a oração relativa funciona como um adjetivo do referente especificado. Não há um conectivo que ligue a sentença relativa ao referente PESSOA, mas é utilizada a estratégia de justaposição para articulação da sentença. Há uma expressão facial específica – sobrancheiras franzidas – sobre a oração relativa que marca sintaticamente a sentença.

(108) Encaixada relativa restritiva com marcação não manual.



DESENHAR

IX (ele)

AMIGO SURDO

ENSINAR



DESENHAR

POSITIVO

LEGAL DESENHAR.

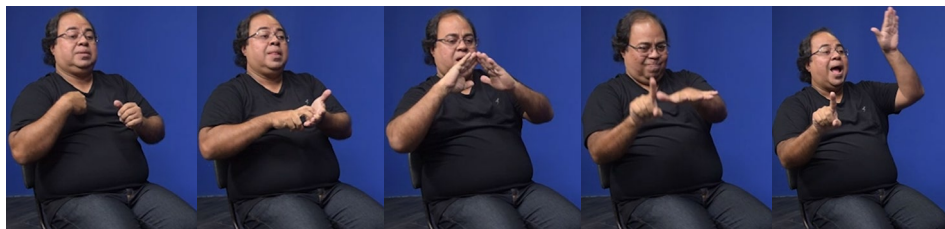
DESENHAR [IX (ele) AMIGO SURDO
ENSINAR] DESENHAR POSITIVO LEGAL
DESENHAR.



*Foi a desenhar que um amigo surdo me ensinou
e desenhar era legal.*

Em (108), o sintagma DESENHAR (foi a desenhar) é especificado a partir do sintagma seguinte, em IX (ele) AMIGO SURDO ENSINAR. Dessa forma, o fato de desenhar a que o sinalizante se refere se trata daquele em que um amigo surdo o ensinou a desenhar. É possível observar nesta sentença uma construção relativa restritiva manual, em que IX (ele) parece exercer um papel sintático de conectivo associado ao direcionamento do olhar, demonstrando que o apontamento IX pode ser utilizado como marcador relativo.

(109) Encaixada relativa restritiva com marcação manual.



MAS IX (eu) MANHÃ ESCOLA INCLUSÃO TARDE

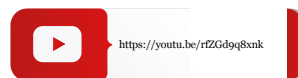


OUTRO REFORÇO IX (lá) ESCOLA SURDOS MAS



POSSÍVEL AJUDAR ESCREVER ENSINAR ESCREVER ENTÃO

MAS IX (eu) MANHÃ ESCOLA INCLUSÃO
TARDE OUTRO REFORÇO IX (lá) ESCOLA
SURDOS [MAS POSSÍVEL AJUDAR-
ME ESCREVER ENSINAR ESCREVER
ENTÃO].

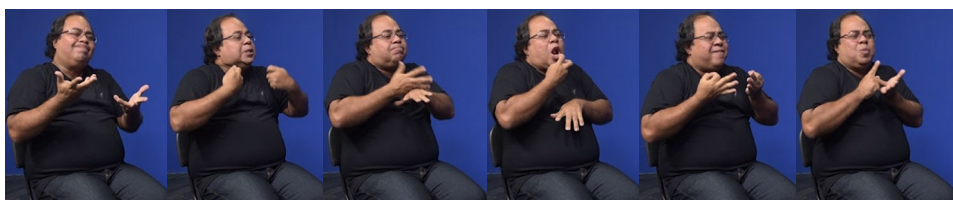


Mas veja bem, de manhã eu estava na escola de inclusão e à tarde ia ao reforço na escola de surdos, mas ali que foi possível ser ajudado a escrever, me ensinando a escrever.

Ainda abordando as possíveis estratégias manuais em construções relativas restritivas, observamos o uso do “mas” no exemplo supracitado, em que o sinalizante utiliza o marcador manual para complementar e explicar que aprendeu a

escrever à tarde, na escola de reforço. Assim, apontamos que as estratégias em Libras podem variar e exercer diferentes papéis dentro da construção.

(110) Encaixada relativa restritiva não manual.



PALM-UP

PRECISAR

TREINAR

ORALIZAR

PERFEITO PURO



PRÓPRIO

BRASIL

PALM-UP PRECISAR TREINAR ORALIZAR
PERFEITO PURO PRÓPRIO BRASIL



Então, precisaria treinar a oralização que fosse perfeita, nativa brasileira.

Os marcadores não manuais também estão presentes nas construções sintáticas relativas restritivas em Libras. A oração restritiva especifica a oralização almejada. Nesse exemplo, podemos observar o movimento de tronco para frente, contração de sobrancelhas e articulações-boca como estratégias simultâneas, utilizadas pelo sinalizante.

A articulação de sentenças complexas na Libras apresenta diferentes estratégias linguísticas. As orações complexas na Libras se estruturam num continuum gradiente de parataxe – hipotaxe – encaixamento. Essa seção analisou dados de 11 surdos de referência, totalizando 855 unidades oracionais complexas, que eram constituídas por parataxe, hipotaxe e/ou encaixadas. Desse total, 552 sentenças possuíam parataxe; 416 apresentaram hipotaxe; e 282 sentenças apresentaram encaixadas.

Além das marcações não manuais, a presença de sinais que desempenham a função de um conectivo nas orações complexas, foi bastante recorrente. No entan-

to, esses conectivos podem ser articulados com a sobreposição de marcações não manuais, o que revela relações sintáticas e semânticas consistentes na articulação de sentenças complexas.

As análises demonstraram que a Libras articula orações complexas com estratégias diversas. Além da presença de marcações manuais que articulam as orações complexas, analisaram-se estratégias de articulação de unidades oracionais complexas próprias da modalidade visual-espacial. Entre essas estratégias, destacam-se as marcações não manuais tais como sobrancelhas elevadas, olhos semicerrados, as articulações-boca, giro do tronco e da cabeça, piscar de olhos e mudança da direção do olhar. Além disso, o uso da boia regular também é recorrente nos dados analisados. Em alguns casos, há mudanças do padrão prosódico das sentenças, que marcam os limites entre a sentença nuclear e a parataxe, hipotaxe ou encaixada.

Coesão e Coerência Textuais

Charley Pereira Soares – UFMG

9. COESÃO E COERÊNCIAS TEXTUAIS EM LIBRAS

9.1 Objetivos deste estudo do texto em língua de sinais

- a. Entender o contexto do estudo do texto em Língua de Sinais;
- b. Explicar a diferença coesão e coerência;
- c. Compreender a relação coesão funções do texto;
- d. Demonstrar os exemplos dos discursos sinalizados coesão textual e coerência em Libras.

9.2 O estudo do texto em língua de sinais

A questão de saber o que seria um texto tem ocupado muitos linguistas. Dubois et al. (2006) discutiram que o conceito de texto é uma amostra de comportamento linguístico de expressões orais¹ e escritas. Halliday e Hasan (1976) ressaltaram que a palavra texto é usada na Linguística para se referir a qualquer passagem, falada ou escrita, de qualquer extensão, que forma um todo unificado.

A área da Linguística sistêmico-funcional lida com estudo da língua em uso real, em que o texto – oral ou escrito – é considerado a unidade maior de funcionamento linguístico, para a “construção de seu sentido” (NEVES, 2006, p. 63).

¹ Manual também compreende a modalidade sinalizada das Línguas de Sinais.

O texto é uma unidade de significado em que são usados recursos semióticos, sejam linguísticos e/ou não linguísticos. Ele é definido como um exemplar da língua que faz sentido para uma pessoa que a conhece, um fenômeno gramatical e multifacetado. Pode ser duradouro ou efêmero, específico de um determinado momento ou algo mais trivial, possível de ser memorizado ou facilmente esquecido (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014).

O mais consensual tem sido admitir que um conjunto ocasional de palavras/sinais ou de frases não constitui um texto. A comunicação e produção linguística não se resumem apenas em unidades isoladas como fonemas, morfemas, mas se configuram em um plano maior, formado pela expressão oral/sinalizada ou escrita, ou seja, situações comunicativas, em blocos que expressam sentidos, denominado texto. Assumindo o mesmo posicionamento, Val (1999, p. 3) ressalta que o texto é “uma unidade linguística comunicativa básica, já que o que as pessoas têm que dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas”. Ainda, os textos trazem consigo uma dimensão social, histórica, cognitiva, além da já conhecida ação linguística. Em consonância com essa perspectiva, Schmidt (1978, p.167) afirma que “não se instaura um texto sem uma função comunicativa”.

Logo, o texto é definido pela autora como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes/sinalizantes durante a atividade verbal², de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a decodificação de conteúdos semânticos, em resultado da ativação de estratégias e processos cognitivos, como também a interação de acordo com as práticas socioculturais. Na mesma linha de pensamento e a partir de uma perspectiva em que os processos sociais e linguísticos estão inter-relacionados, Bronckart (1999, p.75) chama de texto “toda unidade de produção de linguagem situada, acabada e autossuficiente”.

Para Bakhtin (2003), o texto é uma unidade da manifestação do significado, do pensamento, da emoção e do sentido. O texto é um conjunto coerente de signos e não uma unidade apenas verbal. Ele é uma representação de uma realidade imediata do pensamento e da emoção. “O texto é um conjunto de informações presentes em todas as linguagens, em todas as ações semióticas” (BAKHTIN, 2003, p. 329-330). Assim, concluímos que o autor estende o seu conceito de texto para além do texto verbal, incluindo também o texto não verbal, presente em todas as vertentes semióticas (gestos, sinais, ícones, símbolos, imagens etc.).

A esse respeito, Val (1999, p. 3-4) afirma que um texto é “uma unidade de linguagem em uso, cumprindo uma função identificável num dado jogo de atuação sociocomunicativa”. Desse modo, o texto também constitui “uma unidade semântica” e se caracteriza “por sua unidade formal, material”. Analisando por essas

² Mackay (2000) pesquisou sobre organização, coesão e coerência na atividade verbal, além do processo de diferença e integração entre fala e escrita. De acordo essa autora, é importante manifestações de recursos de coesão e coerência do contexto sinalizado ou do texto escrito em sinais.

ólicas, temos o texto como uma atividade interativa entre indivíduos sociais. Ele é sistematizado pela integração de elementos linguísticos que possam transmitir sentido para o leitor.

De acordo com Marcuschi (1983), o texto não deve ser visto como um conjunto de frases que contenham coesão, mas como sequências de atos escritos e falados (entende-se “falados” em Libras como “sinalizados”). Nesse sentido, inserem-se, na análise textual, as condições gerais dos sujeitos, bem como as concepções institucionais de “produção e recepção” de sentidos.

Com isso, compreendemos que os textos expressam situações ligadas à sociedade, ou seja, se relacionam com a história de um grupo social visto e contextualizado de formas variadas. Segundo Marcuschi (2008, p. 155), “o texto é uma unidade concreta que se materializa em algum gênero textual. Já o discurso se realiza no texto, cada vez que um texto é lido, o discurso pode ser modificado de acordo com a vivência e a experiência de vida e de mundo de cada leitor”. Ancorado na perspectiva linguística, Bakhtin (2003) destaca que:

O enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. Entretanto, o enunciado não está ligado apenas aos elos precedentes, mas também aos subsequentes da comunicação discursiva. Quando o enunciado é criado por um falante, tais elos ainda não existem. Desde o início, porém, o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado. O papel dos *outros* para quem constrói o enunciado, é excepcionalmente grande [...]. (BAKHTIN, 2003, p. 300-1).

Essa questão é construída quando o surdo ou o ouvinte sinalizam diálogos com interlocutores que têm contato com os enunciados na comunidade surda. Quando o sujeito ouvinte ou o surdo é espontâneo em um enunciado, este já é passível de resposta. Em outras palavras, o texto tem a função comunicativa e social. Dessa forma, torna-se o significado do discurso, ocupa uma ativa posição responsiva, uma (re)ação (BAKHTIN, 2003). Essa (re)ação ouvinte/surdo só é passível de ocorrer se houver compreensão sinalizada que sempre se dá ativamente. Assim, o evento da associação de atividade mental com signos envolvidos na interação verbal contribui para produzir o sentido do texto verbal e do não verbal. Um conjunto de frases entrelaçadas entre si, produzidas pelo sujeito temporal, de um lado, e, do outro, pelo contexto, precisa das duas unidades para que se chegue a um sentido. Portanto, é interessante analisar os gêneros textuais de forma global a

partir de seu contexto de produção, seus recursos linguísticos, visuais e outros que estiverem presentes e se constituem como texto. Conseqüentemente, todo texto é a expressão de uma atividade social.

Antunes (2005) ressalta que o texto é caracterizado por uma orientação temática, isto é, se constitui a partir de um tema, de um tópico, de uma ideia central ou de um núcleo semântico, que lhe dá continuidade e unidade.

Desse modo, apresentamos exemplos de demonstrações em Libras para a aula do professor Tarcísio Leite³, constatando que um conjunto aleatório de sinais ou de frases não constitui um texto.

(1) Passear equilíbrio pouco trabalhar bom³.

PASSEAR

EQUILÍBRIO

POUCO



TRABALHAR

BOM



(2) Passear trabalhar pouco equilíbrio bom.



PASSEAR

TRABALHAR

POUCO

³ Essa ocasião é datada de 2009, quando cursei a disciplina Leitura e Produção de Textos, ministrada por esse professor, na graduação em Licenciatura em Letras-Libras da UFSC.



EQUILÍBRIO



BOM

(3) Passear esq trabalhar dir pouco dir equilíbrio bom⁴.



PASSEAR esq

TRABALHAR dir

POUCO esq



POUCO dir

EQUILÍBRIO

BOM

Percebe-se pelos exemplos apresentados que há uma ascensão quanto à clareza da ideia a partir da oração. Isso porque, em (1) há uma estrutura rígida e monótona, não se observando uma boa expressão de ideias, tanto no nível de ordem dos sinais quanto no ritmo de sinalização e uso de sinais não manuais. Essa percepção vai ao encontro das considerações feitas por Marcuschi (2008), ao afirmar que o processo de textualização se torna ineficiente quando há ausência de informações necessárias, seja por carência de contextualização das informações, seja pela inobservância de restrições na linearização e violação de relações lógicas ou incompatibilidades informativas. Em (2) ainda não se tem uma realização boa, não explorou tão bem o espaço, mas investiu na ordem dos sinais e ritmo para se fazer entender. Em contrapartida, em (3), devido ao posicionamento bem marcado

⁴ Língua Portuguesa do Brasil: É preciso ter um bom equilíbrio entre passear e trabalhar pouco.

do tronco e da cabeça para a direita e para esquerda, além da relevante ordem dos sinais, o sentido para compreensão se torna explícito, ou seja, há uma unidade coesiva entre esses eixos. Assim, é necessário estabelecer relações entre todas essas unidades para compreender o sentido geral, não se limitando exclusivamente ao caráter semântico-lexical (ANTUNES, 2005).

Dessa maneira, percebe-se que o sinalizante de Libras, assim como um usuário de qualquer outra língua, possui a capacidade de análise de sua coesão textual, de modo a garantir uma melhor compreensão e comunicabilidade de ideias entre os sujeitos sinalizantes.

Por fim, para se compreender um texto, é necessário respeitar as relações gramaticais e a conexão sintática entre os seus elementos de coesão. Por isso, é importante considerá-lo como uma manifestação verbal do pensamento, do significado, da emoção e do sentido organizada pelos sinalizantes. Para essa exposição verbal ter tessitura (tecido) textual, é fundamental o uso dos mecanismos de coesão textuais que serão abordados no próximo item. Tessitura envolve a construção de sentido do texto de forma coesa, como se fosse um “tecido” que resulta da composição.

9.3 A coesão do texto sinalizado

9.3.1 Definição de coesão textual

Coesão é a ligação harmônica entre duas partes, utilizada na gramática como forma de obter um texto claro e compreensível ou relação entre os elementos da língua no nível da superfície do texto

O texto é tido como membro da unidade máxima de funcionamento da língua, abarcando a conexão sintática entre os elementos gramaticais. Halliday e Hasan (1976) ressaltam que texto e frase não diferem apenas em tamanho do objeto linguístico, mas na natureza desse. Segundo os autores, a frase é coesiva, tem uma estrutura bem formatada (boa formação textual). Considerando esse pressuposto, o presente estudo tem como objetivo de análise os mecanismos de coesão textual sinalizada como a conexão sequencial e a conexão referencial. Atualmente, Kock (2014) tem usado os termos “referenciação” e “sequenciação”, quando tratam de aspectos coesivos. Propomos também outro contexto de cunho teórico em que discutimos alguns conceitos sobre o modelo teórico de Koch (2014) a respeito de coesão. Ela faz um apanhado geral sobre estudos ligados ao assunto e evidencia o modelo de Halliday e Hasan (1976), mas considera os mecanismos de coesão dentro de apenas duas modalidades, que são a coesão referencial e sequencial. Na sequência, temos a análise dos textos sinalizados de surdos e ouvintes, que está inter-relacionada com o material teórico.

Halliday e Hasan (1976, p. 52) definem o texto como a “linguagem que é funcional”. Por linguagem funcional, queremos referir àquela linguagem que cumpre

alguma função em algum contexto”. Os autores afirmam que é possível determinar se uma série de sentenças constitui ou não um texto e as relações coesivas com e entre as sentenças, que criam a textura: “um texto tem uma textura e é isto que o distingue de um não texto. O texto é formado pela relação semântica de coesão” (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 2). E, damos como exemplo sinalizado o seguinte texto, que pode ser acessado por meio do QR Code apresentado na Figura 01.

Figura 01: Acesso ao vídeo analisado abertamente do Corpus da Libras



Libras: “PAI TRABALHAR PRECISAR E(positivo) FAMÍLIA IX (eu) ACOMPANHAR MUDAR DEM (esse) PARAGUAI TER ESCOLA NÃO PARECER ESFORÇAR FS (reabilitação) MÉDICO.”
(00:03:51.734 à 00:04:00.104)

Língua Portuguesa: Em função do trabalho do meu pai, a família mudou-se para o Paraguai. Nesse país parece que não há escolas, mas atendimentos voltados para a reabilitação clínica.

É claro que o indicativo “EL@” se refere a “PAI”. Essa função anafórica de “ele” é que dá coesão as duas sentenças, que constituem juntas um texto.

Podemos descrever, de acordo com Koch (2014, p. 18), que “o conceito de coesão textual diz respeito a todos os processos de sequencialização que asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual”. É uma análise detalhada de descrição linguística gramatical da frase, não sendo, portanto, uma mera sequência de frases desconexas, mas uma unidade linguística com propriedade estruturada textualmente e associada a um processo de produção e interpretação dos mecanismos e modelos cognitivos envolvidos nesse encadeamento.

Considerando essas questões, Halliday e Hasan (1976) ressaltam que a coesão textual é um conceito semântico que se refere às relações de sentido existentes no interior do texto e que o definem como tal. Segundo eles, “a coesão ocorre quando a interpretação de algum elemento no discurso é dependente de outro”⁵. Um pressupõe o outro, no sentido de que não pode ser efetivamente decodificado a não ser por recurso ao outro, estabelecendo relações de significado. Os mesmos autores propõem uma analogia da coesão a um laço, no intuito de mostrar que, no texto, todos os segmentos precisam estar conectados uns aos outros. Nesse sentido, a coesão também se encaixa como parte do sistema de expressão da Língua Brasileira de Sinais, uma vez que essa é uma língua que possui um sistema léxico-gramatical e relações semânticas. No entanto, Marcuschi (1983, p. 25.) deixa claro que a coesão é um eixo estruturador da sequência superficial do texto, não se limitando a um fator sintático, mas a uma “espécie de semântica da sintaxe textual, onde se analisa como as pessoas usam os padrões formais para transmitir conhecimentos e sentidos”.

Dessa forma, esse elemento (coesão) busca engendrar a continuidade, a progressão e a unidade semântica, relacionando-se com o aspecto local dos segmentos textuais e com o texto como um todo (ANTUNES, 2005).

9.3.2 Que funções tem coesão do texto?

O texto é tido como membro da unidade máxima de funcionamento da língua, abarcando a conexão sintática entre os elementos gramaticais. Halliday e Hasan (1976) ressaltam que texto e frase não diferem apenas em tamanho do objeto linguístico, mas na natureza desse. Segundo os autores, a frase é coesiva, tem uma estrutura bem formatada (boa formação textual). Mostramos um exemplo de demonstração tem coesão do texto em Corpus Libras:

⁵ Dependente de outro que o antecede (coesão anafórica) ou que o segue (coesão catafórica) (HALLIDAY; HASAN, 1976).

(1) E (vir) IX (eu) DV (fazer-careta) IX (eu) DV
(em-frente) IX (eu) OBRIGAR IX (eu) DV (muito-
-perto) FS (oi) FS (tudobem) E(esperar) NE-
NHUM IX (eu)+ ASSUSTAR DIFERENTE IX (eu)
CASA FAMÍLIA IX (você) LÍNGUA-DE-SINAIS E
(acabar) BOM+ IX (você).



9.3.3 Coesão textual: conceito e mecanismos

Halliday e Hasan (1976) propõem a existência de duas grandes modalidades de coesão: a coesão lexical (aspectos mais especificamente semântico) e a coesão gramatical (aspectos com mais elementos conectivos). Demonstramos cinco grandes mecanismos de coesão: (1) referência (pessoal, demonstrativa e comparativa); (2) substituição (nominal, verbal e causal); (3) elipse (nominal, verbal e oracional); (4) conjunção (aditiva, adversativa, entre outros); e (5) coesão lexical (repetição, sinonímia, colocação, dentre outros). Para esses autores ainda, há dois tipos de coesão: coesão gramatical (expressa por meio da gramática) e coesão lexical (expressa por meio do vocabulário).

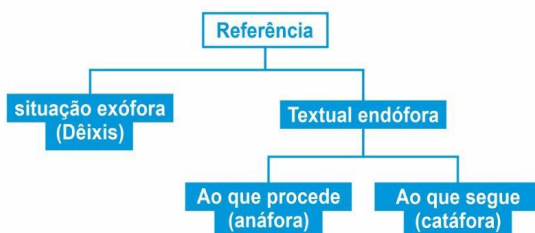
Já apresentamos que a coesão textual descreve as maneiras pelas quais os componentes das sentenças de um texto, ou seja, as palavras/sinais que realmente ouvimos/vemos e usamos, são mutuamente conectadas (gramaticalmente e lexicalmente). Segundo Halliday e Hasan (1976, p. 11), existe coesão “onde a interpretação de qualquer item no discurso requer fazer referência a algum outro item do discurso”. De Beaugrande e Dressler (1981, p. 3) afirmam que “os componentes superficiais dependem uns dos outros de acordo com as formas gramaticais e convenções, de modo que a coesão se baseia em dependências gramaticais”. Isso significa que o conhecimento sintático de um usuário de linguagem desempenha um papel importante na construção de relações sobre conhecimento linguístico e de mundo. Jackson (1990, p. 252) se refere ao fato de que um “[...] vínculo é formado entre uma sentença e outra porque a interpretação de uma sentença depende ou é informada por algum item em uma sentença anterior – geralmente a anterior”. Halliday e Hasan (1976, p. 8) também argumentam que esse vínculo é de natureza semântica, sendo a coesão “[...] uma relação semântica entre um elemento e outro no texto e algum outro elemento que é crucial para a interpretação do mesmo”. Esse outro elemento também deve ser encontrado no texto; mas a sua localização no texto não é de forma alguma determinada pela estrutura gramatical. Os dois elementos, o posto e o pressuposto, podem estar estruturalmente relacionados uns aos outros, ou podem não estar; não faz diferença para o significado da relação coesa.

Halliday e Hasan (1976, p. 13) afirmam ainda que o “conceito de coesão explica as relações semânticas essenciais pelas quais qualquer passagem de fala ou escrita é habilitada a funcionar como texto “e que este conceito é sistematizado por meio de cinco categorias diferentes distintas” que fornecem meios práticos

para descrever e analisar textos. Cada uma dessas categorias é representada no texto por características particulares – repetições, omissões, ocorrências de certas palavras e construções – que têm em comum a propriedade de sinalizar que a interpretação da passagem em questão depende de outra coisa. Se essa “outra coisa” é verbalmente explícita, então há coesão”. As categorias mencionadas se referem à referência, substituição, elipse, conjunção e coesão lexical. A coesão – por referência, por substituição e por elipse – é considerada tipo coesivo que tece elo de natureza gramatical, pois expressa sentido mais geral. A coesão lexical, como o próprio nome já sugere, é considerada um tipo específico de elo coesivo, em que o léxico torna possível a emissão de significados mais específicos, criando associações entre palavras que possuem algum tipo de aspecto semântico comum.

Referência como dispositivo coesivo tem a ver com a introdução de um novo item no texto e o subsequente encaminhamento para esse mesmo item por meio de outro, geralmente uma forma mais curta (popularmente chamada de “pró-formulário”). Pronomes pessoais, demonstrativos, comparativos, uma variedade de construções lexicais, até advérbios e adjetivos são usados para essa função. O efeito de referência está na recuperação da informação (significado referencial) de algum outro lugar da frase ou de uma sentença vizinha, usando uma das estruturas gramaticais mencionadas anteriormente. Dessa forma, infere-se que “a própria coesão está na continuidade da referência pela qual a mesma entra no discurso num segundo (e mais) tempo(s)” (HALLIDAY; HASAN 1976, p. 31). A coesão referencial tem ferramentas que auxiliam no entendimento do texto. Esse tipo pode ser visto como exofórica ou endofórica. A exofórica se preocupa com a coesão que está além do texto, buscando relacioná-la à situação. A endofórica são as referências encontradas no próprio texto, ou seja, em uma perspectiva intratextual, mas de certa maneira, uma visão superficial do próprio. Essas referências mostram ao leitor esta relação, causada pelos laços de relações semânticas no texto. A Figura 2 esquematiza a discussão aqui trazida sobre as referências exofórica e endofórica.

Quadro 01: Referência exofórica ou referência endofórica, de acordo com Halliday e Hasan (1976, p.33).



Fonte: Halliday e Hasan (1976, p. 33).

Nesse tipo de coesão, o leitor tem uma visão pragmática quanto à manifestação das ideias em um texto. Assim, as coesões referenciais endofóricas têm movimento retrospectivo em que compreendem a forma das referências anafóricas ou prospectivas, também, catafóricas. As referências exofóricas não evidenciam essa apreciação pelo leitor das informações superficiais do texto, mas ratificando a coesão situacional que se estabelece. Assim, o leitor consegue compreender as unidades significativas do texto. Halliday e Hasan (1976) sugerem que as referências podem ser pessoais e demonstrativas devido aos pronomes e como advérbios de lugar, comparativas em suas singularidades e diferenças.

Coesão substitutiva e elíptica são similares. A substitutiva possui termos em que suas formas são diferentes em relação a coesão referencial, em que os significados são iguais, mas os termos são diferentes. A coesão elíptica é quando alguns termos são omitidos por identidade superficial do texto. Halliday e Hasan (1976) mencionam a semelhança entre a coesão substitutiva e a elíptica em que há um processo de tessitura coesiva. Por isso, para os autores, a elipse pode causar uma omissão nula dos termos. Logo, elas podem ser mecanismos intrínsecos ao texto.

A coesão substitutiva possui uma relação linear gramatical com os termos substitutivos, em que, por inferência, não há alteração de sentido. Esses termos substitutivos possuem três categorias: a nominal, a verbal ou a sentencial. Os mecanismos gramaticais dizem que as coesões substitutivas e elípticas são diferentes. Ainda, no caso de substituição, um substituto é basicamente usado “no lugar” de outra palavra/sinal ou frase para evitar a repetição dos mesmos. Isso também permite que o texto seja encurtado.

A elipse se molda a partir de quaisquer falas de um locutor em que há omissões, sobre as quais o leitor percebe essa pressuposição e não o comunica. Assim, por meio desses mecanismos, pode haver omissão de termos nominais, verbais e locuções verbais. Contudo, na mesma sentença, não existe uniformidade de sentido do texto. Nesse âmbito, elementos em sentenças são fisicamente excluídos/omitidos, porque o escritor acredita que o leitor irá inserir os elementos que faltam por si próprio enquanto a sentença é usada (DONNELLY, 1994, p. 103). Nesse caso, a pressão está no leitor ou receptor para fazer o link coeso. Como no caso da substituição, diferentes tipos de reticências podem ser distinguidos, por exemplo, as elipses nominais, verbais e de causas.

No caso de conjunções, essas e os advérbios são usados para conectar proposições em sentenças vizinhas, de acordo com certas relações semânticas (por exemplo, aditivas, adversativas, causais e temporais) entre as proposições. Os elementos conjuntivos servem para “reforçar e destacar a relação entre outros elementos do texto” (DONNELLY, 1994, p. 105). A escolha específica do marcador conjuntivo “fornece ao leitor pistas sobre como o escritor percebe a afirmação a ser relacionada”, ou seja, como ele ou ela acha que o leitor deve entender o texto. A coesão por conjunção se realiza na fronteira entre gramática e léxico, haja vista

que organiza a textualidade, proporcionando ligações estruturais entre partes do texto, tecidas por coordenação ou por subordinação. Além disso, aciona elementos do léxico para explicitar as relações de sentido existentes entre as partes interligadas. Todavia, não há atribuição de sentidos aos trechos que interligam, mas explicitam as relações de sentido que há entre esses trechos. É possível haja várias relações semânticas como adição, adversidade, causa, tempo, condição, entre outras. Segundo a abordagem funcionalista de Halliday e Hasan (1976, p. 321), a coesão conjuntiva apresenta tipologias distintas, porque não pressupõe eloquência, não podendo inferir qualquer identidade referencial. Assim, não há significado entre os trechos.

Por último, a coesão lexical se refere a relações semânticas (como sinonímia, antonímia, colocação) criadas por itens lexicais específicos. O conhecimento das estruturas semânticas é necessário para entender esse tipo de coesão. Essa coesão abrange as escolhas de vocabulário feitas para produzir um texto. Esse tipo de coesão apresenta dois mecanismos: reiteração e colocação. A primeira se remete a uma repetição de informações, ligadas aos termos de mesmo sentido, como sinônimos ou hiperônimos, denominados itens genéricos. Há um estudo quanto à relação textual criada simplesmente, porque uma palavra se repete, pouco importando a referência semântica exata. Os aspectos da reiteração por repetição não passam despercebidos.

Um item lexical estabelece uma relação coesiva com uma ocorrência precedente do mesmo item, caso tenha ou tendo ou não ambos o mesmo referente; havendo ou não qualquer relacionamento referencial entre eles.⁶ (HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 283).

Já a colocação dialoga com a associação de itens no campo lexical em que cada item apresenta sua própria identidade/marca, contribuindo para a significação geral. Halliday e Hasan (1976) ressaltaram que:

[...] há sempre possibilidades de coesão entre elementos de qualquer par de itens lexicais que estão, de alguma maneira, associados um com o outro na língua. Assim, encontraremos um forte efeito coesivo advindo da proximidade dos membros dos pares seguintes, cuja relação de significado não é fácil de ser classificada: risada... piada..., lâmina... afiada, jardim... cavar, doente... médico, (...)”⁷.(HALLIDAY; HASAN, 1976, p. 285).

6 A lexical item, therefore, coheres with a preceding occurrence of the same item whether or not two have the same referent, or indeed whether or not there is any referential relationship between them.

7 There is always the possibility of cohesion between an par of lexical items which are in some

A coesão lexical se estabelece, basicamente, pelos mecanismos de substituição e reiteração, sendo que a reiteração se faz pela repetição de um item lexical, pela sinonímia e pela relação hipônimos/hiperônimos e que na colocação se faz associação semântica.

9.3.4 Os procedimentos e recursos da coesão

De acordo com Halliday e Hasan (1976), um texto será coeso quando este se articular e se organizar em relações textuais por meio de procedimentos que possibilitem diferentes recursos. Essas relações são: (i) referência, (ii) substituição e (iii) elipse, (iv) conjunção, trata-se da ligação configurada entre orações, parágrafos por meio de preposições, conjunções, e, (v) coesão lexical: (a) reiteração, momento em que os elementos do texto são retomados, possibilitando uma recursividade de ideias, (b) colocação, trata-se de uma relação semântica estabelecida no texto, contribuindo para sua unidade. Ainda, segundo a mesma autora Antunes (2005), há alguns métodos de demonstração das relações textuais (procedimentos) e formas concretas que esses procedimentos se realizam (recursos) para melhor caracterização textual.

Quadro 02: A propriedade da coesão do texto, relações, procedimentos e recursos (HALLIDAY e HASAN, 1976).

RELACIONES COESIVAS TEXTUAIS	
GRAMMATICAL	LEXICAL
I. REFERÊNCIA Pronominal Artigo definido Demonstrativa Comparativa	IV. LEXICAL • REITERAÇÃO: Repetição Sinônimo Hiperônimo/hipônimo Palavras de sentido geral • COLOCAÇÃO
II. SUBSTITUIÇÃO E ELIPSE Substituição e elipse nominais Substituição e elipse verbais Substituição causal e elipse oracional	
III. CONJUNÇÕES Aditiva Adversativa Causal Temporal	

9.3.4.1 Referência

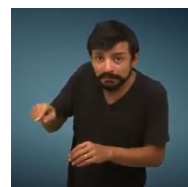
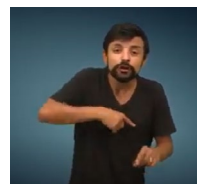
Halliday e Hasan (1976) categorizaram a coesão gramatical por referência em três tipos: a pessoal, a demonstrativa e a comparativa. Por mais que eles tenham

way associated with each other in the language. So we will find very marked cohesive effect deriving from the occurrence in proximity with each other of pairs such as the following, whose meaning relation is not easy to classify in systematic semantic terms: laugh... joke, blade... sharp, garde... dig, ill... doctor, [...]” HALLIDAY; HASAN (1976, p. 285).

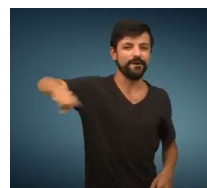
feito suas considerações para línguas orais-auditivas, é importante salientar que também existem línguas em modalidades gestuais-visuais. As Línguas de Sinais, segundo Winston (1991), cuja investigação se pautou na American Sign Language (ASL), é articulada principalmente pelo uso das mãos, do corpo e da face de um sinalizante e produzida no espaço. Portanto, pode-se dizer que o espaço é importante para a organização sintático-semântica da língua. Assim, o uso do espaço pode ser um elemento coesivo de referência, com efeito ou textura (HALLIDAY; HASAN, 1976), e criado por uma série de características, tais como a repetição de sinais, o uso de dêixis e anáforas.

(2) PORQUE IX (nós) INFERÊNCIA DEM (isto) CULTURA ERUDITA DEIXAR PRÓPRIA ESPECÍFICO GRUPAR CAPITALISTA SOCIAL MAS CULTURA VARIEDADE LIVRE INTERAÇÃO DESCENDENTE GERAÇÃO MULTIPLICIDADE LÍNGUA EXPRESSAR-EXPRESSAR INTERAÇÃO MAS CULTURA MUDANÇA PORQUE ATRÁS-PASSADO HISTÓRIA ANO-DURANTE MAS MUDANÇA PORQUE CULTURA CONTATO-CONTATO CULTURA INTERAÇÃO MUDANÇA POR CAUSA IX (nós) OLHAR COMUNIDADE SENTIR DIFERENTE TER OUTRA VALORIZAÇÃO INFERÊNCIA DIFERENTE POR CAUSA RETRIBUIR IX (eles todos).

Isso porque nós concebemos que determinada cultura é erudita por tratar-se de um grupo socioeconômico específico. Contudo, a cultura é livre por promover a interação e a disseminação entre gerações, possibilitando que a língua seja incansavelmente expressa. A cultura também é passível de mudanças, pois ao longo do tempo diversos contatos foram sendo estabelecidos. Assim, ao observarmos que uma comunidade possui, aparentemente, outros valores, e seja diferente, é necessário que adentremos nela.



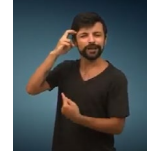
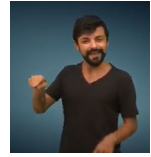
IX(nós) DEM(isto)



IX (eles todos)



**(3) POR ISSO SURDA APROPRIAR ACREDITAR SEGUNDO
LÍNGUA SENTIR TERCEIRO VISUAL É PROPRIA CONVIVER
COMUNIDADE SURDA POR CAUSA DEM (isto) CULTURA
IX (nós) CULTURA ENALTECER CULTURA LINDA MAS
IX (nós todos) CULTURA OUVINTE CULTURA APAGAR
E (infelizmente).**



DEM (isto)

IX (nós)



IX (nós todos)

Os surdos adquirem as crenças, a língua, o jeito e a visualidade pelo pertencimento à comunidade surda que enaltece a sua rica e própria cultura, enquanto os ouvintes tentam acessá-la.



Em (3), constatou-se IX (nós), IX (todos eles) e em (3) DEM (isto), como referência para pronome pessoal em primeira pessoa do plural e demonstrativo. Apenas a terceira pessoa é inerentemente um fator coesivo, referindo-se anaforicamente ao item precedente no texto. IX (todos eles) é aludida como exofórica devido à referência situacional. O pronome demonstrativo “isto” é um elemento de referência catafórico, por reportar-se a alguma informação que vem após CULTURA ERUDIT A, SURDA, CULTURA, mas com possível efeito coesivo. Engberg-Pedersen (1993) explica que a primeira maior distinção é entre o pronome (pessoa) e o advérbio (lugar), sendo o paralelo uma distinção entre o referencial e o predicativo no uso da proximidade pronominal. Tanto Halliday e Hasan (1976) quanto Engberg-Pedersen (1993) não tinham se atentado para a diferença de modalidade entre língua oral-auditiva e língua gestual-visual.

Figura 03: IX (nós todos) antes anafórico CULTURA OUVINTE CULTURA APAGAR.

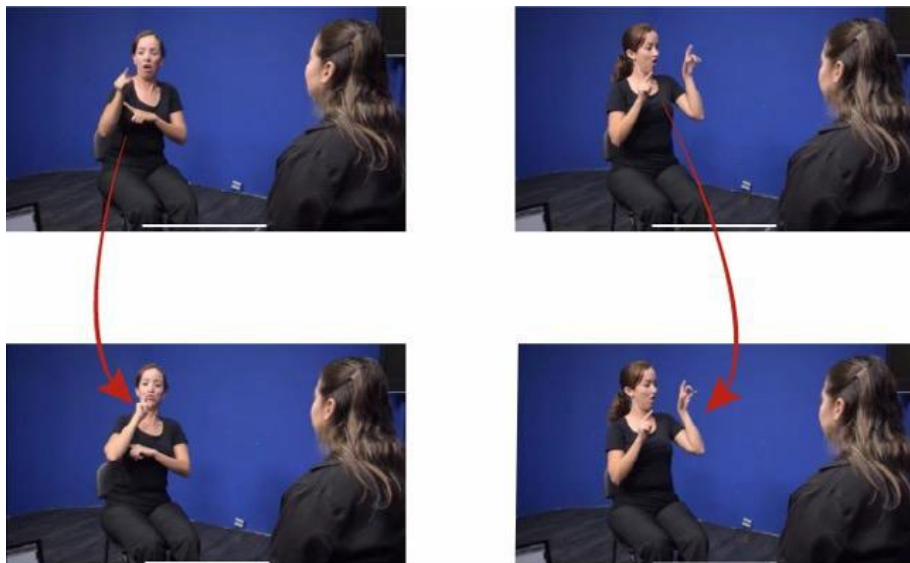


Figura 04: DEM (isto) após catafórico CULTURA ERUDITA.

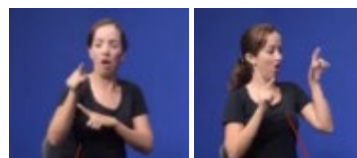


Analisando (04), os pronomes demonstrativos marcam posição no espaço e no tempo, definindo o lugar que uma pessoa ou objeto está e a localização dos seres, humanos ou inanimados, em relação as três pessoas do discurso (HALLIDAY; HASAN, 1976). Notam-se que os pronomes demonstrativos em função dêitica ou exofórica estabelecem uma cena na interação linguística face a face, ao se referir, durante a sinalização, a DEM (aquele) SURDO e DEM (aquele) OUVINTE em uma sentença-semântica. Isso pode ser observado na Figura 05 a seguir.

Figura 05: Referência endofórica textual em relação ao pronome pessoal
DEM SURDO DEM OUVINTE.



**(04) E (não) ACONTECER E (então) IX (eu)
NÃO PERCEBER E(ver) DEM (aquele) SURDO
DEM (aquele) OUVINTE NÃO.**



DEM (aquele) DEM (aquele)

*Eu não percebia ou me questionava, quem era surdo
ou quem era ouvinte. Em minha família éramos
todos iguais, ninguém via o outro como 'coitadinho'.*

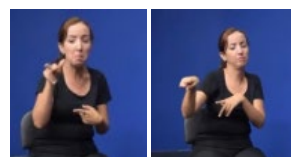


Há ainda um tipo de referência endofórica textual em relação ao pronome pessoal quando se sinaliza IRMÃ, aludindo a IX (ela) como termo antecedente, configurando-se a anáfora. Reitera-se, também na oração (05), um pronome pessoal com efeito coesivo empregado para mencionar IX (ela) DESCOBRIR FS (vai) CRIAR LETRAS-LIBRAS, ocorrendo no texto anaforicamente quanto a IRMÃ. Esse exemplo pode ser assistido acessando o QR Code a seguir:

Figura 06: Referência endofórica textual em relação ao pronome pessoal quando se sinaliza IRMÃ, aludindo a IX (ela).



**(05) E(depois) TENTAR ADAPTAR BARREIRA MAIS
E(processo) DEPOIS IRMÃ DEM (aquele) COME-
ÇAR CURSO FS(CAS) IX (ela) FORMAR INSTRUTOR
E(deixar) IX (eu) TRABALHAR NORMAL MERCADO
E(processo) DV (pessoa) IX (ela) DESCOBRIR FS
(vai) CRIAR LETRAS-LIBRAS TER VESTIBULAR E
(desesperar) AVISAR+ IX(eu) E(desesperar) IX(eu)
PENSAR E(deixar) NUNCA IMPOSSÍVEL PARE-
CER IX(eu) MUNDO E(pequeno) CONHECER-NÃO
EXPANDIR NÃO// E(então).**



irmã

IX ela)

Eu consegui lidar com a situação, apesar de todas essas barreiras. Um tempo depois minha irmã começou a fazer um curso de instrutora no Centro de Atendimento a Surdos. Eu continuei seu trabalho no supermercado. Ela soube que seria criado o curso de Letras Libras, que teria um vestibular e me avisou. Eu pensava que nunca faria, isso era impossível para mim. Para mim o mundo era pequeno, era apenas aquilo e não se expandiria. Eu sempre mantive contato com muitas pessoas da minha cidade e outros lugares, na associação, nos esportes.

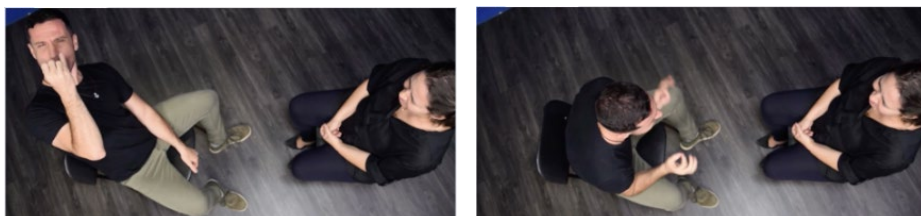


9.3.4.2 Substituição

É interessante verificar o discurso-enunciado em *role shift* (troca de papéis), que se torna uma forma de substituição na relação pai e menino surdo, encontrado no texto sinalizado (06) em QR CODE, em que há repetição desses sinais na

produção textual sinalizada. IX (eu) e IX (você) são pronomes pessoais e FS (pai) encaixa-se como fator de coesão referencial para comutar o *role shift* (troca de papéis) referente ao pronome anafórico IX (você), enquanto se percebe o sujeito oculto do pai. O *role shift* é um recurso gramatical produtivo nas Línguas de Sinais e é usado por meio da marcação no espaço por meio do posicionamento do corpo; movimento da face; expressões faciais. Quando o sinalizante aplica o *role shift*, ele funciona como referente ao longo de todo o período sobre o qual é mantido. Pode ser mantido intrassentencialmente ou intersentencialmente. O *role shift* é usado como operador, segundo Quer (2005) e Schlenker (2017), no ‘*role shift*’ em Língua de Sinais o sinalizante arrisca tomar a perspectiva de outra pessoa para relatar uma atitude proposicional (‘Atitude *Role Shift*’) ou uma ação (‘Ação *Role Shift*’, muitas vezes chamada de ‘Ação Construída’). Isso é a relação abertamente marcada por vários meios, como uma rotação do corpo de sinalizante e deslocamento do olho e também algumas Línguas de Sinais tornam possível “misturar perspectivas” em *Role Shift*. Quer (2005) explicou que a mudança de papéis nas Línguas de Sinais é morfossinaticamente marcada por expressões não manuais, como as seguintes: (i) interrupção temporária do contato visual com o interlocutor real e mudança de direção do olhar para o interlocutor relatado; (ii) leve mudança da parte superior em direção ao locus associado ao autor do enunciado relatado; (iii) mudança na posição da cabeça; e (iv) expressão facial associada ao agente relatado. Portanto, demonstramos ocorrências desses aspectos com dados do corpus UFSC dos Surdos de Referência.

Figura 07: Câmera localizada na parte superior no Ação *Role Shift*.



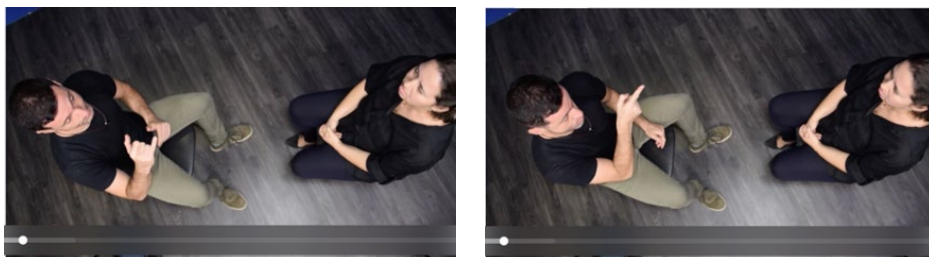
Substituir um elemento (e.g., nominal, verbal e oracional) por outro é uma forma de evitar as repetições. Aprecia-se que a diferença entre a referência e a substituição está legitimada especialmente no fato de que a segunda tipologia de coesão acrescenta uma informação nova ao texto sinalizado, isto é, um mecanismo especial de ‘contexto shift’.

Os exemplos de discursos-enunciados (06) e (07) por alternâncias de papéis podem ser acessados pelo QR Code a seguir. Destaca-se ainda que em (06) houve a substituição de uma entidade nominal, PAI, pela incorporação, demonstrado no deslocamento do tronco e da interação visual do sinalizante, a fim de evitar

as repetições no discurso. Esse recurso é utilizado por duas vezes, garantindo ao enunciado maior dinâmica informativa.

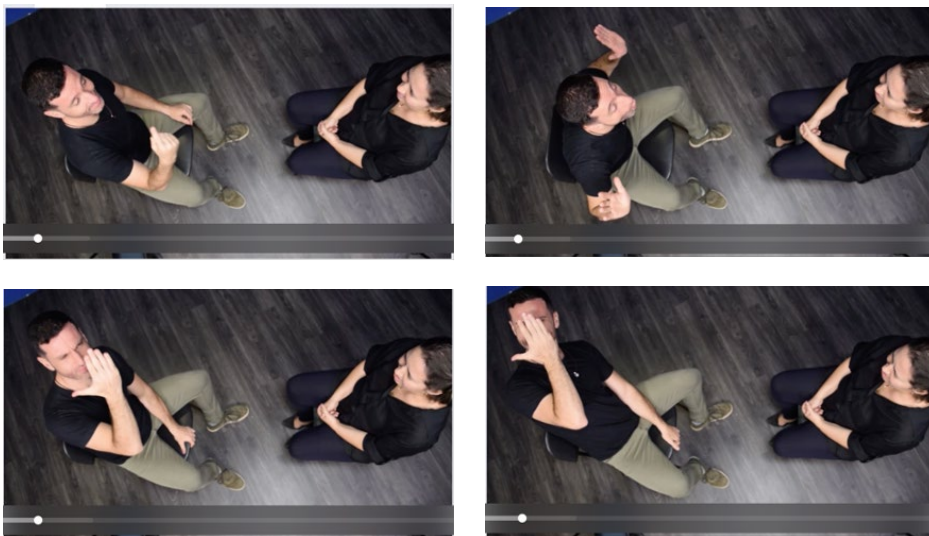
Em (06), há a substituição de uma entidade nominal, PAI, pela incorporação, demonstrada no deslocamento do tronco e da interação visual do sinalizante, para evitar as repetições no discurso. Esse recurso é utilizado por duas vezes, garantindo ao enunciado maior dinâmica informativa.

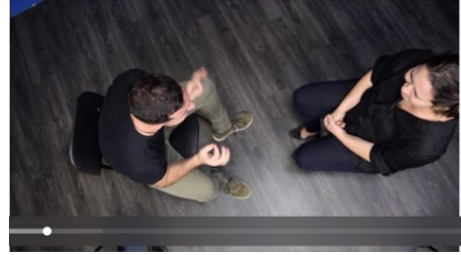
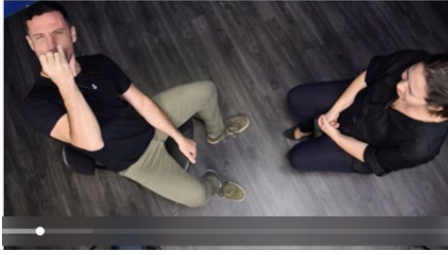
Figura 08: Câmera localizada na parte superior.



Nesse exemplo (07), (Ele ficava realmente muito próximo a mim, falando muito perto de meu rosto. Eu ficava assustado, era diferente.), o item *role shift IX* (eu) DV (em frente) exerce a função de substituir o sinal IX (eu) DV (fazer-careta), ou seja, *role shift IX* (eu) DV (em frente) é o elemento substituído, devido à relação de incorporação. Em outras palavras, o sinal PROFESSOR é substituído pela movimentação e atitude de fazer-careta.

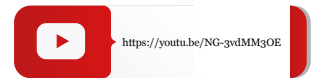
Figura 09: Câmera localizada na parte superior.





**(07) E (vir) IX (eu) DV (fazer-careta) IX (eu) DV
(em-frente) IX (eu) OBRIGAR IX (eu)// DV (muito-
perto) FS (oi) FS (tudobem) E (esperar) NENHUM
IX (eu)+ ASSUSTAR DIFERENTE IX (eu) CASA
FAMÍLIA IX(você) LÍNGUA-DE-SINAIS E (acabar)
BOM+ IX (você).**

*Ele aproximava-se, ficando em minha frente, com essa feição.
Ele ficava realmente muito próximo a mim, falando muito
perto de meu rosto. Eu ficava assustado, era diferente. Em
minha casa todos os familiares sinalizavam. Ele falava
oralmente, assustava-me, isso ocorreu há tempos quando se
usava a comunicação total.*



9.3.4.3 Elipse

Como já se evidenciou, elipse e substituição são relações coesivas muito parecidas. Elipse seria uma “substituição por zero”, elucidam Halliday e Hasan (1976, p. 142). Essas duas tipologias apoderam, fundamentalmente, um mesmo tipo de relação entre palavras isoladas ou grupos verbais ou nominais. Entende-se o conceito de elipse para todos os casos sinalizados em que o sinalizante tenha que buscar alguns elementos sinalizados exoforicamente (situacional).

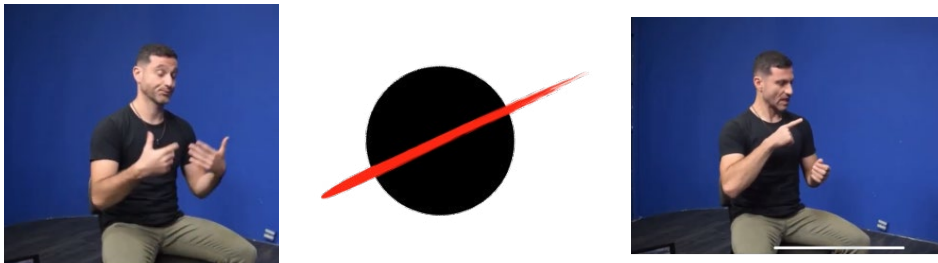
Figura 10: elemento elidido é indicado como o símbolo “Ø”.



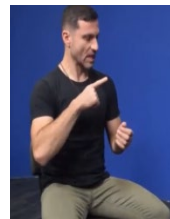
É bem interessante a menção do pesquisador do Jantunen (2013) em Língua de Sinais finlandesa. Todos os sinais que denotam propriedades são analisados semanticamente e gramaticalmente como elipses nominais ou elipses verbais, os dois formando as duas principais classes de palavras em FinSL.

Um componente textual sinalizado, seja nominal, seja verbal, seja oracional, pode ser omitido por meio da elipse. A partir de agora, as causais em foco são colocadas entre colchetes e seus núcleos são indicados em negrito; o elemento elidido é indicado como o símbolo “Ø”. Observe-se o exemplo (08) e (09) a seguir no Code QR:

Figura 11: Nominal omitido foi o pronome pessoal (EU).



(08) [E (então) Ø TER E (esperar)] IX (eu) ANTES IX (eu) FS (pai) AVISAR E (chamar) E (olhar) IX (você) FS (vai) IR ESTUDAR IX (eu) NUNCA IX (eu) PRIMEIRA-VEZ É FS (pré) PARECER IDADE LEMBRAR E (acabar) DV (achar) 45 E (então) IR ESTUDAR IX (você) E (olhar) PRONTO DV (segurar) TAMANHO-PEQUENO DV (segurar) DV (dentro) E (então) LÁPIS IX (médio) DIFERENTE+ DEM (aqui) IX (eu) DV (segurar) MULHER IX (eu) IR ESTUDAR MANHÃ FS (cedo) FS (pai) IX (eu) DV (carro) IX (eu) JUNTO DEM (aqui) FS (pai) E (então) ESTUDAR IX (todos) IX (eu) E (positivo) IX (eu) VER ESTUDAR DV (lugar) PROFESSOR 1 IX (eu) SINAL IX (eu) E (não) PROFESSOR BOM IX (você) É OUVIR IX (você)

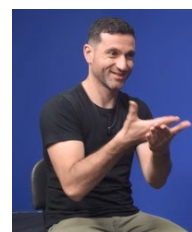


TER

Sim. Anteriormente meu pai havia me avisado, que eu iria estudar. Não lembro a idade exata, entre quatro e cinco anos foi a primeira vez foi no pré. Quando pronto segurei minha grande mochila e fui estudar. Dentro dela havia lápis, entre outros materiais. Peguei-a e fui estudar, de manhã cedo. Meu pai me levava. No pré estudei junto à todos. Sentia-me bem, observava o local. Havia um professor com este sinal. Um bom professor, ele é ouvinte.

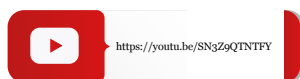


(09) E (acabar) IX (eu) PRIMEIRA-VEZ EM-PÉ [Ø ESTUDAR É Ø ESTUDAR PRÓPRIO É SURDO DEM (aqui)] E (esperar) FAZ-TEMPO E (hora) PERÍODO PASSADO DEM (aqui) 1985 POSTERIORMENTE TER-NÃO BILÍNGUE INCLUSÃO COISA É ESTUDAR SURDO DEM (aqui) IX (eu) COMEÇAR IX (eu) DESENVOLVER DEM (aqui) DURANTE ATÉ OITAVA-SÉRIE E (depois) É INCLUSÃO LIVRAR MISTURAR DEM (aqui) ANTES IX (eu) NENHUM TER-NÃO PERFEITO METODOLOGIA PERFEITO ANTERIORMENTE E (então) CLARO NÃO.



ESTUDAR

Primeiramente estudei em uma escola própria para surdos. Esse período foi a partir do ano 1985. Não existia o bilinguismo, tão pouco a inclusão. Era uma escola para surdos. Comecei a me desenvolver ali, até a oitava série. Posteriormente surgiu a inclusão com sua mescla e independência. Anteriormente não havia um método perfeito. Anteriormente, claro que não.








9.3.4.4 Conjunção





Identificou-se a ocorrência de conjunções em sequências tipológicas (aspectos tipológicos), tais como exposição e narrativa. Coordenar significa ordenar em articulação, sendo duas ou mais orações sinalizadas. Por isso, ao descrever e analisar a conjunção como uma das estruturas coesivas sinalizadas, é notório conceber as relações semânticas que compõem a gramática das Línguas de Sinais, a função que elas têm de se relacionar com cada um dos elementos linguísticos que ocorrem em sucessão. Rodrigues (2019) e Rodrigues e Souza (2019) analisaram o uso do ‘MAS’ e ‘MOTIVO’ nas orações adversativas e causais em Língua Brasileira de Sinais, estabelecendo relação com a abordagem semântico-sintática funcional.

Halliday e Hasan (1976) ressaltaram o fato de que é complicado enumerar os tipos de relações estabelecidas por conjunções. Os autores preferem utilizar quatro categorias básicas de conjunções: ADITIVAS; ADVERSATIVAS; CAUSAIS E TEMPORAIS. Para eles, as relações coesivas praticadas pelas conjunções não são anafóricas ou catafóricas, como ocorre na referência, na substituição e na elipse. As conjunções significam vínculos semânticos entre os elementos sinalizados do texto que se conectam. Nesse sentido, Berenz (1996) pesquisou modelos de coordenadas do corpo, com destaque para a direção dos olhos, peito, configuração de mãos e cabeça. Assim, foi selecionado, a partir das quatro relações lógico-semânticas, as ocorrências realizadas conforme indicadas no Quadro 02 a seguir:

Quadro 02: Realizações léxico-gramaticais de conjunções pesquisadas em Libras.

RELAÇÃO LÓGICA	SENTIDO	OCORRÊNCIAS SELECIONADAS/ REALIZAÇÃO PESQUISADAS NO CORPUS SINALIZADO
Adição de argumentos ou ideias	Aditiva	<p>TAMBÉM</p>  <p>BOIA</p>  <p>RITMO SINALIZAÇÃO</p>

RELAÇÃO LÓGICA	SENTIDO	OCORRÊNCIAS SELECIONADAS/ REALIZAÇÃO PESQUISADAS NO CORPUS SINALIZADO
<p>Adição de argumentos ou ideias</p>	<p>Aditiva</p>	
<p>Contraste ou oposição</p>	<p>Adversativa</p>	<p>MAS</p> 
<p>Explicação ou justificativa</p>	<p>Causal</p>	<p>PORQUE</p>  <p>COMO</p>  <p>MOTIVO/CAUSA</p> 

RELAÇÃO LÓGICA	SENTIDO	OCORRÊNCIAS SELECIONADAS/ REALIZAÇÃO PESQUISADAS NO CORPUS SINALIZADO
Localização tempo	Temporal	<p style="text-align: center;">ANTES</p>  <p style="text-align: center;">DEPOIS</p>  <p style="text-align: center;">AGORA</p>  <p style="text-align: center;">ONTEM</p> 

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Considerando a organização do Quadro 02, será feita uma análise das ocorrências identificadas no corpus de textos sinalizados.

9.3.4.4.1 adversativa

Nas sequências tipológicas de narrativas com a temática “relato de experiência”, identificou-se o maior número de ocorrências dessas relações. No primeiro, o uso da conjunção ‘MAS’ foi bastante recorrente para fazer enumerações. As conjunções adversativas ligam orações estabelecendo relação entre elas, podendo assim ser conjunções coordenativas se uma pausa aparecer entre as duas conjunções e, a segunda, for acompanhada de um aceno de cabeça balanço de um lado para outro, que é conhecido como headshake (hs). Os exemplos sinalizados estão demonstrados no QR Code (10).

**(10) IX (eu) RESUMO E(então) E(então) – E(então) IX(eu) PASSADO
IX(eu) SINAL(cidade) É INTERIOR PEQUENO FS(patoss de minas)
DEM(aquele) INTERIOR MINAS-GERIAS PESSOA₃ 120 IX (mil) PESSOA₃
PEQUENO SURDO MUITO MAS₁ TER-NÃO MOVIMENTO TER-NÃO
LUTAR E(não) SÓ UNICO MOVIMENTO NÃO CRIAR ASSOCIAÇÃO
DEM(aquele) TIO INES DEM(lá) E(divulgar) CRIAR ASSOCIAÇÃO 1
MOVIMENTO E(acabar) POSTERIORMENTE ENSINAR MELHORAR
LUTAR DIREITO INTÉRPRETE DIREITO E(não) PASSADO DEM(lá)
USAR INTÉRPRETE O-QUE AMIGO SABER LÍNGUA-DE-SINAIS AJUDAR
E(não) PESSOA₃ INTÉRPRETE SEGUIR IX(eu) TER DIREITO NÃO
E(não).**

Vou ser breve. Eu morei em uma cidade muito pequena no interior de Minas Gerais chamada Patos de Minas. Uma cidadezinha com aproximadamente 120 mil habitantes. Havia muitos surdos, mas poucos movimentos sociais. Houve uma mobilização depois que meu tio voltou do INES, quando se criou a associação. Depois disso não houve mais nada. Mobilizações por uma melhora na educação, por direito a intérpretes, não havia. Usávamos antigamente pessoas que sabiam Libras, amigos como auxílio. Não havia o direito a ter um intérprete para nos acompanhar.



Nos enunciados sinalizados (11) e (12), a conjunção indica que as duas orações estavam interligadas e, ao mesmo tempo, manifestou uma ideia de oposição e de correlação. Nesse caso, essa relação coesiva exprimiu uma dependência semântica.

(11) CRIANÇA_ IX(eu) POUCO RÁPIDO IX(eu) MAIS JOVEM E(eles) JOVEM IX(eu) MAIS POUCO E(então) PARECER O-QUE FS(aee) MAS1 NÃO-É É DENTRO INEXPLICÁVEL[?] RELIGIÃO MAS1 E(grupo) SALA PRÓPRIO SURDO ENSINAR IX(eu) MAIS INFORMAÇÃO CONTEÚDO DISCIPLINA LÍNGUA PORTUGUESA MATEMÁTICA PROCESSO IX (eu) ENSINAR SURDO DEM(aquele)// ENSINAR PARECER CLARAMENTE IX(todos) APRENDER E(deixar) ESCOLA// DESCANSAR E(ficar).

Nesse período, me formei em Pedagogia e comecei a trabalhar com educação de surdos e crianças.

Eu consegui entrar no ritmo bem rápido, trabalhava mais com adolescentes como se fosse um AEE. Não era um AEE, ficava dentro de uma instituição religiosa, mas era uma sala apenas para surdos. Eu fazia anotação das metodologias usadas nas disciplinas, como Língua Portuguesa e Matemática. Eu ensinava aos surdos, assim eles poderiam compreender de maneira clara todos os conteúdos e depois ir tranquilos à Escola. Desde 2005 eu estava frequentando o curso de Letras-Libras.

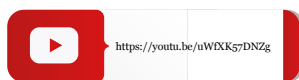


9.3.4.4.2 aditiva

O emprego do ‘TAMBÉM’, presente em todos os textos analisados, demonstrou-se com menor recorrência nas estruturas sinalizadas, estabelecendo relação de adição entre as partes do estatuto léxico-gramatical correspondente. Conforme verificou-se nas passagens em Libras presentes nos QR Codes (13), há uma conjunção coesiva ‘TAMBÉM’ do mais geral termo de adição, sugerindo algo um pouco mais livre e menos estrutural do que se entende, até então, por conjunções coordenadas. Isso estabeleceu um caráter aditivo, que anexa itens ou orações de mesmo valor.

(13) E (não) PORQUE E (todos) MAIOR VIZINHO+ IX (eu) TER INTERAGIR ANTES IX (eu) DV (pessoa-colocar-grupo) IX (eu) CONHECER-NÃO+ DIFÍCIL E (adquirir) NÃO IX (eu) IX (todos) ENCONTRAR IX (eu) AMIGO APROVEITAR SEMPRE// IX (todos) INTERAGIR E (então) TAMBÉM FAZ-TEMPO CRIANÇA GRUPO PARECER IGUAL GRUPO CONGRESSO ÁREA GRUPO ESCOLA PARECER MAIS UNIÃO AMIGO E (interagir E (natural)).

Não senti, a maioria dos colegas era meus vizinhos. Eu já conhecia todos, já me relacionava com eles antes desse período. Não tive nenhuma dificuldade de me adaptar, estava em constante contato com novos amigos por sempre ser apresentada pelos colegas. Acho que antigamente as crianças eram deixadas mais livres quando viviam em comunidades, sempre se relacionando e fazendo amizades.



Pela análise da oração (14), verificou-se a conjunção coordenativa aditiva BOIA, uma expressão alusiva à primeira unidade (SURDO IDOSO MAIS APRENDER PALAVRA), a (SURDO E (pensar) ADOLESCENTE ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA LÍNGUA PORTUGUESA) e a última unidade (SUPLETIVO IX (eu) COMBINAR IX (eu)). O sinalizante introduziu em unidades de estatuto semelhante e as sentenças com substantivos e verbos podem ser unidas por elementos coesivos. A glosa BOIA é seguida por um número que corresponde à quantidade do referente total e depois é marcado o dedo que indica a mão não dominante. Localizaram-se três referentes, sendo o primeiro deles o dedo indicador, enquanto que os demais se iniciaram pela contagem no polegar. Apesar do uso de um marcador evidente, os modos não manuais são usados. Essa listagem também pode ser detectada no trecho (15) e no link apresentado a seguir:

(14) IX(eu) PENSAR E(processo) E(depois) IX(eu) DEM(aquele) E(positivo) DENTRO ASSOCIAÇÃO CRIAR 1 PROJETO DENTRO ALFABETIZAR FS (agfabe) ALFABETIZAR IX(ele) COMO GRUPO ENSINAR VELHO GRUPO SURDO TER 2 DV(caminhar-diferente) BOIA-1 SURDO IDOSO MAIS APRENDER PALAVRA BOIA-2 SURDO E(pensar)// ADOLESCENTE ENSINAR LÍNGUA PORTUGUESA BOIA-3 SUPLETIVO IX(eu) COMBINAR3 IX(eu) BOIA--1 IX(indicador)) 1 MULHER IX(indicador) IDOSO ENSINAR BOIA-2 SUPLETIVO IX(eu) IRMÃ DEM(aquele) ENSINAR DEM(aquele) BOIA-3 IX(eu) GRUPO ADULTO LÍNGUA PORTUGUESA IX(eu) AMAR LÍNGUA PORTUGUESA E(então) GOSTAR ENSINAR E(então) BOIA (três-dedos) PROCESSO IX(você) IX(eu) VOLUNTÁRIO IX(eu) ESTUDAR E(acabar) IX(eu) E(então) DV(fazer-não-nada) IX(eu) DEM(aquele) IX(eu) ORGANIZAR IX(eu) AJUDAR COMEÇAR 45 PROCESSO ATÉ E(aumentar) 35 IX(eu) E(desesperar) E(positivo) SURDO TODOS SURDO ADULTO SURDO JÁ SABER LER LÍNGUA-DE-SINAIS PRECISAR E(aumentar) VOCABULÁRIO IX(eu) ENSINAR MAIS O-QUE ESTRUTURA COMO TEXTO LER IX(eu) TRABALHAR MAIS LER ESCREVER.

O tempo passou e foi criado um grupo de alfabetização dentro da associação de surdos. Nesse grupo eram pensadas estratégias para ensinar outros surdos. Havia três grupos: grupos de surdos idosos, que precisavam aprender palavras; surdos adultos, que precisavam da Língua Portuguesa escrita; e havia o terceiro grupo do Supletivo. Nós combinamos que uma das mulheres ensinaria os idosos, minha irmã ensinaria no Supletivo; eu ficaria com o grupo de adultos que aprenderia Língua Portuguesa. Eu adoro, então resolvi ensinar. Eu havia terminado meus estudos, não sabia o que faria, então resolvi ajudar a organizar estas ações como voluntária. Começamos com quatro, cinco alunos e fomos evoluindo até chegar aos 45 alunos! Nos sentíamos muito bem. Sim, todos os surdos que já eram alfabetizados utilizavam Libras, mas precisavam aumentar seu vocabulário. Eu trabalhava com esse grupo coerência nos textos da Língua Portuguesa, trabalhávamos leitura e escrita. Não trabalhávamos com morfologia, isso era feito por outro grupo.



**(16) PARECER IX (eu) COISA IX
 (eu) TER CARRO IX (eu) TER+
 TELEFONE TABLET COISA DEM
 (aqui) VALOR APAVORAR IX (valor)
 FS (valor) IX (eu) POSS (meu) LÍNGUA-
 DE-SINAIS IX (eu) VER IX (mão)
 DV (melhor-que) IX (mão)
 LÍNGUA-DE-SINAIS.**



TER CARRO



TER+ TELEFONE

Tenho diversos objetos de grande valor, como carro, celular e tablet. Mas quando penso na Língua de Sinais, essa sobrepõe todos esses objetos. A Língua de Sinais me ensina, eu aprendo e obtenho experiência.



9.3.4.4.3 causal

Como exemplo de relação lógico-semântica de consequência, apresentam-se as ocorrências da conjunção 'POR CAUSA', 'PORQUE' e 'COMO', cujo sentido principal é o causal. O uso dessas conjunções foi comum aos cinco textos analisados, conforme pode ser verificado a seguir.

**(17) IX (eu) CONSEGUIR ANDAR AUMENTAR DENTRO
IX (eu) BATALHAR+ DV (barreira-atras) NÃO IX
(barreira) QUEBRAR DV (demolir) CONSEGUIR E (vir)
NÃO PORQUE IX (eu) L1 IX(L1) PRÓPRIO LÍNGUA-
DE-SINAIS IX (eu) 2 DESCONTO BARREIRA ATÉ-
HOJE HOJE ATÉ-HOJE LÍNGUA PORTUGUESA LÍNGUA
PORTUGUESA SINAL IX (eu) BARREIRA.**

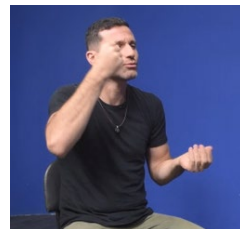


PORQUE

Eu cresci e desenvolvi minha sinalização. Observei a existência Da Língua Portuguesa Língua Portuguesa. Língua Portuguesa. A Língua Portuguesa parece uma parede, representando uma barreira. Parece uma barreira em preto que não me permite ver o outro lado. Na verdade, é um vidro que me permite ver a Língua Portuguesa. Língua Portuguesa Me permite ver, mas não acessar o outro lado. Eu consegui ver a Língua Portuguesa atrás da barreira. Eu golpeio essa barreira. Essa recua, assim consigo prosseguir. Golpeio novamente, ela não mais recua, desmorona, mas não consigo obter tudo. Porque minha primeira língua é a Libras. A segunda língua é menos utilizada, por isso gera barreiras. Ainda hoje tenho dificuldades em assimilar a palavra com o sinal. Pessoas da área ao me ver dizem que não tenho barreiras com a Língua Portuguesa, que sinalizo com liberdade. Por exemplo, ao fazer comparações, afirmando que sou melhor. Eu agradeço. Do meu ponto de vista, a Língua Portuguesa me traz algumas limitações. A Língua Portuguesa, para mim, se torna uma limitação na leitura. A Língua Portuguesa não é livre. Ele impõe algumas limitações.



**(18) COMEÇAR IX (eu) NASCER DV (segurar-bebe) MÃE
DV (segura-Rimar E (depois) MÃE DESCOBRIR IX(eu)
SEMPRE E(pequeno) E(então) MÃE// E(então) IX(eu)
SABER-NÃO COMO MÃE DV(segurar-Rimar) MÃE//
DV(bater-palmas)+ IX(eu) SURDO DESCOBRIR SURDO
PORQUE FAMÍLIA SURDO// TODOS E(então).**



COMO

Começou no momento que nasci, pois minha mãe já sinalizava. Depois de um tempo, minha mãe percebeu que eu era pequeno. Ela não sabia por que, até que me pegou no colo e bateu palmas. Foi assim que descobriram minha surdez, já que meus familiares são surdos.



Na subordinação, há indícios de uma relação de dependência entre duas ou mais orações sinalizadas, sendo que uma oração subordinada abarca função sintática a outra, tida como oração principal, que é expressa pelo seu verbo. Os conectivos são ‘POR’ ‘CAUSA’, ‘PORQUE’, ‘O QUE’ e ‘COMO’.

9.3.4.4.4 temporal

As relações de consequência e de tempo (95) também incidem no léxico-gramatical com vínculo das sentenças no discurso podendo, a exemplo do que foi dito das relações de conjuntivas anteriores, estabelecer sentidos diversos. As conjunções causais e temporais, como significado de sucessão (quando um evento sequencia o outro) e simultaneidade (quando eventos/atividades podem coocorrer), estão presentes em praticamente todos os textos que constituem o corpus de análise. ‘PASSADO’ e ‘FUTURO’ são bastante recorrentes. Na sequência aqui escolhida e intitulada “cultura surda”, indicando relações entre eventos e atividades que a sequenciam na construção do discurso. As relações lógicas de tempo podem ser expressas por variedade de formas, especialmente por aquelas associadas aos processos e participantes, manifestando duração ou localização temporal. É importante registrar que as conjunções temporais ‘PASSADO’, cujo significado é antes, e ‘FUTURO’, significando depois, são analisadas pelo sentido coesivo que mobilizam no enunciado sinalizado e não apenas pela maneira como podem emoldurar ou circunstanciar o processo. Essas conjunções temporais também funcionam como sequenciadores discursivos, com disposição fórica, como se constatou na passagem (20) e (21).

(19) TER PRÓPRIA E(movimentos) LÍNGUA DE SINAIS IGUALMENTE COSTUME PRÓPRIA GERAÇÃO SURDA PERCEBER-PERCEBER CONSTRUIR CONSTRUINDO IX (ele) SURDA CONTATO-CONTATO CONSTRUINDO CONSTRUIR POR CAUSA COMUNIDADE SURDA TER SURDA SURDA-PRÓPRIA SURDA DEM (este) COMUNIDADE TER O-QUE SURDA PRÓPRIA MOSTRAR COMO PASSADO FUTURO EXPRESSAR-EXPRESSAR TER SURDA HISTÓRIA NARRATIVA E(olhar) HISTÓRIA NARRATIVA ACONTECER ORALIZAÇÃO AUDISMO OPRIMIR INTERAÇÃO REFLETIR COMO FUTURO PRÓPRIA POPULAR SURDA CONVERSACÃO CULTURA SURDA VALORIZAÇÃO PORQUE SURDA APROPRIAR EXPRESSAR-EXPRESSAR SIGNIFICADO IX(ele) CONVIVER APRENDER AJUNTAR COMUNIDADE SURDA.

A natureza gestual-visual é algo inerente aos surdos, bem como a percepção visual e o contato entre os seus pares, possibilitando a sua construção enquanto sujeitos. Por isso, a comunidade surda abarca toda essa cultura, sustentando a representatividade e trajetória desse povo. Há surdos que relatam a questão do oralismo, a intensa opressão sofrida. Em meio a essas reflexões, apontamentos futuros são traçados com vistas a constante valorização da cultura surda e o engajamento em sua comunidade.



(20) IX (eu) DV (assustar) IX (eu) ASSUSTAR É FAZ-TEMPO E (hora PERÍODO É DV (comunicação-total) DEM (aqui) ORALIZAR ASSUSTAR IX (eu) EM-PÉ ESTUDAR SALA IX (eu) VER SURDO INVENTÁRIO LÍNGUA-DE-SINAIS FS (bem) NÃO.



FAZ-TEMPO PERÍODO

Ele falava oralmente, assustava-me, isso ocorreu há tempos quando se usava a comunicação total. Me assustava com o oralismo. De pé na sala de aula, vi um surdo, este não sinalizava bem.



9.3.4.5 Coesão lexical

O modelo de Halliday e Hasan (1976) subdivide a coesão lexical em reiteração e colocação. A coesão lexical por reiteração pode ser explanada em várias formas e tem sido analisada em sequências tipológicas em textos sinalizados produzidos por surdos e ouvintes. Será que o sinalizante a produz como uma estratégia textual? Aqui serão analisados textos sinalizados pela abordagem descritiva-interpretativa. Os registros dos sinais estão apresentados na tabela a seguir e no QR Code.


Foram analisadas algumas denominações usadas no texto em Libras sobre cultura surda e dois relatos de experiências. É importante ressaltar que as construções das sentenças são formadas por léxicos, permitindo combinações e associações a nível estrutural e contextual da língua. Escolhidos esses elementos, verifica-se, a seguir, a rede coesiva no texto sinalizado 1.

Por enquanto, a coesão lexical é um processo que atua por contiguidade semântica e manifesta marcas textuais de qualidade sintático-semântica (HALLIDAY; HASAN, 1976). Pode-se analisar essa coesão por reiteração, em que há repetição de dois elementos, mesmo que não tratem exclusivamente do mesmo domínio, como em INCLUSÃO, EXCLUSÃO E NÃO-RELAÇÃO (HALLIDAY; HASAN, 1976, p.283). Nas designações referentes ao elemento COMUNIDADE, verifica-se no texto sinalizado a função praticamente exclusiva da reiteração por meio da repetição. Para CULTURA SURDA, a reiteração está como sinônimo, visto que é provável que o sinalizante tenha usado com a intenção de não ser repetitivo, existindo relação gramatical-espacial pelo locus, especificidade esta das Línguas de Sinais. Quando o sinalizante expõe o texto, não há carência ou redução de vocabulário, visto que se trata de uma língua natural. Segundo Halliday e Hasan (1976, p. 282) presume-se uma ideia de inclusão, ou seja, OUVINTE inclui OUVINTE. Por isso, há um conector para os léxicos SURDO e SURDO, TER e TER, POR ISSO e POR ISSO.

A coesão lexical é um efeito coesivo que funciona pela seleção de um item vocabular para descrever algum texto que produza relação de sentido. De acordo com Halliday e Hasan (1976), uma palavra é reiterada no contexto por sua simples repetição, por uma palavra sinônima ou equivalente ou, ainda, por hiperônimos e hipônimos. Pode-se observar que o pesquisador associa os três sinais por conceber que partem do mesmo conjunto. O efeito coesivo do tipo lexical, incluindo os termos DESCENTE, GERAÇÃO, MULTIPLICIDADE, corrobora para o caso da coesão lexical em colocação. Os itens LÍNGUA, FALANTE, INGLÊS possuem relação semântica pela ideia de comunicação que constroem no texto. Consoante a Halliday e Hasan (1976), existe um efeito coesivo entre os itens lexicais que têm grande possibilidade de coocorrerem no mesmo ambiente linguístico. Isso significa que em um texto que apareça a expressão CULTURA SURDA, por exemplo, é provável que também haja ocorrências de sinais como E (olhos), PERCEBER-VISUAL, ESPAÇO, PERCEBER-PERCEBER, por possibilidade de colocação. Halliday e Hasan (1976)

sugerem, no tipo por colocação, a questão da complementaridade pela classificação de Lyons (1977), revelando que palavras teoricamente antônimas possam ser coesivas. De fato, em um texto em que apareça o sinal CULTURA POPULAR, é provável que também se verifique o sinal CULTURA ERUDITA, clássico exemplo de antonímia. Quando realizada a análise linguística neste texto sinalizado, certifica-se a reiteração dos itens hiperônimos, ESTADOS UNIDOS NORTE-AMERICANO.

CULTURA SURDA – TEXTO SINALIZADO 1

Elemento sinalizado	Tipo de relação
<p>(21) O-QUE BOIA-1 LÍNGUA BOIA-2 ACREDITAR BOIA-3 ARTES BOIA-4 FS (moral) BOIA-5 COSTUME COMUNIDADE IX (ele) COMUNIDADE PROPRIA SOCIAL DEIXAR DIVIDIR INTERAÇÃO COMUNIDADE DIVIDIR INTERAÇÃO COMUNIDADE INTERAÇÃO DEM (isto) COMUNIDADE IX (eles) COMUNIDADE PRINCIPALMENTE BOIA-1 LÍNGUA BOIA-2 COSTUME.</p> <p><i>Língua, crenças, artes, moral e costumes são eixos que compõem uma comunidade, independentemente de qual ela seja. A língua e os costumes são primordiais.</i></p>	<p>Reiteração por repetição. Coesão colocacional.</p> 

(22) PRINCIPALMENTE É PONTOS PRINCIPAIS POR CAUSA SI IX (vocês) PERGUNTAR-ME COMO DEM (lá) ESTADOS UNIDOS NORTE-AMERICANO COMO.

Principalmente em função desses aspectos. Por isso, se vocês perguntarem a mim como acontece nos Estados Unidos da América.

**Reiteração por repetição.
Reiteração por hipônimo.**



(23) RESPONDER DEM (lá) TER LÍNGUA DEIXAR BOIA-2 COSTUME DEIXAR TER INFERÊNCIA O-QUE DEM(LÁ) DIZER FALANTE INGLÊS BOIA-2 COMER FAST-FOOD COMER-COMER MAS IX (nós) PODER-NÃO ESQUECER TER DEM (lá) COMUNIDADE CULTURA APENAS TER MAIS PONTOS PRINCIPAIS.

Respondendo, a comunidade de lá possui sua língua, que seria o Inglês, seus costumes, que poderia ser o consumo de fast food. Todavia, não podemos esquecer que essa cultura é contemplada por muitos outros aspectos.

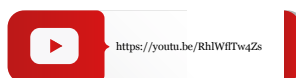
(24) CULTURA O-QUE CULTURA É COMUNIDADE COMPLEXO TER PONTOS PRINCIPAIS MAS COMO AQUISIÇÃO BOIA-2 COMO DESENVOLVER COMO CULTURA DESCENDENTE.

Cultura é um complexo conjunto de aspectos que se precisa pensar em como adquiri-la, em como desenvolvê-la, em como disseminá-la.

**Reiteração
por repetição.
Coesão colocacional.**



**Reiteração
por repetição.**



**(25) PORQUE IX (nós) INFERÊNCIA DEM
(este) CULTURA ERUDITA DEIXAR PROPRIA
ESPECIFICO GRUPAR CAPITALISTA SOCIAL
AS CULTURA VARIEDADE LIVRE INTERAÇÃO
DESCENDENTE GERAÇÃO MULTIPLICIDADE
LÍNGUA EXPRESSAR-EXPRESSAR INTERAÇÃO
MAS CULTURA MUDANÇA PORQUE ATRÁS-
PASSADO HISTÓRIA ANO-DURANTE MAS
MUDANÇA PORQUE CULTURA CONTATO-
CONTATOCULTURA INTERAÇÃO MUDANÇA
PORCAUSA IX (nós) OLHAR COMUNIDADE
SENTIR DIFERENTE TER OUTRA VALORIZAÇÃO
INFERÊNCIA DIFERENTE POR CAUSA RETRIBUIR**

IX (nós todos)

Isso porque nós concebemos que determinada cultura é erudita por se tratar de um grupo socioeconômico específico. Contudo, a cultura é livre por promover a interação e a disseminação entre gerações, possibilitando que a língua seja incansavelmente expressa. A cultura também é passível de mudanças, pois ao longo do tempo, diversos contatos foram sendo estabelecidos. Assim, ao observarmos que uma comunidade possua, aparentemente, outros valores, e seja diferente, é necessário que adentremos a ela.

**(26) É PRÓPRIA NATURAL É INTERAÇÃO SOCIAL
CONVERSAÇÃO AQUISIÇÃO, MAS INFERÊNCIA
NÃO SEPARAR CULTURA POPULAR ESPAÇO
CULTURA ERUDITA E (negação).**

É natural que a sociedade como um todo interaja, mas é preciso ressaltar que a intenção não é separar a cultura popular da cultura erudita.

Colocação.



Colocação

**Colocação por
antônimo**



9.4. A coerência do texto sinalizado

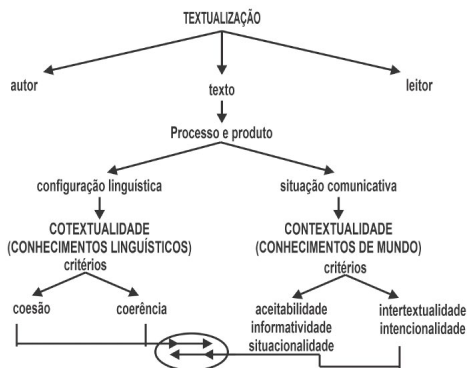
9.4.1 O que é coerência?

Fundamentando a compreensão do que é o texto, existe desenvolvido o conceito de textualidade. Antunes (2010, p. 29) ressalta que “a característica estrutural das atividades sociocomunicativas”, de acordo com a autora, é importante qualquer função comunicativa, a comunidade surda demonstra necessária linguística a característica da conformidade textual.

Segundo a autora, a relação tem sentido a relação manifestação da atividade comunicativa – é a textualidade–, qualquer língua ou linguagem, qualquer situação de interação verbal. Na comunidade surda, no momento alguém abre as mãos para sinalizar começar um texto. É interessante a pesquisa da conformidade textual.

Tem-se na literatura sobre a Linguística do Texto, a proposta de Beaugrande e Dressler (*apud* Val, 2006, p.10), que definem um conjunto de sete princípios ou critérios fundamentais para se considerar um texto, designando-os como critérios de textualidade – coesão, coerência, aceitabilidade, informatividade, intencionalidade, intertextualidade e situacionalidade, cuja explicitação subjaz a ideia de que a produção textual é um evento comunicativo em que convergem as ações linguísticas, cognitivas e sociais.

Figura 12: Critérios gerais da textualidade proposto por Beaugrande e Dressler (1981, *apud* Marcuschi, 2008, p.96).



Os critérios da textualidade expõem como rico é um texto em seu potencial para conectar atividades sociais, conhecimentos linguísticos e conhecimento do MUNDO (BEAUGRANDE e DRESSLER, 1981).

Embora seja o critério de coesão aquele que nos interessa explorar nesta tese, uma vez que é responsável pela conexão entre as partes e as ideias do texto que se dá por mecanismos gramaticais e lexicais, referir-mo-nos também, em seguida, ainda que muito resumidamente, aos outros fatores mencionados, seguindo Koch (2014, p. 35-47) e Val (1999, p. 10-16).

9.4.2 Que funções tem a coerência do texto?

A coesão refere-se ao modo como os elementos linguísticos se organizam e interligam ao nível da superfície textual para formar a tessitura que define o texto, enquanto corresponde ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual permitem veicular sentidos, sendo, nesse âmbito, responsável pela produção de sentido para o texto. Outra propriedade considerada é a situacionalidade, que diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre, tanto do ponto de vista da sua adequação à situação comunicativa como no que diz respeito aos reflexos que podem ter sobre a própria situação comunicativa, como demonstrado na situação textual-discursiva⁸ (27).

Definindo o critério da informatividade, os autores consideram que ela se relaciona com a capacidade informativa do texto, ou seja, com o grau de novidade e previsibilidade contidas em um texto, o que provoca, em consequência, maior dificuldade ou facilidade na compreensão do texto, por exemplo sinalizado corpus (28):

**(28) E (vir) IX (eu) DV (fazer-careta) IX (eu) DV
(em-frente) IX (eu) OBRIGAR IX (eu)// DV (muito-
perto) FS (oi) FS (tudobem) E (esperar) NENHUM
IX (eu)+ ASSUSTAR DIFERENTE IX (eu) CASA
FAMÍLIA I(você) LÍNGUA-DE-SINAIS E(acabar)
BOM+ IX (você).**



Ele se aproximava, ficando em minha frente, com essa feição. Ele ficava realmente muito próximo a mim, falando muito perto de meu rosto. Eu ficava assustado, era diferente. Em minha casa todos os familiares sinalizavam. Ele falava oralmente, assustava-me, isso ocorreu há tempos quando se usava a comunicação total.

Por sua vez, a *intencionalidade* diz respeito aos objetivos intencionados pelo locutor no ato comunicativo, traduzindo-se no empenho em produzir uma manifestação linguística que seja coesa e coerente. Como contraparte da *intencionalidade* surge a *aceitabilidade*, que se refere à expectativa do receptor de que o texto tenha coerência e coesão, além de lhe ser útil e relevante, o que implica cooperação entre os interlocutores, pois quem produz um texto tem sempre a intenção de que este seja compreendido, e quem recebe espera que o mesmo faça sentido, por exemplo, corpus sinalizado (29):

⁸ Discussões dessa natureza serão abordadas no material denominado Gramática da Libras (prelo). Trata-se de uma coletânea em e-books organizada por Ronice Muller de Quadros pela Universidade Federal de Santa Catarina.

(29) E (acabar) IX (eu) PRIMEIRA-VEZ EM-PÉ ESTUDAR É ESTUDAR PRÓPRIO É SURDO DEM (aqui) E(esperar) FAZ-TEMPO E(hora) PERÍODO PASSADO DEM (aqui) 1985 POSTERIORMENTE TER-NÃO BILÍNGUE INCLUSÃO COISA É ESTUDAR SURDO DEM (aqui) IX (eu) COMEÇAR IX (eu) DESENVOLVER DEM (aqui) DURANTE ATÉ OITAVA-SÉRIE E (depois É INCLUSÃO LIVRAR MISTURAR DEM (aqui) ANTES IX (eu) NENHUM TER-NÃO PERFEITO METODOLOGIA PERFEITO ANTERIORMENTE E (então) CLARO NÃO.



Primeiramente, estudei em uma escola própria para surdos. Esse período foi a partir do ano 1985. Não existia o bilinguismo, tão pouco a inclusão. Era uma escola para surdos. Comecei a me desenvolver ali, até a oitava série. Posteriormente, surgiu a inclusão com sua mescla e independência. Anteriormente, não havia um método perfeito. Anteriormente, claro que não.

Finalmente, a *intertextualidade* é definida como a propriedade que manifesta a relação entre um texto e outros textos que já fazem parte do universo de conhecimento do interlocutor, tornando o processo de reconstrução plena do texto dependente do conhecimento de outros textos. Demonstramos um exemplo a relação de intertextualidade:

Figura 13: A relação de intertextualidade Monalisa⁹.



⁹ Fonte: Disponível em: [Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/682013937294567244/](https://br.pinterest.com/pin/682013937294567244/)

Mesmo em uma abordagem sumária como esta, dá para evidenciar que um texto sinalizado não se constitui apenas de elementos gramaticais e lexicais no conhecimento linguístico, mas inclui também outros aspectos da linguagem, constituindo-se em um texto multimodal.



Gêneros Textuais Em Libras

Bruna Crescêncio Neves – IFSC
Rodrigo Custódio da Silva – UFSC
Rachel Sutton-Spence – UFSC

10 GÊNEROS TEXTUAIS EM LIBRAS

10.1 Níveis de (in)formalidade em Libras

Rodrigo Custódio da Silva

É fundamental para os sinalizantes tomarem conhecimento dos inúmeros recursos da Libras para que a sua sinalização possa se tornar mais fluida e eficaz. Um dos recursos linguísticos em Libras é o nível de (in)formalidade, conforme demonstrado por Silva (2013, p. 31) em sua pesquisa de mestrado sobre os níveis de formalidade em Libras. O autor observa que “[...] toda a língua possui recursos que possibilitam seus usuários a utilizarem a linguagem de maneira formal e/ou informal”.

É possível observarmos que um número considerável de sinalizantes acha que a Libras informal deve ser evitada em qualquer situação comunicativa. Para evitar o espalhamento dessa perspectiva equivocada sobre a necessidade de excluir a Libras informal, Silva (2013, p. 31) defende que:

Os registros podem variar entre pessoas, entre contextos e características de uso, independentemente da língua usada (Língua Portuguesa, Inglês, Francês), da modalidade dessa língua (língua falada ou sinalizada), do gênero do usuário (homem ou mulher), da faixa etária desses usuários, de seu *status* social e, até mesmo, independentemente, do dialeto empregado. O usuário da língua tem a possibilidade de variar sua produção de acordo com a formalidade ou a informalidade do contexto em que está inserido.

O uso inadequado de recursos linguísticos pode causar uma impressão estranha, por exemplo, o que pode acontecer quando o sinalizante usa uma linguagem informal no contexto mais formal? Um exemplo que talvez possa responder a essa questão seria compartilhado por Leite (1999, p. 96) que afirma: “Então, a informalidade [...] causa uma sensação de proximidade e cumplicidade entre falante e ouvinte e parece tornar a informação irrelevante”. Em situação contrária, de acordo com Preti (1998, p. 83), o uso da linguagem mais formal em contexto informal pode causar a “impressão de que [o locutor – adendo meu] deseja ser admirado pela sua produção linguística, com estruturação sintática mais elaborada e vocabulário menos comum”.

Com base em Preti (2003), apresentamos o quadro a seguir com as breves funções da Libras informal e formal.

Quadro 01: a comparação entre informal (menos tenso) e formal (mais tenso).

	INFORMAL	FORMAL
Comportamento linguístico	<p>Menos tenso: <i>A postura do locutor pode variar: relaxada, inesperada, emotiva, etc.; talvez menos preocupação de organizar gramaticalmente o discurso. [grifo meu].</i></p>	<p>Mais tenso: <i>A postura do locutor exige prudência (força consciente) e elaboração linguística e delimitação de expressões emotivas. [grifo meu].</i></p>

Fonte: Silva (2013, p. 55).

A comunicação humana sempre é influenciada pelas características do contexto social. A pesquisa de mestrado de Silva (2013) propõe 10 categorias de análise para verificar o grau de formalidade da Língua de Sinais em uso, a saber:

- *Espaço de sinalização:* no nível formal, a Língua de Sinais costuma usar um espaço de sinalização menor do que no nível informal, mas em algumas situações pode acontecer o contrário;
- *Mãos e dedos fora do enquadramento:* no nível formal, no caso da Libras videossinalizada, há uma tendência de manter as mãos e dedos dentro do enquadramento e evitar o movimento desses articuladores para fora;
- *Velocidade de sinalização:* no nível formal, a Libras costuma usar uma velocidade menor de sinalização comparada ao uso da língua no registro informal;
- *Soletrações manuais:* no nível formal, o número de

soletrações manuais geralmente é maior do que no nível informal;

- *Velocidade da soletração manual*: apresenta uma situação parecida com a de *velocidade de sinalização*;
- *Sinais com omissão de mão não dominante*: no nível formal, a Libras tem uma tendência maior de manter ambas as mãos juntas;
- *Expressões faciais*: no nível informal, as expressões faciais costumam ser mais produtivas do que no nível formal;
- *Movimento corporal*: apresenta uma situação parecida com a de *expressões faciais*;
- *Classificadores*: no nível informal, o uso de CL é maior em comparação com no nível formal; e
- *Parâmetros totalmente articulados*: no nível formal, a Libras costuma ser produzida adequadamente e mais organizada gramaticalmente.

Tanto Libras informal como Libras formal são valorizadas de forma igual, mas a consciência de variação estilística de Libras é importante para ajudar os sinalizantes a saberem como usar adequadamente os recursos linguísticos da língua dependendo do contexto social em que a comunicação é realizada. Como observa Silva (2013, p. 31), “ser proficiente na língua e saber adaptá-la nas mais diversas situações de comunicação em convívio social significa dominar a língua, isto é, saber empregá-la com propriedade”.

10.2 GÊNEROS TEXTUAIS EM LIBRAS

Rodrigo Custódio da Silva

Bakhtin (2011 [1979], p. 261-262) observa que todos os campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. O autor ainda evidencia que cada campo de utilização da língua desenvolve *tipos relativamente estáveis* os que denomina de gêneros do discurso.

Para entender melhor o significado de “estabilidade”, apresentamos as palavras de Lima (2009; 2014) e Nascimento (2016; 2017), que defendem que a ideia da estabilidade (ou seja, os *tipos relativamente estáveis*) está ligada à repetição.

Marcuschi (2010, p. 19) defende que os gêneros “contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia” e decorrem do uso cotidiano das pessoas na comunicação.

10.2.1 Gêneros textuais acadêmicos

Apresentamos alguns dos gêneros textuais em Libras que são mais comumente circulam na esfera acadêmica: resumo, resenha e prova.

10.2.1.1 Resumo

O *resumo* é considerado um dos gêneros da esfera acadêmica mais solicitados no campo escolar/universitário relacionado à Língua Portuguesa, por consequência, à Libras também.

De acordo com a ABNT/NBR 6028 (2003), o resumo se caracteriza como “[...] apresentação concisa dos pontos relevantes de um texto, fornecendo uma visão rápida e clara do conteúdo e das conclusões do trabalho”. As vantagens do resumo consideradas por Oliveira (2012, p. 108) são: reduz o texto sem implicações no conteúdo essencial; possibilita a participação ativa na aprendizagem; e economiza o tempo de pesquisa. Para fazer um resumo de forma eficaz, apresentamos as três estratégias de resumir/sumarizar, adaptadas de Kintsch e Van Dijk (1978) e Dijk (2013), que são chamadas de apagamento, generalização e (re)construção.

I) Estratégia de apagamento

É remover as palavras ou sinais desnecessários de frase ou texto. Porém, o resumidor deve prestar atenção na hora de remover as palavras ou sinais a fim de que não se prejudiquem o sentido frasal ou textual. Apresentamos um exemplo da estratégia de apagamento a seguir:

a) Frase original e completa:

O rapaz, tão jovem, trabalha muito bem na oficina mecânica. Ele consertou muitos carros por dia e os clientes ficaram satisfeitos com o serviço dele.

b) Frase resumida pela estratégia de apagamento:

O rapaz trabalha bem na oficina mecânica.

Nesse tipo de estratégia para se fazer um resumo, deve-se atentar àquilo que realmente é essencial à informação, fazendo-se o apagamento das informações acessórias. É importante observar que o exemplo acima (frase completa) pode ter diversas versões por apagamento, mas o que lhe é semanticamente relevante é o fato de que o rapaz trabalha, informação que não pode ser suprimida.

II) Estratégia de generalização

É reduzir/economizar as palavras ou sinais por meio do aspecto semântico, bem como vários elementos hipônimos podem ser substituídos por um único elemento hiperônimo. Apresentamos um exemplo da estratégia de generalização a seguir:

a) Frase original e completa:

A cozinheira colocou maçã, banana, abacate, mamão, abacaxi e laranja no liquidificador.

b) Frase resumida pela estratégia de generalização:

A cozinheira colocou frutas no liquidificador.

III) Estratégia de (re)construção

A estratégia de (re)construção é substituir uma sequência de proposições por uma única proposição que mostra o sentido global de fato. Apresentamos um exemplo da estratégia de (re)construção a seguir:

a) Frase original e completa:

No meio-dia, um ouvinte, filho dos pais Surdos, fez arroz com feijão, esquentou bife acebolado no micro-ondas que sobrou ontem e saladas, arrumou a mesa para colocar as comidas.

b) Frase resumida pela estratégia de (re)construção:

Um coda fez um almoço.

É importante os sinalizantes conhecerem as três estratégias de resumir/sumarizar para facilitar a organização de produção textual sobre um tema complexo, sobretudo no contexto acadêmico, em que é frequente a produção de textos do tipo resumo, que seja de livros, filmes (o professor pede os alunos para assistir a um vídeo de 15 minutos em Libras e fazer o resumo no vídeo de até 2 minutos nessa mesma língua), artigos científicos, entre outras possibilidades.

10.2.1.2 Resenha

Segundo a NBR 6028/2003 da ABNT, a resenha é caracterizada como um resumo crítico. Uma interessante questão de Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 19): quais são as duas características mínimas necessárias para que o texto seja considerado uma resenha? A resposta é seguinte:

1. Resumo
2. Comentário ou avaliação

É importante sabermos como construir uma boa resenha, Oliveira (2012, p. 113) considera que «o procedimento inicial de quem se propõe a criticar é estudar, analisar e conhecer bem aquilo sobre o que vai falar ou escrever.»

É comum encontrarmos as “resenhas” em Libras nas redes sociais em que os sinalizantes discutem sobre as políticas, por exemplo. No âmbito acadêmico, o gênero textual resenha é objeto de produção frequente nos mais diversos cursos de graduação, uma vez que o próprio fazer acadêmico requer a crítica, logo a aprecia-

ção de livros, filmes, artigos, teses, entre outras produções acadêmicas e culturais são sempre submetidas à apreciação crítica no contexto acadêmico. O exercício de resenhar é, pois, inerente ao fazer acadêmico.

10.2.1.3 Prova

Silva (2019) fez pesquisa em sua tese de doutorado sobre a prova como gênero acadêmico em Libras. O autor observa que a prova é um dos gêneros mais antigos na esfera acadêmica em Libras. A pesquisa da tese de doutorado de Silva (2019) analisou a estrutura da prova em Libras usada por várias instituições públicas, especialmente pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que é considerada pioneira no desenvolvimento das provas acadêmicas em Libras.

Apresentamos a estrutura da prova em Libras com base na pesquisa de Silva (2019):







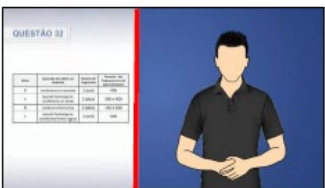

Imagem	Detalhes/discussões
	<p>Na tecnologia atual, é comum gravar vídeos em formato <i>widescreen</i> (16:9), esse tamanho parece ser ideal para a produção de gêneros em Libras videossinalizada por ter o espaço suficiente para movimentos manuais e corporais e para inserção de recursos visuais.</p>
	<p>Além da cor azul, o plano de fundo usado pelos vídeos do Vestibular UFSC 2019 parece ser mais estético: toda cor azul com um ponto central mais claro.</p>
	<p>O espaço de sinalização depende do plano do enquadramento. Se o enquadramento se caracteriza pelo formato <i>widescreen</i> (16:9), não é preciso restringir demais o espaço de sinalização para ambos os lados, quer dizer, pode movimentar as mãos até 10 cm depois dos ombros, o topo da cabeça e a região do “umbigo”. Vale lembrar que o espaço de sinalização pode ser influenciado por certos gêneros, por exemplo, em geral os gêneros literários são mais produtivos, portanto, talvez possa ampliar mais o espaço de sinalização.</p>
	<p>O ponto de localização de soletração manual parece ser recomendável na região do ombro ou um pouco mais para cima do mesmo. É muito importante prestar atenção a um detalhe: para soletrar, deve evitar a localização da mão direita no lado esquerdo, senão as CMs poderão se tornar menos legíveis.</p>

Imagem	Detalhes/discussões
	<p>O recurso visual <i>tema/assunto</i> fixo no canto superior e esquerdo é importante para garantir a identificação da cena, essa é uma das funções da especificação do assunto do <i>conteúdo temático</i>.</p>
	<p>Como a ordem de camadas do vídeo é responsável por tornar a informação mais destacada ou distraída. Considera-se a ordem de camadas dos vídeos do Vestibular UFSC 2019 como recomendável, pois todos os recursos visuais devem ser inseridos atrás do TA, exceto a legenda que deve ser colocada na frente do mesmo e na região do umbigo.</p>
	<p>Para inserir o recurso visual <i>imagem</i> e TA num único espaço, devem dividir em duas partes: uma para imagem e outra para TA. O plano de enquadramento em formato <i>widescreen</i> (16:9) é considerado ideal para esses componentes juntos paralelamente.</p>
	<p>Entende-se que a diferença de cores das camisas dos sinalizantes é importante para garantir a diferenciação da função de cada enunciado, por exemplo: a camisa vermelha refere-se ao texto citado e a preta refere-se ao texto geral.</p>

Fonte: Panorama elaborado por Silva (2019, p. 203-205).

A estrutura da prova apresentada acima é adotada pela maioria das instituições públicas nos últimos anos.

Silva (2019) observa que os gêneros textuais em Libras estão sendo desenvolvidos e vistos de forma mais visível devido à tecnologia acessível de registros, bem como Bakhtin (2011 [1979]) entende que a evolução dos gêneros do discurso (e gêneros textuais) está relacionada à história da sociedade e à história das atividades humanas (no uso da linguagem).

10.2.2 Narrativas, piadas e poemas

*Rachel Sutton-Spence*¹

As descrições dos gêneros literários, muitas vezes fazem uma distinção entre histórias e poemas – prosa e poesia (embora veremos que não seja fácil diferenciar entre os dois). Neste capítulo, destacamos algumas características de narrativas e poemas em Libras.

¹ Este capítulo apresenta um resumo de alguns capítulos do livro *Literatura em Libras* de Rachel Sutton-Spence (2021), publicado pela Editora Azul e reproduzidos aqui com permissão. O livro inteiro está disponível gratuito no link: www.literaturaemlibras.com

10.2.2.1 As narrativas visuais em Libras

Nesta seção, vamos explorar as narrativas fortemente visuais na literatura em Libras. Existem diversos gêneros de narrativa na tradição surda.

Na literatura em Libras, encontramos histórias de experiências verdadeiras (também chamadas de “Narrativas de Experiência Pessoal” ou NEP) ou traduções de histórias fictícias de textos em Língua Portuguesa, filmes ou outros meios visuais são bastante difundidas e, muitas vezes, contadas de uma forma altamente estética e divertida. Por outro lado, histórias imaginárias, sobre coisas imaginárias, que acontecem com pessoas que na verdade não existem, em lugares irrealis, são menos comuns em narrativas em Libras.

Histórias autobiográficas contadas em Libras, geralmente, contam sobre um evento escolhido na vida de uma pessoa. Embora a linguagem usada possa não ser especialmente literária, essas histórias são tão centrais para as tradições narrativas da comunidade surda que devemos colocá-las firmemente entre os gêneros da literatura em Libras. São de tanta importância que, às vezes, a expressão “narrativas surdas” significa esse tipo de história. Conforme Vieira-Machado (2008, p. 226), “Contar suas histórias, narrar suas lembranças e memórias fazem desses narradores, autores não só de si, mas de todos que são parte do coletivo que é o movimento surdo.” Nessas histórias, as pessoas surdas narram os eventos que aconteceram nas vidas delas. Embora possamos dizer que as narrativas da experiência surda sejam literatura surda de não ficção, original ou folclore, sua principal característica é o conteúdo sobre a “experiência surda”. As narrativas podem ter a forma de histórias em prosa, poemas ou teatro, porque a forma em que elas são contadas é menos importante do que o tópico que apresentam.

É importante que ao serem contadas pela pessoa sobre si ou sobre outra pessoa, tenham um protagonista surdo e que o que aconteça na história só possa acontecer a essa pessoa porque ela é surda, ou seja, a história não aconteceria com um ouvinte. Os tópicos incluem, entre outros, a infância, as experiências do trabalho e com viagens (especialmente sobre os encontros com outras pessoas surdas nessas viagens). As narrativas sobre os encontros com pessoas ouvintes frequentemente informam o público surdo sobre os desafios da vida sofridos pelas pessoas surdas e as maneiras de superá-los. Isso transforma as histórias de experiências particulares de uma pessoa em “Experiência Surda” de modo geral, por ser mesma realidade vivenciada por outros surdos também. Nelas, o protagonista pode ser qualquer surdo, com o qual o contador de histórias espera que o público possa se relacionar. O ponto importante é que os surdos contam essas histórias para que outras pessoas surdas possam se identificar com a experiência de vida de “alguém como eu”.

Embora muito da literatura em Libras tenha sua origem no folclore da comunidade surda brasileira, grande parte dela vem de fora e foi trazida por meio da tradução. Assim, podemos descrever um gênero de “Literatura em Tradução”. A

tradução da literatura de outras Línguas de Sinais para Libras ainda é incomum, embora existam alguns exemplos importantes. Quanto mais crescer o contato e a troca de ideias entre artistas de Língua de Sinais em diferentes comunidades surdas, mais essas traduções aumentarão.

Muitos textos traduzidos na Literatura em Libras vêm de textos escritos em Língua Portuguesa. Eles são frequentemente voltados para a Educação. Existem várias histórias infantis que fazem parte do folclore da sociedade ouvinte e são traduzidas para Libras, e há também versões de histórias clássicas adaptadas como parte do processo de tradução com o objetivo de incluir personagens surdos e a Libras. As adaptações são recentes e, no passado, algumas pessoas não achavam certo alterar textos, preferindo respeitar a forma original deles. No século XXI, no entanto, algumas traduções em Libras acrescentaram adaptações.

Uma terceira origem da literatura sinalizada que está fora da comunidade surda é da tradução de filmes. Bahan (2006) propôs uma categoria de histórias de ASL baseadas em filmes e essas histórias também são populares em Libras. São traduções dos filmes, mas ao invés de serem realizadas entre duas línguas, elas partem de um sistema visual (a “gramática” do filme) para outro sistema visual (a língua – Libras). O conteúdo das histórias cinematográficas vem do filme (de modo que raramente descrevem a experiência específica do mundo surdo, embora os surdos possam compartilhar essa experiência), mas quem conta em Libras escolhe aqueles de ação que possibilitam a melhor recontagem visual, porque há pouco diálogo e muito movimento. A habilidade de tradução nessas histórias reside na maneira de reproduzir o impacto visual do filme em Libras por meio de classificadores e incorporação, por exemplo.

Infelizmente, as histórias de ficção originais criadas por surdos e contadas em Libras, sobretudo para crianças mais novas, são poucas. Para incentivar esses pequenos a desenvolverem sua própria criatividade em Libras, precisamos de mais histórias originais para complementarem as traduções. Sabemos que é difícil para muitos adultos surdos criarem essas histórias (mesmo aqueles adultos que contam histórias tradicionais em Libras fluente, muito visual e atraente às crianças surdas) quando esses também cresceram com apenas livros de autores ouvintes como seus modelos de literatura.

As crianças mais novas precisam de histórias originais em Libras com sinais simples para acompanharem a literatura. Elas gostam de magia, antropomorfismo de animais e gostam de rir de situações inesperadas ou incongruentes. Uma coleção de narrativas didáticas curtas² mostra essas características. É importante para a criança surda ver personagens surdos nas narrativas originais em Libras. Isso cria empatia com contextos com os quais elas podem se identificar. Elas também gostam de ver histórias com desafios a serem superados pelo personagem surdo.

² Literatura Didática em Libras, disponível em: <https://vimeo.com/showcase/6241328>.

10.2.2.2 Como criar as narrativas

Os artistas têm ferramentas diferentes para apresentar imagens visuais e pelo vocabulário de Libras, pelos classificadores e pela incorporação. Stephen Ryan foi um contador de histórias e pesquisador americano surdo. Ele criou uma lista de sugestões para se criarem narrativas fortemente visuais em ASL (Ryan 1993), mas elas também são relevantes para a literatura em Libras.

“Criar personagens descrevendo sua forma e seu comportamento.” A descrição da aparência física dos personagens em Libras é uma forma de arte em si. Cria uma imagem agradável e clara destes, de modo que quando o narrador os incorpora ao longo da história, o público vai tendo uma ideia mais concreta sobre o caráter deles.

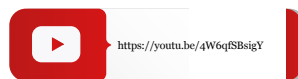
Normalmente, um contista apresenta os sinais que descrevem visualmente uma pessoa na direção de cima para baixo e, nessa ordem, cria um movimento suave. Fábio de Sá, por exemplo, apresenta primeiro o cocar do menino Curupira, depois os dentes, em seguida o peito, a saia e, finalmente, os pés virados. Quando ele introduz o caçador, os sinais também passam do chapéu na cabeça para o bigode no rosto, a bandoleira carregada de balas no peito e as armas no cinto. A história A Formiga Indígena Surda, de Marina Teles, começa com o sinal formiga na testa, depois vem a descrição dos olhos, da boca e das penas frontais no peito, antes de baixar um pouco as mãos para mostrar a formiga passeando na selva.



O curupira



A formiga indígena surda



As narrativas que não têm uma descrição dos personagens, falta um elemento visual esperado em Libras. Todavia, uma descrição excessiva pode criar uma história menos atraente, porque a ação demora para acontecer. Devemos notar também que a descrição cuidadosa é valorizada na narração de histórias, mas muitas vezes, é dispensada na poesia, para a qual a brevidade é importante.

“Não utilizar muita soletração manual.” As narrativas de Libras são especialmente valorizadas pela criação de imagens altamente visuais que usam recursos como classificadores e incorporação. A sequência das letras soletradas não cria uma imagem do referente e essa é uma razão para não se terem tantas soletrações.

O ritmo suave de um texto em Libras é muito importante, e o ato de soletrar acaba mudando o ritmo dos sinais, uma vez que as regras da estrutura da palavra são muito diferentes dos sinais não soletrados. Os textos literários educacionais e as narrativas de experiência pessoal, contudo, podem ter mais soletração do que os textos culturais cujo objetivo principal é a diversão.

Muitos contos e outras histórias na Língua Portuguesa usam nomes de pessoas. Em Libras, podemos soletrar esses nomes e os de locais, mas isso acontece pouco em histórias literárias. Sabemos que há sinais na comunidade surda para identificar as pessoas e que cada membro da comunidade tem seu sinal particular. Alguns personagens ficcionais nas histórias escritas também têm sinais por meio da tradução para Libras. Branca de Neve, Peter Pan, Harry Potter e Cinderela têm seus próprios sinais em Libras, que são importantes especialmente para os títulos das histórias. Com certeza, o uso do sinal de identificação é culturalmente mais adequado numa história em que há soletração, mas a cultura e a literatura surdas costumam usar pouco os nomes. Se utilizados, servem, por exemplo, para identificar uma pessoa que não está presente, mas, fora isso, são pouco usados. Em muitas narrativas em Libras, os nomes simplesmente não importam.

“Pode-se aumentar, dramatizar ou exagerar os personagens.” Essa dica de Ryan mostra a importância de se criar uma imagem forte na contação das narrativas. Em alguns contextos, não é adequado aumentar ou exagerar os personagens e uma boa contadora (ou um bom contador) de histórias sabe quando fazer, ou não, isso. As crianças gostam do exagero e as histórias infantis, muitas vezes, geram sinais aumentados. A descrição é frequentemente exagerada para atrair as crianças. Também vemos, nas narrativas humorísticas ou assustadoras direcionadas para um público sem especificação de idade, que o narrador pode aumentar e dramatizar as descrições das personagens para intensificar as emoções do público. O uso dos elementos não manuais é muito importante no exagero. A expressão facial, a abertura dos olhos, os movimentos do corpo, todos geram imagens visuais fortes e emoções intensas quando aumentadas.

“Usar o corpo tanto quanto as mãos.” Esse lembrete faz muita diferença nas histórias. Já vimos, em muitas passagens deste livro, que as imagens visuais ficam mais fortes com a incorporação dos personagens. As informações verbais estão nos sinais manuais e as proposições são raramente feitas além das mãos, todavia a parte emocional fica fora delas. O olhar do narrador sobre as mãos cria um efeito no público, convidando-o a assistir às mãos da mesma maneira. Além disso, os olhos criam um efeito de espaço e dão coerência à história por intermédio da direção do olhar (veja mais sobre isso na seção seguinte). A abertura dos olhos mostra as emoções por incorporação dos personagens e o narrador pode usar essa parte do corpo para sugerir as emoções que ele quer gerar no público.

A boca é, muitas vezes, “esquecida” por novos contadores. Talvez eles articulem apenas as palavras da Língua Portuguesa, mas quem estuda cuidadosamente

a boca nas narrativas e nos poemas em Libras vai perceber que as informações que ela carrega são riquíssimas, tanto nas incorporações dos personagens quanto nas emoções apresentadas pelo narrador. Além dos olhos e da boca, Ryan fala do “corpo”, que pode incluir o tronco e os ombros. Quanto mais a narrativa se aproxima das técnicas teatrais, mais veremos o uso do peito, dos ombros, do tronco e até das pernas e dos pés.

“Usar o espaço de forma clara, mostrando o espaço do mundo das personagens.” Quando olhamos para uma imagem, esperamos que as coisas sejam dispostas em uma ordem coerente, geralmente que esta represente a disposição dos objetos no mundo real. Quando assistimos a um filme, esperamos a mesma coisa, que ele seja coerente, porque estamos acostumados à gramática dos filmes. Por exemplo, imagine um filme em que esposa e marido conversam em um carro. A esposa está dirigindo e o marido é o passageiro. Esperamos que a motorista olhe (brevemente!) na direção do passageiro e este olhe para a motorista. Numa versão desse filme em Libras, mesmo que só possamos ver a esposa na incorporação pelo sinalizante, sabemos que ela está conversando com o marido porque ela olha para o lado direito; sabemos que o marido está falando com ela porque ele olha para o lado esquerdo. Se a motorista olhar para a esquerda enquanto estiver falando, ela estará olhando pela janela do carro, não para o marido. Isso cria um sentido visual perfeito em um filme. Também faz todo o sentido em uma narrativa em Libras, e os bons contadores de histórias cuidarão para que a interação com as pessoas deixe claro quem está olhando e conversando com quem.

Em uma obra cinematográfica, também, esperamos ver a mesma cena a partir de perspectivas diferentes. Podemos ver o carro de fora quando o casal entra nele, depois os dois dentro do carro e num outro momento ver apenas uma pessoa. Também é possível vermos o que eles veem quando olham para fora do carro. Todas essas coisas também são mostradas nas narrativas de Libras quando o contador faz a narração com uso dos classificadores e da incorporação. O narrador nos mostra onde estão os diferentes objetos e as pessoas, por meio de classificadores, e vemos como essas pessoas interagem com o espaço ao seu redor pela incorporação, especialmente pela direção do olhar³. Todos esses exemplos mostram a importância de se usar os classificadores e a incorporação cuidadosamente, com a disposição espacial correta, para se criar imagens visuais claras na literatura em Libras.

10.2.2.3 Piadas surdas em Libras

A piada é um tipo de narrativa de intenção humorística, brevíssima e, muitas vezes, que tem uma forma de repetição que se destaca em uma virada no final.

³ Nos países onde se dirige do lado esquerdo, tudo é ao contrário numa contação de histórias. Por exemplo, em BSL, o motorista olha para a esquerda numa conversa com o passageiro, porque os motoristas ingleses se sentam no lado direito do carro.

O conteúdo das piadas surdas e de outras formas de humor – como histórias engraçadas – baseia-se na experiência visual que os surdos têm do mundo. As pesquisas sobre humor mostram que boa parte dele é compartilhada internacionalmente e se espalha entre os surdos por meio de contatos pessoais e da internet. A estrutura, o conteúdo e a função do humor nas sociedades dos surdos e dos ouvintes são semelhantes, porque todos os seres humanos acham graça das mesmas coisas (BERGSON, 1983; RASKIN, 1985), mas o humor que se origina dentro de qualquer comunidade surda é influenciado pelo conhecimento de mundo e pela experiência surda (RUTHERFORD, 1989 para a ASL; SUTTON-SPENCE; NAPOLI, 2012 para a ASL e BSL; MORGADO, 2011 para LGP, a Língua de Sinais de Portugal; POL, 2014 para LIS, a Língua de Sinais italiana; KARNOPP; SILVEIRA, 2014 para Libras).

O humor surdo é o humor feito pelos surdos, destinado aos surdos ou que trate sobre eles e, muitas vezes, apresentado em Libras. Provém da cultura e da história surda; frequentemente é político, acentuando a relação entre a comunidade surda, minoritária e oprimida, e a comunidade dominante ouvinte, que exerce uma relação de domínio sobre a experiência dos surdos (BIENVENU, 1993; POL, 2014; KARNOPP; SILVEIRA, 2014). Não obstante, sinalizantes que contam piadas ou histórias jocosas que criam tal humor, com frequência não têm nenhuma intenção política explícita. As piadas surdas ajudam a dar suporte às identidades linguísticas, social e cultural dos surdos ao se referirem à Libras e à cultura surda. A identidade linguística de um surdo é resultado de sua experiência com a Libras, também com a Língua Portuguesa escrita e falada (STROBEL, 2008), e muito do humor surdo ou faz referência à Libras, ou é contado em Língua de Sinais. A identidade social dos surdos é baseada no senso de pertencimento (ou não) à comunidade surda, e o humor surdo ensina os surdos a pertencerem à sua comunidade e a se comportarem dentro dela, reforçando e desafiando os seus comportamentos. A identidade cultural surda vem do conhecimento que uma pessoa surda tem do mundo e da experiência dos surdos (BAHAN, 1994), portanto as piadas e histórias jocosas que descrevem a experiência e o conhecimento de mundo dos surdos contribuem para esse humor.

Os surdos riem do humor visual em particular (SCHALLENBERGER, 2010) e com frequência acham graça no humor de sua comunidade local ouvinte quando esse é acessível visualmente. Mas nem todas as piadas dos ouvintes traduzidas para Libras divertem os surdos. Isso pode acontecer em função de um conhecimento cultural diferente, ou por expectativas divergentes com relação ao que define a graça de uma piada. Muitos surdos dizem preferir algo que seja engraçado ao longo de toda uma história do que uma piada que tenha graça apenas no ponto principal (em Inglês *punchline*). Quando piadas surdas e histórias jocosas em Libras são traduzidas para a Língua Portuguesa, o humor conceitual (baseado no conteúdo) pode ser traduzido, mas o público que tem acesso a elas pela tradução talvez tenha dificuldade de apreciar o que os membros da comunidade surda acham engraçado (MECKLER, 2007).

Precisamos lembrar que as pessoas frequentemente riem de piadas e histórias engraçadas porque o conteúdo delas é produzido por meio do uso cômico e espirituoso da Libras, mas o humor em Libras frequentemente vai além do vocabulário. Ele é apresentado por sinalizantes habilidosos por intermédio de uma produção incorporada para criar imagens altamente divertidas (KLIMA e BELLUGI, 1979; BOLDO e SUTTON-SPENCE, 2020; MORGADO, 2011). Ainda iremos explorar esse aspecto em outro capítulo, mas devemos lembrar que o humor surdo e o humor em Libras estão intimamente ligados.

Na base de boa parte do humor existe a incongruência. O humor apresenta alguma coisa incongruente, especialmente um “erro” que cria uma expectativa e, então, subverte ou contradiz algo. O público nota a contradição e tenta resolvê-la. As risadas que se seguem ocorrem quando encontramos a “lógica do absurdo” dentro da incongruência.

A teoria do humor de Martineau (1972) focava na ideia do uso do humor como uma maneira de se criar e manter uma identidade de grupo. Podemos aplicar as teorias de Martineau no humor surdo. Ele cria e mantém uma ideia de que os surdos são todos membros de um mesmo grupo, ou “nós”, que é às vezes, chamado de grupo interno. Pessoas que não fazem parte desse grupo são “os outros” e pertencem ao que pode se chamar de grupo externo. As piadas surdas dão apoio ao grupo interno surdo ao ensinar aos novos membros da comunidade as regras da sociedade surda e reforçá-las para os membros mais antigos. O humor surdo também pode provocar o grupo interno para expor os aspectos menos desejáveis da própria cultura surda, surdos que negam que são surdos ou rejeitam a herança cultural. Na cultura surda, o principal grupo externo, geralmente, é a sociedade ouvinte (BAHAN, 2006).

Embora muitos surdos não se considerem deficientes físicos, há piadas surdas com um cego, um cadeirante e um surdo como personagens⁴. A piada seguinte mostra a rejeição da deficiência física pela comunidade em geral ao debochar do modo como o surdo manipula a sociedade ouvinte que o trata como deficiente físico:

Um surdo, um cego e um cadeirante amigos estão juntos num bar. Eles reclamam que a cerveja está ruim e o bar está muito cheio. De repente, Deus entra no bar. Ele vê que eles estão infelizes, então vai até a mesa deles e diz ao cadeirante: “esteja curado!”. O cadeirante se levanta e sai correndo do bar gritando “estou curado! Glória a Deus!”. Deus então diz ao cego: “esteja curado!”, e o cego passa a ver, sai correndo do bar gritando “estou curado! Glória a Deus!”. Deus então se volta para o surdo, mas antes que

⁴ Essa piada tem uma estrutura tripartida, presente nas piadas de diversas sociedades. É importante notar que tais piadas não satirizam as limitações físicas de outros, tendo o comportamento do surdo como alvo.

possa dizer qualquer coisa, o surdo apavorado diz: “não me cure, por favor! Não quero perder meu passe livre de ônibus!”.⁵

10.2.2.3.1 piadas e humor surdos

As piadas surdas parecem se espalhar rapidamente pelo mundo, havendo versões diferentes da mesma piada, às vezes adaptadas, em muitas Línguas de Sinais diferentes (HESSEL, 2015). Muitas piadas surdas tratam de tópicos importantes para a comunidade, como problemas enfrentados por casais, encontros com médicos e outros profissionais em posições de poder (como intérpretes, professores e fonoaudiólogas) e viajantes surdos que encontram ouvintes e passam a perna nestes ou resolvem algum tipo de problema de alguma forma inusitada para os ouvintes.

Em muitas dessas piadas, o som e a fala são postos em oposição à visão e à sinalização. Piadas sobre desentendimentos e problemas de comunicação com ouvintes também mostram o lado visual da vida dos surdos. Ouvintes que mostram sua ignorância acerca das necessidades dos surdos e surdos “pagando mico” ao tentarem se passar por ouvintes, são exemplos de conteúdos de piadas que satirizam o grupo externo e membros rebeldes do grupo interno. Piadas com esses temas com frequência também se voltam aos contrastes entre som e visão.

Karnopp e Silveira (2014) descrevem diferentes versões da piada do leão surdo, que existem não somente em Libras, mas também nas Línguas de Sinais de diversos outros países.

Observamos que essa piada tem uma estrutura de três eventos parecidos e a virada acontece no terceiro (como a piada acima). A piada mostra o contraste entre o que podemos esperar do comportamento de ouvintes e surdos (ou leões). Veja:

Um violinista vai para o campo para poder tocar sua música em paz. Um leão faminto se aproxima, mas apaziguado pela doçura da música, cai no sono. Outro leão se aproxima e o homem toca o mais suavemente possível, fazendo o segundo leão adormecer. Antes que o violinista possa escapar, um terceiro leão aparece. O violinista toca o melhor que pode, mas é comido pelo leão mesmo assim. O leão era surdo.

Essa mesma piada básica tem várias formas. Às vezes, não é um leão, mas um touro na arena, e o violinista é apenas arremessado pelo touro. Em outras versões, o violinista percebe que o leão é surdo e sinaliza para que ele durma ou o leão encontra um surdo com um intérprete e este é comido pelo leão, mas deixa o surdo fugir.

A piada surda clássica a da árvore surda tem muitas variantes. Apresentamos uma versão aqui:

⁵ Reproduzida de Sutton-Spence e Napoli, 2012. (tradução nossa).

Um lenhador corta uma árvore. Ele grita: “Madeira!” e a árvore cai. Um dia, ele corta uma árvore e grita: “Madeira!” mas ela não cai. Então, ele chama um médico, que faz alguns exames, relata que a árvore é surda e orienta o lenhador a aprender a Língua de Sinais. O lenhador vai à associação de surdos e aprende Libras. Depois, ele volta à floresta e soletra M-A-D-E-I-R-A, e a árvore cai.

Em outras versões, a árvore é cega e surda, por isso o lenhador precisa soletrar fazendo contato com o tronco para que ela caia. Em outra, o lenhador tenta fazer com que a árvore leia seus lábios pronunciando a palavra “madeira” e ao se inclinar para ver melhor sua boca, a árvore acaba caindo sobre ele.

Uma das piadas surdas internacionais mais famosas é, às vezes, chamada de “*A piada da lua de mel surda*”:

Um casal surdo em lua de mel está em um hotel. Eles ficam com fome e, então, o marido sai para buscar uma pizza. Quando volta ao hotel, já é tarde e todas as luzes estão apagadas. Por isso, ele não consegue se lembrar do número do seu quarto. Daí ele toca a buzina do carro. As luzes de todos os quartos se acendem, exceto de um. Assim ele sabe onde sua esposa está.

Essa piada básica que se apoia na ideia de ouvintes escutando um som inaudível para surdos tem uma gama enorme de variações.

Algumas piadas funcionam apenas em Libras e não em Língua Portuguesa, pois as mãos do sinalizante mostram como os personagens usaram suas mãos e o que sinalizaram. O exemplo mais conhecido desse tipo de piada é a do King Kong (ou do gigante), também contada nos EUA, na Grã-Bretanha, na França, em Portugal e em muitos outros países (para mais exemplos, RUTHERFORD, 1993; SUTTON-SPENCE; NAPOLI, 2009; MORGADO 2011; KARNOPP; SILVEIRA, 2014). Nessa piada, o gorila (ou gigante) está segurando uma linda garota na palma da mão e diz que quer se casar com ela. Em Libras (e em muitas outras Línguas de Sinais) o sinal casar envolve um movimento com as duas mãos, como uma batida de palmas seguida de uma mão segurando a outra. Assim, ele mata a moça por engano ao sinalizar.

Em resumo, vemos que as piadas contadas em Libras são um tipo de narrativa curta e humorística. O humor da comunidade surda é muito parecido com o humor dos ouvintes. Algumas piadas podem ser contadas igualmente em Língua Portuguesa ou em Libras, mas os tópicos muitas vezes trazem conteúdos que mostram os interesses dos surdos. Embora elas tratem de diversos assuntos, as piadas em Libras preferidas pelos surdos destacam a linguagem criativa e humorística.

10.2.2.4 Poemas em Libras

Uma definição simples do que é um poema em Língua de Sinais é: “a forma mais elevada de linguagem estética” em que a linguagem é tão importante quanto (ou ainda mais importante que) a mensagem. A linguagem poética em geral se desvia da cotidiana para que a própria língua se destaque no primeiro plano, aumentando seu poder comunicativo além do simples significado proposicional (LEECH, 1969). Infelizmente, essa definição nem sempre serve para identificar poemas, já que ela também serve para a literatura como um todo. Uma definição de prosa a identifica como a forma de uso natural da língua, com uma linguagem que não usa ritmo especial e que tem elementos lexicais e gramaticais cotidianos e comuns. Dito assim, parece que a prosa é qualquer tipo de linguagem que não é um poema. Mas, para essa definição ser útil, precisamos saber o que é um poema.

Cada sociedade tem sua própria ideia do que significa um poema e essa concepção pode variar. Podemos definir a prosa como o “não poema” e a poesia como a “não prosa” e, assim, entramos num círculo vicioso de definição. Ultimamente, não podemos separar os dois porque a distinção é artificial, mas vale a pena considerar a questão porque, ao definirmos seus conceitos, começamos a ver com mais clareza os elementos da poesia e da prosa em Libras.

Lembramos que o conceito de gênero é social e baseado nas convenções de uma comunidade. Os conceitos dos gêneros poesia e prosa não devem ser iguais nas línguas orais e escritas (como em Língua Portuguesa ou Inglês) e nas Línguas de Sinais (como Libras ou ASL). Além disso, um poema em ASL também não deve ser igual a um poema em Libras. No entanto, podemos usar ideias já desenvolvidas na literatura escrita e na análise de poemas em ASL para investigar o conceito de poesia em Libras.

As comunidades surdas têm uma longa tradição de narrativa em prosa, mas os textos que hoje chamamos de poemas só passaram a existir nos anos 70 ou 80 do século XX nos EUA (ROSE, 1992). A tradição de poesia em Libras é nova e, provavelmente, começou apenas no final dos anos 90. Porém, não importa que essa tradição seja recente no Brasil. A poesia em Libras está se espalhando e se desenvolvendo cada vez mais para se tornar um gênero literário importante no mundo.

Não podemos separar a prosa e a poesia como duas categorias exclusivas, mas podemos, pelo menos, falar sobre as qualidades que, normalmente, são associadas a cada uma delas. Talvez seja possível afirmar que existe um continuum (ou uma escala) com elementos fortemente poéticos em uma extremidade e elementos fortemente prosaicos na outra ponta.

O poeta surdo Clayton Valli (1993) fez um estudo linguístico pioneiro sobre poemas em ASL. Ele observou que a distinção entre poemas e não poemas é uma questão de tendência, conforme uma obra tenha mais ou menos características poéticas. A falta de uma definição clara do que é um poema em Línguas de Sinais não impediu os pesquisadores de analisarem e discutirem sobre uma ampla gama

de aspectos contidos na forma de arte sinalizada. Talvez uma definição provisória possa ser a de que poemas são aquilo que os pesquisadores e/ou as pessoas que criaram essas formas de arte em Libras consideram como poemas. Estudos que analisaram vários textos ou apresentações artísticas ou poéticas em Libras incluem: Machado (2013), Klamt, Machado e Quadros (2014), Barros (2015), Peixoto (2016) e Campos (2017). Em cada um desses estudos, há um entendimento claro de que os textos e as performances têm características artísticas e que, portanto, significam que podem ser denominados poemas.

Os critérios destacados por Michiko Kaneko (em SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2016) para diferenciar poesia e prosa nas Línguas de Sinais são: a) comprimento; b) segmentação de verso; c) fim, função ou objetivo; d) colocação da linguagem no primeiro plano e “desfamiliarização”; e) (in)flexibilidade do texto; f) vocabulário; g) ritmo e velocidade; h) enredo e personagens; e i) regras. Nos próximos parágrafos, veremos que alguns poemas seguem alguns desses critérios, mas nem todos os poemas seguem todos os critérios por completo.

Assim, poemas geralmente são mais curtos do que histórias. É raro contar uma história em prosa com poucas palavras, mas num poema isso é possível. Geralmente, os poemas em Libras são curtos e têm menos de dois minutos. De acordo com esse critério, um poema é uma forma comprimida de linguagem e, portanto, requer menos palavras. Mas muitas piadas são curtas também. As propagandas da televisão são breves. Nas redes sociais, vemos muitas peças mais ou menos teatrais de no máximo 90 segundos. Por outro lado, alguns textos relativamente longos ainda são poemas e, geralmente, os textos em prosa em Libras são mais curtos do que os escritos. Vemos então que, embora os poemas tendam a ser curtos, o comprimento por si só não distingue a poesia da prosa.

A noção de “verso” é comumente utilizada para se distinguir a poesia da prosa na literatura escrita em muitas culturas, tanto nas tradições literárias ocidentais quanto nas não ocidentais. Na prosa, as quebras de linha ocorrem arbitrariamente. Na poesia, o poeta escolhe romper linhas e usar as quebras de linha e a pontuação incomuns para manter a estrutura rítmica do poema e os padrões de som (tais como rima e aliteração) ou para enfatizar certas palavras. A forma visual dos versos numa página, muitas vezes, sinaliza aos leitores de poesia em Língua Portuguesa que o texto é um poema. Em algumas situações, basta quebrar as linhas de um texto em prosa para se criar a impressão de um poema. Em Libras, a grande maioria dos poemas não está escrita, o que dificulta a ideia de se ter versos. Em sua pesquisa, Clayton Valli (1993) afirmou que podemos encontrar versos em poemas de ASL e que esses versos estão ligados aos padrões de rima nos sinais. A divisão de linhas em versos na poesia sinalizada pode mostrar a intenção do poeta e fazer parte do poema (como nos exemplos de Valli), mas muitas vezes uma divisão em versos é artificial e essa não era a intenção do artista. Embora vejamos certamente divisões internas em poemas definidas pelas ideias e pelas construções linguísticas, essas

divisões são apenas parecidas com versos, mas não iguais a eles. Nenhuma pesquisa até agora identificou um meio de segmentação de textos literários em Libras que diferencie poesia de prosa.

Normalmente, o objetivo de se usar uma língua é ser compreendido. As histórias em prosa, por exemplo, geralmente contam uma narrativa coerente que descreve uma sequência de eventos. O leitor (ou o espectador) deve compreender os acontecimentos contados e, por isso, a comunicação bem-sucedida é o principal objetivo de uma narrativa em prosa. Muitas vezes, um contador de história espera que o público assista à história uma vez, mas o poeta pode esperar que as pessoas assistam a uma gravação do poema múltiplas vezes. Isso acontece porque um poema nem sempre espera uma compreensão imediata. O público pode assistir a um poema várias vezes até que entenda a mensagem; essa é uma estratégia gerada pelo uso da tecnologia de vídeo. Anteriormente, quando uma pessoa fazia uma performance em Libras, o público a assistia ao vivo, uma vez só, não havia a opção de rever a apresentação. Com o vídeo, um poeta pode criar textos em Libras sempre mais complexos e menos claros. Mas não é apenas a poesia que exige foco na linguagem. Existem narrativas do gênero VV em que o público precisa prestar muita atenção para entender o significado dos classificadores apresentados.

Um poema tem o objetivo de explorar a linguagem artística. O poeta de Libras pode romper os limites linguísticos e descobrir expressões novas, ousadas e originais para transmitir seus pensamentos. Um poema muitas vezes quebra as regras da Libras e usa linguagem incomum, estranha e distorcida para criar algo diferente. Isso chama atenção à linguagem, colocando-a no primeiro plano. Por outro lado, a prosa usa a linguagem mais cotidiana (“normal”), um vocabulário mais estabelecido e a Gramática Padrão para garantir que o conteúdo seja compreendido. A linguagem da prosa, mesmo que usada de forma prazerosa, não chama a atenção e é menos importante do que o conteúdo. A desfamiliarização é uma prática literária de apresentar coisas comuns e familiares de forma desconhecida, para obrigar os leitores a prestarem atenção às coisas que normalmente passam despercebidas. O poeta pode colocar a linguagem no primeiro plano e desfamiliarizá-la. Colocar a linguagem no primeiro plano é uma tentativa de usar uma palavra (ou uma imagem) de modo que atraia a atenção.

Um poema, geralmente, tem um texto fixo, mas as histórias sinalizadas em prosa podem ser adaptadas de acordo com o público ou a situação. Isso acontece apenas nas performances orais, pois sabemos que prosa literária escrita também tem um texto fixo. Um poema é quase sempre preparado para gerar um texto completo antes da performance e o poeta prepara seu trabalho cuidadosamente antes de mostrá-lo ao público. Cada vez que apresenta o poema, esperamos que seja o mesmo poema apresentado da mesma maneira. Ao contrário disso, as histórias em prosa contadas ao vivo não seguem tanta rigidez, são mais espontâneas. Por exemplo, cada vez que contamos uma narrativa de experiência pessoal ou um

conto de fadas, sempre apresentamos os principais fatos, mas temos flexibilidade para contar as histórias. Por outro lado, em muitas culturas, um poeta que cria um poema de forma espontânea é altamente valorizado, e nos vídeos atuais, as histórias em Libras são vistas em formas mais fixas.

As histórias em prosa utilizam vocabulário para desenvolver a sequência de eventos e têm uma maior frequência de sinais vocabulares para garantir que todos entendam. Já os poemas usam sinais mais produtivos, criativos ou mesmo novos. Os dois gêneros também usam diferentemente os elementos não manuais. Nas histórias em prosa, os componentes manuais são indispensáveis porque as informações são importantes para contar os fatos. Um poema depende muito menos de sinais manuais e mais de elementos não manuais – expressões faciais, olhar, movimento do corpo, espaço, velocidade, ritmo – para criar mais sensações e imagens e menos fatos.

As funções de ritmo e velocidade são diferentes em um poema ou numa história em prosa. As histórias normalmente variam de ritmo e de velocidade para destacar ações ou emoções, mas os poemas podem variar de ritmo e velocidade de maneira mais deliberada e estética para chamar atenção à própria linguagem, não ao conteúdo. Num poema, sinalizar em câmera lenta destaca cada movimento do corpo e a expressão do poeta. Mas também vemos na prosa que a velocidade do movimento do sinal não reflete a velocidade real, é “extradiagética” (algo fora da história).

Histórias em prosa normalmente têm um enredo, ou seja, uma sequência em que a história se desenrola. Mas os poemas nem sempre têm enredo. Eles podem focar mais na autoexpressão do poeta, mostrando suas opiniões ou suas perspectivas sobre um assunto. Além disso, podem focar na criação de uma imagem sem ação. O objetivo dos poemas japoneses de haiku (também conhecido como haikai), por exemplo, é criar uma imagem por meio de palavras. Em Libras, a finalidade de muitos poemas é a mesma que vemos no haikai – criar uma imagem forte –, construída pelos sinais. Nas narrativas escritas, os personagens geralmente são claramente apresentados, mas em alguns poemas desconhecemos quem é o personagem. Sabemos que uma pessoa atua ou tem uma experiência, mas não sabemos nada sobre ela. Em Libras, essa diferença não é tão clara, possivelmente por causa das origens da poesia na língua, que é fundamentada nas narrativas tradicionais da comunidade surda. É sabido que muitos poemas, até mesmo poemas curtos, têm pelo menos uma trama curta.

Poemas são de alguma forma mais ‘disciplinados’ do que histórias. Poemas e histórias têm suas próprias regras, mas é fundamental ter regras de algum tipo de restrição num poema. Essas são estabelecidas em tradições literárias ou selecionadas pelo próprio poeta. Se não houver restrições, não podemos compor um poema. Poemas frequentemente seguem regras específicas.

Para Rodrigues (2020) há uma escolha obrigatória dos tipos específicos de

palavras e o tradicional deve incluir uma palavra que indique uma estação do ano. Alguns poemas em Língua Portuguesa exigem esquemas de rima estritos, obrigando o uso de palavras que terminem com o mesmo som na composição final dos versos. Já os poetas de Libras podem criar um esquema com as mesmas configurações de mão ou os mesmos movimentos, e as exigências geram um prazer maior no espectador quando são cumpridas. Por outro lado, apesar de as histórias em prosa seguirem as regras de criação de um texto visual, elas tendem a ser muito mais livres e mais espontâneas e a sua composição é menos controlada por regras específicas.

Nessa seção, apresentamos os critérios que apontam as diferenças entre poesia e prosa. Vimos que alguns poemas contêm esses elementos, mas nem todas as produções mostram todos os elementos e, às vezes, vemos características de poemas nas prosas. Vimos também que os elementos que definem poemas em Língua Portuguesa nem sempre definem poemas em Libras.

10.2.2.5 A importância de uma antologia em Libras

A documentação da Libras inclui uma Antologia Literária em Libras com diferentes objetivos que se dividem em duas frentes: (i) a pesquisa e (ii) o acesso às produções literárias em Libras pela comunidade em geral, especialmente, os professores de Libras. Nesta seção, falaremos da criação desta antologia. Descrevemos o que coletamos, como escolhemos os exemplos, como avaliamos as obras literárias para dizer que integram a antologia que decidimos compor e o porquê. O objetivo foi criar uma coleção de textos em Libras para ser estudada e para ser apreciada.

Em relação à primeira frente da pesquisa, o objetivo está em estabelecer uma referência literária devidamente organizada em categorias incluindo a identificação dos gêneros literários e suas características.

Os professores encontram no Portal de Libras o acesso à documentação da Libras no formato de uma Antologia Literária, que pode ser acessada, consultada e compartilhada com seus alunos como parte integrante do ensino com diferentes objetivos pedagógicos.

Uma Antologia de Literatura em Libras valoriza a literatura da comunidade surda brasileira e, com isso, possibilita entender melhor as perspectivas linguísticas, culturais, históricas, políticas e estéticas dos sinalizantes de Libras.

É inerente à ideia de uma antologia que ela deva ser organizada de alguma maneira, seja pela cronologia, autor, título, gênero, estilo, assunto, público-alvo pretendido, seja de alguma outra característica que a categorize. Após muita discussão, seguimos três categorias na antologia, a partir de gêneros principais baseadas na forma das produções e nas origens (SUTTON-SPENCE; KANEKO, 2016; BAHAN, 2006): Poema, Conto origem não surda e Conto origem surda. Destacamos que todos os poemas na antologia têm origem surda, e não há traduções de poemas da Língua Portuguesa. Cada gênero foi subdividido em diversos subgêneros, baseado nas pesquisas publicadas sobre literatura surda, por exemplo, (ROSE, 2006;

BAHAN, 2006; MACHADO, 2017) e nas próprias experiências dos organizadores: Poemas: Delimitado, Dramático, Dueto, Homenagem, Lírico, Perspectiva, Música surda, Feminista, *Haiku*. Conto Origem não surda: Filme, Folclore brasileiro, Folclore mundial. Conto Origem surda: Ficção original na tradição surda, História Infantil, NEP (Narrativa de Experiência Pessoal), Piada tradicional surda, Teatro tradicional surdo.

Dentro desses subgêneros estão marcadas produções de diversos estilos. Seguindo as divisões de Aristóteles de Literatura Lírica, Dramática e Épica, o estilo Ponto de Vista, pode ser o “Eu”, a Personagem (por Incorporação), o Narrador ou “misto”. Relacionada a essa divisão, a antologia marcou o estilo linguístico, sendo composto principalmente por vocabulário/sinais estabelecidos, classificadores, incorporação ou misturado. O último estilo destacado foi o Metafórico, em que anotamos se a produção é principalmente literal ou metafórica.

A construção futura de coleções anotadas e organizadas de obras em Libras selecionadas sobre diversos tópicos, por diversos artistas e de diversos gêneros, é fundamental para o desenvolvimento dos estudos de Literatura em Libras. A divulgação mais ampla de produções literárias em Libras para ensino e prazer vai fortalecer a forma de arte linguística da comunidade surda.

10.3 Estrutura da Narrativa

Bruna Crescêncio Neves

Os estudos acerca das narrativas foram realizados por pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento, com o intuito de buscar compreender as especificidades inerentes a esse tipo de texto. Por esse motivo, ou seja, pela natureza interdisciplinar da narrativa, não temos uma única definição para narrativa (BARTHES, 1972). Entretanto, para os estudos interculturais, a narrativa pode ser definida como uma forma básica e constante da expressão humana que independe da origem étnica, línguas e culturas envolvidas (CHAFE 1980; LEVI-STRAUSS, 1972 apud HAZEL, 2007). Bruner (1991 apud ZILLES e KERN, 2012, p.163) ratifica tal afirmativa quando diz que “organizamos nossa experiência e nossa memória de acontecimentos humanos principalmente em forma narrativa – histórias, desculpas, mitos, razões para fazer e não fazer e assim por diante”. Nesse sentido, entende-se que em diferentes partes do mundo, em distintas línguas e modalidades, as pessoas desenvolvem habilidades relacionadas ao ato de narrar, em que alguns elementos parecem ser comuns, independentemente das línguas envolvidas – Línguas de Sinais ou línguas orais.

Apesar de a narrativa ser algo inerente ao ser humano e fazer parte da vida de todos, há estudos que apontam a relação intrínseca entre o desenvolvimento das habilidades narrativas aos fatores culturais e linguísticos. Além disso, tais fatores

também estão diretamente ligados às diferenças estruturais das narrativas em línguas de modalidades distintas – oral/auditiva e espaço-visual –, especialmente, pelo fato de o desenvolvimento do discurso ocorrer ao longo do processo de aquisição da linguagem. As crianças ouvintes e surdas, com acesso à Língua de Sinais desde a mais tenra idade, adquirem ao longo dos primeiros anos de vida a capacidade de contar histórias e de falar sobre fatos passados e, conseqüentemente, fazem isso por meio do desenvolvimento da linguagem nos mais variados níveis (fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático).

No entanto, apesar das diferenças inerentes às línguas envolvidas, compreende-se que há uma estrutura comum em todas as narrativas, com base nos estudos de Labov e Waletzky (1967), que analisaram narrativas de experiências pessoais e identificaram seis aspectos fundamentais na organização desse tipo de texto: resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e coda. Para os referidos autores, a narrativa se caracteriza, obrigatoriamente, pela presença da ação complicadora.




Quadro 3: Síntese da estrutura da narrativa de Labov e Waletzky (1967).

Estrutura da narrativa	Questões às quais se referem	Exemplo de narrativa em Língua Portuguesa
Abstract (Resumo)	Do que se trata?	Nesta narrativa vou contar um acontecimento que, para mim, foi bastante engraçado, por pensar que muitas pessoas não sabem e têm medo de aprender.
Orientação	Quem? Quando/ Onde? O quê?	Quando estava com 10 anos de idade, costumávamos, eu e meus colegas, irmos para uma represa tomar banho, todo o fim de semana. Eu não sabia nadar, só tomava banho na parte onde a água não me cobria.
Complicação	O que aconteceu?	Um certo dia, um colega de meu irmão mais velho, que já tinha seus 22 anos mais ou menos, aproveitou um descuido meu. Quando estava em pé da beirada água, me pegou pela barriga e me jogou na represa.

Estrutura da narrativa	Questões às quais se referem	Exemplo de narrativa em Língua Portuguesa
Avaliação	E então?	Não é um fato que se pode dizer que seja pitoresco. Mas acho que é engraçado, porque o rapaz que me jogou dentro d'água não estava ciente de que eu não sabia nadar.
Resolução	Finalmente, o que aconteceu?	Para alegria e surpresa minha, comecei a bater com os pés e consegui chegar do outro lado da represa.
Coda	Fechamento	Não apresenta.

Fonte: Texto adaptado de BASTOS, L. K. Coesão e coerência em narrativas escolares. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p.35.

Quadro 4: Síntese da estrutura da narrativa de Labov e Waletzky (1967).

Estrutura da narrativa	Questões às quais se referem	Exemplo de narrativa em Libras
Abstract (Resumo)	Do que se trata?	Não apresenta
Orientação	Quem? Quando/ Onde? O quê?	
Complicação	O que aconteceu?	
Avaliação	E então?	Não apresenta
Resolução	Finalmente, o que aconteceu?	
CODA⁶	Fechamento	Não apresenta

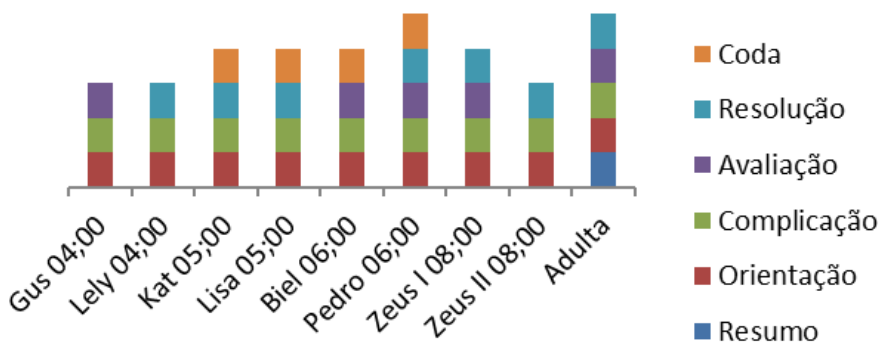
Fonte: Elaborado pela autora.

⁶ O termo coda, neste caso, se refere ao elemento da narrativa. A palavra CODA (children of deaf adults) será apresentado no texto sempre em letra maiúscula para diferenciar de coda (elemento estrutural da narrativa laboviana).

Os trechos em Língua Brasileira de Sinais exemplificam como os elementos da narrativa podem ser encontrados nessa língua. No vídeo referente à orientação, o narrador apresenta os personagens da história. Na complicação, temos uma parte das principais ações da história e, na resolução, como a história foi finalizada. É possível perceber que nem todos os elementos estão presentes no exemplo acima, o que vai ao encontro do que afirmam Labov e Waletzky (1967), de que as narrativas não são uniformes e os elementos estruturais podem variar.

Um estudo realizado por Neves (2013)⁷ mostrou o desenvolvimento da competência narrativa em crianças bilíngues bimodais (CODAS) a partir das suas produções nas duas línguas – Língua Portuguesa Brasileira (PB) e Língua Brasileira de Sinais (Libras). Em um primeiro momento, a autora buscou analisar a organização estrutural das narrativas em Libras e PB, com o objetivo de comparar a utilização dos elementos mencionados anteriormente e identificou que as crianças bilíngues bimodais apresentam uma progressão quanto ao uso dos elementos estruturais nas duas línguas, com destaque para o uso do elemento (avaliação) em muitas histórias. No gráfico abaixo, pode-se observar os elementos estruturais nas narrativas em Libras encontrados por Neves (2013).

Gráfico 1: Número de elementos estruturais nas narrativas em Libras dos bilíngues bimodais por faixa etária.

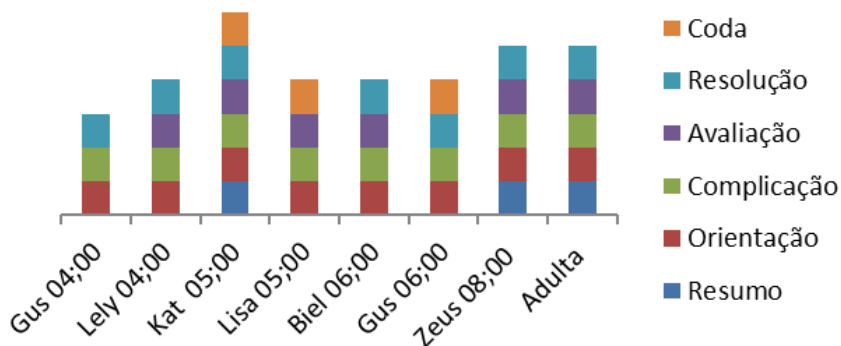


Fonte: Neves (2013, p. 80).

Assim como nas produções em Libras, as narrativas em Língua Portuguesa também apresentaram os elementos estruturais da narrativa e um desenvolvimento progressivo conforme a idade.

⁷ O estudo teve a participação de seis crianças, todas filhas de pais surdos e usuárias da Língua Portuguesa e da Língua Brasileira de Sinais. Além disso, analisou-se a produção de uma adulta CODA para referência.

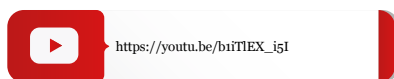
Gráfico 2: Número de elementos estruturais nas narrativas em PB dos bilíngues bimodais por faixa etária.



Fonte: Neves (2013, p.81).

Como pode ser observado, as narrativas apresentam elementos básicos em sua constituição, independente da língua envolvida em sua produção. Além dos aspectos estruturais da narrativa, há especificidades gramaticais no discurso que são características desse tipo de texto. No entanto, essas particularidades se diferenciam nas produções em Línguas de Sinais e línguas orais, por se tratarem de línguas e modalidades diferentes.



Conforme Pereira e Nakasato (2011), o uso do espaço é mais do que uma especificidade inerente da modalidade visual/gestual; ele é parte integrante da gramática da Língua de Sinais. Segundo os autores, na construção das narrativas, o espaço é fundamental para marcação de referência e para indicar e distinguir eventos temporais. Veja o exemplo:



O narrador utiliza o espaço para fazer referência aos personagens e locais. Como vimos no exemplo, a narrativa em Língua de Sinais envolve o uso do espaço para sinalizar as referências e suas relações temporais, sendo que uma sequência de sinais no espaço é considerada fundamental para a função referencial da narrativa e do seu desenvolvimento. (LOEW 1983; EMMOREY 1999; MORGAN 1999 apud MORGAN, 2002).

Quadros e Cruz (2011, p.50), apresentam os tipos de espaço propostos por Liddell:

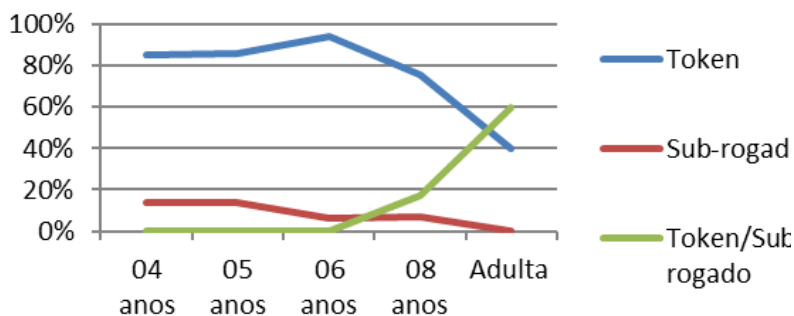
Quadro 05: Tipos de espaço em Língua de Sinais.

Tipos de espaço	Definição	Exemplo
Espaço real	Aquilo que é fisicamente real no ambiente onde ocorre a enunciação, ou seja, referem-se às pessoas que estão fisicamente presentes no local e no tempo da interação.	
Espaço token	Referem-se a entidades ou coisas representadas sob a forma de um ponto fixo no espaço físico e se limita à representação da terceira pessoa.	
Espaço sub-rogado	É representado visualmente por uma espécie de encenação e há a incorporação da personagem pelo narrador/autor.	

Fonte: Elaborado pela autora com base em Quadros e Cruz (2011, p.50).

No estudo realizado por Neves (2013), foi possível observar que a habilidade de lidar com os diferentes espaços da narrativa é adquirida ao longo dos anos.

Gráfico 03: Uso do espaço nas narrativas em Libras.



Fonte: Neves (2013, p. 84).

Como mencionado, outro aspecto importante das narrativas em Línguas de Sinais é o uso dos classificadores, utilizados para detalhar o tamanho, a forma

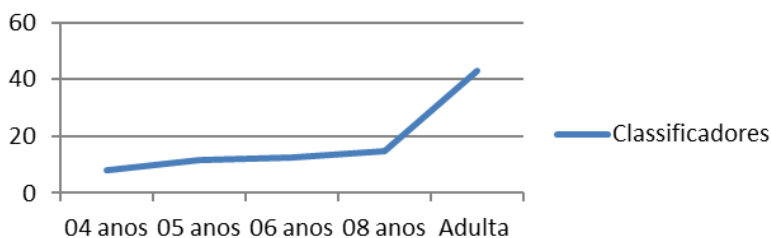
de um objeto ou como um instrumento é manipulado e também para descrever informações topográficas (PEREIRA e NAKASATO, 2011). Observe o exemplo:



classificadores DV (colocar-mochila-andar)

O uso dos classificadores é essencial nas narrativas em Línguas de Sinais, mas a sua presença nas produções discursivas está diretamente relacionada ao desenvolvimento linguístico dos sinalizantes. Neves (2013) analisou a utilização dos classificadores nas narrativas em Libras por crianças bilíngues bimodais (CODAS) de quatro a oito anos e de uma adulta também coda e constatou o uso crescente dos classificadores de acordo com a faixa etária dos participantes, isto é, a adulta apresentava mais classificadores em sua narrativa que as crianças codas.

Gráfico 04: Uso dos classificadores nas narrativas dos bilíngues bimodais.



Fonte: Neves (2013, p. 85).

Além disso, a pesquisa identificou que esse mecanismo linguístico foi utilizado com diferentes propósitos na narrativa, como para descrever ações, características físicas e apresentar os personagens da história.

Figura 01: Uso dos classificadores nas narrativas em Libras



Fonte: Neves (2013, p. 92).

A competência narrativa dos usuários da Língua de Sinais é desenvolvida gradativamente de acordo com a faixa etária e, além do uso dos classificadores, outros aspectos presentes também estão relacionados à idade dos sinalizantes, como a simultaneidade. A simultaneidade é uma característica importante das narrativas, que permite que o narrador possa utilizar de dispositivos linguísticos para descrever eventos que ocorrem ao mesmo tempo. Na Língua Portuguesa, alguns marcadores de simultaneidade mais comuns são “juntos” e “e”: a) João e Maria assistiram juntos a TV; ou b) João assistiu TV e comeu. “Na Língua de Sinais, os sinalizantes podem usar as duas mãos, o próprio corpo e o rosto no momento de sinalizar; assim, eles efetuam o enunciado em um único movimento” (MORGAN, 2002, p.16). Estudos realizados por Morgan (2002) e, posteriormente, por Pereira e Nakasato (2011), indicam que as crianças desenvolvem essa característica ao longo de um período prolongado.

Pesquisas realizadas com crianças surdas (MORGAN, 2002; PEREIRA e NAKASATO, 2011; RATHMANN et al., 2007) e com crianças filhas de pais surdos – bilíngues bimodais – (NEVES, 2013) indicam que a competência narrativa é adquirida ao longo da infância e que a capacidade de narrar completa poderá ocorrer dos 11 aos 13 anos. No entanto, para que o desenvolvimento discursivo ocorra é fundamental o acesso à Língua de Sinais desde a mais tenra idade e contato com interlocutores surdos.



Literatura em Libras

Fernanda de Araújo Machado – UFSC

Marilyn Mafra Klamt – UFSC

Rachel Sutton-Spence – UFSC

11 LITERATURA EM LIBRAS

11.1 Literatura e gêneros literários em Libras

O texto literário em Libras se diferencia dos outros gêneros por se tratar de um texto com fins estéticos, um texto em que a língua é destacada em primeiro plano, o que ficou conhecido como sinal-arte (KLIMA; BELLUGI, 1976). A Literatura em Libras é parte da Literatura Brasileira, pois é produzida no território nacional e compartilha da cultura brasileira; no entanto, ela possui características bastante específicas que a diferenciam da Literatura escrita em Língua Portuguesa. Isso porque a Literatura Sinalizada é, na maioria das vezes, criada pelo artista surdo, veiculada em seu corpo e apresentada a um público que vê essa produção em uma língua de modalidade visual espacial. Para Rose (2006), as pessoas surdas têm um relacionamento físico com o texto porque a Língua de Sinais se expressa por meio do corpo delas. Para criar e apresentar um poema, o poeta deve sinalizar, seja sozinho, seja em frente a um público.

A Literatura em Libras carrega traços culturais do povo surdo e, muitas vezes, trata de temas relacionados às histórias de vida desse grupo. A Literatura em Libras tem uma tradição oral ativa no folclore, no sentido de que ela é transmitida no decorrer das gerações, passando “de mão em mão” nas associações, encontros de surdos e escolas de surdos. O folclore guarda as tradições, costumes, valores e experiências de cada povo e Carmel (1996), surdo americano, explica que o folclore surdo inclui piadas surdas, enigmas, signlore (jogos sinalizados que incluem alfabeto manual e história com números, poesia em sinais, enigmas com sinais,

trocadilhos, entre outros), narrativas de experiência pessoal, jogos, além de lendas sobre pessoas surdas notáveis.

Apenas recentemente, no final dos anos 90, essas narrativas e poemas em Libras começam a ser registradas em vídeo. Esse foi um passo importante para a disseminação e desenvolvimento da Literatura em Libras, pois os artistas surdos de diversos lugares do país e, até mesmo de outros países, podem conhecer os trabalhos uns dos outros, enriquecendo suas produções. Além disso, o registro em vídeo permite que os artistas revisem suas produções antes de apresentá-las ou publicá-las (KRENTZ, 2006). Essas produções também podem ser influenciadas pelo espaço onde são apresentadas, que vão desde o grande palco de um teatro, em uma performance ao vivo e até o registro em uma tela do celular (KLAMT, 2018). A presença ou ausência física de uma plateia pode alterar a dinâmica de apresentação e interação. Existe um público voltado a essa Literatura, que geralmente são pessoas surdas, mas também inclui pessoas ouvintes sinalizantes.

A Literatura em Libras é parte da Literatura Surda. Para Karnopp (2006), a Literatura Surda é a produção de textos literários em sinais, que representa a cultura das pessoas surdas e é produzida por pessoas surdas em Língua de Sinais. Além das criações próprias dos surdos em Libras, seja ela a Libras sinalizada, seja escrita, também são parte da Literatura Surda as traduções de textos da Literatura Brasileira que podem ser feitas por pessoas surdas e ouvintes, e as histórias adaptadas com personagens ou elementos da cultura surda, como Patinho Surdo, Cinderela Surda, Patinho Surdo (MOURÃO, 2011).

A Literatura Surda abrange tanto a Literatura Surda escrita quanto a Literatura Surda sinalizada, atendendo a pelo menos um dos critérios de origem, destino, tema e língua “1) ser feita por surdos; 2) tratar da experiência de ser surdo e do conhecimento da cultura surda; 3) ter o objetivo de atingir um público surdo e de 4) ser apresentada em Libras.” (SUTTON-SPENCE, 2021). É importante ressaltar que uma produção não tem a obrigação de atingir os quatro critérios simultaneamente para ser considerada Literatura Surda. Assim, a Literatura em Libras, parte da Literatura Surda, é criada principalmente por surdos, mas também por ouvintes tradutores, podendo assim ter também origem na Literatura em Língua Portuguesa, em histórias, poemas e lendas.

Os conteúdos abordados na Literatura Surda em Libras tratam principalmente de temas afins à cultura surda. Ainda quando o tema não aborda diretamente a experiência de vida dos surdos, na Literatura em Libras de origem surda sempre estará presente o ponto de vista dos surdos, as vivências visuais deles e uma maneira positiva de viver e mostrar essa história às pessoas.

11.2 Como se faz Literatura em Libras

Poema e prosa, qual a relação? Há diferenças? Sim. No poema há regras, na prosa não há regras. No poema, há um ritmo. Nas narrativas em prosa contadas pelos surdos, há uma maior liberdade de criação. No poema, há regras que devem ser seguidas. Na década de 80, quando se iniciaram os estudos em torno do poema, buscou-se a construção de sinais para estabelecer essas regras. Os sinais que fazem parte do léxico se mantêm, mas no poema são criados novos sinais, o neologismo. Na estrutura do poema, novos sinais são criados.

Na comunicação cotidiana, há um vocabulário comum, mais padronizado, em que o conteúdo da mensagem é importante para o entendimento mútuo e essa estrutura é mais utilizada na prosa. No entanto, em um poema, a sinalização é diferente da cotidiana porque a criação de um poema quebra as regras da língua com relação à forma de expressar, à liberdade criativa na estrutura do poema, diferente de um diálogo comum. Com relação aos elementos da forma, são selecionados sinais, há um uso criativo dos classificadores – é possível utilizar incorporação, movimento dos olhos, expressões faciais e sua intensidade, repetição, ritmo e tempo dos sinais –, tudo isso faz parte da estética da Língua de Sinais.

No que se refere ao humor, as pessoas surdas e ouvintes podem rir das mesmas coisas engraçadas, mas o humor surdo e o humor ouvinte têm formas e tradições distintas. As piadas podem ser traduzidas entre a Língua de Sinais e a língua falada e as pessoas podem entender e rir. No entanto, são dois universos distintos, com suas próprias formas de humor. Mas o que faz os surdos rirem? Os palhaços surdos, as piadas e brincadeiras nas festas, a imitação de desenhos animados, em geral, fazem os surdos rirem. Há também o humor surdo internacional, com piadas de versões bastante semelhantes. Um exemplo é a piada da Árvore surda. O lenhador grita “madeira”, mas a árvore não cai. Em uma das versões, o personagem chamado é um intérprete, em outra é um médico, mas em ambas as versões eles conversam com a árvore em Língua de Sinais e, então, ela cai. Hessel (2015) afirma que as piadas se espalham pela internet ou por meio do contato pessoal, no entanto não é possível identificar sua origem, onde a piada surgiu, como é o caso da piada da Árvore surda, já conhecida mundialmente.

Com relação aos gêneros de poesia, temos os poemas líricos que são autobiográficos, mostram o “eu” do poeta, com suas experiências. É muito comum nas tradições literárias europeias, no entanto no Brasil é um gênero ainda pouco produzido em Libras. Um exemplo é o cordel *Meu ser é nordestino*, da poetisa Klicia Araújo. Há poemas ou histórias também com regras delimitadas, histórias ABC, por exemplo, *O pintor de A a Z*, de Nelson Pimenta. Outros exemplos de história delimitada são histórias com as mesmas configurações de mão, como *A Leoa guerreira*, de Vanessa Vidal e histórias de números, como *O pássaro*, de Juliana Tasca Lohn. Outros gêneros são a renga de origem japonesa, um conjunto de vários haikus

produzidos coletivamente. A renga pode ser feita em grupos de pessoas alinhadas lado a lado, em que os poetas sinalizam em ordem, de forma a dar continuidade na sinalização do poeta anterior, por exemplo, a renga produzida em Rio. No caso dos duetos, dois poetas atuam em conjunto de forma colaborativa, um à frente e outro atrás ou lado a lado, juntos sinalizando, como em Os cariocas, de Marcelo William da Silva e Leonardo Adonis de Almeida. Temos também os poemas com perspectivas múltiplas, como Celular, de Anna Luiza Maciel, que trabalha com duas perspectivas: a da mulher deslizando a mão pela tela do celular e a do celular recebendo o toque da mão. O Vernáculo Visual (VV) é bastante visual e não trabalha com o vocabulário, mas com os classificadores, a incorporação, a imitação de cenas do cotidiano, com expressão intensa, com o corpo em diferentes velocidades, uma mistura de ação construída (que às vezes parece ser mímica) e Língua de Sinais. Um exemplo de VV é Jaguadarte, de Áulio Nóbrega.



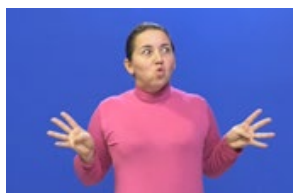
Meu ser é nordestino



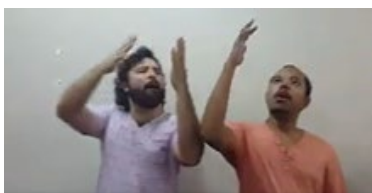
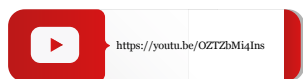
O pintor de A a Z



A leoa guerreira



O pássaro



Rio



Os cariocas





Celular

Jaguardarte



A metáfora é apresentada nas narrativas a partir de fatos contados, mas que não transparecem totalmente o que se quer apresentar: o que está por trás de uma metáfora é o que se quer de fato contar, como as questões de nossa sociedade, em *O Passarinho Diferente*, de Nelson Pimenta. Nessa narrativa, o bico do passarinho é torto, no entanto essa é uma metáfora para tratar do aspecto principal da narrativa, que é a influência da família que quer tornar o surdo um ouvinte. Outro tipo de metáfora em Língua de Sinais são as que apresentam oposição espacial ou orientacional, como nas metáforas que apresentam diferenças sociais (o rico x o pobre, o poder x a fraqueza), para baixo (negativo) x para cima (positivo), por exemplo: opressão (para baixo) x resistência (para cima). No poema *Lei de Libras*, de Anna Luiza Maciel e Sara Thiesen Amorim, as poetisas sinalizam as coisas boas relacionadas à lei com muitos movimentos para cima. Esses movimentos criam um efeito muito positivo no poema.



Lei de Libras

O Passarinho Diferente

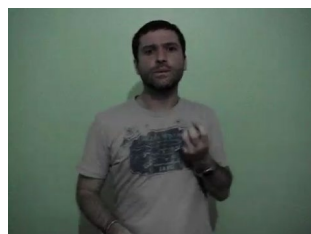


Outro aspecto importante é o ritmo, criado a partir da repetição de sinais, repetição de configurações de mão, expressão, locações, como no exemplo *As Brasileiras*, de Anna Luiza Maciel e Klicia Campos, em que elas sinalizam repetidas vezes PRÉDIOS de um lado e no lado oposto FAVELA. Já a rima em Língua de Sinais também tem relação com a repetição de trechos iguais, por exemplo, um sinal no início da frase e no final da frase. No entanto, a rima pode se encontrar em diferentes lugares na construção do poema, com distintos padrões de repetição.

Já o ritmo está relacionado ao movimento, a diferentes velocidades de tempo na sinalização, como na sinalização de um pássaro que bate suas asas alternadamente de forma lenta e rápida. O movimento pode ser longo ou curto e isso também se liga à duração da sinalização. O ritmo, a velocidade e a repetição estão interligados, como em *Bolinha de pingue-pongue*, de Rimar Segala, em que a bolinha e o olhar da plateia podem se deslocar de um lado a outro de forma rápida e repetida, mas também de forma lenta, quando os jogadores fazem movimentos demorados na jogada com a raquete e a bolinha incorporada no rosto do sinalizante se desloca de forma lenta.



As brasileiras



Bolinha de pingue-pongue



Já a simetria se utiliza de configurações de mão com estrutura estética perfeita, as mãos espelhadas com a mesma configuração (MACHADO, 2013), como no poema *Voo sobre rio*, de autoria de Fernanda Machado, em que há simetria lado a lado. Outra possibilidade é a assimetria, em que as mãos são diferentes.



Voo sobre rio



O antropomorfismo também é outra característica da Literatura em Libras, em que são incorporados animais, objetos e em que o sinalizante dá uma forma humana a uma coisa não humana. Existem três níveis de antropomorfismo: descritivo, pré-linguístico e linguístico. No descritivo, o sinalizante descreve o não humano com o corpo humano: por exemplo, imita um sapo fazendo a incorporação dele próprio. No pré-linguístico, atribui emoções e comportamento e o sapo incorpo-

rado pode piscar e mandar beijos como um humano. No nível linguístico, atribui a língua humana, ou seja, o sapo consegue sinalizar, como na conversa entre o boi e o sapo na fábula O sapo e o boi, de Nelson Pimenta.



O sapo e o boi

As narrativas de experiência surda – como as das pessoas idosas contando sobre os acontecimentos da vida delas transmitidos de geração em geração – têm um grande valor para os surdos. A Literatura Surda em Libras carrega em si conteúdos variados e a continuidade da língua é garantida com toda essa riqueza.

11.3 Literatura em Libras no seu contexto sociocultural

Sabe-se que a Literatura Surda é um artefato e um processo fundamentado na experiência e no conhecimento das pessoas surdas, situado dentro da comunidade surda. Assim, o contexto em que a Literatura em Libras se encontra depende dos membros desta comunidade, tanto os artistas surdos quanto os surdos que fazem parte do público. A Literatura Surda vai sempre mudar porque a sociedade onde ela se encontra muda. Por isso, podemos dizer que, enquanto a Literatura em Libras tem as suas próprias normas – essas normas são dinâmicas e orgânicas –, criadas e influenciadas pelo contexto sociocultural.

Além das pessoas que produzem e consomem a Literatura em Libras, o contexto sociocultural desta inclui diversos outros elementos. Destacamos aqui a modalidade em que os artistas apresentam a arte linguística da experiência e do conhecimento surdo (sinalizada ou escrita em Língua Portuguesa e em Libras por meio de *SignWriting*), o ensino de Literatura (para estudantes de Libras como L1 e L2) e a tradução literária. Todos esses elementos são interligados.

11.3.1 O artista

Em qualquer estudo de uma Literatura que se caracteriza por produções ao vivo ou performadas para gravação, precisamos entender o contexto em que essa se encontra. A primeira pergunta deve ser: quem conta as histórias ou apresenta

os poemas, as piadas e o teatro em Libras? A maior parte da Literatura Surda é apresentada por surdos e vale lembrar que todos os membros da comunidade surda podem contar histórias. Todos nós precisamos compartilhar nossa experiência com outras pessoas para nos sentirmos parte da nossa comunidade social e linguística. Por isso, um dos principais gêneros de Literatura em Libras é o de narrativas de experiência pessoal, em que uma pessoa conta algo que aconteceu com ela mesma e que, muitas vezes, aconteceu por causa da pessoa ser surda e não iria acontecer à pessoa não surda. Essas narrativas podem ser alteradas para criar uma narrativa que “satisfaz” mais o público (e o contador), mas são fundamentadas nos fatos e na realidade.

Num manuscrito não publicado, a poeta pioneira Dorothy Miles (1990, apud Sutton-Spence, 2005) falando da Literatura Surda (que chamou “sinal arte”) escreveu “todo usuário fluente de BSL é um poeta em potencial¹, porque os sinalizantes sabem como usar classificadores, incorporação, espaço e repetição para criar efeitos linguísticos estéticos. Porém, além da capacidade de qualquer pessoa contar sua história, existe em cada comunidade pessoas com a habilidade de contar histórias de uma forma especialmente agradável, usando a língua estética para gerar uma experiência visual prazerosa e valorizada pelo público.

Numa pesquisa sobre as experiências dos artistas surdos de Libras, Sutton-Spence et al. (2017) mostrou a forte relação entre os artistas e o contexto sociocultural em que eles produzem a sua Literatura. Foram identificadas três “gerações” de artistas, sendo que cada uma influenciou a geração seguinte. Os jovens herdam a tradição literária dos surdos, adaptam essa tradição e passam as habilidades e os conhecimentos para a próxima geração.

Descobrimos cinco categorias principais de influência sociocultural sobre os artistas e, conseqüentemente, sobre a Literatura em Libras. Artistas surdos de países estrangeiros, especialmente dos EUA e da Europa, trabalharam com os artistas brasileiros e compartilharam as produções sinalizadas de outras Línguas de Sinais (MOURÃO, 2016). Essa conexão mundial entre os artistas surdos é especialmente importante porque os elementos visuais de todas as Línguas de Sinais podem ser adaptados para qualquer Literatura nesta modalidade, independente da cultura nacional surda, fortalecendo o conceito de Literatura Surda e criando uma identidade literária com elementos em comum.

As associações de surdos antigamente eram espaços sociais para compartilhar a Literatura Surda. Esses espaços físicos hoje são mais escassos e menos frequentados pelas novas gerações de surdos, que usam mais os espaços virtuais das redes sociais para o compartilhamento da Literatura. Porém, o papel das associações foi fundamental para a manutenção e o desenvolvimento da Literatura em Libras e podemos esperar que isso continue.

O sistema educacional também está sempre mudando e é sujeito a uma va-

¹ Em Inglês "every fluent user of BSL is a potential poet", tradução nossa.

riação de características socioculturais. Isso tem um impacto forte sobre os artistas surdos e, assim, sobre a sua Literatura. No contexto educacional, a Literatura é normalmente algo que, inicialmente, os adultos oferecem para as crianças. Os adultos as orientam e as acompanham para que elas sejam cada vez mais independentes nos seus encontros com a Literatura. Nas escolas, podemos esperar que os professores façam isso e no ambiente familiar os adultos, parentes e amigos possam contar histórias ou ficar junto com a criança pequena enquanto ela assiste a narrativas ou outras produções literárias, como poemas e piadas. Para muitos surdos, no entanto, isso não acontece em Libras simplesmente porque a maioria dos adultos não conhece a Literatura em Libras.

Antigamente, as escolas não reconheciam a Literatura Surda e, assim, os professores não a ensinavam. Mas, nas escolas de surdos em que as crianças surdas se juntavam, os alunos compartilhavam as narrativas, poemas e piadas entre eles – os alunos mais velhos ensinavam aos alunos mais novos e os alunos das famílias surdas passavam o que eles aprendiam com a família aos outros alunos (MOURÃO; KARNOPP, 2020).

Na pesquisa de Sutton-Spence et al. (2017) vimos que essa experiência escolar influenciou os artistas brasileiros, especialmente no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) no Rio de Janeiro. Porém, os artefatos e processos linguísticos culturais fazem parte da educação bilíngue e bicultural dos alunos surdos de qualquer idade. Os alunos surdos nas escolas bilíngues têm mais oportunidades de aprender a Literatura em Libras, mas hoje a política de integração cria a falta de grupos de pares surdos que possam interagir e aprender.

As universidades brasileiras são outras instituições educacionais que influenciam os artistas de Libras. A implantação dos cursos de Letras-Libras (desde o primeiro curso da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, em 2006) tem tido um impacto forte sobre a Literatura em Libras. As disciplinas Literatura Surda bem como o ensino dela já fazem parte da formação de dezenas (até centenas) de professores surdos que podem passar o conhecimento para os seus alunos e formar também os tradutores-intérpretes que podem atuar na tradução literária. O ensino da Literatura Surda nos cursos de Letras-Libras é cada vez mais alimentado pelas pesquisas em Literatura Surda conduzidas nas universidades e em outras instituições de educação superior. A validação da Literatura Surda pelas instituições acadêmicas é outro exemplo das mudanças socioculturais que criam a situação dinâmica da Literatura em Libras.

Tradutores e intérpretes são também criadores de um gênero importante de Literatura em Libras, o da Literatura traduzida. Bahan (2006) destaca que os artistas surdos não produzem a Literatura nas Línguas de Sinais deles sem conhecimento das normas e tradições da Literatura Nacional, e que esse conhecimento dos dois sistemas literários vai influenciar a Literatura dos Surdos. Even-Zohar, na teoria dos polissistemas, propõe que a tradução da Literatura da cultura ma-

oritária para a língua de uma cultura minoritária pode influenciar a Literatura minoritária, trazendo novos estilos e elementos. Isso acontece na Literatura em Libras, por meio da tradução de Literatura em Língua Portuguesa para Libras (SANTOS, 2018). Quanto mais os tradutores-intérpretes conhecem as normas literárias da comunidade surda, tanto melhor e adequada serão as traduções, abrindo novos caminhos para os artistas surdos. Por exemplo, Barros (2015) descreveu a tradução dos poemas de Carlos Drummond para Libras seguindo essas normas. Campos (2017) e Ribeiro (2020), nas traduções de Literatura em Cordel para Libras, introduzem um novo gênero acessível à comunidade surda. Destacamos que Campos (2017) ressalta a importância de os tradutores surdos trabalharem em parceria com os ouvintes na criação literária do Cordel, e que Ribeiro (2020) nota as oportunidades de traduzir as palavras em Língua Portuguesa com uma mistura de sinais e imagens. Cada pesquisa, então, levou novas perspectivas socioculturais para a Literatura em Libras, abrindo novas possibilidades.

A pesquisa de Sutton-Spence et al. (2017) também relatou a importância da tecnologia no trabalho dos artistas surdos de Libras, especialmente pelo YouTube. No Nesse canal, os artistas podem ver novos exemplos de Literatura que eles podem experimentar e adaptar. Da perspectiva da produção e divulgação, o YouTube também fornece um novo meio para o artista apresentar seus trabalhos ao novo público (KRENTZ, 2006). Os avanços em tecnologia também permitem que as técnicas de gravação e edição de vídeo sejam utilizadas nas produções dos artistas, especialmente nas redes sociais.

11.3.2 O público

Não adianta os artistas surdos produzirem a Literatura em Libras, se não houver um público para participar no evento literário. Sutton-Spence e Quadros (2014) descrevem a importância da relação entre o artista e o público, em que, juntos, eles criam a experiência literária que vai muito além do “texto literário”. Os aspectos socioculturais que destacamos acima, que influenciam os artistas surdos, também influenciam o público. Especialmente, a experiência educacional ensina como fazer parte de um público com expectativas das normas surdas literárias.

O papel do público varia, mas é sempre importante. Por exemplo, Bahan (2006) observou que o público pode determinar a escolha da história ou a forma dela. Se um grupo pede ao surdo para contar histórias, eles também pedem o tipo de história. Por outro lado, o artista que posta suas produções nas redes sociais tem menos interação dinâmica na hora da apresentação, mas vai ver os comentários do público, registrar quais vídeos têm mais visualizações e likes, e esse feedback pode influenciar as obras futuras.

O público da Literatura em Libras antigamente era composto principalmente pelos surdos com as mesmas experiências e conhecimentos dos artistas. Assim o artista entendia o que podia esperar do público. Porém, hoje, há mais ouvintes,

aprendizes de Libras como a segunda língua. Além disso, o perfil do surdo é mais diferenciado do que antes porque não podemos esperar uma experiência linguística ou educacional tão padronizada como era antes. O artista surdo pode mudar seu jeito de sinalizar ou as histórias que escolhe para acolher diversos grupos de surdos, como destacam os artistas no artigo de Sutton-Spence e Quadros, (2014), mas não é muito comum alterar as produções da mesma maneira para se aproximar do público ouvinte (KRENTZ, 2006).

11.3.3 A modalidade de Literatura Surda

Enquanto focamos aqui na Literatura em Libras, o contexto sociocultural da Literatura Surda, em que a Literatura em Libras se encaixa, tem uma relação forte com a Literatura Surda escrita em Língua Portuguesa. Essa Literatura é destinada tanto aos adultos quanto às crianças e, muitas vezes, a Literatura Infantil escrita em Língua Portuguesa tem tradução para Libras.

A Literatura escrita por surdos em Língua Portuguesa inclui a que foi escrita por autores surdos sobre o assunto ser surdo (MÜLLER e KARNOPP, 2015) ou destinada aos surdos. (KARNOPP, 2008). Na Literatura Infantil, vemos alguns livros de histórias originais com personagens surdos, escritos especificamente para crianças surdas, com personagens surdos. Outras histórias escritas em Língua Portuguesa são adaptações de contos tradicionais com personagens surdas adicionadas (KARNOPP, 2008). Esses livros fornecem imagens positivas da vida dos surdos para quem está no processo de desenvolver e adquirir uma identidade surda, especialmente, quando os autores são surdos. Exemplos incluem A Cigarra Surda e as Formigas, de Carmen Elisabete de Oliveira e Jaqueline Boldo (2003), Tibi e Joca, de Cláudia Bisol (2001) e Rapunzel Surda e O patinho Surdo, de Rosa e Karnopp (2005).

Outra possibilidade é que a Literatura seja escrita em Libras, especialmente pelo sistema *SignWriting*. Vemos Literatura em *SignWriting*, principalmente nas produções destinadas aos alunos surdos, como uma ferramenta educacional (MARQUEZI, 2018), mas também na poesia em Libras escrita em *SignWriting* para adultos (por exemplo, pelos poetas Maurício Barreto e Kácio de Lima). Pesquisas sobre tais poemas mostram uma nova fusão da Libras com as imagens visuais (BARROS, 2020). Ressaltamos que a Literatura escrita em Libras é possível apenas por causa dos desenvolvimentos educacionais e sociais no Brasil, em que o *SignWriting* foi promovido em algumas escolas e nos cursos de Letras-Libras. Assim foram criados artistas capazes de usar essa modalidade da língua para os fins poéticos e um público capaz de ler e apreciar a poesia escrita em Libras.

Há poucas pesquisas sobre o ensino de Literatura Surda nos cursos de ensino de Libras como segunda língua, mas sabemos que a Literatura Surda em Libras pode ser usada no ensino da língua, da cultura surda, da análise linguística de Libras, da tradução / interpretação e para ensinar a própria Literatura para que os

alunos tenham uma melhor compreensão da comunidade surda.

11.3.4 Tradução

Já falamos um pouco da importância da tradução literária, lembrando que essa pode ser de Língua Portuguesa para Libras ou de Libras para a Língua Portuguesa. Ao pensar sobre a tradução literária, precisamos refletir sobre a quem ela serve. Essas traduções servem tanto para o público surdo quanto para o público ouvinte. Uma boa tradução vai melhorar a comunicação cultural entre os surdos e ouvintes, bem como mostrar a identidade literária da comunidade surda para os ouvintes e vice-versa. Os artistas surdos aprendem mais sobre a Literatura Brasileira em Língua Portuguesa e quem faz as traduções aprende muito sobre os elementos linguísticos, dramáticos e tecnológicos da Literatura em Libras (BARTOLOMEI, 2021). O objetivo das traduções não é sempre o mesmo e, por isso, vemos diversos tipos de tradução, dependendo, por exemplo, se a tradução for feita para fomentar a pesquisa em Literatura ou tradução, para dar acessibilidade do conteúdo para quem não domina a língua (por exemplo, para Educação) ou por puro prazer.

As traduções de obras literárias de Língua Portuguesa para Libras não precisam seguir as normas da Literatura da língua-fonte. Os tradutores com a intenção de domesticar a tradução, levando o texto original à comunidade surda, vão escolher os elementos literários que mais agradam ao público surdo (ALBRES, 2014; ALBRES, COSTA e ADAMS, 2018).

11.4 Conclusão

Conforme foi discutido neste capítulo, a Literatura em Libras possui muitos aspectos que devem ser considerados em sua produção, como a definição e evolução do conceito, os elementos estéticos presentes nas obras, o contexto sociocultural em que elas surgem, como a origem, o destino e a modalidade delas. A Literatura em Libras tem características que a diferenciam dos outros gêneros por ter fins estéticos, mas não somente isso: ela também é definida a partir da intenção do autor, do ponto de vista do público e da sua inserção no universo da Literatura Surda e da Literatura Brasileira.

A Literatura em Libras é compreendida como a modalidade principal da produção literária surda. Ela também se insere no contexto da Literatura Brasileira, possuindo influências e similaridades com relação a esta, mas se afasta nos aspectos que dizem respeito à modalidade visual-espacial. O advento do vídeo vem provocando transformações na Literatura em Libras, pois o registro, além de possibilitar que o autor aprimore suas obras e use efeitos visuais que irão compor a significação delas, a posterior divulgação dessas em redes sociais permite ao autor a criação de um novo público, uma interação diferente, mas também a garantia de que fiquem vivas essas obras para as próximas gerações surdas. Pode-se verificar, a

partir dos exemplos mencionados neste capítulo, que a Literatura em Libras conta com criações originais, traduções ou adaptações. Tanto a origem como o destino dessas criações são principalmente os surdos, mas também as pessoas ouvintes que vêm se interessando cada vez mais por essa Literatura, por sua riqueza.

Interfaces Linguísticas

Alexandre Melo de Sousa – UFAC

Aline Lemos Pizzio – UFSC

Daniela Saito – IFSC

Marianne Rossi Stumpf – UFSC

Jefferson Osiel Lucinda – UFSC

Renata Krusser – IFSC

Ronice Müller de Quadros – UFSC

12 INTERFACES LINGUÍSTICAS

12.1 Portal de Libras

Daniela Saito, Renata Krusser, Ronice Müller de Quadros

O Portal de Libras¹ foi desenvolvido a partir do projeto Documentação da Libras. Assim, foi elaborada uma plataforma para reunir materiais, informações e ferramentas relacionados à Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além de Literatura em Libras, o portal oferece recursos para pesquisa, para apoio à educação e ferramentas para o compartilhamento de conhecimento, dados e interação em Libras e Língua Portuguesa, favorecendo a constituição de uma rede de educação ou comunidade de prática.

Como o público-alvo envolve surdos e ouvintes, o portal levou em consideração aspectos relacionados à acessibilidade e à usabilidade, valorizando os recursos visuais e a Língua de Sinais nas orientações para a navegação, na apresentação das ferramentas e nos espaços de comunicação.

O Portal de Libras disponibiliza repositórios para compartilhamento de materiais literários, acadêmicos e didáticos, glossários, antologias, exemplos de aulas e estudos gramaticais, além de espaço para publicação de informações sobre cursos.

¹ A versão de testes está disponível em: <https://app-hmg-libras.levantelab.com.br/> e estará disponível em: <https://portal-libras.org.br>.

Além disso, oferece também recursos voltados para a pesquisa e o ensino da língua como a Gramática da Libras, Corpus de Libras, Banco de Sinais, Antologia Literária da Libras, espaço interativo e informações sobre diferentes projetos de pesquisa.

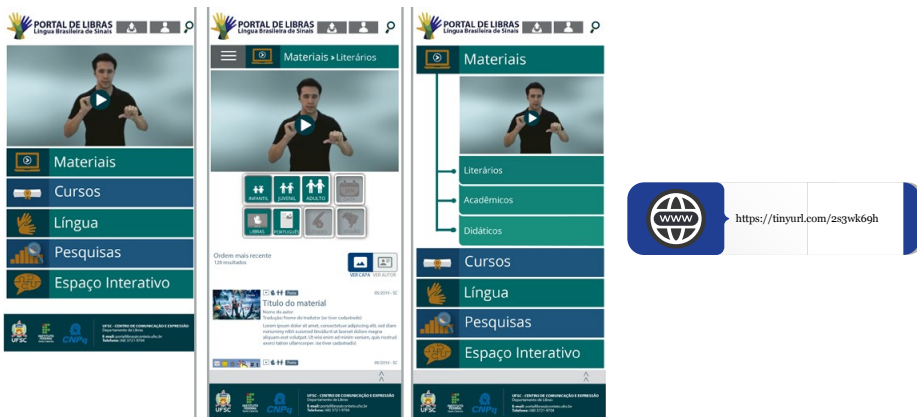
Para o desenvolvimento do Portal de Libras foram feitas pesquisas nas áreas de design e desenvolvimento de tecnologias que serão apresentadas a seguir.

12.1.1 Design de interface

No projeto do Portal de Libras, o desenvolvimento da identidade visual teve como base os estudos surdos, e o design da interface buscou valorizar a Língua de Sinais e as formas de orientação visual dos surdos. Além de considerar as diretrizes de acessibilidade web, foram observadas recomendações de estudos específicos sobre a navegação dos surdos, como as pesquisas de Flor (2016), Fajardo, Parra e Cañas (2010) e Ribas (2018). Tais estudos destacam a importância de orientações em Língua de Sinais e uso de recursos visuais contextualizados. Conforme os autores, o uso de imagens conhecidas e icônicas facilitam a compreensão dos surdos, mas imagens abstratas ou com simbolismo desconhecido podem prejudicar a navegação. O projeto da arquitetura de informações e o design de interação levaram em consideração também a experiência do usuário, que foi observada ao longo do desenvolvimento do projeto, passando por diferentes etapas de avaliação e aprovação pelo grupo de surdos e ouvintes.

A complexidade das informações a serem disponibilizadas no ambiente bilíngue colocou desafios importantes para os designers. A organização dos materiais resultou em um layout que priorizou a clareza, utilizando uma distribuição de informações com pouca profundidade, ou seja, com poucos cliques é possível acessar qualquer conteúdo do portal, seguindo propostas de arquitetura da informação desenhadas por Rosenfeld, Morville e Arango (2015), (Figura 1).

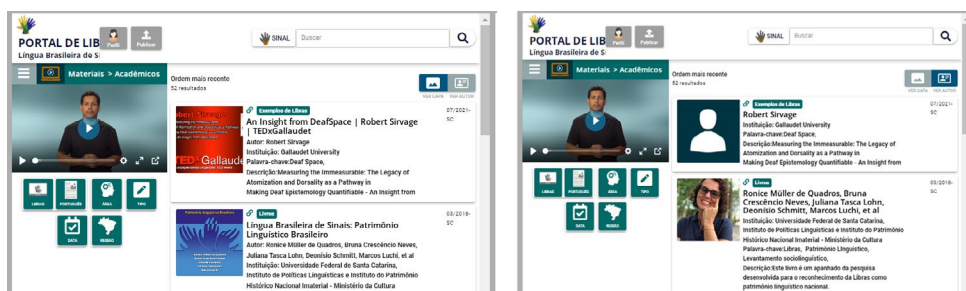
Figura 1: Layout de páginas do Portal de Libras: home, menus e materiais literários (com filtros de infantil, juvenil ou adulto, data, região, gênero literário e língua, Libras ou Língua Portuguesa.).



O Portal de Libras foi desenvolvido em um formato responsivo permitindo aos usuários desenvolver a habilidade de comunicação a qualquer momento, por meio de diferentes dispositivos.

A interface gráfica, por sua vez, foi projetada para possibilitar a navegação por meio de imagens, vídeos em Libras e textos escritos. Na busca por materiais, por exemplo, buscou-se explorar filtros com indicações visuais para localizar as informações de forma mais eficiente e foi incluída também uma opção de visualizar os materiais com informações de imagem da capa e título do material ou foto e nome dos autores (Figura 2).

Figura 2: Página de apresentação da lista de Materiais Acadêmicos organizados por capa e título e por autor e foto.



No que se refere aos ícones usados nos menus e aos respectivos rótulos (textos explicativos), foram usadas bibliotecas com imagens convencionais para os ícones mais comuns. Mesmo assim, foi feito um estudo sobre a adequação para o Portal Bilíngue. Por exemplo, no design do ícone para o repositório de materiais foi inicialmente proposto um ícone com desenho de livros e o título “biblioteca”, mas os surdos não se identificam com a leitura em Língua Portuguesa e “biblioteca”. Por isso, não seria um termo adequado para um repositório que prioriza os materiais em Libras. Optou-se, então, pelo termo “Materiais” com as categorias de Literários, Acadêmicos ou Didáticos.

Já para os botões com informações abstratas ou menos usuais, foram geradas alternativas de desenhos que eram submetidas à aprovação dos surdos. Por exemplo, para o ícone de “Gênero Literário” (Figura 3), foram desenvolvidas várias propostas, mas o ícone escolhido foi o que representa o sinal em Libras.

Figura 3: Alternativas de ícones para o botão com opções de gênero literários.



A opção de usar o desenho das mãos fazendo o sinal resulta em imagens de menor legibilidade e mais complexas, já que precisam indicar o movimento. No entanto, a preferência dos surdos consultados está em consonância com os estudos de Scandolaro (2019) e Ribas (2018), que discutem o desenvolvimento de ícones adequados para orientar a navegação de usuários surdos.

As diretrizes elaboradas por Ribas (2018) indicam o uso de elementos que sejam familiares ao público surdo, podendo ser uma imagem icônica, o texto em *SignWriting* ou a representação do sinal de Libras. Scandolaro (2019), ao pesquisar o uso da Língua de Sinais em ícones para a navegação e para o acesso de surdos observou que o design dos ícones em Libras foi preferido pelos surdos. Como utilizam uma referência verbal, foram bem compreendidas e promoveram maior identificação com a cultura surda.

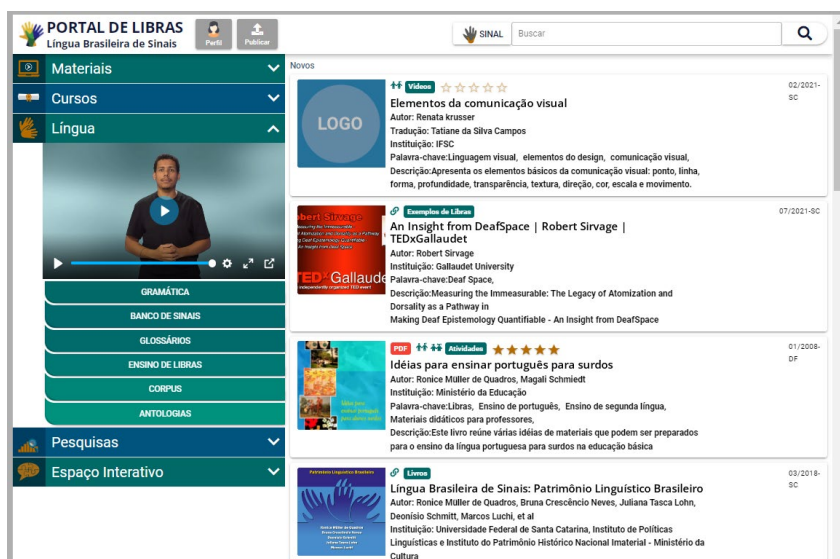
A definição dos textos dos rótulos também foi feita com a participação de surdos e as soluções adotadas conduziram o layout dos menus. Por exemplo, na tradução para Libras do menu com as opções: Poesia, Contos, Narrativas, Fábulas, Lendas e Entrevistas foi observado que o sinal para Contos e Narrativas é o mesmo. Nesse caso, o menu em Língua Portuguesa foi modificado e os dois termos foram colocados em uma opção do menu: “Contos e narrativas”, (Figura 4).

Figura 4: Menu com as opções de Gênero literário.



Nos menus, foram utilizados os ícones e rótulos em Língua Portuguesa, mas os textos em Libras não acompanharam cada botão, foram colocados em um vídeo acima dos menus e submenus com as orientações mais detalhadas para a navegação (Figura 5).

Figura 5: Menu com orientações em Libras.



12.1.2 Arquitetura técnica do portal

Em relação às tecnologias utilizadas, a arquitetura técnica do portal consiste de três aplicações de web: (1) a web app – frontend² (desenvolvida na linguagem JavaScript, de uma forma reativa utilizando o Quasar Framework; e o Node.js³; (2) a web app – backend⁴ (que conta com todas as regras gerenciais de aplicação, desenvolvidas com a linguagem PHP com o Laravel Framework⁵. Para materializar a estrutura da plataforma para o banco de dados, foi utilizado o MySQL⁶ e o

² Disponível em: <http://quasar.dev>

³ Disponível em: <https://nodejs.org/en/>

⁴ Disponível em: <https://www.php.net/>

⁵ Disponível em: <https://laravel.com/>

⁶ Disponível em: <https://www.mysql.com/>

Phpmyadmin⁷ Para todas as aplicações foram usados o Linux OS Ubuntu⁸ com o Apache⁹ para suporte de serviços; e (3) a web app do espaço interativo, desenvolvida na linguagem JavaScript utilizando a biblioteca React¹⁰ e incorporado ao fórum o editor HTML TinyMCE¹¹, para facilitar a postagem de textos e vídeos em Libras.

12.1.3 Práticas educativas e ferramentas

Com relação às práticas educativas, no âmbito do Portal de Libras, foi criado um ambiente público que inclui materiais em diferentes formatos, tais como vídeos, imagens, animações, artigos, teses, dissertações, materiais didáticos, sobre questões contemporâneas relacionadas à Libras, com o objetivo de democratizar o acesso à informação.

Deve-se considerar que as tecnologias desenvolvidas para viabilizar esse ambiente buscam tornar novas formas de aprendizagem, denominadas aprendizagem ubíqua (SANTAELLA, 2010), possíveis devido às vantagens que as redes apresentam em termos de flexibilidade, velocidade, adaptabilidade e acesso aberto à informação.

As ferramentas desenvolvidas para o Portal de Libras possibilitam a gestão de recursos, além de favorecer a acessibilidade, avaliação dos materiais disponibilizados, indexação de informações e upload de vídeos, constituindo uma possibilidade de pesquisa e desenvolvimento de produtos que podem ser revertidos para toda a comunidade surda e ouvinte. Ressaltam-se que essas tecnologias e recursos educacionais possibilitam e potencializam as orientações em Libras, tendo sua eficácia comprovada em experiências anteriores.

Considerando que o Portal de Libras e a Comunidade de Prática e/ou Rede de Formação objetivam favorecer a interação em Libras e Língua Portuguesa, foram desenvolvidas, customizadas e/ou integradas as seguintes ferramentas:

- 1) recursos para busca visual considerando as especificidades da Libras;
- 2) ferramentas de interação assíncrona;
- 3) ferramentas de colaboração;
- 4) sistema de busca de sinais em Libras.

7 Disponível em: <https://www.phpmyadmin.net/>

8 Disponível em: <https://ubuntu.com/>

9 Disponível em: <https://www.apache.org/>

10 Disponível em: <https://pt-br.reactjs.org/>

11 Disponível em: <https://www.tiny.cloud/>

Para viabilizar a implementação de todas ferramentas e práticas educativas, o Portal de Libras compreendeu os seguintes pontos:

- 1) geração de um banco de dados multimídia em Libras ou sobre a Libras e a educação de surdos;
- 2) possibilidade de os usuários gerenciarem seu aprendizado, a partir de ferramentas construídas para esse fim (exemplo: andamento da leitura, gerenciamento de materiais acessados, favoritos, indicação de conteúdos relacionados, colaboração entre usuários, etc.);
- 3) possibilidade de avaliação dos materiais didáticos de acordo com critérios detalhados que abrangem o contexto pedagógico, aspectos da cultura surda, a tradução e interpretação, adequação e qualidade das mídias digitais utilizadas e o design da interface;
- 4) possibilidade de interação por meio de fórum interativo de modo a estimular o compartilhamento de conhecimento e criação de uma rede de educação e comunidades de prática.
- 5) apoio à realização de projetos de pesquisa, políticas públicas e divulgação de cursos e materiais em Libras que estejam em consonância com a filosofia das humanidades digitais, em especial as Humanidades 2.0;
- 6) organização e geração de uma base multimídia para o Signbank na plataforma global de Signbank;
- 7) desenvolvimento de sistema de buscas no portal por palavras em Língua Portuguesa ou sinal em Libras;
- 8) desenvolvimento de ferramentas de gerenciamento da plataforma com recursos para desenvolvimento de materiais, gerenciamento de conteúdo e usuários, informações sobre conteúdo mais acessado, ferramentas de busca semântica e relacional;
- 9) integração das informações e estatísticas de uso do portal e das bases de dados utilizadas e geradas.

12.1.4 Ambiente de colaboração e comunidades de prática

O Portal de Libras envolveu a criação de um ambiente de colaboração mediado por tecnologia atendendo à definição de Davidson (2008) de uma geração de ferramentas que é chamada de Humanidades 2.0: abertura sobre a participação fundamentada em um conjunto diferente de premissas teóricas, que descentra o conhecimento e a autoridade.” (DAVIDSON, 2008, p. 711-12). De acordo com

Wenger, Mc Dermont e Snyder (2002), as comunidades de prática são beneficiadas pelas tecnologias, visto que elas atuam como amplificadoras das redes de relações, além de incentivar a comunicação entre as pessoas, estimulando a aprendizagem e a construção social do conhecimento por meio de técnicas criativas e pelo uso de novas ferramentas.

12.1.5 Buscas por Sinais

Uma das principais inovações do projeto foi o desenvolvimento de uma ferramenta que possibilita fazer buscas no portal a partir de um sinal.

O projeto incluiu, em uma de suas etapas, o redesenho da interface do Signbank Libras, um banco de sinais integrado ao Global Signbank, que disponibiliza a definição de cada sinal da Libras, incluindo glosa, tradução para a Língua Portuguesa e tradução para o Inglês, além de informações fonológicas, morfológicas e semânticas. A integração do Signbank Libras com o Portal de Libras possibilitou acessar os dados desse banco de sinais a partir de uma ferramenta de busca que permite digitar a palavra em Língua Portuguesa ou selecionar o sinal em Libras para pesquisar um conteúdo no portal.

O projeto do sistema de buscas foi embasado em resultados de pesquisas que buscam facilitar a seleção de um sinal, especialmente em estudos para o desenvolvimento de dicionários e glossários da Língua de Sinais.

Embora existam dicionários e glossários que possibilitam localizar um sinal a partir de parâmetros como configuração de mãos, número de mãos usadas, espaço de articulação do sinal, tipo de movimento, por exemplo, a maioria não utiliza a busca por sinais, apenas a busca por palavras escritas. Isso ocorre porque localizar um sinal exige do usuário um trabalho elaborado e conhecimento dos parâmetros fonológicos da língua. Quando a busca por sinais é oferecida, após a seleção de alguns parâmetros, ainda é necessário localizar o sinal em uma lista de imagens, geralmente organizada alfabeticamente. Também não foram encontrados sites na web que ofereçam pesquisas a partir dos sinais.

Várias pesquisas têm buscado desenvolver sistemas computacionais de reconhecimento de imagens capazes de identificar os sinais em vídeos na Língua de Sinais, mas os contrastes entre a cor de pele e a roupa, as variações na imagem de fundo do vídeo e os diferentes tipos de expressão na execução dos sinais dificultam esse reconhecimento, e ainda não existe uma solução eficiente que tenha sido adotada para isso.

Conforme pesquisa sistemática da literatura realizada por Scolari e Braviano (2020), não foram encontradas diretrizes de usabilidade e design para o projeto dessas interfaces e a produção científica sobre os sistemas de busca em Línguas de Sinais, ainda estão em seus estágios iniciais.

Uma busca por palavras segue uma ordem alfabética, amplamente conhecida, mas na Libras não existe uma ordem padronizada. A busca geralmente é iniciada

pela seleção de uma configuração de mãos. Apesar dos avanços nos estudos linguísticos da Libras, o número de configurações de mãos pode variar em sistemas diferentes, e não existe uma ordem padrão na apresentação das configurações de mãos nem uma organização por agrupamentos que seja adotada nacionalmente.

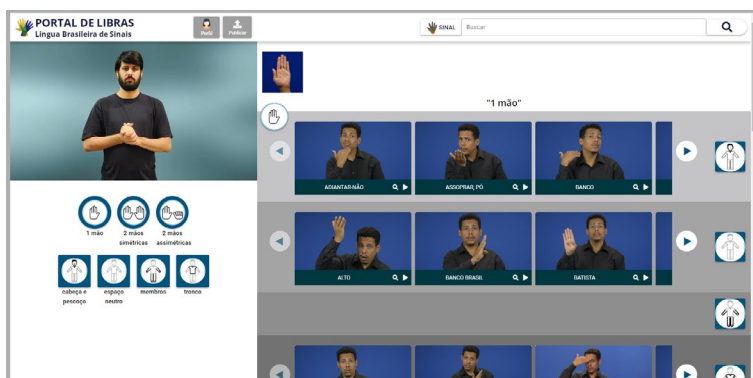
Scolari, Crasborn e Braviano (2022) investigaram como classificar e ordenar as 62 imagens de configurações de mãos do banco de sinais. Para isso, foi feita uma análise de cluster usando três (3) variáveis, resultando em grupos baseados em semelhanças visuais entre as configurações de mãos. Depois as imagens foram reordenadas com base em princípios de gradação da forma, visando a uma organização com boa pregnância. Essa abordagem se fundamentou também no argumento de que o processo de organização perceptiva é muito mais rápido do que o processo do pensamento, conforme Van Der Helm (2017) e Scolari (2022).

A partir desses estudos e de testes de usabilidade, foi definida a ordem das configurações de mãos e foi desenvolvido um recurso de slider deslizante que possibilitasse compreender o conjunto de informações visuais e sua organização por categorias favorecendo uma localização rápida.

Uma vez selecionada uma configuração de mãos, é apresentada uma lista de imagens extraídas dos vídeos no momento inicial da sinalização. Tais imagens foram recortadas indicando o enquadramento em que o sinal é feito. Se a imagem é feita na frente do rosto, o recorte mostra um close. Se o movimento for amplo, deslizando ao longo do corpo, por exemplo, a imagem mostra um plano médio (da cintura para cima) ou um plano americano (do joelho para cima). Isso facilita a identificação do sinal, mesmo antes de visualizar o vídeo sinalizado.

Na apresentação desta lista, também foram implementados filtros para que seja possível escolher visualizar apenas os sinais feitos com uma mão, duas mãos simétricas ou duas mãos assimétricas e em uma determinada localização (Figura 6).

Figura 6: Busca por sinais – localização de um sinal com determinada configuração de mãos.



12.1.5.1 Avaliação dos materiais didáticos

Para a manutenção da qualidade dos materiais didáticos disponibilizados, fez-se necessário desenvolver uma ferramenta para a avaliação que levasse em consideração as características dos surdos e da educação bilíngue.

Uma vez que o Portal de Libras visa promover o compartilhamento de conhecimentos e recursos, buscou-se desenvolver uma forma de avaliar as contribuições publicadas na plataforma no intuito de facilitar a identificação de materiais mais adequados para cada público.

De acordo com Moraes et al. (2018), ainda são escassas as pesquisas que abordam uma forma de avaliar e selecionar materiais que sejam mais congruentes com as especificidades do público surdo, tendo em vista que aspectos tais como o uso da Língua de Sinais e a atenção às diferentes habilidades de leitura/escrita devem ser considerados em um processo avaliativo (MORAES, 2020, DEBEVC et al., 2014).

Moraes (2020) desenvolveu em sua pesquisa de doutorado um modelo conceitual para a avaliação de Recursos Educacionais Digitais (REDs) bilíngues (Libras/Língua Portuguesa). As categorias de avaliação incluem: contexto pedagógico, cultura surda, tradução e interpretação, mídias digitais e design de interface (Figura 7).

Figura 7: Modelo para avaliação de REDs bilíngues.

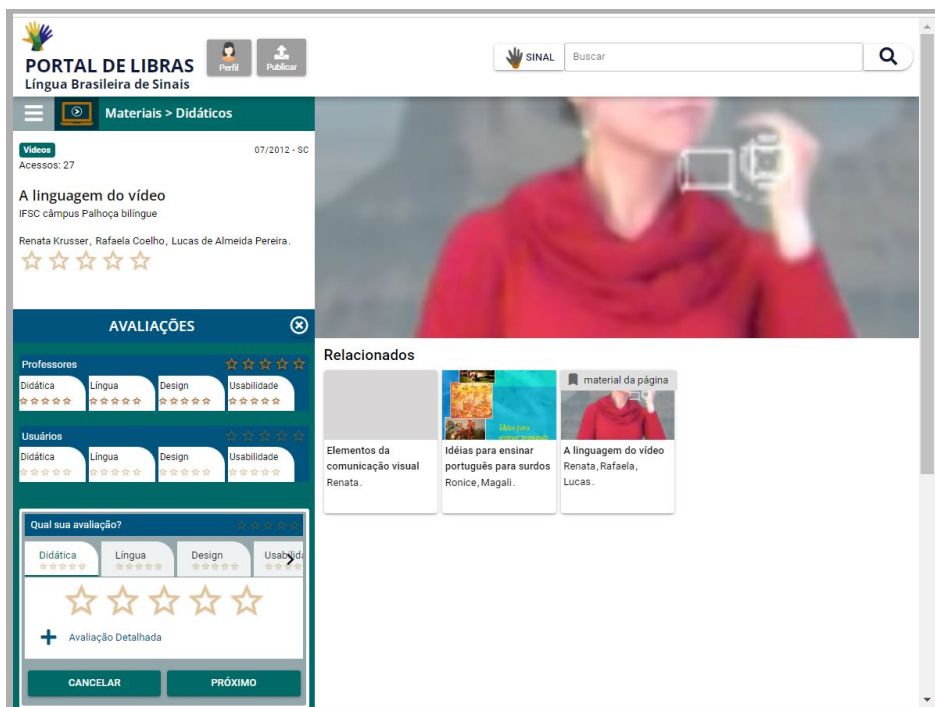


Fonte: Moraes (2020, p.180).

Na categoria Contexto Pedagógico, observa-se se o RED bilíngue está de acordo com os objetivos pedagógicos, se o conteúdo é confiável e se as características cognitivas e emocionais favorecem o aprendizado. Na categoria Cultura Surda, a análise é feita a partir de critérios linguísticos, referentes ao uso da Língua Portuguesa e da Libras e critérios cognitivos como a utilização de recursos visuais, uso de exemplos antes de apresentar conceitos novos, e redução de informações concomitantes. A categoria Tradução e interpretação avalia a qualidade das traduções e interpretações considerando a consistência da Língua de Sinais, datilologia, uso de glossários, relação dos intérpretes com os elementos visuais, fluência e ritmo. Na categoria Mídias digitais, avaliam-se a adequação e qualidade das imagens, textos, tabelas, gráficos, vídeos, animações e áudios nas mídias interativas e observa-se a presença de feedback e controle do usuário. E, na categoria Design de interface, é avaliada a agradabilidade e a organização visual e os aspectos de usabilidade. Como facilidade de interação e opções de acessibilidade.

O modelo foi usado como base para o desenvolvimento do recurso de avaliação dos materiais didáticos no Portal de Libras e foi implementado no formato de formulário eletrônico de caráter quantitativo/qualitativo. A avaliação pode ser feita por especialistas (professores da área) ou pelos usuários comuns. Também é oferecida uma opção de avaliação rápida indicando uma nota para cada categoria fazer uma avaliação detalhada a partir de um questionário (Figura 8).

Figura 8: Página de avaliação de materiais didáticos do Portal de Libras.



12.1.6 Módulos disponíveis

O Portal de Libras contemplou uma variedade de recursos, sendo que as ferramentas desenvolvidas seguem a filosofia de projeto de software open source. Os recursos foram organizados nos seguintes módulos:

- 1) módulo de materiais – materiais das categorias literário, acadêmico e didático com as ferramentas de filtros para buscas, materiais favoritos, download de materiais e publicação de novos materiais;
- 2) módulo de curso – cursos oferecidos no país relacionados à Libras, como cursos de Libras; cursos técnicos; cursos de graduação, pós-graduação, outros cursos para surdos e inclusão de novos cursos;
- 3) módulo de linguagem – diferentes materiais específicos sobre Libras, incluindo Libras Grammar, Libras Literary Anthologies, Referencial para ensino de Libras como L2, Libras Corpus e Signbank de Libras;
- 4) módulo Pesquisa – cadastro de pesquisas em desenvolvimento e estatísticas do Portal de Libras;
- 5) módulo de avaliação – os materiais publicados no Portal de Libras podem ser avaliados pelos usuários;
- 6) módulo de perfil do usuário – os usuários podem criar um perfil e salvar suas preferências e materiais em seu perfil;
- 7) espaço interativo – possibilita a interação em Libras e em Língua Portuguesa em uma estrutura de fórum de discussão.

O desenvolvimento do Portal de Libras teve como objetivo apoiar a divulgação de conteúdos relacionados à Libras e à educação de surdos, promovendo a formação de comunidades de prática (pesquisadores, professores, intérpretes e tradutores de Língua de Sinais e comunidades). A complexidade da relação entre as informações, a quantidade e variedade de conteúdos disponíveis, a perspectiva de crescimento devido à demanda por materiais relacionados à Libras, além da necessidade de valorização do visual e da Libras, exigiram o desenvolvimento de diferentes pesquisas teóricas sobre acessibilidade e perspectivas de surdos diante da escolha das tecnologias a serem utilizadas, bem como o desenvolvimento de recursos tecnológicos inovadores. O projeto envolveu estudos para a elaboração de uma arquitetura de informação que esclarecesse a organização dos conteúdos, permitindo sua localização por orientação visual e por linguagem de sinais. Também foram desenvolvidos estudos para a construção de ferramentas para buscas em Libras, interação bilíngue, compartilhamento, gestão e avaliação de materiais

multimídia e disponibilização de dados estatísticos sobre os tipos de usuários, autores, materiais publicados e cursos visando servir de subsídios para pesquisas, ensino e políticas públicas.

Na próxima seção, apresentamos o Signbank da Libras, que serve como base para a busca por sinais dentro do Portal de Libras.

12.2 SIGNBANK DA LIBRAS

Aline Lemos Pizzio, Jefferson Osiel Lucinda, Marianne Rossi Stumpf, Ronice Müller de Quadros

12.2.1 Introdução sobre o Signbank

O Signbank é um aplicativo que foi originalmente construído para dar suporte ao banco de sinais da Língua de Sinais australiana (Auslan) como um dicionário digital disponível por meio da web. Posteriormente, foi aperfeiçoado com versões mais atuais com o objetivo de se tornar global, podendo ser aplicado para quaisquer Línguas de Sinais. O aplicativo fornece uma estrutura para o desenvolvimento de um banco de dados lexical de Línguas de Sinais, incluindo vídeos das respectivas Línguas de Sinais. Como um projeto de código aberto, o Signbank original formou a base de vários novos bancos de dados e corpora de outras Línguas de Sinais, incluindo o da Língua de Sinais britânica (BSL), da Língua de Sinais da Holanda (NGT), da Língua de Sinais finlandesa (FinSL). Estão em desenvolvimento versões para a Língua de Sinais americana (ASL), a Língua de Sinais flamenga (VGT), assim como o da Libras (CASSIDY et al. 2018; CRASBORN et al., 2012, 2018).

Na perspectiva do Global Signbank, estamos organizando o Signbank da Libras para que esse sirva como um banco de dados dos itens lexicais oriundos de produções em Libras, especialmente, do Corpus de Libras do Inventário Nacional da Libras. Seguindo a metodologia do Global Signbank, o Signbank da Libras apresenta informações associadas a cada sinal disponível on-line por meio da web deste software de livre acesso. O objetivo é disponibilizar um banco de sinais da Libras aberto às comunidades surdas nacionais e internacionais, assim como servir de fonte de pesquisa linguística. O fato de se integrar ao Global Signbank, permite o acesso internacional e a possibilidade de desenvolvimento de estudos comparativos entre diferentes Línguas de Sinais. Além disso, permite ser 'linkado' diretamente ao software ELAN, sistema de anotação de línguas, usado também no Brasil para anotação da Libras (CRASBORN et al., 2012, 2018; QUADROS, 2016).

Entretanto, há diferenças na descrição linguística de sinais, dependendo dos objetivos de cada grupo de pesquisa que deram origem aos diferentes bancos de sinais. Existem vários modelos fonológicos que descrevem de forma diferente as formas fonológicas dos sinais. Sendo assim, pode haver diferenças nos campos necessários para especificar a forma fonológica de um sinal em cada língua. Cas-

sidy et al. (2018) afirmam que, para tornar os conjuntos de dados compatíveis, é necessário um trabalho para tentar identificar exatamente o que é sobreposição entre as diferentes maneiras de descrever a forma de um sinal e em que as perspectivas diferem.

Dessa forma, é importante oferecer uma interface que permite ao usuário analisar, de uma forma interativa, optando entre a análise descritiva ou análise simples em vários níveis de complexidade. Pode ser transformado em sistemas de anotação especificada para diferentes usos, com identidade dos sinais ou código no texto, que serão armazenados automaticamente.

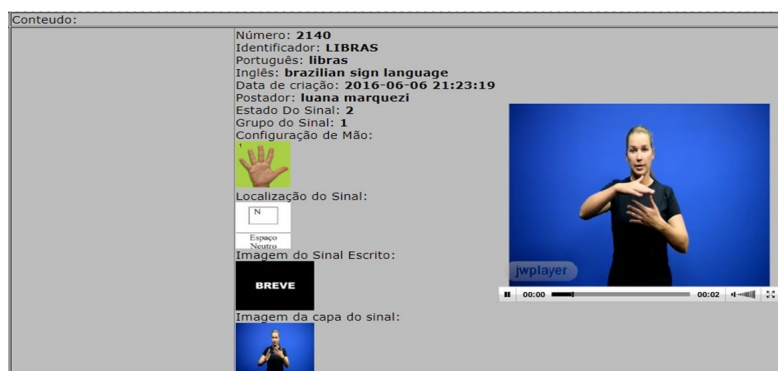
A seguir, vamos tratar especificamente do Signbank da Libras e dos aspectos que estão sendo desenvolvidos para adequá-los à descrição linguística da Libras.

12.2.2 Libras Signbank

O banco de sinais da Língua Brasileira de Sinais – Libras – começou a ser estabelecido em 2008 por meio do Identificador de Sinais, que referimos atualmente como o antigo banco de sinais da Libras (QUADROS et al. 2014).

O Identificador de Sinais foi desenvolvido para compor os nomes dos sinais para fins de referência para a transcrição de sinais. Ao surgir um novo sinal, os transcritores faziam propostas de uma nova glosa que era avaliada e aprovada para integrar esse banco de sinais.

Figura 09: Exibição de um item lexical no antigo banco de sinais – ID Sinais (2014-2018).



O Identificador de Sinais se destacou pela proposta de um sistema de busca que, além de oferecer a possibilidade de localização de um termo por seu nome em Língua Portuguesa, possibilitava também a busca por alguns parâmetros de um determinado sinal, isto é, pelas características visuais do sinal. O sistema de busca por parâmetros do sinal, inicialmente, tinha dois filtros de busca: a configuração de mão inicial do sinal e a localização no momento de sua produção. O resultado da busca apresentava uma tela com o nome que identificava o sinal em Língua

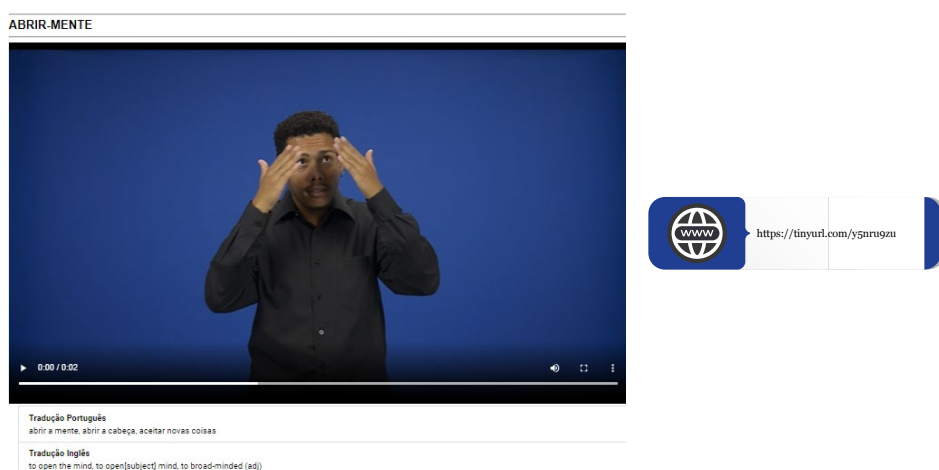
Portuguesa, o vídeo do sinal e as traduções do nome para a Língua Portuguesa e o Inglês. Atualmente, o sistema foi migrado para o Signbank de Libras, perdendo a funcionalidade de busca pelos parâmetros dos sinais. A decisão de perder essa funcionalidade tão importante foi porque o sistema não era amigável ao usuário, deixando, portanto, de ser aplicado. No entanto, a nossa proposta atual é de desenvolver um sistema de busca mais funcional, para que seja efetivamente usado integrando-o ao Signbank enquanto código aberto para ser aplicado ao Signbank da Libras e aos demais bancos de sinais que integram o Global Signbank.

O banco de sinais da Libras está disponível abertamente para consulta de sinais, seus identificadores, traduções e informações linguísticas. Cada um desses elementos compreende um conjunto de informações que compõem os dados de referência de cada entrada.

Os sinais são apresentados no formato de vídeo com uma capa de referência visual do sinal para facilitar a sua localização visual juntamente com um identificador do sinal que representa uma palavra escrita em Língua Portuguesa para nomear o sinal. Esse uso do identificador foi estabelecido com o objetivo de padronizar as glosas nas transcrições de vídeos em Libras. O nome atribuído advém de discussões com transcritores surdos e ouvintes que anotaram dados do Corpus de Libras que integra a documentação desta língua.

Após definido o identificador do sinal, são verificadas as possíveis traduções para a Língua Portuguesa e o Inglês de acordo com suas ocorrências em diferentes contextos dentro do Corpus de Libras. As traduções possíveis são incluídas em cada entrada para serem usadas como referência na tradução das produções em Libras. O identificador de sinais e as traduções podem ser diferentes. Normalmente, um identificador de sinais pode ter várias traduções. Vejam o exemplo a seguir:

Figura 10: ABRIR-MENTE.



ABRIR-MENTE

0:00 / 0:02

Tradução Português
abrir a mente, abrir a cabeça, aceitar novas coisas

Tradução Inglês
to open the mind, to open[subject] mind, to broad-minded (adj)

<https://tinyurl.com/y5nru9zu>

O identificador, o vídeo e as traduções para a Língua Portuguesa e o Inglês são as primeiras informações a serem apresentadas para cada sinal. A partir disso, a estrutura linguística do sinal é descrita considerando aspectos fonológicos, morfológicos e semânticos.

Quanto à fonologia, os parâmetros de referência incluem a lateralidade de cada sinal, ou seja, com quantas mãos ele é produzido, simétrico ou assimétrico, configurações de mãos, os movimentos associados a cada entrada, as localizações em que os sinais são realizados e as orientações das mãos, sendo que cada um desses aspectos é detalhado em elemento mais específico, conforme será apresentado na seção 3.4.


A estrutura morfológica inclui dois tipos de informação: a morfologia sequencial e a morfologia simultânea. A classe de palavras a que pertence o sinal também é um aspecto considerado. Embora alguns sinais possam ser usados apenas em uma função gramatical específica (por exemplo, referencial), muitos sinais têm mais possibilidades. Para cada sinal, a(s) função(ões), ou parte do discurso, para o qual ele pode ser usado pode ser especificada, com as seguintes opções: substantivo, verbo, substantivo ou verbo (para sinais que são ambíguos ou que podem ser usados para ambos), adjetivo, interjeição ou partícula.

Na semântica, são apresentados os significados que o sinal possa ter, se o sinal representa um ou mais aspectos de uma entidade ou evento, uma descrição da imagem(ns) visual(ais) do sinal como um todo (no sentido de construção de imagem do modelo de Taub (2001)) pode ser fornecida. Os campos semânticos a que o sinal possa estar vinculado e a classificação dos tipos de nomes, seguindo categorias para nomear entidades, também são descritas no banco de sinais.


Além desses aspectos, futuramente também será apresentado a forma escrita do sinal em *SignWriting*, que é um sistema de transcrição fonética, um nível de detalhe fonético muito maior do que o necessário para organização / classificação do banco de dados. Além disso, precisávamos da capacidade de procurar / classificar por várias combinações de parâmetros fonológicos. É por esse motivo que o banco de dados lexical da Libras contém campos que codificam redundantemente informações sobre os principais parâmetros fonológicos para cada entrada da Libras (mão, forma e localização). Vejam o exemplo a seguir:

Figura 11: SINAL.

SINAL



Tradução Português
sinal
Tradução Inglês
sign
Lateralidade
1
Lateralidade Pesquisável
1
Configuração Mão Dominante
Key
Configuração Mão Fraca
-
Mudança de Configuração de Mão
Relação entre Articuladores
Localização Pesquisável
Localização

 <https://tinyurl.com/49r3ya25>

Essa estrutura está estabelecida e será alimentada à medida que os pesquisadores desenvolverem análises de cada nível. O banco de sinais pode ser alimentado por todos os integrantes do Libras Signbank do país. Esses integrantes compreendem os pesquisadores que integram o Corpus de Libras a partir do Inventário Nacional de Libras. Atualmente, além da Universidade Federal de Santa Catarina, estão sendo desenvolvidas pesquisas na Universidade Federal de Alagoas, sob a coordenação de Jair Barbosa da Silva; na Universidade Federal do Ceará, sob a coordenação do Rodrigo Nogueira Machado; na Universidade Federal de Tocantins, sob a coordenação do Carlos Ludwig; e no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Ana Regina e Souza Campello. A proposta é de que cada estado esteja representado à medida que esses passem a integrar o Corpus de Libras, por meio do Inventário Nacional de Libras, pois são esses dados que alimentam o Libras SignBank.

12.2.3 Informações linguísticas da Libras no Signbank

Atualmente, o Banco de Sinais da Libras possui um acervo lexical com 3.061 sinais, todos eles catalogados por meio do Inventário Nacional da Libras que integra o Corpus de Libras, da UFSC. Cada um desses itens lexicais contará com descrição gramatical favorecendo futuras pesquisas.

A organização das informações fonético-fonológicas do banco de sinais da Libras tem como base o modelo do Signbank holandês¹², pioneiro neste tipo de detalhamento.

A organização fonológica dos itens lexicais da Libras disponibilizado em nosso banco de sinais é dividida, grosso modo, pelos seguintes parâmetros: i) Quantidade de Mãos (Lateralidade); ii) (CM) Configuração da Mão Dominante e da Mão Fraca (Não Dominante); iii) Localização (L); iv) Movimento (M); e v) Orientação (OR). Em trabalhos futuros, pretendemos abordar também as descrições que envolvem as Expressões Faciais e não manuais.

Os campos para outros parâmetros fonológicos (por exemplo, movimento, CM, localização) serão adicionados após a primeira classificação lexical, para verificação de que tipos de parâmetros serão necessários para distinção dos sinais em um nível detalhado. Nos próximos tópicos, detalharemos como estão sendo feitas as descrições fonético-fonológicas dos itens lexicais que alimentam banco de sinais da Libras. Os dados abaixo foram retirados de Stumpf et al. (2020)¹³, sendo complementados com informações mais atualizadas, de acordo com o andamento no preenchimento das informações fonético-fonológicas dos sinais.

12.2.3.1 Quantidade de Mãos (lateralidade)

Iniciamos nossas descrições fonológicas com o campo Mãos (lateralidade), onde é registrada a quantidade de mãos que o sinalizante utiliza, verificando se um sinal simétrico ou assimétrico no momento de sua produção. As possibilidades de descrição para esse parâmetro são:

- 1 – Sinal produzido com uma mão;
- 2a – Sinal produzido com as duas mãos assimétricas onde a mão fraca serve de base;
- 2s – Sinal produzido com as duas mãos simétricas com o mesmo movimento e mesma configuração de mão;
- 2n – Sinal produzido com as duas mãos em movimento, sem que haja espelhamento das mãos no plano sagital. Pode haver diferença na configuração da mão;
- X – Sinais que não precisam de descrição fonológica (códigos usados para anotação).

¹² Disponível em: <https://signbank.cls.ru.nl/>

¹³ Artigo publicado na **Revista Fórum Linguístico** em 2020, com autoria de Marianne Stumpf (UFSC), Aline Pizzio (UFSC), Jefferson Lucinda (UFSC), Ronice Quadros (UFSC) e Onno Crasborn (*Radboud University*).

12.2.3.2 Configuração da Mão (CM)

Uma das características da descrição fonética dos bancos de sinais é a possibilidade de nomear as Configurações da Mão. Essa classificação em nosso antigo sistema, o Identificador de Sinais, se dava por meio da numeração das Configurações da Mão e os grupos se dividiam conforme a quantidade de dedos selecionados no momento da produção do sinal.

No sistema atual, o nome é dado à mão dominante e, para os sinais produzidos com as duas mãos, é dado nome à mão não dominante (mão fraca). Essa nomeação acontece com base em dois grupos distintos: os sinais que são nomeados com referência aos numerais, e os sinais que são nomeados com referência ao alfabeto, seguindo o modelo de descrição que utilizamos como base, o da NGT.

Figura 12: Nomes das CMs com referência aos numerais.

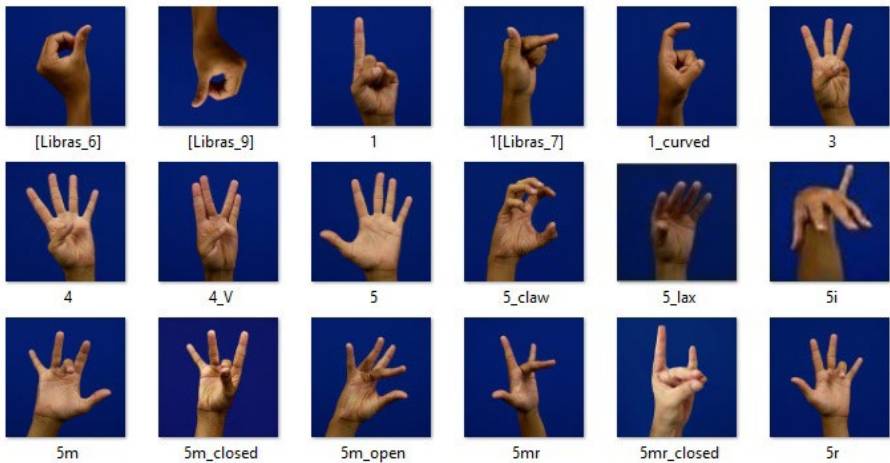


Figura 13: Nomes das CMs com referência ao alfabeto.



Dos nomes das CMs dos 3.061 sinais atualmente contidos no banco de sinais da Libras, identificamos 18 nomes de CMs com referência aos numerais e 56 nomes de CMs com referência ao alfabeto.

Esse quantitativo respeita a existência de variação entre a descrição das CMs da NGT e a descrição das CMs da Libras. Um exemplo dessa variação entre as duas Línguas de Sinais é a CM T, como nos sinais de TECNOLOGIA e TEORIA2. Na NGT, a CM que conhecemos na Libras como T, é classificada como F, comprovando essa variação de nomeação entre essas duas Línguas de Sinais.

Figura 14: TECNOLOGIA



Figura 15: TEORIA 2.



12.2.3.3 Localização

Em nossa análise inicial do parâmetro fonológico ligado à localização onde é articulado o sinal, separamos essas localizações em quatro grupos principais: cabeça, corpo, extremidades e espaço neutro. Abaixo apresentamos as possíveis localizações separadas por cada um desses grupos:

Quadro 01 – Grupos e suas respectivas localizações.

Cabeça	Corpo	Extremidades	Espaço neutro
	Barriga	Antebraço	Espaço Neutro
Base do Pescoço	Flanco	Base da mão fraca	Plano Horizontal
Boca	Ombros	Braço	Plano Paralelo
Bochecha	Peito	Cotovelo	<i>R-loc</i>
Cabeça (lateral ou superior)	Quadril	Dorso da mão fraca	Variável
Dente	Tronco	Interior da mão	-
Língua	Umbigo	Lateral da mão fraca (ulnar e radial)	-
Maxilar	-	Lateral dos dedos (ulnar e radial)	-
Nariz	-	Mão fraca	-
Olho	-	Mão fraca: dedo anelar	-
Orelha	-	Mão fraca: dedo indicador	-
Pescoço	-	Mão fraca: dedo médio	-
Queixo	-	Mão fraca: dedo mindinho	-
Rosto (frente da cabeça)	-	Mão fraca: dedo polegar	-
Têmpora	-	Mão fraca: dedos	-

Cabeça	Corpo	Extremidades	Espaço neutro
Testa	-	Mão fraca: dorso dos dedos	-
-	-	Mão fraca: palma dos dedos	-
-	-	Mão fraca: ponta dos dedos	-
-	-	Palma da mão fraca	-
-	-	Pulso	-

Fonte: adaptado de (CRASBORN; ZWITSERLOOD; VAN DER KOOIJ; SCHULLER, 2018, p.13-15).

O quantitativo das localizações dos sinais contidos no banco de sinais da Libras é um valor aproximado devido ao aprofundamento das pesquisas para esse parâmetro. Alguns dos sinais possuem um feixe articulatorio complexo, possibilitando que o sinal flexione e varie seu local de produção, contabilizando assim, mais de uma localização para um só sinal. Isso acontece com sinais que possuem movimento direcional, contendo uma localização inicial e outra final. Essas localizações inicial e final podem ocorrer no próprio espaço neutro ou em localizações dos grupos Cabeça, Corpo e Extremidades.

Dos 1.180 sinais com a localização classificada em nossas pesquisas, aproximadamente: 320 sinais possuem interação com o grupo de localizações da cabeça; 80 sinais possuem interação com o corpo; 360 sinais possuem interação com as extremidades do corpo; e 430 sinais interagem com o espaço neutro no momento da sinalização.

12.2.3.4 Tipo de contato

Para a classificação e quantificação deste feixe articulatorio foram analisados 1.161 sinais do banco de dados da Libras. Os itens lexicais analisados que não apresentavam contato foram classificados como sem contato. O detalhamento a seguir demonstra a quantificação de cada tipo de contato para os sinais analisados até o momento:

- 152 sinais analisados apresentam contato Inicial;
- 250 sinais possuem contato Final;
- 236 sinais não possuem nenhum tipo de contato, ou seja, sinais Sem Contato;
- 209 sinais apresentaram contato Contínuo;

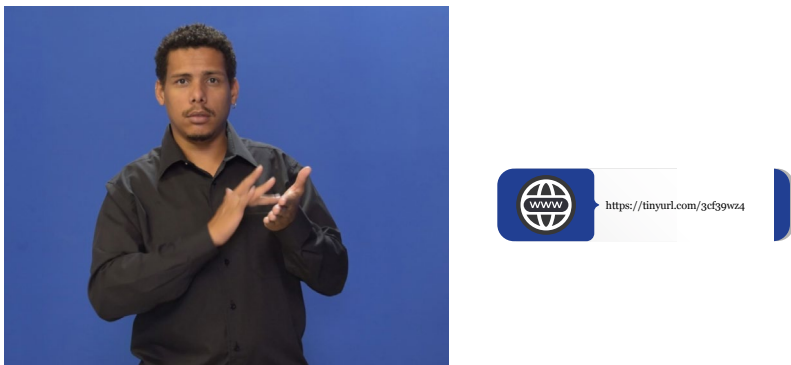
- 247 sinais apresentaram contato Duplo;
- 165 sinais apresenta a característica de Esfregar.

A quantificação alcançada para os diferentes tipos de contato leva em conta os sinais que possuem contato simples e os sinais com mais de um tipo de contato, por exemplo, o sinal ACONSELHAR. Para esse sinal em específico, produzido com as duas mãos em B, esfrega-se a palma da mão dominante por duas vezes na lateral radial da mão base. O sinal TABLET também é um sinal que classificamos com mais de um tipo de contato, neste caso, com a mão dominante configurada em 5m, esfrega-se a ponta do dedo médio por mais de uma vez na palma da mão fraca, com movimentos que variam entre contralateral e ipsilateral, classificando assim, um sinal com tipo de contato Esfregar+Duplo.

Figura 16: ACONSELHAR



Figura 17: TABLET



12.2.3.5 Movimento direcional

Ao descrever a direção tomada pelo movimento de um sinal no espaço, levamos em conta a localização do sinalizante, assim como a relação com o articulador

para os sinais que apresentam assimetria. Analisamos um total de 1.180 sinais do banco de sinais da Libras para descrição do trajeto tomado pelas mãos na produção do léxico. Abaixo, apresentaremos detalhadamente o tipo do movimento direcional e a quantificação aproximada para cada um desses tipos de movimentos:

- 123 sinais apresentaram movimento ou foram produzidos de forma suspensa do lado contralateral do sinalizante. O lado contralateral é assim definido tendo como base o espaço ou localização do corpo oposta ao lado da mão dominante do sinalizante. Nesse caso, se o sinalizante é destro, o movimento contralateral se dá no espaço ou na parte do corpo à esquerda do sinalizante. Para isso, separamos os lados com uma linha imaginária localizada verticalmente bem no centro do corpo do sinalizante. Caso esse sinal demonstre movimento, ou seja, suspenso no espaço da mão dominante, denominamos um sinal com característica Ipsilateral;
- 221 sinais analisados apresentam movimento ou são suspensos do lado dominante do sinalizante, ou seja, são sinais com característica Ipsilateral;
- 83 sinais analisados apresentam movimento na parte contralateral e se movem até a parte ipsilateral e vice-versa;
- 107 sinais analisados apresentam movimento Distal, ou seja, as mãos se distanciam uma da outra ou do braço no decorrer de sua produção;
- 333 sinais analisados apresentam movimento proximal, ou seja, as mãos se aproximam ou se tocam uma na outra ou no braço no momento de sua produção. Os sinais feitos de forma suspensa com contato das mãos ou da mão dominante no braço fraco também são sinais com característica proximal;
- 68 sinais analisados apresentam no mesmo sinal o movimento para cima e para baixo, ou vice-versa;
- 122 sinais apresentam movimento para cima;
- 193 sinais apresentam movimento para baixo;
- 63 dos sinais analisados possuem movimento para a frente e para trás, ou vice-versa, no mesmo sinal;
- 85 dos sinais analisados possuem movimento para trás;
- 237 dos sinais analisados possuem movimento para a frente;
- 1 sinal analisado possui movimento da localização e para a localização no mesmo sinal. Esse movimento se dá quando

o sinal parte da localização do sinalizante e volta para a localização do sinalizante. Como exemplo, o sinal de CONSECUTIVA.

Figura 18: CONSECUTIVA.



- 3 dos sinais analisados possuem movimento partindo da localização do sinalizante.

Como exemplo os sinais: AVISAR, CONFIAR e DAR:

Figura 19: AVISAR.

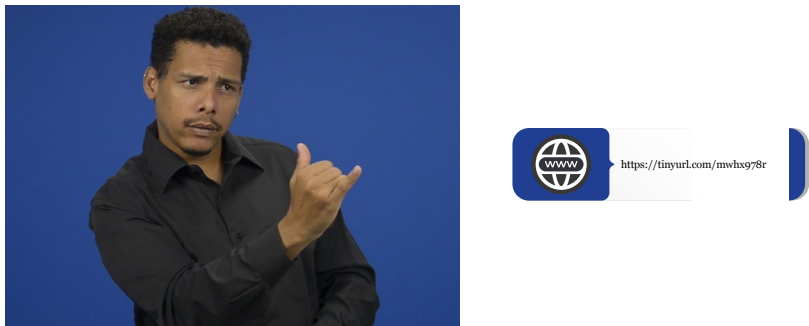


Figura 20: CONFIAR.

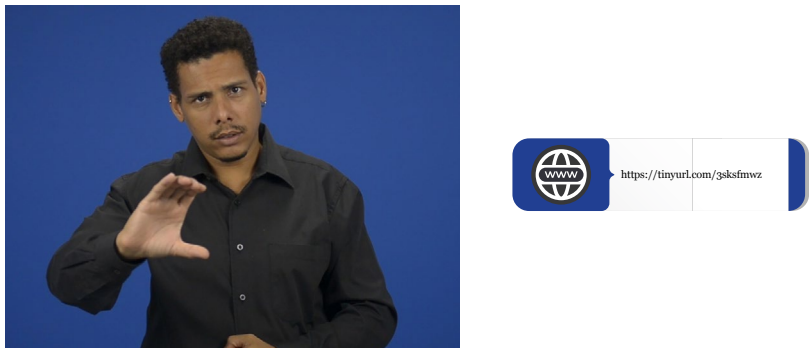


Figura 21: DAR.

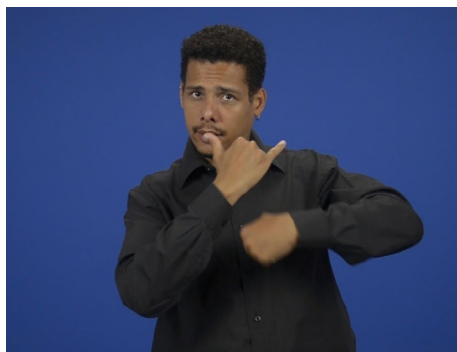


- 2 dos sinais analisados possuem movimento em direção à localização do sinalizante. Como exemplos os sinais: EMPRESTAR e ENGANAR.

Figura 22: EMPRESTAR.



Figura 23: ENGANAR.

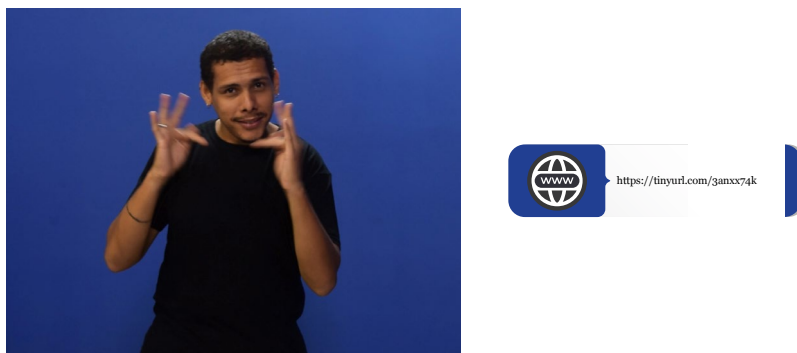


Os últimos exemplos de sinais (AVISAR, CONFIAR, DAR, EMPRESTAR e ENGANAR) podem flexionar o movimento de e para a localização dependendo do interlocutor que está em sua vez de fala. Exemplificamos estes sinais para esses movimentos com base na direção registrada para cada um deles em nosso banco de sinais da Libras.

12.2.3.6 Forma do movimento

Neste campo, descrevemos a forma em que se dá o movimento no decorrer da produção do léxico. Alguns formatos dessa trajetória do movimento são previsíveis de acordo com outros valores fonológicos. Os movimentos retos, por exemplo, são consequências do movimento de um ponto ao outro na produção do sinal. Outro exemplo de forma de movimento previsível é o de forma em arco que, em muitas das vezes, se dá do início ao fim da produção do sinal por seus articuladores, por exemplo, o sinal NÓS. Um outro exemplo de formato previsível é o do sinal FAMÍLIA, que tem esse formato desde o contato inicial até o contato final.

Figura 24: FAMÍLIA.



Para essa descrição, levamos em conta a forma do movimento das duas mãos apenas para os sinais feitos com as duas mãos simétricas e com o mesmo movimento (2s). Para os demais sinais, foi considerada apenas a forma do movimento da mão dominante. Embora alguns sinais não necessitem da descrição da forma do movimento, optamos por detalhar o formato da trajetória desses movimentos nos 883 sinais descritos por nós. São eles:

- Circular: 92 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, por exemplo, os sinais BICICLETA e SOLTEIRO.

Figura 25: BICICLETA.

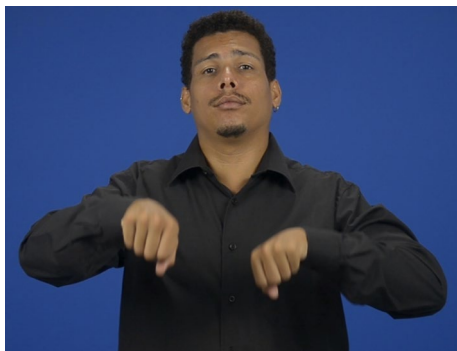


Figura 26: SOLTEIRO.



- Arco: 350 sinais apresentam esta forma de movimento, por exemplo, os sinais ÂNGULO e GRAVIDEZ.

Figura 27: ÂNGULO



Figura 28: GRAVIDEZ.



- Ziguezague: 60 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal como o sinal CARRINHO ou no plano paralelo, como o sinal ESPERTO.

Figura 29: CARRINHO.

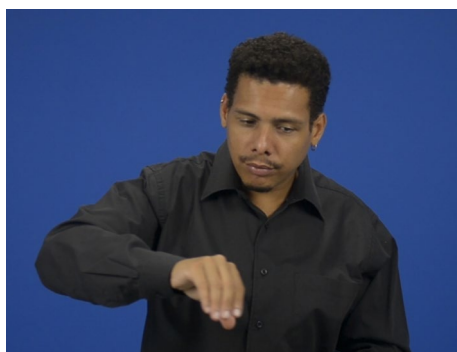


Figura 30: ESPERTO.



- Reto: 542 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal como o sinal COMUNICAR ou no plano paralelo, como o sinal CHEFE.

Figura 31: COMUNICAR.



Figura 32: CHEFE.



- Espiral: 17 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, por exemplo, APOSTILA ou ALTO.

Figura 33: APOSTILA.



Figura 34: ALTO



- Forma motivada: 258 dos sinais analisados apresentam esta forma de movimento, seja ele no plano horizontal como o sinal BOXE, seja no plano paralelo, como o sinal ÁFRICA.

Figura 35: BOXE.



Figura 36: ÁFRICA.



12.2.3.7 Movimento alternado

Neste campo, inserimos o valor sim para os movimentos alternados. A alternância se refere aos movimentos fora de fase como no sinal COMO ou na alternância da mão dominante como no sinal JESUS.

Figura 37: COMO.

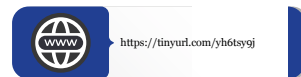
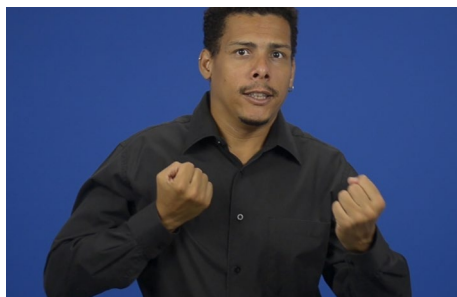


Figura 38: JESUS



Também marcamos os valores opostos para configuração de mão, orientação ou direção do movimento, por exemplo, o sinal AGITAR.

Figura 39: AGITAR.



Dos 1.246 sinais analisados, 82 sinais possuem algum tipo de alternância.

12.2.3.8 Movimento repetido

Neste campo, inserimos o valor sim para os sinais que possuem repetição no movimento. Essa repetição se aplica ao (I) trajeto do movimento, ao (II) movimento interno da mão ou mudança de orientação e à combinação de (I) e (II).

Dos 1.170 sinais analisados, 569 sinais possuem algum tipo de repetição.

12.2.3.9 Mudança de orientação

Neste campo, detalhamos as mudanças das articulações com os dedos selecionados no momento da produção dos sinais contidos no banco de sinais da Libras. Analisamos 1.150 sinais e descrevemos esses valores das articulações que se dão no pulso e antebraço. Adiantamos que pode haver variação na articulação real. Muitas trajetórias de movimento possuem articulação acompanhada de mudança de orientação fonética, principalmente, flexão e extensão, sem que isso seja a essência fonológica do movimento. A seguir detalhamos cada uma dessas mudanças de orientação:

- **Pronação:** giro do pulso e do antebraço no sentido em que se a palma da mão estiver virada para cima, a orientação dela é alterada em sentido anti-horário para baixo. Dos sinais analisados, 82 apresentam pronação em sua articulação;

- **Supinação:** giro do pulso e do antebraço no sentido em que se a palma da mão estiver virada para baixo, a orientação dela é alterada em sentido horário para cima. Dos sinais analisados, 134 apresentam supinação em sua articulação. Para melhor entendimento, ver a imagem a seguir:

Figura 40: Mudança de orientação.



(Adaptação de CRASBORN, O.; ZWITSERLOOD, I.; VAN DER KOOIJ, E.; SCHULLER, A., 2018, p. 18).

- **Rotação:** para essa mudança de orientação analisamos o giro repetido do pulso em torno do seu comprimento, ou seja, a combinação alternada de supinação e de pronação e não de qualquer giro do antebraço ou de giro sobre o próprio eixo. Dos sinais analisados, 42 apresentam característica de rotação no momento de sua produção. Um exemplo é o sinal COZINHAR, que além de apresentar flexão do pulso dominante, é perceptível a alteração entre a supinação e a pronação durante sua articulação.

Figura 41: COZINHAR.



- **Extensão:** para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de forma que o mesmo se estende ao ponto de elevar o grau de orientação da palma da mão. Um exemplo de extensão, caso a palma da mão esteja virada para baixo, ocorre na mudança de orientação da palma da mão de baixo para a frente. Um exemplo de sinal que apresenta essa mudança de orientação é o sinal MOTO. Dos sinais analisados, 269 apresentam extensão em sua articulação.

Figura 42: MOTO.



- **Flexão:** para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de forma que o mesmo se flexione ao ponto de baixar o grau da palma da mão. Como exemplo, caso a palma da mão esteja inicialmente virada para frente, flexiona-se o pulso alterando a orientação da palma para baixo. Um exemplo de sinal que apresenta essa mudança de orientação é o sinal de ASSINAR. Dos sinais analisados, 146 apresentam flexão em sua articulação.

Figura 43: ASSINAR.



Para entender melhor, ver a imagem abaixo:

Figura 44: Mudança de orientação.



(Adaptação de CRASBORN, O.; ZWITSERLOOD, I.; VAN DER KOOIJ, E.; SCHULLER, A., 2018, p. 18).

- **Flexão Radial:** para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de modo que o mesmo flexione para a lateral do dedo polegar. Um exemplo de sinal com flexão radial é o sinal PASSAR. Dos sinais analisados, 272 apresentam flexão radial em sua articulação.

Figura 45: PASSAR.



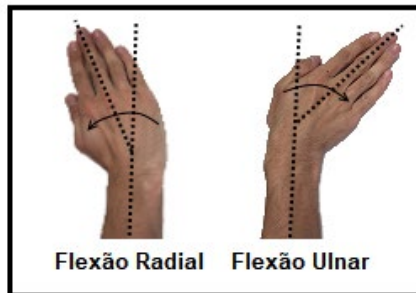
- **Flexão Ulnar:** para essa mudança de orientação, analisamos a alteração do pulso de modo que o ele seja flexionado para a lateral do dedo mínimo. Um exemplo de sinal com flexão ulnar é o sinal TÁXI3. Dos sinais analisados, 389 apresentam flexão ulnar em sua articulação.

Figura 46: TÁXI3.



Para entender melhor, veja a imagem abaixo:

Figura 47: Mudança de orientação. (Adaptação de CRASBORN, O.; ZWITSERLOOD, I.; VAN DER KOOIJ, E.; SCHULLER, A., 2018, p. 18).



Essas foram as informações fonológicas descritas até o momento. Como pode ser percebido, os parâmetros fonológicos podem ser desmembrados em aspectos mais específicos, descrevendo a Libras de forma mais detalhada, possibilitando um conhecimento mais profundo da sua estrutura.

O Signbank da Libras está em desenvolvimento, contando com pesquisadores do país para a sua ampliação e detalhamento linguístico. A proposta foi dar o primeiro passo para a sua constituição por meio de sua implementação dentro do contexto do Global Signbank. A partir de agora, os próximos passos serão determinados pela evolução das pesquisas da Libras. Atualmente, contamos com cinco estados que implementaram o Inventário Nacional de Libras e passaram a alimentar o Signbank da Libras: Santa Catarina, Alagoas, Ceará, Tocantins e Acre. Gradativamente, estaremos ampliando a inserção de outros estados brasileiros tornando o Signbank da Libras uma ferramenta com representação nacional. Paralelamente, a integração ao Global Signbank coloca a Libras no panorama internacional dos

estudos de Línguas de Sinais, um passo importante para as pesquisas linguísticas das Línguas de Sinais e da própria Libras.

Esta seção fez uma breve descrição dos bancos de sinais desenvolvidos pelo mundo no contexto do Global Signbank, mostrando a importância deles para o auxílio na documentação das Línguas de Sinais. Um dos desdobramentos do Global Signbank foi o estabelecimento do Signbank da Libras. Assim, nesta seção, apresentamos o desenvolvimento da construção do banco de sinais da Libras incluindo as informações fonológicas dos sinais descritos, principalmente em relação às configurações de mãos, que possibilitaram a criação e organização de estratégias para facilitar a busca de CM pelos transcritores e pesquisadores da Libras.

12.3 TERMINOLOGIA EM LIBRAS

Marianne Rossi Stumpf

12.3.1 O léxico da língua: considerações iniciais

É por meio da palavra que nomeamos e identificamos as entidades da realidade do mundo e criamos um universo significativo evidenciado pela linguagem. Ainda que a palavra possa ser observada e analisada por ângulos diversos, diante da natureza e objeto deste trabalho, interessa-nos o viés linguístico que a palavra possui.

Tamanha a complexidade da palavra, que a sua conceituação, do ponto de vista linguístico, torna-se uma tarefa delicada, uma vez que não é possível fazê-la de modo universal, pois esse conceito é relativo e varia a depender da língua. Isso nos impossibilita chegar a um conceito de palavra que tenha valor absoluto e sirva para qualquer língua, principalmente, se considerarmos os vários tipos de palavras existentes (justapostas, aglutinantes, flexivas etc.). Por esse motivo, só se pode identificar a palavra, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua (BIDERMAM, 1999).

O conjunto de palavras que se armazena, de forma codificada, na memória do falante e que fica disponível para ser acessado sempre que necessário se expressar em determinada situação comunicativa, constitui o léxico da língua. Diante disso, o léxico desempenha um papel importante no uso da língua(gem), e o discurso materializado por meio dele, pode servir como objeto de diferentes estudos, colocando a palavra em um lugar multifacetado, observável à luz dos aspectos fonológicos, morfológicos, semânticos, sintáticos e/ou pragmáticos.

Os critérios comumente utilizados para se referir ao conceito de palavra em uma determinada língua oral, como é o caso da Língua Portuguesa, nem sempre são aplicáveis quando se trata de uma língua sinalizada.

A noção de palavra na Língua Brasileira de Sinais – Libras se instaura de outra forma, principalmente, pelo fato de possuir uma modalidade diferente das

línguas orais. Isto é, mesmo que o falante tenha consciência da palavra, ainda que considere a segmentação das unidades léxicas por processos fonológicos, morfológicos, semânticos, etc., a identificação da palavra pelo critério fonológico da língua oral, por exemplo, está associada a uma informação sonora, tornando-se irrelevante ou sem sentido para a Língua de Sinais e para as pessoas surdas, falantes nativas dessa língua.

No nível morfológico, segundo Quadros e Karnopp (2004), a palavra na Língua Portuguesa se constitui de diferentes processos, tais como a sufixação, prefixação, composição, entre outros. Tais processos são evidenciados também na Libras. Faria-do-Nascimento (2009) também ressalta o fundo lexical da Libras, ou seja, quais estruturas morfológicas constituem o léxico da Libras, ao tratar dos parâmetros, os classificadores, os morfemas-base, as unidades lexicais emprestadas de outras Línguas de Sinais, os elementos prototípicos, além de ícones linguísticos, empréstimo da Língua Portuguesa, metonímias e metáforas estruturais, ontológicas e orientacionais.

Desse modo, o léxico engloba muitos significados, a depender de como a palavra é usada no contexto linguístico. Associado ao estudo de formação de sinais e/ou sinais-termo, nomeadamente à morfologia derivacional e composicional, surge a semântica lexical, em que o significado de um termo complexo ou expressão complexa é determinado pelo significado dos seus constituintes e pela forma como se combinam.

No caso das Línguas de Sinais, os sinais se constroem no dia a dia da comunidade surda, e a formação lexical é constituída a partir dos cinco parâmetros linguísticos (configuração de mão, localização, movimento, orientação da palma da mão e expressões não manuais). Logo, apresentam os efeitos de modalidade de uma língua viso-espacial na formação do léxico da língua.

Refletir sobre a palavra, seja ela falada, escrita, seja sinalizada, é essencial para pensarmos na sua realização numa determinada língua oral ou de sinais, haja vista que ela, a palavra, compreende o léxico. Ao considerarmos uma língua e, conseqüentemente o seu léxico, é de fundamental importância levar em conta o fato de toda língua passar e refletir questões culturais, sociais e geográficas pertencentes a uma comunidade linguística. Corroborando essa ideia, Zavaglia (2012, p.232) afirma que “o léxico de uma língua está intimamente vinculado à cultura de um povo, de uma nação e, portanto, à sua história”, e é por meio dele que conceitos, crenças e conhecimentos são transmitidos entre gerações.

Valendo-se desse pensamento, entendemos que tanto a cultura quanto os costumes de um povo podem ser expressados por meio do léxico, e que por vezes, a posição geográfica em que esse léxico é empregado pode influenciar neste processo, impactando na diversidade linguística e na variação dentro da própria língua. No Brasil, ainda que a Língua Portuguesa seja o único idioma oficial da República Federativa, conforme consta na Constituição (BRASIL, 1988), outras línguas são

faladas no país, entre elas, línguas indígenas, representadas não somente pelas línguas orais como também por algumas Línguas de Sinais, tais como a Língua de Sinais Urubu-Kaapor, a Língua de Sinais Sateré-Waré, a Língua de Sinais Terena e Guarani, além das Línguas de Sinais faladas em comunidades isoladas, como a Cena, Língua de Sinais de Fortalezinha, Língua de Sinais Caiçara, entre outras (QUADROS, 2019).

Diante da diversidade apresentada em um mesmo território, o contato entre as línguas neste caso é quase inevitável, e requer uma atenção quando pensamos nos desdobramentos, impactos e influências decorrentes dessa aproximação linguística. Com isso, os estudos dedicados a observar esse fenômeno e também as mudanças ocorridas na língua e no seu vocabulário, são de grande relevância na investigação linguística, dado que o léxico, assim como a língua em geral, na sua dinamicidade, se modifica constantemente.

Assim como nas línguas orais, há empréstimos linguísticos nas Línguas de Sinais. Esse fenômeno é recorrente e gera um impacto das Línguas de Sinais de outros países e/ou dos sinais internacionais resultando em modificações sistemáticas na Libras. Isso torna a Libras uma língua composta por diversas variações que passam por diferentes níveis de linguagem, entre elas, o léxico.

Diante do exposto, é importante que todo esse movimento que gravita em torno do léxico seja devidamente registrado e disponibilizado à sua comunidade linguística, seja para a sua preservação, normatização, difusão, seja para consulta e uso da língua ou até mesmo, para o fomento de políticas linguísticas que viabilizem os itens anteriores. Isso justifica a necessidade de se ter um campo de estudo que se dedique à observação, compilação, organização, disposição e informação do léxico, no caso, as Ciências do Léxico.

12.3.2 Ciências do Léxico da Libras: do que trata?

Integram a categoria das Ciências do Léxico, os estudos teóricos, metodológicos e práticos que abarcam o léxico da língua, são eles: a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia, sendo os dois primeiros dedicados ao léxico geral da língua e dos dois últimos ao léxico especializado ou termos.

De acordo com o dicionário Priberam, os sufixos “-logia” e “-grafia”, ambos de origem grega, “lógos” e “grafé”, exprimem a noção de estudo e escrita / registro respectivamente. Diante disso, podemos inferir que:

- Lexicologia (campo que estuda o léxico geral da língua);
- Terminologia (campo que estuda o léxico de especialidades ou termos);
- Lexicografia (área responsável por registrar o léxico da língua) e por fim,
- Terminografia (responsável por registrar os termos presentes nas áreas de especialidades).

Do ponto de vista epistemológico, esses campos possuem outras atribuições que revelam a sua complexidade, e o conhecimento produzido por eles são ainda necessários aos fundamentos das Ciências do Léxico da Língua de Sinais e de suas possibilidades de aplicação. Desse modo, apresentaremos brevemente cada uma das áreas mencionadas, considerando o seu propósito e implicações na Libras.

12.3.3 Lexicologia

A Lexicologia tem a sua própria definição e, em geral, é reconhecida como o estudo científico do léxico. Com isso, o léxico, bem como os itens lexicais e o conjunto lexical da Libras, ensejam uma diversidade de perspectivas na Lexicologia, e por sua vez, destacam um importante conjunto de enfoques que contribuem para a descrição lexical.

É importante situar a problemática que envolve o próprio conceito de léxico, tendo em vista que sua delimitação de definições também não é unívoca. Os dicionários de Libras registram o léxico (sinais) da língua sem restrição de classe e necessitam caracterizar as unidades léxicas que cumprem a função de nomear. Tal tarefa é relevante, pois contribuirá no trabalho lexicográfico, já que os dicionários consistem nas obras que formalizam o conjunto lexical da Libras.

No escopo da Lexicologia, podemos destacar o estudo realizado pelo pesquisador surdo (SILVA, 2018), que analisou os itens lexicais metafóricos da Libras. Por meio deste estudo, foi possível observar que havia sinais realizados com o movimento para cima indicando um significado positivo, enquanto outros sinais realizados com movimento para baixo apresentavam um significado negativo. Estudos como este são importantes para esclarecer o uso metafórico dos sinais, além de contribuir para que os surdos conheçam melhor sua língua, e assim possam identificar metáforas e suas relações com os itens lexicais da Libras.

Do ponto de vista diacrônico, a semântica lexical estuda a evolução dos significados na história dos sinais (léxico), enquanto, do ponto de vista sincrônico, descreve ou define o dos sinais em determinada época, referindo as relações semânticas que as unidades lexicais estabelecem entre si (relações de identidade, semântica ou hiponímia e hiperonímia).

São vários os estudos que se encaixam no escopo da Lexicologia enquanto campo científico, entre eles, aqueles voltados para analisar a relação do léxico com as marcas culturais, as variantes e regionalismos, toponímias, expressões idiomáticas e neologismos. Sobre esse último, dedicaremos uma seção para tratar das questões que envolvem o processo de criação de uma nova palavra.

12.3.4 A criação de sinais na Libras: neologismos

Neologismo é o nome usado para caracterizar um fenômeno linguístico em que se cria uma palavra ou expressão, ou ainda, quando se dá um novo sentido a

uma palavra que já existe.

Pode ser que os neologismos surjam, ainda, de forma espontânea entre as relações das pessoas, na linguagem natural ou artificial. Para compreender o desenvolvimento de novas palavras, no âmbito da evolução linguística, se faz necessário buscar a evolução natural da língua, ou seja, como o indivíduo naturalmente age diante deste processo de nomear novos conceitos ou objetos para se comunicar.

Na Libras, este novo conceito nomeado possui, na maioria das vezes, valor de um termo, ou um sinal-termo, é empregado para permitir a comunicação entre pessoas surdas ou não surdas falantes da língua. Diante disso, a linha que separa o campo da Lexicologia, no quesito neologismo, é muito tênue e divide espaço com a Terminologia da Libras.

A formação de neologismo terminológico é tudo de que a língua dispõe para a renovação do seu léxico, ou seja, podem ser construídos dentro do próprio sistema linguístico ou resultar da importação de unidades lexicais de outras Línguas de Sinais pelo fato de o estado a que a língua pertence ser produtor ou importador de ciência e/ou tecnologia.

Os neologismos construídos dentro do sistema linguístico apresentam estruturas morfológicas próprias do sistema: sinais derivados e compostos e sinais que adquirem novas significações, resultado de empréstimos internos, geralmente da língua corrente para a linguagem de especialidade. Tratam-se de neologismos semânticos, ou seja, sinais que adquirem um novo significado, por ampliação ou restrição do seu conceito. A humanidade sempre utilizou desse recurso de criação de novos sinais ou novas tecnologias, sendo esse um processo comum também nas línguas orais.

Do ponto de vista acadêmico, o neologismo tem se tornado objeto de alguns estudos, o que nos possibilita compreender melhor este fenômeno linguístico e a sua aplicação e implicação sobre a língua. A pesquisadora Janine Soares de Oliveira concluiu a sua tese de doutorado no ano de 2015, intitulada Análise descritiva da estrutura de unidades terminológicas do glossário Letras Libras. O objetivo da pesquisa foi identificar e descrever os elementos querológico-morfológicos de unidades terminológicas em Libras. As discussões sobre neologismos em Libras foram ampliadas e tratadas como criação de sinais-termo, culminado na produção de um glossário, que serviria aos estudantes surdos em nível superior e profissionais intérpretes, como fonte de consulta de sinais-termos de diferentes áreas especializadas. Ao dizer do trabalho realizado, a autora Janine Soares de Oliveira comenta que:

Neste ano de 2010, a equipe do Glossário deixou de fazer parte do conjunto de tarefas da equipe de tradução, embora ainda conte com a participação de todos os membros da primeira equipe. Isto é, a equipe está mais independente com espaço e momento próprios para discussões e pesquisas e assessoria direta de professores convidados. A discussão permanente entre tradutores é indispensável e realizada sistematicamente em encontros semanais tendo como objetivo a criação

de neologismos que ampliam constantemente o léxico instrumental de Libras. Nas discussões do grupo, cada tradutor apresenta resultados de pesquisa realizada com representantes de comunidades surdas de todo o Brasil (OLIVEIRA, 2010, p. 3).

Este trabalho foi importante e abriu portas para um legado interdisciplinar, que abarca o campo da Terminologia, da terminografia da Libras e da Tradução de/para Libras. Desse modo, à medida que são apresentados novos itens lexicais e/ou sinais-termo resultantes do processo de evolução da Língua de Sinais, a comunidade surda se beneficia e os incorpora, assumindo assim uma função relevante na evolução da Libras.

12.3.5 Compreendendo a terminologia na Libras:

O que é? Pra que serve?

A terminologia nasce da necessidade de padronizar os termos para facilitar a comunicação especializada, e o seu objeto é a unidade terminológica – o termo – nos seus aspectos linguísticos, cognitivos e pragmáticos. Os termos são diferentes das palavras disponíveis no léxico comum, se considerarmos que se tratam de unidades usadas nos discursos de especialidade (discurso técnico e das ciências).

No âmbito da Língua de Sinais, a importância da pesquisa terminológica prima pela peculiaridade do sinal-termo. Essa expressão foi cunhada por Faulstich (2014), que explica “Sinal-termo” como:

1. Termo da Língua de Sinais Brasileira que representa conceitos com características de linguagem especializada, próprias de classe de objetos, de relações ou de entidades.
2. Termo criado para, na Língua de Sinais Brasileira, denotar conceitos contidos nas palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento e do saber.
3. Termo adaptado da Língua Portuguesa para representar conceitos por meio de palavras simples, compostas, símbolos ou fórmulas, usados nas áreas especializadas do conhecimento da Língua de Sinais Brasileira. O modo como o modelo de glossário especializado é apresentado diz respeito ao processo de sinal específico.

Diante do exposto, pode-se dizer que o “sinal-termo” está para a Libras assim como o “termo” de especialidade está para as línguas orais. Todavia, o primeiro se caracteriza nas línguas de sinais, a partir de estruturas, conteúdos e aspectos que são inerentes às línguas de natureza viso-espacial.

Como organizar a criação de sinais nesse caso? A principal forma de criação é a associação à imagem do objeto, palavra ou ao que for. A imagem, o visual, é imprescindível ao surdo e à Língua de Sinais. Por ser uma língua visual, a Libras

possui signos, em sua maioria icônicos e menos arbitrários, visto a importância da imagem.

Um sinal nunca é criado sem fundamentação. Há sempre algo que faz com que ele seja requerido, há sempre uma motivação. Nós convivemos com sinais visuais e icônicos, enquanto os surdos acadêmicos se apoiam em sinais com uso da datilologia ou em sinais que utilizam a primeira letra da palavra na Língua Portuguesa. Esse empréstimo linguístico na Libras acontece quando uma palavra de uma língua oral passa a ser conhecida e usada pela comunidade surda. Nós queremos nos aproximar da visualidade e compreender os conceitos.

Os processos de formação dos neologismos enriquecem o sinal-termo da língua (Libras). Neste caso, tem-se a neologia interna (formação de novas unidades lexicais através de processos morfológicos, nomeadamente por derivação), os neologismos externos - empréstimos lexicais por importação de termos de outras línguas de sinais (com ou sem adaptação fonética e morfológica à Língua de Sinais (acolhimento)) e os neologismos semânticos, geralmente por extensão do significado de um sinal.

Estudamos e criamos os novos sinais acadêmicos para que se aproximem mais da forma natural das pessoas surdas se expressarem, para que esses sinais sejam usados com facilidade, conforto e que sejam amistosos e atrativos.

Os neologismos na Libras podem acontecer de uma forma linguisticamente acadêmica, ao se criarem sinais para termos de uso educacional ou vocábulos para acréscimo linguístico; ou, informalmente, nas rodas de conversas, nas quais surdos criam sinais próprios para algo que esteja ocorrendo naquela situação linguística momentânea.

A terminologia da Libras tem como objetivo padronizar e aperfeiçoar termos e conceitos utilizados pela comunidade surda, favorecendo a recuperação, acesso, divulgação e disseminação das informações em contextos variados.

Um dos contextos mais estimados e propícios para a manifestação terminológica da Libras é o contexto escolar e acadêmico. Cada vez mais os surdos estão entrando em cursos superiores em diferentes áreas.

A presença surda nestes espaços se consolida a partir da implementação de legislações atuais que garantem a acessibilidade e o reconhecimento da sua língua. No contexto escolar e acadêmico, uma situação recorrente é a utilização da Libras como meio de estabelecer comunicação entre aluno-professor, professor-aluno e aluno-aluno. Vale destacar que a depender do nível de escolaridade e do modelo educacional adotado, o intérprete de Libras se torna uma peça importante neste cenário, e a este profissional, cabe a tarefa de mediar não apenas a comunicação entre os atores mencionados a pouco, isto é, aluno (surdo e ouvinte) e professor, mas também, mediar a transmissão dos conteúdos ministrados.

Com o número crescente de ingresso dos surdos na pós-graduação, por exemplo, houve um aumento da necessidade de se criarem sinais para nomes técnicos

na sua área de estudos. Muitas vezes, os surdos combinam com o intérprete de Língua de Sinais um sinal provisório para nome dos teóricos e ainda para termos acadêmicos. Todavia, o sinal provisório é criado para atender uma demanda em situação de urgência.

Há certa resistência para divulgar os sinais criados nestas circunstâncias, porque não há essência da cultura surda: a visualidade. É preciso estudar e conhecer profundamente o significado/nome e associar algo da visualidade para depois criar o sinal com “qualidade cultural”, evitando que o sinal seja influenciado pela Língua Portuguesa.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, o pesquisador surdo (COSTA, 2012) desenvolveu o sinal de coração, conforme a figura abaixo. O primeiro sinal de coração apresentado, é usado na linguagem comum da Libras nas comunidades surdas; já o segundo sinal-termo de coração humano é conceituado com base na linguagem científica. Esta e outras contribuições terminológicas estão disponíveis na dissertação de mestrado de Messias Ramos Costa.¹⁴

Figura 48 (sinal termo CORAÇÃO: comparação entre sinal geral e neologismo da Enciclobras).

Nota-se que para se chegar nesta proposta terminológica, o pesquisador percorreu um caminho de estudo para compreender o significado do termo “coração”, sua função e funcionamento, bem como os elementos visuais que qualificam este órgão, para só depois vir a criar um sinal-termo com qualidade cultural e identidade visual.

Devido às lacunas terminológicas em Libras presentes em determinadas áreas, conceitos utilizados em disciplinas escolares ou áreas específicas de conhecimento, é comum o uso do empréstimo do alfabeto datilológico e/ou combinados previamente estabelecidos entre intérprete e aluno surdo. Devido a tal carência terminológica, é de suma importância o aprofundamento, aperfeiçoamento, discussão e reflexão sobre neologismo, sinais-termos, e sobretudo, o registro dos termos já existentes devidamente compilados e catalogados em materiais organizados para esta finalidade, fortalecendo assim, o campo da Terminologia e da Terminografia da Língua de Sinais no Brasil.

Nesse sentido, a pesquisadora Cavalcante (2017) realizou um estudo na qualidade de dissertação de mestrado intitulado Glossário jurídico em Libras: direito constitucional e analisou os sinais-termo existentes relacionados à esfera judicial. A pesquisa foi importante para difundir os sinais apropriados utilizados no contexto judiciário e para investigar a representatividade linguística e sua relação nesse campo.

Na primeira figura, é ilustrado o sinal de Código Civil, que foi devidamente adaptado do sinal de LEI, mantendo a base radical da configuração de mão “palma”.

¹⁴ Proposta de modelo de Enciclopédia visual bilíngue juvenil (Enciclobras – o corpo humano, 2012).

Figura 49



Fonte: Sinal de Código Civil (CAVALCANTE, 2017 p. 61).

Nota-se que no sinal apresentado não há uma relação icônica ou qualidade cultural empregada, todavia o recurso linguístico despendido foi o uso das letras iniciais do termo em Língua Portuguesa, Código Civil, emprestado do alfabeto datilológico. O mesmo processo é identificado no sinal de Código Penal.

Figura 50



Fonte: Sinal Código Penal (CAVALCANTE, 2017 p. 62).

A composição neológica dos sinais-termo apresentados foi baseada no processo de formação, especialmente, no morfema e no empréstimo linguístico (geralmente, acontece na Língua de Sinal internacional ou Língua de Sinais do país, ou inicialização da Língua Portuguesa).

Alguns sinais-termo da esfera jurídica, tais como: decreto, contraditório, projeto lei, Código Civil e Código Penal, entre outros, são gerados a partir de uma base paramétrica (oriundo do morfema-base utilizado no sinal LEI) e configura-

ções de mão que produzem a percepção de significados por meio das condições paramétricas e o ponto de articulação.

Vale lembrar que sempre existem sinais que, no contexto da comunicação na linguagem específica, são praticados por pessoas surdas e precisam ser emergencialmente emancipados. Para que sinais emancipados sejam aderidos, é necessário que grande parte da comunidade surda tenha conhecimento das convenções e as aceite para serem usadas na comunicação.

12.3.6 Processos de construção terminológica na Libras

Para além dos processos mencionados, outros elementos podem servir de gatilho para a construção de sinais / sinais-termos na Libras. Os processos variacionais, derivacionais, de composição, justaposição e aglutinação são exemplos que valem a pena conhecer e observar como se dão o seu desempenho na Língua de Sinais.

É relevante compreender que a Libras tem suas estruturas próprias, como fonologia, morfologia, sintaxe e léxico, que fazem com que a Libras flua com autonomia na construção dos sinais-termo.

Os parâmetros são elementos importantes e constitutivos da Libras e a combinação deles formam significados visuais, científicos ou não científicos. Sobre unidades mínimas com significado, Quadros e Karnopp (2004) afirmam que:

Assim como as palavras em todas as línguas humanas, mas diferentemente dos gestos, os sinais pertencem a categorias lexicais ou a classes de palavras tais como, nome verbo, adjetivo, advérbio etc. As Línguas de Sinais têm um léxico e um sistema de criação de novos sinais em que as unidades mínimas com significado (morfemas) são combinadas. Entretanto, as Línguas de Sinais diferem das línguas orais no tipo de processos combinatórios que, frequentemente, criam palavras morfologicamente complexas (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 87).

Cada característica essencial do sinal-termo estudado deve ser analisada em relação aos conceitos relacionados num sistema de conceitos. Um léxico de especialidade em Libras reduzido compromete o acesso dos estudantes surdos ou professores surdos aos conteúdos da disciplina por meio da sua língua natural.

A criação de sinais-termo se faz necessária por vários fatores, já que os surdos estão frequentemente em contato com textos, fazendo leituras nas aulas e se expondo a diferentes contextos. O processo de criação de um sinal e sinal-termo sofre influência de um ou diversos elementos, e muitas vezes, torna-se impossível defini-lo com exatidão pela sua criação, o que nos possibilita inferir que tal influência, em certa medida, é arbitrária (EMMOREY, 2001). Tais processos têm motivado pesquisas e a defesa de uma criação que abarque todos os processos de

construção lexical dos sinais.

Sempre que pensarmos na criação de um sinal, devemos considerar as relações de poder envolvidas nessa construção. Relações essas constituídas e construídas a partir da comunicação estabelecida entre a pessoa surda, a pessoa ouvinte e o intérprete. Por outro lado, o conhecimento passa a ser visto como resultado de um processo de construção conduzido pelo próprio sujeito surdo, por intermédio da crítica, da revisão, da (re)produção e (re)criação de sinais.

Martins, Ferreira e Mineiro (2012) mostram sobre o processo de criação de sinais da Língua de Sinais de Moçambique e a Língua Portuguesa ao apresentar quatro momentos diferentes:

- a) Os gestos individuais constituem uma comunicação limitada, são criados e usados por surdos e ouvintes;
- b) já os sinais locais são mais desenvolvidos que os individuais, porém são usados entre pessoas surdas, em comunicação limitada;
- c) a Língua de Sinais local caracteriza sinais mais fundamentados e usados por grupos de surdos, apoiados por regras gramaticais mais estruturadas; e
- d) a Língua de Sinais nacional é usada por grupos de surdos no país, admitindo suas variações, com sentidos bem compreendidos, unificando-se naturalmente (MARTINS; FERREIRA; MINEIRO, 2012).

Um exemplo real aconteceu quando um aluno do curso de Letras-Libras EaD utilizou em aula um sinal regional de Santa Catarina e esse sinal se popularizou entre os colegas dele. As regras são invariáveis e impostas linguisticamente pelo grupo; razão pela qual são entendidas como controles da comunidade surda, com o propósito de regular o comportamento de expressão (verbal) dos sujeitos surdos.

Os processos são variáveis e se relacionam tanto à aplicação de regras quanto à criação de sinais. Em relação à existência de variação linguística em Libras, deve-se considerar as variantes dos sinais-termos de acordo com a contextualização da expressão utilizada na língua. Ao tratar da criação de sinais (lexical), há uma diferenciação quanto ao uso de sinais e regras de emprego de sinais, tais questões são impostas pelo grupo ou por meio do contato entre intérprete e surdo.

12. 3.7 Alguns desdobramentos dos processos de construção terminológica

Se por muito tempo a variação foi considerada um problema, a Socioterminologia surge para estudar as diferentes formas de variação dos termos, a fim de oferecer suporte à produção de obras terminográficas, como dicionários e glossários especializados.

A pesquisadora que impulsionou os estudos socioterminológicos foi Faustlich, para que “uma teoria socioterminologia tenha como *modus operandi* numa mesma área de conhecimento, os diferentes níveis de comunicação que dependem das circunstâncias de emissão, de características dos interlocutores, do suporte por meio de que se dá a comunicação, entre outros». (FAULSTICH, 2006, p. 29).

Em relação aos processos pelos quais os sinais são construídos, há uma estrutura morfológica, que determina se os sinais-termo são primitivos, derivados ou compostos.

Os primitivos não têm origem em outras formas e servem de base para a formação dos sinais derivados. Um exemplo de forma primitiva é “casa” (sinal de casa). Já simples. É o que ocorre em casinha (CASA+PEQUENA), produto da forma simples “casa” acrescida do sufixo –inha. As formas compostas no que lhe concerne, formam-se pela união de duas ou mais formas simples como ocorre em igreja (CASA + CRUZ). A derivação em que sufixo ou sufixos acrescidos a um radical, mudam a classe do sinal (por exemplo, sinal de LEI e sinal de DECRETO).

No que tange aos processos derivacionais (QUADROS; KARNOPP, 2004; FARIA-DO-NASCIMENTO, 2009; NASCIMENTO; CORREIA, 2011), os sinais podem se formar por derivação: em que sufixo ou sufixos, acrescidos a um radical, mudam a classe do sinal. A formação de itens lexicais, na maioria dos morfemas da Libras, é raiz e o nível do morfema parece desaparecer, criando a sensação de um salto do nível de análise diretamente do fonema para o léxico.

A composição é o processo em que ocorre a união de duas bases, formando um único elemento. Esse mecanismo pode se concretizar de duas maneiras: por justaposição ou por aglutinação. É muito frequente o recurso de composição, quer por temas, quer sintagmática, uma vez que em terminologia, as unidades lexicalizadas, muitas vezes apresentam uma dimensão bastante superior às Línguas de Sinais correntes.

De acordo com a pesquisadora Oliveira (2015, p.194):

O sinal apresentado na figura de Letras Libras é resultado da junção de ‘partes’ constituintes de outros sinais. As formas representadas em cada mão não são formas livres. Também não são exatamente uma espécie de ‘sílabas’ [...] um processo de justaposição na Língua de Sinais que formam os compostos é realizado em sua totalidade, ou seja, os dois sinais são completamente sinalizados. Já em um processo de aglutinação, algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais seriam modificados ou não seria realizado.

Na formação por justaposição preserva-se a autonomia morfológica das palavras unidas, isto é, duas bases se unem, resultando num elemento de sentido

único, mas morfológicamente ainda se reconhecem as duas bases. Sendo assim, ao criar um novo sinal, pode-se ter a junção de dois sinais existentes, dois sinais que formam um sinal novo e composto, e o mais importante é ter parâmetros, pois um ou dois parâmetros podem modificar o sinal e o seu significado.

Corroborando com a pesquisadora Felipe (2006), “nesse tipo de processo de formação de palavras, utilizam-se itens lexicais que são morfemas livres que se justapõem ou se aglutinam para formar um novo item lexical”. Taub (2012, p.2) também argumenta que a Libras possua composições:

[...] um processo de justaposição na Língua de Sinais que formam os compostos é realizado em sua totalidade, ou seja, os dois sinais são completamente sinalizados. Já em um processo de aglutinação, algum ou alguns dos parâmetros de um ou ambos os sinais seriam modificados ou não seria realizado.

No estudo realizado por Martins (2018), foram coletados 49 sinais-termo da área de Psicologia que, por sua vez, apresentavam análises correspondentes à noção de composição de sinais-termo. No total, foram 49 sinais-termo que indicavam a junção de dois sinais ou mais por termo. A exemplo disso, destacamos o termo antidepressivo a seguir.

O sinal-termo “antidepressivo” apresentado por Martins (2018 p.266) decorre da composição do sinal de contra (primeira linha), seguido do sinal de depressão (segunda linha) da imagem abaixo.

Figura 51: Sinal de antidepressivo (Martins, 2018 p.266).



Já na aglutinação, ocorre a fusão fonética das palavras unidas, isto é, há supressão dos fonemas de um dos elementos do composto ou perda de tonicidade (uma sílaba tônica passa a ser átona), como em aguardente (água+ardente) e pontiagudo (ponta+agudo) (TAKAHIRA, 2012, p.263). Além do critério de ordem fonética, costuma-se afirmar que, morfologicamente, uma das unidades que formam o composto perde algum elemento.

Oliveira (2015) apresentou em seu trabalho uma fusão que consistiu na criação de um novo sinal, a partir da junção de elementos dos sinais primitivos. O sinal de Letras Libras uniu os dois sinais, o de letras e o sinal de Libras. O sinal decorrente dessa aglutinação apresenta uma forma “econômica”, que foi bem aceita na comunidade surda e transmitido rapidamente, tornando-se consolidado e utilizado pelos falantes da língua.

Figura 52: Sinal de Letras Libras (Oliveira, 2015, p. 189).



A formação de um sinal-termo pode ocorrer mediante a participação de elementos cuja forma possua o mesmo radical, mas os elementos de derivação são diferentes, como ocorre nos sinais-termo de morfologia, morfema, etc. Há também a possibilidade de os sinais-termo apresentarem diferentes elementos de composição, como em: videoconferência e ambiente virtual. Contudo, posteriormente concluímos que seria mais adequado considerá-los como variantes morfológicas e sintáticas e distinguir apenas as diferentes categorias lexicais que designam o mesmo conceito.

Analisar os sinais-termo conforme apresentado é um movimento importante para compreender a sua relação com os parâmetros das configurações de mãos, conforme observado nos trabalhos das autoras Martins (2018) e Cavalcante (2017). Identificou-se, por exemplo, que uma base paramétrica na configuração de mão utilizada para o sinal-termo de Psicologia, indicou a possibilidade de criação de outros sinais-termo da mesma área, como para Psicologia positiva, Psicologia organizacional, Psicologia Gestalt, Psicofarmacologia, Psicanálise e outros.

12.3.8 A organização da informação lexical e terminológica da Libras: Lexicografia x Terminografia

Fundamentalmente, os campos da Lexicologia e da Terminologia se aplicam à comunicação direta, à mediação comunicativa e ao planejamento linguístico e se tornam cada vez mais essenciais para representar os conteúdos e informações geradas a partir do léxico sinalizado e/ou dos sinais-termo, bem como, para facilitar o acesso a eles.

Recuperando o exposto no início deste capítulo, o sufixo “grafia” exprime a noção de registro, descrição e/ou escrita. Logo, a Lexicografia seria a área responsável por registrar o léxico da língua e a Terminografia, responsável pelo registro dos termos presentes nas áreas de especialidades. Contudo, essas são definições rasas e não representam tudo o que esses campos da ciência têm a oferecer.

Começando pela Lexicografia, no sentido amplo da palavra, o termo lexicografia tem origem grega, *lexikon* “léxico” e *graphein* “descrição” e, em geral, pode ser compreendido como uma técnica de compilação de dicionários, em que se registra e repertoria o léxico da língua. Entretanto, para além da etimologia do termo, outras definições são propagadas sobre a Lexicografia, não havendo um consenso entre os estudiosos da área.

De acordo com Welker (2004), podem ser atribuídos dois sentidos à Lexicografia. O primeiro, mais empírico, diz respeito à Lexicografia prática, vista como uma “ciência”, “técnica”, “prática” ou “arte” de elaborar dicionários. O segundo, por sua vez, abrange questões mais teóricas, tendo como objetos o estudo e os problemas relacionados à elaboração ou à crítica de dicionários, ou ainda relacionados à pesquisa sobre a história da Lexicografia, ou sobre o uso de dicionários e a sua tipologia. Desse modo, no segundo sentido, utiliza-se também a expressão Lexicografia teórica.

A prática de listar palavras do léxico de uma determinada língua, gerar informações acerca desse léxico e registrá-lo, vem desde a Antiguidade. As primeiras manifestações envolvendo práticas lexicográficas surgiram por meio de listas de palavras, glossários e posteriormente, dicionários, organizados por ordem alfabética.

Ao elaborar um material lexicográfico, vários aspectos precisam ser levados em consideração, entre eles, a coleta dos dados lexicais, que deve ser conduzida com critérios e embasamentos previamente estabelecidos, uma vez que esses materiais devem funcionar como fonte de informações sobre o léxico, fornecer significados ou ainda, servir como bancos de dados lexicais. Outro aspecto relevante, é o período de tempo que contempla a língua ou a evolução dela, de modo que a amostra possa ser considerada relativamente uniforme e representativa.

Compõe o escopo de materiais lexicográficos ou obras lexicográficas os dicionários, os glossários, os vocabulários, as enciclopédias, e no caso da Libras, tem-se ainda os sinalários. Todavia, a depender da ótica e do conteúdo contido nos referidos materiais, eles podem também ser considerados produtos ou materiais terminográficos.

12.3.9 Dicionário

Todos nós, ao longo de nossas vidas, já consultamos ou iremos consultar em algum momento um dicionário, sendo várias as razões que nos levam a procurá-lo. O dicionário ocupa um lugar importante na sociedade, pois é nele onde se guarda o tesouro da língua (KRIEGER, 2006), além de ser considerado um valioso produto de referência linguística, cultural, pedagógica, científica e, por vezes, comercial.

Cabe destacar, que há vários tipos de dicionário, entre eles, os dicionários de língua, os dicionários especiais e quaisquer outros que se dediquem ao registro das unidades lexicais nas acepções que se valem de um sistema linguístico para designar uma obra lexicográfica, e os dicionários terminológicos, que se ocupam do registro do conjunto de termos de um determinado domínio especializado. Por vezes, o que distingue uma obra da outra é a presença de determinados elementos, tais como o público-alvo, a natureza das informações transmitidas (linguística – semântica, fonética, gramatical, etc.), a extensão e a restrição do número de entradas, o tipo e a ordem das entradas, a quantidade de línguas envolvidas, macroestrutura, microestrutura, entre outros elementos que direcionam para uma tipologia e caracterização mais precisa da obra.

Historicamente, por exemplo, os primeiros materiais dedicados ao registro do léxico da Libras apresentavam uma organização bilíngue, abarcando a Língua Portuguesa, pois tinham como principal público-alvo as pessoas ouvintes que aprendiam a Língua de Sinais em cursos ou na própria comunidade. Ao longo do tempo, outras obras lexicográficas foram organizadas. Vale comentar que as tecnologias e recursos disponíveis na época para elaborar os dicionários não permitiam outra forma de registro da língua, senão por via impressa no suporte papel.

Com o advento da tecnologia e da internet ao longo dos anos, a vida cotidiana das pessoas sofreu notáveis impactos e influências. O surgimento e aprimoramento de equipamentos eletrônicos é exemplo disso. Tais avanços tecnológicos reverberaram nas ciências, sobretudo nas Ciências do Léxico, que abarcam por sua vez, os estudos da Lexicologia, da Lexicografia, da Terminologia e da Terminografia, emergindo ferramentas e sistemas valiosos para a construção de dicionários e glossários on-line que suportam a transmissão de informações da/sobre a língua.

Ainda sobre a Libras, compreendendo-a como um reflexo da cultura surda, da experiência visual e dos parâmetros linguísticos que a regem, a tríade: tecnologia, equipamentos eletrônicos e internet, trouxe um benefício múltiplo se observarmos também os avanços obtidos no âmbito das pesquisas, das práticas e do uso da/ sobre a Língua de Sinais na comunidade surda brasileira.

O registro dos sinais nos dicionários, sites e outros dispositivos demonstram as particularidades linguísticas dos sinais em relação à visualidade e espacialidade da língua, evidenciando a produção do léxico da língua considerando suas diferentes formas e sentidos. Vale lembrar também que foi necessário para tal tarefa criar estratégias de registros visuais, por exemplo, por meio da escrita de sinais,

fotos, vídeos, plataformas digitais, sites, etc. Esses detalhes são fundamentais para a obtenção de um material que possibilite ao usuário uma experiência satisfatória acerca da visualização e compreensão do léxico da Libras.

Se considerarmos o contexto escolar, por exemplo, o dicionário pode ser utilizado para consultar as palavras ou os sinais de uma determinada língua oral ou de sinais, como é o caso da Língua Portuguesa e da Libras, respectivamente. Essa consulta pode se dar em diferentes âmbitos para atender às variadas necessidades do consulente, tais como a busca por: sinônimos, significado, ortografia, pronúncia, exemplos de uso ou para adquirir conhecimentos gerais acerca da vida e do cotidiano escolar.

Além do uso escolar, o dicionário pode servir às demandas linguísticas de um aprendiz de língua, de um tradutor intérprete ou qualquer outro indivíduo que necessite sanar quaisquer dúvidas referentes ao léxico da língua, seja essa a sua língua materna, segunda língua, seja língua estrangeira, como é o caso da Libras para surdos, da Língua Portuguesa para ouvintes, da Libras para ouvintes e da Língua Portuguesa para surdos.

12. 3. 10 Desenvolvimento de dicionários comuns

Nesta seção, apresentaremos alguns dos dicionários que compõem o repertório lexicográfico e terminográfico da Libras, como eles organizam o léxico, as línguas envolvidas, em Língua Portuguesa e/ou em Libras e os conceitos ali representados.

1) Vocabulário em Língua Portuguesa e em Libras: apresenta fotos e palavras em Língua Portuguesa. É bem simples, mas complexo de entender o sinal por não mostrar como se faz o movimento. Alguns dicionários apresentam só uma ou duas fotos; provavelmente, as duas fotos podem ajudar um pouco no entendimento, mas não são suficientes.



Águia / Gavião

Fonte: Disponível em:

http://www.faders.rs.gov.br/uploads/Dicionario_Libras_CAS_FADERS1.pdf.

2) Vocabulário em Língua Portuguesa e em Libras: apresenta a concepção em Língua Portuguesa e não há definição em Libras. Pode-se perceber que a qualidade de sinalização melhorou por meio das imagens. É ainda limitada a concepção em Língua Portuguesa para que os surdos possam se apropriar de um novo conhecimento ou de um novo conceito em Libras, o que seria melhor em termos cognitivos. Exibe-se abaixo a imagem referente, ao lado de sua representação em Escrita de Sinais (*SignWriting*).



Fonte: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue – LIBRAS. Vol. 1 e 2. Disponível em: http://www.feneis.org.br/page_img_dicionario3.html/Acesso em: 5 dez. 2019.

3) Sinal-termo em Libras: o vídeo apresenta a concepção em Libras; ao lado desse, outro vídeo apresenta um exemplo referente ao sinal-termo e, finalmente, há um vídeo apresentando sinais-termo variantes, caso existam. Há descrições em Libras utilizando um objeto típico baseado no conhecimento especializado em questão e, frequentemente, requer pesquisa. Registramos os sinais-termo variantes que ocorrem devido à variação linguística, porque os surdos moram em diferentes estados ou municípios e utilizam sinais distintos. Da mesma forma, na Língua Portuguesa existe variação linguística, o que serve como argumento para que todas as comunidades surdas sempre tenham diversidade e variação linguística. A comunidade surda emprega seus modos de se expressar e comunicar em contextos variados e as diferentes maneiras de produzir e utilizar sinais é denominado “variedade linguística”.



Fonte: Glossário de Libras. Disponível em: <https://glossario.libras.ufsc.br/>.

4) Vocabulário em Língua Portuguesa e em Libras: avatares sinalizam e apresentam o sinal; não há concepção em Libras. A criação e atualização de novos

recursos é cara e demorada porque implica filmagem de tradutor/ator para cada novo sinal que se queira inserir no glossário ou dicionário, e a utilização de meios tecnológicos nem sempre está disponível. O ideal na tecnologia visual seria utilizar o avatar em Libras, porém ainda é difícil encontrar uma tradução automática que atenda às especificidades da Língua de Sinais. Um vídeo não pode ser facilmente modificado para substituir ou colocar um novo sinal que ocorre em um determinado momento. Destacam-se as iniciativas em curso que visam criar avatares que sinalizam, contudo permanecem problemas encontrados em alguns desenvolvimentos recentes na área da criação de avatares.

Dicionário de Libras – Portal da Câmara dos Deputados.



Fonte: Disponível em: <https://tinyurl.com/ymsdjxa9>.

12.3.11 Vocabulário

É comum e frequente o termo vocabulário ser confundido com dicionário ou glossário. Todavia, cada um deles possui certas características, o que nos possibilita identificar o perfil de uma determinada obra de acordo com a sua tipologia.

Barros (2004) traz em sua obra a Norma ISO 1087 (1990) e apresenta uma classificação tipológica dos repertórios lexicográficos e terminográficos. A proposta tipológica explicitada na ISO é bastante sucinta, contempla apenas três tipos de obras, sendo o dicionário, o dicionário terminológico e o vocabulário, e não considera para a sua definição elementos essenciais, por exemplo o público-alvo, as línguas envolvidas, a extensão da nomenclatura ou sequer, a natureza das informações.

De acordo com a autora, a Norma define o vocabulário como um tipo de dicionário terminológico, que reúne unidades linguísticas pertencentes a uma língua de especialidade. A definição trazida no documento o define como:

12.311. Vocabulário: Dicionário terminológico (12.3.9) baseado em um trabalho terminológico (12.3.5), que apresenta a terminologia de um domínio (12.3.2) particular ou de domínios (12.3.1) associados (idem, ibidem). (BARROS, 2004).

12.3.12 Glossário

Segundo Zavaglia (2012), um glossário pode ser definido como uma lista de palavras e serve para explicar ou explicitar o significado de outras palavras, em contextos em que significação das palavras são de difícil compreensão, e/ou também uma obra que compreende uma lista de palavras com seus respectivos significados, pertencentes a uma determinada área de conhecimento técnico.

De acordo com Silva (2012), as obras terminológicas em Libras começaram a surgir na década de 2000, com a popularização da Internet e da tecnologia de vídeos e filmagens. Portanto, houve uma expansão dos glossários de Libras, cada vez maior a partir da década de 2000, para o uso em disciplinas de áreas técnicas. Esse período foi marcado com grandes feitos e conquistas para as comunidades surdas brasileiras. Podemos destacar, por exemplo, o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas por meio da Lei n.10.436/02 (BRASIL, 2002). A regulamentação desta lei dada pelo Decreto 5.626/06 (BRASIL, 2005), um importante documento que fomentou a difusão, o ensino e uso da Língua de Sinais, bem como alguns encaminhamentos para a formação de profissionais para atuar na educação de estudantes surdos da educação básica.

Outro fato que vale destaque nesse período, foi a criação do curso de Licenciatura em Letras-Libras, em 2006, que formou a primeira turma de professores surdos de Libras ao nível de graduação. Diante de todos esses avanços, muitos surdos passaram a ocupar os espaços acadêmicos, não apenas no ensino superior, mas também nos programas de pós-graduação.

À medida que os surdos foram ocupando seus espaços na academia, em diferentes áreas do conhecimento, naturalmente foram surgindo demandas terminológicas, inaugurando um novo movimento nos estudos linguísticos da Libras, sobretudo no léxico da língua.

Podemos ainda confirmar a evolução de sinais novos no contexto do Enem em Libras nos anos de 2017 a 2020 e nas Escolas Bilíngues de Surdos que trabalham a terminologia nas mais diversas áreas, promovendo, assim, um ambiente de comunicação profícuo.

12.3.13 Glossário Letras-Libras

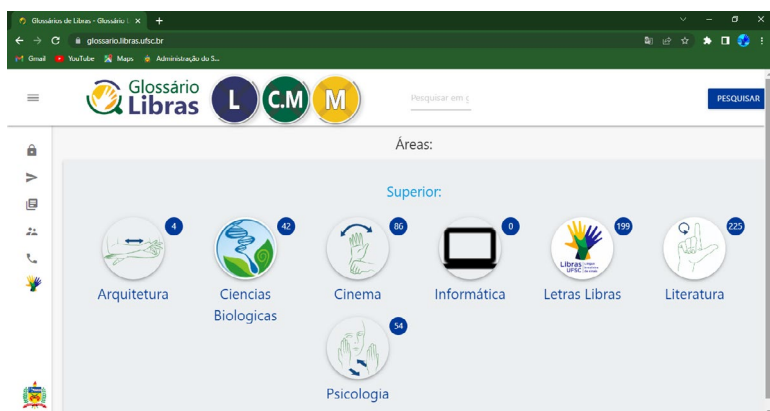
Atualmente, é possível encontrar inúmeras obras intituladas de glossário, atendendo a diferentes demandas e áreas de domínio. Muitos deles foram organizados na tentativa de preencher lacunas terminológicas da Libras no campo edu-

cacional e acadêmico, haja vista que os sinais eram, por vezes, criados a partir de empréstimos do alfabeto datilológico ou combinados entre os próprios estudantes surdos e seus intérpretes para facilitar a compreensão e o processo de interpretação dos conteúdos ministrados. Havia e ainda há uma demanda reprimida, sobretudo dos intérpretes em todo o país para a organização de glossários em Libras para consulta de sinais-termos.

A autora Faria-do-Nascimento (2009) apresenta a necessidade de conscientizar os estudantes surdos, de cursos de graduação, a respeito dos processos de construção terminológica, pois isso permitirá o enriquecimento ainda mais acelerado da LSB – Língua de Sinais Brasileira. A rápida evolução, sistematização e difusão dos neologismos terminológicos acarretarão no acesso e no domínio mais rápido dos intérpretes de tais termos, para adequarem a tradução ao contexto emergente.

Cientes disso e diante do desafio de ministrar um curso em várias regiões do Brasil, surgiu a necessidade de organizar o Glossário Letras Libras. No trabalho apresentado por Stumpf, Oliveira e Miranda (2014), os autores evidenciam a trajetória percorrida no processo de criação dos sinais. Nessa obra, eles desenvolveram os registros dos sinais-termo do curso de Letras Libras, alguns sinais que foram criados pelos tradutores e professores surdos, e, ao mesmo tempo, outros oriundos de empréstimos encontrados nas Línguas de Sinais dos outros países que se adequavam à Libras.

Atualmente, o Glossário contempla diferentes áreas especializadas, como as áreas de Psicologia, Cinema, Letras Libras, Arquitetura, Literatura, Biologia e, ainda, outras áreas que estão em construção. São sinais apropriados para o meio acadêmico, sinais que ainda estão sendo desenvolvidos e, posteriormente, serão inseridos no material.



Fonte: Disponível em: <https://glossario.libras.ufsc.br/> .

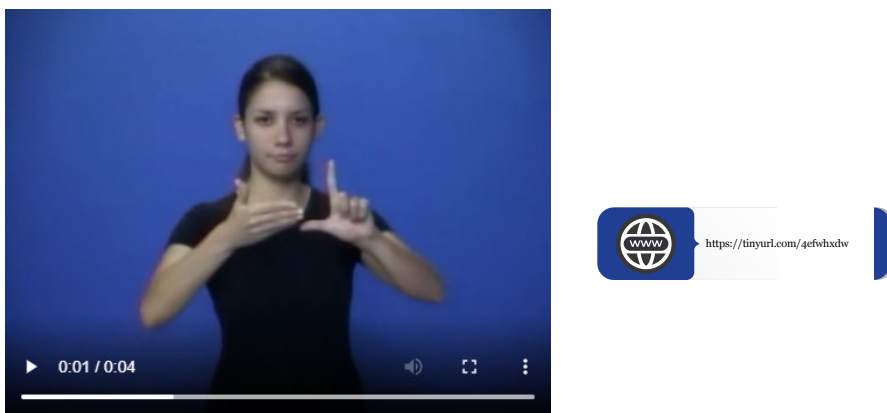
Os sinais novos são elaborados em parceria com pesquisadores com expertise e conhecimento por área. Há também a parceria com universidades públicas para auxiliar no desenvolvimento dos sinais por área. O objetivo é que estudantes surdos

em nível superior aprendam sinais-termo adequados, bem como os profissionais intérpretes, que podem utilizar tais sinais-termo.

A proposta de desenvolver e disponibilizar um sistema on-line de Libras é que ele esteja sempre aberto para ampliação, com novos sinais-termo. Além disso, a equipe organizadora estuda constantemente meios para aperfeiçoar o uso do sistema, a fim de facilitar as implementações dos vídeos em Libras. Vale salientar que os recursos tecnológicos e o espaço conquistado para ampliar o léxico da Libras devem ser utilizados sempre de forma responsável e consciente.

Dentre as inúmeras terminologias da Libras. Abaixo apresentamos aquelas de especial interesse para o curso de Letras Libras.

Sinal-termo de videoconferência



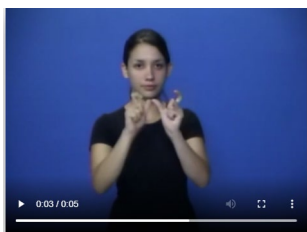
Esse sinal foi emprestado da Língua de Sinais francesa LSF. Usei esse sinal nos encontros internacionais ao explicar sobre o curso de Letras Libras EaD. Todo mundo compreendeu prontamente e o sinal foi propagado, sendo incorporado à Língua de Sinais.

Sinal-termo de ambiente virtual

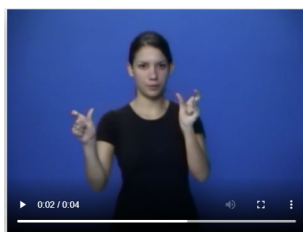
Observe a configuração de mão em “L”, a mesma do sinal de videoconferência, usada para a criação de outro sinal, o sinal de ambiente virtual.

Sinal de hipermídia

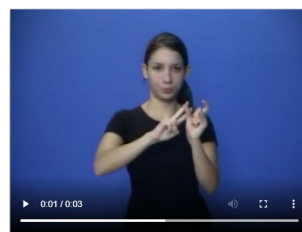
A configuração de mão em “L”, que ocorre no sinal anterior, também está presente nesse sinal. Essa configuração de mão se refere à tela de um monitor.



1. morfologia



2. morfema



3. morfema preso

Os sinais na área de estudos linguísticos, inclusive, podem ser empréstimos



linguísticos. Esse foi o caso do sinal de “morfologia”, produzido com as duas mãos. A partir dele, criamos outro sinal para morfema e ainda outro sinal para morfema preso, ambos com a forma de única mão.

Cada termo-sinal apresentado nos vídeos do glossário em Libras apresenta a seguinte estrutura: sinal-termo, explicação do termo, exemplos e variantes. Tais sinais-termo estão disponíveis para todos que tiverem interesse/necessidade de aprendê-los.

12.3.14 Sinalário

O termo sinalário significa o conjunto de expressões que compõem o léxico de uma determinada Língua de Sinais (STUMPF, 2005). Eles intencionam, principalmente, ambientes de ensino com surdos na Educação básica e no ensino superior, mostrando-se benéficos nesses meios. Além disso, os sinalários contribuem para a divulgação científica de unidades lexicais e terminológicas em Libras.

Por ser ainda um novo campo de exploração da linguística da Língua de Sinais no Brasil, e ser um termo recentemente empregado, é necessário aprofundar, aperfeiçoar, discutir, refletir sobre os sinalários. Todavia, a sua função e objetivo são semelhantes, se não os mesmos das demais tipologias apresentadas anteriormente, isto é, atender às necessidades de consulta mais frequentes, tanto do estudante surdo de áreas específicas quanto do simples usuário de computador ou celular, incluindo o navegador da Internet.

12.3.15 O estudo da gramática de Libras e a terminologia

A discussão em torno da gramática de Libras estabelecida por décadas defende que ela é constituída por um conjunto de regras a serem obedecidas para o seu funcionamento. É evidente que, à medida que se vai aprofundando o conhecimento desse funcionamento, a gramática de Libras vai sofrendo alterações e alguns sinais-termo também vão sendo substituídos ou incorporados. Isso ocorre na produção em Libras em todos os contextos.

Desse modo, é importante entender quais os usos dos sinais-termo para se

adequarem às frases em Libras, bem como, os sinais inadequados a uma determinada produção em Libras.

Entende-se que os sinais-termo e suas ambiguidades ajudam a compreender a origem da linguagem e do conhecimento. Do ponto de vista morfológico, as unidades mínimas de significado que constituem as palavras, isto é, os morfemas, podem ser simples ou complexos. De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a palavra na Língua Portuguesa se constitui de diferentes processos, tais como a sufixação, a prefixação, a composição, entre outros; processos esses evidenciados também na Libras.

O estudo da gramática de Libras nos possibilita compreender e analisar, com certo grau de abstração e profundidade, o modo como o conhecimento linguístico está organizado no cérebro dos falantes naturais da língua, principalmente, por seus aspectos morfossintáticos (a palavra se constitui a partir de dois aspectos que atuam para a classificação gramatical – preposição, artigo, substantivo, adjetivo, etc.) e, sobretudo, lexicais.

Consideramos estabelecido que a terminologia é, dessa forma, uma ciência de bases linguísticas, com características próprias, com finalidades imediatas e práticas, inclusive, ligada à política da língua.

Até bem pouco tempo, a Documentação de Libras e Gramática de Libras trabalhavam de uma maneira empírica, realizando a coleta de termos que iriam constituir uma linguagem científica a partir da verificação da frequência e ocorrência dos termos especializados da área.

Para que essa estrutura do léxico ou termo seja possível, é preciso buscar referências de significado para os termos, ou seja, verificar como a língua de especialidade de domínio transforma o sinal. Não basta recolher um sinal-termo para que a linguagem científica ganhe uma significação própria como nas suas unidades. É preciso que seja construído a partir do relacionamento mútuo entre os termos. Em resumo, a coleta, a descrição, o processamento e a apresentação de informações a respeito de sinais-termo para a compilação de glossários, dicionários e banco de sinais representam uma nova perspectiva para a terminologia associada à informação para a comunidade surda.

Em contrapartida, a Terminologia de Libras, ao privilegiar o reconhecimento e o estudo do léxico especializado, desempenha o papel de disciplina ao realizar coletivamente o trabalho de terminologia de Libras, os glossários, dicionários e sinalários. Com o longo tempo de estudos terminológicos bilíngues de Libras e Língua Portuguesa, devem-se disponibilizar aos professores bilíngues, professores surdos, intérpretes, alunos surdos e suas famílias esses recursos lexicográficos. Consequentemente, crianças e jovens surdos terão seu desenvolvimento cognitivo impulsionado pelo acesso a tais recursos.

Em síntese, a coleta, a descrição, o processamento e a apresentação de informações a respeito de sinais-termo padronizados para a compilação de glossários,

dicionários e banco de dados terminológicos representam uma nova perspectiva para a terminologia de Libras, como área de estudo multidisciplinar.

12.4 Onomástica na Libras

Alexandre melo de Sousa, Ronice Müller de Quadros

O ato de nomear as coisas do mundo constitui uma das primeiras atividades humanas (BIDERMAN, 2001). Ao receber um nome, os elementos do mundo – concretos ou abstratos, animados ou inanimados, reais ou fictícios – passam a constituir parte de uma comunidade linguística (SOUSA, 2022a). Como lembra Supalla (1992), como processo próprio das línguas naturais, atribuir um nome é essencial para os processos de socialização em todas as culturas do mundo, ainda que cada uma tenha seu próprio sistema de composição estrutural e suas próprias regras de uso. Quando pensamos nos nomes próprios, Biderman (2001) esclarece que as relações com a cultura são ainda mais evidentes. Há culturas em que o nome próprio jamais é revelado: nas sociedades aborígenes australianas, na ilha de Chiloé (Chile), na Colúmbia Britânica (Canadá), na Nova Guiné, por exemplo, há um grande cuidado das pessoas em guardarem seus nomes próprios sob pena de maus espíritos, inimigos ou feiticeiros conseguirem lhes fazer algum mal (BIDERMAN, 1998).

Entre as Ciências do Léxico, uma disciplina se dedica ao estudo dos nomes próprios: a Onomástica. Sousa (2022a) explica que o nome próprio, em Libras, constitui um processo de particularização de um elemento que se baseia nas possibilidades da própria língua (de modalidade visual-espacial) que se relaciona com elementos extralinguísticos (características do referente) com vistas a particularizá-lo. Desse modo, um sujeito genérico, ao receber um sinal, passa a ser individualizado. As nomeações de pessoas em Libras podem ser exemplificadas a seguir:

Figura 53: Sinal-nome de Ana Regina Campello.

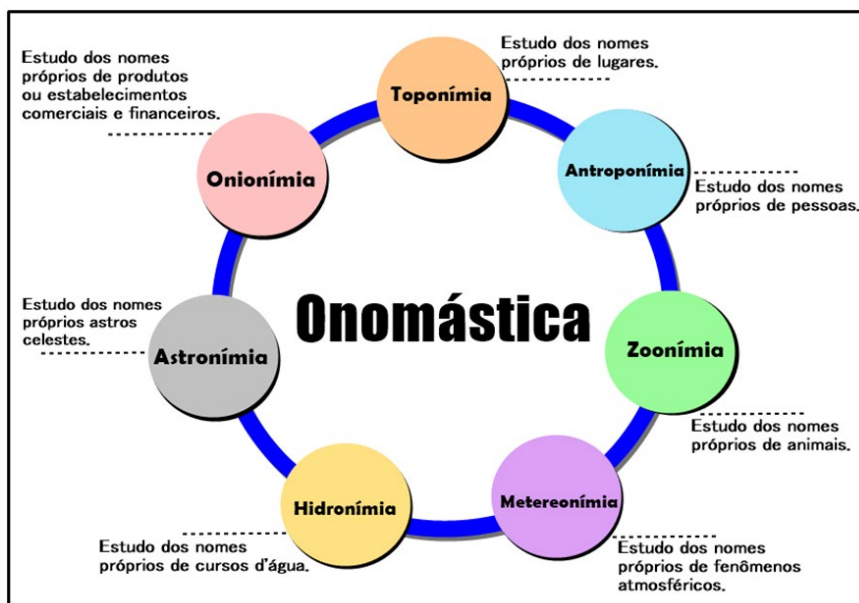


Ainda que cada sujeito surdo possua seu nome “oficial” registrado em cartó-

rio, na comunidade surda, o que prevalece é seu sinal-nome, atribuído por alguma marca inerente ao seu físico, ao seu comportamento ou às suas relações sociais. Trata-se de um sinal que particulariza e referencia a pessoa entre as demais, individualizando-a.

O mesmo ocorre com outras entidades: um lugar, uma obra artística, um animal de estimação, um evento festivo, entre outros. A Onomástica possui subáreas para os estudos dos diferentes nomes próprios, como Sousa (2022b) mostra na figura a seguir:

Figura 54: As subáreas da Onomástica



Fonte: Sousa (2022b).

Na sequência, passaremos a tratar de três dessas subáreas: a Antroponímia, a Toponímia e a Zoonímia.

12.4.1 Antroponímia em Libras

A Antroponímia é a subárea onomástica que se dedica aos nomes próprios de pessoas, no caso específico das Línguas de Sinais: os sinais-nome (SOUSA, 2022b). Com relação aos sinais próprios, Supalla (1992) explica que, na comunidade surda, eles constituem marca de identidade e mecanismo de interação entre as pessoas surdas. A princípio, os sinais-nome eram utilizados apenas entre os surdos, contudo à medida que ouvintes foram aprendendo a Língua de Sinais e integrando a comunidade surda, passaram também, a possuir um sinal-nome.

Partindo de dados da Língua de Sinais americana (ASL), Supalla (1992)

propõe dois tipos básicos de sinais-nome: os descritivos, quando o sinal possui, em sua formação, a configuração de mão correspondente às letras do nome do indivíduo em língua oral; e os arbitrários, quando o sinal-nome é criado com base em alguma característica física do indivíduo.

Os estudos de Supalla (1992) e de outros pesquisadores – como Wild (2017), Barros (2018), Sousa et al. (2020), Menezes (2021) – têm comprovado a influência de aspectos extralinguísticos na formação conceitual do sinal-nome de pessoas em Línguas de Sinais. É o que se observa, por exemplo, com os sinais a seguir, que foram atribuídos motivados por aspectos comportamentais dos sujeitos nomeados. No caso do sinal-nome de André Reichert, a motivação se deu pela questão dos atrasos às aulas e pela necessidade de ficar atento ao horário (relógio); daí, o sinal ser produzido com os dedos médio e indicador (em configuração levemente côncava) tocando o antebraço na região em que se usa o relógio.

Figura 55: Sinal-nome de André Reichert



No caso do sinal-nome de Cleber Teixeira Couto, a motivação se deu pelas atividades aeróbicas que o sinalizante praticava. Desse modo, o seu sinal é produzido com os punhos fechados, em movimentos similares aos praticados nos exercícios de danças aeróbicas.

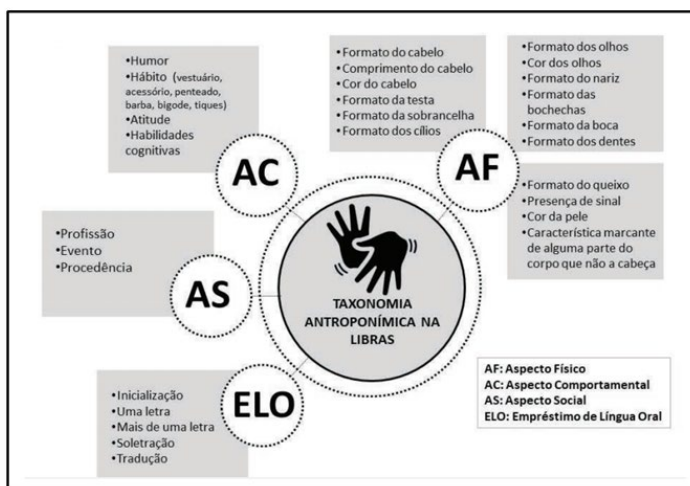
Figura 56: Sinal-nome de Cleber Teixeira Couto.



Barros (2018) descreveu categorias (taxes e subtaxes) baseadas nos aspectos que influenciaram a criação de 113 sinais-nomes em Libras de informantes de Goiânia. A pesquisadora, então, observou que os sinais eram motivados por (i) características físicas (taxe) do informante, como formato do cabelo, formato dos olhos, cor da pele, presença de sinal na pele etc.; (ii) características comportamentais (taxe) do informante, por exemplo: humor, hábito, habilidades cognitivas etc.; (iii) características sociais (taxe) do nomeado, como profissão, origem etc.; (iv) empréstimos da língua oral (taxe): letra inicial, soletração manual etc.

Na proposta de Barros, as taxes são as categorias – aspectos físicos, aspectos comportamentais, aspectos sociais e empréstimo da língua oral – e as subtaxes são as especificações de cada uma delas. Para a taxe aspecto físico, por exemplo, há subtaxes como formato do cabelo, formato dos olhos, cor dos olhos, formato das sobrancelhas, sinais na pele, cicatriz, entre outras. As categorias taxionômicas propostas por Barros (2018) podem ser visualizadas na figura a seguir:

Figura 57: Taxionomias Antroponímicas em Libras



Fonte: Sousa et al. (2019, p. 117).

Barros (2018) explica que a proposta das taxes e subtaxes para os sinais-nomes tomam por base, no primeiro momento, em seu conhecimento pessoal sobre a língua; posteriormente, o estudo empírico para comprovação e exemplificação das classificações sugeridas. Para chegar a essa proposta taxionômica antroponímica das Línguas de Sinais “foi preciso identificar os elementos constitutivos dos sinais-nomes, descrever cada um deles, nomeá-los e, por fim, categorizá-los em taxes e subtaxes criadas para esse campo de conhecimento.” (BARROS,2018, p. 10-11).

A pesquisa de Barros (2018) concluiu que a maioria dos sinais analisados é formada pela combinação das taxes Empréstimo de Língua Oral (ELO) e Aspecto Físico (AF) representando 58% dos sinais-nomes analisados.

Sousa et al. (2020) analisam os sinais-nomes dos surdos de Florianópolis, com base nas entrevistas realizadas no Inventário de Libras da Grande Florianópolis, que apresenta diferentes produções e usos da Libras de 36 participantes surdos (obedecendo aos critérios de formação de grupos etários e diferentes composições de gênero¹⁵).

Figura 58: Sinal-nome de Priscilla Leonor Ferreira.



No exemplo indicado anteriormente, a participante demonstra um caso de troca de sinal-nome. Embora não apresente e explique a motivação do sinal-nome anterior, Priscilla Leonor explica que a motivação do sinal atual se deu pelas tranças que a sinalizante usava. No mesmo caso, a configuração da mão é em letras “P” – o que indica motivação dupla: Aspecto Físico + Empréstimo da Língua Oral.

Para a pesquisa de Sousa et al. (2020), foram selecionadas 34 entrevistas do Inventário de Libras da Grande Florianópolis, dos três grupos etários: 18 - 29 anos; 30 a 49 anos; e > 50 anos; destacaram-se os trechos das entrevistas que apresen-

¹⁵ Os dados se encontram disponíveis em: <https://corpuslibras.ufsc.br/> e seu modelo teórico-metodológico está sendo utilizado na construção dos inventários de Libras das regiões de Maceió (AL); Fortaleza (CE); Palmas (TO); e Rio Branco (AC), como detalhado em Ludwig et al. (2019), Quadros et al. (2020), Quadros e Sousa (2021).

tavam as seguintes perguntas: (1) Qual é o seu nome? (2) Qual é o seu sinal-nome? (3) Por que este sinal-nome?

A pesquisa revelou predominância do Aspecto Físico como influenciador dos sinais-nomes de Florianópolis: 63%. Se compararmos com os dados de Goiânia, percebemos que há menos influência da língua oral na nomeação dos surdos entrevistados no Inventário de Libras de Florianópolis. No entanto, é válido perceber que os aspectos físicos têm sido muito considerados nas nomeações de pessoas em Libras, pois a maior incidência em Goiânia foi a combinação das taxas Aspecto Físico e Empréstimo da Língua Oral. Outros estudos – Souza e Gediel (2017), Rech e Sell (2020), Menezes (2021), Souza (2022) – também têm se dedicado a analisar o processo de nomeação de pessoas em Libras, evidenciando, inclusive, a relação entre os fatores linguístico e culturais no ato de nomear. Assim, referente nomeado e componente semântico estabelecem uma estreita relação refletida no sinal-nome em Libras.

12.4.2 Toponímia em Libras

A Toponímia é a subárea onomástica que se dedica ao estudo dos nomes próprios de Lugares (DICK, 1990; SOUSA; QUADROS, 2021; SOUSA, 2022a). Ao dar nome a um espaço geográfico em Libras, imprime-se uma marca de identidade e de referência cultural (SOUSA; QUADROS, 2021) estabelecendo-se, desse modo, um liame entre o linguístico, o social e o cultural.

Desde os estudos de Souza Jr. (2012) e Aguiar (2012), há uma preocupação com os estudos dos sinais em Libras que nomeiam os espaços geográficos, relacionando a função de nomeação às características específicas das Línguas de Sinais – especialmente à questão da iconicidade e a influência da língua oral na formação do sinal. O fator cultural, refletido nos sinais toponímicos podem ser visualizados, por exemplo, na figura a seguir, referente ao estado do Rio Grande do Sul, cujo sinal, apresentado por Ana Regina Campêllo, faz referência à imagem dos cavaleiros e manejadores de laços de tradição cultural gaúcha.

Figura 59: Sinal Rio Grande do Sul.



Fonte: Vocabulário Swadesh – Inventário Nacional de Libras.

Sousa e Quadros (2021) afirmam que, embora coexistam socialmente, as Línguas de Sinais e as línguas orais são independentes e a modalidade visual-espacial, própria das Línguas de Sinais, impacta na estrutura das Línguas de Sinais (MEIER, 2000; 2012; SANDLER; LILLO-MARTIN, 2006; QUER; STEINBACH, 2019). A iconicidade, entre os aspectos específicos que se desdobram da modalidade visual-espacial, constitui-se como um dos elementos produtivos que integram a criação das palavras nas Línguas de Sinais – de modo especial, os sinais toponímicos (SOUSA; QUADROS, 2021).

O efeito da iconicidade cria efeitos de modalidade em certos campos da expressão linguística, uma vez que o espaço visual tridimensional onde os sinais são produzidos e os articuladores que se movimentam são nitidamente adequados para representação de informação espacial, em particular, de forma, localização, movimento e ação (TAUB, 2012; WILCOX, 2005; PERNISS 2007). Por isso, é possível afirmar que a iconicidade é a estrutura, participe de um sistema de linguagem, que guarda correspondências entre uma forma linguística e seu significado.

Sousa e Quadros (2021), apoiados em Perniss, Thompson e Vigliocco (2010), afirmam que maioria dos sinais tende a apresentar características icônicas e arbitrárias, sendo que o grau de iconicidade ou arbitrariedade dos sinais individuais pode ser entendido como um continuum. Esse continuum está relacionado ao potencial de ícones visuais que são mapeados no nível fonológico de produção do sinal, de modo que é possível observar a relação forma-significado mais aparente ou mais opaca. Desse modo, pensando numa escala, teríamos sinais que representariam desde totalmente arbitrários até totalmente icônicos. Trata-se do que Supalla (1992) demonstrou com relação aos sistemas básicos de sinais de nomeação de pessoas na ASL: o arbitrário e o descritivo.

O sinal arbitrário é formado pela letra inicial do nome da pessoa e o sinal descritivo, faz referência a alguma característica própria do sujeito nomeado. Supalla (1992) verificou, à época, que houve uma preferência pelos sinais-nomes arbitrários na ASL para nomear pessoas. Já Wild (2017), também em pesquisa sobre os sinais-nomes em ASL, destacou que os sinais descritivos foram mais usados com elementos motivadores, como as características físicas ou comportamentais. Esses aspectos destacados por Supalla (1992) e Wild (2017) podem ser considerados para os sinais atribuídos aos espaços geográficos em Libras.

Dick (1990), ao descrever o topônimo, explica que a estrutura do nome próprio de lugar representa “um significante animado por uma substância de conteúdo”, e em sua funcionalidade (se uso), “o que era arbitrário, em termos de língua, transforma-se, no ato do batismo de um lugar, em essencialmente motivado” (DICK, 1992, p. 38-9), seja na intencionalidade de quem denomina o lugar (ou cria o sinal para determinado espaço geográfico), seja na origem semântica do topônimo (o significado do sinal “que revela, de modo transparente ou opaco” a referência do topônimo).

O sinal do estado do Amazonas, produzido por Rimar Romano, mostra a relação entre a forma do sinal – configuração de mão, movimento, ponto de articulação) com o referente: o cocar indígena, característico da cultura amazonense.

Figura 60: Sinal Amazonas.



Fonte: Vocabulário Swadesh – Inventário Nacional de Libras.

Para Sousa e Quadros (2021), iconicidade e motivação são conceitos que merecem atenção no estudo toponímico, especialmente, quando se trata de línguas sinalizadas. A iconicidade, a princípio, parece motivar a formação de vários sinais – o que pode ocorrer, inclusive, na estrutura fonológica do sinal ou, como fusão entre fonologia e morfologia na construção de alguns itens do léxico da língua (QUADROS, 2019).

Sousa (2022a), partindo da proposta taxionômica de Dick (1990), exemplifica as categorias motivacionais toponímicas com sinais em Libras que nomeiam espaços geográficos do Brasil, a partir de dois grandes grupos: sinais motivados por características físicas dos espaços nomeados e sinais motivados por características antropoculturais relacionadas ao espaço nomeado – também como procedeu Dick (1990):

a) Taxionomia de Natureza Física: Astrotopônimos: sinais toponímicos relativos aos corpos celestes em geral; Cardinotopônimos: sinais toponímicos relativos às posições geográficas em geral; Cromotopônimos: sinais toponímicos relativos à escala cromática; Dimensiotopônimos: sinais toponímicos relativos às características dimensionais dos acidentes geográficos, como extensão, comprimento, largura, grossura, espessura, altura, profundidade; Fitotopônimos: sinais toponímicos de índole vegetal, espontânea, em sua individualidade, em conjuntos de mesma espécie, ou de espécies diferente, além de formações não espontâneas individuais e em conjunto; Geomorfotopônimos: sinais toponímicos relativos às formas topográficas; elevações

e depressões do terreno, às formações litorâneas; Hidrotopônimos: sinais toponímicos resultantes de acidentes hidrográficos em geral; Litotopônimos: sinais toponímicos de índole mineral, relativos à constituição do solo; Meteorotopônimos: sinais toponímicos relativos a fenômenos atmosféricos; Morfotopônimos: sinais toponímicos que refletem o sentido de forma geométrica; Zootopônimos: topônimos de índole animal.

b) Taxionomia de Natureza Antropocultural: Animotopônimos ou Nootopônimos: sinais toponímicos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria-prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física; Antropotopônimos: sinais toponímicos relativos aos nomes próprios individuais; Axiotopônimos: sinais toponímicos relativos aos títulos e dignidades de que se fazem acompanhar os nomes próprios individuais; Corotopônimos: sinais toponímicos relativos aos nomes de cidades, países, estados, regiões e continentes; Cronotopônimos: sinais toponímicos que encerram indicadores cronológicos, representados pelos sinais adjetivos novo/nova/ velho/velha; Ecotopônimos: sinais toponímicos relativos às habitações de modo geral; Ergotopônimos: sinais toponímicos relativos aos elementos da cultura material; Etnotopônimos: sinais toponímicos referentes aos elementos étnicos, isolados ou não (povos, tribos, castas); Dirrematopônimos: sinais toponímicos constituídos por frases ou enunciados linguísticos em Libras; Hierotopônimos: sinais toponímicos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças: cristã, hebraica, maometana, etc. Os hierotopônimos podem apresentar, ainda, duas subdivisões: hagiotopônimos: sinais toponímicos relativos aos santos e santas do hagiológico romano e mitotopônimos: sinais toponímicos relativos às entidades mitológicas; Historiotopônimos: sinais toponímicos relativos aos movimentos de cunho histórico-social e aos seus membros, assim como às datas correspondentes; Hodotopônimos: sinais toponímicos relativos às vias de comunicação rural ou urbana.; Numerotopônimos: sinais toponímicos relativos aos adjetivos numerais; Poliotopônimos: sinais toponímicos constituídos pelos vocábulos vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; Sociotopônimos: sinais

toponímicos relativos às atividades profissionais aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade (largo, pátio, praça); Somatotopônimos: sinais toponímicos empregados em relação metafórica a partes do corpo humano ou do animal.

Além da proposta de Dick, outras categorias foram consideradas por Sousa (2022a) a partir das propostas de Francisquini (1998): Acronimotopônimos: sinais toponímicos formados por siglas ou letras do alfabeto (s); e Grafematopônimo: sinais toponímicos formados pelas letras do alfabeto – aqui considerados os sinais realizados por soletração manual; e a proposta de Carvalho (2010): Igneotopônimos: sinais toponímicos que fazem referências ao fogo.

Figura 61: Sinal toponímico Amapá



Fonte: Vocabulário Swadesh – Inventário Nacional de Libras.

A figura anterior apresenta o sinal do estado do Amapá, que é realizado pela sinalizante com a mão na configuração “A”, tocando nos dois lados da boca. O sinal faz referência à letra inicial e à letra final do nome do estado em língua oral. Trata-se, desse modo, de um acronimotopônimo.

Sousa e Quadros (2019) propõem um modelo de ficha lexicográfico-toponímico para o armazenamento de informações sobre os sinais toponímicos em Libras com vistas à utilização em pesquisas estruturais e semântico-motivacionais dos sinais que nomeiam espaços geográficos. A ficha apresenta os seguintes microparadigmas: Localização (apresentação do espaço em estudo no Google Maps); Tipo de acidente geográfico (acidente geográfico físico ou humano); Topônimo em Libras (sinal utilizado pelo surdo para nomear o espaço apresentado em vídeo); Classificação Taxionômica para o topônimo em Libras (SOUSA, 2022a); Descrição da Sinalização (estrutura do sinal toponímico em imagem); Topônimo em Escrita de Sinais (será utilizado o sistema Signwriting para a escrita do sinal); Estrutura fonológica do sinal toponímico (apresentação da descrição fonológica do sinal em seus parâmetros formadores); Estrutura morfológica do sinal toponímico (apresentação

morfológica do sinal toponímico, considerando sua estrutura de formação: simples, simples híbrida, composta e composta híbrida); Contexto motivacional de criação do sinal (vídeos dos informantes surdos); Informações históricas e geográficas do espaço pesquisado (vídeo em Libras sobre informações históricas e geográficas do espaço pesquisado); Fonte (obras, vídeos, mapas, sites ou outras fontes utilizadas para a coleta dos dados e para o preenchimento das fichas); Pesquisadores (Surdos e ouvintes que participaram da coleta, do preenchimento e da revisão das informações presentes na ficha).

Os fatores motivacionais são identificados a partir das entrevistas/pesquisas com os surdos e observados a partir da iconicidade própria do sinal toponímico, que é importante nas Línguas de Sinais e está refletida, na maioria das vezes, na criação do sinal que nomeia os espaços (SOUSA; QUADROS, 2021).

A estrutura morfológica do sinal toponímico considera a formação proposta por Zinkin (1969): termo genérico (que se refere ao tipo de espaço geográfico) e termo específico (que faz referência às características do espaço geográfico).

Figura 62: Sinal toponímico – termo genérico e termo específico.







Fonte: Sousa e Quadros (2021).

Quanto ao termo específico, tomando as especificidades de formação de sinais em Libras, Sousa (2019) propõe os seguintes tipos de formação: simples (quando tem apenas um formante na Língua de Sinais nativa), simples híbrido (quando tem apenas um formante com empréstimo de língua oral); composto (quando possui mais de um formante da mesma Língua de Sinais nativa); e composto híbrido (quando possui mais de um formante, sendo um da Língua de Sinais nativa e outro com empréstimo de língua oral, ou outra Língua de Sinais diferente da nativa). Os tipos de estrutura do termo específico podem ser visualizados nos exemplos a seguir, extraídos dos dados toponímicos em Libras do estado do Acre, constantes no Corpus de Libras¹⁶.

¹⁶ Disponível em: http://arquivos.nals.cce.ufsc.br/corpus/toponimia_em_libras/

Figura 63: Estrutura de formação do termo específico do sinal topônimoico.

TERMO ESPECÍFICO	TIPO DE FORMAÇÃO	DESCRIÇÃO
	Formação Simples	O termo específico SENA MADUREIRA é estruturado por um sinal na língua nativa (Libras): dedo indicador em movimentos circulares apontando para a boca (fazendo referência ao mandi, peixe próprio da região)
	Formação Simples Híbrida	O termo específico TARAUAÇÁ é estruturado por um sinal que apresenta, em sua formação, a configuração em T (letra inicial do topônimo em língua oral).
	Formação Composta	O termo específico ACRE ² é estruturado por dois sinais, ambos em língua nativa (Libras): sinal ESTRELA + sinal ESPADA.
	Formação Composta Híbrida	O termo específico JORDÃO é estruturado por dois sinais: um com a configuração em J (letra inicial no topônimo em língua oral) seguido de outro em língua nativa (sinal BARCO).

Fonte: Sousa e Quadros (2021).

A respeito das formações híbridas, vale destacar que Faria-Nascimento (2009), ao pesquisar unidades lexicalizadas em Línguas de Sinais observou que ocorrem três tipos de transliteração: transliteração pragmática, transliteração lexicalizada e transliteração da letra inicial – no processo de empréstimo da língua oral.

A transliteração pragmática ocorre nos casos de datilologia (soletração) do nome em língua oral. Ela pode ser entendida como um estágio anterior à lexicalização de um sinal (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 62-5). É utilizada a soletração em Libras, por exemplo, quando não há um sinal específico para um determinado espaço geográfico.

A transliteração lexicalizada (ou semidatilológica) pode ser entendida como o estágio posterior ao empréstimo por transliteração pragmática, quando as Configurações de Mão correspondentes à parte das letras das palavras em língua oral recebem características próprias das línguas de modalidade visual-espacial, como movimento, ritmo, mudança de local de articulação etc., adaptando-se às restrições fonomorfológicas da Língua de Sinais (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 65-6).

A transliteração por letra inicial ocorre quando se usa, exclusivamente, a CM correspondente à letra inicial da palavra em língua oral como motivador para a construção da unidade lexical sinalizada, seguindo as regras de construção lexical próprias das línguas de modalidade visual-espacial (FARIA-NASCIMENTO, 2009, p. 66-7).

De acordo com Sousa e Quadros (2021), esses processos de empréstimo ocorrem, de um modo geral, porque a Língua de Sinais nativa convive no mesmo território que a língua oral, cujo sistema de escrita está exposto nos mais diversos espaços (placas, ônibus, veículos de comunicação impressos e digitais), situações e contextos em que os usuários naturais da Libras convivem. O contato é evidente e contribui com o processo de derivação direta, por exemplo, da Língua Portuguesa para a Libras, por meio de adaptações fonomorfológicas próprias das línguas de modalidade visual-espacial. Sousa (2022a, p. 45), “considerando outros elementos gráficos que podem ser utilizados na produção de um sinal toponímico, como números, por exemplo” propõe o processo de empréstimo por transemiotização.

A questão semântico-motivacional do sinal toponímico, segundo Sousa e Quadros (2021), parece seguir um padrão motivacional a partir de duas naturezas distintas: (i) quando o sinal é formado exclusivamente com base na língua nativa (de natureza visual-espacial), a referência é direta, como ocorre com o sinal toponímico FLORIANÓPOLIS, que faz referência a Ponte Hercílio Luz (símbolo do município catarinense); (ii) quando o sinal é formado por hibridismo, em processos de empréstimo por transliteração, há que observar se o sinal toponímico faz referência motivacional apenas às CMs relacionadas às letras dos topônimos em língua oral ou se a CM se junta a outra referência motivacional semântica, num processo de incorporação.

No caso da motivação híbrida (o segundo caso, portanto), as CMs das letras podem compor o sinal de forma pura (ou seja, a CM permanece com sua estrutura inalterada), ou de forma incorporada (ou seja, a CM parece se aglutinar nos parâmetros de formação do sinal toponímico). Quando o topônimo se apresentar em forma datilológica total (transliteração), o sinal será classificado como Grafematopônimo, seguindo a taxionomia proposta de Carvalho (2010).

Quando o topônimo se apresentar apenas com a CM relacionada à letra inicial ou duas CMs relacionadas às letras que formam o nome do topônimo em língua oral, sem perder as características estruturais da CM, o sinal será classificado como Acronimotopônimo, seguindo a taxionomia proposta por Francisquini (1998).

Quando o topônimo se apresentar com a CM relacionada à letra inicial ou duas CMs relacionadas às letras que formam o nome do topônimo em língua oral, incorporadas à estrutura icônica do sinal toponímico (ou seja, num processo de aglutinação) ou acrescidas de movimentos ou mudança de localização, o sinal será classificado com base na motivação semântica e na representação icônica do sinal, como apresentado por Sousa (2022a), com base na proposta de Dick (1990).

As motivações semânticas revelam, como destacaram Perniss (2007) e Perniss, Thompson e Vigliocco (2010), o efeito da iconicidade na estrutura dos sinais. Diversos estudos desenvolvidos no Brasil (SOUZA, Jr., 2012; JESUS, 2019; FERREIRA, 2019; URBANSKI; XAVIER; FERREIRA, 2019; MIRANDA, 2020; SOUSA; QUADROS, 2021) apontam que há relação direta, em muitos sinais analisados, entre estrutura dos topônimos em Libras e os referentes motivacionais, estritamente visuais. “Trata-se da representação icônica refletida no ato da produção do sinal toponímico, às vezes mais opaca, às vezes mais transparente” (SOUSA; QUADROS, 2021, p. 101).

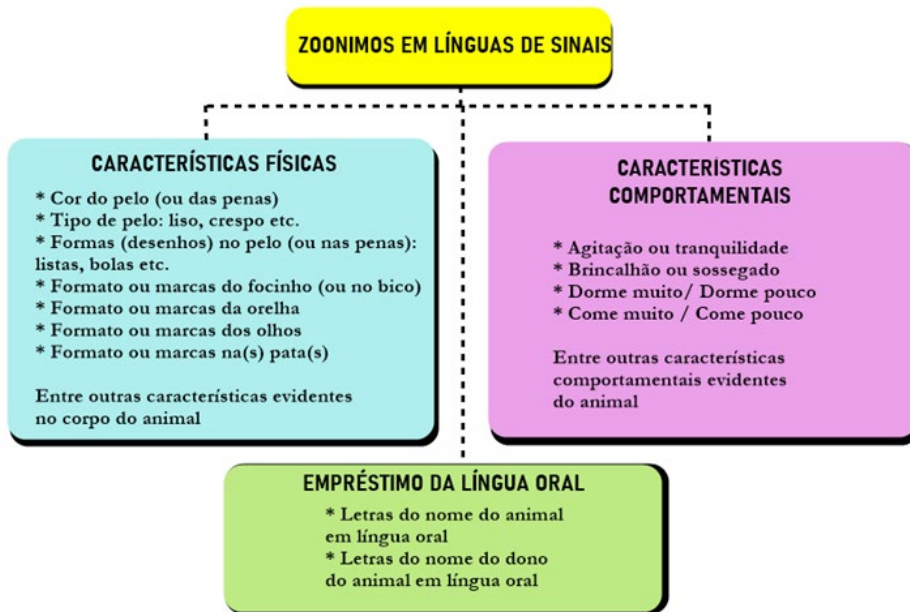
12.4.3 Zoonímia em Libras

Alexandre Melo de Sousa, Ronice Müller de Quadros

De acordo com Sousa (2022b), a Zoonímia é a parte da Onomástica que estuda os nomes próprios de animais. Cardozo (2006), Broom e Fraser (2010) e Tavares (2011) discutem em suas pesquisas a respeito das relações entre homens e animais (especialmente os domésticos) e observam que as proximidades afetivas que se estabelecem entre homens e bichos são muito semelhantes às relações familiares. “O companheirismo, a troca de afetos e, até mesmo, os processos interacionais criam laços entre seres humanos e animais. Isso favorece que os animais acabem recebendo nomes (em línguas orais) ou sinais (em Línguas de Sinais)” (SOUSA, 2022b, p. 16).

No caso dos sinais próprios de animais, tal como ocorre com os sinais próprios de pessoas, também apresentam motivações a partir de fatores extralinguísticos: aspectos físicos, comportamentais ou nome do animal na língua oral. A figura, a seguir, mostra alguns desses aspectos:

Figura 64: Zoonimos: aspectos motivacionais.



Fonte: Sousa (2022b).

Como lembra Sousa (2022b), as subdivisões dos tipos de motivadores variam de acordo com a espécie animal. Para peixes, as características estarão relacionadas ao formato do peixe, à cor das escamas, ao formato das barbatanas etc.; para répteis ou insetos, os aspectos motivadores estarão relacionados às características próprias das espécies.

Teixeira (2022) entrevistou 16 surdos de diferentes estados brasileiros e coletou 46 sinais de animais de estimação (entre eles: cães, gatos, ratos e jabutis). Os dados revelaram que 77% dos sinais foram influenciados por características físicas: marcas no pelo, formato das orelhas, tipo de pelo, rabo quebrado, formato do focinho, marcas e formato do casco – no caso dos jabutis). Já 17% dos sinais apresentaram relação com os comportamentos dos animais: olhar sempre atento, estava sempre rosnando, urinava em locais inapropriados, entre outros. E 6% dos sinais estavam relacionados com as letras dos nomes em língua oral (geralmente, nomes atribuídos por outros familiares ouvintes).

Os estudos zoonímicos, em Libras, ainda estão em fase inicial. Certamente, um maior quantitativo de dados e uma coleta mais diversificada geograficamente poderá mostrar um padrão estrutural e semântico-motivacional para essa subárea onomástica em línguas sinalizadas, contribuindo para a descrição do léxico em Libras.

De um modo geral, os estudos onomásticos em Libras têm mostrado que a constituição dos sinais próprios (de pessoas, de lugares, de animais, de lojas etc.) apresentam forte relação entre os aspectos linguísticos estruturantes e funcionais da Língua de Sinais (especialmente, com relação ao modo de produção dos sinais) e fatores como: a experiência surda, a cultura surda e o contato linguístico que se estabelece no âmbito social entre a Libras e a Língua Portuguesa.

13 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AARONS, D. **Aspects of the syntax of American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA, 1994.

ABNER, N. **What You See Is What You Get. Get: Surface Transparency and Ambiguity of Nominalizing Reduplication in American Sign Language**. *Syntax*, n. 20, 2017, p. 317–352. DOI:10.1111/synt.12147.

ABNER, N. Determiner Phrases: theoretical perspectives. In: QUER, J.; PFAU, R.; HERRMANN, Annika (Orgs.). **The Routledge Handbook of Theoretical and Experimental Sign Language Research**. Londres: Routledge, 2020.

ABNER, N. Syntactic Categorization in Sign Languages. In: COHEN, H.; LEFEBVRE, C. (Orgs.). **Handbook of Categorization in Cognitive Science**. 2 ed. Amsterdã: Elsevier, 2017, p. 549–566.

AGUIAR, M. C. Descrição e análise dos sinais topônimos em Libras. In: ALBRES, N. A.; XAVIER, A. N. (Org.). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 109–121.

ALBRES, N. A. Tradução de literatura infantojuvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada online** version Rev. bras. linguist. apl. v.14 n.4 Oct. / Dec. 2014. Available in: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820145540>.

ALBRES, N. A.; COSTA, M. P. P.; ADAMS, H. G. Contar um conto com encantamento: a construção de sentidos e efeitos da tradução para Libras. **Revista Diálogos**, Dossiê temático Educação, Inclusão e Libras, v. 6, n. 1, 2018.

ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. Comparação entre três sistemas de notação da configuração de mão com base em dados da Libras. **Revista Sinalizar**, v. 4, SP, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revsinal/article/view/56832>.

ALECRIM, E. C.; XAVIER, A. N. Contrastividade e variação fonológica em configurações de mão da Libras. In: REIS, L. da S.; FIGUEIREDO, A. A. de A. (Org.). **Línguas de Sinais de um continente a outro: atualidades linguísticas, culturais e de ensino**, v. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 197–228. 2021a.

ALECRIM, E.; XAVIER, A. N. A variação fonética em configurações de mão da

Libras à luz do sistema de transcrição de Johnson e Liddell (2011, 2012). **Letras & Letras (UFU)**, v. 37, p. 292–323, 2021b. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57715>.

ALEIXO, F. **Orações condicionais na Língua Brasileira de Sinais (Libras)**: uma análise funcionalista. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – Unesp, Araraquara, 2021.

ALMEIDA–SILVA, A. A **(in) definitude no sintagma nominal em Libras**: uma investigação na interface sintaxe–semântica. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 2019.

ALMEIDA–SILVA, A.; NEVINS, A. I. Observações sobre a estrutura linguística da Cena: a Língua de Sinais emergentes da Várzea Queimada (Piauí, Brasil). In: **Revista Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 23, n. 4, p. 1029–1053, out.- dez. 2020.

ANDERSON, S. R. Where's morphology? **Linguistic Inquiry**. Vol.13, 571–612, 1982.

ANTUNES, I. **Lutar com palavras**: coesão e coerência. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

ARONOFF, M.; MEIR, I.; SANDLER, W. **The paradox of sign language morphology**. *Language*, v. 81, p. 301–344, 2005.

ARONOFF, M. **Word formation in generative grammar**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1976.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028/2003: Informação e documentação: Resumo**. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

AVELAR, J. O. **Dinâmicas morfossintáticas com ter, ser e estar em português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade de Campinas, Campinas. 2004.

AVELAR, J. O. **Ter, Ser e Estar**: Dinâmicas morfossintáticas no português

brasileiro. Campinas: RG. 2009.

BÁEZ-MONTERO, I. C.; FERNÁNDEZ-SONEIRA, A.; FREIJEIRO OCAMPO, E. CORALSE. Diseño de un corpus de lengua de signos española. In A. Moreno Ortiz e C. Pérez-Hernández (eds.), *CILC2016. EPiC Series in Language and Linguistics*, v. 1, p. 111–120. 2016.

BÁEZ-MONTERO, I.; BAO FENTE, M. C.; GONZÁLEZ MONTESINO, R.; LONGA ALONSO, B. Los informantes de un corpus de lengua de signos española: tecnológico, representativo y con portabilidad: CORALSE. *Estudios Interlingüísticos* n. 8, p. 13–32. 2020.

BAHAN, B. **Comment on Turner**. *Sign Language Studies*, n. 83, p. 241–249, 1994.

BAHAN, B. **Non-manual realization of agreement in American Sign Language**. Ph.D. Dissertation, Boston University, Boston, MA. 1996.

BAHAN, B. Face-to-Face Tradition in the American Deaf Community: Dynamics of the Teller, the Tale and the Audience. In **Signing the Body Poetic**: Essays on American Sign Language Literature, ed. H-D. L. Bauman, J.L. Nelson, and H.M. Rose, p21–50. Berkeley: University of California Press. 2006.

BAKER, C.; PADDEN, C. Focusing on the nonmanual components of American Sign Language. In: SIPLE, P. (Ed.). **Understanding language through Sign Language Research**. New York: Academic Press, 1978. p. 27–57.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. [1979; introdução e tradução de Paulo Bezerra]. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BALVET, A.; SALLANDRE, M. A. Mouth features as nonmanual cues for the categorization of lexical and productive signs in French Sign Language (LSF). In: CRASBORN, O. *et al.* (Eds.). **Beyond the Manual Channel** [Proceedings of the 6th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages. Language Resources and Evaluation Conference (LREC).] Reykjavik, Iceland: 31 May 2014. p. 16. Disponível em: <http://www.lrec conf.org/proceedings/lrec2014/workshops/LREC2014WorkshopSignLanguage%20Proceedin gs.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2014.

BANK, R. **The ubiquity of mouthings in NGT: a corpus study.** Utrecht: LOT, 2014.

BANK, R.; CRASBORN, O.; VAN HOUT, R. Variation in mouth actions with manual signs in Sign Language of the Netherlands. **Sign Language and Linguistics**, Nijmegen, v. 14, n. 2, p. 248-270, jan. 2011.

BANK, R.; CRASBORN, O.; VAN HOUT, R. Prominence of spoken language elements in a sign language. **Linguistics**. Vol. 54, n. 6. p. 1281-1305, 2016.

EBBINGHAUS, H.; HESSMANN, J. Sign language as multidimensional communication: why manual signs, mouthings, and mouth gestures are three different things. In: BOYES BRAEM, P.; SUTTONSPENCE, R. (eds.). **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages.** Hamburg: Signum, 2001. p. 133-151.

BARROS, L. A. **Curso básico de terminologia.** São Paulo: Edusp, 2004.

BARROS, M. E. Taxonomia Antroponímica nas Línguas de Sinais: A Motivação dos Sinais – Nomes. **Revista RE–UNIR**, v. 5, n. 2, 2018, p. 40–62. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/RE–UNIR/article/view/3092>. Acesso em: 2 abr. 2021.

BARROS, R. O. **Tradução de poesia escrita em Libras para a Língua Portuguesa.** (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

BARROS, T. P. **Experiência de Tradução Poética de Português/Libras: Três Poemas de Drummond.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Universidade de Brasília. Brasília, 2015.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: **Análise Estrutural da Narrativa.** Roland Barthes *et al.*/ tradução de Maria Zélia Barbosa Pinto, 5^a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BARTOLOMEI, N. P. R. **Produções performáticas em Libras: o uso do corpo e da máquina em produções literárias em Língua Brasileira de Sinais.** Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem) – Programa de Pós–Graduação em Estudos

de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2021.

BASTOS, P. **Região Metropolitana de Palmas reúne 15 municípios e 430 mil moradores.** SECOM, TO, 14 jan. 2014. Disponível em: <https://secom.to.gov.br/noticias/regiao-metropolitana-de-palmas-reune-15-municipios-e-430-mil-moradores-174518>. Acesso em: 20 mai. 2022.

BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language.** Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BAUER, A. How words meet signs: a corpus based study on variation of mouthing in Russian Sign Language. Bauer, In: BAUER, A.; BUNČIĆ, D. (eds.). **Linguistische Beiträge zur Slavistik.** Frankfurt am Main: Peter Lang, 2018.

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. **Introduction to Textlinguistics.** London: Longman, 1981.

BERENZ, N. **Person and Deixis in Brazilian Sign Language.** Ph.D. Dissertation. University of California, 1996.

BERENZ, N.; FERREIRA BRITO, L. Pronouns in BCSL and ASL. In: **Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research.** Lapperanta, Finlândia. 1987, p. 26–36.

BERGSON, H. **O Riso:** ensaio sobre a significação do cômico. Rio de Janeiro: Zahar. Tradução publicada em 1983, [Original, publicado em francês, 1900].

BERNARDINO, E. **A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito:** a lógica no absurdo. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso, Belo Horizonte, 1999.

BERTONE, C. **The syntax of noun modification in Italian Sign language (LIS).** Working Papers in Linguistics, v. 19, p. 7–29, 2009.

BICKFORD, J. A.; FRAYCHINEAUD, K. **Mouth morphemes in ASL:** a closer look. In: Sign language the past, present and future. **TISLR9**, forty-five papers and three posters from the 9th Theoretical Issues in Sign Language Research Conference Florianópolis, Brazil, December 2006, Ronice Müller de Quadros (Ed.). Pages

32–47. Theoretical Issues in Sign Language Research 9. Petrópolis, RJ: Araza Azul.

BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da Palavra. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**. São Paulo: USP, n. 2, 1998, p. 81–118.

BIDERMAN, M. T. C. Conceito linguístico de palavra. In: **Revista Palavra**. Petrópolis: Vozes, p.81–97, 1999.

BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia I**, eds. ISQUERDO, A. N.; OLIVEIRA, A. M. P. P., 13–22. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BIENVENU, M. (MJ). Reflections of Deaf Culture in Deaf Humor. In **The Deaf Way: Perspectives from the International Conference on Deaf Culture**. ERTING C. J.; JOHNSON, R. C.; SMITH, D. L.; SNIDER, B. D. (eds.). Washington, DC: Gallaudet University Press, 1994. p. 16–23.

BOLDO, J.; SUTTON–SPENCE, R. Libras Humor: Playing with the Internal Structure of Signs. **Sign Language Studies**. Volume 20, Number 3, Special Issue on Sign Language Poetry. 2020. pp. 411–433.

BOUCHARD, D. Sign Languages & Language Universals: The status of Order & Position in Grammar. In **Sign Language Studies**. 91. Listok Press, Summer, 1996, pp.101–160.

BRASIL. **Constituição 1988**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 16 dez. 2021.

BRASIL. **Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002, Língua Brasileira de Sinais – Libras [art. 18 da Lei n. 10.098, de 19 de dezembro de 2000]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em 23 nov. 2021.

BRASIL. **Lei 10.436, de 24 de abril de 2002**. Língua brasileira de sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em 23 nov. 2021.

BRONCKART, J. P. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um**

interacionismo sociodiscursivo. São Paulo: EDUC, 1999.

BROOM, D. M.; FRASER, A. F. **Comportamento e bem-estar de animais domésticos**. Vol. 4, Ed. Manole, 2010.

CÂMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CÂMARA JR, J. M. **Princípios de Linguística Geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.

CAMPELLO, A. R. S. Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/ interpretação cultural e seu desafio. **Caderno de Tradução da UFSC**, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2014v1n33p143>.

CAMPOS, K. A. **Literatura de cordel em Libras**: os desafios de tradução da literatura nordestina pelo tradutor surdo. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais brasileira**. São Paulo: Edusp, v. 1, 2001.

CARDOZO, E. Os animais como sujeitos de Direito. **Revista Brasileira de Direito Animal**. Salvador, v. 1, p. 119–121, 2006.

CARMEL, S. J. Deaf Folklore. In: BRUNVAND, J. H. **American Folklore: An Encyclopedia**. Garland Publishing, Inc. New York & London, 1996.

CARNEIRO, B. G. **O corpo na concepção de eventos na Língua de Sinais Brasileira**. Caxias do Sul: Antares, v. 7, n. 14, jul./dez., 2015.

CARNEIRO, B.G.; EL KHOURI, J.I.B.; LUDWIG, C.R. Articulação de orações em Libras: um breve panorama. **Revista Humanidade & Inovação**, v. 7, n. 26, 2020.

CARNEIRO, B. G.; OLIVEIRA, C. C. O evento e o estado dos participantes na Língua Brasileira de Sinais. *Via Litterae* – **Revista de Linguística e Teoria Literária**. Goiânia, v. 9, n. 1, p. 41–58, 2017.

CARVALHO, C. S. **Processos sintáticos de articulação de orações**: algumas abordagens funcionalistas. v. 8, n.1, Juiz de Fora: Veredas, jan./dez., 2004. p. 9–27.

CARVALHO, M. A. **Contribuições para o Atlas Toponímico do Mato Grosso – Mesorregião Sudoeste Matogrossense**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CASSIDY, S.; CRASBORN, O.; NIEMINEN, H.; STOOP W.; HULSBOSCH, M.; EVEN, S.; KOMEN, E.; JOHNSTON, T. **Signbank: Software to Support Web Based Dictionaries of Sign Language**. Proceedings of the Eleventh International Conference on Language Resources and Evaluation (*LREC 2018*), 2018. (pp.2359–2364).

CASTRO, N. P. **Prosódia em ASL e Libras: análise comparativa de aspectos visuais**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

CAVALCANTE, P. F. **Glossário Jurídico em Libras: Direito Constitucional**. Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão. Universidade Federal Fluminense, 2017.

CEARÁ EM MAPAS. **Região metropolitana de Fortaleza**. Disponível em: <http://www2.ipece.ce.gov.br/atlas/capitulo1/11/125x.htm>. Acesso em: 20 abr. 2022.

CESAR, A.L.; CAVALCANTI, M.C. Do singular para o multifacetado: o conceito de língua como caleidoscópio. In: CAVALCANTI, M.C.; BORTONI–RICARDO, S.M. **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 45–66.

CHAFE, W. Givenness, contrastiveness, definiteness, subject, topics and point of view In: LI, C. (Ed.). **Subject and topic**. Nova Iorque: Academic Press, 1984.

CHAFE, W. **Discourse, consciousness and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994 [2003].

CHAIBUE, K. **Universais linguísticos aplicáveis às Línguas de Sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo**. Dissertação. (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

CHEN PICHLER, D. *et al.* **Conventions for sign and speech transcription of child bimodal bilingual corpora in ELAN**. Language, Interaction and

Acquisition. Vol.1, 2010, p. 11–40, 2010.

CHOMSKY, N. **Aspects of Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CORREIOS SC. **Mapa da Região Metropolitana de Florianópolis**. 2022. Disponível em: <https://www.correiosc.com.br/wp-content/uploads/2020/12/mapa-dos-municipios-da-Grande-Florianopolis.png>. Acesso em: 31 maio 2022.

COSTA, M. R. **Proposta de modelo de enciclopédia visual bilíngue juvenil**: Enciclolibras. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

COSTA, D. A. F. **A apropriação da escrita por crianças e adolescentes surdos**: interação entre fatores contextuais, l1 e l2 na busca de um bilinguismo funcional. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

CRASBORN, O. Phonetics. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Org.). **Sign Language: An International Handbook**, Berlin: Mouton de Gruyter, 2012, p. 4–20.

CRASBORN, O. **Phonetic implementation of phonological categories in Sign Language of the Netherlands**. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Leiden, Leiden, 2001.

CRASBORN, O. *et al.* **Annotation conventions for the Corpus NGT**. Volume 23, February, 2015.

CRASBORN, O. *et al.* **Linking lexical and corpus data for sign languages**: Ngt signbank and the corpus ngt. In Workshop Proceedings: 7th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Corpus Mining/Proceedings of the Tenth International Conference on Language Resources and Evaluation (LREC 2016), ISBN 978–2–9517408–9–1. European Language Resources Association (ELRA).

CRASBORN, O.; HULSBOSCH, M.; SLOETJES, H. Linking Corpus NGT annotations to a lexical database using open-source tools ELAN and LEXUS. In: Crasborn, Efthimiou, Fontinea, Hanke, Kristoffersen & Mesch, eds. Proceedings of the 5th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Interactions between Corpus and Lexicon, 2012. (pp. 19–22).

CRASBORN, O.; HULST, H.; KOUIJ, E. **Sign Phon: a phonological database**

for sign languages. *Sign Language and Linguistics*, 4(1/2), 2001. (pp.215–228).

CRASBORN, O.; VAN DER KOOIJ, E.; MESCH, J. European cultural heritage online (ECHO): Publishing sign language data on the internet. In: CONFERENCE ON THEORETICAL ISSUES IN SIGN LANGUAGE RESEARCH, 8., Barcelona, 2004. Proceedings, Barcelona: ECHO, 2004. p. 535–562.

CRASBORN, O.; VAN DER KOOIJ, E.; WATERS, D.; WOLL, B.; MESCH, J. Frequency distribution and spreading behavior of different types of mouth actions in three sign languages. **Sign Language & Linguistics**, v. 11, n. 1, p. 4567, 2008.

CRISTOFARO, S. **Subordination**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2003.

CRUZ, C. R. **Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira língua (Libras) precoce ou tardio**. Tese (Doutorado em Letras) □ Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

CUXAC, C. Esquisse d'une typologie des langues des signes. In C. Cuxac (ed.), *autour de la Langue des Signes*, 35–60. **Journées d'Études** n. 10, UFR de Linguistique Générale et Appliquée, Université René Descartes. 1985.

CUXAC, C. **Fonctions et structures de l'iconicité des langues des signes**. Thèse de Doctorat d'État, Université Paris, 1996.

CUXAC, C. **La langue des signes française (LSF)**. Les voies de l'iconicité, *Faits de Langues* 15/16, Ophrys, Paris, 2000.

CUXAC, C. **Esquisse d'une typologie des Langues des Signes**. Journée d'études, n. 10, 4 juin, 1983. Université René Descartes, Paris, p. 35–60, 1985.

CUXAC, C. La langue des signes française. Les voies de l'iconicité. In: *Faits de Langues* 15/16, Paris: Éditions Ophrys, 2000. CUXAC, C. **Iconicité des Langues des Signes**. In: *Faits de langues, Motivation et iconicité*, n. 1, Mars 1993. p. 47–56.

CUXAC, C. Les langues des signes: analyseurs de la faculté de langage, In: **Acquisition et interaction en langue étrangère**, n. 15, 2001, dez. 2005. Disponível em: <http://aile.revues.org/536>. Acesso em: 11 fev. 2019.

DACHKOVSKY, S. Facial expression as intonation in Israeli Sign Language. The case of neutral and counterfactual conditionals. In: QUER, J. (Ed.). **Signs of the Time**. Selected Papers from TISLR 2004. Hamburg: Signum, 2008. p. 61–82.

DAL CORNO, G. O. M. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. [S.l.]: [s.n.], v. VIII, 2016. 13p.

DAVIDSON, C. N. **Humanities 2.0**: Promise, Perils, Predictions. PMLA. (2008), 123(3):707–17.

DAVIDSON, K. Scalar implicatures in a signed language. **Sign Language & Linguistics**, 17(1), 2014, p. 1–19.

DAVIDSON, K. ‘And’ or ‘or’: General use coordination in ASL. **Semantics & Pragmatics**, v. 6, Article 4, 2013, p. 1–44.

DEAL, A. R. Countability distinctions and semantic variation. **Natural Language Semantics**, v. 25, n. 2, p. 125–171, 2017.

DEBEVC, M.; STJEPANOVIC, Z.; HOLZINGER, A. Development and evaluation of an e-learning course for deaf and hard of hearing based on the advanced Adapted Pedagogical Index method. **Interactive Learning Environments**. Vol. 22 (1), 2014, p. 35–50.

DECAT, M. B. N. **Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu**: aposição rumo ao ‘desgarramento’. Scripta, v. 5, n. 9, p. 204–118, 2001.

DIJK, Teun A. **Cognição, discurso e interação**. [organização e apresentação de Ingedore V. Koch]. 7ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

DONNELLY, C. **Linguistics for writers**. Buffalo: SUNY Press, 1994.

DOUETTES, B. **A tradução na criação de sinais—termo religiosos em Libras e uma proposta para organização de glossário terminológico semibílingue**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

DUDIS, P. G. **Body partitioning and real–space blends.** *Cognitive Linguistics*, 15(2), 2004, p. 223–238.

DUDIS, P. G. **Annotation of Types of Depiction in ASL.** Manuscript, Gallaudet University, 2007. Disponível em: https://www.sign–lang.uni–hamburg.de/lrec2008/pdf/lrec2008_dudis.pdf. Acesso em setembro de 2021.

DURR, P. Deaf Cinema. **Deaf Studies Encyclopedia.** Sage Publications. v.2. 2016. p.157–158.

EFTHIMIOU, E.; FOTINEA, S–E. **Creation and annotation of a Greek Sign Language corpus for HCI.** Universal access in human computer interaction: coping with Diversity. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON UNIVERSAL ACCESS IN HUMAN–COMPUTER INTERACTIONS, 4., Beijing, 2007. Proceedings. Beijing: ILSP, 2007. p. 01–10.

EMMOREY, K. Repetition Priming with Aspect and Agreement Morphology in American Sign Language. **Journal of Psycholinguistic Sign Language.** v.20. n.5. 1991. p. 365–388.

EMMORY, K. **Language cognition, and the brain:** Insights from sign language research. Mahwah, NJ: Psychology Press, 2001.

EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H. B.; THOMPSON, R. **Bimodal bilingualism:** code [1] blending between spoken English and American Sign Language. ISB4: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON BILINGUALISM, 4., 2005, Somerville. **Anais [...].** Somerville, MA: Cascadilla Press, 2005. p. 663673.

ENGBERG–PEDERSEN, E. **Space in Danish Sign Language.** Signum. Hamburg, 1993.

FAJARDO, I.; PARRA, E.; CAÑAS, J. J. Do sign language videos improve web navigation for deaf signer users? *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 15(3), 2010, p. 242–2.

FARIA, C. V. S. **Aspectos da morfologia da Língua Brasileira de Sinais.** Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

FARIA–NASCIMENTO, S. P. **Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira:** uma proposta lexicográfica. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística. Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

FARIA–NASCIMENTO, S. P. A organização dos morfemas livres e presos em LSB: reflexões preliminares. In: QUADROS, Ronice Müller; STUMPF, Marianne Rossi; LEITE, Tarcísio de Arantes (Orgs.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais I**. Série Estudos de Língua de Sinais. Volume I. Florianópolis: Insular, 2013. ISBN: 978–85–7474–709–5. (pp.79–116).

FAULSTICH, E. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. Perspectiva, Florianópolis, vol. 24, n. especial, p. 197–201, jul. / dez., 2006.

FAULSTICH, E. **Nota lexical Sinal–Termo**. Brasília, DF. 2014.

FAULSTICH, E. Procedimentos básicos para glossário sistêmico de léxico terminológico: uma proposta para pesquisadores de língua de sinais. In: ISQUERDO, A. N.; GIUSTOLISI, B.; MEREGHETTI, E.; CECCHETTO, C. Phonological blending or code mixing? why mouthing is not a core component of sign language grammar. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 35, p. 347365, nov. 2016.

FAVORITO, W. **O difícil são as palavras**: representações de/sobre estabelecidos e outsiders na escolarização de jovens e adultos surdos. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FELIPE, T. Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. **Anais do Congresso Nacional do INES de 2002**. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>. Acesso em: nov. 2021.

FELIPE, T. **A relação sintático–semântica dos verbos e seus argumentos na Libras**. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, T. A. **Os processos de formação de palavras na Libras**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200–217, jun. 2006. Disponível em: http://www.Librasemcontexto.org/producao/Revista_ETD–2006–122.pdf. Acesso em: 20 jun. 2014.

FENEIS. **Quantitativo de surdos no Brasil**. 2011. Disponível em: <http://www>.

feneis.com.br/page/quantitativo.asp. Acesso em: 28 mar. 2012.

FERNANDES, E. **Problemas Linguísticos e Cognitivos do Surdo**. Rio de Janeiro: AGIR, 1990.

FENLON, J.; CORMIER, K.; SCHEMBRI, A. **Building BSL SignBank**: The lemma dilemma revisited. *International Journal of Lexicography*, 28 (2). 169–206.

FERREIRA–BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. **Sign Language Studies**. 42: 45–46. Linstok Press, In: Silver Spring, USA. 1984.

FERREIRA–BRITO, L. Epistemic, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language. In: S.D. Fisher and P. Siple (eds.) **Theoretical Issues in Sign Language Research**. Vol. 1. University of Chicago Press. 1990.

FERREIRA–BRITO, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA–BRITO, L. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA, D. B. S. **Estudo toponímico do centro comercial de Feira de Santana–BA**: línguas orais e Libras. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FERREIRA, F. A. R. **A morfologia em Libras**. XVIII Congresso Nacional de Linguística e Filologia e Política Linguística e de Ensino. Rio de Janeiro: CIFEFIL, 2014.

FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras**. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2004.

FISCHER, S. The Head Parameter in ASL. **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Lappeenranta, Finland July 15 – 19, 1987. W.H. Edmondson & F. Karlsson (eds). Volume 10. SIGNUM – Verlag. Hamburg. 1990. p.75–85.

FISCHER, S. Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child. Paper presented at **the Winter Meeting of the Linguistic Society of America**. [s.l., s.n.], 1973.

FLOR, C. S. **Recomendações para a criação de pistas proximais de navegação em websites voltadas para surdos pré-linguísticos.** Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

FORMIGOSA, E. **Étude de la variation linguistique de la ls au Brésil dans l'enseignement de la Libras,** Paris 8. 2015.

FRANCISQUINI, I. A. **O nome e o lugar:** um a proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR: UEL, 1998.

FROMKIN, V.; RODMAN, R. **An Introduction to Language.** Forth Worth: 5^a ed., Harcourt Brace Jovanovich College, 1993.

FUSELLIER–SOUZA, I. **Sémiogenèse des langues des signes. Etude de Langues de Signes Emergentes (LSE)** pratiquées par des sourds brésiliens. Linguistique. Université Paris 8 – École Doctorale Cognition, Langage, Interaction” (ED 224), 2004.

FUSELLIER–SOUZA, I. **Emergence and Development of Signed Language:** From a Semiogenetic Point of View. *Sign Language Studies*, v. 7, n. 1, p. 30–56, 2006. Gallaudet University Press.

GABARDO, L.; XAVIER, A. N. **Estudo preliminar da troca de dominância em Libras.** *Rev. Dia*, v. 7, n. 2, 2019. p. 70–87. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/7744>. Acesso em 19 nov. 2020.

GARCIA, R.; SOUSA, A. M.; SANTOS, T. C. Contexto de aprendizagem da Libras e do Português como L2: indicadores educacionais de alunos surdos de Rio Branco, AC. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas 4:** educação de surdos, Libras e inclusão. Rio Branco: EDUFAC, 2020, p. 13–28.

GESSER, A. **Um olho no professor surdo e outro na caneta: ouvintes aprendendo a língua brasileira de sinais.** Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2006.

GESUELI, Z. M. **A criança surda e o conhecimento construído na inter-**

locução em Língua de Sinais. Tese (Doutorado), Unicamp. 1998.

GODOY, G. **Os Ka'apor: seus gestos e sinais.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) –

Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GÖKGÖZ, K. (2013). **The Nature of Object Marking in American Sign Language.** Dissertation (Doctoral), Purdue University, West Lafayette.

GOLDIN–MEADOV, S. **Hearing Gesture: How Our Hands Us Think.** England: Harvard University Press, 2003.

GOVERNO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Galeria de fotos.** 2022. Disponível em: <https://www.sc.gov.br/noticias/fotos/setoriais/mapa-regiao-metropolitana-46844>> Acesso em: 6 de jun. de 2022.

GRIPP, H. **A história da Libras:** um estudo descritivo de mudanças fonológicas e lexicais. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

GRITZENKO; A. M.; XAVIER, A. N. Expressões não manuais lexicais em Libras. In: Semana de Letras Universidade Federal do Paraná, 22^a ed., 2019, Curitiba, PR. **Anais.** Curitiba: 2019. p. 19–33.

GROCE, N. E. Everyone here spoke sign language. Harvard University Press, 1985. GTDL. **Relatório do Grupo de Trabalho da Diversidade Linguística no Brasil/GTDL.** Câmara dos Deputados, Brasília/DF, 2007.

HAAPANEN, U.–M.; WAINIO, T. **Suomalaisen viittomakielen verbaalilyyppien alaluokittelua sekä huomioita glossauksesta.** In: JANTUNEN, T. (Ed.) Näkökulmia viittomaan ja viittomistoon [Perspectives on sign and lexicon]. Jyväskylä: University of Jyväskylä, 2010. p. 79–97.

HAIMAN, J. Conditionals are topics. **Language**, n. 54, p. 564–89, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **On Grammar.** Continuum. London. New York. 2002.

HALLIDAY, M.; HASAN, R. **Cohesion in English.** London: Longman, 1976.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. Hodder Arnold. 2004.

HANKE, T. (ed.). **ViSiCAST Deliverable D5-1: interface definitions**. 2000. Disponível em: <http://www.visicast.co.uk/members/milestones/ViSiCASTD5-1.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2022.

HASPELMATH, M. Coordination. In Shopen, Timothy (ed.) *Language typology and syntactic description*, vol. II: Complex constructions. 2nd ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 1-51.

HAZEL, Paul. **Narrative: An Introduction**. 2007. Disponível em: http://www.paulhazel.com/blog/Introduction_To_Narrative.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.

HERRMANN, A. **The Interaction of Eye Blinks and Other Prosodic Cues in German Sign Language**. In: *Sign Language & Linguistics* 13(1), 2010, p. 3-39.

HERRMANN, A.; STEINBACH, M. (Ed. s.). **Nonmanuals in Sign Language**. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

HESSEL, C. S. **Literatura Surda: análise da circulação de piadas clássicas em Línguas de Sinais**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

HOCHGESANG, J. A. **SiL examples**. Disponível em: <https://juliehochgesang.wixsite.com/sillx/phonology>. Acesso em 24 mai. 2019.

HOFFMEISTER, R. *et al.* **Evaluating American Sign Language in Deaf Children: ASL Influences on Reading with a Focus on Classifiers, Plurals, Verbs of Motion and Location**. Paper presented at the Annual Conference of Educators of the Deaf, Hartford, CT, 1997.

HOHENBERGER, A.; HAPP, D. The linguistic primacy of signs and mouth gestures over mouthing: evidence from language production in German Sign Language. In: BOYES BRAEM, P.; SUTTON-SPENCE, R. (eds.). *The hands are the head of the mouth: The mouth as articulator in sign languages*. Hamburg: Signum, 2001. p. 153-190.

HORNSTEIN, N.; ROSEN, S.; URIAGEREKA, J. Integrals. In URIAGEREKA, J. Derivations. Routledge. London/New York, 2002.

HOSEMANN, J.; STEINBACH, M. (eds.) **The ATLAS of sign language structures**. 1st. edition. (SIGN-HUB) (Disponível em: <http://sign-hub.eu/atlas> – 2021.

HOSEMANN, J.; STEINBACH, M. (eds.) **The ATLAS of sign language structures**. 2 nd. edition. (SIGN-HUB). 2022 (no prelo). Disponível em: <http://sign-hub.eu/atlas>.

IBGE. **Rio Branco**. Cidades e Estados. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ac/rio-branco/panorama>. Acesso em: 24 abr. 2022

INEP. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32044-censo-da-educacao-superior#:~:text=Representantes%20de%202.625%20institui%C3%A7%C3%B5es%20de,partir%20de%2015%20de%20fevereiro>. Acesso em jul. 2020.

IPHAN. **Ministério da Cultura**. Guia de Pesquisa e Documentação para o INDL, v. 1, Brasília, DF: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/INDL_Guia_vol1.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2022.

JESUS, C. M. A. **Estudo toponímico dos bairros de Feira de Santana–BA: línguas orais e Libras**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

JOHNSON, R. E.; LIDDELL, S. K. **Toward a phonetic representation of hand configuration: The thumb**. Sign Language Studies, v. 12, n. 2, p. 316–333, 2012.

JOHNSON, R. E.; LIDDELL, S. K. **Toward a phonetic representation of hand configuration: The fingers**. Sign Language Studies, v. 12, n. 1, p. 5–45, 2011.

JOHNSTON, T. **Nouns and verbs in Australian Sign Language: an open and shut case?** Journal of Deaf Studies and Deaf Education, v. 6, n. 4, p. 235–257, 2001. Disponível em: <http://jdsde.oxfordjournals.org/content/6/4/235.full.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2016.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. **Australian Sign Language: an introduction to**

sign language linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JOHNSTON, T. **Corpus linguistics and signed languages**: no lemmata, no corpus. In CRASBORN, O.; EHIMIOU, E.; HANKE, T.; THOUTENHOOFD, E.; D.; ZWITSERLOOD, I. (Eds.), 5th Workshop on the Representation and Processing of Signed Languages: Construction and Exploitation of Sign Language Corpora, Paris: ELRA, 2008. 82–87.

KAKUMASU, J. Urubu sign language. **International journal of American linguistics**, v. 34, n. 4, p. 75–81, 1968.

KARNOPP, L. B. **Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS**: Estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1994.

KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica na Língua Brasileira de Sinais**: Estudo longitudinal de uma criança surda. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 1999.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos– análise de literatura surda. **Cadernos de Educação**, Ano 19, n. 36, Educação de Surdos, 2010, p. 155–174. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>.

KARNOPP, L. B.; HESSEL–SILVEIRA, C. Humor na literatura surda. **Educar em Revista**. no.spe–2, 2014 p. 93–109. DOI: Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.37013>.

KARNOPP, L. B. **Literatura Surda**. Universidade Federal de Santa Catarina: Licenciatura em Letras–Libras na Modalidade a Distância, 2008.

KAYNE, R. **Toward a modular theory of auxiliary selection**. *Studia Linguistica*, 47. 1993.

KIMMELMAN, V. Impersonal reference in Russian Sign Language. **Sign Language & Linguistics**, 21(2), 2018, p. 204–231.

KIMMELMAN, V. (to appear) Acceptability judgments in sign linguistics. In **Cambridge Handbook of Experimental Syntax**.

KINTSCH, W.; VAN DIJK, T. **Toward a Model of Text Comprehension and Production.** *Psychological Review*, v. 85, n. 5, p. 363–394, set. 1978.

KLAMT, M. M. **Sonoridade visual na sinalização artística em Língua Brasileira de Sinais.** Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/190161?show=full>.

KLAMT, M. M.; MACHADO, F. A.; QUADROS, R. M. Simetria e ritmo na poesia em língua de sinais. In Ronice Müller de Quadros & Markus Weininger (Org.). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais**, vol. III, p. 211–226. 2014.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. Poetry and song in a language without sound. **Cognition, Lausanne**, v. 4, p. 45–97, 1976.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The Signs of Language.** Cambridge, M.A.: Harvard University Press, 1979.

KOCH, I. G. V. **A coesão textual.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.

KÖNIG, S.; KONRAD, R.; LANGER, G. **What's in a sign? Theoretical lessons from practical sign language typography.** Paper presented at the TISLR9, Florianópolis – Brazil, 2008.

KONRAD, R.; LANGER, G. **Synergies between transcription and lexical database building:** The case of German Sign Language (DGS). In MAHLBERG, M.; GONZÁLEZ-DÍAZ, V.; SMITH, C. (Eds.), *Proceedings of the Corpus Linguistics Conference (CL2009)*. Liverpool: University of Liverpool, July 2009. [on-line proceedings].

KOPF, M., SCHULDER, M., & HANKE, T. **The Sign Language Dataset Compendium: Creating an Overview of Digital Linguistic Resources.** *Proceedings of the LREC2022 10th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages: Multilingual Sign Language Resources, 2022*, pp. 102–109.

KOULIDOBROVA, E. Counting nouns in ASL. Counting nouns in ASL. Manuscript, Central Connecticut State University, 2018. Disponível em: <http://ling.auf.net/lingbuzz/003871>. Acesso em: 10 jan. 2018.

KRENTZ, C. “The camera as printing press; How film has influenced ASL literature’

in H–Dirksen Bauman, Jennifer Nelson & Heidi Rose (eds.) *Signing the Body Poetic*. California: University of California Press. 2006.

KRIEGER, M. G. **Tipologias de dicionários**: registros de léxico, princípios e tecnologias. *Calidoscópio*, v. 4, n. 3, p. 141–147, set. / dez., 2006.

KRUSSER, R. **Design Editorial na tradução de Português para Libras**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017.

KRUSSER, R.; SAITO, D. S.; QUADROS, R. M. (2021). **Portal de Libras**. In: *Fórum Linguístico*. UFSC. 17:5561–74.

KUBUŞ, O. **An analysis of Turkish Sign Language (TİD) phonology and morphology**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Departamento de Ciências Cognitivas, Middle East Technical University, Turquia, 2008.

KUMADA, K.M.O. **“No começo ele não tem língua nenhuma, ele não fala, ele não tem LIBRAS, né?”**: representações sobre Línguas de Sinais caseiras. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2012.

KUSTERS, A. Being a deaf white anthropologist in Adamorobe: Some ethical and methodological issues. **Sign languages in village communities: Anthropological and linguistic insights**, v. 27, p. 52, 2012.

KUSTERS, A.; MEULDER, M.; FRIEDNER, M.; EMERY, S. On “diversity” and “inclusion”: Exploring paradigms for achieving Sign Language Peoples’ rights. *MMG Working Paper* 15–02. Max Planck Institute for the Study of Religious and Ethnic Diversity. Göttingen. 2015.

LABORIT, E. **O voo da gaivota**. Ed. Best Seller. 1994.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative Analysis: Oral Version of Personal Experience, in: **Journal of Narrative and Life History**, 7 (1–4), (New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates), 1967, p.3–38.

LACKNER, A. **Linguistic functions of head and body movements in Austrian Sign Language (ÖGS)**: a corpus–based analysis. Tese de doutorado. Universidade de Graz, 2013.

LAGE, A. L. S.; KELMAN, C. A. **“Surdos–mudos do mundo inteiro, uni–**

vos!": uma carta de Berthier sobre os banquetes em homenagem ao Abade de l'Épée. Ferdinand Berthier (1803–1886): erudito, professor, ativista surdo e suas contribuições para o nosso presente/ Regina Maria de Souza, José Raimundo Rodrigues (Orgs.). Curitiba: CRV, 2021.

LAVRAS, E. **A questão da categorização morfológica para nome e verbo na Libras**. Dissertação. (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019.

LEECH, G. **A Linguistic Guide to English Poetry**. London: Longman, 1969.

LEESON, L.; SAEED, J.; BYRNE–DUNNE, D. Moving heads and moving hands: Developing a digital corpus of Irish Sign Language. The 'Signs of Ireland' corpus development project. 2006. Disponível em: <http://webird.tcd.ie/bitstream/2262/1597/1/ITT+paper+vfinal.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: **Clause combining in grammar and discourse**. Editors: Haiman, John and Thompson, Sandra A. John Benjamins. 1988. pp.181–225.

LEITE, M. Q. Purismo no discurso oral culto. In: PRETI, Dino (Org.) *et al.* **O discurso oral culto**. 2^a ed. São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

LEITE, T. **A segmentação da língua de sinais brasileira (Libras)**: um estudo linguístico descritivo a partir da conversação espontânea entre surdos. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LEITE, T. A.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais do Brasil: reflexões sobre o seu estatuto de risco e a importância da documentação. In: **Estudos da Língua de Sinais II**. Vol. 2. Florianópolis: Editora Insular, 2014. p. 15 – 27.

LIBRAS. **Portal de Libras**. Disponível em: <https://Libras.ufsc.br/>. Acesso em: 25 mai. 2022.

LIDDELL, S. **American Sign Language Syntax**. Mouton Publisher. The Hague. 1980.

LIDDELL, S. THINK and BELIEVE: Sequentiality in ASL. **Language**. 60:372–99. 1984.

LIDDELL, S. K. **Head Thrust in ASL Conditional Marking**. In: Sign Language

Studies, v. 52, p. 244–262, 1986.

LIDDELL, S. K. Four Functions of a Locus: Reexamining the Structure of Space in ASL. In **Sign Language Research – Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington. 1990. p. 176–200.

LIDDELL, S. K. Indicating verbs and pronouns: Pointing away from agreement. In *The signs of language revisited: An anthology to honor Ursulla Bellugi and Edward Klima*, ed. K. 86 Emmorey and H. Lane, 303–320. Mahway, N. J.: Erlbaum, 2000.

LIDDELL, S. K. **Grammar, gesture and meaning in american sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. American Sign Language: The Phonological Base. In: VALLI, C.; C. LUCAS (Org.). **Linguistics of American Sign Language: an introduction**. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press. 1989–2000. p. 267–306.

LIDDELL, S. K. **THINK and BELIEVE: sequentiality in American Sign Language**. *Language*, v. 60, n. 2, p. 372–399, 1984.

LILLO–MARTIN, D. C. **Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

LILLO–MARTIN, D. C. Studies of American Sign Language Syntax and the Principles and Parameters of Universal Grammar. In **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Lappeenranta, Finland July 15 – 19, 1987. v.10. SIGNUM – Verlag. Hamburg. 1990. p.86–93

LILLO–MARTIN, D. One syntax or two? Sign Language and Syntactic Theory. In *Glott International*. 2001. 297–310

LILLO–MARTIN, D. C. **Universal Grammar and American Sign Language**. Kluwer Academic Publishers. Dordrecht. Boston. London. 1991.

LILLO–MARTIN, D. C. Where are all the modality effects? In **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language**. Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.) Cambridge: Cambridge University Press. 2002.
LILLO MARTIN, D. C; QUADROS, R. M. de. **Two in One: Evidence for Impera-**

tives as the Analogue to RIs from ASL and LSB. In: Boston University Conference on Language Development, 2009, Boston. Proceedings of the 33rd Annual Boston University Conference on Language Development. Somerville : Cascadilla Press, 2009. v. 1. p. 302–312.

LILLO MARTIN, D. C.; QUADROS, R. M. de. Acquisition of syntax–discourse interface: The expression of point of view. *Lingua* (Haarlem. Print), v. 121, 2011, p. 567–688.

LILLO MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de.; KOULIDOBROVA, H.; PICHLER, D. C. Bimodal Bilingual Cross–Language Influence in Unexpected Domains. In: GALA – Generative Approaches in Language Acquisition, 2010, Lisboa. Language Acquisition and Development: Proceedings of GALA 2009. London: Cambridge Scholars Publishing, 2009, v. 1. p. 264–275.

LIMA, A. **Relações hipotáticas adverbiais na interação verbal**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

LIMA, A. P. O processo de elaboração e domínio de gêneros de discurso via atividade reguladora. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caixas do Sul, RS. **Anais [...]**. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caixas do Sul, 2009. Disponível em: http://www.ucs.br/ucs/tplSiget/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/textos_autor/arquivos/o_processo_de_elaboracao_e_dominio_de_generos_do_discurso.pdf.> Acesso em: 20 jan. 2019.

LIMA, A. P. Procedimentos teórico–metodológicos de estudo de gêneros do discurso: atividade e oralidade em foco. In: BRAIT, Beth; MAGALHÃES, Anderson. Salvaterra (Orgs.). **Dialogismo: teoria e(m) prática**. São Paulo: Terracota Editora, 2014.

LIMA, H. J. **Categorias lexicais na língua brasileira de sinais: nomes e verbos**. 2012.

Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

LIMA, L. R. **Relações de causalidade em orações complexas na Língua Brasileira de Sinais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

LOURENÇO, G. **A assimetria entre verbos de concordância e verbos sim-**

ples em Língua Brasileira de Sinais – The asymmetry between agreement verbs and plain verbs in Brazilian Sign Language Introdução Brasileira de Sinais (Libras), realizados nas décadas de 1980 e 1990, 2014.

LOURENÇO, G. **Assimetria entre verbos de concordância e verbos simples em Língua Brasileira de Sinais**. *Entre palavras*, v. 7, n. 2, p. 15–35, 2017.

LOURENÇO, G. Redefinindo o conceito de concordância verbal em Língua Brasileira de Sinais. *In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). Estudos da Língua Brasileira de Sinais – Vol. V*. Florianópolis: Insular, 2020. p. 115–136.

LOURENÇO, G. **Verb agreement in Brazilian Sign Language**: Morphophonology, Syntax & Semantics. Universidade Federal de Minas Gerais, 2018.

VALLI, C.; LUCAS, C. **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. 3. ed. Washington, DC: Clerc Books/Gallaudet University Press, 2002.

LUCHI, M. **Interpretação de descrições imagéticas**: onde está o léxico? Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

LUDWIG, C. *et al.* Inventário da Língua Brasileira de Sinais da Região de Palmas – Tocantins: metodologia de coleta e transcrição de Dados. **Revista Porto das Letras**, v. 5, n. 1, 2019, pp. 59–74. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/download/6489/14835/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

LYONS, J. **Introduction to theoretical linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.

MACCLEARY, L.; VIOTTI, E. Sign–Gesture Symbiosis in Brazilian Sign Language Narrative. p. 181–201 *Ins: Meaning, Form, and Body.*, edited by Fey Parrill, Vera Tobin, and Mark Turner. Chicago, IL: CSLI Publications, University of Chicago Press. 2010.

MACCLEARY, L.; VIOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Revista de Estudos Linguísticos Veredas** 15 (1) 2011, p. 289–304. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-212.pdf>.

MACCLEARY, L.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. **Descrição das línguas sinaliza-**

das: a questão da transcrição dos dados. ALFA Revista de Linguística. v. 54.n.1. 2010.

MACHADO, F. A. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MACHADO, F. A. **Antologia da Poética em Língua de Sinais Brasileira**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. **Resenha**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MACLAUGHLIN, D. **The Structure of Determiner Phrases: Evidence from American Sign Language**. Dissertation (Doctoral) – Boston University, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Linguística de texto: que é e como se faz?** Recife: UFPE, 1983.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola, 2010.

MARQUEZI, L. **Literatura Surda: o processo da tradução e transcrição em SignWriting**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MARSCHARK, M.; SPENCER, P. Evidence of best practice models and outcomes in the education of deaf and hard-of-hearing children: an international review. A report commissioned by the NCSE. 2009.

MARTINET, A. **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: Clássica Editora, 2014.

MARTINEAU, W. H. A model of the social functions of humor. In: GOLDSTEIN, J.; MCGHEE, P. (Org.). **The psychology of humor: Theoretical perspectives and empirical issues**. New York, NY: Academic Press, 1972. P. 101–125.

MARTINOD, E. **Les LS pratiquées par des sourds isolés de Marajó**. Dissertação (Mestrado) – Université Vincennes Saint Denis– Paris 8, 2013.

MARTINS, F. C. **Terminologia da Libras**: coleta e registro de sinais termo da área de psicologia. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

MARTINS, M.; FERREIRA, J. P.; MINEIRO, A. **Os dicionários e os avatares gestuais**: o que são, como se fazem e para que servem. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa Editora, 2012.

MARTINS, V. **Tradutor e intérprete de língua de sinais educacional**: desafios da formação. *Belas Infêis*, v. 5, n. 1, p. 147–163. 2016.

MARTINS, V. **Educação de surdos no paradoxo da inclusão com intérprete de língua de sinais**: Relações de poder e (re)criações do sujeito. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.

MARTINS, V. **Posição–mestre**: desdobramentos foucaultianos sobre a relação de ensino do intérprete de língua de sinais educacional. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2013.

MARTINS, V.; NASCIMENTO, V. Da formação comunitária à formação universitária (e vice e versa): novo perfil dos tradutores e intérpretes de língua de sinais no contexto brasileiro. *In*: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Orgs). **Cadernos de Tradução**. Vol. 35, n. 2. DLLE, UFSC: Florianópolis, 2015.

MATSUOKA, K. Verb Raising in American Sign Language. *In* **Língua**. 103:127–149. 1997.

MAYBERRY, R. I.; DEL GIUDICE, A. A.; LIEBERMAN, A. M. **Reading achievement in relation to phonological coding and awareness in deaf readers**: a meta-analysis. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, 16 (2), 2011, p. 164–88. Disponível em: <http://doi.org/10.1093/deafed/enq049>.

MAYBERRY, R. I. (2010). Early language acquisition and adult language ability:

What sign language reveals about the critical period for language. In M. Marschark & P. Spencer (Eds.), *Oxford handbook of Deaf Studies, language, and education*. Vol. 2. New York, NY: Oxford University Press.

MCCLEARY, L.; VOTTI, E. Língua e gesto em línguas sinalizadas. **Veredas** [online], *Atemática*, 1, p. 289–304, Juiz de Fora, 2011.

MECKLER, D. C. **On difficulty in the arts**. 2007. Disponível em: <http://accounts.smccd.edu/mecklerd/mus202/4difficulties.htm>.

MEIER, R. P. Why different, why the same? Explaining effects and non-effects of modality upon linguistic structure in sign and speech. In **Modality and structure**. eds. R. P. Meier, *et al.*, 1–25. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MEIER, R. **A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language**. University of California, San Diego and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980.

MEIER, R. P. Language and modality. In **Sign language. An international handbook**. eds. R. Pfau, M. Steinbach, and B. Woll, 574–601. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

MEIR, I.; ARONOFF, M.; SANDLER, W.; PADDEN, C. Sign language and compounding. In: SCALISE, S. & VOGEL, I. (Eds.). **Compounding**. John Benjamins, 2010. pp. 301–322.

MENEZES, K. C. S. O. **Antroponímia em Libras**: análise dos sinais-nome atribuídos a ouvintes do curso de Letras Libras, da Universidade Federal do Acre. Rio Branco: UFAC, 2021.

MIRANDA, R. G. **Toponímia em Libras**: descrição e análise dos sinais dos municípios de Tocantins. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Tocantins. Porto Nacional: UFT, 2020.

MOHR, S. The visualgestural modality and beyond: mouthings as a language contact phenomenon in Irish Sign Language. **Sign Language & Linguistics**. Vol. 2, p. 185–211, 2012.

MOHR, S. Mouth actions in Irish Sign Language – their system and functions. Berlin: De Gruyter. Nadolske, Marie & Rosenstock, Rachel. 2007. Occurrence of mouthings in American Sign Language: A preliminary study. In: PFAU, R.; PERNISS, P.; STEINBACH, M. (eds.). **Visible variation**: comparative studies on sign language structure. Berlin: De Gruyter, 2014. p. 3561.

MOODY, W. J. F. B. In J.V. VAN, C. (Ed.) **Gallaudet encyclopedia of deaf people and deafness**. New York: McGraw–Hill, 1987.

MORAES, L. et al. Interface Design and Accessibility. In: **International Technology, Education and Development Conference**, 2017. Valencia, 2017, p. 7439–7444.

MORAES, L. **Um modelo para avaliação do design de Recursos Educacionais Digitais Bilíngues (Libras/Português)**. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-graduação em Design, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

MORGADO, M. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, L.; KLEIN, M.; LUNARDI–LAZZARIN, M. (Org.). **Cultura Surda na contemporaneidade**. Canoas, RS: Editora ULBRA, 2011, p. 151–172.

MORGAN, G. **The encoding of simultaneity in children’s BSL narratives**. Journal of Sign Language and Linguistics, London, 2002.

MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em língua de sinais. Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

MOURÃO, C. H. N.; KARNOPP, L. B. The Experiences of Literary Hands. Sign Language Studies. Volume 20, Number 3, Special Issue on Sign Language Poetry. 2020. pp. 375–391. DOI: 10.1353/sls.2020.0007.

MÜLLER, J. I.; KARNOPP, L. B. **Tradução cultural em educação**: experiências da diferença em escritas de surdos. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 41, n. 4, p. 1041–1054. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1517-97022015031750>. 2015.

NASCIMENTO, G. R. P. **Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife. 2008.

NASCIMENTO, S.; CORREIA, M. **Um olhar sobre a morfologia dos gestos**. Lisboa: UCP – PRO_LGP, 2011.

NASCIMENTO, M. V. B. **Formação de intérpretes de Libras e Língua Portuguesa**: encontros de sujeitos, discursos e saberes. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

NASCIMENTO, V. **Janelas de Libras e gêneros do discurso**: apontamentos para a formação e atuação de tradutores de língua de sinais. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 56, n. 2, p. 461–492, mai./ago. 2017.

NEIDLE, C.; KEGL, J.; MACLAUGHLIN, D.; BAHAN, B.; LEE R. G. **The syntax of American Sign Language**: Functional categories and hierarchical structure. Cambridge MA: MIT Press, 2000.

NEVES, B. C. **Narrativas de crianças bilíngues bimodais**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

NEVES, M. H. M. O tratamento da articulação de orações. *In*: PEZATTI, E. G. **Descrição do português**: definindo rumos de pesquisa. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2001, p. 55–66.

NEVES, M. H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

NISHIO, R. et al. Elicitation Methods in the DGS (German Sign Language) Corpus Project. *In*: DREUW, P.; EFTHIMIOU, E.; HANKE, T.; JOHNSTON, T.; MARTÍNEZ RUIZ, G.; SCHEMBRI, A. (ed.) *Corpora and Sign Language Technologies*. 4th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages. Paris: ELRA, 2010. p. 178–185.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras Português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.

NONAKA, A. M. The forgotten endangered languages: lessons on the importance of remembering from Thailand's Ban Khor Sign Language. *In*: **Language in Society**, p. 737–768, 2004.

NONAKA, A. M. **Emergence of an Indigenous Sign Language and a Speech/Sign Community in Ban Khor, Thailand.** (Unpublished Ph.D. dissertation) – Department of Anthropology, University of California, Los Angeles, 2007.

NONAKA, A. M. Estimating size, scope, and membership of the speech/sign communities of undocumented indigenous/village sign languages: the Ban Khor case study. **Lang. Commun.** n. 29, 2009, p. 210–229.

NONAKA, A. M. Interrogatives in Ban Khor Sign Language: a preliminary description. In: MATHUR, G., Napoli, D.J. (Orgs.). **Deaf Around the World: The Impact of Language.** Oxford/New York: Oxford University Press, 2010. p. 194–219.

NONAKA, A. M. Language socialization and language endangerment. In: Duranti, A., Ochs, E., Schieffelin, B.B. (Orgs.). **The Handbook of Language Socialization.** Oxford: Wiley–Blackwell, 2011. p. 610–630.

NONAKA, A. M. Language ecological change in Ban Khor, Thailand: an ethnographic case study of village sign language endangerment. In: ZESHAN, U.; DE VOS, C. (Orgs.). **Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights.** Amsterdã: De Gruyter Mouton: Ishara Press, 2012a. p. 277–312.

NONAKA, A. M. **Sociolinguistic sketch of Ban Khor and Ban Khor Sign Language.** In: Zeshan, U., de Vos, C. (Eds.), *Sign Languages in Village Communities: Anthropological and Linguistic Insights.* Amsterdã: De Gruyter Mouton and Ishara Press, 2012b. p. 373–376.

NUNES, J. M.; QUADROS, R. M. de. Phonetic realization of multiple copies in Brazilian Sign Language. In: *Theoretical Issues of Sign Language Research 8, 2008,* Barcelona. Signs of the time. Selected papers from TISLR 2004. Hamburg/Germany: Signum Press, 2008. v. 1. p. 179–192.

NYST, V. **A Descriptive Analysis of Adamorobe Sign Language (Ghana).** LOT, Utrecht, The Netherlands, 2007.

NYST, V. A. S. Shared sign languages. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: An International Handbook.** Berlin/Boston: De Gruyter Mouton, 2012. p. 552–574.

OLIVEIRA, C.; BOLDO, J. **A cigarra surda e as formigas.** Porto Alegre: Corag, s.d.

OLIVEIRA, G. M. (Org.). **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. Campinas. Mercado das Letras/ALB, 2003.

OLIVEIRA, J. S.; MIRANDA, R. D.; STUMPF, M. R. Glossário Letras Libras A trajetória dos sinalários no curso: como os sinais passam a existir? In: Ronice Müller de Quadros. (Org.). **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. 1 ed. Florianópolis: UFSC, 2014, v. 1, p. 169–190.

OLIVEIRA, J. S. **Análise descritiva da estrutura querológica de unidades terminológicas do glossário Letras–Libras**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015.

OLIVEIRA, J. L. **Texto acadêmico: técnicas de redação e de pesquisa científica**. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA–VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. **Revista Delta**, São Paulo, n. 33, p. 219–313, 2017.

ORFANIDOU, E., WOLL, B., & MORGAN, G. (Eds.). **Research methods in sign language studies: a practical guide**. Hoboken: Wiley–Blackwell. 2015.

PADDEN, C. **Interaction of Morphology and Syntax in ASL**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. 1983.

PADDEN, C. **Interaction of morphology and syntax in American Sign Language**. New York & London: Garland Publishing. 1988.

PADDEN, C. Grammatical theory and signed languages. In **Linguistics: The Cambridge Survey** (Frederick J. Newmeyer, editor). New York: Cambridge University Press. 1988. p.250–265.

PADDEN, C. The relation between space and grammar in ASL morphology. In: LUCAS, C. (Ed). **Proceedings of the Second International Conference on Theoretical Issues in Sign Language Research**. Washington: Gallaudet University, 1990. p. 118–132.

PADDEN, C. The Relation Between Space and Grammar in ASL Verb Morphology. In **Sign Language Research: Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington. 1990. p.118–132.

PAULUS, L. **Der Konditionalsatz in Deutscher Gebärdensprache (DGS) und Brasilianischer Gebärdensprache (Libras):** Eine empirische soziolinguistische Studie. Tese de Doutorado – Philosophischen Fakultät der Georg-August-Universität Göttingen, Göttingen, 2021.

PATERNO, U. **A política linguística da rede estadual de ensino de Santa Catarina em relação à educação de surdos.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

PÊGO, C. F. **Sinais não manuais gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais:** um estudo do morfema-boca. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PÊGO, C. F. **Articulação-Boca na Libras:** Um estudo tipológico semântico funcional. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

PEIXOTO, J. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em Língua de Sinais no Brasil.** Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, 2016.

PEREIRA, E. L. **Fazendo cena na cidade dos mudos:** Surdez, práticas sociais e uso da língua em uma localidade no Sertão do Piauí. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PEREIRA, M. C. C. P. (Org.) **Leitura, Escrita e Surdez.** Volume Didático publicado pela Secretaria de Estado da Educação. Governo de São Paulo, 2005.

PEREIRA, M. C. C. P.; NAKASATO, R. Q. Aquisição do discurso narrativo em Língua Brasileira de Sinais. In: LAMPRECHT, R. **Aquisição da Linguagem:** estudos recentes no Brasil. Porto Alegre – EDIPUCRS, 2011.

PEREIRA, M. C. C. P.; ROCCO, G. C. Aquisição da escrita por crianças surdas: início do processo. **Letrônica.** v. 2, n. 1, p. 138 – 149, julho 2009.

PERNISS, P. **Space and iconicity in German Sign Language (DGS)**. Thesis PhD. Radboud Nijmegen University, 2007. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2066/30937>.

PERNISS, P.; THOMPSON, R. L.; VIGLIOCCO, G. Iconicity as a general property of language: evidence from spoken and signed languages. In: **Frontiers Psychology**, 2010. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3153832/>>

PETITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. In **Cognition**. Elsevier Science Publisher B.V. Vol. 27. 1987. p.1–52.

PETRONIO, K. A focus position in ASL. **MIT Working Papers in Linguistics**. 14:211–225. Department of Linguistics and Philosophy of MIT. 1991.

PETRONIO, K. **Clause Structure in ASL**. Ph.D. Dissertation. University of Washington. 1993.

PETRONIO, K.; LILLO–MARTIN, D. WH Movement and the Spec of CP: Evidence from American Sign Language. In **Language**. Volume 73. Number 1. 1997. p.18–57

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: their prosodic and grammatical roles. In: BREN-TARI, D. (ed.). *Sign languages (Cambridge Language Surveys)*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 381402.

PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language: an International Handbook**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

PICHLER, D. C.; HOCHGESANG, J. A.; LILLO MARTIN, D.; QUADROS, R. M. de. Conventions for sign and speech transcription of child bimodal bilingual corpora in ELAN. In: Marie–Anne Sallandre; Marion Blondel. (Org.). *Language, Interaction and Acquisition*. 1 ed. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2010, v. 1:1, p. 11–40.

PICHLER, D. C.; QUADROS, R. M.; LILLOMARTIN, D. Effects of Bimodal Production on Multi–Cyclicity in Early ASL and Libras. In: *Boston University Child Language Development 34, 2009, Boston. A Supplement to the Proceedings of the 34th Boston University Conference on Language Development* Edited by Jane Chandlee, Katie Franich, Kate Iserman, and Lauren Keil. April 2010. Boston: Boston University, 2009. v. 1. p. 1–14.

PIMENTA, N. **Literatura em LSB**. LSB vídeo (DVD). Dawn Sign Press and Rio de Janeiro: Editora Abril.1999.

PINHEIRO, K. L. **Políticas Linguísticas e suas implementações nas Instituições do Brasil**: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de Línguas de Sinais de Conferência. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2020.

PIZZIO, A. L. **A variabilidade da ordem das palavras na aquisição da Língua de Sinais Brasileira**: construções com tópico e foco. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2006.

PIZZIO, A. L. **A tipologia linguística e a Língua de Sinais Brasileira**: elementos que distinguem nomes de verbos. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

PIZZIO, A. L.; SILVA, I. V. R. O funcionamento de nomes e verbos na Libras: dados de pesquisas recentes. In: REIS, L. S.; FIGUEIREDO, A. A. A. (Org.) **Línguas de Sinais de um continente a outro**: atualidades linguísticas, culturais e de ensino. 1 ed. Campinas, SP: Pontes, 2021. p.145–186.

PIZZUTO, E; ROSSINI, P.; SALLANDRE, M.; WILKINSON, E. Dêixis, anáfora e estruturas altamente icônicas: evidências interlinguísticas nas línguas de Sinais Americana (ASL), Francesa (LSF) e italiana (LIS). In: QUADROS, R. M; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.) **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**, Florianópolis.

PIZZUTO, E. CORAZZA, S. **Noun morphology in Italian Sign Language (LIS)**. *Língua*, n. 98, p. 169–196, 1996. Disponível em: <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/0024384195000372>. Acesso em: 7 jun. 2016.

POL, C. **Deaf humor**. A theater performance in Italian Sign Language. Dissertação. Università Ca' Foscari Venezia, Venice, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10579/5425>.

PORTAL DE LIBRAS. (2020). Disponível em: <https://portal-Libras.org.br>. (Demo: Levante).

PORTO, M. **Transferências Visuais:** um recurso indispensável na comunicação da Libras. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/171454/343058.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em nov. de 2021.

PRETI, D. **Sociolinguística:** Os Níveis de Fala: Um Estudo Sociolinguístico do Diálogo da Literatura Brasileira. 9ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

PRETI, D. Tipos de frames e falantes cultos. *In:* PRETI, Dino (Org.). **Estudos de língua falada:** variações e confrontos. São Paulo: Humanistas/FFLCH/USP, 1998.

PROMETI, D. **Terminologia da Língua de Sinais Brasileira:** léxico visual bilíngue dos sinais–termo musicais: um estudo contrastivo. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais:** uma análise alternativa com base na LSB e reflexos no processo de aquisição. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1995.

QUADROS, R. M. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language.** Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1999.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos:** a aquisição da linguagem. Artes Médicas. Porto Alegre. 1997.

QUADROS, R. M. A gramática da língua de sinais brasileira. Trabalho apresentado por ocasião da Conferência da ANPOLL. Gramado. 2002.

QUADROS, R. M. **Gramática da Língua de Sinais Brasileira:** os diferentes tipos de verbo e suas repercussões na sintaxe. **Revista Anpoll.** Vol. 1, n. 16, p. 289–320, 2004.

QUADROS, R. M. **Avaliação da Língua de Sinais em crianças surdas na escola**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 297–309, 2004.

QUADROS, R. M. **Estudos Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul, 2006.

QUADROS, R. M. **Efeitos de modalidade de Línguas**: as Línguas de Sinais. ETD: Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, p. 167–177, 2006.

QUADROS, R. M. de. Políticas linguísticas e educação de surdos em Santa Catarina: espaço de negociações. **Cadernos do CEDES** (UNICAMP), Campinas, v. 26, n. 69, p. 141–162, 2006.

QUADROS, R. M. **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. (Org.). Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. Forty-five papers and three posters from the 9^o Theoretical Issues. In: **Sign Language Research Conference**, Florianópolis, Brazil, December 2006. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. Sign Language Acquisition. In: Joan Martí i Castell and Josep M. Mestres i Serra. (Orgs.). **Les llengües de signes com a llengües minoritàries**: perspectives lingüístiques, socials i polítiques. 1^a Ed. Barcelona: Llimpergraf, 2010, v. 1, p. 121–142.

QUADROS, R. M. Documentação da Libras. In: **Seminário Ibero–Americano de Diversidade Linguística**, 2014, Foz do Iguaçu. Brasília: IPHAN – Ministério da Cultura. v. 1. 2016, p. 157–174.

QUADROS, R. M. A transcrição de textos do Corpus de Libras. In: **Revista Leitura**. Volume temático: Línguas de Sinais: abordagens teóricas e aplicadas a transcrição de textos do Corpus de Libras. V.1 n. 57. jan./jun. 2016. 2016. 8–34.

QUADROS, R. M. Documentação da língua brasileira de sinais. In: GARCIA, M. V. C. *et al.* (Orgs.) **Anais do Seminário Iberoamericano de Diversidade Linguística** 2014. Brasília, DF: Iphan, 2016b. 344 pp.

QUADROS, R. M. A transcrição de textos do Corpus de Libras. In: **Revista Leitura, Universidade Federal de Alagoas, Maceió**, v.1, n. 57, jan./jun. 2016.
QUADROS, R. M. de *et al.* Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro. Florianópolis: Garapuvu, 2018.

QUADROS, R. M. **Libras**: Linguística para o ensino superior. 1º imprimir. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, R. M.; CAMPELLO, A. R. C. Constituição política, social e cultural da Língua Brasileira de Sinais. In: Lucyenne Matos da Costa Vieira–Machado, Maura Corcini Lopes. (Org.). **Educação de Surdos**: Políticas, Língua de Sinais, Comunidade e Cultura Surda. 1 ed. Santa Cruz/RS: EDUNISC, 2010, v. 1, p. 15–47.

QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais**: Instrumentos de Avaliação. Porto Alegre: Artmed, 2011.

QUADROS, R. M.; DAVIDSON, K.; LILLOMARTIN, D.; EMMOREY, K. Code [1] blending with depicting signs. *Linguistic Approaches to Bilingualism*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2019.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de Sinais Brasileira**: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M.; LEITE, T. **Projeto Inventário Nacional de Libras**. Manuscrito n/p. 2013.

QUADROS, R. M.; LILLO–MARTIN, D. Focus Constructions in American Sign Language and Língua de Sinais Brasileira. In: *Theoretical Issues of Sign Language Research 8*, 2008, Barcelona. *Signs of the Time: Selected papers of Theoretical Issues of Sign Language Research 8*. Hamburg: Signum Verlag, 2008. v. 1. p. 171–176.

QUADROS, R. M.; LILLO MARTIN, D. Sign Language Acquisition Verbal Morphology in Brazilian and American Sign Language. In: Leonor Scliar–Cabral. (Org.). **Psycholinguistics**: Scientific and technological challenges. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009, v. 1, p. 252–262

QUADROS, R. M.; LILLO MARTIN, D. Clause Structure. In: Diane Brentari. (Org.). *Sign Languages: A Cambridge Language Survey*. 1 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, v. 1, p. 1–45.

QUADROS, R. M. de; LILLO–MARTIN, D.; PICHLER, D. C. Desenvolvimento Bilíngue Intermodal: Implicações para Educação e Interpretação de Línguas de Sinais. In: Maria Cecília de Moura, Sandra Regina Leite de Campos, Sabine Antonialli Arena Vergamini. (Org.). **Educação para Surdos Práticas e Perspectivas II**. 1ª ed. São Paulo: Santos, 2011, v. 1, p. 1–14.

QUADROS, R. M.; LILLO–MARTIN, D.; CHEN–PICHLER, D. Methodological considerations for the development and use of sign language acquisition corpora. In Tommaso Raso & Heliana Mello (Eds.), **Spoken Corpora and Linguistic Studies**. Amsterdam: John Benjamins. 2014. 84–102.

QUADROS, R. M.; NEVES, B.C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. A coleta de dados: instrumentos utilizados no Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. In: VIII **Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas**, vol. III, 2017b, Florianópolis: UFSC, 2017b. Programa de Políticas Linguísticas. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.

QUADROS, R. M.; NEVES, B.C.; SCHMITT, D.; LOHN, J. O Inventário Nacional da Língua Brasileira de Sinais. In: VIII Encontro Internacional de Investigadores de Políticas Linguísticas, VIII, 2017a, Florianópolis: UFSC, 2017a, Programa de Políticas Linguística. Núcleo Educação para a Integração. Associação de Universidades Grupo Montevideo.

QUADROS, R. M. *et al.* **Língua Brasileira de Sinais: Patrimônio Linguístico Brasileiro**. Florianópolis: Garapuvu. 2018. Disponível em: <https://corpusLibras.ufsc.br/publicacoes/categoria?categoria=Livro>. Acesso em 26 set. 2021.

QUADROS, R. M.; PERLIN, G. **Estudos Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul, 2007.

QUADROS, R. M.; PIZZIO, A. L. Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora In: **Bilinguismo dos surdos**. 1 ed. Goiânia: Cãnone Editorial, v.1, 2007. p. 49–72.

QUADROS, R. M.; QUER, J. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: LIMA–SALLES, H. M. M.; NAVES, R. R. (Org.). **Estudos Gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por surdos**. Goiânia: Cãnone, 2010. p. 33–58.

QUADROS, R. M.; QUER, J. Back to back (wards) and moving on: On agreement, auxiliaries and verb classes. In: QUADROS, R. M. (Org.). *Sign Languages: Spinning and unraveling the past, present, and future*. Forty–five papers and three posters from the 9th Theoretical Issues. In: **Sign Language Research Conference**, Florianópolis, Brazil, December 2006. Petrópolis: Arara Azul, 2008. p. 530–551.

QUADROS, R. M.; SCHMIEDT, M. **Ideias para ensinar português para surdos**. Ministério da Educação. Governo Federal. 2006.

QUADROS, R. M.; SILVA, D. S. As comunidades surdas brasileiras. In: ZAMBRA-NO, R. C.; PEDROSA, C. E. F. **Comunidades Surdas na América Latina**. Florianópolis: Editora Bookess, 2017, p. 135–152.

QUADROS, R. M.; SOUSA, A. M. Brazilian Sign Language Corpus: Acre Libras Inventory. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 29, n. 2, 2021, p. 805–828. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/17344>. Acesso em: 27 mai. 2022.

QUADROS, R. M.; SOUZA, S. X.; SEGALA, R. Brazilian Sign Language Deaf Translation Performance: Descriptive Concepts and Approaches to Procedures Led by Deaf Translator Actors. *Signed Language Interpreting in Brazil*. 1ed. Washington, DC: Gallaudet University Press, v. 1, 2012. p. 3143.

QUADROS, R. M.; STROBEL, K.; MASUTTI, M. L. Deaf Gains in Brazil: Linguistic Policies and Network Establishment. In H–Dirksen L. Bauman and Joseph J. Murray (editors) *Deaf Gain: Raising the Stakes for Human Diversity*. University of Minnesota Press. Minneapolis. London, 2014.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

QUADROS; R. M.; STUMPF, M. R. Letras Libras EaD. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Letras Libras ontem, hoje e amanhã**. 1ª ed. Florianópolis: UFSC, 2014, v. 1, p. 9–35.

QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. **Recognizing Brazilian Sign Language: Legislation and Outcomes**. Em Maartje De Meulder; Joseph J. Murray and Rachel McKee. *The Legal Recognition of Sign Languages: Advocacies and Outcomes Around the World*. Multilingual Matters. Bristol. Blue Ridge Summit. 2019, p. 238–267.

QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. (Org.). *Questões Teóricas das Línguas de Sinais*. Artigos selecionados da IX Congresso Internacional de Pesquisas de Línguas de Sinais, TISLR 2006. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

QUADROS, R. M. *et al.* **Corpus de Libras**. 2014. <http://corpusLibras.ufsc.br/>. Acesso em: 17 maio 2022.

QUADROS, R. M. *et al.* Inventário Nacional de Libras. **Fórum linguístico**, v. 17, n. 4, 2020, p. 5457–5474. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/77334/45483>. Acesso em: 5 mai. 2022.

QUER, J. Context shift and indexical variables in sign languages. In **SALT XV**. Ithaca, NY: CLC Publications, 2005.

QUER, J.; STEINBACH, M. Handling Sign Language Data: The Impact of Modality. **Front. Psychol.** 10:483, 2019. DOI: 10.3389/fpsyg.2019.00483

QUER, J. *et al.* **Signgram Blueprint: A Guide to Sign Language Grammar Writing**. De Gruyter Mouton, 2019. –ISBN (PDF) 978–1–5015–1180–6.

RAMOS, B. **O uso de Transferências em Narrativas produzidas em Língua Brasileira de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/180415/348339.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: nov. 2021.

RASKIN, V. **Semantic mechanisms of humor**. Dordrecht: Kluwer Academic, 1985.

RATHMANN, C.; MANN W.; MORGAN, G. Narrative Structure and Narrative Development in Deaf Children. In: **Deafness and Education International Deafness Educ.** Int. 9(4): 187–196 Published on-line 1 November 2007 in Wiley Inter Science: Disponível em: www.interscience.wiley.com. DOI: 10.1002/dei.228.

RATHMANN, C.; MATHUR, G. Is verb agreement the same cross-modally? In **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language**. Richard P. Meier, Kearsy A. Cornier and David G. Quinto (eds.) Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

RECH, G. C; SELL, F. S. F. Os sinais de nome atribuídos no contexto acadêmico: uma abordagem Antroponomástica. **Onomástica Desde América Latina**, n.2, v.1, 2020, p. 67–81. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/onomastica/article/view/25446> Acesso em: 10 mai. 2022.

RIBAS, A. C. **Diretrizes para desenvolvimento de ícones digitais acessíveis ao público surdo.** Tese (doutorado) – Programa de Pós–Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Florianópolis, 2018.

RIBEIRO A. **Literatura de cordel contemporânea:** Uma tradução prazerosa do par linguístico Português – Libras. (Mestrado em Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

RIGO, N. **Tradução de canções de LP para LSB:** identificando e comparando recursos tradutórios empregados por sinalizantes surdos e ouvintes. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ROCHA, A. **Uma investigação sobre o uso de recursividade na Libras.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós–Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2021.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RODRIGUES, A. **Gramaticalização de conjunções na Língua Brasileira de Sinais:** um estudo sobre a mudança linguística nas línguas de sinais. Tese (Livre–docência) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Unesp, Araraquara, 2022.

RODRIGUES, A. As orações adversativas na Língua Brasileira de Sinais: uma abordagem semântico–funcional. **Senso–se revista multimídia de investigação em educação.** São Paulo, vol. VI, p. 90–103, 2019.

RODRIGUES, A; SOUZA, Y. C. Gramaticalização do sinal “motivo” na Língua Brasileira de Sinais: uma análise baseada no uso. **Revista do GEL.** Vol. 16, n.1, p.53–82, 2019.

RODRIGUES, C. **A interpretação para a língua de sinais brasileira:** efeitos de modalidade e processos inferenciais. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós–Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

RODRIGUES, C. Formação de intérpretes e tradutores de língua de sinais nas universidades federais brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular. **Revista Translatio**. N.15, 2018, p. 197–222.

RODRIGUES, C. Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade gestual–visual e suas implicações para uma possível competência trajetória intermodal. **Múltiplos horizontes da tradução na América Latina**. Vol. 57. n.1, 2018, p. 287–318.

RODRIGUES, C. O corpo de disciplinas de tradução na formação de tradutores e intérpretes de língua de sinais no Brasil. **Belas Infiéis**. Revista do Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília. Vol. 8. n.1. 2019. p. 145–162.

ROSE, H. **A Critical methodology for analyzing American Sign Language literature**. Doctoral dissertation. Arizona State University, 1992

ROSE, H. M. The Poet in the Poem in the Performance: The Relation of Body, Self, and Text in ASL Literature. In: BAUMAN, D. L.; NELSON, J. L.; ROSE, H. M. *Signing the Body Poetic: Essays on American Sign Language Literature*. 1. ed. Los Angeles: UC PRESS, 2006, cap. 7, p. 130–146.

ROSENFELD, L.; MORVILLE, P.; ARANGO, J. **Information architecture: for the web and beyond**. O’Reilly Media, 4th edition. 2015.

ROYER, M. **Análise da ordem das palavras nas sentenças em Libras do Corpus da Grande Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós–Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, 2019.

RUTHERFORD, S. Funny in Deaf: Not in hearing. In S. Wilcox (Ed.), *American Deaf culture: An anthology* (pp. 65–82). Silver Spring, MD: Linstok Press. 1989.

RYAN, S. ‘Let’s Tell an ASL Story’ in Gallaudet University College for Continuing Education. *Conference Proceedings*, April 22–25. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1993. p145–150.

SACKS, O. **Vendo Vozes: Uma viagem ao mundo dos surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SANDLER, W. & LILLO–MARTIN, D. **Sign Language & Linguistic Universals**. Cambridge University Press, 2006.

SANDLER, W. *et al.* The emergence of grammar: Systematic structure in a new language. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, vol. 102, n. 7, p. 2661–2665, 2005.

SANTAELLA, L. **A ecologia pluralista da comunicação: conectividade, mobilidade, ubiquidade**. São Paulo: Paulus. 2010.

SANTANA, A. P.; BERGAMO, A. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação & Sociedade**, Campinas, SP, v. 26, n. 91, p. 565–582, mai./ago., 2005. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 17 ago. 2017.

SANTOS, S. A. **A tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós–Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SANTOS, E. C. P. No princípio era a palavra, mas a palavra foi traduzida para os sinais. **Cadernos de Tradução**. Vol. 38 n. 3, 93–124. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n3p93>.

SCANDOLARA, D. **Ícones em Língua de Sinais como referência na linguagem visual em ambientes virtuais de ensino aprendizagem (AVEA)**. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós–Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SCHALLENBERGER, A. **Ciberhumor nas comunidades surdas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFRGS/FACED/PPGEDU. Porto Alegre, 2010.

SCHEMBRI, A. C. The British Sign Language corpus project: open access archives and the observer’s paradox. In: CRASBORN, O.; EFTHIMIOU, E.; HANKE, T.; THOUTENHOOFD, E. D.; ZWITSERLOOD, I. *Proceedings of the Construction and exploitation of sign language corpora workshop, Marrackech, 2008*. p. 165–169.

SCHEMBRI, A. Rethinking ‘Classifiers’ in Signed Languages. In: EMMOREY, K. (Ed.) **Perspectives on Classifier Constructions in Sign Languages**, Mahwah, NJ and London: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003. p. 3–34.

SCHLENKER, P. **Super monsters 1: Attitude and Action Role Shift in sign languages**. *Semantics and Pragmatics*. Vol.10, n. 9, 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.3765/sp.10.9>.

SCHREURS, L. **The distinction between formally and semantically related noun–verb pairs in Sign Language of the Netherlands (NGT)**. Tese (Doutorado). University of Amsterdam, 2006.

SCHWAGER, W.; ZESHAN, U. Word classes in sign languages: Criteria and classifications. *Studies*. In: **Language**. International Journal sponsored by the Foundation Foundations of Language, v. 32, n. 3, 2008, p. 509–545.

SCOLARI, S., BRAVIANO, G. **Usabilidade no design de sistemas de busca em Língua de Sinais: Revisão Sistemática da Literatura**. In: Martins, N., Brandão, D. (Eds.) **DIGICOM**, 4th International Conference on Design and Digital Communication. IPCA – Instituto Politécnico do Cávado e do Ave. 2020. p. 179–190. ISBN n. 978–989–54939–2–0 Disponível em: https://digicom.ipca.pt/docs/DIGICOM2020–Atas_PT–ES.pdf.

SCOLARI, S., BRAVIANO, G., CRASBORN, O. Search Engines Interfaces for Sign Languages: Designing Multilanguage Questionnaire to Collect Signers Perception Similarities. In: Martins, N., Brandão, D. (Eds.) **Advances in Design and Digital Communication II**. 19, 2022, p. 31–43.

SCOLARI, S., CRASBORN, O. BRAVIANO, G. Searching for Signs: Developing a handshape taxonomy based on visual similarity. **International Journal of Lexicography**. April, 2022. p. 1–24.

SEGALA, R. **Tradução intermodal e intersemiótica/interlinguística: Português escrito para a Língua de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SHEPARD–KEGL, J. **Locative relations in American Sign Language Word Formation, Syntax, and Discourse**. Ph.D. Dissertation. MIT. 1985.

SILVA, A. M. **Análise da participação dos alunos surdos no discurso de sala de aula do mestrado na UFSC mediada por intérpretes.** Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

SILVA, A. R.; XAVIER, A. N. Identificação, documentação e descrição de processos fonológicos na Libras. **HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 7, 2020, p. 58–84. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3238>.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil/Sign languages of isolated communities found in Brazil. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 22111–22127, 2019.

SILVA, G. M. **Perfis linguísticos de surdos bilíngues do par Libras–Português.** Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SILVA, I. V. R. **Aspectos de nomes e verbos na Libras:** identificação morfossintática. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SILVA, J. B.; QUADROS, R. M. Articulação das orações em Libras: parataxe. Em: QUADROS, R. M. de. (Org.) **Gramática da Libras.** Florianópolis: Arara Azul, 2021. Disponível em: <https://portal.Libras.ufsc.br>.

SILVA JUNIOR, D. R. C. **Metáfora em Libras: um estudo léxico.** Dissertação (Mestrado em linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

SILVA, L. **Investigando a categoria aspectual na aquisição da Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SILVA, N. M. **Instrumentos linguísticos de Língua Brasileira de Sinais:** constituição e formulação. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SILVA, R. C. **Gêneros emergentes em Libras da esfera acadêmica: a prova** como foco de análise. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SILVA, R. C. **Indicadores de formalidade no gênero monológico em Libras**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

SMITH, W. Evidence for Auxiliaries in Taiwan Sign Language. In: **SLR'87 Papers from The Fourth International Symposium on Sign Language Research**. Lappeenranta, Finland July 15 – 19, 1987. Vol.10. Signum – Verlag. Hamburg, 1990. p. 211–228.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras**. Relatório de Pós-Doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

SOUSA, A. M. **Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022a.

SOUSA, A. M. Onomástica em Libras. In: SOUSA, A. M.; GARCIA, R.; SANTOS, T. C. **Perspectivas para o ensino de línguas 6**. Rio Branco: EDUFAC, 2022b, pp. 5–20.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. Proposta de ficha lexicográfico-toponímica digital para o estudo da toponímia em línguas de sinais. In: **Revista Guavira**. Três Lagoas/MS. Vol. 15. n. 30, p. 126–140, 2019. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/854/618>. Acesso em: 30 mai. 2022.

SOUSA, A. M.; OLIVEIRA, G. C. S.; GONÇALVES-FILHO, J. S. T.; QUADROS, R. M. Antroponímia em língua de sinais: os sinais-nome em Florianópolis-SC, Brasil. **Revista Humanidades e Inovação**, vol. 7, n. 26, p. 112–124. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2598>. Acesso em: 6 abr. 2022.

SOUSA, A. M.; QUADROS, R. M. **Toponymy in Libras (Brazilian Sign Language)**: formal and semantic motivational analysis of the signs that name the cities of Acre. *Sign Language Studies*, v. 22, n. 1, 2021, p. 75–105.

SOUSA, A. N. **Surdos brasileiros escrevendo em inglês:** Uma experiência com o ensino comunicativo de línguas. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada. Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

SOUSA, A. N. **Educação plurilingue para surdos:** uma investigação do desenvolvimento da escrita do português (segunda língua) e inglês (terceira língua). Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

SOUZA, I. L.; GEDIEL, A. L. **Os sinais dos Surdos:** Uma análise a partir de uma perspectiva cultural. *Trabalhos Linguística Aplicada*, Campinas, 2017.

SOUZA, J. C. **Intérpretes Codas:** Construção de identidades. Dissertação (Mestrado em Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

SOUZA–JÚNIOR, J. E. G. **Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira:** uma perspectiva de toponímia por sinais. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

SOUZA, S. X. **Performances de tradução para a Língua Brasileira de Sinais observadas no curso de Letras Libras** [Translation performances into Brazilian Sign Language observed in the Libras Language Studies Course]. (Unpublished master's dissertation). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brazil. 2010.

SOUZA, W. L. **Os sinais–nome dos jogadores de futebol da Seleção Brasileira:** análise formal e semântico–motivacional. Rio Branco: UFAC/LETRAS LIBRAS, 2022.

SPENCE, R. S. QUADROS, R. M. Sign language poetry and Deaf identity. **Sign Language Linguistics**, John Benjamins – London, v. 8:1/2, p. 177–212, 2005.

STOKOE, W. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf?. **Studies in Linguistics:** Occasional Papers, 8, Washington, DC: Gallaudet University Press, 1960.

STOKOE, W. **Sign and Culture: A Reader for Students of American Sign Language.** Listok Press, Silver Spring, MD. 1960.

STROBEL, Karin. **As Imagens do Outro sobre a Cultura Surda.** Florianópolis: UFSC. 2008.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador.** Tese (Doutorado em Informática na Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, M. R.; LINHARES, R. S. A. (Org.). **Referenciais para o ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua para surdos na Educação Bilíngue de Surdos: da Educação Infantil ao Ensino Superior**, vol. 2 [livro eletrônico] / texto final coletivo: vários autores *et. al.* 1ª ed. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2022.

STUMPF, M. R.; PIZZIO, A. L.; LUCINDA, J. O.; QUADROS, R. M.; CRASBORN, O. **SIGNBANK DA LIBRAS.** In: **Fórum Linguístico.** Vol. 17 n. 4. Florianópolis: UFSC, 2020.

STUMPF, M. R. QUADROS, R. M. **A presença de surdos nas pesquisas das línguas de sinais. Estudos de Línguas de Sinais.** 6 v. Florianópolis: Garapuvu, 2020.

STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. Para além das políticas linguísticas: língua brasileira de sinais. REIS, L. S.; FIGUEIREDO, A. A. A. (Org.) **Línguas de Sinais de um continente a outro: atualidades linguísticas, culturais e de ensino.** Campinas–SP: Pontes, 2021.

SUPALLA, S. J. **The book of name signs: naming in American Sign Language.** San Diego: Dawn Sign Press, 1992.

SUPALLA, T. **Structure and acquisition of verbs of motion and location in American Sign Language.** Dissertation (Ph.D) Unpublished doctoral dissertation. University of California. San Diego, 1982.

SUPALLA, T. The classifier system in American Sign Language. In C. Craig (ed.) **Noun classification and categorization.** Philadelphia: Benjamin, 1986. pp. 181–214.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. How many seats in a chair? The derivation of nouns and verbs in American sign language. In: SIPLE, P. (Ed.). *Understanding language through sign language research*. New York, Academic Press, 1978.

SUPALLA, T.; NEWPORT, E. L. **How Many Seats in a Chair?:** The Derivation of Nouns and Verbs in American Sign Language. Center for Human Information Processing, San Diego: University of Calif., 1977.

SUTTON–SPENCE, R. **Analysing Sign Language Poetry**. Basingstoke: Palgrave Macmillan. 2005.

SUTTON–SPENCE, R. **Literatura em Libras**. Petrópolis, RJ: Arara Azul. 2021. Disponível em: <http://literaturaemLibras.com>.

SUTTON–SPENCE, R. Mouthings and simultaneity in British Sign Language. In: VERMEERBERGEN, M.; LEESON, L.; CRASBORN, O. (eds.). **Simultaneity in Signed Languages: form and function**. Amsterdam: Benjamins, 2007. p. 147–162.

SUTTON–SPENCE, R.; DAY, L. Mouthings and mouth gestures in British Sign Language (BSL). In: BOYES BRAEM, P.; SUTTONSPENCE, R. (eds.). **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum, 2001. p. 6985.

SUTTON–SPENCE, R.; KANEKO, M. **Introducing Sign Language Literature: Creativity and Folklore**. Basingstoke: Palgrave Press. 2016.

SUTTON–SPENCE, R. *et. al.* Artistas surdos contam suas histórias: quais foram suas influências? **Revista Brasileira de Vídeo Registros em Libras**. 2017. Disponível em: <http://revistabrasileiravrLibras.pagin?as.ufsc.br/publicacoes/edicao-no-0032017/>. Edição Atual, edição n. 003/2017).

SUTTON–SPENCE, R.; NAPOLI, D. J. **Deaf jokes and sign language humour'** **International Journal of Humor Research**, 25(3). 2012. 311–338.

SUTTON–SPENCE, R.; QUADROS, R. M. 2014. I am The Book – Deaf Poets' Views on Signed Poetry. **The Journal of Deaf Studies and Deaf Education** 19, vol. 4, 546–558. DOI: 10.1093.

SVARTHOLM, K. Educação bilíngue para os surdos na Suécia: Teoria e Prática. In MOURA, M. C.; VERGAMINI, S. A. A.; CAMPOS, S. R. L. (Orgs.), **Educação para surdos: práticas e perspectivas** (pp. 119–140). São Paulo: Livraria Santos, 2008.

SWADESH, M. **The Origin and Diversification of Language**. Ed. post mortem by Joel Sherzer. Chicago: Aldine. ISBN 0-202-01001-5. 1971.

TAUB, S. 2001. **Language from the Body**: Iconicity and Metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TAKAHIRA, A. G. R. Questões sobre compostos e morfologia da LIBRAS. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 41 (1): p. 262-276, jan. – abr. 2012.

TANG, G.; LAU, P. Coordination and Subordination. In: PFAU, R; STEINBACH, M.; WOLL, B. **Sign Language**: an International Handbook. Germany: De Gruyter Mouton, 2012.

TAUB, S. F. **Language from the body**: iconicity and metaphor in american sign language. New York: Cambridge University Press, 2001.

TAUB, S. F. Iconicity and metaphor. In **Sign language**: An international handbook. eds. R. Pfau, M. Steinbach, and B. Woll (Berlin: Mouton de Gruyter), 2012, p. 388-412.

TAVARES, R. O princípio da igualdade na relação do homem com os animais. **Revista Brasileira de Direito Animal**, Salvador, v. 8, p. 221-248, 2011.

TEIXEIRA, M. A. **Zoonímia em Libras**: análise estrutural e semântico-motivacionais dos sinais que nomeiam os animais de estimação de surdos. Rio Branco: UFAC/Letras-Libras, 2022.

TKACHMAN, O.; SANDLER, W. **The noun-verb distinction in two young sign languages**. *Gesture*, v. 13, n. 3, p. 253-286, 2013.

UFSC. **Glossário de Libras**. Disponível em: www.glossario.Libras.ufsc.br. Acesso em: 20 nov. 2019.

UFSC. **Libras**. SignBank da Libras, 2022. Disponível em: <http://signbank.Libras.ufsc.br/>. Acesso em: 20 maio 2022.

UOL. **Mapa do Acre**. Mundo Educação. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/rio-branco.htm>. Acesso em: 27 mai. 2022.

URBANSKI, I. R. W.; XAVIER, A. N.; FERREIRA, D. Topônimos na Libras: análise preliminar de sinais que nomeiam cidades do estado do Paraná. In: **Trabalhos completos da XXI Semana de Letras. Universidade Federal do Paraná**, 2019. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1C7P9PSCh9jVKrSBQtUXBmr_uKAQAYX9u/view. Acesso em: 10 de mai. de 2020.

VAL, M. G. C. **Redação e textualidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VALLI, C. **Poetics of American Sign Language Poetry**. Tese – Union Institute Graduate School, 1993.

VAN DER HELM, P. A. Human Visual Perceptual Organization Beats Thinking on Speed. *Attention, Perception, & Psychophysics*. 79 ed. 2017, p. 1227–1238.

VIEIRA, C. R.; MOLINA, K. S. M. Prática pedagógica na educação de surdos: o entrelaçamento das abordagens no contexto escolar. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, vol. 44, e179339, 2018.

VIEIRA–MACHADO, L. M. C. Narrar e pensar as narrativas surdas Capixabas: o outro surdo no processo de pensar uma pedagogia. In: QUADROS, Ronice Muller de (Org.). **Estudos Surdos III**. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2008. P. 208–257

VILHALVA, S. Índios Surdos: Mapeamento das Línguas de Sinais de Mato Grosso do Sul. **Coleção Cultura e Diversidade**. Petrópolis/RJ: Arara Azul, 2012.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes [dissertação]: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

VOGT–SVENDSEN, M. Mouth **position & mouth movement in Norwegian Sign Language**. *Sign Language Studies*. 1981;33(1):363–376.

YIGOTSKY, L. S. **Mind in Society**. Cambridge: MA. Harvard University Press, 1978.

YIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1987.

YIGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. 1993.

- VYGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas**. Tomo II. Madrid: Visor Distribuciones, 1993.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. **Obras escolhidas**. Tomo III. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.
- WANDERLEY, D. C. **A classificação dos verbos com concordância da Língua Brasileira de Sinais**: uma análise a partir do SignWriting. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.
- WATERS, D. S.; SUTTON-SPENCE, R. L. **Connectives in British Sign Language**. Deaf Worlds, Bristol, vol. 21, p. 1–29, 2005.
- WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à Lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.
- WENGER, E., MCDERMONT, R., SNYDER, W. M. **Cultivating Communities of Practice**: a guide to managing knowledge. Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press, 2002.
- WIKIPEDIA. **Imagem de Maceio**, 2022. Disponível em: [https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Macei%C3%B3_\(AL\).svg](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_Macei%C3%B3_(AL).svg). Acesso em: 20 abr. 2022.
- WILBUR R. B. **The use of ASL to support the development of English and literacy**. Journal of Deaf Studies and Deaf Education, 5, 81. 2000.
- WILCOX, S. WILCOX, P. P. **Aprender a ver**. Petrópolis: Arara Azul. 2005.
- WILD, M. R. **Name signs in American Sign Language**. Swarthmore: Swarthmore College, 2017. <http://hdl.handle.net/10066/19113>.
- WINSTON, E. A. **Spatial referencing and cohesion in an american sign language text**. Sign Language Studies, Linstok Press, p. 397–409, 1991.
- WOLL, B. (Orgs.). **Sign Language**: an International Handbook. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012.

WOLL, B.; LADD, P. Deaf communities. In Mark Marschark & Patricia E. Spencer (eds.), *Oxford handbook of deaf studies, language, and education*, Oxford: Oxford University Press. 2003. p. 151–163.

WOODWARD, J. C. Sign languages and sign language families in Thailand and Vietnam. In: EMMOREY, K.; LANE, H. (Orgs.). **The Signs of Language Revisited**. Lawrence Erlbaum, Associates, Mahwah, NJ, 2000, p. 23–47.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético–fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (Libras)**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

XAVIER, A. N. **Análise preliminar de expressões não manuais lexicais na Libras**. *Intercâmbio*, v. XL, p: 41–66, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/44974/29782>.

XAVIER, A. N. **Uma ou duas? Eis a questão!** Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, vol. 11, n. 3, jul./set. 2017. p. 983–1006. DOI: 10.14393/DL30–v11n3a2017–25, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37297>. Acesso em: 15 maio. 2022.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. **D.E.L.T.A**, vol. 30, n. 2, p. 371–413, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/delta/article/view/17784>.

XAVIER, A.; NEVES, S. Descrição de aspectos morfológicos da LIBRAS. **Revista Sinalizar**, vol. 1, n. 2, p. 130–151, jul./dez. 2016.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012.

ZESHAN, U. Towards a notion of ‘word’ in sign languages. In: DIXON, R. F.; AIKHENVALD, A. Y. **Word: A cross–linguistic typology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003a. Cap. 6. p. 153–179.

ZESHAN, U. **Roots, leaves and branches:** The typology of sign languages. Sign Languages: spinning and unraveling the past, present and future. TISLR9, forty-five papers and three posters from the 9th. Theoretical Issues in Sign Language Research Conference. Petrópolis, Editora Arara Azul, 2006. p. 671–695.

ZESHAN, U. **Interrogative Constructions in Sign Languages:** Cross-linguistic Perspectives. *Language*, 80 (1): 7–39. New York: Linguistic Society of America. 2004.

ZILLES, A. M. S; KERN, J. R. Concepções de professores sobre contar histórias na escola. **Revista Ecos**, vol.13 Ano IX, n. 2, 2012. Disponível em: http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_13/11_Pag_Revista_Ecos_V-13_N-02_A-2012.pdf. Acesso em: 8 mar. 2022.

ZIMMER, J. **Toward a Description of Register Variation in American Sign Language**, Editor(s): Ceil Lucas, The Sociolinguistics of the Deaf Community, Academic Press. 1989, p. 253–272.

ZINKIN, V. The syntax of place-names. **Names**. 17(3), 1969, p. 181–198.

ZORZI, G. **Coordination and gapping in Catalan Sign Language (LSC)**. Tese (Doutorado em Linguística e Línguas) – Departamento de Tradução e Ciências de Linguagem. Universitat Pompeu Fabra, Barcelona, 2018.

